UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA
E LITERATURA COMPARADA

Ana Carolina de Carvalho Mesquita

**O Diário de Tavistock:
Virginia Woolf e a busca pela literatura**

Versão corrigida

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA
E LITERATURA COMPARADA

Ana Carolina de Carvalho Mesquita

**O Diário de Tavistock:
Virginia Woolf e a busca pela literatura**

Tese apresentada à banca examinadora do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), para a obtenção do título de Doutora em Letras.

*Orientador: **Prof. Dr. Marcelo Pen Parreira***

Versão corrigida

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Md Mesquita, Ana Carolina de Carvalho
 O Diário de Tavistock: Virginia Woolf e a busca
 pela literatura / Ana Carolina de Carvalho Mesquita
 ; orientador Marcelo Pen Parreira. - São Paulo, 2018.
 653 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de Teoria Literária e Literatura
 Comparada. Área de concentração: Teoria Literária e
 Literatura Comparada.

 1. teoria literária. 2. escritas de si. 3.
 virginia woolf. 4. literatura britânica. 5. século
 XXI. I. Parreira, Marcelo Pen, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**Nome do (a) aluno (a): ANA CAROLINA DE CARVALHO MESQUITAData da defesa: 19 / 02 / 2019Nome do Prof. (a) orientador (a): MARCELO PEN PARREIRA

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 25 / 04 / 2019 (Assinatura do (a) orientador (a))

Para meus pais, Jacira e Agenor.

Para minha irmã, Mariana.

Para meus filhos, Luiza e Antonio.

Ao meu amor, Fernando.

Esta pesquisa foi realizada com apoio do Conselho Nacional
de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –
Código de Financiamento 001.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Pen Parreira, pela oportunidade generosa de pesquisar um tema tão caro para mim e pelo apoio nesses longos anos de pesquisa.

À minha co-orientadora, Profa. Dra. Sarah Cole, pela generosidade, disponibilidade e auxílio durante a minha estadia em 2017 na Columbia University, em Nova York.

Às professoras presentes em minha banca de qualificação, Profa. Dra. Martha Kawano e Profa. Dra. Elizabeth Harkott De La Taille, pelos conselhos e orientações tão oportunos e por acreditarem nos méritos desta pesquisa.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos que me possibilitou dedicação a este trabalho.

À Capes, pela oportunidade da bolsa-sanduíche na Columbia University, Nova York, de março a julho de 2017.

À equipe da Berg Collection, na Biblioteca Pública de Nova York, pela ajuda e préstimos durante minha pesquisa com os manuscritos originais do diário de Virginia Woolf.

Ao tradutor Leonardo Fróes, pelo apoio e solidariedade.

Aos amigos queridos, que me apoiaram com seus conselhos, ombros e risadas – agora e sempre: Livia Bueloni Gonçalves, Cristiane Zamora, Elaine Campos Martins, Carolina Graziano, Roberto Oliveira, Saulo Krueger, Gisele Novaes Frighetto, Cristhiane Bonasorte Reis, Silvia Helena de Oliveira, Patricia De Cia, Mirian Gado, André Yamagami e Solange Lemos. Muito obrigada por todo o carinho e a paciência.

Ao meu irmão Gustavo, aos meus semifilhos João e Lorena, à família Cohen, que me ajudou no final da pesquisa, e à família Garcia, que me apoiou no início.

E um agradecimento mais do que especial para a minha irmã, Mariana. Sem você e sua generosidade infinda, teria sido muito difícil concluir essa pesquisa. Palavras não têm como expressar toda a minha gratidão.

I told you in the course of this paper that Shakespeare had a sister; but do not look for her in Sir Sidney Lee's life of the poet. She died young – alas, she never wrote a word. She lies buried where the omnibuses now stop, opposite the Elephant and Castle. Now my belief is that this poet who never wrote a word and was buried at the crossroads still lives. She lives in you and in me, and in many other women who are not here tonight, for they are washing up the dishes and putting the children to bed. But she lives; for great poets do not die; they are continuing presences; they need only the opportunity to walk among us in the flesh."

A Room of One's Own

What is the meaning of life? That was all – a simple question; one that tended to close in on one with years, the great revelation had never come. The great revelation perhaps never did come. Instead, there were little daily miracles, illuminations, matches struck unexpectedly in the dark; here was one.

To the Lighthouse

La poesie me volera de la mort.

René Char

Traduzir é inumano. Nenhuma língua ou rosto se deixa traduzir. Deve-se deixar essa beleza intacta e colocar outra para acompanhá-la: sua perda unidade está adiante.

Juan Gelman

Resumo

Esta tese de doutorado sobre o diário de Virginia Woolf divide-se em duas partes. A primeira, uma análise do diário como um todo, busca trazer à tona sua literariedade e aproximações modernistas, que, como procuro mostrar, viram-se obliteradas durante os processos de sua edição. O diário de Woolf tem sido tradicionalmente usado como suporte para interpretar suas obras “principais” – os livros de ficção e não-ficção cuja publicação ela supervisionou pessoalmente em vida –, porém, como observa seu biógrafo Quentin Bell, ele é, em si, uma grande obra. A primeira parte destaca ainda pontos de uma possível “teoria literária” woolfiana (as aspas se devem ao fato de Woolf ter sido avessa a consolidações e se propor a “quebrar o molde” a cada novo livro), tais como as possibilidades de representação do mundo e do indivíduo – as subjetividades e os movimentos da história, da guerra e da violência, principalmente aqueles relacionados à mulher. Buscou-se realizar tal análise em confronto com o restante da obra de Woolf e seu contexto, dando atenção às particularidades do seu diário e, em especial, ao que chamo de sua *forma-cruzamento*. Sustento que o diário é uma obra especialmente marcada pelas intercessões – entre gêneros; ficção e realidade; e interior e exterior (público e privado); bem como entre as demais obras woolfianas, num movimento de constante autotextualidade. A segunda parte da presente tese oferece a tradução integral e comentada do período em que Virginia Woolf morou no número 52 da Tavistock Square, em Londres (de março de 1924 a início de agosto de 1939), que denomino Diário de Tavistock. Tal tradução alinha-se com um entendimento que enxerga no próprio ato tradutório uma aproximação com o ato crítico, no sentido de que também proporciona um embate privilegiado com o texto e suas múltiplas relações interpretativas.

Palavras-chave: *diários; Virginia Woolf; literatura do século XX; autotextualidade; modernismo.*

Abstract

The Tavistock Diary: Virginia Woolf and the Quest for Literature

This doctoral thesis on Virginia Woolf's diary is divided into two sections. The aim of the first one, an analysis of Woolf's diary as a whole, is to highlight its literary and modernist traits, which as I try to demonstrate have been almost obliterated during its editing process. Woolf's diary has been conventionally used by scholars as a secondary source to interpret her "major" works – the fiction and non-fiction books whose edition she personally oversaw –, but as Quentin Bell, Woolf's biographer, declares, it is a major work of its own. The first part also highlights points of a Woolfian "literary theory" (I liberally use quotes here, for Woolf objected to being fixed on definitions and wished instead to "break the mold" with each new book). Among these are the possibilities of artistic representation of both the world and the individual – e.g., the subjectivities and the movements of history, war and violence, especially those related to women. Such analysis takes into consideration the rest of Woolf's work, privileging the particularities of her diary and, especially, what I call its *crossing form*. Her diary is a work deeply marked by intercessions – between genres; fiction and reality; interiority and exteriority (public and private), as well as between her other writings, in a movement of constant autotextuality. The second part of the thesis offers an annotated translation into Portuguese of the period in which Woolf lived at 52 Tavistock Square, London (March 1924 – early August 1939), which I call the Tavistock Diary. Such a translation is aligned with an understanding that the translation act is also a critic one, in the sense that it provides a privileged confrontation with a text and its multiple interpretative relations.

Key words: *diaries; Virginia Woolf; 20th century literature; autotextuality; modernism.*

carol.mesquita@gmail.com

Sobre a grafia das obras e as traduções apresentadas

Adotei como critério grafar as obras de Woolf com o título original em inglês caso ainda não tenham sido traduzidas para o português, e com o título traduzido, caso tenham recebido tradução para essa língua.

A exceção é *A Room of One's Own*, traduzida no Brasil como *Um teto todo seu*. Optei por grafá-la com o nome original porque, conquanto a musicalidade do título traduzido tenha ficado muito bonita, minha opinião é de que tal opção tradutória acabou por encobrir a tese que Woolf sustenta nessa obra – a de que uma mulher precisa de um quarto só para si e £500 por ano para escrever ficção. Woolf, portanto, não está advogando que as mulheres tenham “um teto todo seu” (ou seja, uma casa própria) para que possam escrever: não afirma que para isso seria necessário romper laços com a família e sair de casa. Argumenta, simplesmente, que elas precisam de um espaço próprio, onde possam criar sem interrupções. Essa diferença, creio eu, é de suma importância.

Indico com “trad. minha” os trechos em português de obras estrangeiras (sendo elas de Woolf ou não) que foram livremente traduzidos por mim.

Abreviações

AOB – Anne Olivier Bell (usado nas notas de rodapé)

AROO – *A Room of One's Own*

D1, D2, D3, D4, D5 – *Diaries* (Diários). O número ao lado do D indica o volume da edição comercial dos diários realizada por Anne Olivier Bell com Andrew McNeillie.

CR1 e CR2 – *Common Reader First Series* e *Common Reader Second Series*

L1, L2, L3, L4 – *Letters* (Cartas). O número ao lado do L indica o volume da edição comercial das cartas, realizada por Nigel Nicolson com Joanne Trautmann.

LW – Leonard Woolf (usado nas notas de rodapé)

MD – *Mrs. Dalloway*

MB – *Moments of Being*

O – *Orlando*

PA – *Passionate Apprentice* (diários da juventude)

TG – *Three Guineas*

TW – *The Waves* (traduzido no Brasil como *As Ondas*)

VW – Virginia Woolf (usado nas notas de rodapé)

Sumário

PRIMEIRA PARTE

Introdução: O diário de Tavistock	15
 1 “I daresay there’s a little book in them”	
O diário de Virginia Woolf como forma-cruzamento	32
 O diário de Woolf como obra modernista	59
contínuo em meio ao descontínuo	63
a obliteração da forma na edição de Anne Olivier Bell	76
<i>correção de datas</i>	77
<i>inserção dos cabeçalhos de datas no corpo do texto;</i>	
<i>desmembramento de entradas em outras, antes inexistentes;</i>	
<i>inserção de novos parágrafos</i>	78
<i>o Diário de Asheham</i>	87
o diário, uma obra em “segundo plano”?	90
impessoalidade: abstratizar o eu	98
 2 “Life? Literature? One to be made into the other?”	
Real e verdade, representação e fabulação	114
 3 “Who was I then?”	
Diário, tempo e memória	138
 O momento	146
O diário e o momento	149
Memória	157

4 “Do I ever write, even here, for my own eye?”	
Público e privado, íntimo e social	168
Referências	185
SEGUNDA PARTE	
Brevíssima nota sobre a tradução	198
O Diário de Tavistock	201

PRIMEIRA PARTE

Introdução

O Diário de Tavistock

& a quem falo quando falo a uma página em branco?

5 ago. 1929

Pouco antes do início da Segunda Guerra, em agosto de 1939, Virginia Woolf e seu marido Leonard mudaram-se do número 52 na Tavistock Square, endereço em Londres onde viveram e trabalharam durante 15 anos, por não suportarem o barulho causado por uma obra de demolição nas casas contíguas. O casal foi morar em um endereço próximo, a casa de número 37 na Mecklenburgh Square, mas não se demoraram muito por lá: guerra deflagrada, seguiram para o refúgio de Monk's House, sua casa de campo em Sussex, no interior da Inglaterra, passando a ir para Londres apenas esporadicamente. Em setembro do ano seguinte, receberam a notícia de que a casa vizinha à sua em Mecklenburgh Square fora destruída em um bombardeio e que parte de sua própria casa também, mas não puderam ir avaliar o estrago porque esta fora interditada: uma bomba-relógio caíra ali, e era preciso esperar que fosse detonada – algo que só aconteceu dali a alguns dias. Então, cerca de um mês depois, veio a notícia de que a casa em Tavistock Square também fora atingida durante um ataque aéreo, e o casal decide ir até Londres para recuperar o que fosse possível nas duas casas. Em 20 de outubro de 1940, Woolf registra em seu diário a visita que fizera dois dias antes aos escombros de sua vida londrina.

O que eu vi de mais – o quê? – impressionante, não, não é isso – em Londres na sexta-feira foi a fila, quase toda de crianças com malas, em frente à estação do metrô em Warren St. Eram mais ou menos 11h30. Achamos que fosse gente sendo evacuada esperando pelo ônibus. Mas às 3 da tarde eles continuavam ali sentados, agora numa fila muito maior, com homens, mulheres, mais malas & cobertores. Faziam fila por um lugar no abrigo para o ataque antiaéreo daquela noite – que veio, claro. Assim, se saíram do metrô às 6 (foi um ataque horrível o de quinta-feira), às 11 já estavam de volta. Dali rumo a Tavistock Square. Com um suspiro de alívio vi uma pilha de destroços.

Três casas, calculo, destruídas. O porão em escombros. Únicos remanescentes uma velha cadeira de palha (comprada nos tempos da Fitzroy Square) & o letreiro da Penman [& Co.], “Aluga-se”. No mais nada além de tijolos & lascas de madeira. Uma porta de vidro da casa ao lado oscilava pendurada. Só vi um pedaço da parede do meu escritório de pé: fora isso, nada além de entulho onde escrevi tantos livros. Céu aberto no lugar onde tantas noites nos sentamos, demos tantas festas. O hotel ficou intocado. Então rumo a Meck[*lenburgh Square*]. De novo destroços, poeira preta fina, pó de gesso. Miss Talbot & Miss Edwards de calças, macacões de trabalho e turbantes, varriam. Notei o tremor das mãos de Miss T.: idêntico ao de Miss Perkins. Claro, simpática & cordial ao extremo. Uma conversa animada espasmódica. Repetições. Pena não termos recebido o cartão dela... isso lhes pouparia esse choque. É terrível... No andar de cima ela apoiou uma estante caída para nos sentarmos. Livros espalhados por todo o chão da sala de jantar. Na saleta do meu quarto vidro cobria inteiramente o armário de Mrs Hunter – &c. Somente a sala de estar com as janelas quase inteiras. Um vento soprava pela casa. Comecei a caçar diários. O que daria para resgatar naquele carro tão pequeno? Darwin, & a prataria, & algumas louças & porcelanas. Então, em meio à minha caça por uma cadeira, chegou Mabel. Mais discreta & matronal que nunca. Mas um tanto mais magra & triste. Combinei q. viesse para cá por quinze dias. Também ela, à sua maneira bastante treinada de criada, estava arrasada. Nossa casa, falou, agora mais parecia uma casa de macacos. Não trocava de roupa desde q. saíra. E no hospital – aqui ela fez uma pausa. “A gente as ouve assoviando ao redor e imagina, da próxima vez serei eu?” Andares haviam caído em cima do abrigo dela. Estava ansiosa claro para varrer tudo & encontrar o meu casaco de pele. Ajudei-a na cozinha a embalar as taças de Duncan, os pratos de Nessa. Muito simpática, dedicada, experiência de ajudante impecável. Ofereci pagar seu transporte. Ela recusou. (E não veio, para nosso grande alívio – Ah o prazer da casa vazia – do navio em q. somos os únicos tripulantes...) Depois almoçamos língua, na sala de estar. John [*Lehmann*] apareceu. Esqueci o Viagem do Beagle. Nenhum ataque aéreo o dia inteiro. Assim sendo por volta das 2.30 voltamos para casa. Segundo L. £10 cobririam os estragos. No geral eu me senti animada com Londres. Os danos em Bloomsbury são consideráveis. 3 casas sumiram do mapa em Caroline Place: mas há milhas e milhas

intocadas de Hyde Park, Oxford & Cambridge Terrace & Queens Gate. Agora tenho a impressão de que Londres ficou para trás.

Planos de comprar uma casa em Lewes para estocar nossos móveis. Talvez alugar quartos para guardar nossos livros em Rectory. Empolgação de perder bens – embora de vez em quando eu deseje meus livros & cadeiras & tapetes & camas – Como dei duro para comprar todos eles – um por um – E os quadros. Mas ver-se livre de Meck. seria um alívio agora. Quase com certeza ela vai acabar sendo destruída – & junto com ela o nosso estranho aluguel daquele apartamento ensolarado... Apesar da mudança & dos custos, sem dúvida, se salvarmos nossas coisas, saímos no lucro – quero dizer, caso tivéssemos ficado na 52 & perdido todas as nossas posses. Mesmo assim é estranho – sentir alívio por perder bens. Gostaria de começar a vida, em paz, quase de mãos vazias – livre para ir onde quer que seja. Mas poderemos nos livrar de Meck? (20 out. 1940)

O fim da casa em Tavistock Square representou, simbolicamente, também o fim de uma etapa da vida de Virginia Woolf – e não de qualquer uma, mas da mais profícua e quiçá a mais feliz, como ela à sua maneira extraordinariamente concisa e distanciada resumiu com duas frases na passagem transcrita acima: “Só vi um pedaço da parede do meu escritório de pé: fora isso, nada além de entulho onde escrevi tantos livros. Céu aberto no lugar onde tantas noites nos sentamos, onde demos tantas festas”. Naquela casa, Woolf estabeleceu-se como escritora: quando para lá se mudou em 1924, estava concluindo *Mrs. Dalloway*, o romance que a consagrou entre os autores de seu tempo, e lá escreveu suas principais obras – os romances *Ao farol* (1927), *Orlando: uma biografia* (1928), *As ondas* (1931), *Flush: uma biografia* (1933), *Os anos* (1937) e parte de *Entre os atos* (1941), e os títulos de não ficção *O leitor comum* (primeira série, 1925; segunda, 1935), *A Room of One's Own* (1929), *Three Guineas* (1938) e quase todo *Roger Fry* (1940). Após se mudar de lá, em agosto de 1939, ela concluiria apenas *Roger Fry* e *Entre os atos*, antes de encerrar a própria vida nas águas do rio Ouse. Além disso, a casa, sempre agitada pelo ir e vir de pessoas, servira como polo cultural e ponto de confluência de amigos, artistas e profissionais liberais de relevância na vida londrina do período entreguerras, em grande parte devido às atividades da Hogarth Press, editora que Woolf fundou em 1917 com o marido e que passara a funcionar nos

porões daquele endereço. Foi em Tavistock que a Hogarth se consolidou como uma das editoras de catálogo mais expressivo da época, com obras de autores como T. S. Eliot, E. M. Forster, W. H. Auden, Rebecca West, Katherine Mansfield, Hope Mirrlees, Vita Sackville-West, Dorothy Wellesley e Christopher Isherwood, além das primeiras traduções de Freud e Dostoiévski para o inglês.

Tavistock Square inspirou o recorte desta pesquisa de doutorado sobre o diário de Virginia Woolf, dividida em duas partes. A primeira consiste em uma análise do diário como um todo, comentando pontos de uma possível “teoria literária” woolfiana norteadas por alguns temas que surgem e ressurgem ao longo dos 44 anos que ela dedicou à sua escrita. (O uso de aspas se deve ao fato de que Woolf foi uma autora que se propunha a, em suas próprias palavras, “quebrar o molde” a cada nova obra: era avessa a consolidar teorias, embora alguns princípios tenham permanecido em seu horizonte literário durante quase toda a sua vida.) Tal análise, em confronto com o restante de sua obra e o contexto artístico e sociopolítico de sua época, buscou dar atenção às particularidades do diário de Woolf e, em especial, à sua característica como *espaço de interseções*. Isso, vale lembrar, numa autora cuja obra como um todo operou na chave do fronteiro, do hibridismo – tanto no aspecto do conteúdo, combinando por exemplo gêneros e problematizando a construção artística, quanto no textual, ao se valer de uma escrita pouco categórica e oscilante, constantemente entre o dizer e o desdizer. Entre os temas recorrentes, estão as possibilidades e a viabilidade da representação do mundo e do sujeito, os limiares entre ficção e realidade, e as relações interior-exterior (entre as subjetividades e os fatos externos suscitados pelos movimentos da história, da guerra e da violência – incluindo aí os relacionados à situação da mulher). A segunda parte oferece a tradução comentada de boa parte do período em que Woolf morou no número 52 da Tavistock Square, em Londres (de março de 1924 a início de agosto de 1939; a tradução aqui oferecida vai até 1931), que denominei de *diário de Tavistock*. Tal tradução alinha-se com um entendimento que enxerga no próprio ato tradutório uma aproximação com o ato crítico, no sentido de que também proporciona um embate privilegiado com o texto e suas múltiplas relações interpretativas. O poeta, tradutor e ensaísta Henri Meschonnic afirma que “a teoria, a crítica, a prática são [na tradução] inseparáveis”, uma vez

que traduzir não é enfrentar uma língua, mas seu acontecimento enquanto discurso, passível da crítica do sujeito que o interpreta e traduz.

Diante da extensão da obra, que soma cerca de 1300 páginas no original e cuja tradução dificilmente seria possível concluir durante o período de um doutorado, fazia-se necessário alguma espécie de recorte. No entanto, como a textura peculiar do diário, com momentos de intensa espessura linguística, só se dá a perceber na leitura de longos intervalos ininterruptos (e não de fragmentos, que é o que temos hoje em português), era imperioso dar conta de um intervalo de tempo contínuo e passar ao largo da mera tradução de trechos. Isso possibilitaria a chance de um contato direto com sua qualidade díspar, misto de fragmentação e continuidade, que abarca às vezes em um mesmo parágrafo comentários domésticos, análises literárias ou dos acontecimentos da época, fofocas, trivialidades e trechos altamente carregados de sensibilidade – a aridez do cotidiano lado a lado com o questionamento do espírito. Vivido como uma escrita sem fim, o diário de Virginia Woolf representa o seu anseio por um “sistema que não excluísse”, capaz de incluir tudo, sem distinções¹ – o rasteiro e o sublime, o público e o privado.

O longo intervalo escolhido proporcionou evidenciar o arco das transformações da autora no decorrer dos anos, em que a Woolf luminosa dos anos 1920, imbuída do espírito de um projeto modernista que deu à luz obras emblemáticas como *Mrs. Dalloway* e *Ao farol*, progressivamente cede lugar à Woolf dos anos 1930. Deprimida pelo estado das coisas no mundo, ante a ameaça crescente de guerra, ela se aferra nessa década à crença de que era necessário responder à violência acentuando a importância da razão, da tolerância e da busca de alegria, o que lhe provocou constantes conflitos.² Deitando por terra suas poucas convicções, Woolf passa a dar nova ênfase aos fatos sociais e políticos, e, artisticamente, embrenha-se por um caminho cada vez mais marcado pelo desmantelamento narrativo.

Importantemente, a escolha do período vivido em Tavistock Square deveu-se, além disso, ao fato de exemplificar certo procedimento de

¹ Na ficção, pode-se ver esse anseio representado, no limite, pelos procedimentos de discurso indireto livre e fluxo de consciência, com que Woolf apresenta e frequentemente conecta o pensamento de diversos personagens em simultaneidade.

² Cf. MARDER, 2011.

condensação de espaço-tempo caracteristicamente woolfiano que se encontra na entrada de 1940 citada na p. 15 deste trabalho. A escolha desta não foi fortuita. Acredito que seu paralelo com um trecho bem mais conhecido da obra da autora – “O tempo passa”, a parte central do romance *Ao farol* (1927) – ajude a iluminá-lo.

Altamente experimental e uma das obras mais impactantes da literatura de Woolf, *Ao farol* divide-se em três partes. A primeira e a segunda, respectivamente as longas passagens “A janela” e “O farol”, concentram-se cada qual num único dia da vida da família Ramsay em sua casa de veraneio na Ilha de Skye – desenvolvendo a passo medido as minúcias emocionais complexas dos personagens e as relações entre sua vida interior e os acontecimentos exteriores. Já “O tempo passa” condensa em vinte páginas, num arroubo monumental, os dez anos em que a casa fica fechada e que separam esses dois dias, um intervalo durante o qual a Primeira Guerra começa e chega ao fim e três membros da família – Prue, Andrew e Mrs. Ramsay – morrem. Enquanto as duas primeiras partes são guiadas pelos olhares dos personagens, esse trecho, marcado por assombrosa leveza e impessoalidade, afasta os olhos da temporalidade humana e toca a textura muito mais aterrorizante e imensa do tempo não humano, que transcorre para além de cada vida individual de modo inescapável. Que importam as mortes de Prue, Andrew e Mrs. Ramsay para as cíclicas ondas e estações ou para os ventos, quando estes envolvem a casa e quase a corroem sob o mando de um tempo mais primevo, que a tudo engolfa e transforma? A transição extremamente rápida entre uma temporalidade e outra, que Woolf opera nessa passagem, é o que causa seu efeito tão desconcertante e sensível.

Guardadas as devidas proporções, para o leitor dos diários de Woolf a distância que ela escolhe para registrar em palavras as ruínas de outra casa, a de Tavistock, é também a princípio transtornante. Expressões como “alívio” e “livrar-se” de Mecklenburgh e de Tavistock encontram justificativa na desobrigação de pagar o aluguel de ambas, uma preocupação havia já alguns meses para os Woolfs. Isso lhes era pesado naquele início de guerra, quando eles se viram obrigados até mesmo a suspender as atividades da sua editora e dispensar por tempo indefinido seus funcionários. Entretanto, mesmo com isso em vista, o desafio financeiro parece não justificar o alheamento emocional de

Virginia Woolf perante a destruição da casa onde viveu praticamente todos os anos londrinos de sua vida adulta e que representou seu estabelecimento como artista.

Porém, ao contrário de “O tempo passa”, aqui não se trata da impessoalidade de um tempo primordial em contraste com o tempo humano, cuja representação foi o resultado de uma construção artística meticulosa – mas do olhar impassível de uma narradora que se volta à sua própria vida e, em lugar de uma atitude de simpatia, ou ao menos de rememoração, prefere o distanciamento emocional. No entanto, para um leitor de Woolf é quase impossível não se sentir tocado ao notar, aí, o paralelo da frase “um vento soprava pela casa” com os “ventos espiões” que tomam conta da casa de veraneio dos Ramsays em “O tempo passa”; e não perceber como o trecho do romance que enumera os objetos deixados para trás pela família (os sapatos, bonés, saias e casacos nos armários, as únicas coisas que “conservavam a forma humana e, no vazio, indicavam como um dia tinham sido preenchidos e animados”) evoca a enumeração dos “livros & cadeiras & tapetes & camas” que Woolf deixara para trás em sua casa, e que dera “tão duro para comprar”. Esta segunda mirada põe em dúvida se existe de fato um completo distanciamento nessa entrada do diário e destaca como este, analisado em seu contexto, tinge-se de contradição. Desse modo, embora ela fale em “empolgação de perder bens”, também afirma que “de vez em quando” deseja seus “livros & cadeiras & tapetes & camas”, e comenta entre travessões: “Como dei duro para comprar todos eles – um por um – E os quadros”. Além do que, tecnicamente não faz sentido perguntar-se o que seria possível resgatar “naquele carro tão pequeno”, nem comprazer-se com o fato de “saírem no lucro” caso conseguissem salvar suas coisas (em comparação com se tivessem ficado em Tavistock e perdido tudo): ora, se perder bens era de fato empolgante, ter a chance de recuperá-los não deveria constituir absolutamente nenhum lucro. Esses trechos ambíguos, e a forma como aparecem no texto – demarcados pelas suspensões gráficas no tempo da narrativa indicadas pelos travessões, que também, de modo perturbador, parecem evocar os colchetes com que ela narra as mortes de seus personagens em “O tempo passa” –, sugerem não um descaso com as perdas, e sim que, por vezes, aos grandes momentos só obliquamente se consegue fazer justiça. Woolf sabe que aqueles objetos encarnam sua trajetória como

escritora (não somente do ponto de vista material, mas acima de tudo do simbólico), e o lamenta – mas quase que num sussurro, optando por não encompridar o assunto.

A passagem também é tocante por outro motivo. Pois quem vem lendo os diários, acostumado com sua forma sintética de narrativa e acompanhando os desenrolares de Woolf ao longo do tempo, que ela deixa entrever no curso de suas muitas páginas, irremediavelmente detém um conhecimento que faltava a ela naquele momento – o conhecimento do que estava à frente. Nós, separados no tempo por quase oitenta anos, sabemos que ela jamais voltará a morar em Londres, que progressivamente soçobrará junto com um mundo e uma época. Tal como a ruína da casa na Ilha de Skye representa o fim de um período não apenas da vida dos Ramsay, mas também do mundo pré-guerra, os escombros da casa e do país de Woolf na nova guerra são também os escombros de um modo de viver pregresso – e, como para ela arte e vida estavam necessariamente imbricados, de um modo de pensar e fazer artístico. Tanto a casa na Ilha de Skye como a casa em Tavistock Square simultaneamente fundem auge e declínio. A ausência de comentários nessa entrada, paradoxalmente, ressalta a *presença* fantasmagórica do fim de um período.

Há na entrada de 1940, além disso, outro dado importante que muito interessa a título de apresentação desta pesquisa: o fato de a primeira coisa que Woolf relata fazer ao chegar às ruínas seja procurar seus diários, que ela, com alguns hiatos, escreveu por 44 anos – desde a adolescência, em 1897, até quatro dias antes de sua morte, em 1941. Quando Virginia Woolf vai aos escombros da casa em Mecklenburgh Square recuperá-los, estes já somavam quase o número final de cadernos que viriam a constituir. Ela os encontrou em meio ao entulho, vidro quebrado e poeira, e levou-os até a relativa segurança de sua casa em Rodmell. Ainda escreveria parte de um novo volume, que entretanto ficou na maior parte em branco: meros cinco meses após o bombardeio em Londres, Woolf tirou a própria vida no Ouse. Após sua morte, os diários foram conservados no Banco de Westminster, em Lewes, onde permaneceram em completo silêncio durante anos, até serem cedidos à Biblioteca Pública de Nova York por Leonard Woolf. Houvessem sido destruídos, como quase chegou a ser o caso, uma parte monumental de sua obra teria se perdido.

Assim como com diversos outros assuntos em sua vida, em relação a seus diários a autora estabeleceu uma relação contraditória. Ao longo de sua prática diarística, Woolf alterna momentos em que os considera “sua obra mais importante” ou sua “verdadeira grande obra” com outros em que os considera “superficiais”, questiona-se sobre a própria razão de escrevê-los e põe em dúvida o valor de diários de modo geral (muito embora fosse uma assídua leitora, e resenhista, do gênero).³ Não raro, ela se critica ao escrever neles por não estar se dedicando à sua “verdadeira escrita”, assunto que será tratado com mais profundidade na parte 1. Seja como for, o diário era um espaço em que Woolf podia relaxar a pena, ao contrário de sua escrita comercial e ficcional, e ela menciona diversas vezes o desejo de torná-lo uma espécie de fonte da qual extrair material para escrever suas memórias no futuro. De muitas maneiras, Woolf valeu-se do diário para construir a si mesma como escritora e como mulher – como apontam críticos como H.P. Abbott, Anna Snaith e Joanne Tildwell –, e este já foi chamado de “tela em que ela pintou seu autorretrato de artista”, ou de lugar onde ela “pôde afirmar a realidade e o valor de si mesma, de sua arte, de sua vida”.⁴

Virginia Woolf é hoje uma das mais autoras mais conhecidas da literatura canônica ocidental. Foi admirada pela prosa elegante e sensível; conceituada pela criação de uma abordagem particular do fluxo de consciência e do discurso indireto livre, em que a ação narrativa oscila não apenas entre o interior e o exterior do personagem, mas entre um personagem e outro; e largamente analisada sob uma multiplicidade de abordagens acadêmicas – tais como feminismo, psicologia, estudos do modernismo, narratologia, estudos da diferença, pós-modernismo, *gender studies* e estudos pós-coloniais.⁵ Seus

³ Virginia Woolf lia diários desde a adolescência. Entre os que leu, destacam-se os de Samuel Pepys, André Gide, Guy de Maupassant, Lord Byron, James Boswell, os irmãos Goncourt, Mary Coleridge, Ralph Waldo Emerson, Sir Walter Scott e Fanny Burney. Mais sobre a leitura de diários pela autora pode ser analisado nas obras de Barbara Lounsberry sobre os diários de Woolf.

⁴ PODNIEKS, 2000: 99. Trad. minha.

⁵ Em 1984, ao escrever o prefácio para o quinto volume da edição completa dos diários de Virginia Woolf, Anne Olivier Bell afirmou que, desde a morte da escritora, seus textos passaram a ser amplamente “analisados segundo seu simbolismo ou conteúdo cristão, celta, freudiano, marxista ou astrológico”. A quantidade de estudos, biografias, teses, artigos e conferências sobre a autora e sua obra levou inclusive as críticas Beth C. Rosenberg e Jeanne Dubino a compararem os estudos woolfianos a uma verdadeira indústria. Para uma discussão mais alentada do assunto, ver ROSENBERG e DUBINO, 1997: 4.

romances foram traduzidos entusiasticamente, e por nomes de peso como Jorge Luis Borges e Marguerite Yourcenar. Woolf virou tema de peça (*Quem tem medo de Virginia Woolf?*, de Albee), filme de Hollywood vencedor do Oscar e estampa de canecas e camisetas, e sua obra deu origem a diversas adaptações. Apesar disso, é ainda relativamente recente o interesse por sua obra não ficcional (diários, cartas e ensaios).

Isso se deve, em parte, ao fato de que sua publicação foi póstuma e relativamente recente. Entretanto, sustento que no caso do diário isso também se deve ao fato de este ter permanecido por um longo tempo subordinado e/ou minorizado em relação à obra ficcional de Woolf, notadamente a seus romances. Ao dizer subordinado, quero enfatizar que seu conteúdo relevante eclipsou sua *forma* literária e levou o diário a ser visto, via de regra, quase que somente enquanto material de suporte para iluminar pontos diversos da criação woolfiana, e não também como uma obra em si.

A primeira edição do diário principal de Woolf (os diários de juventude não costumam ser considerados parte deste núcleo)⁶ ocorreu em 1953, portanto doze anos após sua morte, capitaneada por seu marido, Leonard. Intitulada *A Writer's Diary: Being Extracts from Virginia Woolf's Diary*, nela a matéria relevante assumiu protagonismo e, por este motivo, o original sofreu extensos cortes: tudo o que não se referia à escrita da autora foi excluído, com a justificativa de que sua publicação poderia ser constrangedora para as pessoas nele retratadas, algumas então ainda vivas. Leonard critica essa postura no prefácio do livro, mas a justifica, dizendo: “Mesmo integrais, na melhor das hipóteses os diários oferecem um retrato distorcido ou parcial do escritor. (...) O retrato aqui é portanto desde o início desequilibrado (...)” mas, apesar disso, “lança uma luz sobre as intenções, objetos e métodos de Virginia Woolf enquanto escritora.”⁷ Por esse motivo ele afirma ter se limitado a incluir “praticamente tudo o que se refere à escrita dela mesma; algumas passagens em que ela obviamente utiliza o diário para praticar a arte da narrativa ou fazer experimentos com ela; algumas passagens em que comenta os livros que estava lendo; e por fim, trechos que dão uma ideia do impacto direto de cenas e pessoas em sua

⁶ Esses diários de juventude foram publicados em 1990 por Mitchell Leaska com o título de *A Passionate Apprentice: The Early Years, 1887-1909*.

⁷ WOOLF, L., 1953: viii-ix. Todos os trechos citados dessa obra tiveram tradução livre minha.

mente”⁸. Apesar de pertinememente ter chamado tais cenas de “matéria-prima” da arte de Woolf, ele as limou quase que por completo. Portanto, até pouco tempo o único registro dos diários de Virginia Woolf disponível era *parcial* – nos dois sentidos: recortado e, como todo recorte, enviesado.

É importante frisar aqui, entretanto, que durante praticamente toda a vida da autora Leonard foi o primeiro leitor das suas obras,⁹ e, portanto, faz sentido que tenha sido ele o primeiro a editar seu diário. A própria Woolf chega a mencionar em mais de uma passagem que desejava que ele o fizesse. Naquela que é uma das mais citadas, a de 20 de março de 1926, ela escreve: “Mas o que será feito de todos esses diários, perguntei a mim mesma ontem. Se eu morresse, o que Leo faria deles? Dificilmente os queimaria; não conseguiria publicá-los. Bom, ele deveria fazer um livro com eles, eu acho; & depois queimar o corpo. Arrisco dizer que existe um livrinho aí no meio: se os rascunhos & rabiscos forem um pouco organizados. Deus sabe.”¹⁰

Virginia Woolf jamais mandava um original para a primeira etapa do processo de edição, a confecção das provas datilografadas, antes que o marido o lesse e fizesse extensas anotações. Apesar de dar grande importância à opinião de seus amigos, todos eles também autores ou críticos, a opinião de Leonard era a sua baliza mais importante. Um exemplo disso é que em 1937, quando ela estava à beira de um colapso após concluir *The Years* e decidida a deitar fora o manuscrito, foi com literalmente imenso tremor que aguardou o veredito do marido. Em sua autobiografia, Leonard diria que sempre dera sua opinião sincera, mas que daquela vez teve medo de contar toda a verdade. Apesar de considerar o livro muito bom, “um livro que a maioria dos escritores

⁸ Ibid.

⁹ A única em que isso não aconteceu foi *The Voyage Out*, que ela concluiu pouco depois do casamento dos dois, em 1912. Neste romance, o primeiro leitor foi Clive Bell, marido de sua irmã, Vanessa, por quem Virginia nutria na época uma espécie de paixão.

¹⁰ Há indícios de que Virginia Woolf enxergava o marido como o responsável, de maneira geral, pelo seu espólio. Antes de se suicidar, ela deixa duas notas ao marido. Naquela que o editor das cartas de Woolf, Nigel Nicolson, relata ter sido escrita por último, ela conclui: “Queira destruir todos os meus papéis”. A outra nota – que se popularizou graças ao livro *As horas*, de Michael Cunningham, e termina com: “Não acho que duas pessoas possam ter sido mais felizes do que nós fomos” – teria sido escrita em 18 de março de 1941. Dessa maneira, os estudiosos se debatem com a evidência de que Woolf estava planejando dar fim à própria vida ao menos dez dias antes de levar o plano adiante – o que lhe teria dado tempo de destruir todos os seus escritos. O fato de ela não o ter feito e de pedir ao marido que o fizesse sugere ou uma mudança repentina de ideia, ou que talvez não fosse de fato sincera aquela intenção. Ver o Apêndice A de L6, 489-91.

teria orgulho de publicar”, para ele “estava bem abaixo do nível de *As ondas* ou *Ao farol*”. Como receava que qualquer coisa que dissesse pudesse provocar outra crise na esposa, elogiou-o mais do que o faria se ela estivesse bem, e assim Woolf voltou atrás em sua decisão e concordou em publicá-lo.¹¹ Esse episódio demonstra como Leonard era, na verdade, quase tão editor dos livros de Woolf quanto ela: cumpre observar que todas as obras de Virginia Woolf até o seu falecimento, à exceção de *The Voyage Out* (1915) e *Night and Day* (1919), vieram a público pela editora dos dois, a Hogarth Press. Isso significa que Woolf detinha o controle sobre o processo editorial de seus textos – e com mão severa, como o demonstram as até oito provas de um mesmo original. Desse modo, foi uma escritora que não sofreu interferências de outrem na publicação de seus livros e pôde conservar neles marcas gráficas pouco usuais, como os longos parágrafos característicos do seu estilo e alicerces da sua técnica. O mesmo não ocorreu com os textos woolfianos publicados postumamente, em especial os que não foram editados pela mão de Leonard.

A quase íntegra do diário adulto de Virginia Woolf¹² só veio a público vinte e cinco anos após *A Writer's Diary*. Dividida em cinco volumes publicados entre 1977 e 1984, e tendo como responsável Anne Olivier Bell (estudiosa de literatura e esposa de Quentin Bell, sobrinho de Woolf, com a ajuda de Andrew McNeillie a partir do terceiro volume), cobre 26 cadernos manuscritos, muitos dos quais encadernados a mão pela própria Woolf, e engloba os anos de 1915 a 1941. Começa quando a autora tinha 33 anos de idade e estava prestes a lançar *Voyage Out*, e termina em 23 de março de 1941, quatro dias antes de sua morte e poucos meses depois de ela finalizar seu último romance, *Entre os atos*.

Também nessa nova edição priorizou-se o conteúdo informativo. Anne Olivier Bell fez uma pesquisa hercúlea para iluminar o diário de Woolf, que muitas vezes foi escrito de forma cifrada, de maneira que frequentemente só se entende do que ela está falando caso se conheça sua vida e suas obras, ou se acompanhe o contexto. Apesar dos enormes méritos da edição cuidadosa de

¹¹ Para mais sobre este episódio, ver MARDER, 2011.

¹² Conforme detalharei mais à frente, ao passar o início de 2017 estudando os manuscritos originais na Biblioteca Pública de Nova York constatei que AOB decidiu suprimir sem maiores avisos ao leitor boa parte do diário que Woolf manteve quando passava temporadas em sua primeira casa de campo, Asheham, entre 1917 e 1918. Além disso, existe o salto de uma passagem em agosto de 1940.

Olivier Bell, sua abordagem suprimiu importantes marcas de literariedade do diário, presentes em outros textos woolfianos. Foram inseridas, por exemplo, quebras de parágrafo em nome da clareza do texto e em detrimento do estilo, e, mais significativamente, em nome da acurácia da informação, as entradas que Woolf escrevia de forma contínua ao longo de vários dias foram divididas, originando desse modo entradas não existentes nos manuscritos. Woolf com frequência iniciava uma entrada em determinada data, mas só a concluía dias depois, e amiúde não deixa no manuscrito nenhum indício disso a não ser uma mudança de tinta, um espaço em branco ou, mais raramente, alguma espécie de indicação sua, como marcações entre parênteses ou observações escritas posteriormente nas laterais do texto principal. Para determinar as datas suprimidas, Olivier Bell valeu-se do apoio de outros documentos – como cartas, o diário de Leonard Woolf, jornais, registros históricos, programas de eventos e exposições, entre outros. Percebe-se, então, que a forma dos manuscritos originais do diário de Woolf foi alterada.

É relevante ter isso no horizonte, principalmente quando se leva em consideração como esses manuscritos ajudam a lançar luz sobre a maneira como o processo criativo de Virginia Woolf parece se dar à revelia de hierarquizações e em constante autotextualidade, ou seja, em referência interna a seus próprios textos, algo que será exposto com mais detalhes nesta tese. Se seu diário alimentou outras de suas obras, foi também constantemente alimentado por elas, num movimento reflexivo, ondeante. Como diz Leonardo Fróes, tradutor da autora, em sua obra “nota-se um retorno de ideias [*em diversas obras de Woolf*] que parecem solidificar-se na construção de posturas”.¹³ O que Fróes chama de “posturas”, neste trabalho foi denominado de questionamentos incessantes – a fim de enfatizar sua qualidade não solidificada.

A edição realizada por Anne Olivier Bell e os efeitos que esta exerceu sobre os estudos do diário de Virginia Woolf será objeto de uma análise mais alongada na primeira parte deste trabalho. O importante a observar no momento é que Woolf fez diversos usos do seu diário. Seguindo uma espécie de vocação despreocupada com as formas, comum no gênero, nele tudo cabia: insignificâncias do cotidiano, que ela guardava para uma “mão futura mais hábil”;

¹³ FRÓES, 2011.

reflexões sobre a sociedade, a arte e a literatura; registro das leituras que fazia, de autores tão diversos quanto Shakespeare, Dante, Proust, Byron, Keats, Dostoiévski ou Tolstói; comentários sobre pessoas e acontecimentos; válvula de escape para inseguranças; e questionamentos sobre a natureza e os caminhos da crítica, do romance e da ficção. Nesse sentido, percebe-se como o diário foi fundamental para o projeto literário modernista de Woolf, pois alinha-se com questões que ela coloca, por exemplo, em seu ensaio “Ficção Moderna”. Woolf diz aí que, em contraste com o modo de representação vitoriano realista (que ela considera falso por privilegiar a ordem e a linearidade, quando a realidade não possui nem uma nem outra), o modo de representação almejado pelos modernos seria mais verdadeiro, pois tenta “registrar os átomos à medida que eles caem na mente” – e é exatamente isso o que seu diário faz. Foi o diário que possibilitou que ela consolidasse o que denomino de sua busca constante pela literatura, ao longo de toda a sua carreira: a procura pelo estatuto do literário em meio a experimentos e rompimentos constantes. Essa característica pode ser interpretada à luz de um constante cruzamento, um contínuo passar-entre, um ser eu e outro ao mesmo tempo.

O diário, significativamente, também serviu de campo de experimentos e local de reflexões literárias. Embora a primeira edição feita por Leonard já tivesse de certa maneira preservado essa característica sua, somente décadas depois ela começaria a ser analisada com mais consistência. O diário serviu assim, entre outras coisas, como um equivalente literário ao que nas artes plásticas convencionou-se chamar *sketchbook* – um caderno em que os artistas fazem croquis e registram desenhos e colagens de suas ideias e inspirações. A própria Woolf com o tempo vai adquirindo ciência desse fato, como revelam as seguintes passagens de 1924: “Acaba de me ocorrer que neste livro eu *pratico* a escrita; treino minhas escalas; sim, & me dedico a criar certos efeitos. Ouso dizer que aqui pratiquei [*O quarto de*] Jacob – & Mrs D.[*alloway*], e aqui devo inventar meu próximo livro, pois cá escrevo meramente em espírito, & nisso também existe grande alegria, & assim também a velha V. de 1940 enxergará algo aqui. Ela será uma mulher capaz de enxergar as coisas, a velha V.: tudo... mais do que posso imaginar (...)” (17 out. 1924; grifos dela); “Escrever o diário ajudou enormemente o meu estilo, soltou as amarras” (1 nov. 1924). Vemos germes de personagens e cenas inteiras que depois são transpostas para ensaios ou

romances e contos – e que curiosamente depois reaparecem nos diários, revelando uma simbiose muito particular entre eles e o restante de sua obra. Entretanto, se é verdade que a transversalidade woolfiana já foi observada em diversos estudos, até o momento estes se concentraram em estabelecer apenas o que de não ficção existe em sua obra ficcional, e quase nunca o contrário. Embora as estratégias inovadoras dos romances woolfianos já tenham sido largamente exploradas, a dimensão narrativa ou até mesmo ficcional de sua não ficção permanece, assim, obscurecida. O uso do diário como importante suporte para a criação dos romances e contos de Woolf já foi observado; mas o mesmo não se pode dizer das similitudes entre os aspectos narrativos presentes no diário e nos textos de ficção, nem tampouco o modo como *as demais obras* woolfianas o iluminam.

Dessa maneira, o diário pode ser lido também como o que chamo de *forma-cruzamento* entre os diversos textos de Woolf. E o que se vê, ao longo de suas centenas de páginas, não é o retrato consolidado de uma única Virginia Woolf que se vai formando aos poucos – aquela “humana”, unívoca, que se esperaria encontrar –, e sim o registro de uma metamorfose. Mais que como autorretrato, “o diário de Woolf funciona como um sismógrafo espiritual que registra, com extraordinária sutileza, as alterações da alma volúvel”¹⁴. Algo bastante apropriado, aliás, a uma autora que em seus textos colocou em xeque justamente a noção de solidez do sujeito e do discurso, que ela percebe como variados e inconstantes. Tal característica originou nela uma escrita que transcorre não em planos e retas, mas, como já dissemos, nos cruzamentos entre as categorias, cujo traço mais aparente é o hibridismo de gêneros (romances que podem ser lidos como biografias, ensaios que podem ser lidos como romances, diários que podem ser lidos como ensaios ou como contos ou como romances).

Neste sentido, cumpre notar ainda outra interseção basilar em Woolf – aquela entre subjetividade e exterioridade. Graças aos valiosos estudos levados a cabo pelo campo da crítica feminista desde os anos 1970, o envolvimento de Woolf com as questões políticas de seu tempo é hoje reconhecido – sua participação na reivindicação do sufrágio feminino em 1910 e seu pacifismo são

¹⁴ GIORDANO, 2011: 131.

exemplos. A consequência foi o surgimento de novos olhares sobre sua obra, observando como esta foi influenciada pelos debates de sua época e apontando como não se pode mais enxergar sua literatura como encastelada em uma espécie de investigação puramente individual e subjetivista. A obra woolfiana, ao contrário, tece-se em uma *contínua negociação entre o âmbito íntimo particular e o sócio-histórico*¹⁵. Destarte, não é possível confiná-la exclusivamente nem ao plano da estética, nem ao plano da política (incluindo-se aí o feminismo), uma vez que ela se constrói na *confluência* das diferentes relações entre ambos. Posicionar na sua obra a preocupação estético-literária acima ou abaixo da histórico-política é, por conseguinte, problemático, pois implica a existência de uma separação distinta entre ambas na sua literatura – coisa que não se verifica.¹⁶ O processo de desvincular Woolf do âmbito do puramente íntimo ou particular trouxe consigo, portanto, renovadas leituras – como a do feminismo woolfiano, que já não pode mais ser visto como “latente” ou “sugerido” em seus textos, mas como algo que se expressa *na própria estrutura* destes. Sua escrita, repleta de pausas, pontos-e-vírgulas, de silêncios, de afirmares e desdizeres em seguida, já aponta para uma reconstrução da forma literária masculina inglesa herdada do século XIX e a contestação de uma posição de autoridade narrativa categórica.

Tais aspectos adquirem ainda maior relevância quando se tem em mente que, como membro do grupo modernista Bloomsbury,¹⁷ Woolf ocupava um ponto de vista privilegiado, no centro da produção literária da Inglaterra de sua época – e não apenas como escritora, mas também como fomentadora. As atividades da Hogarth Press contribuíram para aprofundar a circulação de concepções artísticas e ideias que, de outro modo, dificilmente encontrariam canal de

¹⁵ Isso torna-se mais notório no seu último romance, *Entre os atos* (1941), na peça sobre a história da Inglaterra encenada pelo vilarejo, embora já esteja presente desde *A Voyage Out* (1915). Note-se que, pouco antes de sua morte, Woolf vinha escrevendo uma espécie de história da literatura inglesa com o título provisório de *Notes for Reading at Random*.

¹⁶ SNAITH, 2001.

¹⁷ Grupo formado por intelectuais, escritores e artistas de Londres da primeira metade do século XX. Não era um movimento, não tinha manifesto e não se tratava de um partido político (embora não se possa dizer que não tinha política). Entre seus membros mais notórios estavam Virginia e Leonard Woolf, T.S. Eliot, E.M. Forster, Roger Fry, J. Maynard Keynes, Lytton Strachey, Vanessa Bell, Clive Bell e Vita Sackville-West. O grupo exerceu grande influência no pensamento sobre estética, literatura, artes, crítica, economia e história política, e promoveu mudanças de paradigmas em relação a questões como feminismo, pacifismo e sexualidade.

difusão,¹⁸ e, do ponto de vista pessoal, Woolf se viu envolvida até o fim da vida em diversas organizações, como os Omega Workshops de Roger Fry na década de 1910, a Women's Co-operative Guild e o Women's Institute de Rodmell. “Com a morte de Virginia Woolf, rompeu-se todo um eixo cultural”, afirmou T. S. Eliot.¹⁹

Dessa maneira, com variadas gradações, maiores ou menores, Virginia Woolf pode ser vista tanto como uma autora preocupada com a representação da interioridade subjetiva e os processos de construção de identidade, quanto como uma escritora que observou os debates sociais de seu tempo e cuja obra foi informada por questões relacionadas, principalmente, a violência e guerra, gênero e história. Embora não seja possível falar em método em Woolf, isso estabeleceu alguns motores que orientaram sua busca contínua pela possibilidade de representação, com suas diversas implicações artísticas, políticas e éticas. Tal ponto de vista, sustentado pelas interseções e hibridismos encarados como *estratégia intrínseca* aos textos da autora, e evidenciados no diário pela sua peculiar forma-cruzamento, amplia o escopo analítico da obra de Virginia Woolf – não raro ainda hoje considerada ou quase que somente em seu caráter formalista estético, calcado na ruptura e no experimentalismo, ou centrada majoritariamente em sua disposição feminista.

¹⁸ Leonard Woolf afirmava que um dos principais motivos para fundarem a Hogarth foi o desejo de publicar livros que, pela sua ausência de apelo comercial, teriam poucas chances de serem aceitos nas grandes editoras.

¹⁹ ELIOT, 1941.

1 “I daresay there’s a little book in them”

O diário de Virginia Woolf como forma-cruzamento

Alguma vez escrevo, mesmo aqui, para o meu próprio olhar?

Se não, para o olhar de quem?

17 ago. 1937

We’ve looked for a long time admiringly at her novels because they were experimental, they uncovered new methods and ways of doing things, but I think it is possible that in the long run it may be that her diaries and letters are what we’ll most value. They have a texture to them.

Frances Spalding, *The Mind and Times of Virginia Woolf*, 2003 (documentário)

Vistos de modo mais corrente como registro fiel da vida e da subjetividade de quem os escreve, até recentemente os diários enquanto forma literária, principalmente os diários de escritores, encontravam-se acorrentados a um regime do confessional ou da sinceridade absoluta, como se fossem um terreno de transparência, em grande parte graças ao peso do gênero. Então, em troca do suposto privilégio de “dizer a verdade”, era como se tivessem de suportar o safanão que os apartava da literatura e os colocava na categoria de obras subsidiárias – válidas não tanto por si, mas para iluminar outras. Alan Pauls bem o resume em sua tese sobre o assunto: “Para que o diário diga a verdade, é preciso expulsá-lo da literatura”.²⁰ Não é difícil, entretanto, encontrar sinais de elaboração textual com que em seus diários os escritores tentaram passar uma rasteira nesse suposto “regime da sinceridade” (com todos os valores que vêm a reboque com ele: espontaneidade, transparência, verdade), em especial a partir do século XX.

Talvez os mais interessantes sejam exatamente aqueles que, com maior ênfase, recusaram-se a aceitar o procedimento que vincula o diário à vida e o desvincula da literatura. Ernst Jünger reescreveu seu diário antes de publicá-lo. Lúcio Cardoso preparou parte de seu diário para edição, e só não concluiu o

²⁰ PAULS, 1996: 7. Trad. minha.

restante porque foi impedido por um derrame cerebral. Katherine Mansfield escrevia distintas versões de uma mesma anotação, às vezes na mesma página. À maneira de um palimpsesto, Woolf ocasionalmente colava passagens reescritas, elaboradas tempos depois, sobre as originais. Diante de constatações como essas, a forma tradicional de analisar diários aos poucos caiu por terra. Os novos rumos da crítica, que incluíram perspectivas diferentes sobre as chamadas escritas de si e suas interseções com outros gêneros, questionam e desafiam cada vez mais os limites do que comumente se via como literário.

No caso de Virginia Woolf, apesar da profusão de estudos a seu respeito e do interesse contemporâneo crescente pelas escritas de si, seu diário ainda é raramente estudado como texto literário ou obra autônoma. O mais usual são as abordagens que se dedicam a utilizá-lo como suporte – ou como fonte secundária para a análise de seus romances, ou como fonte de informações biográficas, ou ainda, mais recentemente, como o material bruto de onde teria emergido a sua “verdadeira arte”.²¹ Conquanto todos esses tratamentos tenham a sua validade, posto que afinal de contas trata-se de um texto híbrido (como aliás, naturalmente, são as escritas do eu), acredito que as interferências editoriais sofridas em seu diário tenham contribuído para acentuar tal recepção crítica e obliterar o fato de que, importantemente, trata-se de um texto que *em si* também possui valor literário – e que foi, de muitas maneiras, construído conscientemente como tal. O diário também evidencia a relação existente entre os âmbitos íntimo e social, interno e externo, nas criações literárias woolfianas, ao trazer à frente os modos como sua vida e observações pessoais eram utilizadas como material criativo. Aqui cumpre observar que, embora o conhecimento autobiográfico seja desnecessário para a apreciação da obra de Woolf (ou de qualquer escritor), certamente oferece uma densidade maior de associação – afinal, não há problema teórico que não envolva de algum modo a

²¹ Com poucas exceções, as análises que se debruçam sobre o diário de Woolf enquanto obra literária resumem-se a textos de pequeno ou médio porte inseridos em coletâneas que tratam de outro tema mais amplo, como diários modernistas, diários de mulheres etc. Podnieks afirma com todas as letras que, ao contrário do diário de Anaïs Nin, o de Woolf até recentemente era “ignorado como obra literária” (PODNIKS, 2000: 52), enquanto Drew Shannon comenta como raramente “ele é considerado ‘um texto próprio’”, mas “praticamente todo estudioso de Woolf se volta aos diários como auxílio para discutir a ‘verdadeira obra’ dela – os livros de ficção e não ficção cuja publicação ela supervisionou em vida – e os vasculham em busca de detalhes sobre sua gênese, composição e produção” (SHANNON, 2007: 10).

biografia dos envolvidos.²² Ademais, o diário configura um espaço de conflitos e confluências entre criação artística e fala política (em especial a partir da década de 1930) que se estabeleceu, desde o início, como um terreno de experimentação semiprivada e de construção de vozes e subjetividades que se movimentam e se modificam por meio das percepções e da convergência com a linguagem.

Tais aspectos serão discutidos no presente capítulo, que considera a forma peculiar que o diário woolfiano vai adquirindo ao longo dos anos: ou seja, seu caráter de local por excelência de interseções – não só entre categorias, mas também entre textos –, e que denomino *de forma-cruzamento*. Se o diário de Virginia Woolf alimentava outras de suas obras (contos, romances, cartas, biografias, memórias), era também alimentado por elas num movimento duplo – e não como se convencionou estudá-lo, em um movimento de mão única, que o levou a ser visto prioritariamente como obra suplementar. É dessa maneira que o diário de Woolf configura um espaço privilegiado de inter e autotextualidade numa obra que, como um todo, já é fortemente marcada por essa característica.

Especificamente na modernidade verifica-se uma ênfase na escrita intertextual, calcada na constante reescrita de textos, na apropriação de fragmentos e no recurso ao *mise en abyme* (narrativas dentro de narrativas). Entretanto, obviamente a intertextualidade é algo que não se limita à época moderna: inerente ao sistema literário, ela é a própria condição de legibilidade deste. Uma vez que ler um texto pressupõe competência na decifração da linguagem, o que só pode ser obtido com a prática de leitura anterior de diversos textos, é impossível se pensar qualquer obra fora de uma rede de discursos e de obras: “Fora da intertextualidade a obra literária seria [...] incompreensível, tal como a palavra duma língua ainda desconhecida”.²³ Assim é que qualquer texto remete implicitamente a outros – o que condiciona não apenas o uso do código literário, mas também sua constituição formal,²⁴ posto que a remissão ocorre em variados graus, desde a citação e a montagem até a imitação e a paródia. A

²² Ver discussão de NASCIMENTO, 2004.

²³ JENNY, 1979: 6.

²⁴ O problema é delimitar o grau de explicitação da intertextualidade nas obras, e se o fato intertextual advém do uso do próprio código ou da matéria mesma das obras. Ver JENNY, 1979: 6.

autotextualidade, por sua vez, refere-se à intertextualidade que se dá entre os textos de um mesmo autor por meio de reescrituras, num processo constante de referência. O autotexto seria, assim, uma espécie de “reduplicação interna” da obra, no todo ou em parte, dentro do sistema das “relações possíveis de um texto consigo mesmo”.²⁵

Tanto a auto quanto a intertextualidade suscitam reflexões específicas enquanto estratégias narrativas modernas, pois integram a criação de autores tão diferentes quanto Joyce e Proust. Ao colocarem a nu o código artístico e trazê-lo para o plano frontal, esses processos puseram em questão a ideia de criação “original”, isenta e sem artifício – de “palavras desabitadas”.²⁶ É importante notar que essa repetição ou citação não ocorre de modo mecânico, pois traz em si a capacidade de alteração de si mesma. Qualquer marca, por conseguinte, carrega o germe de, por meio da citação, fugir de contextos anteriores e originar uma multiplicidade de novos contextos, algo a que Derrida chamou de *iterabilidade*.²⁷ Para o filósofo argelino, a exterioridade dos signos escritos ameaça a restauração de sua origem, já que eles podem funcionar com sentidos inesperados em contextos diferentes daquele em que foram produzidos. Desta maneira, o fato de o signo se repetir e nessa repetição forçosamente ser alterado (se não em sua forma, então pelo deslocamento a novos contextos), conecta repetição e alteridade. Isso ocorre mesmo diante da ausência de seu referente – Derrida afirma que a estrutura da iteração implica ao mesmo tempo identidade e diferença.

Pode-se dizer, assim, que a repetição “exerce *uma função crítica* sobre a forma”.²⁸ A ênfase na inter e na autotextualidade observada na época moderna traz à frente, portanto, a noção de que inexiste discurso original (ao menos não

²⁵ DALLENBACH, 1979: 52.

²⁶ No limite, isso acabou levando ao questionamento da própria possibilidade de narrativa, algo que se veria com mais intensidade a partir dos anos 1930. A ênfase na metanarrativa paradoxalmente já trazia em si sua própria crise. Levado ao extremo, o questionamento da capacidade de narrar – seja desconstruindo a linguagem e os elementos formais da obra, seja questionando em espiral a própria ideia de obra – significa abraçar o silêncio, render-se ao niilismo e à impossibilidade de expressão artística. Tal sinuca na época moderna, especialmente no final do modernismo, abriu espaço para as estratégias artísticas da contemporaneidade (ou dita pós-modernidade), em grande medida calcadas, como diz Hal Foster, num “retorno do real” depois do dismantelamento da representação formal ocorrido na modernidade. (FOSTER, 2014.) Mas isso está fora da perspectiva deste estudo.

²⁷ Para mais, ver DERRIDA, 1982: 321.

²⁸ JENNY, 1979: 44, grifo meu.

para além do ponto de vista metafísico), e de que a subjetividade, incluindo-se a artística, encontra-se limitada por um mundo de discursos e contextos que se repetem e se modificam, lançando para o lado a noção de hierarquização ou centro.²⁹

Esta é uma das chaves possíveis para se interpretar o processo de autotextualidade em Virginia Woolf. Por exemplo, a imagem woolfiana da romancista-pescadora, que se tornou mais conhecida pelo ensaio “Profissões para mulheres”, pode ser desdobrada em outras anteriores, mostrando como o tema da criação como alternância entre interioridade e exterioridade, ou consciência e inconsciência, era uma constante para Woolf – que o representa quase sempre por meio de reflexos entre superfície e profundidade.

O ensaio é a versão reduzida de uma palestra homônima que ela ofereceu em 21 de janeiro de 1931 e só foi publicado postumamente, em *The Death of the Moth and Other Essays* (1942). Na véspera da palestra, Woolf escreveu em seu diário: “Neste momento, enquanto tomava banho, concebi um novo livro por inteiro – uma sequência para *A Room of One’s Own* – sobre a vida sexual das mulheres: a ser chamado talvez de *Profissões para mulheres* – Deus meu, que empolgante!” (20 jan. 1931). Mais de um ano e meio depois, em 11 de outubro de 1932, ela começa a escrever *The Pargiters: A Novel-Essay based upon a paper read to the London/National Society for Women’s Service*, com a intenção de criar uma nova forma literária, combinando as formas romance e ensaio. *The Pargiters* acabou despiando-se de sua porção ensaística, tornou-se o romance *The Years* e foi publicado em 1937. O livro que de fato tornou-se a continuação de *A Room of One’s Own* foi *Three Guineas* (1938) – cujo primeiro título de trabalho era mesmo *Profissões para Mulheres*.³⁰

No ensaio “Profissões para mulheres”, a imagem da romancista-pescadora é utilizada para tratar da resistência do socialmente aceitável que

²⁹ Existe uma passagem do diário de Woolf que exemplifica esse pensamento. “Uma vida de verdade não tem uma crise: por conseguinte, nada que a unifique. Deve-lhe faltar um centro. Mesmo assim, ela deve perambular. Um desses dias talvez eu teça um padrão bastante espesso, com esse padrão de detalhes.” (1 nov. 1940)

³⁰ Para mais detalhes a respeito do processo de escrita de *The Years/The Pargiters*, ver Mitchell Leaska na introdução de *The Pargiters* e o ensaio de Hoffmann, “Virginia Woolf’s Manuscript Revisions of ‘The Years.’” HOFFMAN, 1969: 79–89.

impedia as mulheres de discursarem “sobre o corpo, sobre as paixões” – ou seja, é usada para abordar daquilo que, como mulheres, “era impróprio dizer”.

Quero que vocês imaginem uma moça sentada com uma caneta na mão, passando minutos, na verdade horas, sem molhar a pena no tinteiro. Quando penso nessa moça, a imagem que me ocorre é alguém pescando, em devaneios à beira de um lago fundo, com um caniço na mão. Ela deixava a imaginação vaguear livre por todas as pedras e fendas do mundo submerso nas profundezas de nosso ser inconsciente. Então vem a experiência, a experiência que creio ser muito mais comum com as mulheres do que com os homens que escrevem. A linha correu pelos dedos da moça. Um tranco puxou a imaginação. Ela tinha sondado as poças, as funduras, as sombras onde ficam os peixes maiores. E então bateu em alguma coisa. Foi uma pancada forte. Espumarada, tumulto. A imaginação tinha colidido numa coisa dura. A moça foi despertada do sonho. E de fato ficou na mais viva angústia e aflição. Falando sem metáforas, ela pensou numa coisa, uma coisa sobre o corpo, sobre as paixões, que para ela, como mulher, era impróprio dizer. (...) Não podia mais escrever. O transe tinha acabado.³¹

Antes de ganhar contornos mais exteriores, contudo, essa representação começa a ser elaborada anos antes, a partir de reflexões suscitadas em seu diário. Neste caso, o movimento começa dos textos mais interiores para os mais exteriores, mas por vezes volta destes novamente ao discurso mais íntimo do diário ou das cartas.

Provavelmente a primeira vez em que na obra de Woolf aparece a metáfora da pesca nas profundezas insondáveis de si mesma como estratégia de criação seja em uma entrada de seu diário em 1925, enquanto ela concluía *Mrs. Dalloway*. Aí, a pesca se dá não com um “caniço”, mas com um “fiozinho”, e nesse caso, ao contrário do que ocorre em “Profissões para mulheres”, ela consegue trazer os tesouros para a superfície, o que lhe provoca grande alegria. Não parece haver colisões ou restrições impeditivas; nenhuma “coisa dura” angustiante com que topar: sua única limitação parece ser a dificuldade de a mão acompanhar a velocidade de seu cérebro.

³¹ WOOLF, 2012: 16.

Felicidade é ter um fiozinho onde as coisas podem se prender. Por exemplo, ir à minha modista na Judd Street, ou melhor, pensar num vestido que gostaria que ela fizesse & imaginá-lo pronto – este é o fio, como se fosse mergulhado de leve numa onda de tesouros e ao ser puxado de volta trouxesse pérolas. (...) Uma coisa a considerar em meu estado de espírito agora, que me parece indisputável, é que finalmente perfurei o meu próprio poço, & não consigo escrevinhar com rapidez o bastante para trazer tudo até a superfície. (20 abr. 1925)

No próprio *Mrs. Dalloway* existem imagens de mergulho como sugestão de encontro com alguma espécie de essência individual, que corre submersa à vida exterior – como por exemplo na abertura do romance, quando para justapor a realidade física àquela de suas lembranças e desejos, Clarissa Dalloway comenta: “Que mergulho!”. No romance, entretanto, o mergulho já começa a ser visto não apenas como uma alegria, e sim também como algo capaz de trazer surpresas alarmantes ou inesperadas. Assim, quando em seguida Clarissa abre as portas e “mergulha” lá fora, tem a sensação de que alguma coisa terrível está prestes a acontecer. Esse trecho alude não só ao horror da guerra e à ideia da perda de sua própria juventude como também serve como uma espécie de prenúncio do mergulho suicida de Septimus, seu duplo, sugerindo que existem riscos em buscar fundo demais nesse mundo interior, indefinido, sombrio. Woolf cria aí quase uma imagem de Ícaro ao contrário, em que a húbris de ascender demais é invertida naquela de submergir em demasia. Daí que, quando Clarissa recebe a notícia da morte do jovem na festa, ela se pergunte de modo ambivalente: “Mas este rapaz que se suicidara – teria ele mergulhado com seu tesouro?”

Um ano depois, escrevendo *Ao farol* em 1926, o movimento pende mais uma vez à interioridade: ela volta ao diário e a imagem se complexifica, versando com clareza de detalhes sobre um “poço interior”.

Mas se eu desejo evitar essas tristezas é sempre uma questão. Em parte, elas resultam de se ter liberdade, & possuem um interesse psicológico que não existe no estado normal de trabalho & desfrute. *Essas 9 semanas nos fazem mergulhar em águas profundas; o que é*

um pouco alarmante, mas de enorme interesse. O resto do ano passamos (ousa dizer com justiça) restringindo & controlando essa imensurável & estranha alma. Quando ela se expande, apesar de ficarmos amedrontados & entediados & melancólicos, é, como digo a mim mesma, terrivelmente estranho. Nisso há uma vantagem que sinto ter grande importância, de quando em vez. Afundamos até o poço & nada nos protege do assalto da verdade. Lá embaixo eu não consigo escrever ou ler; & contudo existo. Eu sou. Daí me pergunto, o que sou eu? (26 set. 1926) ³²

Woolf trata agora o fundo do poço como o lugar do “assalto da verdade” – algo que é “alarmante”, mas ao mesmo tempo revela-se “uma vantagem”. No fundo do poço, sua identidade se dilui ao ponto de ela não saber mais quem é: e o fato de continuar existindo, mesmo sem poder escrever e ler – algo que ela associava profundamente à existência de si mesma³³ –, lhe traz ao mesmo tempo perplexidade e soltura, pois liberta “essa imensurável & estranha alma”. Vê-se que, nessa passagem, desaparece a noção de risco do mergulho e subsiste apenas a estranheza.

A mesma convivência entre superfície e profundidade mental vai aparecer agora em um discurso externo – um conto de 1929, “O fascínio do poço”. Tal como se veria dois anos depois em “Profissões”, agora ela virá também tingida do conflito entre a mente e o corpo. Os pensamentos desgarram-se fisicamente de seus donos e vagam com liberdade por “águas comuns a todos”. É interessante notar que essa noção de reflexões compartilhadas, de identidade dissolvida, aliás, está implícita desde o início do processo que Woolf desenvolve para representar o fluxo de consciência – algo que será discutido mais à frente.

Não se sabe bem o quê, mas os poços exercem um curioso fascínio – as letras pretas e vermelhas e o branco papel pareciam realmente jazer na superfície, *ao passo que por baixo seguia uma profunda vida subaquática semelhante ao ruminar, ao remoar da mente. (...) O*

³² O período de nove semanas a que ela se refere é o período do verão, que ela e Leonard costumavam passar em sua casa de campo, Monk's House. Os grifos são meus.

³³ Como se vê em passagens como a de 25 de setembro de 1939: “Mas se não se consegue mais escrever (...) é melhor se matar. (...) Esse é o desespero que me toma.” Ou, em 9 de junho de 1940: “Uma sensação curiosa, de que o ‘eu’ que escreve desapareceu. Nenhum público. Nenhum eco. Isso é em parte a morte de alguém.”

encanto do poço é que os pensamentos tinham sido ali deixados por pessoas que partiram para longe e, sem seus corpos, tais pensamentos vagavam livremente, amistosos e comunicativos, para dentro e para fora das águas comuns a todos.³⁴

Se em “Profissões” o poço seria um local onde se pode pescar tesouros inesperados do inconsciente, ele é desdobrado nesse conto como um lugar onde é possível enxergar “através dos reflexos, através das faces, através das vozes, até o fundo em si mesmo”. Entretanto, assim como a pesca da romancista, esse mergulho livre dura pouco. Aqui também encontramos um obstáculo.

Embora haja momentos em que uma concha se mostra a ponto de suspender todos nós à luz do dia, com nossos pensamentos e anseios e indagações e confissões e decepções, de algum modo a concha deixa alguma coisa escapar e uma vez mais nós escorremos de volta pela beira do poço. E uma vez mais todo o seu centro é coberto pelo reflexo do cartaz que anuncia a venda da Fazenda e Moinho Romford. É por isso talvez que gostamos de nos sentar para contemplar os poços.³⁵

Diferentemente de em “Profissões”, em que Woolf usa o vago termo “alguma coisa”, nesse conto o “algo” ganha nome: trata-se de uma concha, uma imagem feminina e sexual que não se pode passar despercebida. Embora ela tenha a capacidade de nos “suspender à luz do dia”, isso falha... e, assim, voltamos a escapulir das profundezas de nós mesmos e ascendemos à superfície. Tal suspensão de si (um reflexo daquela da pesca) só seria completa se trouxéssemos conosco os “nossos pensamentos e anseios e indagações e confissões e decepções” que se encontram submersos, porém isso não ocorre. “De algum modo” algo nos restringe mais uma vez, e fica implícito que é com mãos quase vazias que voltamos. Aqui, o mergulho do Ícaro ao contrário nunca é plenamente alcançado.

³⁴ WOOLF, 2005: 323, grifo meu.

³⁵ Ibid, p. 325.

O movimento volta-se mais uma vez a uma narrativa mais íntima, e, em uma carta a Ethel Smyth de 1930, Woolf retoma a mesma ideia de pescar nas profundezas do inconsciente para escrever.

Acendo um cigarro, apoio minha tábua de escrever sobre os joelhos, e me deixo afundar, como um mergulhador, e com todo o cuidado, na última frase que escrevi ontem. Então, quem sabe depois de 20 minutos, talvez mais, vejo uma luz nas profundezas do mar, e me aproximo furtivamente – pois as frases que escrevemos não passam de aproximações, uma rede que se atira sobre alguma pérola marinha que corre o risco de desaparecer. (L4, 223, trad. minha).

Aqui também os tesouros que se apanha não são potencialmente alarmantes, mas frágeis – “correm o risco de desaparecer”. Para evitá-lo, é preciso empregar alguma estratégia nesse processo, ou, em suas palavras, abordar tais pérolas furtivamente.

Vê-se que, em todas essas diferentes representações das mesmas imagens relacionadas, existe o delinear de uma espécie de estratagema de criação na qual não há oposição binária entre interior e exterior: apesar de separados, eles se fundem no meio líquido das águas profundas, que ao mesmo tempo refletem o que está fora e deixam entrever o que está dentro, *em imagens sobrepostas*. Embora essas imagens possam se alternar na temporalidade, fazendo com que ora vejamos uma ou a outra, seus limites diferenciais não são claros, algo típico dos cruzamentos de Woolf. O que fica claro, entretanto, é que as profundezas guardam a potencialidade sombreada do encontro (que se mostra a um só tempo empolgante e assustadora) com o inesperado que habita cada indivíduo, da interseção dele consigo mesmo. Porém, até mesmo esse inesperado pode escapar dos limites da fisicalidade de cada pessoa – da subjetividade individual – e vagar *por entre* indivíduos, dissolvido, desgarrado, tal como sugere o conto “O fascínio do poço”.

Esse contínuo escapar woolfiano das oposições binárias problematiza um movimento que reverbera nos níveis tanto de significantes quanto de significados dos textos de Woolf. Não se trata de uma mera coexistência de opostos, de binômios cujos componentes se completam ou mesmo disputam a proeminência, mas antes de um procedimento baseado não na alternância (no

“ou”), e sim na combinação, no “e” – ou no que Derrida chama de *differánc*e. Trata-se de uma diferença, se quisermos nos apropriar de uma imagem woolfiana, aquosa, “sem oposição pontual entre os ‘diferentes’”³⁶. Conforme ele explica em seu ensaio homônimo:

A *differánc*e é o que faz com que o movimento da significação seja possível, apenas se cada elemento assim chamado “presente”, que aparece na cena da presença, relacione-se com outra coisa, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se fundir com a marca de sua relação com o elemento futuro (...).³⁷

A *différance* oferece ao mesmo tempo o “princípio de identidade e a rasura desse mesmo princípio. (...) A *identidade*, que apenas existe a partir da dobra da *différance*, vem do outro, pois não se concebe uma marca ou um traço sem relação, também não necessariamente opositiva, com outro traço ou marca”³⁸. Dessa maneira, a *différance* constitui um indecível derridiano, aquilo que, simplificada, é um e outro ao mesmo tempo. Não existe uma resposta única à pergunta “O que é?” quando se refere a eles. Em lugar de oposição, uma coisa sempre se relaciona de modo afirmativo com seu outro, quase que em alteridade absoluta. “Os indecíveis (...) só se deixam apreender em *rede*, no jogo de uma sintaxe articuladora de sentidos não lineares e não fixos, não se submetendo a decisões simples; ao contrário, exigindo a decisão no limite do impasse”. Eles escapam, dessa maneira, aos conceitos centralizadores da tradição do pensamento metafísico, que almejam uma “unidade ideal”, uma uniformização ou uma decisão simples entre polos opostos.³⁹

Trata-se de uma ambivalência ativa, portanto; seu movimento é contínuo, uma vez que se faz por meio da alteridade, do outro – como esse outro atua no mesmo, deixando seus rastros, seus vestígios, seus *reflexos*. Assim, a forma-cruzamento da obra de Woolf irrompe dessa abertura à diferença, à criação da possibilidade de interpretações diversas e concomitantes, ambivalentes se

³⁶ NASCIMENTO, 2015: 157.

³⁷ DERRIDA, *Differance. Márgenes de la filosofía*. Trad. Carmen González Marín. Madrid: Ediciones Cátedra, 1994, p. 48. Trad. livre minha.

³⁸ NASCIMENTO, 2015: 159. Grifo meu.

³⁹ Id., 2004: 39. Grifos do autor.

quisermos, em vez de conflitantes, opositivas e hierarquizadas. Como Deleuze tão bem sintetizou, “a única maneira de sair dos dualismos, estar-entre, passar entre, *intermezzo*, é o que Virginia Woolf viveu com todas suas forças, em toda sua obra, não parando de devir”.⁴⁰

Nesse sentido, outra forte imagem que se repete em textos woolfianos, relacionada ao mesmo tema da pescadora-romancista, é a das transições e esfumações entre luz, sombra e cor, e os desdobramentos simbólicos que estas adquiriram na sua literatura (tais como os contrastes entre força vital e morte, sublimidade e prosaísmo, ascensão e mergulho). Em termos da autotextualidade woolfiana, isso encontra exemplo notável com o eclipse solar total de 29 de junho de 1927, que foi momentoso para Woolf e deu origem a uma longa entrada de seu diário e ao ensaio “O sol e o peixe”. Mais de um crítico já analisou este eclipse sob a perspectiva estética-literária woolfiana⁴¹, entretanto ele foi um acontecimento importantíssimo também para a época. O jornal *The Times*, por exemplo, dedicou diversos artigos à expectativa desse evento astronômico que costuma oferecer uma chance incomum de observação da luz solar. Durante um breve período ela é subitamente interrompida sobre uma pequena parte da superfície da Terra: se em geral pode-se dizer que a luz solar está ou absolutamente presente ou absolutamente ausente, durante um eclipse essas condições deixam de ser absolutas.

O *Times* declarava que a sombra da Lua, a umbra, seria visível, e que tinha provocado fortes reações nos observadores em outros eclipses, já tendo sido “descrita como ‘antinatural’, ‘terrivelmente ameaçadora’ (...)”⁴² Seria o primeiro eclipse solar total visível na Inglaterra em duzentos anos, mas em Londres o mau tempo obscureceria o fenômeno por completo. Dessa maneira, trens especiais foram destinados a diversos pontos onde haveria visibilidade do eclipse no país, e Woolf, com alguns amigos e familiares, embarcou em um deles: ela foi uma das vinte mil pessoas que se reuniram para observar o fenômeno em Richmond, Yorkshire.

⁴⁰ DELEUZE e GUATTARI, 2012.

⁴¹ A esse respeito, ver o longo e interessantíssimo estudo de GOLDMAN (2001), em que ela discute essas leituras e oferece a sua sob o ponto de vista da crítica feminista e das relações estéticas de Woolf com o pós-impressionismo.

⁴² *The Times*, 28 de junho de 1927, p. 17, apud GOLDMAN, 2001: 28. Trad. minha.

Agora preciso fazer um esboço do Eclipse.

Por volta das 10 da noite de terça diversos trens muito compridos, devidamente lotados (o nosso de funcionários públicos), partiram de King's Cross. No nosso vagão estavam Vita & Harold, Quentin, L. & eu. Isto aqui deve ser Hatfield, falei. Estava fumando um charuto. Daí: Isto é Petersborough, L. disse. Antes de escurecer não parávamos de olhar para o céu: suave, lanoso; mas com uma estrela sobre o Alexandra Park. Olhe Vita, é o Alexandra Park, disse Harold. Os Nicolsons ficaram com sono: H. deitou a cabeça no joelho de V. Ela parecia a Safo de Leighton, adormecida; e assim mergulhamos nas Midlands; fizemos uma longuíssima parada em York. Então às 3 sacamos nossos sanduíches, & ao voltar do banheiro encontrei Harold todo sujo de creme de leite. Depois ele quebrou a caixa de sanduíche, que era de porcelana, e L. desatou a rir. Depois tiramos mais um cochilo, ou melhor os N. tiraram; depois veio uma passagem de nível onde havia uma longa fila de ônibus & carros, os faróis amarelos pálidos cintilando. O tempo começou a ficar cinzento – o céu ainda lanoso & sarapintado. Chegamos em Richmond por volta das 3.30: fazia frio, & os N. tiveram uma discussão, segundo Eddie por causa da bagagem de V. Seguimos de ônibus, vimos um enorme castelo (de quem será? disse Vita, que se interessa por Castelos). Aquele tinha acrescentado uma janela na fachada, & acho que havia uma luz acesa. Todos os campos estavam avermelhados com relva & plantas de borlas encarnadas, nenhuma ainda colorida, todas pálidas. Pálidas & cinzentas também eram as fazendinhas inabaláveis de Yorkshire. Ao passarmos por uma delas, o fazendeiro, a mulher & a irmã saíram, empertigados & bem vestidos, de preto, como se estivessem indo à igreja. Noutra casa de fazenda feia & quadrada, duas mulheres espiavam pelas janelas de cima. As persianas brancas estavam arriadas pela metade. Estávamos em uma fila de 3 ônibus grandes, um parava por vez para dar passagem aos outros dois; tudo muito lento & poderoso; subindo as colinas extremamente acidentadas. A certa altura o motorista desceu & colocou atrás da roda uma pedra pequena – inadequado. Teria sido natural um acidente. Havia também diversos carros, cuja quantidade aumentou subitamente à medida que íamos nos arrastando até o alto de Bardon Fell. Pessoas acampavam ao lado dos seus carros. Descemos & nos vimos em um local muito alto, uma charneca, alagadiça, com muitas urzes & taludes de alvo

para a caça de gansos. Trilhas gramadas se espalhavam aqui & ali, & as pessoas já tinham tomado suas posições. Portanto nos juntamos a elas, caminhando até o que parecia ser o ponto mais elevado de Richmond. Lá embaixo havia uma luz acesa. Os vales & charnecas se estendiam, colina após colina, à nossa volta. Parecia a região de Haworth. Mas, sobre Richmond, onde o sol estava nascendo, via-se uma nuvem suave, cinzenta. Graças a uma mancha dourada era possível saber onde estava o sol. Mas ainda era cedo. Tínhamos de esperar, batendo os pés para nos aquecer. Ray [*Strachey*] se enrolara em um cobertor de casal de listras azuis. Parecia incrivelmente vasta & dormitoriesca. Saxon parecia velhíssimo. Leonard não parava de olhar as horas. Quatro grandes perdigueiros ruivos vieram saltando pela charneca. Ovelhas pastavam às nossas costas. Vita, que tentara comprar um porquinho-da-índia – Quentin aconselhara um selvagem –, observava os animais de tempos em tempos. Na nuvem havia aberturas estreitas & um ou outro buraco completo. A questão era se o sol iria aparecer por entre uma nuvem ou por um daqueles ocos quando chegasse a hora. Começamos a ficar ansiosos. Vimos raios saindo por debaixo das nuvens. Então, por um instante vimos o sol, alastrando-se – parecia navegar muito veloz & era visível por uma abertura; sacamos nossos vidros fumê; vimos o sol em quarto crescente, vermelho fogo; no instante seguinte já tinha tornado a sumir depressa para dentro da nuvem; dela saíam apenas raios vermelhos; depois apenas uma luminosidade dourada, igual àquela que se costuma ver com frequência. Os momentos iam passando. Nós nos sentimos enganados; olhamos para as ovelhas; elas não demonstravam medo; os perdigueiros corriam em torno; todo mundo se organizara em longas filas, com um ar digno, atento. Parecíamos um povo muito antigo, pensei, no momento da criação do mundo – druidas em Stonehenge (porém essa ideia ficou mais vívida à primeira luz pálida). Às nossas costas viam-se grandes superfícies azuis na nuvem. Continuavam azuis. Mas agora a cor começava a desbotar. As nuvens iam empalidecendo; exibindo uma cor negra avermelhada. No fundo do vale via-se uma mistura extraordinária de vermelhos & negros; & aquela mesma luz solitária acesa; tudo eram nuvens lá embaixo, & muito bonito, tingido de um tom tão delicado. Não se via nada através da nuvem. Os 24 segundos iam passando. Então ao olhar de novo para o azul lá atrás, rapidamente, muito muito rapidamente, todas as cores desbotaram; o céu tornou-se mais & mais

escuro como no início de uma violenta tempestade; a luz diminuiu mais & mais: & repetimos sem parar, esta é a sombra; pensamos, agora acabou – esta é a sombra, quando subitamente toda a luz desapareceu. Despencamos. Extinguira-se. Não havia nenhuma cor. A terra morreria. Este foi o instante de estupefação: & o seguinte também, quando como se uma bola tivesse quicado a nuvem tornou a ganhar cores, não mais que um tom cintilante etéreo, & em seguida a luz voltou. Tive a sensação muito forte, quando a luz desapareceu, de uma grande medida; de algo que ia se ajoelhando, & lá de baixo & de súbito levantava-se com rapidez, quando as cores voltaram. E elas voltaram com leveza & beleza surpreendentes por cima do vale & das colinas – de início com uma luminosidade milagrosa, etérea, depois quase com normalidade, mas trazendo grande alívio. Era como um restabelecimento. Estivéramos muito pior do que havíamos imaginado. Tínhamos visto o mundo morto. Aquele era um poder exclusivo da natureza. A nossa grandeza tinha sido mera aparência, também. Agora voltáramos a ser Ray de cobertor, Saxon de boné &c. Sentimos um frio amargo. Eu diria que o frio aumentou quando a luz desapareceu. Sentimo-nos muito lívidos. E depois – só em 1999. O que restou foi a sensação de conforto com a qual se está acostumado, da abundância de luz & cor. Por algum tempo ela pareceu bem-vinda, é claro. Porém, quando se espalhou pelos campos, a saudade do alívio & respiro que sentimos depois da escuridão foi imensa. Como expressar a escuridão? Foi um mergulho súbito quando menos se espera: estar à mercê dos céus: a nossa própria nobreza: os druidas; Stonehenge; & os cães ruivos em disparada; tudo isso ficou no espírito. Impressionante, também, foi ser apanhado numa sala de estar em Londres & colocado nas charnecas primitivas da Inglaterra. No mais, eu me lembro de tentar ficar acordada nos jardins de York enquanto Eddy falava & de adormecer. E de adormecer novamente no trem. O tempo estava quente & nós alegres. O vagão cheio de coisas. Harold muito gentil & atencioso: Eddy rabugento. Rosbife & abacaxi em cubos, disse ele. Chegamos em casa umas 8.30. (30 jun. 1927).

O relato dessas observações foi escrito em seu diário um dia depois do evento, e reitera muitos aspectos do “horror” e do “espanto” diante da umbra que já tinham sido previstos pelo *Times*. Dessa maneira, não parece ser tão diferente assim das reações compartilhadas por muitas pessoas, ou antes, tão

individualizado. “Na verdade”, observa Jane Goldman, “é exatamente essa sensação de experiência dividida o que mais se sobressai em seu relato, o que não diminui a capacidade descritiva de Woolf nem a significância pessoal que o evento teve para ela, mas, ao contrário, sugere que tal significância reside justamente no fato de ter sido uma experiência coletiva.”⁴³ As percepções passam a ser representadas não como advindas de um “eu”, mas de um “nós”. Muito embora Woolf transmita sua reação pessoal no momento do eclipse, trata-se de um momento em que sua marca individual parece ficar esmaecida e se dissolver em meio ao comunal, em que não se percebem separações distintas entre os sujeitos: “Nós nos sentimos enganados”, “Despencamos”, “Estivéramos muito pior do que havíamos imaginado. Tínhamos visto o mundo morto”. Cumpre observar, contudo, que nem mesmo isso é absoluto, uma vez que depois do eclipse a coletividade desse “nós” separa-se uma vez mais em indivíduos isolados – Ray com o cobertor, Saxon de boné.

Apesar de Woolf aparentemente descrever o eclipse em termos de contrários – luz e trevas, vida e morte, rapidez e lentidão, altitude e depressão, ausência e profusão de cores, grandeza e insignificância, passado ancestral e futuro – o que se sugere é que nada aí é absoluto. A luz, a vida, ressurgem rapidamente depois do mergulho nas trevas, “como uma bola que quica”. As cores que desbotam voltam a ser intensas. O mundo morto torna a ganhar vida e normalidade. A grandeza se vai. Os espectadores que se transformaram de pessoas de 1927 para um povo da antiguidade ancestral, os druidas de Stonehenge, voltam a um presente da insignificância (“Agora voltáramos a ser Ray de cobertor, Saxon de boné”) e, então, se projetam para o futuro de 1999 (“E depois – só em 1999”) – movimento que reflete o conceito de *différance* exemplarmente.⁴⁴

Ainda, apesar das imagens que beiram o místico – “estar à mercê dos céus”, “luminosidade milagrosa, etérea”, “parecíamos um povo muito antigo, pensei, no momento da criação do mundo – druidas em Stonehenge” –, algo que chama a atenção nesse relato típico de cruzamentos woolfianos é a mistura desse sentimento de sublimidade com o prosaico, de modo que Woolf vivencia

⁴³ GOLDMAN, 2001: 29.

⁴⁴ Ver nota 36.

essas emoções fortes, mas não cede ao misticismo. Chega a ser irônico, por exemplo, o modo como a família de fazendeiros arruma-se como para ir à igreja a fim de testemunhar um acontecimento alardeado pela sua importância científica, como observa Jane Goldman. Woolf

não apenas transmite o esplendor de testemunhar o eclipse (...) e reconhece que um evento assim levava nossos ancestrais a explicações místicas e religiosas, como também se recusa a aceitar tais explicações. O triunfo que perpassa as declarações resumidas de Woolf surge do fato de ela passar pelo momento apocalíptico *sem contudo* sucumbir à superstição: “Aquele era um poder exclusivo da natureza. A nossa grandeza tinha sido mera aparência”.⁴⁵

O ensaio “O sol e o peixe”, de 1928, baseia-se nessa entrada do diário woolfiano e a transforma em algo estilizado. Pode ser dividido em três partes. A primeira inicia o “jogo divertido” (*an amusing game*) de livres associações. Importaneamente para o que estamos considerando, *Woolf sugere que é impossível pensar em qualquer coisa isoladamente, que cada coisa é sempre relacionada a outras por associações muitas vezes imprevistas*: “For a sight will only survive in the queer pool in which we deposit our memories if it has the good luck to ally itself with some other emotion by which it is preserved. Sights marry, incongruously, morganatically (like the Queen and the Camel), and so keep each other alive.”⁴⁶ É interessante notar que uma ideia semelhante se percebe em um ensaio posterior, “Craftmanship”, de 1937, em especial quanto à imagem de casamento morganático entre palavras ou imagens. Também, relevantemente, indica que para ela alguns dos múltiplos significados de um mesmo significante, na literatura, “permanecem submersos, sugeridos, não ditos; passando e fluindo uns nos outros como bambus no leito de um rio”, e que quando tentamos isolá-los, eles se tornam irrealis.

Words do not live in dictionaries; they live in the mind. (...) And how do they live in the mind? Variously and strangely, much as human beings live, by ranging hither and thither, by falling in love, and mating

⁴⁵ GOLDMAN, 2001: 36, grifo da autora. Trad. minha.

⁴⁶ WOOLF, 1950.

together. It is true that they are much less bound by ceremony and convention than we are. Royal words mate with commoners. English words marry French words, German words, Indian words, Negro words, if they have a fancy. (...) But they combine — they combine unconsciously together. The moment we single out and emphasize the suggestions as we have done here they become unreal; and we, too, become unreal — specialists, word mongers, phrase finders, not readers. In reading we have to allow the sunken meanings to remain sunken, suggested, not stated; lapsing and flowing into each other like reeds on the bed of a river.⁴⁷

Essa é a base para que se inicie a segunda parte do ensaio, que trata do eclipse narrado em seu diário. “Show me the eclipse, we say to the eye; let us see that strange spectacle again”. A última, por fim, traz suas impressões no zoológico de Londres diante dos tanques de peixes.

No ensaio, algumas passagens parecem replicar exatamente as imagens do diário – como esta, sobre os faróis dos carros: “Trains like ours were starting all over England at that very moment to see the dawn. All noses were pointing north. When for a moment we halted in the depths of the country, there were the pale yellow lights of motor cars also pointing north”.

Ou esta a seguir, que menciona as flores com borlas, as casas de fazenda, o fazendeiro e sua família que pareciam estar indo à igreja, as mulheres inclinadas na janela. Aí, entretanto, percebe-se que o que era pontual no diário, um acontecimento isolado – “Ao passarmos por uma delas, o fazendeiro, a mulher & a irmã saíram” – transforma-se na sugestão de algo recorrente, como se mais de um fazendeiro fizesse a mesma ação: Woolf transfere a coletividade do “nós” não só para o que vivencia enquanto sujeito, mas *também para o que ela observa como objeto*. “Now the farmhouse door would open, and out would step to join the procession the farmer (...)”.

Everything was very pale. The river was pale and the fields, brimming with grasses and tasselled flowers which should have been red, had no colour in them, but lay there whispering and waving round colourless farmhouses. Now the farmhouse door would open, and out

⁴⁷ WOOLF, 1942.

would step to join the procession the farmer and his family in their Sunday clothes, neat, dark and silent as if they were going up hill to church; or sometimes women merely leant on the window sills of the upper rooms watching the procession pass with amused contempt, it appeared – they have come such hundreds of miles, and for what? they seemed to say—in complete silence.

Percebe-se nitidamente o trabalho em cima do texto, a sua reescritura para outro formato. Existe maior elaboração de detalhes em meio à repetição, principalmente na descrição das cores vistas, como no primeiro trecho abaixo, e na profundidade das reflexões suscitadas (como no segundo e no terceiro). Os grifos são meus.

Meanwhile, the sun was rising. A cloud glowed as a white shade glows when the light is slowly turned up behind it. Golden wedge-shaped streamers fell from it and marked the trees in the valley green and the villages blue-brown. In the sky behind us there swam white islands in pale blue lakes. The sky was open and free there, but in front of us a soft snowbank had massed itself. Yet, as we looked, we saw it proving worn and thin in patches. The gold momentarily increased, melting the whiteness to a fiery gauze, and this grew frailer and frailer till, for one instant, we saw the sun in full splendour. Then there was a pause, a moment of suspense, like that which precedes a race. (...)

When in chill early morning we were turned out on a Yorkshire roadside, our senses had orientated themselves differently from usual. *We were no longer in the same relation to people, houses, and trees; we were related to the whole world.* We had come, not to lodge in the bedroom of an inn; we were come for a few hours of disembodied intercourse with the sky.

As the night wore on, the sky, *which was the object of so many million thoughts*, assumed greater substance and prominence than usual. The consciousness of the whitish soft canopy above us increased in weight as the hours passed. When in chill early morning we were turned out on a Yorkshire roadside, our senses had orientated themselves differently from usual. *We were no longer in the same relation to people, houses, and trees; we were related to the whole world. We had come, not to lodge in the bedroom of an inn; we were come for a few hours of disembodied intercourse with the sky.*

Tal como no diário, a ênfase está no “nós” coletivo e não no “eu” subjetivo, como se observa claramente em passagens como “Rather, perhaps, we had put off the little badges and signs of individuality”, ou “A crowd is gathered at a barrier; but how curious a crowd! (...) They have a provisional, extemporized look. They have that moving and disturbing unity which comes from the consciousness that they (but here it would be more proper to say “we”) have a purpose in common”. Permanece a imagem das pessoas presentes como um grupo ancestral, como em Stonehenge, muito embora a figura dos druidas e das pessoas isoladas (Ray, Strachey, Vita, Leonard), que estava presente na entrada do diário, desapareça: “We (...) had the look of statues standing prominent on the ridge of the world. We were very, very old; we were men and women of the primeval world come to salute the dawn. So the worshippers at Stonehenge must have looked among tussocks of grass and boulders of rock”. Essa mesma imagem reapareceria muitos anos depois no final do último romance de Woolf, *Entre os atos*, em um trecho que além disso evoca as descrições que Woolf fizera do eclipse no diário e no ensaio – como a ausência de cor e a audiência observando um espetáculo astronômico do alto dos rochedos: “(...) a janela (...) se abria toda para um céu incolor. A casa já não servia de abrigo. A noite era a mesma que existira antes de se construírem estradas ou casas. Era a noite que os moradores das cavernas contemplavam de algum penhasco, entre os rochedos”.⁴⁸

Diferentemente da entrada do diário, em que pessoas e paisagem encontravam-se dissociados, no ensaio a ideia de inseparabilidade – que já estava presente nas pessoas vistas como um uno – estende-se também para uma *interconexão entre seres e natureza*, como sugere a imagem das pessoas de pedra acima, ou como nesta, de colinas com membros: “a high fell where the hills stretched their limbs out over the flowing brown moorland below”. E, ainda, na afirmação de que todas as pessoas estavam relacionadas ao mundo inteiro (lembrando que em inglês a palavra *related* sugere também *parentesco*): “We were no longer in the same relation to people, houses, and trees; we were related to the whole world”.

Ainda, relevantemente, o sol se torna personificado – mais que isso, transforma-se num ator aguardado com expectativa, cuja presença na verdade

⁴⁸ WOOLF, 1981: 75.

seria uma *onipresença*, semelhante àquela divina: “We had an odd sense of keeping an appointment with an actor of such vast proportions that he would come silently and be everywhere”. O texto apresenta o sol não como “it”, mas como “he” – um deus-sol.

The sun had to race through the clouds and to reach the goal, which was a thin transparency to the right, before the sacred seconds were up. He started. The clouds flung every obstacle in his way. They clung, they impeded. He dashed through them. He could be felt, flashing and flying when he was invisible. His speed was tremendous. Here he was out and bright; now he was under and lost. But always one felt him flying and thrusting through the murk to his goal. For one second he emerged and showed himself to us through our glasses, a hollowed sun, a crescent sun. Finally, he went under for his last effort. Now he was completely blotted out. The moments passed. Watches were held in hand after hand. The sacred twenty-four seconds were begun. Unless he could win through before the last one was over, he was lost. Still one felt him tearing and racing behind the clouds to win free; but the clouds held him. They spread; they thickened; they slackened; they muffled his speed. Of the twenty-four seconds only five remained, and still he was obscured. And, as the fatal seconds passed, and we realized that the sun was being defeated, had now, indeed, lost the race, all the colour began to go from the moor. The blue turned to purple; the white became livid as at the approach of a violent but windless storm. Pink faces went green, and it became colder than ever. This was the defeat of the sun, then, and this was all, so we thought, turning in disappointment from the dull cloud blanket in front of us to the moors behind. They were livid, they were purple; but suddenly one became aware that something more was about to happen; something unexpected, awful, unavoidable. The shadow growing darker and darker over the moor was like the heeling over of a boat, which, instead of righting itself at the critical moment, turns a little further and then a little further on its side; and suddenly capsizes. So the light turned and heeled over and went out. This was the end. The flesh and blood of the world was dead; only the skeleton was left. It hung beneath us, a frail shell; brown; dead; withered. Then, with some trifling movement, this profound obeisance of the light, this stooping down and abasement of all splendour was over. Lightly, on the other side of the world, up it

rose; it sprang up as if the one movement, after a second's tremendous pause, completed the other, and the light which had died here rose again elsewhere.

Importante notar que, apesar de toda a sua divindade implícita, o astro-rei empreende uma emocionante corrida de 24 segundos de duração que havia sido prevista e calculada com precisão e detalhes por astrônomos. O que não deixa de ser irônico: além de isso dramatizar o momento do eclipse, traz à tona, uma vez mais, a sugestão de religiosidade ancestral sendo superada pela razão científica. Contudo, à maneira woolfiana de fugir das categorias definidas, nem mesmo essa derrota chega a ser absoluta, pois algo do sentimento místico de união maior e de submissão a algo maior que os indivíduos ainda resiste nas pessoas. A conclusão de que o mundo que nos sustenta é uma “folha morta” evidencia, no ensaio, a ideia maior presente ao final da entrada do diário de que “aquele era um poder exclusivo da natureza. Nossa grandeza tinha sido aparência”.

The world became more and more solid; it became populous; it became a place where an infinite number of farmhouses, of villages, of railway lines have lodgement; until the whole fabric of civilization was modelled and moulded. But still the memory endured that the earth we stand on is made of colour; colour can be blown out; and then we stand on a dead leaf; and we who tread the earth securely now have seen it dead.

Tal imagem da morte, ou projeção de aniquilamento, representada alegoricamente como a ausência ou desbotamento de cor (ou de forma), é iterada continuamente em Woolf.

Sarah Cole a interpreta na chave da violência que perpassa a obra woolfiana desde seu primeiro romance.

A violência, na escrita de Woolf, transforma-se em forma, cor, traço ou, para lhe darmos um único nome, padrão. Elemento constituinte da forma do texto, o padrão woolfiano em relação à violência é sua categoria distinta e própria, uma maneira de pensar em termos

espaciais e estéticos sobre os aspectos mais viscerais, corporais e dolorosos da condição mortal.”⁴⁹

Um dos exemplos mais claros de imagem de violência que se repete autotextualmente em Woolf é o da cobra ingerindo um sapo, que surge pela primeira vez em seu diário em 4 de setembro de 1935. Woolf estava nas etapas finais de *The Years*. Redatilografava o livro, atormentada pela certeza de que não era bom e assombrada pela perspectiva da guerra, anotando por aqueles dias em seu diário que ela seria inevitável.

Ah, como chove! Usei meu guarda-chuva pela primeira vez para atravessar o jardim. Não consigo escrever hoje. Acho que por causa de ontem. Nessa em Londres. Vimos uma cobra engolindo um sapo: tinha metade do sapo para dentro, metade para fora; a cada tanto o chupava. O sapo desaparecia lentamente. L. cutucou seu rabo; a cobra estava nauseada com o sapo esmagado, & eu sonhei com homens cometendo suicídio & vi um corpo atravessando, depressa, as águas. (4 set. 1935).

Essa entrada exprime o horror entre suas pausas. A frustração crescente por não conseguir escrever – Woolf estava bastante atormentada pelo medo de que sua fonte criativa tivesse se esgotado – surge ao lado da ausência da irmã, seu arrimo em tantas ocasiões. Isso serve de base para ela relatar a cena da cobra engolindo o sapo. Essa imagem assombrou Woolf nos anos seguintes e ressurgiu aqui e ali, como em uma carta para seu sobrinho Julian Bell – em que ela comenta que Bevin destruiu Lansbury na conferência do Partido Trabalhista “como uma cobra engolindo um sapo”⁵⁰ –, até finalmente desembocar de modo berrante em *Entre os atos*, em 1941.

A imagem grotesca, no diário, curiosamente não sugere gluttonia ou avidez, e sim náusea – o esforço de engolir o sapo é tamanho que a ação não se completa; sapo e cobra ficam em suspenso, tal como as pessoas da época na expectativa atroz de digerir uma nova guerra. A isso, Woolf imediatamente

⁴⁹ COLE, 2012: 201. Tradução e grifos meus.

⁵⁰ Cf. LEE, 1997: 666. A carta é de 14 out. 1935.

põe em paralelo a cena de homens suicidando-se e de um único corpo sendo arrastado pelas águas – tem-se a contraposição entre um ato de vontade (o suicídio) e a impotência (ser arrastado), quase como se a segunda anulasse o primeiro: a ação imensa de suicidar-se parece não se completar com a potência com que fora intencionada, pois resulta em acabar sendo levado a esmo. Já em *Entre os atos*, o cutucar de Leonard da dupla sapo-cobra é substituído pelo pisão do preconceituoso, violento e autoritário Giles com seu tênis branco. A imagem da combinação de bichos, como observa Cole, transforma-se aí em pretexto para criar a alegoria de produzir uma obra de arte a partir do derramamento de sangue: “lona branca do tênis dele” é, no original, “white canvas on his tennis shoes” – “canvas” significa não só lona como também tela de pintura, algo que na tradução passa despercebido.

Lá, aninhada na relva, enroscada num anel verde-oliva, havia uma cobra. Morta? Não, sufocada com um sapo na goela. A cobra não conseguia engolir; o sapo não conseguia morrer. Um espasmo contraiu as costelas dele; o sangue brotou num gorgolejo. Era um parto às avessas – uma inversão monstruosa. Então, erguendo o pé, esmagou-os. A massa achatou-se, escorregadia. A lona branca do tênis dele ficou manchada de sangue e gosma. Ao menos, porém, era uma ação. Agir deixou-o aliviado.⁵¹

Um contraponto interessante é que no romance a cena se torna duplamente violenta. Em cima da violência do devorar predatório, pertencente ao impulso de sobrevivência (matar para não morrer de fome), tem-se a violência gratuita do esmagamento dos dois animais, ato que parece ser realizado apenas para dar fim àquele estado de suspensão, àquele monstruoso “parto às avessas”. Vê-se, entretanto, uma completude de ação, que traz um alívio egoísta – a despeito da contrariedade de Giles por sujar seus tênis. Cole observa que esta passagem se tornou famosa entre os leitores de Woolf como “erupção da agressividade masculina, lembrete da violência homofóbica persistente, imagem de paralisia e morte lenta, reflexo do estado mental sombrio no período imediatamente anterior a seu suicídio [*de Woolf*], alegoria política de competição

⁵¹ WOOLF, 1981: 75.

e invasão nacional” e que sua abstração possui uma presença “forte, mas silenciosa” no romance, “bastante de acordo com o *ethos* modernista. Do *jug jug jug jug jug jug jug* de Eliot aos paralelogramos vermelhos de Yeats como emblemas das histórias nacionais marcadas pelas guerras, a escolha das expressões não traduzíveis em detrimento da representação foi durante décadas marca do *ethos* daquela era.”⁵²

Outra imagem advinda diretamente da resistência à guerra por Woolf (e quem sabe inspirada em *Guernica*, quadro que ela ajudou a trazer para a Inglaterra em meio à Guerra Civil Espanhola⁵³), também se refletirá do diário para *Entre os atos*, com pouca variação – a de fusão do choro dos seres humanos com o da natureza. Trata-se de uma manifestação deste que é um tema central em Woolf, a *diluição da subjetividade em um coletivo e em seguida de sua fusão com algo maior, impessoal e atemporal*. No diário, em 24 de março de 1940, ela anota: “Nenhum som esta noite capaz de suscitar lágrimas humanas. Eu me lembro da chuva repentina e abundante certa noite logo antes da guerra q. me fez pensar em todos os homens & mulheres chorando”. No romance, a imagem tornou-se: “E chovia como se todas as pessoas do mundo chorassem. Lágrimas. Lágrimas. Lágrimas.”⁵⁴ O terror da guerra e sua capacidade de unir a todos em um único sentimento também aparece em uma ocasião bastante anterior, relatada no diário de Woolf em 1915 e transposta quase dez anos depois para *Mrs. Dalloway* (1925). Trata-se do momento em que o misterioso carro do início do romance solta um estouro repentino e reúne diversas pessoas na rua em frente à floricultura onde Clarissa fora comprar flores.

Fomos para Londres [...] Na St. James Street ouvimos o terrível som de um estouro; as pessoas saíam correndo dos clubes; estacavam imóveis e olhavam para todos os lados. Não era nenhum zepelim nem avião – devia ser apenas o estouro de um enorme pneu. Mas é com

⁵² COLE, 2012: 198. Trad. minha.

⁵³ Em 1938, como parte dos patrocinadores do National Joint Committee for Spanish Relief, Woolf e Vanessa Bell possibilitaram que *Guernica* e outras 67 obras de Picasso viajassem para Londres para uma exposição especial nas New Burlington Galleries. Apesar de a exposição ter sido um fracasso de público, aquele foi muito mais um movimento estratégico para remover *Guernica* da Espanha e fazê-lo circular para longe de qualquer regime totalitário.

⁵⁴ WOOLF, 1981: 130.

certeza instintivo para mim, e para a maioria das pessoas, acho, transformar qualquer barulho repentino ou objeto sombrio no céu em uma explosão ou avião alemão. (1 fev. 1915)

O estouro violento que fez Mrs. Dalloway se sobressaltar e Miss Pym ir à vitrine e se desculpar provinha de um automóvel que guinara para a calçada bem em frente à Mulberry's. Os passantes que naturalmente pararam e olharam mal tiveram tempo de ver um rosto da mais altíssima importância no estofado cinza-pomba (...). (MD, 21)

Com esses exemplos de como a autorreferencialidade textual se manifesta em Woolf em relação a seus diários, o que se tentou trazer à tona é como ela se calca constantemente em processos de reescrita, citação e reemprego fragmentado tanto de obras alheias quanto das suas próprias. Apesar de os processos intertextuais operarem sempre em contextos diferentes dos textos apropriados ou citados, e o novo contexto procurar, em geral, “uma apropriação triunfante do texto pressuposto”, causando-lhe uma deformação – seja ela escondida mediante uma transformação traquejada, ou confessa, operada a partir de uma reescrita crítica⁵⁵, em Woolf esse processo não se esgota: ela persegue constantemente a si mesma em um processo constante de assimilação e transformação, em uma reelaboração incessante de temas e imagens que não consegue exaurir.

A escrita nos diários traz à tona muitos aspectos da forma literária que Woolf busca na ficção porque ambas fazem parte de um único processo de escrita, que por conseguinte reflete as interseções entre o que ela vive e o que se esforça para representar artisticamente. Sua opção pelos interstícios e pelos cruzamentos – entre gêneros, obras, textos, e, acima de tudo, entre vida e ficção – repercute-se em vibrações da estrutura para o conteúdo e vice-versa, mas repercute-se também entre todos os tipos de textos que ela escreve. Desta maneira, os processos de reescritura, intertextualidade e notadamente de autotextualidade, mais do que mero traço de sua obra, transformam-se assim em algo que integra sua própria essência e condição.

⁵⁵ JENNY, 1979: 43-44.

O discurso intertextual articula-se sobre escombros de narrativa – narrativa, aí, vista como um texto uno que antes pretendia dar conta da realidade com explicações acabadas⁵⁶. E a combinatória potencial das repetições possíveis não pretende cortar-se completamente do dito “mundo real”, da “natureza”, e sim *explorar suas potencialidades de representação*. “A potencialidade [...] é uma certa maneira de conceber a coisa literária, que abre para um realismo moderno. Porque a realidade nunca revela senão uma parte do seu rosto, autorizando mil interpretações [...], todas [...] prováveis”⁵⁷. Deste modo, a escrita calcada nos desdobramentos de fragmentos e na sua repetição entre textos, comum no modernismo, não pretendia simplesmente questionar a possibilidade de representar o real, não configurava tão-somente prova da aporia da expressão no pós-guerra (tão bem descrita por Benjamin) e do desmantelamento da noção de ser humano como uno indivisível (que perdurara em certa medida desde o Renascimento). Pretendia, também, *dotar a obra fragmentada de um fator de unificação*, “na medida em que suas partes, metaforicamente atraídas, se reagrupam e compensam, a nível temático, a dispersão metonímica”, assegurando certa “auto-regulação”⁵⁸. Com a autotextualidade, o acontecimento fica sempre “por situar, escapa-se; *dele só temos versões* (...) nunca podemos apoiar-nos numa versão autêntica da historieta narrada. *Constituir o acontecimento é justapor todas as formas possíveis, exasperar-se até ao catálogo*”⁵⁹. Dessa maneira, um caminho narrativo possível para os escritores na primeira metade do século XX foi a ênfase na ressignificação dos próprios textos-fragmentos e dos de outros por meio da iterabilidade – algo que ocorre no diário de Woolf, e que Peter Brooks enxergou como a frustração absoluta de uma narrativa fechada, a convicção modernista de que “não existem enredos novos, nem histórias primárias, apenas a possibilidade de repetir outras”⁶⁰.

⁵⁶ JENNY, 1979: 27.

⁵⁷ TADIÉ, 1992: 117.

⁵⁸ DALLENBACH, 1999: 67.

⁵⁹ JENNY, 1979: 47-48, grifos nossos.

⁶⁰ BROOKS, 1984: 262. Trad. minha.

O diário de Woolf como obra modernista

Em sua análise fundadora sobre o início do projeto modernista de Woolf entre as décadas de 1910 e 1920, o crítico H.P. Abbot observa como

uma coisa a que ainda se dá pouca importância [*em Woolf*] é como, desde o início, o desenvolvimento da sua obra modernista foi profundamente influenciado por sua escrita pessoal – em especial, *pela prática de manter um diário*. A simbiose entre seu diário e sua ficção – quem sabe única entre os romancistas ingleses – imprimiu uma marca distinta na sua empreitada moderna, e aparece claramente na transformação de sua linha narrativa.⁶¹

Nesse período a escrita de Woolf, impulsionada pela escrita do diário, começa a sofrer uma transição, afastando-se da tradição vitoriana. Durante a redação de *Night and Day* (1919), seu segundo romance, Woolf utilizava largamente seu diário como local de prática do que Abbott chama de *night-writing*, ou escrita noturna, uma espécie de escrita mais espontânea e ligada ao inconsciente – “o mundo indeterminado que visitamos em nossos sonhos, onde a identidade se dissolve, onde o significado é difuso, e onde florescem os sentimentos que são desconsiderados durante o dia”.⁶² Tal escrita se oporia à diurna, *day-writing*, da hierarquia social, da linhagem, dos costumes, da política. Abbott sustenta que é mais do que provável que a cena final não-ortodoxa de *Night and Day* tenha vindo diretamente da vivência que Woolf acumulara na escrita dos diários, e que daí tenha vindo a sua virada modernista, desembocando no estilo de *Jacob's Room*. Barbara Lounsberry reitera essa opinião anos depois em sua análise do diário woolfiano: “O diário de Woolf permitiu que ela experimentasse semiprivadamente com a narrativa não linear, que fosse além dos padrões aceitos de ordem e significância, e serviu de prática para suas obras modernistas”⁶³.

Obviamente está fora do escopo desse estudo analisar as particularidades do modernismo woolfiano em sua inteireza, vez que não é esse

⁶¹ ABBOTT, 1996: 233, grifo meu. Trad. minha.

⁶² Ibid, p. 235.

⁶³ LOUNSBERRY, 2016: 5.

o objetivo; tampouco oferecer definições acabadas de modernismo, dada a sinuosidade do assunto. O que ora se coloca em pauta é mostrar alguns dos traços que aproximam textualmente o diário de outras obras literárias de Woolf, bem como seus pontos de contato com características consideradas generalizadamente marcantes em seu modernismo – tais como a preocupação com a construção formal do texto (evidenciando como existia uma estruturação no diário, por mais “livre” que ele seja ou pareça ser), baseada na oscilação entre continuidade e fragmentariedade; o tratamento dos registros de consciência e de tempo; o modo de criação por cenas; a abstratização do eu; e a sua natureza híbrida ou cruzada entre gêneros e entre fabulação, ficção e real.

Woolf inicialmente percebia seu diário como um manancial de onde retirar assuntos para suas memórias. Era uma ideia recorrente para ela, conforme atestam passagens em períodos diversos, a exemplo da seguinte, de 9 de março de 1920: “Imagino que a velha Virginia, colocando os óculos para ler março de 1920, decididamente desejará que eu continue. Saudações!, meu caro fantasma; & fique tranquila pois não considero 50 uma idade tão avançada assim. Vários bons livros ainda poderão ser escritos; & aqui estão os tijolos para um excelente”.

Aos poucos, entretanto, ela começa a também perceber o diário como um “objeto extraordinário em si mesmo, com vida e integridade próprias. Começa a dar tanta importância a tal integridade que esse passatempo diário acaba por desenvolver um centro de gravidade forte o bastante não apenas para afastá-la do projeto de suas memórias, como também para alterar o curso de sua ficção”⁶⁴. Isso se dá com potência entre 1918 e 1920. Em 1918, Woolf diz ter encontrado nos cantos breves de finais abertos do poema *Don Juan*, de Byron, o “método” que buscava para escrever.

Deve ser o poema deste tamanho mais legível que já foi escrito; qualidade que se deve em parte à natureza aleatória, flexível, caótica, galopante de seu método. Este método já é em si mesmo uma descoberta. É aquilo que se buscou em vão – uma forma elástica capaz de conter qualquer coisa que se deseje colocar. Desta maneira, ele conseguia escrever conforme o humor do momento; dizer qualquer coisa que lhe viesse à cabeça. Não se sentia na obrigação de ser

⁶⁴ ABBOTT, 1996: 236. Trad. minha.

poético; & assim escapou de seu gênio maligno, do falso romântico imaginativo. Quando é sério, é sincero; & capaz de abordar qualquer assunto que lhe apeteça. (...) Contudo, não parece ser um método fácil de se seguir; & de fato, como todas as coisas livres & fáceis, somente os talentosos & maduros são realmente capazes de levá-lo a cabo. (8 ago. 1928)

A ideia dessa “forma elástica capaz de conter qualquer coisa que se deseje colocar” – “aleatória, flexível, caótica, galopante” – seria ampliada e detalhada poucos meses depois, em 1919, quando ela *delimita especificamente um projeto de escrita para o seu diário*. Toda a passagem, aqui traduzida e apresentada na íntegra, serve como uma espécie de manifesto.

Na modorra seguinte a qualquer longo artigo, & Defoe é o segundo principal deste mês, apanhei este diário & o li como se costuma ler o que se escreveu – com uma espécie de intensidade culpada. Confesso que seu estilo mal-acabado & fortuito, muitas vezes gramaticalmente incorreto, que grita pela palavra certa, afligiu-me um tanto. Estou tentando dizer a meu eu que lerá isso posteriormente que sei escrever muitíssimo melhor; & que aqui escrevo rapidamente; para impedir que ela deixe qualquer olho humano mirá-lo [*o diário*]. E agora posso acrescentar o pequeno elogio de que graças a seu desleixo & vigor ele às vezes acerta na mosca inesperadamente. Mas o que quero enfatizar é minha crença de que o hábito de escrever apenas para o meu próprio olho é um bom treino. Afrouxa os ligamentos. Pouco importam os equívocos & tropeços. Para seguir no ritmo que sigo preciso dar os tiros mais diretos & imediatos no meu objeto, & portanto pôr as mãos nas palavras, escolhê-las & atirá-las sem mais pausa do que o necessário para mergulhar a caneta na tinta. Creio identificar no último ano uma maior facilidade para escrever profissionalmente, & isso atribuo às minhas horas casuais depois do chá. Ademais assoma à minha frente a sombra de alguma espécie de forma que um diário poderia alcançar. Talvez no decorrer do tempo eu descubra o que é possível fazer com esse material de vida solto, à deriva; encontrar um novo uso para ele que não o uso que lhe dou na ficção, tão mais consciente & escrupulosamente. Que espécie de diário desejo que seja o meu? Algo de emendas frouxas, porém não desleixado, tão elástico que possa abarcar qualquer coisa, solene,

ínfima ou bela, que me venha à cabeça. Gostaria que se parecesse com uma escrivadinha velha & ampla, ou uma mala espaçosa, em que se atira um monte de bugigangas sem examinar. Gostaria de voltar, depois de um ou dois anos, & descobrir que a coleção se organizou & se refinou sozinha, & que se aglutinou numa forma, como costuma acontecer tão misteriosamente com tais depósitos, transparente o bastante para refletir a luz de nossa vida, mas ao mesmo tempo estável, serenamente composta com a mesma isenção de uma obra de arte. O principal requisito, penso eu ao reler meus velhos volumes, é não bancar o censor, mas escrever quando vem a vontade & sobre absolutamente qualquer coisa; pois eu sentia curiosidade em saber o que teria acontecido com as coisas que lancei ao acaso, & descobri que a significância nunca está onde eu acreditava estar na época. Mas desarticulação logo se transforma em desleixo. É preciso um pouco de esforço para enfrentar um personagem ou incidente que necessita de registro. Tampouco se pode deixar a caneta escrever sem orientação alguma; por risco de que a coisa se torne frouxa & desordenada como Vernon Lee. Os ligamentos dela são soltos demais para o meu gosto.⁶⁵ (20 abr. 1919)

Em 26 de janeiro de 1920 (portanto quando estava fazendo a transição de *Night and Day* para *Jacob's Room*), ela empreende uma espécie de formulação da estética modernista que *nortearia sua ficção* a partir de então, e toma como base esse projeto de diário.

Mais feliz hoje do que ontem pois esta tarde cheguei à ideia de uma nova forma para um novo romance. Suponhamos que uma coisa se abra a partir da outra como em Um Romance Não Escrito, só que não apenas por 10 páginas e sim por 200 mais ou menos, isso não dá a soltura & a leveza que eu quero: não chega mais perto & ao mesmo tempo consegue manter a forma & a velocidade, & abarcar tudo, tudo? Minha dúvida é até que ponto seria capaz de ~~incluir~~ englobar o coração humano. Serei eu suficientemente senhora de meus diálogos para fincá-los aí? Porque eu sinto que a abordagem será completamente diferente dessa vez: nenhum andaime; nenhum tijolo à mostra; tudo crepuscular, porém o coração, a paixão, o humor, tudo tão intenso

⁶⁵ Vernon Lee é o pseudônimo da escritora inglesa Violet Page, que Woolf provavelmente conheceu em 1909.

quanto fogo em meio à névoa. Então encontrarei espaço para uma alegria, uma inconsequência, uma leveza que posso usar a meu bel-prazer. A dúvida é se sou suficientemente senhora das coisas, aí é que está (...). A unidade ainda resta por se descobrir; o tema é uma incógnita para mim; mas enxergo imensas possibilidades nessa forma com a qual topei mais ou menos por acaso 2 semanas atrás.

A beleza dessas três passagens contrapostas é o fato de evidenciarem como, em um nível profundo, Woolf já pensava e desenvolvia sua escrita como uma – uma vez que chega a uma proposta de estilo para sua obra pública modernista *pouco depois de formulá-la quase que em iguais termos para o terreno semi-íntimo de seu diário*. A partir da entrada emblemática de 1919 transcrita acima, alguns traços dessas aproximações literárias poderão ser analisados.

contínuo em meio ao descontínuo

Yet it is the only way of getting at the truth – to have it broken
into many splinters by many mirrors and so select.
“The Man at the Gate”, 1940

Malgrado os extensos cortes, a edição expurgada realizada por Leonard Woolf em 1953 teve o mérito de ir na contramão do entendimento mais comum do gênero diarístico e chamar a atenção para o fato de que o diário de Virginia Woolf não tinha como traço principal o relato subjetivo ou o registro autobiográfico. O próprio título, *A Writer's Diary*, traz isso à frente: indica como Leonard ordenou, em meio à miscelânea dos manuscritos originais, um “diário de escritora”. Tal fato, por outro lado, leva a questionamentos sobre as implicações existentes em um tal recorte: ao excluir tudo o que se referia ao cotidiano da esposa, acreditava ele que uma escritora poderia prescindir da vida, ou, em outras palavras, que a vida de uma escritora pode ser excluída de sua escrita de maneira incólume? O diário de Woolf é um e ao mesmo tempo muitos: pode-se dizer que nele existe não só um diário de escritora, mas um diário de observações da natureza (o diário de Asheham), um diário de acontecimentos políticos e sociais (como o da

Greve Geral de 1926, ou da Segunda Guerra Mundial), uma profusão de diários de viagens, um diário de patroa, um diário de irmã etc. Porém, por outro lado, talvez sua maior característica seja justamente o de que a Woolf diarista, por mais que se transforme ao longo dos anos, em momento algum deixa de ser a Woolf escritora. À primeira vista, tal multiplicidade de narrativas poderia permitir que fosse chamado de *diários* – e se neste trabalho opto por usar *diário*, no singular, é para enfatizar o ponto de vista de que não são os fragmentos passíveis de recorte o seu traço proeminente, mas o fato de, em conjunto, formarem uma espécie de narrativa mesclada e multiforme que, conquanto desagregada, possui pontos de contato que lhe emprestam unidade e coerência internas. Nessa obra, Woolf de fato se lança a produzir algo “tão elástico que possa abarcar qualquer coisa, solene, ínfima ou bela, que me venha à cabeça” – misturando informações díspares, muitas vezes num ritmo surpreendente, na tentativa de acompanhar as reflexões que lhe ocorrem no momento da escrita. Porém – e isso é de fundamental importância –, apesar da velocidade não se trata nunca de uma escrita automática, mas de uma que, ao contrário, possui uma espécie de método em vista: no próprio ato de escritura Woolf se recusa a abandonar o leme e usa mão leve para evitar, em suas próprias palavras, que a “desarticulação” do que escreve leve ao “desleixo” formal. Esse propósito consciente é o que lhe possibilita criar amarras em meio à desordenação do diário, fazendo com que nele exista *continuidade em meio ao descontínuo*, nos termos de Maurice Blanchot. Tal característica crucial, conquanto não totalmente apagada, foi ao menos obliterada tanto na edição de Leonard quanto na de Anne Olivier Bell (muito embora em graus bastante diferentes), como se verá mais à frente.

Blanchot a analisou para comentar o processo criativo de Virginia Woolf em seu ensaio “O malogro do demônio: a vocação”, de *O livro por vir*, que se tornou uma das grandes referências no estudo do diário da autora. Nele, o pensador francês trata das dificuldades e dos perigos da vocação de escritor. Apesar de “deplorar” a edição expurgada de Leonard (ele escreve seu artigo em 1959, portanto em sua análise usa *A Writer’s Diary*), concede que ainda assim se trata de um “documento emocionante sobre a atitude do escritor e, aqui e ali, uma luz iluminando a felicidade, a infelicidade de seu trabalho”. Valendo-se de trechos do diário de Woolf, ele identifica como se dava, a seu ver, o processo

criativo da autora e o que ele enxerga como sendo seu embate de criação – a *tensão entre a representação fragmentada e a necessidade de ordenação narrativa*, ou, em suas palavras, “reunir o que se dispersa, “tornar contínuo o descontínuo” (Blanchot, 2005: 141). Diz ele:

Ligar-se à dispersão, à intermitência, ao brilho fragmentado das imagens, à fascinação cintilante do instante, é um terrível movimento – uma terrível felicidade, sobretudo quando, finalmente, produz um livro. Haverá uma solução para reunir o que se dispersa, tornar contínuo o descontínuo e manter o errante num todo unificado? Virginia Woolf a encontra por vezes, na fala movente que é como o sonho e a imaginação da água, mas, na *intriga romanesca de que não pode livrar-se totalmente*, às vezes ela não a encontra.⁶⁶

No diário de Woolf a continuidade em meio à fragmentação verifica-se principalmente de duas maneiras. A primeira se refere à continuidade na *forma* do diário e foi obliterada em ambas as edições comerciais, mas, como será argumentado mais adiante, colabora fortemente para o efeito literário que o diário exerce. As entradas que frequentemente aglutinam vários dias e não dão tanta importância à acurácia do registro ou da data denotam a tentativa de empreender uma narrativa que incorpore as interrupções para tentar prosseguir sendo escrita de maneira unificada, à maneira de qualquer texto mais longo – subvertendo desta maneira a forma tradicional diarística, do fragmento. A segunda, por estar mais relacionada ao conteúdo, foi razoavelmente preservada nas edições comerciais do diário e será analisada a seguir: o modo como ela relia seus “velhos volumes” e, a partir dessa releitura, em certa medida norteava a redação das entradas por vir, criando conexões e ecos entre elas (ou, se preferirmos usar um famoso termo seu, “túneis”).⁶⁷

⁶⁶ BLANCHOT, 2005: 141-46. Grifos meus. Embora Blanchot não o mencione em nenhuma referência, as passagens citadas por ele são de 19 jun. 1923 – e aparecem na citação traduzidas do francês por Perrone-Moysés.

⁶⁷ Esse processo que Woolf descobriu enquanto escrevia *Mrs. Dalloway*, com o qual criava conexões subterrâneas entre os personagens para relacionar seus pensamentos e os tempos passado e presente, tornou-se muito analisado após a publicação do seu diário. “Eu poderia dizer um bom tanto sobre As Horas e minha descoberta; como escavo lindas cavernas por trás de meus personagens; acho que isso fornece exatamente o que eu quero; humanidade, humor, profundidade. A ideia é que as galerias se conectem, & que cada uma venha à tona no

Woolf menciona o costume da releitura do diário em variados momentos. Em 27 de fevereiro de 1926, diz: “Li parte de 1923 esta manhã, tomando uma dose deliciosa de silêncio, porque mais uma vez estava com dor de cabeça”. No mesmo ano, em 13 de maio, depois de relatar praticamente dia a dia os acontecimentos da Greve Geral, critica o que escreveu, julgando desinteressante para futura leitura: “Suponho que pularei todas as páginas dedicadas à Greve, quando eu reler este livro. Ah que capítulo enfadonho, é o que vou dizer. O arrebatamento com as assim chamadas coisas reais é sempre indizivelmente transitório.” No ano seguinte, em 3 de fevereiro de 1927, manifesta mais uma vez o desejo de que o diário fosse uma leitura atraente: “L.[eonard] ao apanhar um dos volumes no outro dia disse que Deus o guarde se eu morrer primeiro & ele tiver de ler tudo aquilo. Minha caligrafia vai piorando. E eu, será que digo alguma coisa de interessante? Sempre se pode gastar uma hora ociosa lendo-os; & além do mais, ah sim, a partir deles vou escrever minhas memórias, um dia”. Anos depois, em 3 de maio de 1931, em aparente perplexidade frente àquela escrita infinda e despropositada: “Sim, muito que bem; mas como começar, & por quê? Quero dizer, para que esses diários? Ah, simplesmente material para um livro, eu acho: & para ler quando tenho dor de cabeça”. E, por fim, tem-se em 19 de fevereiro de 1941 uma imagem de preciosidade em meio aos rascunhos, exemplo de como ocasionalmente Woolf reconhecia o valor que aquele texto tinha para ela: “Escrevo aqui uma nota para mim mesma: às vezes penso, quem vai ler todos esses rabiscos? Um dia quem sabe eu venha a produzir com ele um pequeno lingote, nas minhas memórias.”

Mesmo nesses poucos exemplos, percebe-se como via de regra ela trata a releitura do diário com condescendência – algo a se ler quando tem uma “hora ociosa” ou dor de cabeça. A mesma atitude ela frequentemente reserva à própria escrita deste, que ela frequentemente chama de “rabiscos” (*scribble*). Denota com isso que enxerga o diário como algo inacabado e inferior – algo que será analisado mais à frente –, muito embora na entrada-projeto de 1919 tenha exortado a si mesma que o importante era “não bancar o censor” e sim “escrever

momento presente” (30 ago. 1923); “Levei um ano tateando até descobrir o que chamo de meu processo de escavar túneis, com o qual narro o passado em parcelas, à medida que surge a necessidade. Essa é minha principal descoberta até agora, & o fato de eu ter demorado tanto para fazê-la só prova, eu acho, o quanto é falsa a doutrina de Percy Lubbock – de que é possível fazer esse tipo de coisa conscientemente” (15 out. 1923).

quando vem a vontade & sobre absolutamente qualquer coisa”. O diário é visto nesses momentos de releitura basicamente apenas como material para que ela escreva suas memórias, deixando subentendido que essas, sim, seriam um texto “importante” (*“real writing”*) – pois que condensado, amarrado. Entretanto, mesmo num exame superficial fica evidente como ele não era assim tão solto quanto Woolf, narradora não confiável que é, afirma ser. Percebe-se como sua releitura possibilitava que ela estabelecesse certa continuidade narrativa entre as entradas e criasse costuras em meio a elas, ou, em suas palavras, “emendas frouxas”. E isso tanto em passagens separadas no tempo por anos (como nos exemplos acima, em que ela se questiona o motivo de escrever um diário e relembra que pretende utilizá-lo como material bruto para suas memórias), quanto entre uma e outra entrada mais próxima ou imediata, dando seguimento a algum assunto (ou escrevendo, nas margens, complementos ao que dissera anteriormente).⁶⁸

A necessidade de criar certo nível de ordenação em meio à profusão caótica do material aleatório (do “absolutamente qualquer coisa”) alinha-se, portanto, com o desejo manifesto de valer-se de “um pouco de esforço para enfrentar um personagem ou incidente que necessita de registro” e não deixar “a caneta escrever sem orientação alguma; por risco de que a coisa se torne frouxa & desordenada”. É preciso certa displicência, posto que é o que confere “vigor” ao diário e permite que ele acerte “na mosca inesperadamente” – muito embora esse acerto seja algo que só se perceba com o distanciamento da leitura futura: é ela que deixa vislumbrar como “a significância nunca está onde eu acreditava estar na época”. Woolf almeja soltura, sim; mas esta deve ser moderada – repudia a desarticulação desmedida, os “ligamentos soltos demais”, e isso provoca um efeito oscilante e por vezes contraditório na sua escrita.

⁶⁸ Por exemplo, ela assim termina a entrada de 18 de novembro de 1924: “Mas como eu ia dizendo admirei a absoluta independência de Nessa em relação ao que as pessoas dizem, o que triunfa sobre todas as *cropheads* tubulares. Elizabeth”. E, na entrada seguinte, em 13 de dezembro: “Posonby, sem dúvida era o que eu queria acrescentar”. Outro exemplo, de 8 de agosto de 1927: “Andamos de carro a maioria dos dias. Abrimos uma janelinha quando compramos o gramofone; agora outra se abre com o carro – era isso o que eu ia dizer, mas interrompi.” Na entrada seguinte, de 10 de agosto: “Sim, o carro está se tornando a alegria de nossas vidas, uma vida adicional, livre, móvel & arejada para se ter em paralelo à nossa labuta imóvel de sempre”.

Importante observar que essa espécie de organização em meio à experimentação caótica, no entanto, é um traço crucial que pode ser observado em toda a obra de Woolf (ensaios, ficção, memórias, diários) como uma constante. Trata-se de uma espécie de norteamiento para a forma que ela buscava em sua escrita, e, ainda que Blanchot tenha sido talvez o primeiro a defini-la com clareza, diversos críticos apontaram como o tom e a forma característicos da prosa de Woolf surgem de uma oscilação entre ordenação e caos, fragmento isolado e fluxo contínuo, ou os ventos do experimentalismo e o estruturamento da tradição.

Isso porque no nível formal Woolf não implode a linguagem e cria com seus estilhaços, tal como outros escritores modernistas; não beira o idioleto incompreensível. Erich Auerbach corrobora esse traço— “Em seu conjunto, o jogo de luzes da consciência é muito mais fácil de entender, em Virginia Woolf, do que em outros escritores (como James Joyce) em casos semelhantes”⁶⁹ —, e Carol Dole vai mais adiante e o considera um “método”: “o método de Woolf de conferir aos fragmentos uma forma inteligível, em que frases isoladas acabam por formar uma frase completa, é reflexo de sua determinação de emprestar coerência — às palavras, à arte, à vida”.⁷⁰

Essa flutuação está relacionada também à renúncia de Woolf em ser categórica no plano das ideias, em sua prosa marcada pelo constante afirmar e desdizer. Suas suposições sobre literatura e sua relação com a vida emergem de modo assistemático e às vezes impreciso, sendo que nos diários isso se amplifica. Isso poderia desarmar quem busque alguma espécie de desenvolvimento lógico, objetividade ou consistência da parte dela nas suas formulações,⁷¹ e é preciso ter no horizonte de que, nos textos sobre si, a explicação e a análise não se esgotam na fala do indivíduo. Esta quase sempre adquire, como frequentemente acontece no diário e nas cartas de Woolf, uma dimensão performativa.

⁶⁹ AUERBACH, 2009: 506.

⁷⁰ DOLE, 1998: 254 e 256. Trad. minha.

⁷¹ Mônica Hermíni de Camargo, por exemplo, sustenta que Woolf se valia da ambivalência como recurso para adotar conscientemente uma posição não comprometida entre o modernismo e a tradição eduardiana. Ver CAMARGO, 2006.

Alberto Giordano, por exemplo, afirma com todas as letras que no diário Woolf se transforma em uma “*personagem* de escritor-diarista” – e resulta disso que ela se converte em um “explorador incessante das possibilidades do ambíguo. Tudo o que captura seu interesse se converte em objeto de uma apreciação ambivalente”⁷². Esse estilo de narrar é algo que Leonardo Fróes enxerga como um desejo de autonomia do pensamento. “Logo que é feita uma afirmação, muitas vezes se admite outra hipótese que a atenua ou contesta. O pensamento, solto em suspensão nas pausas, parece deleitar-se na invenção de caminhos para transpor o emaranhado de impressões em conflito, resistindo a se manter, por ânsia de liberdade, na direção exclusiva que as convenções previam”⁷³.

No ensaio *Mr. Bennett and Mrs. Brown* (1924), Woolf enxerga essa opção formal como uma renúncia em “violiar a gramática e desintegrar a sintaxe” à maneira que fazem seus contemporâneos Joyce e Eliot, ou como a recusa em abandonar o que chama de “antigos decoros”, herdados da tradição literária a que pertence, recusando-se conscientemente a romper de todo com ela⁷⁴.

Ao ler Mr. Joyce e Mr. Eliot, é de impressionar a indecência de um e a obscuridade do outro. A indecência de Joyce em *Ulysses* parece-me a indecência calculada e consciente de um homem desesperado que acredita que, para respirar, deve quebrar as janelas. Por vezes, quando a janela já está quebrada, ele é magnífico, mas que desperdício de energia! E, seja como for, como é cansativa a indecência quando não se trata do extravasamento de uma energia ou selvageria copiosas, e sim o ato premeditado e público de um homem que precisa de ar fresco! Na minha opinião, Mr. Eliot escreveu alguns dos versos mais belos da poesia moderna, mas como é intolerante com os velhos costumes e a polidez da sociedade – respeito pelos fracos, consideração pelos tediosos! Enquanto me banho na beleza intensa e arrebatadora de um de seus versos, e pondero que preciso dar um salto perigoso e às tontas ao seguinte, como um acrobata

⁷² GIORDANO, 2011: 114. Grifo meu. Trad. minha.

⁷³ FRÓES, 2014: 8.

⁷⁴ Para mais a este respeito, ver Herta Newman e sua postulação de que, embora não ortodoxa, a ficção de Woolf existe conforme os padrões tradicionais, e que seu conservadorismo se encontra presente na linguagem e não no estilo – uma vez que não abre mão da gramática, do vocabulário e da sintaxe clássicos. CAMARGO, 2006: 25.

voando precariamente de trapézio em trapézio, clamo, confesso, pelos antigos decoros, e invejo a indolência dos meus ancestrais que, em vez de rodopiarem loucamente em pleno ar, sonhavam tranquilamente à sombra com um livro.⁷⁵

Ainda em 1924, enquanto escrevia *Mrs. Dalloway*, redige outra passagem do diário que reflete exatamente essa ideia – e não por acaso, pois veio da releitura dos volumes anteriores: a de que “escrever deve ser formal”, ou antes, de que é preciso ser caótico, mas sem “deixar isso à mostra”.

O que eu ia dizer é que para mim escrever deve ser um ato formal. É preciso respeitar a arte. Isso me ocorreu enquanto eu lia algumas de minhas anotações daqui, pois, se deixamos o pensamento correr solto, ele se torna egoísta: pessoal, coisa que eu detesto; como Robert Graves. Por outro lado o fogo irregular deve estar presente; & talvez para liberá-lo antes de mais nada seja preciso ser caótico, mas sem jamais deixar isso à mostra. (18 nov. 1924)

No ensaio “Montaigne”, do mesmo ano, o que ela propõe que se faça nos ensaios e outras formas literárias não parece muito diferente do projeto que arrogou para seu diário na entrada de 1919 que ora estamos considerando: ela clama pela necessidade de mudança constante – semelhante à vida –, porém com ordenação e controle dentro desse movimento aparentemente desconexo.

Movimento e mudança são a essência de nosso ser; rigidez é morte; conformidade é morte. Então que possamos dizer o que nos vem à cabeça, nos repetir, nos contradizer, soltar o disparate mais lunático e seguir os caprichos mais fantásticos sem nos importar com o que o mundo faz, pensa ou diz. Pois nada importa a não ser a vida; e, é claro, a ordem. Essa liberdade, que é a essência de nosso ser, deve ser controlada. (CR1)

Especificamente em relação aos ensaios, mas num comentário que poderia valer igualmente para os diários, afirmam Beth C. Rosenberg e Jeanne Dubino:

⁷⁵ WOOLF, 1924: 21-22. Trad. minha.

A escrita [de Woolf] se apoia na ideia, por mais abstrata e amorfa que esta possa ser, porque a ideia é fixa e precisa. Ou seja, a forma fixa não antecede a ideia e a obriga a se moldar a ela. É o contrário: a ideia obriga as palavras a tomar forma, e é somente então que a forma de cada ensaio encontra vida: nas ideias específicas que busca exprimir.⁷⁶

Rosenberg e Dubino mostram especificamente como tal visão woolfiana da forma do ensaio, anticientífica e não pragmática, ecoa as ideias de, por exemplo, Adorno (“O ensaio como forma”), muito embora no caso de Woolf a mesma perspectiva tenha sido considerada falta de consistência⁷⁷. Em ambos, existe o conceito fundamental de que a ideia, o conteúdo, precede a forma. Diz Woolf em “Modern Essay”: “(...) a arte da escrita tem como espinha dorsal uma relação intensa com a ideia. Apoia-se na ideia, em algo que se acredita com convicção ou que se enxerga com precisão, obrigando assim as palavras a assumirem sua forma”⁷⁸. É possível ver em Adorno também um conceito semelhante: para ele, o acaso e o jogo presentes no ensaio permitem que os elementos distintos se cristalizem em uma configuração, e cada configuração, cada texto, é singular e diferente de qualquer outra forma. “A descontinuidade é essencial para o ensaio”⁷⁹, afirma ele, e o paradoxo da forma ensaística consistiria justamente nisso: no fato de que sua unidade se encontra na descontinuidade.

Para Laura M. Lojo Rodríguez⁸⁰, o método oscilante de escrita woolfiano denota que ela enxergava a forma do ensaio como lugar de subversão de um estilo de prosa categórico e autoritário, calcado em noções de ordenamento,

⁷⁶ ROSENBERG e DUBINO, 1997, p. 12. Trad. minha.

⁷⁷ Segundo ROSENBERG e DUBINO (1997:7-8), para teóricos como Wayne Booth (*The Rhetoric of Fiction*) e David Daiches os ensaios de Virginia Woolf eram inconsistentes, tinham valor menor que os romances e ela os teria escrito “apenas para justificar suas obras de ficção”. Trad. minha.

⁷⁸ Virginia Woolf. “Modern Essay”. Disponível em: <<http://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/index.html>>. Trad. minha.

⁷⁹ ADORNO, 1984: 151-71. Apud ROSENBERG e DUBINO, 1997: 12. Trad. minha.

⁸⁰ Para uma discussão mais aprofundada das implicações da escolha de Woolf por um estilo mais próximo ao de Montaigne em seus ensaios, ver RODRIGUEZ, 2004. A tradução do trecho do conto “The Introduction” que vem a seguir foi feita por mim.

coerência e rigor, que dominava o meio literário e privilegiava os homens como únicos produtores e intérpretes literários. Rodríguez sustenta que em “The Introduction”, um conto que foi provavelmente escrito em 1925, mas publicado apenas postumamente em 1973 na coletânea *Mrs. Dalloway's Party*, Woolf dramatiza essa posição crítica com a história de uma jovem ensaísta que luta para se estabelecer em um meio literário dominado por homens. No conto, Woolf mostra a visão que duas escritoras têm do ensaio – ela mesma e a protagonista fictícia Lily Everitt, espécie de seu alter ego. O título, “The Introduction”, remete ao clímax da história, quando Lily é apresentada a Bob Brinsley, rapaz universitário que se sente ameaçado em sua superioridade histórica masculina pela jovem ensaísta talentosa e reage com violência, arrancando as asas de uma mosca: “Ele arrancou as asas de uma mosca, o pé apoiado no gradil, a cabeça atirada para trás, falando de si mesmo de modo insolente, arrogante – mas ela não daria a mínima para a insolência e a arrogância com que ele a tratava desde que não fosse brutal com as moscas”.

Da mesma maneira que aconteceu com a fictícia Lily, o estilo alternativo que Woolf adotou para seus textos críticos resultou que muitos fossem recebidos em sua época de modo condescendente e criticados pela inconsistência, como já comentado acima⁸¹. Porém, tal estilo parece também encarnar uma busca da própria Woolf do que seria escrever como mulher, algo que, longe de exclusivamente seu, compartilha com outras escritoras – outras Lilies; é algo que ela as exorta a fazerem, por exemplo, em seu ensaio “Mulheres e Ficção”, ao pedir que “encontrem uma forma natural para seu pensamento, sem esmagá-lo nem distorcê-lo”. Não ser categórico é também uma forma de se proteger ao se colocar, adequada portanto às mulheres que podem sofrer retaliações, e provavelmente sofrerão, ao expor suas ideias. Usar termos como “talvez” e “eu acho”, “e todas essas palavras que caracterizam as suposições irrefletidas da ignorância humana (...) ajuda a suavizar opiniões que seria extremamente

⁸¹ *Mr. Bennett and Mrs. Brown* foi criticado, entre outros, por Frank Swinnerton no *Bookman* como “um universo de clichês estéticos” e sinal da “falta de imaginação da autora tanto em ensaios críticos quanto em romances”, mas os ataques mais fortes foram por usar o “método especulativo e vago de um sonhador impotente”, “intelectualmente capaz mas estéril do ponto de vista criativo” (MAJUMDAR e MCLAURIN, 1975: 131, apud RODRÍGUEZ, 2004.). Os críticos da *Scrutiny* criticaram os ensaios de Woolf chamando seu método de “beletrista, impressionista, amador, *raconteur*”. (BELL e OHMAN, 1974, apud RODRÍGUEZ, 2004).

imprudente declarar em alto e bom tom. Pois não se diz tudo; existem algumas coisas que no momento é aconselhável somente sugerir. Escreve-se para poucos, que entendem”.⁸² Nessa busca, Woolf adota Montaigne como um de seus mentores – que pode ser visto como fundamental na consolidação da abordagem modernista woolfiana.

Não é intuito deste trabalho discorrer longamente sobre os pormenores da influência de Montaigne sobre a obra de Woolf, com cujos ensaios ela era familiar desde a adolescência, por meio da tutela do seu pai – grande admirador da obra do pensador francês. Christine Froula analisou brilhantemente como Montaigne ajudou Woolf a encontrar o tom narrativo de *Mrs. Dalloway*, e a apropriação que ela faz da técnica ensaística de Montaigne em obras como *Orlando* e *A Room of One's Own* foi esmiuçada por D. M. Marchi⁸³. O que é de importância considerar aqui é que Montaigne foi crucial na busca de Woolf por um *modo de pensamento adequado à sua poética* – como ela se modelou em um estilo marcado pela dúvida, pela suspensão do julgamento dogmático e pela quebra de sequência narrativa – *em uma fase definidora em sua teorização e prática literária*, entre o final dos anos 1910 e os anos 1920.

Aqui cabe a observação de que teoria e prática, para Virginia Woolf, eram indissociadas, uma vez que ela refletia enquanto criava e criava enquanto refletia (o que origina a natureza interseccional de sua obra), e as formulações que faz são quase que totalmente fundamentadas na sua própria práxis e na leitura (na práxis) de outros escritores. O que preceituou para seu diário no início de sua fase modernista – desejando escrever a um ritmo tão intenso que fosse “preciso dar os tiros mais diretos & imediatos no meu objeto, & portanto pôr as mãos nas palavras, escolhê-las & atirá-las sem mais pausa do que o necessário para mergulhar a caneta na tinta”, a fim de torná-lo algo semelhante a “uma escrivainha velha & ampla, ou uma mala espaçosa, em que se atira um monte de bugigangas sem examinar”, para ao cabo de alguns anos descobrir “que a coleção se organizou & se refinou sozinha, & que se aglutinou numa forma (...)”

⁸² Virginia Woolf. “Montaigne”. Woolf irá, ao menos nominalmente, derrubar por terra esse preceito na década de 1930, e declara que o fez no ensaio “Profissões para mulheres”, quando diz que matou o Anjo da Casa.

⁸³ Para análises pormenorizadas sobre as influências de Montaigne em romances de Woolf, ver FROULA, 2013; e MARCHI, 1994 e 1997.

transparente o bastante para refletir a luz de nossa vida, mas ao mesmo tempo estável, serenamente composta com a mesma isenção de uma obra de arte” – é o que almejava para sua escrita como um todo, e não apenas ali. Quando após poucos anos Woolf declara, em “Montaigne”, que “é uma trilha mais acidentada do que parece, seguir um ritmo tão aleatório e incerto quanto o da alma; penetrar as profundezas escuras de seus intrincados ziguezagues internos (...); uma empreitada nova e extraordinária, que nos arranca dos afazeres comuns e mais indicados do mundo” e que “essa fala sobre si mesmo, seguindo os próprios caprichos, entregando o mapa, o peso, a cor e a circunferência da alma em toda sua confusão, em toda sua variedade e em toda sua imperfeição” – ecoa suas próprias palavras, portanto; enxerga seu próprio rosto refletido no de seu modelo: Montaigne, não por acaso “o mestre da dúvida” e “o primeiro dos modernos”.

Pois pode-se compreender o estilo ambivalente woolfiano, ainda, como sua resposta a um anseio modernista, uma vez que o conflito entre unidade e descontinuidade (ou fragmentação) é algo que adquire importância na obra de todos os modernos – e não apenas na dela. Para eles a completude, valor admirado desde Aristóteles, já não é mais encarada como uma apreensão do real em sua totalidade, coisa que reconhecem como impossível, mas como a criação de uma coerência interna da obra. Consequentemente, a questão deixa de ser a referência mimética da obra a um universo externo, e sim de que ela mesma constitua, em si, um universo particular (o que remete à ideia de Livro-Cosmo)⁸⁴. A descontinuidade – caracterizada pelos silêncios, interrupções, suspensões – apresenta-se, ao lado da inter e da autotextualidade fragmentária, como uma maneira possível de se forjar um todo artístico.

E fato é que tais interrupções sempre haverão num “quarto só seu”⁸⁵, que ele será invadido pelo mundo exterior. O diário de Woolf o demonstra fisicamente – com a enorme recorrência de suspensões na escrita causadas por compromissos, visitas, jantares que precisam ser consumidos ou ir para o forno, hiatos causados por crises nervosas, humores, doenças, dores de cabeça, barulhos, bombas, greves, guerras. Essas interrupções aparecem indicadas não

⁸⁴ Ver PERRONE-MOYSÉS, 1998: 162.

⁸⁵ “Interrupções sempre haverão”. AROO: 117. Trad. minha.

apenas pela própria Woolf (“Greve resolvida. (toca a campainha). A Greve foi resolvida por volta de 1.15 – ou pelo menos foi quando anunciaram no rádio”, 12 de maio de 1926, “Imagino que o jantar tenha me interrompido”, diz ela em 15 ago. 1929 referindo-se à entrada interrompida imediatamente anterior), mas também pelas entradas que continuam com tintas diferentes, indicando que foram retomadas posteriormente. São ainda assinaladas pelos espaços em branco que por vezes aparecem entre um trecho e outro de uma mesma entrada (“Parei a frase no meio; alguém imagino deve ter me interrompido”, afirma em 30 jun. 1929, depois de um salto na escrita).

Grosso modo, intermitências como essas são uma constante nos diários dos escritores do século XX, para quem, em sua experiência, fundem-se catástrofes mundiais (conflitos violentos, holocausto, totalitarismos) e catástrofes pessoais (vícios, problemas mentais, depressão, degradação física). Enquanto eles travam guerras silenciosas dentro de si, os conflitos de um mundo em desaparecimento sugam sua subjetividade e os atravessam com máquinas de extermínio⁸⁶. Seus diários são terrenos de resistência onde ainda se almeja o narrar e, dessa maneira, não podem ser vistos apenas como fruto de expressão individual; por mais íntimos que pareçam, seu discurso sempre permite articular as vozes e experiências alheias. Mas, longe de serem encaradas como algo passivo – algo a que a autora se dobra e aceita –, as interrupções são apropriadas ativamente por Woolf. Ela as transforma em partes integrantes da unidade de seu diário, tanto em discurso (ao informar textualmente que elas ocorreram) quanto em forma (ao dispô-las lado a lado com outros assuntos em um mesmo parágrafo, em vez de quebrar os assuntos, corroendo dessa maneira a linearidade narrativa).

Entretanto, o aspecto da continuidade formal foi apagado no processo de edição do diário de Virginia Woolf. Nem é preciso discorrer longamente sobre como isso aconteceu na primeira publicação do diário – o recortadíssimo *A Writer's Diary*: é algo que se torna óbvio ao considerarmos que Leonard retirou tudo o que para ele não concernia a escrita de Woolf. Portanto, o que será examinado a seguir é esse aspecto da edição empreendida por Anne Olivier-Bell, detalhando a natureza das intervenções realizadas.

⁸⁶ PAULS, 1996: 7. Trad. minha.

a obliteração da forma na edição de Anne Olivier Bell

Anne Olivier-Bell tornou-se conhecida por ter dedicado quase duas décadas, entre os anos 1970 e fim dos 1980, à edição e publicação do diário de Virginia Woolf em cinco volumes extensamente anotados. Esposa do sobrinho da escritora, Quentin Bell, fazia parte do círculo de Bloomsbury e ajudou-o a escrever a biografia de Woolf. Além disso, detinha o que já foi considerado um “conhecimento enciclopédico” do grupo – não só por ter convivido com parte dele como também porque seu marido e sua cunhada, Angelica Garnett, tornaram-se os herdeiros do espólio da autora após a morte de Leonard. Depois de concluir a edição “integral” do diário, Olivier-Bell lançou em 1990 um livro sobre esse processo editorial (*Editing Virginia Woolf's Diary*) e, em 1992, o que chamou de versão condensada do diário de Woolf (*A Moment's Liberty: The Shorter Diary*) – que, nas palavras de seu marido Quentin, autor do prefácio, era mais palatável do que a edição integral e portanto “mais adequada ao leitor comum”. Olivier-Bell foi incensada pela sua tarefa, tendo recebido graças a ela títulos honorários pelas universidades de York e Sussex.

Curioso é que ela tenha criticado Leonard Woolf publicamente pelos cortes extensos no diário da esposa, apesar de, como se vê, alguns anos mais tarde ter feito o mesmo que ele. “Embora revele o autorretrato comovente e absorvente do trabalho de uma verdadeira artista, sua publicação provavelmente colaborou muito para criar ou reforçar a popular imagem jornalística de Virginia Woolf – da Rainha de Bloomsbury arrogante, caprichosa e maliciosa”⁸⁷, disse ela em *Editing Virginia Woolf's Diary*.

Conquanto o trabalho de Olivier-Bell tenha colaborado grandemente para a divulgação do diário de Virginia Woolf, ajudando a iluminar suas passagens obscuras, sua abordagem editorial transfigurou o rosto dessa obra. Ao focar-se prioritariamente na clareza informativa, eliminou traços relevantes da forma do diário. Entre as alterações realizadas, estão: a escolha de trazer para o corpo do texto as datas das entradas, que Woolf escolhia manter à margem; a separação

⁸⁷ BELL, 1989: 11. Trad. minha.

de entradas que eram originalmente unidas e que foram redigidas no curso de mais de um dia, inserindo datas novas entre colchetes (que não existem no original); a correção das datas das entradas, ora acrescentando-lhes o dia da semana quando Woolf não o menciona (Woolf não seguia um padrão de grafia de datas), ora corrigindo a data quando considera que Woolf a errou (informando em notas de rodapé tal intervenção); a criação de parágrafos em trechos contínuos nos quais Woolf muda de assunto, com a intenção de domar a tortuosidade da leitura; e, por fim e importantemente, a exclusão de 76 entradas do diário – todas pertencentes ao volume chamado Diário de Asheham, escrito entre 1917 e 1918.

Para esclarecer melhor a natureza das quatro primeiras considerações, segue um exemplo de cada caso. As exclusões realizadas no Diário de Asheham serão consideradas à parte, mais adiante, por exigirem maior detalhamento.

CORREÇÃO DE DATAS. São bastante frequentes correções como esta.

MANUSCRITO (1926)

“Domingo, 16 de maio”

EDIÇÃO PUBLICADA

“Domingo, 17 de maio”. E, em nota de rodapé: “VW grafou erroneamente essa data como *Domingo, 16 de maio*”.

Percebe-se que, em vez de optar por conservar o texto tal qual foi escrito por Woolf – com as incoerências temporais e os lapsos típicos de quem escrevia um diário quase sempre às pressas – e observar tais imprecisões à parte, em paratextos, Olivier-Bell escolhe o caminho inverso. *Prefere intervir diretamente no texto, alterando-o*, e depois indicar em notas de rodapé como era o texto original. Tal opção editorial padroniza artificialmente um texto que está muito longe de ter um padrão, e com isso o considera apenas em sua instância factual.

INSERÇÃO DOS CABEÇALHOS DE DATAS NO CORPO DO TEXTO; DESMEMBRAMENTO DE ENTRADAS EM OUTRAS, ANTES INEXISTENTES; E INSERÇÃO DE NOVOS PARÁGRAFOS. Vejamos um exemplo de entrada que Anne Olivier-Bell

desmembra e na qual também insere parágrafos que não existiam no original. Entre 16 de junho e 21 de julho de 1930, Virginia Woolf escreve uma única longa passagem, sem dar indícios de que a estava redigindo no transcorrer de dias diferentes. Na edição comercial, além de essa entrada ter sido desmembrada em três entradas, novos parágrafos foram criados.

Ademais, Olivier-Bell adota um padrão de grafia dos cabeçalhos das datas diferente do que costuma ser adotado no manuscrito. Em vez de anotar as datas no alto de cada entrada, Woolf em geral o fazia nas margens, separando-as com uma longa linha à esquerda da página. (Esse era um padrão que, aliás, ela adotava em todos os textos que escrevia: surge tanto nos manuscritos dos diários como no dos romances, ensaios, biografias etc.) Tal artifício permitia que ela mantivesse datas e comentários *à parte do corpo principal do texto* e, no caso específico do diário, possibilitava também que ela frequentemente escrevesse as entradas como um único longo texto ininterrupto, independentemente de indicar as datas à margem ou não. Isso adquire ainda maior peso e relevância quando se leva em consideração que Woolf era alguém bastante familiarizada com processos editoriais e recursos gráficos, graças à sua experiência de trabalho na Hogarth Press.

MANUSCRITO

Quantos furos! Nada foi dito de nossa viagem pelo Oeste; nada sobre a cirurgia de N.; nada de Taupin, que perdeu minha chave quebrou copos & cozinha com a inspiração desanimada de quem um dia na vida já cozinhou bem; & nada sobre o alívio divino das minhas noites tranquilas, sem criadas; de como vamos jantar no Cock & dizemos um ao outro, isso não podia durar para sempre? & ainda de como telefonei para Mrs Walters [*faxineira*]; & que esse experimento, árduo, começa amanhã. Leonard não sabe lidar bem com uma crise. Quero dizer, a cautela faz com que ele puxe as rédeas. Ele prevê obstáculos. Tem um lado filantrópico também, de que desconfio. Precisa ser bom com quem depende dele. Estou apressada demais para ampliar essas anotações. Seja como for, Mrs W., uma americana com vontade de trabalhar, foi jornalista, é uma intelectual, & começa a trabalhar aqui amanhã; como já vieram Miss Ritchie, or Lyn Eirven. Eu tenho de lhe dar ordens; ela de preparar a gororoba. Será que vai dar certo? que

vai durar? Enfim – todas as minhas frases começam com enfim – uma experiência interessante.

Mrs Walters está aqui agora. E pergunta, “O que a senhora deseja de uma faxineira?” Mas aí vassouras novas &tc. De certa maneira ela não é jovem; um tanto velha & enrugada; não, mais nova que eu; mas com um rosto duro, acho; porém me contenho para não quebrar sua casca. O interesse será ter uma nova perspectiva em relação às tarefas domésticas. Minha experiência é agora meu ídolo. Conseguirei me satisfazer com menos? Quantos litros? Quantos quilos de manteiga? Ah livrar-se de criadas!; – pois todas as emoções que elas geram – confiança, suspeita, benevolência, gratidão, filantropia – são necessariamente ruins. E agora depositaram Nellie conosco para passar o dia; ela teve alta do hospital praticamente sem aviso. É engraçado testemunhar o conflito entre L. & eu. Eu defendo (por dentro) Walters; ele (secretamente) Nelly. Se os livros estão muito altos, ele se regozija em segredo. Se a comida está boa, eu rebaixo em segredo a de Nelly. Estranho como as antigas cenas azedam o meu humor – como me sinto pouco disposta em tê-la de volta. Em parte porque o silêncio é uma benção; & em parte por ver-me livre da presença das classes baixas. É com um verdadeiro calafrio que penso na ideia dela assumindo o controle de novo. E no entanto ela está prestativa agradável afetuosa; & não consigo me obrigar a ter uma conversa séria com ela como deveria. A todo momento eu a vejo me pedindo “saia do meu quarto”.

Mas basta – uma frase útil.

Não sei por quê, mas deixei de lado este livro [*o diário*]. O verão está a todo vapor. Este ano seus elementos são Nessa & Duncan, Ethel Smyth, Vita & reescrever As Ondas. Estamos muito prósperos. Ao fazer a contabilidade do semestre, descobrimos que cada um ganhou £425: & o ano que vem está garantido, graças às vendas colossais de The Edwardians – que batem na casa dos 20.000. E nem é um bom livro. Ethel Smyth chega de visita; veio ontem por exemplo, quando eu dedicava tão metodicamente a manhã a terminar a composição em tipos da última página de Sobre Estar Doente; ouvi a campainha, subi, & vi uma faxineira velha com casaco de alpaca branco; pedi que sentasse, liberei-a de suas caixas de papelão, repletas de cravos brancos, & olhei para seu monumental rosto de coronel velho (enfeitado com um colar inadequado, pois ela estava indo almoçar com Beecham). Em geral recebo duas cartas por dia. Eu diria

que os antigos fogos do safismo estão ardendo pela última vez. Em seu apogeu ela deve ter sido formidável – implacável, tenaz, precisa, rápida como um raio, confiante; com algo da objetividade & [*palavra ilegível*] do gênio, embora digam que ela componha como um mestre pedante da música alemão. Seu estilo ao escrever memórias, entretanto, é admirável – ela passou pela vida a todo galope, acumulando uma quantidade surpreendente de observações com as quais preenche suas conversas, a ponto de quase deixar L. à beira de um ataque de nervos. Uma das falas dela durou 20 minutos ininterruptos, ele disse, na outra noite. Estávamos de saída para um piquenique com Nessa & Duncan em Ken Wood. A inaptidão sublime dos dois me fez rir & fez Ethel rir & Eddy fechar a cara. Ficamos lá na garagem, sem fôlego, tontos, fedendo. Daí fomos a Gower Street. A noite se aproximava & o vento aumentou. Caiu um chuveiro. Nós nos arrastamos de volta até Hampstead. A casa estava cadavérica; os rododendros descorados. Onde jantaríamos? Melhor voltar a Fitzroy St. – foi o que fizemos, & jantamos sanduíches & morangos por volta das 10 com a maior das alegrias. Ela é uma velha ave topa-tudo – uma velhice completamente superior à de Margaret em termos de vitalidade.

Para falar a verdade, nos 15 minutos que me restam antes de eu subir para comer o almoço frio & delicioso mas um tanto caro de Mrs Walters – para falar a verdade estou um pouco chateada, tanto com Margaret quanto com Mr Birrell. Foram dois gestos de bondade da minha parte: o artigo sobre a Women's Guild & o artigo sobre B. Nenhum dos dois me agradeceu. M. mandou um cartão-postal. E eu que passei duas ou quem sabe até 3 semanas escrevendo aquela introdução; trabalhando sem parar. Jamais – a moral da história é essa – escreva um texto por bondade. Jamais se disponha a usar sua própria arte num gesto de amizade. E portanto se recuse a escrever sobre Maurice Baring, caso ele peça.

Encontramos uma fila de pessoas junto à janela quando entramos na sala de estar de Ethel quinta-feira passada – a Duquesa de Sermoneta, M. Baring, & Joyce Wethered. Posso contar a história?, falei para Maurice enquanto nos arrastávamos atrás de Joyce – & Ethel corria como uma louca atrás de seu grande cachorro peludo –; eu disse, “Esta festa parece a festa de um livro – como aquela em Box Hill de Jane Austen [*em Emma*].” Tinha um ambiente, uma formalidade

& uma definição que faziam dela um verdadeiro entretenimento – com trechos lentos, crises, lapsos, ápices. Todos tivemos de ir nos lavar. Todos tínhamos de fazer isso ou aquilo. A casa de Ethel é melhor do que eu esperava. Tem mais beleza & mais conforto do que eu poderia supor, a julgar pelo seu casaco de alpaca. Rosas vermelhas & brancas cobriam as paredes. Havia flores exuberantes nos canteiros. Tudo era cintilante, iluminado. As paredes são de chapisco, brancas; & não há um móvel que tenha custado mais do que uma ou duas libras – a maioria é mobília antiga de escola, que ela adora graças à sua intensa imaginação egoísta. “Era ali que eu sentava, quando Mary tocava piano... E eu dizia, Mary, poderia tocar Sol sustenido em vez de Sol... Esta é a cama – Virginia você pode ficar neste quarto quando dormir aqui – onde Sargent costumava dormir, deitado atravessado (pois é uma velha cama de ferro). E estes são meu pai & minha mãe – a artista era *ela*...” Mas a impressão que eu tive foi de um espírito muito genuíno, arejado; uma personalidade livre, completamente energizada – sem impedimentos nem inibições –, a mais solta das conversas com Maurice. “Conheci um sobrinho seu, Ethel, com dois nomes.” “Ora, capaz de ter conhecido mesmo – com dois nomes”. Não, não consigo transmitir a amplidão, a abertura, a naturalidade, a boa educação & o caráter dela. Estranhamente, ela é muito mais calejada como anfitriã do que como convidada; não fala tanto; é arguta & rápida, & tem uma facilidade deliciosa de convidar & atrair as pessoas, como Lady Balfour & Mrs Lyttelton, da vizinhança. Enquanto eles ficavam no sofá eu, bebericando champanhe, conversava furiosamente com Maurice B., que estava da cor de uma lagosta & tremia, sobre livros. Existiam 5 pessoas que costumavam me ajudar: estão todas mortas agora. Ele teve sua cota de tristezas: não sei quais: amou mulheres, eu diria.

E fui mais uma vez a Woking na terça-feira (escrevo isto esperando Vita, numa tarde bastante fria & úmida. Ela vai nos levar para olhar um guarda-roupas. Vou comprar um dourado, acho. Bem, está muito chuvoso, & estou um tanto desalinhada, depois de transformar 2 artigos em um &tc. E não vou jantar (aqui)

VERSÃO PUBLICADA

Domingo, 15 de junho

Quantos furos! Nada foi dito de nossa viagem pelo Oeste; nada sobre a cirurgia de N.; nada de Taupin, que perdeu minha chave quebrou copos & cozinha com a inspiração desanimada de quem um dia na vida já cozinhou bem; & nada sobre o alívio divino das minhas noites tranquilas, sem criadas; de como vamos jantar no Cock & dizemos um ao outro, isso não podia durar para sempre? & ainda de como telefonei para Mrs Walters [*faxineira*]; & que esse experimento, árduo, começa amanhã. Leonard não sabe lidar bem com uma crise. Quero dizer, a cautela faz com que ele puxe as rédeas. Ele prevê obstáculos. Tem um lado filantrópico também, de que desconfio. Precisa ser bom com quem depende dele. Estou apressada demais para ampliar essas anotações. Seja como for, Mrs W., uma americana com vontade de trabalhar, foi jornalista, é uma intelectual, & começa a trabalhar aqui amanhã; como já vieram Miss Ritchie, or Lyn Eirven. Eu tenho de lhe dar ordens; ela de preparar a gororoba. Será que vai dar certo? que vai durar? Enfim – todas as minhas frases começam com enfim – uma experiência interessante.

Segunda, 16 de junho

Mrs Walters está aqui agora. E pergunta, “O que a senhora deseja de uma faxineira?” Mas aí vassouras novas &tc. De certa maneira ela não é jovem; um tanto velha & enrugada; não, mais nova que eu; mas com um rosto duro, acho; porém me contenho para não quebrar sua casca. O interesse será ter uma nova perspectiva em relação às tarefas domésticas. Minha experiência agora é meu ídolo. Conseguirei me satisfazer com menos? Quantos litros? Quantos gramas de manteiga? Ah livrar-se de criadas!; – pois todas as emoções que elas geram – confiança, suspeita, benevolência, gratidão, filantropia – são necessariamente ruins.

E agora depositaram Nellie para passar o dia conosco; ela recebeu alta do hospital praticamente sem aviso. É engraçado testemunhar o conflito entre L. & eu. Eu defendo (por dentro) Walters; ele (secretamente) Nelly. Se os livros estão muito altos, ele se regozija em segredo. Se a comida está boa, eu rebaixo em segredo a de Nelly. Estranho como as antigas cenas azedam o meu humor – como me sinto pouco disposta em tê-la de volta. Em parte porque o silêncio é uma benção; & em parte por ver-me livre da presença das classes baixas. É com um verdadeiro calafrio que penso na ideia dela assumindo o controle de novo. E no entanto ela está prestativa

agradável afetuosa; & não consigo me obrigar a ter uma conversa séria com ela como deveria. A todo momento eu a vejo me pedindo “saia do meu quarto”.

Mas basta – uma frase útil.

Não sei por quê, mas deixei de lado este livro [*o diário*]. O verão está a todo vapor. Este ano seus elementos são Nessa & Duncan, Ethel Smyth, Vita & reescrever *As Ondas*. Estamos muito prósperos. Ao fazer a contabilidade do semestre, descobrimos que cada um ganhou £425: & o ano que vem está garantido, graças às vendas colossais de *The Edwardians* – que batem na casa dos 20.000. E nem é um bom livro. Ethel Smyth chega de visita; veio ontem por exemplo, quando eu dedicava tão metodicamente a manhã a terminar a composição em tipos da última página de *Sobre Estar Doente*; ouvi a campainha, subi, & vi uma faxineira velha com casaco de alpaca branco; pedi que sentasse, liberei-a de suas caixas de papelão, repletas de cravos brancos, & olhei para seu monumental rosto de coronel velho (enfeitado com um colar inadequado, pois ela estava indo almoçar com Beecham). Em geral recebo duas cartas por dia. Eu diria que os antigos fogos do safismo estão ardendo pela última vez. Em seu apogeu ela deve ter sido formidável – implacável, tenaz, precisa, rápida como um raio, confiante; com algo da objetividade & [*palavra ilegível*] do gênio, embora digam que ela componha como um mestre pedante da música alemão. Seu estilo ao escrever memórias, entretanto, é admirável – ela passou pela vida a todo galope, acumulando uma quantidade surpreendente de observações com as quais preenche suas conversas, a ponto de quase deixar L. à beira de um ataque de nervos. Uma das falas dela durou 20 minutos ininterruptos, ele disse, na outra noite. Estávamos de saída para um piquenique com Nessa & Duncan em Ken Wood. A inaptidão sublime dos dois me fez rir & fez Ethel rir & Eddy fechar a cara. Ficamos lá na garagem, sem fôlego, tontos, fedendo. Daí fomos a Gower Street. A noite se aproximava & o vento aumentou. Caiu um chuveiro. Nós nos arrastamos de volta até Hampstead. A casa estava cadavérica; os rododendros descorados. Onde jantaríamos? Melhor voltar a Fitzroy St. – foi o que fizemos, & jantamos sanduíches & morangos por volta das 10 com a maior das alegrias. Ela é uma velha ave topa-tudo – uma velhice completamente superior à de Margaret em termos de vitalidade.

[Domingo, 6 de julho]

E para falar a verdade, nos 15 minutos que me restam antes de eu subir para comer o almoço frio & delicioso mas um tanto caro de Mrs Walters – para falar a verdade estou um pouco chateada, tanto com Margaret quanto com Mr Birrell. Foram dois gestos de bondade da minha parte: o artigo sobre a Women's Guild & o artigo sobre B. Nenhum dos dois me agradeceu. M. mandou um cartão-postal. E eu que passei duas ou quem sabe até 3 semanas escrevendo aquela introdução; trabalhando sem parar. Jamais – a moral da história é essa – escreva um texto por bondade. Jamais se disponha a usar sua própria arte num gesto de amizade. E portanto se recuse a escrever sobre Maurice Baring, caso ele peça.

Encontramos uma fila de pessoas junto à janela quando entramos na sala de estar de Ethel quinta-feira passada – a Duquesa de Sermoneta, M. Baring, & Joyce Wethered. Posso contar a história?, falei para Maurice enquanto nos arrastávamos atrás de Joyce – & Ethel corria como uma louca atrás de seu grande cachorro peludo –; eu disse, “Esta festa parece a festa de um livro – como aquela em Box Hill de Jane Austen [*em Emma*].” Tinha um ambiente, uma formalidade & uma definição que faziam dela um verdadeiro entretenimento – com trechos lentos, crises, lapsos, ápices. Todos tivemos de ir nos lavar. Todos tínhamos de fazer isso ou aquilo. A casa de Ethel é melhor do que eu esperava. Tem mais beleza & mais conforto do que eu poderia supor, a julgar pelo seu casaco de alpaca. Rosas vermelhas & brancas cobriam as paredes. Havia flores exuberantes nos canteiros. Tudo era cintilante, iluminado. As paredes são de chapisco, brancas; & não há um móvel que tenha custado mais do que uma ou duas libras – a maioria é mobília antiga de escola, que ela adora graças à sua intensa imaginação egoísta. “Era ali que eu sentava, quando Mary tocava piano... E eu dizia, Mary, poderia tocar Sol sustenido em vez de Sol... Esta é a cama – Virginia você pode ficar neste quarto quando dormir aqui – onde Sargent costumava dormir, deitado atravessado (pois é uma velha cama de ferro). E estes são meu pai & minha mãe – a artista era *ela*...”

Mas a impressão que eu tive foi de um espírito muito genuíno, arejado; uma personalidade livre, completamente energizada – sem impedimentos nem inibições –, a mais solta das conversas com Maurice. “Conheci um sobrinho seu, Ethel, com dois nomes.” “Ora, capaz de ter conhecido mesmo – com dois nomes”. Não, não consigo

transmitir a amplidão, a abertura, a naturalidade, a boa educação & o caráter dela. Estranhamente, ela é muito mais calejada como anfitriã do que como convidada; não fala tanto; é arguta & rápida, & tem uma facilidade deliciosa de convidar & atrair as pessoas, como Lady Balfour & Mrs Lyttelton, da vizinhança. Enquanto eles ficavam no sofá eu, bebericando champanhe, conversava furiosamente com Maurice B., que estava da cor de uma lagosta & tremia, sobre livros. Existiam 5 pessoas que costumavam me ajudar: estão todas mortas agora. Ele teve sua cota de tristezas: não sei quais: amou mulheres, eu diria.

[Segunda, 21 de junho]

E fui mais uma vez a Woking na terça-feira (escrevo isto esperando Vita, numa tarde bastante fria & úmida. Ela vai nos levar para olhar um guarda-roupas. Vou comprar um dourado, acho. Bem, está muito chuvoso, & estou um tanto desalinhada, depois de transformar 2 artigos em um &tc. E não vou jantar (aqui)

Já de início, fica evidente como a opção de inserir as datas no alto das entradas, diferentemente do que Virginia Woolf fazia nos manuscritos, apaga as ocorrências em que Woolf unia uma entrada a outra. No entanto, como outros usos das margens foram preservados na edição de Olivier-Bell (a fim de por exemplo reproduzir as anotações posteriores que Woolf ocasionalmente fazia para acrescentar ou alterar um dado de alguma entrada), fica explícito que o que orientou o processo editorial nesse caso foi de fato a informação em detrimento da forma. As anotações às margens foram preservadas porque trazem dados, enquanto as datas, que no manuscrito não são grafadas ao modo convencional dos diários, passam a sê-lo na versão editada, a fim de eliminar percalços de leitura.

Os casos em que Woolf escreve uma mesma entrada ao longo de diversos dias sem indicá-lo sinalizam como, aí, ela estava privilegiando o aspecto narrativo e literário do diário, e não o registro documental. Em meio aos diversos assuntos tratados na passagem do exemplo acima (a festa de Ethel, o minguar das cartas de Vita, as novas criadas), existe um deles que interliga os diferentes dias: os desafios e as dificuldades de passar sem Nelly Boxall, sua criada de longa data que agora retorna depois de passar algum tempo afastada,

internada com uma crise renal – e com quem as relações haviam atingido um elevado nível de tensão.

O exemplo também dá a perceber como as quebras artificiais de parágrafo inseridas por Anne Olivier Bell domesticam o texto woolfiano. No caso acima, inserir um parágrafo entre “E estes são meu pai & minha mãe – a artista era *ela...*” e “Mas a impressão que eu tive” elimina o salto de pensamento existente no trecho, que originalmente colocava lado a lado duas reflexões não concatenadas: na mesma linha, Woolf reproduzia uma fala de Ethel e, logo em seguida, falava de suas próprias impressões sobre a compositora – saltava da mente de Ethel para a sua. O parágrafo acrescentado elimina a ideia de pensamento à deriva – fundamental para o processo literário de Woolf –, ao ordená-lo.

Já o parágrafo inserido entre “Ah livrar-se de criadas!; – pois todas as emoções que elas geram – confiança, suspeita, benevolência, gratidão, filantropia – são necessariamente ruins” e “E agora depositaram Nellie para passar o dia conosco” demarca a quebra de temporalidade que havia sido declarada apenas nominalmente, mas não estava implícita na *forma* do texto, uma vez que este era originalmente contínuo e não interrompido. Ora, Woolf vinha devaneando sobre o desejo de não ter mais criadas quando Nelly, de repente, chega. No entanto, em vez de inserir uma quebra na narrativa para indicar tal fato, ela prefere *incorporar* ao seu devaneio a chegada de Nelly (da própria criada que o suscitou). Conservar a característica original de continuidade em um trecho como esse poderia desnortear o entendimento do leitor – e Olivier Bell se dedica a enfatizar a compreensão e eliminar estranhamentos.⁸⁸

Todas essas intervenções podem ser consideradas bastante problemáticas principalmente por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque *apagam a noção de tempo contínuo*, que Virginia Woolf corporifica em seu diário por meio de dias que se fundem a outros na memória (de maneira tal que as datas deixam de ter protagonismo e somem, ou tornam-se comentários

⁸⁸ No prefácio do primeiro volume da edição do diário de Woolf, AOB assim sustenta: “Como editora, parto da posição de que é meu dever ser capaz de ler o que Virginia Woolf escreveu e entender sobre o que ela estava falando nos diários, a fim de apresentar um texto claro e compreensível”. D1: viii. Trad. minha.

às margens). Em segundo lugar, porque obliteram a noção de que Woolf muito provavelmente encarava os volumes separados do diário como pertencentes a uma única obra que, apesar de seguir sendo escrita numa mixórdia de formatos, *progressivamente ia sendo construída e arrematada como um só grande e heterogêneo texto*.

O DIÁRIO DE ASHEHAM. Durante o período em que pesquisei os manuscritos originais do diário de Virginia Woolf cotejando-os com a edição feita por Anne Olivier Bell, em 2017, verifiquei que desta foram excluídas 78 entradas – todas pertencentes ao volume conhecido como Diário de Asheham, escrito entre 1917 a 1918. Olivier Bell menciona, numa nota de rodapé reproduzida abaixo, ter excluído algumas passagens de 1918. Os cortes, porém, vinham sendo feitos desde as entradas de 1917, sem que ela os mencione nenhuma vez. Também não há menção alguma ao número de entradas excluídas. No caso de Asheham, foram excluídas mais da metade de suas passagens.

Existem entradas diárias no Diário de Asheham de 31 de julho a 6 de outubro, com exceção de quatro dias, de 9 a 12 de setembro. Foram escritas no mesmo estilo lacônico daquelas do verão anterior e tratam dos mesmos assuntos que VW menciona aqui. Não foram incluídas porque nem pelo estilo nem pelo conteúdo suplementam significativamente o diário muito mais completo que ela agora vinha mantendo. (D1, 179)

Existe uma particularidade no diário woolfiano entre os anos de 1917 e 1918, provavelmente suscitada pelo momento pessoal pelo qual Virginia Woolf estava passando – em 1915, ela teve uma grande crise nervosa que durou até quase 1916, e só retomou a escrita do diário em 1917. Entre 1917 e 1918 escreveu seu diário em quatro volumes distintos, praticamente de modo concomitante. Asheham foi o primeiro. O nome vem da casa em Sussex onde, entre 1912 e 1919, o casal Woolf passava fins de semana e férias, antes de comprarem Monk's House.

Woolf ainda se encontrava abalada quando recomeça a escrever seu diário depois de tão longo hiato, e a impressão que se tem ao ler esses primeiros escritos é de alguém que está reaprendendo a expressar-se. As entradas são

assombrosamente diferentes do estilo da autora até 1915. Quase nunca ultrapassam um ou dois parágrafos, são frequentemente formadas por frases curtas em períodos simples e, de modo geral, resumem-se a registrar mudanças climáticas, a vida natural do entorno, atividades cotidianas como comprar mantimentos e outras relacionadas à guerra (como por exemplo buscar cogumelos no bosque para enfrentar o racionamento de alimentos), à semelhança de um boletim.

Este é um exemplo de entrada típica do Diário de Asheham; encontra-se excluída da edição comercial e data de 26 de março de 1918.

Notícias da batalha um pouco melhores hoje. L. ouviu artilharia ontem de manhã. Tarde no jardim. L. plantou legumes. Eu costurei. L. encontrou erva-de-são-joão ontem. Esquecemos a mudança para o horário de verão no domingo, por isso só tomamos o café da manhã às 10. Ouvi o que pensei ser a primeira metade dos cucos, mas o livro diz que ainda é cedo. Mais nuvens ontem, mas ainda bastante ensolarado e sem vento. 12 aeroplanos em formação passaram por nós depois do chá. Borboletas com estampa de tartaruga. Fomos para Lewes.

O processo de escrita do diário entre 1917 e 1918 foi bastante confuso. Como mencionado, Virginia Woolf manteve quatro volumes nesse período. Começa a escrever no Diário de Asheham durante as férias de verão de 1917, de 3 de agosto até 4 de outubro. Deixa esse volume na casa de campo e segue para Hogarth House, em Richmond (seu endereço principal na época), onde, em 8 de outubro, começa um novo, que escreve até 3 de janeiro de 1918. Este acaba e ela inicia um novo volume em 4 de janeiro, no qual escreve até 23 de julho. Finalmente, abre outro livro em 27 de julho, que termina em 12 de novembro. Todos os três novos volumes são escritos na Hogarth House, e, ao longo daquele período, sempre que vai a Asheham ela escreve no diário que ali deixou – até que este acabe, em 6 de outubro de 1918. Além disso, em Asheham ela, em alguns momentos, divide entradas com outro volume, menor, que também mantém na casa de campo. Isso significa que *Woolf continua escrevendo em Asheham ao mesmo tempo em que escreve em seus outros diários “principais”,* cujas entradas possuem um estilo bastante diverso do dele: são mais alongadas,

com observações sobre os livros que ela estava lendo, visitas que recebe e impressões quanto ao que lhe acontece. Em poucas palavras, são muito mais parecidas com o rosto que seu diário viria a assumir a partir de então.

Importante observar que há 14 entradas duplicadas, ou seja, escritas no mesmo dia e em diferentes volumes, cada qual com um estilo – quase como se Woolf ainda estivesse decidindo qual encaminhamento estilístico e formal dar a seu diário até que no ano seguinte, em 1919, redija a “entrada-manifesto” que abre este capítulo, estabelecendo para ele uma espécie de projeto. As 14 entradas duplicadas encontram-se todas entre as 78 entradas suprimidas da edição de Olivier Bell.

O Diário de Asheham guarda outras diferenças dos demais diários de Virginia Woolf. Uma delas é o fato de ter sido escrito quase que diariamente. Entradas como a seguinte, de 1918 e excluída da edição comercial, sugerem que Woolf ainda tentava decidir se escrever todos os dias era ou não importante para um diário, indicando que já estava buscando uma forma própria para o gênero. O tipo de passagem abaixo cessa de ocorrer nos volumes seguintes ao Diário de Asheham.

20 de setembro, sexta-feira
Nada a observar.

Não foi possível, na época da pesquisa com os originais, localizar nenhum artigo que mencionasse ou explicasse a supressão das 78 entradas no diário de Woolf. Mais tarde, descobri que a pesquisadora Barbara Lounsberry da Universidade da Flórida, que se dedicou durante anos ao estudo do diário de Woolf, apontara esse fato durante a Fifth Annual Conference on Virginia Woolf, em 1995⁸⁹. Sua voz, entretanto, ainda é solitária, e por conseguinte a extensão da interferência editorial de Olivier Bell e seu impacto seguem praticamente ignorados pela crítica.

O Diário de Asheham é um volume que temporal e espacialmente encontra-se fora do recorte proposto nesta tese. Se aqui o contemplo em breve análise é porque acredito que colabore para exemplificar com clareza que a

⁸⁹ LOUNSBERRY, 1996: 93-98. Trad. minha.

versão do diário de Woolf que chegou a público de nenhuma maneira pode ser considerada integral ou próxima do original (embora frequentemente o seja), e que aquilo que dela foi suprimido foi decisivo para orientar sua recepção após sua publicação.

o diário, uma obra em “segundo plano”?

Do ponto de vista da recepção crítica, talvez um dos principais efeitos da edição de Anne Oliver Bell ao apagar as marcas discutidas acima tenha sido estimular que o diário fosse visto como uma obra de valor antes de mais nada informativo. Isso colaborou para que fosse tratado em segundo plano em relação a outras obras woolfianas, encampando, de certa maneira, uma opinião que a própria Woolf aparentemente reitera.

Graças às diversas passagens em que se recrimina por haver deixado seu diário de lado em função de outros afazeres, Woolf deixa transparecer que escrevê-lo ocupava uma função importante para ela. “Ao trazer este livro aqui para o estúdio, acho que acabei por cerceá-lo, já que passo as manhãs inteiras escrevendo – Swift ou cartas. Assim uma tribo inteira de pessoas & festas desceu pelo ralo até o esquecimento” (19 jul. 1925), “Melhor continuar escrevendo – já que este livro está acostumado a maus-tratos escandalosos – enquanto espero – aqui começam interrupções que duraram até este momento” (11 mai. 1926), “Perdi meu suporte para escrever; uma desculpa para o estado anêmico deste livro” (18 mar. 1927). Apesar disso, ela continuamente se pergunta por que escreve o diário, e os motivos são via de regra variações sobre o mesmo tema – algo como um passatempo. O diário serve para afastar o tédio ou dar-lhe um respiro de suas atividades de escrita e leitura como profissional (“Esses dez minutos estão sendo roubados de Moll Flanders, que não consegui terminar ontem de acordo com o meu cronograma”, 12 abr. 1919; “Escrevo [aqui] portanto em parte para escapar do fardo de escrever narrativas”, 9 ago. 1928); ajuda a acalmar seus nervos e “melhorar meu humor, escrever para afastar minha inquietação” (26 mai. 1921); assentar a poeira da mente (“para assentar a poeira da minha mente, escrevo aqui”, 17 abr. 1928); testar uma caneta nova (“Escrevo isso, como costumava escrever muitas outras páginas no passado,

para testar uma caneta nova; pois estou hesitante – não consigo me decidir se continuo com a caneta velha ou não”, 15 mai. 1929); é um hábito (“Os hábitos aos poucos vão mudando o semblante da nossa vida, assim como o tempo muda nosso rosto; & não percebemos. Aqui estou eu neste estúdio, vindo escrever meu diário; quase sempre depois do chá eu me retiro aqui. Por outro lado, agora não componho mais tipos nem endereço envelopes. Assim pode ser que o hábito um dia acabe aniquilando este diário”, 13 abr. 1929).

Continuamente ela declara, por conseguinte, que o diário era uma escrita sem importância, rascunhos, rabiscos (“*scribbles*”): “Mas depois de assim rabiscar ao acaso nesta página, preciso ir” (22 jun. 1927); “Ah para buscar alívio dessa correção incessante (estou agora nos interlúdios [*de As ondas*]) escrevo algumas palavras despreocupadamente” (7 jul. 1931). Ao falar de suas obras públicas, faz um contraponto implícito com o diário – nele não haveria valor, nelas sim: “Não são rabiscos; estão alimentando & abrigando 7 pessoas: um grande homem como Percy; uma mulher com cara de cenoura como Cartwright; todos eles vivem das minhas palavras” (13 abr. 1928).

Esse julgamento do diário como algo de menor relevância reflete o mesmo que ela dedica a obras suas que, do seu ponto de vista, não considera do mesmo estatuto de importância que outras, tais como *Orlando* – que ela enxerga como superficial (não a faz mergulhar em suas profundezas), uma brincadeira, um descanso, umas férias, um alívio da pressão. Suas verdadeiras obras seriam as experimentais, sérias, difíceis; aquelas que não são criadas com desenvoltura, mas que exigem, esgotam, levam consigo tudo o que ela tem de si – tais como *Ao farol* ou *As ondas*. “Sim está pronto – *Orlando* – iniciado em 8 de outubro como uma brincadeira; & agora meio comprido demais para o meu gosto. Talvez não seja nem alho nem bugalho, longo demais para uma brincadeira, & frívolo demais para um livro sério” (22 mar. 1928); “(...) o caso é que esse *Orlando* é naturalmente um livro muito ágil & brilhante. Claro, mas não procurei explorar. Mas será preciso sempre explorar? Sim, ainda acho que sim. Porque minha reação não é a usual. E tampouco consigo mesmo depois de todos esses anos esquivar-me disso levemente. *Orlando* ensinou-me a escrever uma frase direta; ensinou-me continuidade & narrativa, & como desviar das realidades. Mas deliberadamente evitei é claro qualquer outra dificuldade. Em nenhum momento mergulhei nas minhas profundezas & fiz as imagens

colidirem, como em *Ao Farol*” (7 nov. 1928); “Pois a verdade é que eu preciso de uma aventura depois desses livros sérios poéticos & experimentalistas cuja forma é sempre tão minuciosamente dissecada. Quero soltar as amarras & partir. Quero incorporar todas essas inúmeras ideiazinhas & historinhas que lampejam na minha imaginação em todas as épocas. Acho que será divertidíssimo de escrever; & um descanso à minha cabeça antes que eu me lance à obra extremamente séria, mística & poética que desejo escrever em seguida” (14 mar. 1927. Escrito à margem: “Orlando conduzindo a *As Ondas*. 8 de julho de 1933); “Segundo vejo existem misteres que precisam ser executados pelo talento para que o gênio tenha alívio: ou seja temos o lado da brincadeira; o dom enquanto mero dom, dom não aplicado; & o dom a sério, colocado em prática. E um alivia outro”. (7 nov. 1928).

Percebe-se nesse tipo de pensamento a ênfase, herdada do romantismo, em encarar o ato de criação como sofrimento, agonia; e no valor da obra residindo em características como seriedade e complexidade, excluindo outras como leveza, fluência e humor. Blanchot é um dos críticos que parece corroborar essa leitura quase romântica de Woolf quando a afirma como uma autora dedicada a criar uma obra etérea, ligada basicamente à subjetividade e à busca estética – refletindo com isso uma opinião que, aliás, perdurou durante um bom tempo nas análises a respeito da autora⁹⁰.

Mas que um escritor tão puro quanto Virginia Woolf, que uma artista tão empenhada em criar uma obra que retivesse somente a transparência, a auréola luminosa e os leves contornos das coisas, tenha se sentido de certa maneira obrigada a voltar para junto de si, num diário tagarela em que o Eu se derrama e se consola, isso é significativo e perturbador. O diário aparece aqui como uma proteção contra a loucura, contra o perigo da escrita. Lá, em *As ondas*, ruge o risco de uma obra em que é preciso desaparecer. Lá, no espaço da obra, tudo se perde e talvez a própria obra se perca. O diário é a

⁹⁰ Autores como Pauline Johnson viam nela a “visão de uma subjetividade emancipada concebida meramente em termos de sensibilidade estética” (JOHNSON, 1990: 104). M. C. Bradbrook diz que como Woolf não oferece nenhum enredo, nela não há “nenhum sentido de movimento histórico ou moralidade”: “apaixonada pela técnica, ela não tem nada de concreto a dizer” (BRADBROOK, 1975).

âncora que raspa o fundo do cotidiano e se agarra às asperezas da vaidade.⁹¹

A opinião de Blanchot de que Woolf se dedicou a escrever uma obra que “retivesse somente a transparência, a auréola luminosa e os leves contornos das coisas” desconsidera tanto a dimensão política e os conflitos entre arte, história, violência e gênero presentes nos textos woolfianos, quanto os outros gêneros literários pelos quais ela transitou: dificilmente se poderia dizer que um texto como *A Room of One's Own* ou *Three Guineas* trata apenas de halos luminosos ou de leves contornos. Mais; o diário de Woolf, segundo o ponto de vista de Blanchot, serviria apenas para protegê-la do risco que a escrita traz da loucura e do desaparecimento, não configurando em si uma “escrita”: afinal, a obra não está aí, e sim “lá”, em textos como *As ondas*. Ao diário caberia apenas a função de âncora que raspa desagradáveis “asperezas da vaidade”.

Entretanto, a investida do pensador francês não parece se limitar ao diário woolfiano apenas, mas estender-se ao gênero diarístico em geral. Para Blanchot, se o diário de Woolf serve como uma tábua de salvação para evitar que ela se perca na exigência sem limites da arte, os outros servem quase sempre como um artifício para o diarista escapar da nulidade da vida, por meio da ilusão de que são arte.

A ilusão de escrever, e por vezes de viver, que ele dá, o pequeno recurso contra a solidão que ele garante (...), a ambição de eternizar os belos momentos e mesmo de fazer da vida toda um bloco sólido que se pode abraçar com firmeza, enfim a esperança de, unindo a insignificância da vida com a inexistência da obra, elevar a vida nula à bela surpresa da arte, e a arte informe à verdade única da vida, o entrelaçamento de todos esses motivos faz do diário uma empresa de salvação: escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (...) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias ou, como Virginia Woolf, como Delacroix, para não se perder naquela prova que é a arte, que é a exigência sem limite da arte. O que há de singular nessa forma híbrida, aparentemente tão

⁹¹ BLANCHOT, 2005: 273. Grifo meu.

fácil, tão complacente e, por vezes, tão irritante pela agradável ruminação de si mesmo que mantém (como se houvesse o menor interesse em pensar em si, em voltar-se para si mesmo), é que ela é uma armadilha.⁹²

Blanchot enxerga o diário de Woolf como um documento comovente e um testemunho do que ele chama de luta interminável da escritora com o demônio da vocação – ou a oscilação constante entre o deleite da escrita e o sofrimento de seu suplício. Embora os limites interpretativos do seu ensaio se devam em grande parte aos limites da versão do diário que tinha em mãos – extirpada completamente, por Leonard Woolf, das trivialidades e inconveniências que formam a grande massa de seus dias –, também se devem ao que Giordano chama de “método dominante entre os críticos que rastreiam o encontro de literatura e vida nos documentos pessoais de um escritor”,⁹³ que os leva a fecharem-se a outras interpretações e enfoques desses mesmos “documentos”.

E, embora Woolf faça afirmações que parecem corroborar a opinião blanchotiana de que seu diário servia como um bem-vindo respiro da sua “verdadeira escrita” – e que levam a acreditar que, para ela, o diário de fato não possuía relevância artística –, a profusão de outras declarações suas e as interpretações que é possível estabelecer a partir da correlação entre todas elas fazem crer no contrário. Woolf por vezes manifesta que, apesar de não o tratar como tal, encara seu diário como uma obra séria (“Creio que vou iniciar uma nova convenção para este livro – começar cada dia em uma página nova – meu hábito ao escrever literatura séria”, 27 fev. 1926), e também chega a declarar que o diário, por se dar a partir de “montes de fatos descombinados”, seria uma criação muito mais verdadeira do que as demais. Nota-se nesse último pensamento, de modo tão woolfianamente contraditório, a apreciação daquilo mesmo que ela parece criticar – os esboços sem concatenação, intuindo que lhe permitem não “descobrir um sentido único (...) mas encontrar (...) o imprevisto”.⁹⁴

⁹² BLANCHOT, 2005: 274-75.

⁹³ GIORDANO, 2011: 113. Trad. minha.

⁹⁴ TADIÉ, 1992: 109.

Contudo sem dúvida *vão me interessar mais, daqui a 10 anos, os fatos; & vou desejar saber, como acontece quando leio, os detalhes, os detalhes, de modo que eu possa erguer os olhos da página & organizá-los além disso numa dessas criações que parecem muito mais verdadeiras quando acontecem assim, a partir de montes de fatos descombinados*, do que eu agora, organizando-as quase que no mesmo instante diante de meus próprios olhos, seria capaz de torná-las. (9 ago. 1928, grifos meus)

Há outras entradas que apresentam em alternância seus dois julgamentos discordantes. Vejamos esta, que num mesmo parágrafo vai da declaração de que o diário lhe servia para captar as “miríades de impressões” que ela apanhava todos os dias (observe-se o paralelo com “Ficção moderna”) para a repreensão de que não deveria estar escrevendo nele e sim “fazendo algo sério”, até paradoxalmente encerrar com a determinação de encontrar meia hora em seu dia para escrever o diário, a fim de que isso virasse um dever. Em si, é um movimento que denota o valor que ela enxergava na escrita diarística.

Não raro enquanto estava lá *eu pensava que iria escrever aqui com frequência, & assim anotar algumas das miríades de impressões que apanho todos os dias*. Mas tão logo voltamos, o que é que acontece? Nós nos despimos e entramos na corrente, & fico obcecada com alguma ideia tola que não tenho tempo de parar & anotar, *ou achando que devia estar fazendo algo sério*. Mesmo agora, corro em disparada febrilmente, pensando na metade do tempo, mas preciso interromper & levar Grizzle [*a cachorra*] para passear; preciso organizar meus livros americanos; a verdade é: preciso dar um jeito de reservar meia hora em algum momento do meu dia & consagrá-lo à escrita do diário. Dar-lhe nome & lugar, & aí então talvez, porque assim é a mente humana, eu comece a pensar nisso como um dever, & deixe de lado os outros deveres em função deste. (8 abr. 1925, grifos meus).

Mais: Woolf vai tão longe a ponto de mencionar que o diário talvez pudesse ser “o melhor livro do mundo”, posto que feito “inteira & integralmente dos pensamentos de alguém”. Tem ciência, contudo, de que para transpor pensamentos para o papel é preciso enfrentar o processo da linguagem (ou seja, debater-se com alguma medida de filtro e organização), e reconhece que no

limite a empreitada seria impossível. Isso porque “a própria linguagem é algo duplo. Através de suas configurações, a linguagem se molda inteiramente aos impulsos subjetivos (...) mas ela continua sendo, por outro lado, o meio dos conceitos, algo que estabelece uma inelutável referência ao universal e à sociedade”.⁹⁵

Como não vou ordenhar meu cérebro por uma semana, aqui [*no diário*] escreverei as primeiras páginas do melhor livro do mundo. É isto o que seria um livro feito inteira & integralmente dos pensamentos de alguém. Imagine se fosse possível apanhá-los antes que eles se tornassem “obras de arte”? Apanhá-los quentes & repentinos à medida que surgem na cabeça – subindo a colina de Asheham por exemplo. Obviamente não se pode fazer isso; pois o processo da linguagem é lento & enganador. Precisamos parar para encontrar uma palavra; depois tem a forma da frase, que nos é exigido preencher. (Passagem sem data. Rodmell, 1926).

Quando se questiona se seria possível apanhar esses pensamentos *na sua qualidade inacabada*, ou seja, antes “que se tornassem obras de arte”, “quentes & repentinos à medida que surgem na cabeça”, *Woolf está valorizando o rascunho*. O preceito de apanhar os pensamentos “à medida que surgem na cabeça” reproduz o que ela anunciara antes em “Ficção moderna” – e este ensaio, por sua vez, repete o conceito presente na entrada do diário de 1919 de que o “momento de importância” só se dá a conhecer com a distância no tempo. Com isso, percebe-se como os “túneis” escavados entre os escritos de Woolf vão progressivamente tornando-se mais e mais evidentes.

Examine a mente comum num dia comum por um momento. Miríades de impressões recebe a mente – triviais, fantásticas, evanescentes, ou gravadas com a agudeza do aço. E é de todos os lados que elas chegam, num jorro incessante de átomos inumeráveis; ao cair, ao transmutar-se na vida de segunda ou terça-feira, o acento cai de um modo que difere do antigo; não é aqui, mas lá, que o momento de importância chega (...)⁹⁶

⁹⁵ ADORNO, 2003: 60.

⁹⁶ “Ficção moderna”. WOOLF, 2011: 109.

É de importância notar, ainda, que outra função do diário recorrente na fala woolfiana – a de que ele a ajudaria a redigir suas memórias – cai por terra quando se leva em conta que os textos autobiográficos que ela de fato veio a escrever no fim da sua vida (e que foram reunidos na obra póstuma *Moments of Being*) *não se valeram* desse material. Porém, e isso é curioso, um deles, “A Sketch of the Past”, foi composto valendo-se da *forma* diarística. Tal valorização formal por si só de certa maneira já solaparia muitas de suas insinuações de que o diário tem menos valor literário, uma vez que com esse ato ela prioriza, para produzir “literatura séria”, a forma diarística sobre a da autobiografia convencional. Mas além disso, e talvez mais significativamente, por volta da época em que Woolf delineia seu projeto de escrita para o diário e logo em seguida outro quase idêntico para a sua ficção, ela afirma que deseja transpor para esta o que vinha fazendo nele. “Tenho certeza de que agora preciso ir abrindo as emendas, nem que seja apenas para que as minhas metáforas se soltem, como aqui [no diário]. *Imagine que se possa manter a qualidade de um rascunho numa obra acabada e concluída? É esse o meu esforço*” (7 set. 1924, enquanto escrevia *Mrs. Dalloway*. Grifos meus). Conquanto Woolf seja uma notória “narradora não confiável”, tal declaração é bastante coerente com as entradas anteriores mencionadas. Conforme resume Abbott, foi justamente “a liberdade desimpedida de divagar, fornecida pelo seu diário – sem precisar dar importância a inícios, meios e, acima de tudo, fins – o que permitiu que Woolf alcançasse aquilo que a narrativa sinuosa e intermitente de *Night and Day* parecia estar tentando atingir. Essa é uma perspectiva que ilumina a obra madura de Woolf”.⁹⁷

Destarte, o diário woolfiano situa-se num *antes* da posição de risco blanchotiana na literatura. Pois aqui não há o “espremer do cérebro”, “a agonia” de encontrar a forma correta, o experimentalismo como fim, a necessidade de fundir forma e fundo. Na ausência do sofrimento, a facilidade, a desenvoltura e o prazer da escrita ao sabor do acaso, aliados à sua característica de esboço, provocam em Woolf a sensação de falta de seriedade e projeto, o que a leva à crença, de certo modo ancorada na concepção romântica do “gênio” criador

⁹⁷ ABBOTT, 1996. Trad. minha.

atormetado, de que obras assim situam-se em um plano inferior. Mais importante, não existe o “desespero” do fracasso na empreitada – pois não há fracasso nem êxito quando a condição é a de que não exista empreitada clara. Quando esta existe, é movente: formada pelos próprios “fósforos acesos” que iluminam a vida, não têm a intenção de fornecer quadros completos, e sim explorar suas possibilidades.

impessoalidade: abstratizar o eu

“I” is only a convenient term for somebody who has no real being.

A Room of One's Own

Thoughts without words... Can that be?

Between the Acts

Em seu ensaio “Abstraction, Impersonality, and Dissolution”, Robert Caserio chama a atenção para uma visão paradoxal do eu formulada por Woolf em *A Room of One's Own*, que para ele estaria consoante com o modo modernista de abordar o arquigênero autobiográfico. Ao discutir Shakespeare e Jane Austen, Woolf afirma que são nomes de autores cujas obras evitam a “autoexpressão” e tornam-se impessoais: “We do not know Jane Austen and we do not know Shakespeare”, diz ela, e por conseguinte “Jane Austen pervades every word that she wrote, and so does Shakespeare”. A identidade dos dois escritores seria nominal, porque suas personalidades foram abstraídas em suas obras. Caserio acredita que os autores modernos produzem escritas de si, ou textos que resultam híbridos entre vida e artifício, de modo a causar perplexidade – pois aí os registros do eu buscam distância da pessoalidade, e as identidades se dissolvem.⁹⁸

Famosamente, T. S. Eliot postulou em “Tradition and Individual Talent” que “the more perfect the artist, the more completely separate in him will be the

⁹⁸ CASERIO, 2014: 197. Trad. minha.

man who suffers and the mind which creates; the more perfectly will the mind digest and transmute the passions which are its material". De modo geral, os escritores modernos menosprezavam o sentimentalismo do eu, pois o valor da impessoalidade, junto com a intransitividade da obra, garantiria a ela um valor que ultrapassaria o simples recorte pessoal. Como famosamente diz o personagem Stephen Dedalus citando Flaubert à sua maneira em *Retrato do artista quando jovem*, "The artist, like the God of the creation, remains within or behind or beyond his handiwork, invisible, refined out of existence, indifferent, paring his fingernails". Entretanto, muitos modernistas (a exemplo, aliás, do próprio Eliot), em especial após a Primeira Guerra, operaram um afastamento gradual desse postulado de tratamento distanciado do objeto e uma apropriação de si em suas obras, nem sempre tão destiladas assim numa representação impessoal. Adorno parece concordar com Eliot de que a expressão individual deve ser trabalhada em uma forma estética a fim de que alcance eco no mundo, embora não elabore se os traços subjetivos do artista devem ser apagados para que isso ocorra. Para ele, "o teor de um poeta não é a mera expressão de emoções e experiências individuais (...), estas só se tornam artísticas quando, justamente em função da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal". Tal universalidade, contudo, "é essencialmente social. Só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade".⁹⁹

Se a dissolução de identidades nesse processo de impessoalidade artística é constante, seus fragmentos em muitos casos permanecem intencionalmente reconhecíveis, pois faz parte do jogo a ambivalência entre artifício e subjetividade – ficando implícito que esta última pode ser em certa medida também uma criação. Nesse sentido, Alberto Giordano não considera estimulantes as conjecturas que Maurice Blanchot faz sobre o diário íntimo, como a de que o diário representaria os pontos de referência que um escritor estabelece para reconhecer-se, quando pressente a "suposta metamorfose arriscada" a que estaria exposto. Quando só se atribui ao diário o sentido da resistência à indeterminação da experiência literária, questiona Giordano, não se estreitam demais as possibilidades de leitura? Afinal, "o escritor que escreve

⁹⁹ ADORNO, 2003: 66-67.

um diário para resguardar-se da expropriação a que o exercício da literatura o submete pode experimentar, sem saber, nesse outro exercício ligado às convenções da realidade cotidiana, formas de desprendimento ou esquecimento de si mesmo, também radicais”.¹⁰⁰

O escritor, portanto, que busque escrever um diário apenas para se resguardar do apagamento de si no tempo deve experimentar uma dissolução ou pulverização do eu numa espécie de narrativa cotidiana que lhe gera não o reconhecimento de si, mas o estranhamento de si. “Como é estranho ter tantos eus. Como é desconcertante!”, diz Woolf no diário em 1935, numa entrada sem data. Leyla Perrone-Moisés lembra que “na linguagem escrita, logo que o enunciador diz ‘eu’, ele se desdobra em dois: aquele que enuncia no mundo real e aquele outro que passa a existir por escrito. ‘Eu é um outro’, disse Rimbaud já há muito tempo. (...) Toda e qualquer narrativa, mesmo aquelas que se pretendem mais coladas ao real, têm algo de ficcional”¹⁰¹. Seguindo esse raciocínio, o inverso poderia igualmente se sustentar: toda narrativa, mesmo aquela que se pretende mais colada à ficção ou ao fora de si, teria algo de real e de profundamente pessoal. Não há como escapar da própria subjetividade. Em vez de o diário servir de “proteção” ao diarista contra o exercício arriscado da escrita e o apagamento de si nesse processo, como quer Blanchot, nele o escritor, ao contrário, entraria mais e mais em um labirinto no qual suas próprias percepções se entrecruzam com a linguagem, e dessa maneira ele se veria sujeito a múltiplos desdobramentos da própria individualidade. Deixasse levar-se até o limite e poderia transformar-se apenas em vozes ou puras narrações que se propagam no tempo.

Em Virginia Woolf, é justamente do entrecruzamento entre sujeito e linguagem (realidade e mediação humana, natureza e artifício) que se operam as construções de identidade e representação artística. Em sua obra, entretanto, isso não se dá segundo a perspectiva mais habitual de que o sujeito se forma unicamente *por meio* da linguagem e de que, portanto, os limites perceptivos estariam nesta irremediavelmente encerrados – mas de que as percepções o *atravessam* e que, a *partir delas*, formam-se as posições subjetivas. É nesse

¹⁰⁰ GIORDANO, 2011: 111. Trad. minha.

¹⁰¹ PERRONE-MOISÉS, 2016: 208.

sentido que se pode falar de impessoalidade em Virginia Woolf. Não há mais simplesmente um ser *que se torna algo diante dos acontecimentos*, e sim um *movimento a partir do qual surge uma identidade* – identidade em mudança e que, quando se mantém relativamente coesa e estável, vê-se a todo instante confrontada com aquilo que percebe, com a “realidade que inunda”, como Woolf tão bem descreveu em “A Sketch of the Past”. “Somos embarcações seladas vagando sobre o que se convencionou chamar de realidade; em alguns momentos, sem motivo, sem esforço, a matéria selante racha; a realidade inunda.” (MB, 145).

Se nos romances a mobilidade das subjetividades no arco temporal é mais perceptível, graças à concisão e ao tipo de elaboração da forma romance, no diário de Woolf percebe-se a identidade da narradora em movimento nas pequenas mudanças que, no decurso dos anos, acumulam-se e transmutam em muitas a voz que narra. Pois está claro que um diário não segue o mesmo ritmo de uma obra como um conto ou romance: nele, a condensação não é imperativa. Giordano vê nisso superficialidade – dizendo que no diário de Woolf temos um “observar a vida como se fosse um fenômeno natural”, que a leva a comentários cruéis e “a transforma, aos olhos do leitor, em um personagem curioso e, por momentos, extremamente perceptivo”¹⁰². Porém, esse tipo de percepção de Woolf no diário faz parte do seu distanciamento na escrita, da dissolução de sua personalidade em maior ou menor grau naquilo que ela narra. “‘Ensolarada impessoalidade’ era justamente a virtude que ela buscava em sua escrita (...), nada deixar para trás a não ser um luminoso corpo de obras, estar completamente presente-ausente”¹⁰³. Isso curiosamente a leva, não raro, a no diário deixar cair o “I” (eu) em função do impessoal “one” ao falar de si. Giordano acredita que ela usa esse recurso para estabilizar-se psicologicamente em meio ao “desequilíbrio afetivo”, para “conter a ansiedade causada pela angústia” – porém acredito que Woolf o utilize *não para tranquilizar-se e sim para desindividualizar-se*. O uso do “one” para referir-se ao “eu” em uma narrativa de si provoca um forte efeito de estranhamento, uma vez que se trata de um pronome

¹⁰² GIORDANO, 2011: 117-18. Trad. minha.

¹⁰³ MARDER, 2011: 244.

generalizado, que pode se referir a qualquer pessoa.¹⁰⁴ (Aqui, um parêntesis. Como esse pronome não encontra forma exata em português, na tradução ora optei pelo pronome pessoal generalizado exofórico “nós”, ora pelo índice de indeterminação do sujeito “se”. Vale notar, entretanto, que a tradução portuguesa de trechos do diário de Woolf optou por livrar-se dessa indeterminação genérica inusual, ignorando-a e traduzindo-a sempre como “eu”.)

É a partir da observação propiciada pela escrita do seu diário, e da incapacidade por mais que tente de obter um ponto fixo, seja na sua identidade seja em seus processos artísticos, que Woolf exercita essa capacidade perceptiva singular. A visão que enfatiza ao mesmo tempo a *mudança* e a *continuidade* da identidade subjetiva em meio ao fluxo temporal é de importância crucial na sua obra. Nela, a experiência de cada sujeito estaria aberta a todos os sons e imagens da história – passado e presente, realidade objetiva externa e consciência subjetiva interna, estariam contidos em cada momento. É, por conseguinte, a estrutura do texto – mais que seus significantes linguísticos, mais do que descrever os acontecimentos no tempo ou do que teorizá-lo – que cria disjunções em planos temporais e também *entre* as consciências dos personagens (a exemplo do que se vê, por exemplo, nos romances *Ao farol*, *Orlando* e *Mrs. Dalloway*). Por esse motivo, a literatura de Woolf foi durante longo tempo considerada “etérea”, “fantasmagórica” ou “irreal”.¹⁰⁵ Michael Cunningham, autor de *As horas*, no entanto observa:

¹⁰⁴ Um exemplo é essa passagem: “A noite inteira sonhei com Katherine Mansfield & me pergunto o que são os sonhos; tantas vezes eles evocam muito mais emoção do que o pensamento – foi quase como se ela tivesse voltado em pessoa & estivesse aí, *fazendo-nos sentir ativamente*, em vez de ser uma criação fictícia & uma recordação”. No original, o que está grifado se lê “actively making one feel”. HALLIDAY e RUOAYA (1976) dizem que “não somente o pronome pessoal generalizado *one* mas também *we*, *they* e *it* têm um uso exofórico generalizado em que o referente é tratado como se fosse imanente em todos os contextos de situação. *You* e *one* significam “qualquer indivíduo”, como em *you never know*, *one never knows*.”

¹⁰⁵ Por exemplo, no *New York Times*, Louis Kronenberger observa em sua resenha de *Ao farol*: “On a smaller and perhaps more persuasive scale Mrs. Ramsay achieves powerful reality. The other characters are not fully alive because they are not whole enough. Most of them are one-dimensional fragments that have been created with great insight but insufficient vitality. They have minds, moods, emotions – but they get all three through creative intellect. For passion Mrs. Woolf has no gift – her people never invade the field of elementary emotions: they are hardly animal at all.” (8 mai. 1927)

Tente entrar na consciência de uma pessoa, qualquer uma, e você será levado imediatamente a dezenas de outras, cada qual inteira, de uma maneira diferente. Woolf compreendia que cada personagem sobre o qual escrevia, até o mais secundário, adentrava seu romance a partir de um romance próprio, particular, e que esse outro romance, não escrito, tinha como temas principais as paixões e o destino desse personagem¹⁰⁶.

A atração especial que a escrita de si no diário exerce sobre Woolf é “o espaço que permite a existência dessa *força vital mais difusa, impessoal* (...), a *fim de traduzir a vida em literatura*”¹⁰⁷. Transpor vida em literatura está no centro manifesto das preocupações de Woolf em relação ao que deseja fazer como escritora. Nas palavras de Rita Terezinha Schmidt, Woolf clama por “vida, espírito, verdade, realidade na ficção, almejando um realismo que a tudo abarcasse”, e no centro disso estaria a tensão entre duas forças, a vida e a arte. Dessa maneira, ao mesmo tempo deseja uma espécie de mimesis – “a vida assim como ela é” – e sair da vida, entender a arte como algo *fora*, diz Schmidt.

Tal é o conceito presente em ‘Phases of Fiction: vida e arte correm tão próximas que muitas vezes colidem’ Aqui, sem dúvida, ela exhibe uma posição bastante complexa em relação à natureza da ficção [...], vaga e quase impalpável. Woolf parece estar dizendo que essa natureza é incompatível com projeto e ordem, entretanto ao mesmo tempo, para que a ficção exista, é necessário haver distância da vida, e isso significa certa medida de ordenamento e projeto.¹⁰⁸

Para Virginia Woolf, não haveria oposição entre forma e conteúdo, que constituiriam uma unicidade, um movimento dialético capaz de ao cabo engendrar a completude. A verdadeira oposição seria, isso sim, entre arte e vida. A vida é o que ela busca, incessantemente, insatisfatoriamente: a vida é o que continuamente lhe escapa, uma vez que muda; a vida é o tempo, o movimento, o que se dilui no momento mesmo em que é registrado – seja como um instantâneo, seja como fluxo contínuo. E a vida, portanto, passa a não mais se

¹⁰⁶ CUNNINGHAM, 2000: xxi. Apud SHANNON, 2007: 173. Trad. livre minha.

¹⁰⁷ ABEL, 2014: 56. Trad. minha.

¹⁰⁸ SCHMIDT, 1990. Trad. livre minha.

resumir nem às personalidades individuais (e às relações entre elas), nem aos acontecimentos individuais e coletivos, mas torna-se uma espécie de amálgama entre todas essas coisas, simultaneamente – o “halo” que Woolf descreve em “Ficção Moderna”. Não é de se admirar, portanto, que não haja muito de confessional no diário woolfiano.

Pelo mesmo motivo, é compreensível a forma diarística de “A Sketch of the Past”, o principal texto de *Moments of Being*. Sendo um texto que fale prioritariamente de tempo e memória, é natural que Woolf tenha adotado para ele a forma-tempo do diário. Escrito entre 15 de maio de 1939 e 15 de novembro de 1940, supostamente serviria de matéria-bruta para depois realizar sua autobiografia.¹⁰⁹ Enquanto narra suas primeiras memórias de infância, ela vai condensando formalmente alguns dos princípios que, em retrospecto, acredita haverem norteado sua escrita. Ela elabora nesse texto o que chama de “momentos de ser” e “momentos de não ser”. Os momentos de ser são os choques, *sempre violentos*, quer de horror ou de êxtase, que acontecem quando a “lã algodoadada do dia a dia” (o véu do viver automático) se rompe e entramos em contato com a substância pulsante da realidade. Nos momentos de ser é que existe a possibilidade de consciência e pensamento. Parece semelhante ao que diz Deleuze: “A verdade nunca é o produto de uma boa vontade prévia, mas o resultado de uma *violência sobre o pensamento*”.¹¹⁰ Por conseguinte, há mais momentos de não ser do que de ser, uma vez que boa parte da vida não é vivida conscientemente. Woolf afirma ainda que “o verdadeiro romancista é aquele capaz, de alguma maneira, de retratar os dois” (MB, 70). Vejamos sua explicação dos momentos de ser.

Sinto como se tivesse recebido um golpe; mas não se trata, como eu pensava quando criança, simplesmente do golpe de um inimigo

¹⁰⁹ “20 de junho de 1939. (...) Vou registrar alguns de meus pensamentos distraídos e desconexos; para que sirvam, se chegar a hora, de anotações” (MB, 95). Mais um indício da mistura de gêneros que ela vai progressivamente efetuando, uma vez que em diversos momentos ela disse que os *diários* teriam sido escritos para este fim, chamando-os em algumas ocasiões até mesmo de “*rough notes*”.

¹¹⁰ DELEUZE, 1987: 16, grifos meus. Assim comenta Tatiana S. Levy sobre o pensamento para Deleuze: “O pensamento, em vez de nos colocar diante do conhecido, lança-nos ao imprevisível e inesperado. Pensar não acontece a todo instante, mas é fruto de um acaso circunstancial. *Pensar depende de um encontro, de uma violência, de forças desconhecidas que esvaziam nossas certezas.*” LEVY, 2011: 123, grifo meu.

escondido atrás da lã algodoadada do dia a dia; *é ou se tornará uma revelação de alguma espécie; é um símbolo de algo real por trás das aparências; e eu o transformo em real quando o coloco em palavras.* Somente quando o coloco em palavras é que eu o transformo em algo inteiro; essa sua inteireza significa que ele perdeu seu poder de me machucar; e sinto, talvez porque ao fazer isso eu extraia a dor, um enorme prazer em unir as partes desconectadas. Talvez este seja o maior prazer que conheço. É o enlevo que tenho quando, ao escrever, sinto que descobri o que se junta ao quê; faço uma cena sair certa; um personagem aparecer. Isso me remete ao que eu poderia chamar de uma filosofia; de todo modo, é uma ideia constante minha; de que *por trás da lã algodoadada existe um padrão escondido; de que nós – quero dizer, todos os seres humanos – estamos conectados a ele;* que o mundo inteiro é uma obra de arte; que fazemos parte dessa obra de arte. *Hamlet* ou o quarteto de Beethoven é a verdade sobre esta massa vasta a qual chamamos de mundo. Mas não existe nenhum Shakespeare; não existe nenhum Beethoven; certamente, enfaticamente, não existe nenhum Deus; *nós somos as palavras; nós somos a música; nós somos a coisa em si.* E isso é o que eu vejo ao tomar esse choque. (MB, 72, grifos meus, trad. minha)

Esse trecho, que fala em revelação (próxima talvez de uma “epifania”), ao mesmo tempo fala da compreensão que sempre acompanha o choque: *perceber que não há individuação* – nós somos as palavras, a coisa em si; estamos todos conectados ao padrão existente por trás do amortecimento do cotidiano.¹¹¹

Assim, o seu processo literário de “dessubstancialização” encontra um reflexo na vida, nos choques dos momentos de ser. A escrita (transformá-los, migrá-los para outro plano) serviria como um trampolim para algo superior, ou em suas palavras “espiritual”, *trazendo-lhe relação ao conectá-la com as outras pessoas* e fazendo, assim, “a cena sair certa”, “o personagem aparecer”. Talvez seja por este motivo que ela *não consiga escrever sem cenas e personagens* – algo que ela considera seu modo natural de narrar, independentemente do tipo de texto: ensaios, romances, biografias, contos, diários. Isso marca mais um

¹¹¹ O trecho também parece repercutir o que para ela se busca ao escrever literatura, e que ela relembra em “Ficção moderna” citando o conto “Gússev”, de Tchekhov: “Aprende a te fazer semelhante aos outros... Mas que essa empatia não provenha da mente – pois com a mente é fácil – e sim do coração, com amor por eles.” WOOLF, 2011: 114.

ponto de indiferenciação entre o modo como ela escreve os variados gêneros, todos resvalando mais ou menos em processos ficcionais.

“Em tudo o que já escrevi (romances, ensaios, biografias)”, diz Woolf, “quase sempre preciso encontrar uma cena; ou quando estou escrevendo sobre uma pessoa, preciso encontrar uma cena representativa em sua vida; quando estou escrevendo sobre um livro, preciso encontrar a cena em seus poemas ou romances.” (MB, 142). Em “A Sketch of the Past”, temos ela, os pais, os irmãos, as pessoas em torno; em *Mr. Bennet and Mrs. Brown*, temos a fictícia Mrs. Brown; em *A Room of One's Own* (1929), uma suposta irmã de Shakespeare e os acontecimentos que sucedem à narradora sem identidade (“call me Mary Beton, Mary Seton, Mary Carmichael or by any name you please – it is not a matter of any importance”). No diário, conforme mencionado, a construção de cenas lhe serve de treinos de percepção – e, como analisado anteriormente, muitas dessas cenas são recorrentes na obra de Woolf graças aos processos de intertextualidade: ou são transpostas a outros textos, ou chegam aos diários vindas de outros textos.

Claire Colebrook analisou como, em suas palavras, “o modernismo diferente de Woolf” – focado menos nos limites da linguagem e mais na ampliação da percepção – permitiu que Deleuze e Guattari chegassem à sua concepção de devir: e se a literatura não fosse nem a representação do mundo nem um conjunto destacado de significantes, e sim um modo de expressão? Para eles, isso seria uma maneira revolucionária de escrever, pois perceber “a luz, a vida, as cores, as sensações e o fluxo do tempo como algo que ultrapassa o humano abre a política a forças que se situam além dos interesses codificados”.¹¹² É por esse motivo que a literatura woolfiana foi fundamental para que eles teorizassem sobre seu modernismo “antiedipiano”: sendo contrários a certa noção que enxerga no modernismo o preceito de uma distância radical entre sujeito e “realidade”, discordam da concepção que apresenta o mundo já completamente significado como um *a priori* e a rebatem com a ética do “devir-mulher”. O devir não é aquele do sujeito que só se torna sujeito *em oposição* a uma realidade dissociada dele mesmo, já dominada por significantes. O devir-mulher indicaria que o devir é *sempre transversal* – o sujeito torna-se algo

¹¹² COLEBROOK, 2012: 66-67. Trad. minha.

seguindo características de outro algo, e não “personificando” esse algo. *O devir é sempre um bloco de coexistência*¹¹³.

Em Woolf, como as subjetividades são formadas *a partir das percepções que as cruzam*, o processo de linguagem não se dá de um modo em que os falantes se vêm completamente submetidos aos significantes, para além dos quais não é possível pensar ou sentir. Ela assim comenta a esse respeito, referindo-se às duas primeiras lembranças basilares que tem de sua própria vida: “A peculiaridade dessas duas fortes lembranças é que cada uma é muito simples. *Eu mal tenho consciência de mim mesma, mas somente da sensação*. Sou apenas o receptáculo da sensação de êxtase, da sensação de enlevo”. (MB, 67, grifos meus). Nota-se que as percepções não se encontram completamente singularizadas. Ora, justamente por não estar “privatizado”, aquilo que o indivíduo percebe guarda o potencial de ser compartilhado. Está implícito, aí, que existe algo de contínuo – um tempo maior, se quisermos – em meio à mudança, à aparência de separação e fragmentação nas obras woolfianas. Existem momentos em que a “consciência individual se torna uma parte indiferenciada de um todo maior”, e logo, tal como os “limites da personalidade se tornam borrados e instáveis devido às reações do ser às forças do momento presente, assim também as fronteiras da interioridade se tornam vagas”.¹¹⁴

Ann Banfield analisou esse aspecto em *Mrs. Dalloway*, mostrando como nesse romance, por meio da interconexão entre as consciências (um mesmo pensamento ou percepção que atravessa mais de um personagem e torna-se, portanto, desindividualizado), passa-se do “pequeno ponto de vista pessoal” para ir até outras mentes e mais, “até o mundo objetivo. Entre os instrumentos desse estilo ‘objetivo’ estão as semelhanças épicas, que com sua força universalizante interligam as cavernas entre elas, mas também a um mundo mais vasto, social e natural, a uma história mais longa que a humana”.¹¹⁵ A leitura de Banfield se aproxima da de Deleuze, para quem, na obra de Woolf, um momento ou força pode transcender os indivíduos específicos, unindo-os em suas percepções. Algo semelhante se dá na análise de *Ao farol* feita por

¹¹³ DELEUZE e GUATTARI, 2012: 89.

¹¹⁴ SCHULKIND, 1985: 18.

¹¹⁵ BANFIELD, 2009: 966 e 968-99. Grifos meus. Trad. minha. Bottman traduziu “tunnels” e “galleries” como “cavernas”.

Auerbach, segundo a qual o momento woolfiano, seja ele focado em “acontecimentos internos ou externos, *embora se refira muito pessoalmente aos homens que nele vivem*, concerne também, e justamente por isso, *ao elementar e comum a todos os homens em geral*”. Auerbach conclui: “Precisamente o instante qualquer é relativamente independente das ordens discutidas e vacilantes pelas quais os homens lutam e se desesperam. Transcorre por baixo das mesmas, como a vida cotidiana”, e faz “transluzir a sua comunidade”¹¹⁶.

Em “O rouxinol de Keats”, Borges comenta certo traço inglês que ele chama de “mente aristotélica”. Segundo ele, “o real, para essa mente, não são os conceitos abstratos, e sim os indivíduos; não o rouxinol genérico, e sim os rouxinóis concretos”. Adverte que não se leia uma reprovação da parte dele nessas palavras, e explica: “O inglês recusa o genérico porque sente que o individual é irreduzível, inassimilável e ímpar. Um escrúpulo ético, não uma incapacidade especulativa, impede-o de transitar por abstrações, como os alemães.” Por esse motivo, diz ele, os ingleses não entenderam “Ode a um rouxinol”, de Keats. Para Borges, a chave interpretativa que faltava para essa compreensão estaria em Schopenhauer, *O mundo como vontade e representação*: “Perguntemo-nos com sinceridade se a andorinha deste verão é outra que não a do primeiro e se realmente o milagre de tirar algo do nada ocorreu milhões de vezes entre as duas para ser fraudado outras tantas pela aniquilação absoluta. Quem me ouvir assegurar que este gato aqui brincando é o mesmo que saltitava e traquinava neste lugar há trezentos anos pensará de mim o que quiser, mas loucura mais estranha é imaginar que é fundamentalmente outro”. Conclui Borges: “Ou seja, o indivíduo é de certo modo a espécie, e o rouxinol de Keats é também o rouxinol de Rute”.¹¹⁷

Em Woolf, essa visão de personagem/indivíduo aparece mais notavelmente na forma literária pelo uso do discurso indireto livre. Segundo Peter Brooks, a autora o herda de Flaubert e James, mas a fluidez no espaço-tempo com que ela o utiliza não está presente em nenhum dos dois – ela a aprende com Proust. Nela, diz Brooks, “a consciência transcende e desconstrói as pessoas e o tempo cronológico, e com ambos o romance eduardiano. (...) Muito

¹¹⁶ AUERBACH, 2009: 497, grifos meus.

¹¹⁷ BORGES, 1999: 103-106.

mais do que em Joyce, acho, na ficção woolfiana o jogo de dar forma à voz narrativa e à consciência parece oferecer a única solução – provisória, temporal, ameaçada pela morte iminente – ao problema de outro modo intratável da subjetividade humana”.¹¹⁸

Brooks não é o único a comparar o uso do discurso indireto livre nos romances de Woolf e Joyce em termos de caracterização de personagem e desconstrução da forma linguística. David Daiches também o comenta: “Mesmo quando momentaneamente Woolf esbarra no método joyceano de unir palavras e frase significativas, mas à primeira vista disparatadas, numa tentativa de representar o voo desconexo das ideias pela mente, imediatamente o rejeita [*em sua forma bruta*], preferindo moldar tais fragmentos em uma forma que faça sentido, (...) em um todo coerente”.¹¹⁹ Como exemplo, ele coloca duas transcrições de passagens, em *Ulysses* e em *Ao farol* respectivamente, em que os personagens estão caindo no sono. Temos aqui Bloom adormecendo:

Years dreams returns tail end Agendath swoony lovey showed me her
next year in drawers return next in her next her next.

E aqui Cam:

But as, just before sleep, things simplify themselves so that only one
of all the myriad details has power to assert itself, so, she felt, looking
drowsily at the island, all those paths and terraces and bedrooms were
fading and disappearing, and nothing was left but a pale blue censer
swinging rhythmically this way and that across her mind. It was a
changing garden; it was a valley, full of birds, and flowers, and
antelopes... She was falling asleep.

Joyce tenta, assim, *reproduzir* o pensamento cada vez mais incoerente e desconexo de Bloom ao cair no sono, usando principalmente palavras que se repetem. Com isso, obtém um retrato mais “fiel”, se podemos usar o termo, de uma mente que adormece, mas por outro lado também mais impenetrável. Woolf, por sua vez, *descreve* o processo – valendo-se de expressões que

¹¹⁸ BROOKS, 2005: pos 3443 e 3495. Trad. minha.

¹¹⁹ DAICHES, 1979, comentado em DOLE, 1988: 264. Trad. minha.

ajudam o leitor, como “so, she felt”, e por meio da voz do narrador fornece indicações da ação – tais como “looking drowsily at the island” e “she was falling asleep”. Ao fazê-lo, opta por dispensar a desorganização e a quebra de sintaxe; opta por manter a forma narrativa ao máximo de pé, ainda no nível do inteligível, diferentemente de Joyce, sobre quem Adorno comenta: “A emancipação do romance em relação ao objeto foi limitada pela linguagem, já que esta ainda o constrange à ficção do relato: Joyce foi coerente ao vincular a rebelião do romance contra o realismo a uma revolta contra a linguagem discursiva”.¹²⁰

Ao buscar “escavar” o presente, ampliando-o a uma espécie de dimensão colossal da narrativa, que abarca tanto o momento presente e os momentos que o antecederam, Virginia Woolf se vale das “galerias” ou “cavernas” que interconectam as consciências dos personagens. Com este procedimento, o que a voz narrativa oferece é “uma braçada de experiências temporais *a serem compartilhadas*”¹²¹ – que o recurso ao discurso indireto livre serve apenas de suporte para transmitir. Desta maneira, a estrutura do romance remete-se *para fora* deste – para fora da literatura. O fluxo de consciência não se vê mais restrito a um único indivíduo e abre-se numa representação pluripessoal, de múltiplos indivíduos, ou simultaneamente do mesmo indivíduo em múltiplos momentos. Embora tenha sido mais estudado nos romances woolfianos do dito alto modernismo, *Mrs. Dalloway* e *Ao farol* (em análises famosas como, respectivamente, as de Ricouer e Auerbach), o mesmo tratamento temporal se verifica em romances posteriores de Woolf, como *As ondas* e *Entre os atos* – porém de forma mais “dessubstancializada” e fragmentária.

“O que é essencial”, diz Auerbach sobre *Ao farol*, “é que um acontecimento exterior insignificante libera ideias e cadeias de ideias, que *abandonam o seu presente para se movimentarem livremente nas profundidades temporais.*” Auerbach percebe, portanto, a amplificação do tempo narrativo, que ele chama de “estratificação do tempo”. Contudo, assim prossegue: “a realidade exterior (...) é apenas uma ocasião (...): todo o peso repousa naquilo que é desencadeado, o que não é visto de forma imediata, mas

¹²⁰ ADORNO, 2003: 56.

¹²¹ RICOEUR, 1995: 184. Grifos nossos.

como reflexo e o que não está preso ao presente do acontecimento periférico liberador”¹²².

Ora, nem “todo o peso”, contudo, repousa no que é desencadeado. O que ocorre é que, de fato, o peso não repousa *apenas* no fato objetivo do presente, no momento, mas *dilui-se para algo muito mais amplificado do que ele*. Já não há hierarquização clara: nem aquela de uma narrativa anterior, em que os acontecimentos externos serviam para desencadear os movimentos internos, nem tampouco da narrativa subjetivista, em que os acontecimentos exteriores viram apenas pretexto para mostrar a ação interior. *Temos em Woolf na verdade uma reverberação de acontecimentos internos e externos, uns ecoando nos outros*, como observa Ricoeur. Para ele, a “escavação do instante” (“cavernas”) é o que produz a “distensão específica” do tempo própria, que consiste exatamente em “*tecer juntos* o mundo da ação e o da interioridade, em *misturar* o sentido do cotidiano e o da interioridade”.¹²³ É diferente da visão de Auerbach, portanto. Se Auerbach reconhece importantemente uma espécie de “consciência pluripessoal” em Virginia Woolf (e também em outros ditos escritores do período, como Joyce), considerando-a algo essencial no processo moderno – “não se trata apenas de *um* sujeito, cujas impressões conscientes são reproduzidas, mas de muitos sujeitos, amiúde cambiantes”, de “muitas impressões subjetivas, obtidas por diferentes pessoas, em diferentes instantes”, com a “intenção de aproximação da realidade autêntica e objetiva” – não reconhece entretanto essa ressonância temporal, a interligação entre as consciências, e insiste apenas na existência dualista do que ele chama de “*elaboração do contraste* entre tempo ‘exterior’ e tempo ‘interior’”¹²⁴.

Portanto, é interessante frisar os termos que Ricoeur usa: ele não adere à leitura que se tornou mais generalizada da literatura canônica de Woolf, a qual preza o dualismo ação interior-exterior. Paul Ricoeur observa o que consideramos a opção woolfiana pelos entrecruzamentos – que ocorrem tanto espacialmente (entre ação interior e ação exterior) quanto temporalmente (entre passado e presente), sendo o passado constantemente colocado em incerteza

¹²² AUERBACH, 2009: 487.

¹²³ RICOEUR, 1995: 195, grifos nossos.

¹²⁴ AUERBACH, 2009: 485, grifos nossos.

pela memória e o presente dotado de fragilidade e imprecisão. O discurso indireto livre que conecta os personagens, em Woolf, também serve como elemento de união entre dimensão espacial e dimensão temporal, por meio da coincidência ou confluência dos indivíduos em um mesmo espaço. Essa proximidade espacial que possibilita os saltos entre as consciências é mais um recurso que possibilita a ressonância entre elas, de uma experiência solitária numa outra experiência solitária, nas palavras de Ricouer. “É lançada uma ponte entre as almas, ao mesmo tempo pela continuidade dos lugares e pela repercussão de um discurso interior num outro”.¹²⁵ A unidade de tempo-espaço, a abertura da temporalidade para um tempo ampliado que condensa os momentos anteriores no momento presente, os saltos (temporais) no interior dos fluxos de consciência dos personagens e os saltos (espaciais) entre um fluxo de consciência e outro, tudo isso promove efeitos de ruptura nas obras de Woolf.

Em “A Sketch of the Past”, sua tentativa inconclusa de autobiografia que mescla o formato diarístico com o de ensaio, ao falar sobre seu processo de “criação de cenas” Woolf comenta sobre essa realidade compartilhada em meio a sujeitos diferentes. Dessa maneira, a percepção não é apenas uma questão do que determinado sujeito específico percebe em dado momento, mas também de algo que vai além, de um contato com percepções que independem da subjetividade e que são, em suma, compartilhadas. Quando a “matéria selante” onde navegam as “embarcações” que são os indivíduos se racha e a “realidade inunda”, surge uma cena – “elas não sobreviveriam inteiras durante tantos anos corrosivos a menos que fossem feitas de algo comparativamente permanente; esta é uma prova da sua ‘realidade’”. (MB, 142)

Por conseguinte, não se pode confundir este “saber impessoal” dos romances woolfianos, dado pela voz do narrador, com alguma espécie de “narrador onisciente”. O fluxo de consciência não implica o conhecimento consciente dos personagens por parte de um narrador, mas apenas em deixar à mostra o processo que eles empreendem nessa busca interminável de si mesmos, dos outros e dos acontecimentos. Os personagens estão, assim, envolvidos em um “jogo aberto de identificações em que múltiplas perspectivas

¹²⁵ RICOUER, 1995: 188.

se cruzam”.¹²⁶ Embora tenhamos apenas esboços, indicações, isso nunca impede que se forme algum grau de clareza sobre os personagens, pois esse tratamento temporal que entrelaça presente contado e passado narrado lhes confere, sim, densidade psicológica – embora não uma identidade completamente estável. Auerbach comenta a este respeito em diversos trechos de “A meia marrom”, porém este é o que parece condensar melhor a ideia: “O escritor atinge a impressão mencionada colocando-se a si próprio, por vezes, como quem duvida, interroga e procura, *como se a verdade acerca da sua personagem não lhe fosse mais bem conhecida do que às próprias personagens ao leitor*”.¹²⁷ A respeito da “desindividuação” mencionada acima, ele chega mesmo a se perguntar: “São ainda ‘pessoas’ que falam?” Nas palavras da própria Woolf, em “A Sketch of the Past”: “Mas não existe nenhum Shakespeare, não existe nenhum Beethoven, certamente, absolutamente, não existe nenhum Deus; nós somos as palavras; nós somos a música; nós somos a coisa em si.”

¹²⁶ RICOUER, 1995: 187.

¹²⁷ AUERBACH, 2009: 482.

2

“Life? Literature? One to be made into the other?”**Real e verdade, representação e fabulação**

I don't believe in ageing. I believe in forever altering
one's aspect to the sun.

2 de outubro de 1932

Really I don't like human nature unless all candied over with art.

13 de maio de 1926

Fiction is like a spider's web, attached ever so lightly perhaps,
but still attached to life at all four corners.

A Room of One's Own

1928

Aniversário do meu pai. Ele faria 1832 96 anos hoje, sim; e bem

96

poderia fazer 96 anos, como outras pessoas que conhecemos; mas misericordiosamente não fez. O que teria acontecido? Nada de escrita, nem de livros – inconcebível. Antes costumava pensar nele & em minha mãe todos os dias, mas quando escrevi *Ao Farol* fiz com que repousassem em minha mente. Agora ele às vezes volta, mas diferente. (Creio que esta é a verdade – eu estava tão obcecada com os dois, de um modo doentio, que escrever sobre eles foi um ato necessário.) Agora ele volta mais como um contemporâneo. Preciso lê-lo qualquer dia. Será que vou sentir de novo, ouvir sua voz, saber de cor?

Ontem tivemos uma das nossas noites – aparentemente um sucesso; Adrian, Hope, Christa, Clive, Raymond, Bunny, Lytton, Vita & Valery quase no final: & Elizabeth Ponsonby. As pessoas gostaram. Eu talvez não; talvez sim. No meio da noite Lytton desapareceu da sala (ele se hospeda no primeiro andar) assustado com os zurros

vociferantes de Clive, segundo L. Com Clive tudo fica estridente, iluminado, reverberante. Notei uma estranha mudança de humor em mim quando Lytton saiu. Em outras ocasiões eu sentia a desaprovação do seu silêncio; moderava minhas tolices por causa disso, tentava impedir que ele saísse. Mas agora o homem escreve Elizabeth and Essex; & não paro de pensar: ora, se ele é capaz de nos entregar isso depois de anos de esforço – esse livrinho animado, superficial, vulgar –, pois que vá embora se quiser. Não sinto a menor ferroadada em sua desaprovação. E apesar de um de meus vis defeitos ser a inveja, da fama de outros escritores, & apesar de estar (creio que todos nós estamos) secretamente feliz por ter achado o livro de Lytton ruim, isso também me deprime. Se eu fosse analisar, a verdade é que considero este um prazer ruim, porque não é profundo nem satisfatório; sentiríamos, lá no fundo, um prazer verdadeiro, apesar da dor superficial, se E & E fosse uma obra-prima. Ah sim, eu sentiria – pois minha mente se alimenta da literatura de modo perfeitamente desapegado & alheio às minhas vaidades & invejas, & reconheceria uma obra-prima. Misturada à minha sensação da noite passada tinha uma estranha insatisfação: de que Lytton, que amei & que amo, escreva assim. Eis aí uma reflexão sobre o meu gosto pessoal. O livro é tão fraco, tão raso; & no entanto Lytton não é nem um nem outro. Então acusa-se o público; em seguida as Carringtons¹²⁸ & os rapazes. Depois inventa-se um Lytton inválido, solitário, enclausurado, que chicoteia os flancos da linguagem e a obriga a galopar, quando o pobre animal é só úlceras e esparavões. E Dadie [Rylands], Pernel [Strachey], Janie Bussy & Dorothy [Bussy] ainda declararam emocionados que aquele era o seu melhor livro!

Assim os dias passam, & eu me pergunto às vezes se não estamos hipnotizados, como uma criança por um globo prateado, pela vida; se isso é viver. É muito rápido, intenso, excitante. Mas superficial, talvez. Gostaria de segurar esse globo nas mãos & senti-lo em silêncio, redondo, macio, pesado, segurá-lo dia após dia. Vou ler Proust, acho. Ir para frente e para trás.

Quanto ao meu próximo livro, vou me refrear de escrevê-lo até que esteja iminente em mim: pesado na minha cabeça como uma pera

¹²⁸ VW refere-se a Dora Carrington, pintora e mais conhecida apenas como Carrington. Ela e L. Strachey tinham uma relação de amizade profunda e em 1917 ela foi morar com ele, fazendo as vezes de dona de casa e anfitriã. A referência aos “rapazes” deste trecho é um comentário irônico de VW quanto à predileção de Strachey por belos jovens rapazes, não raro cabeças-de-vento.

madura; pendente, grávido, pedindo o corte antes que caia. The Moths ainda me perseguem, vêm, como sempre vêm, sem serem chamadas, entre o chá & o jantar, enquanto L. toca o gramofone. Delineio uma ou duas páginas; depois me obrigo a parar. Sim, estou enfrentando algumas dificuldades. A fama, para começar. Orlando vai muito bem. Eu bem que poderia continuar a escrever assim – os lambe-botas estão no meu pé para isso. As pessoas dizem que é tão espontâneo, tão natural. E eu gostaria de conservar essas qualidades se pudesse, sem perder as outras. Elas vêm de escrever exteriormente; mas se eu escavar, será que não as perco? E afinal qual é a minha própria posição em relação ao interior & o exterior? Penso que um pouco de desenvoltura & agilidade é algo bom – sim: acho que até mesmo a externalidade é algo bom; alguma combinação dessas coisas poderia ser possível. Veio-me a ideia de que o que desejo fazer agora é saturar cada átomo. Isto é, eliminar tudo o que é desperdício, morto, supérfluo: entregar o momento inteiro; inclua o que incluir. Digamos que o momento seja uma combinação de pensamento; sensação; a voz do mar. O desperdício, a morte, vêm de incluir coisas que não pertencem ao momento; aquele negócio terrível do realista: passar do almoço ao jantar: isso é falso, irreal, mera convenção. Por que admitir qualquer coisa na literatura que não seja poesia – ou seja, saturação? Não é esse o meu rancor com os romancistas? o fato de não selecionarem nada? Os poetas têm êxito porque simplificam: praticamente tudo fica de fora. Eu quero incluir praticamente tudo; & no entanto saturar. Eis aí o que desejo fazer em The Moths. Deve incluir disparate, fato, sordidez: mas transparentes. Acho que devo ler Ibsen & Shakespeare & Racine. E escrever sobre eles; pois este é meu melhor estímulo, sendo minha mente o que é; então leio com fúria & exatidão; de outro modo salto & deslizo: sou uma leitora preguiçosa. Por outro lado não: fico surpresa & um pouco inquieta com a rigidez implacável da minha mente: que ela jamais pare de ler & escrever; que me faça escrever sobre Geraldine Jewsbury, sobre Hardy, sobre as mulheres – é profissional demais, quase nada lhe sobra da sonhadora diletante. (28 nov. 1928)

Quando escreveu a entrada acima, Virginia Woolf tinha 46 anos e estava no auge de sua carreira literária. Já alcançara prestígio com dois dos romances que mais lhe trariam notoriedade, *Mrs. Dalloway* e *Ao farol*, e havia pouco mais de um mês conseguira também o sucesso comercial, graças à publicação de

*Orlando*¹²⁹. Esta, que é uma das mais famosas entradas de seu diário, é também uma das mais citadas, e uma das que foram analisadas por Blanchot em *O livro por vir*.

Ele enxerga no embate que Woolf estabelece entre vida e arte, entre realidade e ficção, a luta contra um demônio – o demônio da vocação, “a ideia mais perversa das que podem perturbar um artista livre”. No caso de Woolf, exigiria que ela se despisse de todas as certezas, deixando-a completamente frágil e desprotegida. Isso, graças a um efeito colateral, a teria tornado dependente das lisonjas, passiva à constante aprovação das pessoas próximas – algo que ela anota em diversas entradas do seu diário, principalmente na iminência ou logo após o lançamento de um novo livro, e que a passagem acima ilustra em relação a Lytton Strachey. Para Blanchot, Woolf tinha a convicção íntima (quer conscientemente ou não) de que apenas quando estivesse

¹²⁹ Sobre o sucesso comercial de *Orlando*, que a tornou uma autora conhecida do grande público e lhe trouxe a sonhada estabilidade financeira, ela escreve pouco antes, em 7 nov. 1928, menos de um mês depois do lançamento do livro: “Cresci uns sete centímetros de altura às vistas do público. Creio poder dizer que agora estou entre os mais conhecidos autores”. E, em 18 dez. do mesmo ano: “L. acabou de entrar para me consultar a respeito de uma 3ª edição de *Orlando*. Já foi encomendada; vendemos mais de 6000 cópias; e as vendas continuam surpreendentemente a todo vapor – 150 livros hoje por exemplo; na maioria dos dias entre 50 & 60; sempre para minha surpresa. Será que isso vai parar ou continuar? Enfim, meu quarto está garantido. Pela primeira vez desde que casei – 1912 – 1928 – 16 anos – estou esbanjando. O músculo gastador ainda não trabalha com naturalidade. Sinto culpa; adio comprar, quando sei que deveria fazer isso; & ao mesmo tempo tenho a agradável & suntuosa sensação de ter mais moedas no bolso que os meus 13/- semanais que sempre acabavam antes do tempo ou quase. Ontem gastei 15/- em um broche de aço. Gastei £3 em um colar de madrepérolas – & há 20 anos que não compro uma joia, talvez! Acarpetei a sala de jantar – & assim por diante. Acredito que a alma fique melhor com essa lubrificação; & vou gastar livremente, & depois escrever, & assim manter o cérebro na fervura. Todo esse enriquecimento começou com um espasmo de negro desespero certa noite em Rodmell 2 anos atrás. Estava sendo atirada para cima & para baixo por aquelas ondas terríveis: quando então disse que encontraria uma saída. (Pois parte da minha infelicidade se devia à perpétua limitação de tudo; nada de cadeiras, nem de camas, nem de conforto, nem de beleza; nenhuma liberdade de movimento: tudo isso resolvi ali & naquele momento superar.) E assim cheguei, depois de discussões, & até mesmo lágrimas certa noite (& como é raro eu chorar!), a um acordo com Leonard sobre dividirmos o dinheiro somente depois de certa quantia; & depois abri uma conta bancária; & agora, na pior das hipóteses, terei colocado £200 ali até dia 1 jan. O importante é gastar livremente, sem crise ou ansiedade; & confiar na própria capacidade de ganhar mais – Com efeito, neste exato momento não consigo duvidar seriamente de que ganharei mais, nos próximos 5 anos, do que jamais ganhei na vida.” De fato: em seis meses *Orlando* venderia 8 mil exemplares, mais do que o dobro do que *Ao farol* vendeu em um ano inteiro, e triplicaria os rendimentos de Woolf.

totalmente frágil é que surgiria uma força maior para permitir que ela escrevesse – o que a teria levado a se consumir totalmente pelo fazer artístico.

Nada pesa nela, e raramente uma angústia tão pesada teve uma aparência tão leve. Enquanto escreve – e mesmo quando “escrever é o próprio desespero” –, ela é levada por um movimento prodigioso, um acordo exaltante com sua “vocaço”. (...) Ela tem a convico de que precisa encontrar o vazio (“a grande agonia”, “o terror da solido”, “o horror de contemplar o fundo da lama”) para, a partir desse vazio, comear a ver at mesmo as coisas mais humildes, e captar o que ela chama de realidade – a atrao do momento puro, a cintilao insignificante e abstrata que no dura, nada revela e volta ao vazio que ela ilumina.¹³⁰

O retorno a uma espcie de “ponto zero” (que Blanchot chama acima de “vazio”) a cada nova obra faria parte da concepo que Woolf tinha da sua prpria vocao. O que estava perseguindo, aquilo que ela chama de “realidade”, era na verdade intangvel, alcanvel apenas aps o esgotamento de si – em termos blanchotianos, quando se pode “comear a ver as coisas mais humildes”, “o momento puro, a cintilao insignificante e abstrata que no dura, nada revela e volta ao vazio que ela ilumina”. E Woolf teria a dolorosa conscincia de que tal perseguio poderia no passar de um engano. “Eu me pergunto s vezes se no estamos hipnotizados, como uma criana por um globo prateado, pela vida; se isso viver.” Anos mais tarde, a mesma imagem de vida como um globo que reviramos nas mos surgiria em *As ondas*, mas dessa vez, apesar de sua impalpabilidade, para ela a vida parece slida e no etrea: “Let us again pretend that life is a solid substance, shaped like a globe, which we turn about in our fingers.” (TW)

No toa ela recorre a Proust naquele momento de exasperao. “Vou ler Proust, acho. Ir para frente e para trs.” Woolf comea a ler Proust em 1922 e o le ao longo de aproximadamente 12 anos. Pouco depois de comear, j relata em uma carta seu completo assombro: “Minha grande aventura mesmo Proust. Ora – o que resta a ser escrito depois disso? Estou apenas no primeiro volume,

¹³⁰ BLANCHOT, 2005: 151-152.

e devem existir defeitos, mas estou pasma, como se um milagre fosse realizado bem diante dos meus olhos (...) Como não por o livro de lado para tomar fôlego? O prazer torna-se físico – como uma mistura de sol e vinho e uvas e perfeita serenidade e intensa vitalidade”.¹³¹

Proust modificaria a literatura de Woolf, no sentido de que nele ela descobre um modelo da relação entre corpo e mente na qual o *sentimento* transforma-se um modo de apreensão da realidade.¹³² Em “Phases of Fiction”, ela consegue resumir sua descoberta via o escritor francês: “Tudo o que pode ser sentido pode ser dito. O espírito de Proust escancara-se, com a simpatia do poeta e o distanciamento do cientista, para tudo aquilo que ele tem o poder de sentir.”¹³³ Ela o menciona diversas vezes em seu diário (“Talvez eu me sinta incentivada por Proust a vasculhar e identificar meus sentimentos, mas sempre senti esse tipo de coisa em grande profusão, apenas nunca havia tentado captá-la, ou quem sabe me faltasse habilidade & competência”, diz ela em 11 set. 1923, e em 18 nov. 1924: “Não admira que Proust tenha conseguido expressar o que eu gostaria de dizer – esse grande autor que não consigo ler quando estou revisando, tão persuasivo ele é. Graças a ele se tem a ilusão de que é fácil escrever bem; o que significa apenas que estamos meramente deslizando em patins emprestados”). Além disso, não somente *Mrs. Dalloway* foi diretamente influenciado pela leitura de *O caminho de Swann*, como também *Orlando* o foi pela de *Sodoma e Gomorra*.

Woolf leu Proust largamente em tradução porque não confiava em seu francês, ao contrário de seus amigos de Bloomsbury, quase todos muito fluentes – tais como Clive, Roger, Lytton e Vita. A tradução de que ela se valeu foi a de C. K. Scott Moncrieff, que segundo Emily Dalgarno “simplificou o extenso vocabulário usado por Proust para descrever funções mentais, reduzindo tudo a ‘consciente’ ou ‘inconsciente’(...)” Essa “tradução problemática” levou Woolf a ver o inconsciente “como sendo a fonte não de erro e conflito, como na obra de Freud, mas *do acesso singular do artista ao mundo subaquático da mente*”.¹³⁴

¹³¹ L2, 5666. Trad. minha.

¹³² DALGARNO, 2011: 12. Trad. minha.

¹³³ Texto publicado originalmente em 1929 no Bookman, em três partes, e depois editado na coletânea póstuma de ensaios *Granite and Rainbow*. Trad. minha.

¹³⁴ DALGARNO, 2011: 97. Trad. minha.

O que nos leva de volta à interpretação da representação woolfiana por Blanchot, com base no diário da escritora. Blanchot, que é rápido em definir o que era a *realidade* para Woolf, na verdade a separa de Proust. “Como seria tentador procurar traduzir numa grande afirmação reveladora essas breves iluminações que abrem e fecham o tempo, e que, muito consciente de seu valor, ela chama de *moments of being*, ‘momentos de ser’”, suspira ele. Em seguida, categoricamente conclui a questão.

Não irão eles maravilhosamente, e de uma vez por todas, mudar a vida? Carregam o poder de decisão e de criação capaz, como acontece com Proust, de tornar possível a obra que deve se juntar em torno deles? De modo algum. ‘Pequenos milagres cotidianos’, ‘fósforos inopinadamente riscados no escuro’, eles não dizem nada a não ser eles mesmos. Aparecem, desaparecem, fragmentos brilhantes que raiam com sua pureza saturada o espaço da transparência.¹³⁵

Blanchot define, portanto, os momentos que formam a percepção do real para Woolf em termos unicamente artísticos e, por que não, quase espirituais. *Desconsidera qualquer continuidade entre eles, qualquer relação que estabelecem com a realidade exterior, e seu mencionado caráter violento, de embate e conciliação entre aquilo que se percebe subjetivamente e aquilo que se encontra para além do ser, na concretude das coisas com que eles, em verdade, estão em contínua relação.*

Por outro lado, se tomarmos como um pressuposto a visão de Peter Brooks sobre Proust, este mescla “a realidade com a percepção sensível que tem dela”, e a história do *Em busca do tempo perdido* é, “acima de tudo, aquela da vocação: a descoberta do personagem principal de que ele é um escritor, e que apenas enquanto escritor é capaz de dar sentido à realidade. O que a maioria das pessoas chama de realidade não passaria de distração; a verdadeira vida se encontraria noutra parte, diz o narrador; *na interioridade*, e somente a vida do espírito em formação seria capaz de produzir um livro com a ‘forma do

¹³⁵ BLANCHOT, 2005: 145.

tempo””.¹³⁶ Essa descrição estaria de certo modo alinhada com o pensamento que Blanchot tem de Woolf, que insere seu movimento representacional apenas na relação exterioridade-interioridade, privilegiando a interioridade (mas, diferentemente de Proust, a seu ver encerrando-a apenas na fugacidade).

Porém, o que se dá a perceber com a leitura mais atenta e completa de seu diário em contraposto com outras de suas obras é que a *realidade*, aquilo que Woolf mais almeja expressar, é-lhe a um só tempo necessariamente inescapável e inapreensível. E não por ser apenas “efêmera” ou “fugaz”. Não se trata de algo que ela encontre naquilo que comumente considera-se como sendo o “real”, as coisas palpáveis – e daí a sua implicância com os realistas eduardianos, que considera extremamente concentrados em tudo o que seja exterior, “aquele negócio terrível do realista: passar do almoço ao jantar: isso é falso, irreal, mera convenção”. A implicância de Woolf com esse processo é que, para ela, tal estilo de representação artística deixa de criar personagens humanos ao colocar tanta ênfase na exterioridade. “A laboriosa descrição realista constrói uma imagem colorida e animada, mas no fundo não passa de um acúmulo de pormenores que valem pouco enquanto possibilidade de compreensão efetiva”, diz Antonio Candido, parecendo compartilhar da mesma opinião. “Ela estende aos seres a mesma mirada externa com que se dirige aos objetos, apresentando-os como unidades autônomas de significado único, que produzem uma simples aparência de sentido”.¹³⁷ Em “Mr. Bennett and Mrs. Brown” (1923), Woolf sugere que após a era vitoriana (para ela uma era em que houve “surpreendente veracidade” nos personagens), a representação literária na Inglaterra entrou em crise, e indica que isso se deveu a uma sinuca apresentada pelos russos, como Dostoiévski, que os ingleses não souberam resolver. “Que palavra-chave se poderia usar para definir Raskólnikov, Míshkin, Stavróguin ou Aliócha? Esses personagens não possuem traços. Adentramos neles da mesma maneira como nos aprofundamos em alguma imensa caverna. As luzes oscilam ao redor; escutamos o fundo do mar; é tudo escuro, terrível e não mapeado.”¹³⁸

¹³⁶ BROOKS, 2005: Pos. 3336. Trad. minha.

¹³⁷ CANDIDO, 1993: 140.

¹³⁸ WOOLF, 2004.

Note-se a semelhança nessa descrição com as imagens daquilo que a *própria Woolf* valoriza e gostaria de fazer, com o uso de imagens recorrentes para ela como “cavernas”, “fundo do mar” e luzes difusas, bem como a ênfase no risco – “é tudo escuro, terrível e não mapeado”. Nesse e em outros ensaios e passagens do diário, fica evidente que o personagem, o humano, é o que ela considera de central na literatura, e que ela enfatiza, sim, a *verossimilhança* na sua representação – algo que sente que os realistas eduardianos não foram capazes de alcançar literariamente e que considera a busca da sua própria geração. “Mrs. Brown”, a icônica personagem de Woolf nesse ensaio, “precisa ser resgatada, expressa e posta em elevada relação com o mundo”, diz. Essa opinião foi também expressa em seu ensaio “Ficção Moderna”, dois anos depois, quando ela afirma:

A vida não é uma série de óculos que, arrumados simetricamente, brilham; a vida é um halo luminoso, um envoltório semitransparente que do começo ao fim da consciência nos cerca. Não é missão do romancista transmitir esse espírito variável, desconhecido e incircunscrito, seja qual for a aberração ou a complexidade que ele possa apresentar, com o mínimo de mistura possível do que lhe é alheio e externo?¹³⁹

A verossimilhança, porém, para Woolf se veria revestida de um “acento” diferente daquele do realismo, como será desenvolvido a seguir. Vê-se pelo trecho acima como em “Ficção Moderna” ela enfatiza, como quer Blanchot, a interioridade em detrimento da exterioridade, ao dizer que seria a missão do romancista transmitir o “espírito” do personagem “com o mínimo de mistura possível do que lhe é alheio e externo”. No entanto, é curioso que isso se coloque em oposição não apenas à “inclusão de tudo”, que ela menciona tantas e tantas vezes, como também àquilo que ela mesma faz em sua literatura: afinal, a literatura woolfiana está impregnada de materialidade.

Durante muito tempo, a leitura prevalente sobre o modernismo foi a de que estaria ligada a “estratégias de interioridade”¹⁴⁰, e Woolf, o mais “interior”

¹³⁹ “Ficção moderna”. WOOLF, 2014: 109-110.

¹⁴⁰ JAMESON, 1979: 2. Apud HARKER, 2011, p. 2. Trad. minha.

dos escritores britânicos.¹⁴¹ Temos como exemplo notório a leitura canônica de Erich Auerbach, que considera a exterioridade na literatura woolfiana apenas como um veículo para se alcançar o mundo interior. Mais recentemente, no entanto, houve uma investida contra esse tipo de opinião nos estudos woolfianos, a qual interpreta até mesmo a sua estética ficcional como atuando em favor de uma posição política, a exemplo dos estudos de Melba Cuddy-Keane e Rebecca Walkowitz. Parte da confusão teórica quanto a se a ênfase de Woolf se dá na interioridade ou na exterioridade reside nos textos da própria autora, que parecem apoiar ambos os pontos de vista.¹⁴²

Entretanto, o que a leitura de suas obras tomadas em conjunto sugere é que a realidade é para ela, paradoxalmente, algo abstrato, situado no mundo físico, mas ao mesmo tempo completamente entremeado pela vida interior – que por sua vez pode ser tão ou mais real quanto aquilo que é apreensível pelos sentidos ou pelos afetos. Em uma passagem de 1928, ela assim resume:

Com frequência entrei num santuário aqui embaixo; um convento; um retiro religioso; antigamente de grande agonia; & sempre de certo terror: tanto é o medo que se sente da solidão: de enxergar o fundo da embarcação. Essa é uma das experiências que tive aqui em alguns agostos; & cheguei então à consciência do que chamo de “realidade”: algo que vejo à minha frente; algo abstrato; mas que reside nas charnecas ou no céu; diante da qual nada importa; na qual irei repousar & continuar existindo. Realidade é o nome que lhe dou. E por vezes imagino que é a coisa mais necessária para mim: que é o que busco. Mas quem sabe – quando se apanha a caneta & escreve? Como é difícil não sair dizendo que a “realidade” é isso & aquilo, quando ela é uma coisa só. Ora talvez esse seja o meu dom; talvez seja isso o que me distingue das outras pessoas; creio que deve ser raro ter um sentido tão intenso de algo assim – mas, de novo, quem sabe? Eu gostaria de expressá-lo. (10 set. 1928)

Em *Realist Vision*, Peter Brooks comenta que o esforço de Woolf de romper com a tradição realista para criar o tipo de obra que hoje chamamos

¹⁴¹ “Woolf is usually considered the most inward of all British writers.” NORTH, 2001: 81. Apud HARKER, 2011: 2.

¹⁴² Cf. HARKER, 2011: 4.

modernista é comparável ao da obra proustiana. Para Brooks, Proust desejava transformar a tradição realista – o que não implica que pretendesse descartá-la, grande leitor de Balzac e Flaubert que era; mas que, ao contrário, *a intenção era incluí-la e ir mais além*. De modo semelhante, ao discorrer sobre o “extraordinário estilo” de Sterne em “A Sentimental Journey”, Woolf descreve como seu próprio processo parece-se com o dele no sentido de que também ela se apropria das observações que faz ao caminhar pelas ruas e as utiliza para fazer a transposição, na sua escrita, da exterioridade para a interioridade, privilegiando as sinuosidades do pensamento às regras formais da literatura. Do seu ponto de vista (numa análise completamente sincrônica), isso faz de Sterne “o precursor dos modernos”.

For my own part, by long habitude, I do it so mechanically that when I walk the streets of London, I go translating all the way; and have more than once stood behind in the circle, where not three words had been said, and have brought off twenty different dialogues with me, which I could have fairly wrote down and swore to. *It is thus that Sterne transfers our interest from the outer to the inner.* It is no use going to the guide-book; we must consult our own minds (...) *In this preference for the windings of his own mind to the guide-book and its hammered high road, Sterne is singularly of our own age. In this interest in silence rather than in speech Sterne is the forerunner of the moderns (...)*

Existe para Woolf, porém, uma diferença entre estes e Sterne: por mais zigzagueante que seja seu método, Sterne *ainda está preocupado em contar uma história*. Apesar de ter uma “mente errática como uma libélula”, ele não “escolhe suas flores ao acaso” pois tem certo método, buscando ou bem uma “harmonia superior” ou bem uma “discordância brilhante”. Nesse ponto, Woolf parece sugerir que os modernos estariam mais à frente no quesito representação do real porque, como a trama não lhes é necessariamente uma preocupação, selecionam de modo casual (muito embora ela mesma critique, como já visto, o que considera o excesso de falta de ordenação).

Com isso, ela retoma a ideia da valorização do fragmento e da aleatoriedade como uma técnica de representação que estaria mais próxima da vida. Ora, se a aleatoriedade e o fragmento são típicos da forma-diário, isso é

novamente um fator que a aproxima das características de uma obra modernista. Woolf assim incita os escritores da nova geração em “Ficção moderna”: “Registremos os átomos, à medida que vão caindo, na ordem em que eles caem na mente, e tracemos o padrão, por mais desconexo e incoerente na aparência, que cada incidente ou visão talha na consciência”.¹⁴³ Ao dizer que a mente do poeta é um receptáculo que armazena incontáveis sentimentos, frases e imagens, que ali permanecem até “estarem presentes todas as partículas capazes de unir-se para formar um novo composto”, Eliot postula algo semelhante – com a diferença de que enfatiza que tais fragmentos devem ficar em espera, parados, até surgir a ocasião para formarem uma unidade textual,¹⁴⁴ o que evidencia que para ele também era preciso ordenação em meio aos processos de recombinação. Era um projeto literário que ele considerava difícil, mas que se sentia muito mais seguro do que Woolf em levar a cabo – se podemos confiar no famoso diálogo entre os dois sobre as diferenças projetuais que percebem entre as gerações de escritores, transcrito no diário de Woolf. Interessante notar o ano: 1921, um ano antes do “ano mágico do modernismo”, 1922, que marca a publicação tanto de *Terra desolada* quanto de *Jacob’s Room*.

“Não somos tão bons quanto Keats”, eu disse. “Somos sim”, respondeu ele. “Não: não escrevemos clássicos de um estalo como as pessoas magnânimas.” “O que estamos tentando fazer é bem mais difícil”, disse ele. “Pode até ser, mas nossas obras estão cheias de falhas”, eu disse. “Comparadas às deles, as minhas são fúteis. Insignificantes. Só se continua por ilusão.” Ele me disse que eu não estava falando com sinceridade. Mas eu estava. (22 mar. 1921)

Ainda no ensaio sobre Sterne, Woolf comenta sobre as aproximações entre os propósitos dos modernistas e dos realistas, usando Sterne como exemplo: diz que, nele, as convenções e cerimônias costumeiras que afastam leitor de autor desaparecem por conta do extremo esforço empreendido por Sterne – e o livro se torna “semitransparente”. Ela bem poderia estar falando de si mesma quando diz que, nele, “*we are as close to life as we can be*. The utmost

¹⁴³ “Ficção moderna”. WOOLF, 2014.

¹⁴⁴ ELIOT, 2005: 155. Trad. minha.

fluidity exists with the utmost permanence”¹⁴⁵. Esse trecho, que fala sobre o máximo de fluidez coexistindo com a máxima permanência, assemelha-se à análise de Antonio Candido sobre, justamente, Marcel Proust.

Candido comenta como o narrador de *Em busca do tempo perdido* não se interessa pela descrição realista minuciosa do Salão Verdurin como ele era no dia em que o visitou, e sim na de vários momentos do salão em diferentes épocas, “a fim de ir, além da superfície, até o nível revelador, onde o particular se recompõe na fisionomia geral de um modelo. Surge então um paradoxo: ver as coisas no tempo é vê-las de modos diversos, em várias etapas; portanto, é atingir um maior grau de generalidade, que define a permanência (relativa) da estrutura sob o processo que a constitui. (...) *Estrutura e processo, estático e dinâmico se unem na síntese de uma visão integrativa.*” Para Candido, quiçá a realidade se encontre mais em elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas que neles mesmos. Explicando que o realismo está ligado à presença do detalhe e sua mudança ao longo do tempo, discorre como, caso isso aconteça “de maneira adequada”, pouco importa se esse registro de real é interior ou exterior, idealista ou materialista. Proust, por exemplo, a seu ver tinha uma teoria nada realista da realidade, mas que acabava sendo “mais convincente do que o Realismo referencial” por permitir o livre desenrolar da fantasia, gerando o que Candido denomina de *transrealismo* – ou seja, é “como se ele criasse uma realidade além da que experimentamos”.¹⁴⁶ Brooks enxerga a influência dessa estratégia de Proust na *forma* do texto woolfiano, especialmente na atenção que ela presta à qualidade submarina da mente, aos processos de consciência e ao entendimento da personagem como algo fluido, que não possui contornos rígidos e está sujeita às mudanças ao longo do tempo.¹⁴⁷

Tal influência, contudo, encontra-se igualmente na opção woolfiana de *não abdicar de todo da representação mimética*. Isso porque, conforme visto, se Montaigne ensinou a Woolf o discurso do paradoxo e da contradição, então Proust lhe deu a narrativa errante, vagante, em que se alcançam apenas

¹⁴⁵ “The Sentimental Journey”. CR2.

¹⁴⁶ CANDIDO, 1993: 137 e 141. Grifos meus.

¹⁴⁷ BROOKS, 2005: pos. 3443. Trad. minha.

vislumbres da realidade. E é justamente essa, por excelência, a forma do seu diário, e aquela que Woolf exercita e busca sem cessar. “A aparência, o vivo, a vida não bastam e não garantem nada”, comenta Blanchot sobre a literatura woolfiana, e cita passagens do diário: “‘É um erro acreditar que a literatura pode ser colhida ao vivo. É preciso sair da vida... É preciso sair de si e se concentrar, o máximo possível, num único ponto...’; ‘Reconheço que é exato, que não tenho o dom de *realidade*. Eu desencarno deliberadamente, até certo ponto, pois desconfio da realidade... Mas para ir mais longe’”.

Contudo, diferentemente do que assume Blanchot, Woolf não simplesmente “sai” da vida. “O poder do artista”, diz ela no ensaio “Como se deve ler um livro?”, “é manejar com maestria, eliminar. (...) É pelo sentir que aprendemos. Porém, com a passagem do tempo, talvez possamos educar nosso gosto (...), desde que ele tenha se nutrido ávida e profusamente de livros de todo tipo – poesia, ficção, história, biografia – e que, parando de ler, tenha buscado por longos intervalos a diversidade, a incongruência do mundo vivo”.¹⁴⁸ Ela assume, portanto, a posição deliberada pela *combinação entre sair da vida e conservar-se dentro dela, a fim de, paradoxalmente, incluir tudo e ao mesmo tempo “saturar”*. No diário, ela discorre a esse respeito nos termos de ter alcançado um novo estágio como escritora.

Ocorre-me entretanto que agora avancei outro estágio no meu desenvolvimento como escritora. Vejo que existem 4? dimensões; todas elas a serem geradas na vida humana; o que leva a um conjunto & proporção muito mais ricos: quero dizer: o eu: & o não eu: & o fora & o dentro – não, estou cansada demais para dizer: mas vejo isso: & irá afetar meu livro sobre Roger. Muito estimulante: seguir tateando assim. Novas combinações na psicologia & no corpo – tal como na pintura. Esse será meu próximo romance, depois de *The Years*. (18 nov. 1935)

Considerando que existem ao menos quatro dimensões na vida humana – em seus termos, “o eu & o não eu, & o fora & o dentro”, ela vislumbra daí possibilidades muito mais ricas para tratar da “psicologia e do corpo”, ou seja,

¹⁴⁸ “Como se deve ler um livro?”. WOOLF, 2014: 180-81.

do imaterial e do material. Incluir tudo para reresentar a realidade, por outro lado, deve ser feito excluindo tudo o que não “pertence ao momento” – ou, em palavras woolfianas, o desperdício, o morto, o supérfluo. Na entrada seguinte, em 21 nov. 1935, ela avança um pouco mais na sua reflexão. “O negócio é apagar todos os detalhes (...) Quero conservar o individual & a sensação das coisas retornando sem parar & ao mesmo tempo se transformando. Isso é o mais difícil: combinar ambos”.

Essa característica ambivalente, a opção pela *combinação* em Woolf, chamou a atenção de Deleuze, que procurou expô-la em termos de seu conceito de *hecceidade*, “individuação sem sujeito”¹⁴⁹. Excluir significa suprimir tudo o que impediria o deslizamento entre as coisas, o caminhar-entre.

O momento [*em Woolf*] não é o instantâneo, é a hecceidade, na qual nos insinuamos, e que se insinua em outras hecceidades por transparência. Estar na hora do mundo. *Eis a ligação entre imperceptível, indiscernível, impessoal*, as três virtudes. Reduzir-se a uma linha abstrata, um traço, para encontrar sua zona de indiscernibilidade com outros traços e entrar, assim, na hecceidade como na impersonalidade do criador. Então se é como o capim: se fez do mundo, de todo mundo, um devir, *porque se fez um mundo necessariamente comunicante, porque se suprimiu de si tudo o que impedia de deslizar entre as coisas*, de irromper no meio das coisas. Combinou-se o ‘tudo’, o artigo indefinido, o infinitivo-devir e o nome próprio ao qual se está reduzido. Saturar, eliminar, colocar tudo.¹⁵⁰

Para Woolf, “realidade” é um termo que se aglutina num mesmo campo semântico com “alma”, “verdade” e “vida”, campo esse que é uma das grandes constantes em sua obra. “Minha teoria é que por algum motivo a mente humana

¹⁴⁹ “As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são singularidades; a suas relações, que são devires; a seus acontecimentos, que são hecceidades (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos livres; a seu modelo de realização, que é o rizoma (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui platôs (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem territórios e graus de desterritorialização.” DELEUZE e GUATTARI, 2012: 8.

¹⁵⁰ Ibid., p. 63.

está sempre buscando o que concebe ser o centro das coisas; às vezes pode-se chamá-lo de realidade; outras de verdade; ou de vida – eu não sei como chamá-lo (...)” (18 out. 1918). Esses termos, associados a um ultrapasse do indivíduo – algo que o perpassa menos pela razão e mais pelas percepções relacionadas aos afetos e sentidos –, configuram aquilo que beira o limite do que é possível expressar e, portanto, representam o limiar daquilo que pode ser artisticamente representado (o citado “cantar do verdadeiro mundo”). Woolf assim o sintetiza em “Poesia, ficção e o futuro” (1927): “Cada momento é o centro e ponto de encontro de um número extraordinário de percepções ainda não expressas. A vida é sempre e inevitavelmente muito mais rica, muito mais, do que nós tentamos expressá-la.”¹⁵¹

No diário, esses termos (verdade, alma, realidade e vida) são usados de modo intercambiável. “Aos 46 não estou calejada; sofro consideravelmente; faço boas resoluções – ainda me sinto tão experimental & à beira de alcançar a verdade como sempre” (21 abr. 1928); “Quanto à alma: por que mesmo eu disse que a deixaria de fora? Esqueço. A verdade é que não se pode escrever diretamente sobre a alma. Quando a olhamos, ela escapa: mas basta olhar para o teto, para Grizzle [*sua cachorra*], os animais ordinários no zoológico que ficam expostos aos passantes do Regents Park,¹⁵² que a alma entra de fininho” (27 fev. 1925); “Que imagem buscar para transmitir o que quero dizer? Honestamente acredito que não exista nenhuma. O mais interessante é que antes nunca tinha me deparado com todo o meu sentimento & racionalização. A vida é, sóbria & precisamente, o mais estranho dos assuntos; traz em si a essência da realidade” (30 set. 1926).

“Vida”, aliás, é uma das palavras mais características de Woolf, que ela invoca e coloca entre aspas muitas e muitas vezes em suas obras de ficção e de não ficção. Em vez de tentar definir o que seria “vida”, no entanto, Woolf representou “*um espectro de atitudes em relação a ela* e a evocou como uma força em movimento que perpassa e desestabiliza as vidas individuais”, cujas marcas no texto são os “verbos em gerúndio, as frases no particípio e os

¹⁵¹ “Poesia, ficção e o futuro”. WOOLF, 2014: 223. Grifo meu.

¹⁵² Os animais do zoológico que os passantes do parque podiam ver através das grades, sem necessidade de pagar ingresso.

substantivos derivados de verbos”.¹⁵³ Temos assim que “vida” e os termos a ela correlacionados – “verdade”, “realidade” e “alma” – denotam forçosamente o entrelace de interioridade e exterioridade e de realidade e fabulação: algo que, por sua vez, está no centro dos textos de Virginia Woolf, que “soube fazer de toda sua vida e sua obra uma passagem, um devir, toda espécie de devires entre idades, sexos, elementos e reinos.”¹⁵⁴ É dessa maneira que a ambivalência torna-se para ela uma estratégia narrativa que, em seu diário, surge como uma travessia de mão dupla entre construção deliberada e real.

E me agarro à ideia de escrever aqui para não escrever as Ondas ou as Mariposas ou seja lá como irá se chamar. Pensa-se que já se aprendeu a escrever depressa; mas não. E o que é estranho; não estou escrevendo com gosto ou prazer: culpa da concentração. Não estou desfiando a coisa; estou prendendo-a. Além disso, nunca, na minha vida, enfrentei uma forma tão vaga & ao mesmo tempo tão elaborada; sempre que escrevo uma coisa tenho de pensar em sua relação com outras dúzias. E embora fosse possível seguir adiante com razoável facilidade, paro a todo momento para analisar o efeito geral. Especificamente, para ver se existe algum defeito radical na estrutura que criei. Não estou totalmente satisfeita com esse método de apanhar coisas num lugar & elas me lembrarem de outras. Mas por enquanto não consigo conceber nada que se mantenha tão próximo do projeto original & ao mesmo tempo admita movimento. Portanto, talvez esses dias de outubro sejam um pouco tensos & rodeados de silêncio para mim. O que quero dizer com isso eu não tenho ideia, pois não parei de “ver” as pessoas – Nessa & Roger, os Jeffers, Charles Buxton, & deveria ter visto Lord David, & vou ver os Eliots – ah, teve Vita também. Não; não é um silêncio físico; é alguma espécie de solidão interior – interessante de analisar caso isso fosse possível. Um exemplo – ia eu caminhando por Bedford Place, é isso? – aquela rua reta com todas as casas de pensão hoje à tarde, & disse a mim mesma espontaneamente algo da seguinte natureza. Como eu sofro, & ninguém sabe como sofro, caminhando por essa rua, enfrentando minha angústia, como fazia logo depois que Thoby morreu – sozinha; lutando sozinha contra algo. Mas naquela época eu enfrentava um

¹⁵³ ABEL, 2014: 56. Trad. minha.

¹⁵⁴ DELEUZE e GUATTARI, 2012: 30.

demônio, & agora nada. E quando entro em casa, é tudo tão silencioso – não trago na cabeça uma grande aceleração de rodas & engrenagens – No entanto continuo escrevendo – ah & somos muito bem-sucedidos – & existe – aquilo que mais amo – mudança à frente. Sim, naquela última noite em Rodmell quando Leonard veio de Londres me apanhar contrariado, os Keynes vieram nos visitar. E Maynard vai sair da Nation, assim como Hubert, & portanto nós também, sem dúvida. E é outono; & as luzes começam a se acender; & Nessa está em Fitzroy Street – num grande quarto enfumaçado, com botijão de gás & pratos descombinados & frascos de vidro pelo chão – & a Editora vai de vento em popa – & esse negócio de celebridade é bastante crônico – & sou mais rica do que nunca – & comprei um par de brincos hoje – & apesar de tudo, há vacuidade & silêncio nalguma parte das engrenagens. Em geral, não me incomodo muito; porque o que gosto é de ir & vir de um lado a outro, açulada pelo que eu chamo de realidade. Se eu nunca sentisse essas tensões pungentes extraordinárias – de inquietude, ou calma, ou felicidade, ou desconforto – eu desceria até o fundo da aquiescência. Aqui existe algo com que lutar: & quando acordo cedo digo a mim mesma, Lute, lute. Se eu pudesse agarrar essa sensação, eu o faria: o cantar do verdadeiro mundo, à medida que somos conduzidos pela solidão & pelo silêncio para longe do mundo habitável (...) (11 out. 1929)

Woolf começa nessa passagem maldizendo o fato de estar enfrentando dificuldades com *As ondas*, sem certeza de ter escolhido o caminho certo ao optar pela ambivalência, por uma forma “tão vaga e ao mesmo tempo tão elaborada” em que uma coisa se abre para uma dúzia de outras, pois esse “método” é exaustivo e difícil – e o prazer da escrita lhe escapa, vem a melancolia. Como é seu costume, tenta, com uma cena, elaborar o que sente: enquanto anda pela rua, a sensação de solidão interna a transporta para a época em que morreu seu jovem irmão Thoby (1906). A lembrança de Thoby não é puro acaso, uma vez que ele foi a inspiração do Percival de *As ondas*. Porém, naquele tempo ela estava lutando contra algo, um “demônio”, e “agora nada”: e por não ter nenhum motivo aparente, não traz na cabeça a “grande aceleração de rodas e engrenagens”, que antes lhe permitiria escrever. Portanto, dizer em seguida “No entanto continuo escrevendo” é ambíguo: não sabemos se apesar da melancolia ela segue escrevendo seu romance ou se esse “continuo

escrevendo” refere-se ao fato de *estar escrevendo naquele momento*, no diário. Então ela se abre para os pensamentos ao acaso, todos ligados à exterioridade – o sucesso da editora, a visita dos Keynes, o quarto da irmã ali perto, a riqueza, a celebridade, a compra de brincos – e por fim o ciclo se fecha com o mesmo pensamento que o inicia, as rodas e engrenagens, mas agora eles lhe trazem o silêncio interior. É o que permite sua reflexão: prefere ficar no limbo do movimento entre os polos (“gosto de ir & vir”) e deixar-se navegar livremente, sem definir-se. Sabe que, se por um lado, suas “tensões pungentes” são extraordinárias, por outro são o que impedem que ela se acomode – são o que fornecem algo pelo que lutar a cada vez que acorda. Então ela se vê entre esses dois universos – o mundo das coisas e a interioridade subjetiva que a refugia –, e, apesar de a sensação de estar-entre lhe ser inapreensível, paradoxalmente é o que ela considera realidade. A realidade, portanto, chega-lhe *não da alternância* entre um e outro universo, mas, precisamente, dos espaços da interseção entre eles: é o inatingível “cantar do verdadeiro mundo”.

Esse interstício que demanda uma luta contínua não lhe chega sem cobrar seu preço artístico. Em 1 nov. 1935, por exemplo (portanto anos depois dessa passagem), ela o chama de “flutuação terrível” e lamenta que misturar verdade e ficção tenha “emperrado” sua escrita durante o processo de *The Years*. “De novo pago a pena de misturar fato & ficção: não consigo me concentrar em *The Years*. A sensação que tenho é de ser impossível controlar a terrível flutuação entre esses dois mundos.” Woolf estava em constante negociação entre o quanto ir mais fundo e o quanto navegar na superfície, o quanto entrar e sair do mundo histórico, dos objetos e da política, o quanto observar e o quanto fabular. Ou, para resumir, tal como seu personagem Orlando ela estava sempre afligida por um amor à literatura, e “a natureza fatal dessa doença era colocar em lugar da realidade um fantasma”.¹⁵⁵ Em 1928 ela assim escreve na apresentação da edição norte-americana de *Mrs. Dalloway*: “Nada é mais fascinante do que topar com a verdade que reside por trás dessas imensas fachadas de ficção – se a vida é de fato real, e se a ficção é de fato fictícia. E provavelmente a conexão entre as duas é extremamente complicada”.

¹⁵⁵ WOOLF, 1978.

Segundo vejo, Wolfgang Iser traz algo de interessante a contribuir no exame mais próximo da forma-cruzamento fundadora da obra de Virginia Woolf. Em “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”, ele enfatiza os efeitos de ficção nos textos, e explica como o fingir se diferencia do imaginário. O fingir está relacionado a um objetivo, exige *representações*, que são a condição para que o imaginário adquira determinada configuração específica – diferente das projeções e ideações sem objetivo, como os sonhos.

No ato de fingir, o imaginário ganha uma determinação que não lhe é própria e adquire, deste modo, um predicado de realidade. (...) É significativo que ambas as formas de transgressão de limites, realizadas pelo fingir no espaço da relação triádica [*real – fictício – imaginário*], sejam de natureza distinta. Na conversão da realidade vivencial repetida em signo de outra coisa, a transgressão de limites manifesta-se como uma forma de *irrealização*; na conversão do imaginário, que perde seu caráter difuso em favor de uma determinação, sucede uma *realização*.¹⁵⁶

Ou seja, a realidade repetida se transforma em signo e manifesta-se como irrealização; já o imaginário (o efeito gerado), ao perder sua difusão em função da determinação do ato de fingir, manifesta-se como realização. O ato de fingir é, portanto, simultaneamente irrealização do real e realização do imaginário. Desaparece assim a oposição entre ficção e realidade.

Ao escrever um texto ficcional, o autor retira dos sistemas contextuais (socioculturais ou literários) os elementos para compô-lo. Isso rompe com esses sistemas, que costumam ser encarados como a própria realidade em si, pois os converte em objeto de percepção. Estes, por sua vez, são projetados em outros contextos e ganham outro peso. Essa operação de seleção envolve suprimir, complementar e valorizar determinados elementos, segundo a vontade arbitrária do autor. A seleção é assim, também, um ato de fingir, que faz uma travessia entre real e imaginário.

No texto, ela irá aparecer na forma de *combinação* – e essa combinação, a exemplo do que ocorre nas estratégias da rima, tem o potencial de transgredir

¹⁵⁶ ISER, 2002: 959.

os significados lexicais, gerando significações imprevisíveis. “A força, o poder de qualquer texto, mesmo o mais descaradamente mimético, está naqueles momentos que excedem nossa capacidade de categorizar, que conflitam com nossos códigos interpretativos, mas que, apesar disso, parecem corretos.”¹⁵⁷

É preciso observar, entretanto, que a realização do imaginário (seu efeito de realidade para o receptor) não pode prescindir da língua. É através dela que as ficções ganham aparência de real. Diz Iser, e nisso se parece com Lejeune, que o sinal de ficção não indica mais a ficção e sim o contrato entre autor e leitor, em que o texto deixa de aparecer como discurso e se mostra como um *discurso encenado*. Graças ao reconhecimento do fingir, “todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um *como se*.”¹⁵⁸ A própria diversidade de compreensões suscitada pelo texto literário demonstra o limite da semântica, porque o texto perde sua função forçosamente designativa, e, por isso mesmo, é possível que ele faça sentido em contextos bastante diferentes.

A múltipla transgressão que existe nos atos de fingir (na seleção temos a transgressão do contexto; na combinação textual, a da relação entre os campos semânticos; no desnudamento da ficcionalidade, a do mundo, que passa a ser representado *como se*; e, para os leitores do texto, a transgressão de sua experiência habitual) permite uma reformulação do mundo. Ela se transforma em uma *repetição consciente e transgressora*,¹⁵⁹ e por isso deixa abertas a experiência e a compreensão na recepção de um texto.

Por meio do engano da língua, que é multiplamente transgredida, promove-se então essa abertura à reformulação do mundo, possibilitando que o imaginário se torne presente e que o resultado seja, em suma, *um efeito de ficção*. É isso o que se verifica em toda a obra de Virginia Woolf: devido a seus entrelaçamentos incessantes, não mais se pode falar exatamente em termos de oposição entre real e fictício, e sim em *graus de intercessão entre eles e os efeitos que provocam no leitor*, tanto de realidade no texto ficcional quanto de irreabilidade no texto não ficcional. Essa característica, que se evidencia também na mescla entre gêneros, é ainda o que permite que um crítico como Paul Fry vá

¹⁵⁷ CULLER, 1977: 261. Apud ISER, 2002: 966.

¹⁵⁸ ISER, 2002: 973.

¹⁵⁹ Um conceito que, aliás, se assemelha ao da *différance* de Derrida – conquanto Iser critique os pensadores da diferença.

tão longe a ponto de afirmar que lê um ensaio como *A Room of One's Own* como um romance – e, não apenas isso, a declarar que se trata, em essência, de um romance.

A Room of One's Own is an absolutely amazing tour de force. It's actually one of my favorite books. I read it like a novel and, in many ways, *it is* a novel (...) because of the choice of the narrative style and the narrative approach. (...) The speaker says, oh, you can call me anybody you like, not unlike Melville's speaker saying, call me Ishmael: you can call me Mary Beaton, you can call me Mary Seton, call me Mary Carmichael, it doesn't really matter. But I've had certain adventures (or at least the person that is speaking has had certain adventures) which are fictitious, *or at least I reserve the right to have you suppose that they are fictitious*. (...) In other words, this is a narrative that moves, *quite by design*, in the world of fiction. (...) *A Room of One's Own* is in essence a novel.¹⁶⁰

Vê-se como Fry enfatiza a abordagem narrativa desse texto *a priori* não fictício. Para ele, a escrita se move conscientemente (*by design*) em um universo ficcional, a fim de deixar o leitor na dúvida quanto à “veracidade” do que é relatado – ou, em outras palavras, quanto à experiência de leitura que está vivenciando. A respeito desse tipo de procedimento ambivalente, Leyla Perrone-Moisés enfatiza que nos autores da modernidade não existe mais uma “adequação da palavra à Ideia, mas uma adequação da palavra à *experiência que temos ou podemos ter das coisas*, que é revelada ou ampliada pela obra”. Moisés afirma que a exatidão seria uma “habilidade verbal na recriação do mundo, e não uma adequação essencial ao real ou a um sentido prévio”.¹⁶¹ Tem-se aí colocada uma verossimilhança mais complexa que a aristotélica, em que a verdade da ficção se torna cada vez mais independente do real, ou em que a mimesis clássica e o assim chamado “conhecimento do ser”, de uma essência platônica, perdem o caráter obrigatório.

A mesma ambiguidade da experiência de leitura, suscitada pela ambivalência nas estratégias formais do texto, é por outro lado também o que

¹⁶⁰ FRY, 2009. Grifos meus.

¹⁶¹ PERRONE-MOISÉS, 1998: 156, 158-159. Grifos meus.

possibilita que Leonard Woolf declare que em certas passagens do diário da esposa não existe “um pinga de verdade”.

Sooner or later Virginia's diaries and letters will be printed. They will make a number of fascinating volumes: books, like Byron's letters, to be read and re-read for sheer delight. In the midst of his delight let the reader remember, especially the reader who itches to compose histories and biographies, that the author's accounts of people and of their sayings and doings may be flights of her airy imagination. Well do I remember an evening when Leonard Woolf, reading aloud to a few old friends extracts from these diaries, stopped suddenly. "I suspect", said I, "you've come on a passage where she makes a bit too free with the frailties and absurdities of someone here present." "Yes", said he, "but that's not why I broke off. I shall skip the next few pages because there's not a word of truth in them."¹⁶²

O trecho acima, descrito por Clive Bell, mostra como Leonard estava preso a uma concepção de gêneros literários que pede daqueles ligados à escrita de si, especialmente os diários, a obrigação da veracidade e a ausência (ou quase) de construção artística, com tudo o que isso implica. Mostra ainda, importantemente, como a forma-cruzamento e a consequente ambiguidade do diário de Woolf tornaram tentadora no processo de edição, conforme visto, aprisionar em conclusões formais uma forma de escritura que era deliberadamente aberta e não categórica.

Literatura e ficção não são sinônimos. Chega-se então a um ponto fundamental: o de que, do ponto de vista teórico exposto, perde o sentido questionar se o diário de Virginia Woolf poderia ser considerado uma obra de ficção devido à presença de fabulações, e relacionar essa característica à presença ou ausência de literariedade. Mais do que esse tipo de questionamento, importa levar em consideração que Woolf o escrevia tendo uma forma textual em vista – e que era uma forma não convencional, com uma profusão de pontos de semelhança com o modernismo e com o restante de suas próprias obras, com as quais ela estava em permanente diálogo de influência. Jauss enxerga nisso o fato de que, nos modernos, a totalidade da obra

¹⁶² BELL, C., 1956: 97. Apud BELL, Q. D1: xiv.

necessariamente pressupõe o receptor, pois na recepção é que se produziriam os sentidos. Sendo assim, *por meio de uma forma inabitual* uma obra literária pode não apenas romper com as expectativas de seus leitores, como também colocá-los face a face com uma realidade nova, que ele denomina de “opaca”, e que não se deixa desvendar com facilidade a partir de expectativas e de conhecimento de mundo prévios. Em outras palavras, a literatura não se esgota na função de arte da representação¹⁶³. A estrutura da obra enseja linhas de orientação flexíveis para as leituras, e não mais um sentido único, um “segredo” que a obra pretende encerrar.

¹⁶³ JAUSS, 1994: 56-57.

3 “Who was I then?”

Diário, tempo e memória

Não será possível – sempre me pergunto – que as coisas que
sentimos com grande intensidade tenham uma existência
independente de nosso espírito; que na verdade continuem existindo?
“A Sketch of the Past”

Nothing has really happened until it has been recorded.
Nigel Nicolson, *Virginia Woolf*

As reflexões sobre a temporalidade e o tempo estão no centro da obra de Woolf. O tempo lhe fornece o disparador para questionamentos relativos a forma narrativa, representação, sujeito, fluxo de consciência, percepção subjetiva e realidade objetiva (e consequentemente os hiatos entre ficção e real, que nos interessam particularmente neste estudo transversal entre sua obra ficcional e os diários). É bem verdade que a reflexão sobre o tempo não foi marca apenas de sua obra, e sim de toda a primeira metade do século XX, quando houve uma investigação generalizada sobre o tempo, suscitada pelo processo de aceleração violenta. Tanto a velocidade do movimento físico, que borra as imagens vistas, quanto a rapidez das transformações tecnológico-científicas colocaram em xeque a visão e por conseguinte as relações entre percepção e realidade. Quando aquilo que se vê pode não ser de fato o que se vê, ou antes, quando aquilo que se vê pode não ser apenas e tão somente aquilo que se vê (como ficou patente com, por exemplo, a descoberta dos átomos), a realidade enquanto categoria é colocada em questão, e as próprias possibilidades de representação, e de narrativa, tornam-se portanto um problema. Aos poucos, para um número significativo de artistas, fragmentos, cambiância e por conseguinte incerteza passam a parecer o meio mais “tolerável” de representar

o real, muito embora ainda paire a sensação desesperançada de que continuam insuficientes – pois, a cada instante, essa mesma aceleração brutal tanto forma “ensaios de interpretação sintético-objetivas” como os derruba.¹⁶⁴ A intensificação de investigações acerca do tempo e da percepção, encabeçadas por filósofos como Bergson, Husserl, Heidegger ou G. Moore, cientistas como Einstein, e o surgimento da teoria da psicanálise com Sigmund Freud, vêm lado a lado com a eclosão das chamadas vanguardas heroicas – os movimentos artísticos fundados nas problematizações da própria natureza da arte e da representação, como o pós-impressionismo, o futurismo, o surrealismo, o cubismo e outros. “A cultura do espaço-tempo” das décadas entre 1880 e 1918 reflete-se também notoriamente no romance europeu deste período: basta citar *Em busca do tempo perdido*, *Ulysses* ou *A montanha mágica*, por exemplo. Torna-se difícil separar na literatura moderna a “reflexão sobre a realidade temporal, muitas vezes de teor filosófico, da *tematização propriamente dita do tempo*, integrada, como matéria, à forma narrativa”, pois o romance, “capaz de mitificar o tempo real como força anônima do transitório e do mutável, também acompanhou a problematização filosófica dessa categoria”.¹⁶⁵

Desde o início foi reconhecida essa centralidade do tempo no texto woolfiano. Da mesma maneira, diz Ann Banfield, desde o início reconheceu-se também o cunho filosófico de sua obra.¹⁶⁶ Tal afirmação não deve ser exagerada, a julgar que ainda no ano de 1928, numa resenha de *Orlando* no *New York Times*, lê-se o seguinte:

Quem abrir *Orlando* esperando outro romance na linha de *Mrs. Dalloway* descobrirá, para sua alegria ou tristeza, que mais uma vez Mrs. Woolf rompeu com a tradição e a convenção e pôs-se a explorar ainda outra quarta dimensão da narrativa. Não que tenha abandonado o método do ‘fluxo da consciência’ que com tanto sucesso utilizou nos romances anteriores, mas a este adicionou algo que, na falta de um termo melhor, poderíamos talvez descrever como uma *aplicação da*

¹⁶⁴ Cf. AUERBACH, 2009: 495. Buscar retratar as coisas “como elas são”, o preceito realista, torna-se questionável a partir do século XIX, diz Adorno, e ocorre uma “crise da objetividade literária”. (ADORNO, 2003: 55-57).

¹⁶⁵ NUNES, 1988: 56 e 50. Grifos do autor.

¹⁶⁶ BANFIELD, 2003: 473.

teoria da relatividade de Einstein na literatura. Nesta nova obra, ela está bastante preocupada com o elemento ‘tempo’ no caráter e nos relacionamentos humanos e em *estabelecer a compleição exata do momento intangível, combinação de passado e futuro, de realidade objetiva e consciência subjetiva, ao qual damos o nome de presente.*¹⁶⁷

Da necessidade bastante concreta de encontrar a melhor maneira de dar conta do tempo no romance é que Virginia Woolf encontra sua resposta fundadora: o *momento*. Mas, como bem notou o crítico e tradutor Cleveland Chase na resenha acima, trata-se de um momento que *combina* passado e futuro, realidade objetiva (exterior) e consciência subjetiva (interior). A palavra “combina” é aqui fundamental, uma vez que foi a opção pelo momento combinado ao interlúdio que permitiu a Woolf fazer a transição do conto ao romance¹⁶⁸: o interlúdio como *conexão* entre as percepções coletadas em diversos momentos; a intersecção como possibilidade de formar um quadro único a partir da fragmentação dessas percepções. Assim, temos o capítulo “O tempo passa” conectando as seções inicial e final em *Ao farol*; temos as badaladas do Big Ben e de outros relógios como elementos comuns que conectam personagens diferentes em momentos e lugares distintos em *Mrs. Dalloway*; temos a mansão em *Orlando*, a conectar as mudanças do personagem e dos séculos; temos os interregnos das aberturas de *As ondas*; temos os espelhos e aviões em *Entre os atos*. Os interlúdios e as intersecções (os pontos em comum em meio às oposições, sejam eles objetos, imagens, sejam experiências) são, conseqüentemente, *aquilo que permanece, que é constante, em meio à mudança*. São o ponto firme em meio ao infirme, nas obras de Woolf. Não só do ponto de vista formal, mas também como estratégia maior de representação – fundada na mencionada *différance*; na transversalidade, nos cruzamentos.

A dimensão filosófica que fundamenta a noção de temporalidade em Virginia Woolf é até hoje elemento de intenso debate. Se, como outros críticos, Cleveland Chase reconheceu em Einstein o modelo teórico de pensamento

¹⁶⁷ CHASE, 1928. Grifos meus. Trad. minha.

¹⁶⁸ Para mais a este respeito, ver BANFIELD: 2003.

sobre o tempo (a teoria da relatividade) para aquilo que ele chamou de uma “aplicação na literatura” (na obra *Orlando*), já alguns anos antes, no rastro dos lançamentos de *Mrs. Dalloway* e *Ao farol*, o apontado como a fonte dessa inspiração woolfiana foi o filósofo Henri Bergson. Desde então, relacionar Woolf com Bergson permanece uma constante. Mais recentemente, Paul Ricouer descartou essa relação (ainda que de passagem, em uma nota de rodapé) no seu ensaio sobre a temporalidade em *Mrs. Dalloway*, enquanto Ann Banfield buscou deitá-la por terra completamente, relacionando Woolf não com Bergson mas com a filosofia de Cambridge, especialmente a de Bertrand Russell.¹⁶⁹

É possível de fato perceber diversos pontos de contato entre alguns conceitos bergsonianos, notadamente os de *memória*, *intuição* e *duração* (*durée*), tanto com as representações que Woolf cria sobre o tempo em suas obras ficcionais quanto com as reflexões que ela faz sobre o assunto em seus diários, ensaios e principalmente no autobiográfico e diarístico *Moments of Being* (1940). Segundo vemos, são esses pontos de contato que incitam a polêmica, uma vez que para alguns críticos a mera admissão de sua existência equivale a praticamente dizer que Woolf era bergsoniana ou que teria buscado mimetizar na sua literatura as concepções filosóficas de Bergson. Embora também haja diversos pontos de contato aparentes entre Woolf e o pensamento de Russell acerca das relações entre o tempo e o espaço (conforme demonstrou Banfield), bem como da teoria da relatividade de Einstein, estes não se encontram no centro da polêmica, que permanece sempre sendo Bergson – porque tal discussão parece haver sido herdada de uma polêmica anterior e mais acirrada, esta relacionada às ligações entre Bergson e o romance moderno e, especialmente, entre Bergson e Proust.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Sobre a relação de Woolf com Russell e a filosofia de Cambridge, ver BANFIELD, 2003. Sobre a posição de RICOEUR, 1995, e os comentários de GENTIL, 2004.

¹⁷⁰ À parte sobre a discussão da extensão dessa influência, sabe-se de alguns fatos por certo, como por exemplo a relação entre Proust e Bergson na vida concreta. Já em 1900 Proust frequentou a Aula Inaugural de Bergson no Collège de France, “Nossa crença na ideia de Causa”. Trocaram intensa correspondência depois que, em 1904, Bergson apresenta a tradução que Proust fez de *Le Bible des Amiens*, de John Ruskin, à Académie des Sciences Morales et Politiques. Há anotações nos cadernos de Proust entre 1908 e 1909 sobre *Matéria e memória*, relativas, principalmente, à teoria da percepção em Bergson, seu conceito de imagem e suas duas concepções de memória, a espontânea e a automática (habitual). Para uma ampla abordagem a este respeito, ver ARDOIN, GONTARSKI; e MATTISON, 2013.

Walter Benjamin se endereça a esta influência no ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire” e a admite até certo ponto, sugerindo que a teoria de Bergson só seria passível de se realizar na forma de representação artística, sendo impossível de existir na vida real: “(Proust) Foi também um escritor que colocou à prova a teoria da experiência de Bergson. Pode-se considerar a obra de Proust, *Em busca do tempo perdido*, como a tentativa de reproduzir artificialmente, sob as condições sociais atuais, a experiência tal como Bergson a imagina, pois cada vez se poderá ter menos esperanças de realizá-la por meios naturais”.¹⁷¹ Benjamin diz que Proust parte de Bergson, mas empreende suas próprias modificações nos pressupostos do filósofo, confrontando por exemplo a concepção bergsoniana de que seria “uma questão de livre escolha” a “presentificação intuitiva do fluxo da vida”. Proust teria, assim, transformado a “memória pura” de Bergson na *memória involuntária*, que se abre ao indivíduo de modo completamente aleatório, ao sabor do acaso, e que esta memória involuntária proustiana estaria mais ligada à concepção freudiana do inconsciente, aconselhando portanto voltarmos a Freud para “uma definição mais concreta do que parece ser um subproduto da teoria bergsoniana no conceito proustiano de *memória da inteligência*”.¹⁷²

A primeira década do século XX teria assistido ao que mais tarde tornou-se conhecido como “*le Bergson boom*”. Bergson exerceu grande influência sobre o cubismo e suas aulas no Collège de France eram muito disputadas, não apenas por damas e cavalheiros da alta sociedade, mas também por toda uma geração de alunos de filosofia (entre eles Étienne Gilson e Jean Wahl) e poetas como T.S. Eliot.¹⁷³ Bergson teria também exercido influência sobre o modernismo britânico de modo mais amplo, com Joyce e Woolf.¹⁷⁴ No ensaio “A

¹⁷¹ BENJAMIN, 1989: 105. Grifos meus.

¹⁷² Ibid, p. 108.

¹⁷³ Cf. LAWLOR, Leonard; MOULARD LEONARD, Valentine. "Henri Bergson". The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2013/entries/bergson/>>. Benedito Nunes comenta que a influência da *durée* teria se dado no romance moderno como um todo: “A subjetividade insatisfeita do herói problemático forçaria a abertura da narrativa romanesca ao tempo vivido, à duração interior, que foi a grande conquista do romance de Proust.” NUNES, 1998: 50.

¹⁷⁴ A suposta influência de Bergson sobre Woolf teria sido atacada também com base na afirmação de Leonard Woolf de que Virginia Woolf não leu nem as obras de Bergson nem fontes secundárias, tais como o livro que sua cunhada Karin Stephen, psicanalista, mulher de seu irmão Adrian, escreveu sobre o filósofo francês. A este respeito, ver GILLIES, Ann. *Henri Bergson and British Modernism*. McGill's Queen Press, 1996, p. 107. A própria Woolf assim

meia marrom”, ao discorrer sobre o tratamento do tempo no romance moderno, Auerbach admite que as tentativas de relacionar a narrativa desse período e as “doutrinas ou correntes filosóficas contemporâneas” foram benéficas, mas elegantemente se livra sequer de comentá-las, dizendo que se limitaria a focar na “descrição” do processo.¹⁷⁵ Embora tampouco seja do foco deste presente trabalho deter-se largamente sobre tais pontos de contato e influência, para prosseguir com a análise da dimensão do tempo na obra de Woolf é importante apontá-los. Além de fornecerem amplitude contextual, fornecem *insights* valiosos para entendermos como Virginia Woolf foi formulando suas concepções particulares de experiência temporal – e, mais importantemente, como essas concepções fundamentaram outros aspectos importantes de sua prática narrativa, ficcional e não ficcional. Desconsiderar essas relações intelectuais e de influência de Woolf equivale quase a dizer que não existem, o que evidentemente não é verdade.

Aqui, portanto, chegamos a um ponto crucial. É importante frisar que Virginia Woolf não buscou “traduzir” para a forma romance qualquer filosofia exterior à sua literatura, nem a de Bergson, nem a de Russell, nem a de Einstein, nem a de qualquer outro pensador. Suas obras, de ficção ou de não ficção, não se resumem a manifestações literárias de quaisquer teorias – sejam elas feministas, filosóficas, psicanalíticas, sociais, históricas ou estéticas. Dizer o que afirmamos, que tais influências *atravessam* suas obras em maiores ou menores graus (como é o caso de textos como *A Room of One's Own* e *Three Guineas*), não significa de modo algum dizer que constituam tão somente uma *expressão* dessas influências. Ao meramente correlacionar este ou aquele conceito ou vertente teórica a um autor literário, o maior erro que se pode cometer é achatar a obra e reduzi-la, “não conceder à ficção como tal o poder de explorar

também o diz em uma carta a Harmon H. Goldstone, em 1932: “Poderia dizer que jamais li Bergson” (L5: 92). À parte as considerações sobre a veracidade dessas informações, essa linha de pensamento supõe que uma influência só pode existir de forma direta – logicamente, isso é algo que não procede.

¹⁷⁵ “Não existe nada de novo na observação de que existe algo de especial no tratamento do tempo na moderna literatura narrativa, e muitas investigações a respeito já vieram à luz. Tentou-se especialmente relacionar os fenômenos pertinentes com as doutrinas ou correntes filosóficas contemporâneas; sem dúvida, isto foi feito com razão e com benefício para a compreensão do que existe de comum nos interesses e nos propósitos da atividade de muitos dos nossos contemporâneos. (Mas) Queremos descrever, primeiramente, este processo”. AUERBACH, 2009: 484.

modalidades da experiência temporal que escapam à conceitualização filosófica”.¹⁷⁶ Faço eco com Clive Bell em sua obra *Proust*, de 1929: apesar de todo o seu bergsonismo, ou por causa dele, Proust não foi nenhum filósofo. Virginia Woolf tampouco foi filósofa, por mais influenciada que tenha sido por ideias como as de Bergson, Fry, Russell, Einstein ou Moore.

E ela o foi, quer de forma direta – por meio, por exemplo, das leituras que fez, das extensas discussões com os Apóstolos¹⁷⁷ ou de seu constante diálogo sobre teoria estética com o amigo Roger Fry – quer indireta, por meio de suas leituras de Proust, por exemplo. Foram essas influências, mescladas principalmente pelas leituras que fez de autores como Henry James, Joseph Conrad, James Joyce e Katherine Mansfield, que ajudaram Woolf a formular suas próprias concepções de experiência temporal. Ela forma tais concepções filosóficas (o termo está aqui utilizado livremente, uma vez que se trata de uma romancista, portanto de alguém que está às voltas não com teoria e conceitos e sim com problemas de representação literária) unicamente para dar conta de uma questão de ordem muito prática: encontrar uma forma artística que considerasse capaz de representar o que ela pensava sobre a vida e a arte.

Assim é que encontra sua resposta fundadora – o momento. Contudo, esta não a satisfaz isoladamente; em vez disso, vira um nascedouro a partir do qual se ramificam mudanças suscitadas por cada obra à qual ela se lança. Dessa maneira, como já abordado, não se pode falar em “método” em Virginia Woolf; os procedimentos formais que utiliza a cada novo livro guardam muitas semelhanças entre si, mas são distintos; refletem maneiras diferentes de responder às *mesmas questões*, girando todas em torno do estatuto da ficção. Woolf parece falar de seu próprio processo de escrita ao falar da ficção moderna: “Diferente é o modo pelo qual, em diferentes momentos, formulamos nossa pergunta. Ela, porém, reaparece, e com maior persistência, quando largamos o

¹⁷⁶ RICOUER, 1995: 260. A este respeito, comenta GENTIL, 2004: 142, n. 31: “Nunca é demais lembrar a advertência formulada com elegância e precisão insuperáveis por Antonio Candido no clássico *Literatura e Sociedade* sobre os perigos e o desperdício do reducionismo sociológico nos estudos sobre a literatura – cf. particularmente “Crítica e Sociologia”..

¹⁷⁷ Sociedade semisecreta de Cambridge do qual faziam parte todos os homens do grupo Bloomsbury, exceto Clive Bell e Thoby Stephen, irmão de Virginia.

romance terminando num suspiro que alteia: isto vale a pena? Qual a razão de ser de tudo isto?”¹⁷⁸

“O germe de uma teoria é quase sempre o desejo de provar aquilo que o teórico deseja provar”, escreveu. Virginia Woolf se recusava a enveredar por definições categóricas ou dogmáticas em relação à arte da narrativa e principalmente ao romance, reconhecendo os riscos que existem por trás de qualquer teoria da ficção – para ela, tais teorias poderiam revelar conhecimentos sobre a ficção, mas não intimidade com ela em seus processos frente a frente com a vida. Ela acreditava que o escritor deveria estar em busca constante de novas possibilidades, de modo que seu trabalho estivesse em constante renovação. Ou, em suas palavras, numa entrada de 1932: “A moral é (...) jamais sistematize – não até ter 70 anos e haver sido flexível, criativo e experimentado com todos os escopos e ânimos. (...) Arte é livrar-se de todas as pregações: as coisas em si: a frase bela em si: *multitudinous seas* (...).”¹⁷⁹ (2 out. 1932). As respostas só satisfazem enquanto resposta específica a uma obra específica.

Como já visto anteriormente, isso não é feito sem dor: “Bem que eu poderia continuar a escrever assim” (mas não continuará), “gostaria de conservar essas qualidades se pudesse” (mas não pode). “Há alguém dentro de mim que busca incessantemente”, diz ela em uma das passagens do seu diário, num arroubo de autoconsciência. “Por que não existe uma descoberta na vida? Algo em que possamos por as mãos e dizer ‘É isso?’” (27 fev. 1926). Assim é que Woolf opera constantemente desestruturando o que com perícia havia antes estruturado e, a partir das ruínas, voltando a reconstruir – mas não com aniquilamento, e sim num processo contínuo de recursividade, de iterabilidade, de repetição com diferença. Vejamos como isso se dá em sua abordagem da temporalidade, e conseqüentemente da memória.

¹⁷⁸ “Ficção moderna”. WOOLF, 2014:107.

¹⁷⁹ Esta é uma expressão de Macbeth que parece muito cara a VW, a julgar pelo número de vezes que ela a cita. Discorre sobre ela com mais vagar em seu ensaio sobre as palavras da língua inglesa, “Craftmanship”. “Will all great Neptune's ocean wash this blood clean from my hand? No; this my hand will rather/ The multitudinous seas incarnadine/ Making the green one red.” (*Macbeth*, ato II).

O momento

Yet what composed the present moment? If you are young, the future lies upon the present, like a piece of glass, making it tremble and quiver. If you are old, the past lies upon the present, like a thick glass, making it waver, distorting it. All the same, everybody believes that the present is something, seeks out different elements in this situation in order to compose the truth of it, the whole of it.

“The Moment: Summer’s Night”, 1929

A reflexão filosófica de Virginia Woolf sobre a temporalidade resultou não apenas em obras cujo tema é o tempo: foi o que possibilitou que ela formulasse os princípios estéticos da sua “ficção moderna”. A teorização sobre o momento que Woolf realiza em “Ficção moderna” parece refletir tanto autores que a precederam, como Henry James e Joseph Conrad, quanto contemporâneos, como Joyce. Woolf foi assídua leitora de James, um amigo de seu pai, com quem ligada por linha de influência – de muitas maneiras ele lhe é uma referência constante, e ela leva à frente algumas de suas postulações sobre a ficção. É possível observar em “Ficção moderna” fortes ecos de *The Art of Fiction* (1884), como as passagens em que James afirma que “experience is never limited, and it is never complete; it is an immense sensibility, a kind of huge spiderweb of the finest silk threads suspended in the chamber of consciousness”; que “a novel is in its broadest definition a personal, a *direct impression of life*”; ou quando afirma: “Try to be one of the people on whom nothing is lost!”.¹⁸⁰ Joseph Conrad foi outro autor que inspirava nela grande admiração pela gravidade de sua prosa e pelo seu estilo, e como James, foi objeto de alguns de seus ensaios (“Mr Conrad’s Crisis”, de 1918, “Prince of Prose”, de 1921, e “Joseph Conrad”, de 1924). No prefácio de *The Nigger of the Narcissus* (1897), Conrad diz que “arrancar, da passagem implacável do tempo, um momento de coragem, uma fase passageira da vida”, é apenas o começo da tarefa do artista, que deve em seguida “sustentar, sem questionamentos, sem escolha e sem medo, o fragmento

¹⁸⁰ JAMES, 1884.

resgatado” a fim de “mostrar sua vibração, sua cor, sua forma; e, através de seu movimento, sua forma e sua cor, revelar a substância da verdade – trazer à mostra seu segredo inspirador: a ênfase e a paixão que residem no centro de cada momento convincente.”¹⁸¹ Mas possivelmente foi Katherine Mansfield quem forneceu a Woolf a maior inspiração para formular sua concepção sobre o momento.

Virginia Woolf conhece Mansfield entre 1916 e 1917, e, em 1918, escreve à sua grande amiga Violet Dickinson dizendo que irá “imprimir um conto longo [*Prelúdio*] de uma mulher chamada Katherine Mansfield (...) Acho que é excelente”.¹⁸² Para Clive Bell, disse que este conto tinha qualidades artísticas que superavam a engenhosidade óbvia e que era muito melhor que a maioria do gênero. As duas se tornariam amigas íntimas e, para Woolf, Mansfield representaria uma espécie de rival, por quem sentia ao mesmo tempo inveja e grande admiração.¹⁸³ É depois que Katherine Mansfield lhe diz que “Kew Gardens” fora “o gesto certo”, “o momento de virada” em sua obra, que Woolf encara as experimentações ali feitas como indicação do caminho a seguir.¹⁸⁴

Em seus contos, diários, cartas e resenhas, Mansfield defendia claramente certo “impressionismo” literário. Uma de suas últimas cartas mostra a importância das impressões para ela como uma questão não só artística, mas de vida: “Se eu estivesse bem, teria corrido para os confins da África, dos Andes, do Ganges ou sei lá para onde as pessoas correm em momentos assim, para tentar mudar de ânimo (não se pode mudar de ânimo em público) e obter novas impressões. Pois me parece que vivemos à base de novas impressões – realmente novas”.¹⁸⁵

¹⁸¹ CONRAD, 1897. Trad. minha.

¹⁸² BELL, Q. 1972: 36, 248. Apud BANFIELD, 2003: 486. Trad. minha.

¹⁸³ A inveja de Woolf por Mansfield é célebre. Se podemos confiar no que ela mesma diz, basta citar algumas passagens de seus diários, como a de 16 de janeiro de 1923, em que comenta a morte de Mansfield. “Katherine morreu há uma semana. (...) Diante disso, sente-se – o quê? Um choque aliviado? – uma rival a menos? (...) Comecei a escrever e isso parecia não fazer mais sentido, escrever. Katherine não lerá isto. Katherine, já não mais a minha rival. (...) Entretanto ainda sinto, de alguma maneira, que nossa amizade persiste. Ainda há coisas que penso sobre literatura e sinto vontade de contar para Katherine. (...) Mas eu invejava a sua escrita – a única da qual jamais tive inveja.”

¹⁸⁴ BANFIELD, 2003: 487. Trad. Minha.

¹⁸⁵ MANSFIELD, 1923. Carta a Elizabeth, condessa de Russell. Trad. minha.

Mansfield também concebia o momento impressionista como “acontecimento espiritual” e “um único momento incandescente”. Em seus diários ela os chama de “‘vislumbres’, diante dos quais qualquer coisa que se tenha escrito [...] empalidece [...]”:

As ondas [...] e a alta espuma [...], como ficam suspensas no ar antes de caírem... O que é que acontece no momento da suspensão? Ele é intemporal. Naquele momento (do *que* estou falando?) está contida toda a vida da alma. Somos atirados para o alto – para fora da vida – somos ‘suspensos’, e depois – para baixo vamos, incandescentes, destroçados, cintilando nas pedras, e puxados para trás novamente, parte do fluxo e refluxo do mar.¹⁸⁶

Vê-se como a passagem acima se assemelha bastante à concepção de Woolf sobre o momento, e como a literatura de Woolf emprega muitas das mesmas imagens usadas por Mansfield – notadamente a das ondas. Woolf, em 15 de setembro de 1926, escreve uma entrada em seu diário que claramente reflete esta acima do diário de Mansfield, na qual ela descreve como se dão seus surtos de nervosismo (ou pânico).

Um Estado de Espírito

Acordei quem sabe às 3. Ah está começando lá vem – o horror – fisicamente parecido com uma onda que incha no coração – & me atira para o alto. Que infeliz estou que infeliz! Para baixo – meu Deus, antes estar morta. Pausa. Mas por que estou sentindo isso? Quero observar a onda se erguer. Observo. Vanessa. Filhos. Fracasso. Sim; detecto isso. Fracasso fracasso. (A onda se levanta). Ah eles riram de meu gosto por tinta verde! A onda quebra. Antes estar morta! Tenho só mais alguns anos de vida eu espero. Não consigo mais encarar este horror – (é a onda espalhando-se sobre mim.) Isso continua; diversas vezes, com variações de horror. Então, na crise, em vez de a dor permanecer intensa, torna-se um tanto vaga. Cochilo. Acordo com um susto. A onda de novo!

¹⁸⁶ MANSFIELD, 1983. Entrada de 8 fev. 1920. Trad. minha.

O momento em que “a onda no coração” (nada mais que o momento se avolumando) está suspensa é o momento de horror. Então a onda a lança para cima, e ela procura entender conscientemente o que está acontecendo – qual seria o motivo daquela sensação aterrorizante? Sua mente lhe apresenta os velhos fantasmas: a comparação com a irmã, o fato de não ter tido filhos, ela se enxergando como um fracasso, a zombaria alheia (percebe-se como o motivo, a predileção pela tinta verde, não passa de um pretexto), e então a onda quebra. O desespero é grande (“antes estar morta”, “não consigo mais encarar este horror”, nas palavras de Woolf, e nas de Mansfield “para baixo vamos, incandescentes, destroçados, cintilando nas pedras”). As ondas, entretanto, não dão trégua: quebram-se em sucessão (“Isso continua; diversas vezes”, diz Woolf, e Mansfield: somos “puxados para trás novamente, parte do fluxo e refluxo do mar”).

A influência de Mansfield sobre Woolf torna-se mais clara quando ela escreve em “A Terribly Sensitive Mind” (1927), uma resenha dos diários da amiga quando estes foram publicados quatro anos após sua morte, algo que parece representar o seu próprio desejo constante de encontrar alguma continuidade em meio a fragmentos. “De que ponto de vista ela [*Katherine*] olha para a vida, ali sentada, terrivelmente sensível, registrando uma após a outra tantas impressões distintas? Ela é uma escritora; um talento nato. *Tudo o que sente, ouve e escuta não é fragmentário e separado; mas transmutado em um todo pela escrita*”.¹⁸⁷

O diário e o momento

Não serei “famosa”, “grande”. Seguirei me aventurando, mudando, abrindo minha cabeça & meus olhos, recusando-me a ser carimbada & estereotipada. A questão é libertar seu ser: deixar que ele encontre suas próprias dimensões, não o bloquear. (29 out. 1933).

Qualquer diário constitui, em si, uma *forma-tempo*. Tal como Sherazade, “mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós,

¹⁸⁷ WOOLF, 1958. Grifos e trad. minha.

mas também por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro”.¹⁸⁸ O diário é uma “garrafa lançada ao mar”, ao mar do futuro – que ainda não chegou, mas cujas reverberações sentimos no presente. Ao contrário da maior parte das biografias e autobiografias, em que o sujeito escreve afastado temporalmente do que viveu e reconstrói por meio das lembranças, o diário é um chamariz para o presente, que se escreve ao mesmo tempo em que se vive o que se escreve. E, como tal, foi pedra de toque para Woolf em sua busca pelo momento. O diário, com sua orientação para o futuro fincada no presente que avança, possibilitou que ela treinasse o olhar para identificar o momento que brilha no meio do monte de poeira dos outros momentos (e que mais tarde, em sua única tentativa autobiográfica, ela denominaria “momento de ser”).

Acabei de reler meus diários de anos anteriores e fiquei muito impressionada com o galope rápido e aleatório com que ele sacoleja para a frente, às vezes chegando a balançar de modo quase intolerável pelas pedras do calçamento. Mas, se não fosse escrito com mais velocidade do que a mais veloz das máquinas de escrever, se eu parasse para pensar no que escrevo, jamais o escreveria; e a vantagem deste método é que ele varre ao acaso diversos assuntos díspares que eu teria excluído caso hesitasse, mas que são os diamantes em meio ao monte de poeira. (20 jan. 1919).

Woolf na passagem acima mais uma vez menciona a importância para ela, como método, de “varrer assuntos díspares ao acaso”, com a maior das velocidades, a fim de que o diário se aproximasse da forma que ela tanto se debateu para encontrar: uma obra que englobasse sem distinção os momentos de ser e os momentos de não ser, que são a maioria dos momentos da vida de qualquer pessoa (“Sim, a maioria da vida nos escapa, pensando bem: a textura de um dia comum”, anota ela em 5 abr. 1924). Desse modo, alcançaria o *movimento* que desejava – os diamantes em meio ao monte de poeira, os altos e baixos naturais da vida.

Judy Simons nota que

¹⁸⁸ LEJEUNE, 2008: 262.

The passage of time, the only apparent formal property that consistently determined the sequence of individual entries, was also a theme that was to haunt her [*Woolf*] all her life. Her preoccupation with the interweaving of temporal levels – the past, present, and future lives – connects with her absorption with the self as subject. (...) As the writer Joyce Carol Oates was later to remark in her own journal, “we don’t think of ourselves in the past tense: we are always present tense: to consciously record the past is therefore to invent a self to perform in it, consciously or unconsciously – that’s where the artifice comes in”. This topic, explored with such seriousness in Woolf’s novels, is crucial to the very concept of her diary.¹⁸⁹

Por representar também a abertura para o passado, uma vez que um momento é formado de todos os que o antecederam e *mais aquele que se vive*, o diário, mais do que qualquer forma literária, é a oportunidade de retratar aquilo que passa *enquanto* passa e vira passado. Isso, nos termos da própria Woolf, era o mesmo que dizer ao momento que “parasse”. Ela buscou usar seu diário para identificar tais instantes e testar maneiras diferentes de fazer com que “parassem”, ou seja, de imobilizá-los em meio ao fluxo temporal. Vejamos essa passagem de 1932, aqui traduzida na íntegra.

Este é na verdade o último dia de 1932, mas estou tão cansada de polir Flush – meu cérebro anda tão pressionado com dez páginas por dia – que vou tirar uma manhã de folga & usá-la aqui, à minha maneira preguiçosa, para fazer um apanhado geral da vida. Com essa frase, uma de minhas coloquialidades, quero dizer apenas que gostaria de fazer um retrato de todos os meus amigos, ideias, & projetos do momento. Vita está em alto mar, a caminho da América. Nosso novo carro chegou ontem, indiretamente – nos emprestaram um. E recebi uma longa carta de Ottoline, de puro carinho, & outra ainda mais longa de Ethel Smyth, de ciúme duvidoso & mau humor reprimido & amor estrangulado & explosões. E [*Boris*] Anrep me pôs no piso do Bank of England na forma de Clío – & mais cartões, agradecimentos, catálogos de liquidações de inverno. Na segunda iremos à festa de Angelica. Na terça voltamos. E devemos ficar aqui até dia 14 jan. E Miss Scott Johnson não serve. E como sempre precisamos de originais; o lago

¹⁸⁹ SIMONS, 1990: 183. Apud SHANNON, 2007:161.

está se enchendo; os peixes dourados morreram; hoje é um límpido dia azul-claro de inverno; & – & – & – meus pensamentos se reviram de empolgação por causa de The Pargiters, pois como anseio por sentir minhas velas se enfundarem & passear com Elvira, Maggie & os outros pela totalidade da vida humana! Na verdade não consigo fazer nenhum apanhado disso tudo, devido ao meu cansaço mental. Além disso, penso em Lytton. Sim, claro que esse outono foi uma tremenda revelação. Você entenderá que todos os impedimentos subitamente desapareceram. Foi uma grande estação de liberação. Tudo parecia muito definido, surpreendentemente empolgante. Eu não sentia nenhuma restrição, & portanto me via livre para definir meu comportamento com um vigor & uma certeza antes desconhecidos para mim. Eu me debrucei sobre mim mesma & aparei as arestas. Disse que nunca mais me verei presa por nenhuma amarra artificial. Daí que falei com Eddie com minha própria voz & tentei ~~dominar~~ cooptar Logan. Bem – é sempre duvidoso o quanto um ser humano pode de fato ser livre. As amarras não são puramente artificiais. Não se pode traçar um caminho absolutamente reto. Apesar disso, tive uma estação de empolgação inebriante. Porém não tenho a intenção de me permitir pagar por isso com o negro desespero de sempre. Minha intenção é driblar esse fantasma inesperado – que sempre arrasta suas asas úmidas por trás das minhas glórias. Serei muito cautelosa, muito hábil – como agora –, & escreverei languidamente para evitar uma dor de cabeça. Suprimir a si mesmo & correr livremente cheio de alegria, ou rir com alegrias & risadas impessoais – está aí a prescrição simples & perfeitamente infalível. Por exemplo, com Julian & Lettice Ramsay ontem à noite – por que não simplesmente tornar-se fluido na vida deles, se a minha própria é turva? E usar as mãos & os olhos; conversar com as pessoas; ser uma palha navegando pelo rio, de vez em quando – passiva, sem fazer esforço para dizer isso é isso. Se a pessoa não se recosta, faz um apanhado & diz ao momento, este exato momento, para, és tão formoso, o que se ganha, com a morte? Não: para, momento. Ninguém jamais diz isso o bastante. A eterna pressa. Agora vou entrar, ver L. & dizer, para, momento.

Nessa entrada, o chamado de Woolf ao momento – “para, és tão formoso” – repete as palavras de Fausto no drama de Goethe, mas invertendo seu significado, conforme aponta Herbert Marder. Fazer com que o tempo pare, em

Fausto, deixa implícita a exigência de perder a própria alma. “Se vier um dia em que ao momento/ Disser: Oh, para! és tão formoso!/ Então algema-me a contento,/ Então pereço venturoso! Repique o sino derradeiro,/ A teu serviço ponhas fim,/ Pare a hora então, caia o ponteiro,/ O Tempo acabe para mim!”¹⁹⁰ Com isso, Woolf “subverte a dicotomia de Goethe entre mente e sentidos quando dá a entender que o *ser se expande e desenvolve por completo em momentos de tempo estacionário*. (...) O diário reflete seu próprio combate faustiano com o niilismo. Ela invoca um adversário, o fantasma da depressão que se arrasta por trás de suas ‘glórias’. Ao dar nome a essa sombra em meio a seu ânimo celebratório, como em tempos de fartura alguém pode admitir anos de escassez, ela também o incorpora ao momento privilegiado”¹⁹¹. Isso significa que ela não só subverte como *substitui* a dicotomia de Goethe, mencionada por Marder, por seu típico procedimento woolfiano de intercessão.

Outro trecho de seu diário, de 1929, mostra uma reflexão do momento estacionário simultaneamente como algo permanente e fugaz, capaz de abrir dimensões de percepção existencial.

E a vida, será ela sólida demais ou mutável demais? Sou perseguida por essas duas contradições. Isso segue para sempre: durará para sempre; segue até o fundo do mundo – este momento em que estou. Mas também é transitório, pairante, diáfano. Eu passarei como uma nuvem sobre as ondas. Talvez seja porque, embora mudemos, uma mudança sobrevoando a outra, tão rápido tão rápido, ao mesmo tempo somos sucessivos e contínuos – nós, seres humanos, e refletimos a luz. Mas o que é a luz? Eu me impressiono com a transitoriedade da vida humana a tal ponto que estou sempre dando algum adeus. (4 jan. 1929)

Woolf mergulha nas ambivalências: mostra-se na dúvida se a vida é sólida ou mutável demais, pois sente que as percepções que está tendo naquele momento específico durarão para sempre e ao mesmo tempo durarão apenas um segundo; sente que ao mesmo tempo em que somos transitórios, por conta das mudanças inevitáveis, somos paradoxalmente contínuos.

¹⁹⁰ GOETHE, 1991: 83. Apud MARDER, 2011: 195.

¹⁹¹ MARDER, 2011: 196, grifos meus.

Já em outras passagens do diário, esse retrato do instante se amplificando, a partir de si mesma, abandona a descrição (o *telling* narrativo) e se aprofunda no *showing*. Então, o *próprio ato de viver o momento* na vida é *simultaneamente* o ato de cristalizá-lo, de abraçá-lo em sua fugacidade – quando vida e escrita se entrelaçam.

O momento presente. 7 da manhã de 26 de junho: L. imprimindo: quente: trovões: eu depois de ler Henrique 4 Pte Um me perguntando para que escrever; ler, imperfeitamente, um poema de Leopardi; o momento presente, no meu gabinete. Um balde bateu lá fora; um cachorro latiu; uma mulher, “Eu não sabia que você estava aí”. Deixa a porta aberta: buzinas longínquas; uma abelha zumbindo. Estreia de Bobo [*Beatrice Mayor*]; o Rei deita a pedra fundamental da Universidade de Londres. Doutores, escarlates, púrpuras, nas ruas; pobres aluninhos de beca: depois jantar, ler as memórias de Archibald Marshall; e música; trovões, suponho; aí abrir minhas janelas e subir: o momento findo. (26 jun. 1933)

Vê-se como nessa passagem Woolf experimenta dizer ao momento que “pare” no instante mesmo em que escreve, como se pudesse fazê-lo estacionar com a sua caneta. Usa uma grande velocidade para tentar acompanhar a passagem rápida, que poderia ser considerada um exemplo de fluxo de consciência – não separa as frases com pontos, e sim com dois pontos, abrindo uma sentença temporalmente na outra como bonecas russas; e tenta relatar o que acontece no momento mesmo em que acontece, os fatos em simultaneidade e sem lógica. Com isso, porém, estes adquirem uma espécie de padrão: ganham um andamento quase cinematográfico, que acompanha a narração do interior para o exterior, do pequeno para o grande. Temos então um movimento que vai do interior da sua casa (Leonard imprimindo na Hogarth, Woolf em meio a devaneios depois de ler Shakespeare em seu gabinete) às impressões sonoras do entorno (um balde batendo, o latido de um cachorro, a vizinha), e daí, por meio da imagem tão sutil e delicada da porta que a vizinha deixa aberta, chega lentamente o mundo maior: a abelha zumbe, os carros passam; o ritmo se intensifica: sua amiga estreia num grande teatro, o rei deita a pedra fundamental da Universidade de Londres. Há uma parada, delimitada textualmente com um

ponto, e, então, vem o movimento inverso, do maior para o menor: um *close* fotográfico. Do grande mundo onde os acadêmicos passam pela rua em desfile, voltamos à casa dos Woolf, onde ela lerá Marshall, escutará música no gramofone como era seu costume quase todas as noites com o marido, abrirá as janelas e subirá até seu quarto, indicando um dia que se acaba.

Nessa entrada, assim como em outras do diário, percebe-se que existe um esqueleto de concatenação de diversos momentos. Nos contos de Woolf, porém, o momento não surge relacionado a nenhum outro momento, não faz parte de uma série – e justamente por esse motivo é que consegue condensar sua intensidade, brilhar ao máximo: porque paradoxalmente apoia-se no efêmero. Woolf, entretanto, não encontra no conto e no exemplo de Mansfield apenas um modelo de representar o tempo; encontra também os limites de uma representação artística calcada nas impressões do instante e do pensamento à deriva em associações livres.

Em parte eu desejo, como escritora, basear minhas impressões em algo mais firme. Eu disse a Lord B. A única coisa que se deve fazer ao escrever é deixar fluir o que está dentro da sua cabeça. Clive & Raymond riram & disseram Ora, mas isso é exatamente o que você faz! E eu não quero que seja apenas isso. Nem é, aliás. Existe uma boa dose de formatação & composição nos meus livros. Porém – a ideia que eles têm é essa; & não me agrada.” (27 fev. 1926).

Woolf expõe sua frustração com o modo como seu processo literário era percebido pelos outros – como uma mera “escrita automática”, que prescindia de cuidado formal. Daí sua imposição a si mesma, nessa passagem, para fundamentar suas “impressões em algo mais firme”. Ela precisava encontrar, *no texto*, a forma de ir além da simples unidade (a impressão isolada), a fim de fazer a transição entre as técnicas do conto e romance do modo como desejava – e encontrar o desejado equilíbrio entre descontínuo e contínuo, prescindindo do modo de narrativa realista. Pois, se a forma por excelência da “ficção moderna” era considerada o romance, este está calcado na *passagem* do tempo, não na imobilidade do instante. Conforme visto, ela encontra essa forma tanto com o uso singular que faz do discurso indireto livre e do fluxo de consciência, quanto

criando elementos de contato entre elementos díspares e momentos estacionários – algo que experimenta em seu diário.

Pois o diário é o fluxo, o processo, o contínuo. As memórias, contos, romances, são paradas, são o olhar fincado no presente que olha para trás, apropria-se do passado e lança-se ao futuro na imaginação. Alguém poderia afirmar que o caso de “A Sketch of the Past” é diferente, por causa de suas “narrações-interferências” do presente entregues em forma diarística, principalmente durante o desenrolar da guerra: “Ontem (18 de agosto de 1940) cinco aviões alemães passaram tão perto de Monk’s House que roçaram a árvore próxima do portão. Mas, estando viva hoje, [...] darei prosseguimento a esta história solta” (MB, 124); “Eu me lembro então hoje (11 de outubro de 1940), um dia fresco de outono (Londres foi bombardeada ontem à noite), com estas notas rápidas, apenas de uma única foto de Thoby” (MB, 136). No entanto, apesar disso, nesse texto existe um *tema* ao qual Woolf sempre volta – e este é o passado, e não o momento. Ou antes: é o momento cristalizado e não o célebre momento presente woolfiano, que cai numa chuva de átomos. Este último quem lhe fornece por excelência são os diários: sua unidade só é intuída num arco longo de temporalidade, pois segue-se como num carro à noite numa estrada desconhecida, vendo apenas o breve intervalo que o farol ilumina, sem visualizar o caminho inteiro.

Assim Woolf coloca a questão do momento engastado em um conjunto, no ensaio “Moments of Vision”, resenha de 1918 sobre o livro homônimo de Thomas Hardy:

(...) to catch and enclose certain moments which break off from the mass, in which without bidding things come together in a combination of inexplicable significance, to arrest those thoughts which suddenly, to the thinker at least, are almost menacing with meaning. Such moments of vision are of an unaccountable nature; leave them alone and they persist for years; try to explain them and they disappear; write them down and they die beneath the pen. (E2, 250-51).

Quando Woolf fala em apanhar e agrupar certos instantes que se destacam da grande massa, cumpre notar que não está falando de qualquer momento, mas sim de *determinados* momentos (“*certain*”) – aqueles nos quais,

ao acaso, as coisas se juntam numa combinação de significância inexplicável. Isso é importante observar, pois o momento precisa ter essa qualidade de formar um conjunto relevante, ainda que seu significado esteja além das palavras. Por outro lado, sua opinião de que isso deve acontecer a fim de que esses momentos ganhem um “significado ameaçador” é curiosa, porque parece refletir sincronicamente sua postulação sobre os “momentos de ser” – que só se dão via um choque violento com o real. Dessa maneira, o momento woolfiano sai da circunscrição de experiência mística na qual foi tradicionalmente consolidado pela crítica – como algo situado para além da história, do significado e do cotidiano – e insere-se no contexto do “mundo real”, ou seja, no âmbito real e material, que faz conexões com os outros e ultrapassa o meramente individual e subjetivo.¹⁹²

Memória

Here I come to one of the memoir writer's difficulties – one of the reasons why, though I read so many, so many are failures. They leave out the person to whom things happened. (...) And the events mean very little unless we know first to whom they happened.
Who was I then?
“A Sketch of the Past”

“O tempo em que as emoções sobrevivem é um presente de desaparecimento. Escrever as próprias lembranças (o ato de recordar na escritura) rege-se por essa lógica da não correspondência entre presente e presença”, afirma Giordano em seu ensaio sobre Woolf.¹⁹³ Para o crítico argentino, isso confere possibilidades novelescas à escrita de si, na medida em que a memória abre espaços onde a história é reescrita. A própria Woolf o reconhece em “A Sketch of the Past”, ao recordar sua primeira lembrança impactante – na casa em St. Ives, deitada no quarto das crianças ouvindo o mar:

¹⁹² Para mais a esse respeito, ver GOLDMAN, 2001.

¹⁹³ GIORDANO, 2011: 118. Trad. minha.

A força dessas imagens – mas a visão era tão misturada aos sons que imagens não é a palavra certa – seja como for, a força dessas impressões faz com que eu divague mais uma vez. Esses momentos – no quarto das crianças, na estrada até a praia – podem ser mais reais que o momento presente. (...) Isso porque minha memória deve suplementar o que esqueci, de modo que parece que as coisas estão acontecendo independentemente de mim, embora na verdade eu é que as esteja fazendo acontecer. (MB, 67).

José Manuel Cuesta Abad assim descreve esse movimento da memória e da imaginação, para ele necessariamente próprio da linguagem: “A imaginação é essa noite que conserva o desaparecimento e a transparência de outro tempo em imagens. Uma noite *fora*, alheia e separada do lugar onde ‘temporalmente’ a visão e a luz caem: é essa noite zenital donde se alça o desaparecimento do Outro, o instante de uma morte anterior, exterior e infinitamente *sua*. O poetizar do tempo é o cair duradouro desta noite, o anoitecer infinitivo da linguagem”.¹⁹⁴

Trata-se de uma bela imagem – o anoitecer infinitivo da linguagem. Pois, sendo representação, a linguagem é necessariamente ausência. Indica o que não está lá. Ao mesmo tempo, é presença enquanto materialidade (o objeto artístico, a escritura do texto); logo, é ausência presentificada. Entretanto, se a linguagem literária é o trabalho artístico sobre o real, dele busca se aproximar e ao mesmo tempo se distanciar, na medida em que não é documentária (ou ao menos não se limita a documentar). Na memória, pois, a imaginação cobre os buracos deixados pelo real, o reconfigurando – e vive desses buracos. Daí se depreende que a memória talvez seja sempre romanesca, na medida em que está em constante e dinâmica reconfiguração.

No caso de Woolf, isso fica patente ao longo dos muitos anos de escrita. Um episódio emblemático de reconfiguração linguística da memória, que ela faz de um acontecimento distante no tempo, é o da morte da sua mãe, narrada diversas vezes com pequenas, mas significativas, variações. Woolf tinha 13 anos quando isso aconteceu e a registra pela primeira vez em seu diário de adulta no dia 5 de maio de 1924, aniversário da morte da mãe.

¹⁹⁴ ABAD, 2001: 273, grifos do autor. Trad. minha.

Hoje faz 29 anos que minha mãe morreu. Acho que foi num domingo de manhã bem cedo, olhei pela janela do quarto das crianças & vi o velho Dr Seton afastando-se com as mãos atrás das costas, como se dissesse Terminou, & então as pombas descendo, para bicar a rua, imagino, num pouso de paz infinita. Eu tinha 13 anos, & seria capaz de preencher uma página inteira ou mais com as minhas impressões daquele dia, muitas delas mal recebidas por mim e escondidas dos adultos, mas justamente por isso bastante memoráveis: por exemplo, como eu ri, por trás da mão levantada para supostamente esconder minhas lágrimas; e espiei por entre os dedos as enfermeiras soluçando.

Dez anos depois, em 12 de setembro de 1934, sentindo que um véu negro desce sobre si logo após a morte de Roger Fry, Woolf relembra subitamente da morte de sua mãe.

Roger morreu no domingo. Eu estava caminhando com Clive no terraço quando Nessa saiu da casa. Ficamos sentados ali no banco por um tempo. Na segunda viemos com Nessa. Ha veio. Nessa viu Helen [*Anrep, companheira de Roger Fry*]. Amanhã, seguindo alguma espécie de instinto, iremos ao funeral. Sinto-me atordoada: enrijecida. As mulheres choram, disse L.: mas eu não sei por que choro – na maioria das vezes com Nessa. E me sinto idiotizada demais para escrever qualquer coisa. A cabeça completamente dura. Creio que agora o que virá é a pobreza da vida, um fino véu enegrecido cobre tudo. Faz calor. Venta. Tudo sem substância. Não acho que seja exagero. Vai voltar, suponho. De fato, sinto um grande desejo, de vez em quando, de viver mais por toda parte, de ver gente, de criar, mas por enquanto não se pode fazer esse esforço. E apesar de não conseguir escrever para Helen, agora preciso fechar isto aqui & tentar.

Maupassant, sobre escritores – (verdadeiro eu acho)

“En lui aucun sentiment simple n'existe plus. Tout ce qu'il voit, ses joies, ses plaisirs, ses souffrances, ses espoirs, deviennent instantanément des sujets d'observation. Il analyse malgré tout, malgré lui, sans fin, les couers, les visages, les gestes, les intonations.”

Eu me lembro de virar a cabeça para o outro lado ao ver a cama de minha mãe, depois que ela morreu & Stella nos levou até lá, para rir escondido da enfermeira chorando. Ela está fingindo, eu falei: aos 13 anos. & tive medo de não estar sentindo o suficiente. Enfim.

O temperamento do escritor.

“ne jamais souffrir, penser, aimer, sentir comme tout le monde, bonnement, franchement, simplement, sans s’analyser soi-même après chaque joie et après chaque sanglot”

Em 4 de maio de 1937, ela escreve:

37

O dia que minha mãe morreu, em 1895 – há 5 42 anos: & eu me

42

lembro – neste momento – do Dr. Seton indo embora de Hyde Park Gate de manhã cedinho com a cabeça baixa, as mãos atrás das costas. E também das pombas revoando. Tinham mandado que subíssemos para o quarto das crianças depois que ela morreu; & chorávamos. E eu fui até a janela aberta & olhei para fora. Deve ter sido logo depois de ela morrer, porque Seton estava saindo naquele momento da nossa casa. Como a imagem daquela manhã bem cedo ficou guardada em mim! O que aconteceu imediatamente em seguida não lembro.

E em “A Sketch of the Past”, por volta de 4 de maio de 1939, ela assim escreve:

Isso mostra que entre as inúmeras coisas deixadas de fora neste esboço devo ter deixado o mais importante – os instintos, afetos, paixões, vínculos – não existe uma única palavra para eles, pois se transformavam mês a mês – que me conectavam, acho, às outras pessoas desde meu primeiro instante de consciência. Se fosse verdade, como eu disse acima, que as coisas que se encerram na infância são fáceis de descrever porque são completas, então seria fácil dizer o que eu sentia por minha mãe, que morreu quando eu tinha treze anos. Assim, eu deveria ser capaz de vê-la completamente inalterada por impressões posteriores, tal como eu via Mr. Gibbs e C. B. Clarke. Mas a teoria, embora com eles seja verdadeira, no caso

dela rui completamente. Rui de maneira curiosa, que irei explicar, pois talvez ajude a explicar por que considero tão estranhamente difícil descrever tanto o meu sentimento por ela quanto ela mesma.

Até os meus quarenta anos – eu poderia determinar a data exata checando quando escrevi *Ao farol*, mas aqui sou casual demais para me importar com isso¹⁹⁵ – a presença da minha mãe me obcecava. Eu ouvia a sua voz, eu a enxergava, imaginava o que ela diria ou faria enquanto eu ia tocando meus dias. Ela era uma daquelas presenças invisíveis que terminam desempenhando um papel tão importante na vida de uma pessoa. Essa influência, e com isso me refiro à consciência de outros grupos impondo-se sobre nós; à opinião pública; ao que os outros dizem e pensam; todos esses ímãs que nos atraem para cá para ser desse jeito, ou nos repelem para lá para sermos de outro; nunca foi analisada em nenhuma das Biografias que tanto gosto de ler, ou [o *foi*] muito superficialmente.

Porém é por tais presenças invisíveis que o “tema destas memórias” é arrastado para cá ou para lá a cada dia da sua vida; é isso o que o mantém em posição. Considere as imensas forças que a sociedade impõe sobre cada um de nós, como essa sociedade muda de década para década; e também de classe para classe; bem, se não pudermos analisar essas presenças invisíveis, saberemos muito pouco sobre o tema destas memórias; e novamente, torna-se fútil escrever sobre uma vida. Eu me vejo como um peixe numa correnteza; retido; imobilizado; porém incapaz de descrever a correnteza. (...)

Serei capaz de me aproximar dela [*da mãe*] sem recorrer a todas as descrições e anedotas que depois de sua morte se impuseram sobre a imagem que tenho dela? Muito ativa; muito definida; muito empertigada; e por detrás da atividade, a tristeza, o silêncio. E obviamente ela era central. Desconfio que a palavra “central” seja a que mais se aproxime da sensação generalizada que eu tinha de viver tão completamente sob sua influência que nunca era possível afastar-se o bastante para vê-la como uma pessoa. (...) Há ainda a última visão que tenho dela; ela estava morrendo; fui beijá-la e, enquanto pé ante pé saía do quarto, ela disse: “Mantenha a cabeça erguida, minha Cabritinha”. (...) Que miscelânea de coisas consigo recordar, caso deixe o pensamento correr solto, sobre minha mãe; mas são todas dela acompanhada; dela rodeada; dela generalizada;

¹⁹⁵ *Ao farol* foi iniciado em 1925 e publicado em 1927, quando VW tinha 45 anos.

dispersa, onipresente, dela como criadora daquele mundo feliz e populoso que girava tão alegremente no centro da minha infância. (...) ela era o centro; ela. Isso se comprovou em 5 de maio de 1895. Pois depois desse dia, dele nada mais restou. Eu me debrucei à janela do quarto das crianças na manhã em que ela morreu. Deviam ser mais ou menos seis horas. Vi o Dr. Seton seguindo pela rua com a cabeça baixa e as mãos atrás das costas. Vi os pombos pairando, pousando. Tive uma sensação de calma, de tristeza, de encerramento. Era uma linda manhã azul de primavera, muito silenciosa. Isso me traz novamente a sensação de que tudo havia chegado ao fim.

Em 28 de maio de 1939, ainda em “A Sketch of the Past”:

Conduzidos por George enrolados em toalhas, depois de cada um beber um copo de leite com um pingo de conhaque morno, fomos levados até o quarto. Acho que havia velas acesas; e acho que o sol estava entrando pela janela. De todo modo, eu me lembro do espelho comprido; com gavetas dos dois lados; e do lavatório; e da grande cama onde minha mãe estava deitada. Eu me lembro muito claramente de como, enquanto me levavam até a cabeceira, notei que uma das enfermeiras soluçava, e a vontade de rir tomou conta de mim, e eu disse a mim mesma, como tornou-se meu costume em momentos de crise desde então, “Não sinto absolutamente nada”. Então me debrucei para beijar o rosto da minha mãe. Ainda estava quente. Ela tinha acabado de morrer. Então subimos as escadas até o quarto das crianças.

Creio que foi na tardinha do dia seguinte que Stella me levou até o quarto para beijar minha mãe pela última vez. Antes ela estivera deitada de lado. Agora estava deitada de costas, no meio dos travesseiros. Seu rosto parecia imensamente distante, vazio e severo. Beijá-la foi como beijar ferro frio. Sempre que toco em ferro frio aquela sensação vem de novo – a sensação do rosto da minha mãe, frio como ferro e granuloso. Recuei de susto. Então Stella afagou o rosto dela e abriu um botão da sua camisola. “Era assim que ela gostava de usá-lo”, disse. Quando subiu ao quarto das crianças mais tarde, disse para mim: “Desculpe. Vi que você ficou com medo.” Ela percebeu que eu recuara de susto. Quando Stella me pediu para perdoá-la por ter lhe causado aquele choque, eu chorei – o dia inteiro estivéramos chorando em intervalos – e disse, “Quando vejo a mamãe, vejo um

homem sentado ao lado dela”. Stella me olhou como se eu a tivesse assustado. Teria eu dito aquilo para chamar atenção? Ou seria mesmo verdade? Não tenho certeza, pois certamente eu tinha um grande desejo de chamar atenção. Mas certamente era verdade que quando ela disse: “Desculpe”, e com isso me fez visualizar a minha mãe, tive a impressão de ver um homem sentado debruçado na beira da cama.

“Que bom que ela não estava sozinha”, Stella disse depois de uma pausa.

Nessas cinco passagens – três escritas no diário, duas no ensaio autobiográfico escrito com forma diarística, daí sua inclusão aqui – vemos as diferenças de elaboração de um mesmo fato ao longo de 15 anos, de 1924 a 1939 (justamente o período em que mais se concentra este trabalho). As entradas vão progressivamente se aprofundando, como se Woolf fosse entrando cada vez mais fundo nas águas dessas lembranças. Na primeira, 29 anos após a morte da mãe, Woolf ainda não tinha transformado as lembranças dos pais em *Ao farol*, livro que ela começaria a escrever um ano depois. Seu relato é breve e exclui detalhes, focando-se mais na imagem do Dr. Seton afastando-se da casa de manhã cedo, na tranquilidade que o voo das pombas lhe transmitiu e no seu impulso de rir, escondendo a boca com a mão levantada para ocultar supostas lágrimas. É curioso que ela afirme que poderia encher uma página ou mais com suas impressões, mas não o faça: o que a impede? Na rememoração seguinte, dez anos depois, ela retoma a vontade de rir como algo central, mas esta agora aparece vinculada a um motivo (coisa que ela reiterará na quinta passagem): ela vê uma das enfermeiras soluçar e crê que é tudo fingimento. Sente medo de não estar sentindo o bastante. Aqui não há Dr. Seton, nem a imagem das pombas, que se tornou praticamente recorrente em todos os registros posteriores desse dia. A terceira menção, de 1937, é a mais breve. Temos o Dr. Seton com as mãos atrás das costas, a janela, as pombas, mas Woolf afirma que não consegue se lembrar do que veio depois. A quarta e a quinta, ambas de “A Sketch of the Past”, destacam-se pela extensão. Woolf elabora o caráter da mãe na quarta, em 1939, e comenta sobre a ausência de distanciamento em relação ao seu “tema” – como suas memórias estão tão afetadas pelo afeto, nesse caso, que borram qualquer tentativa de definir a mãe ou de ter um entendimento mais profundo dela enquanto pessoa: só consegue fazer aproximações (“Serei capaz

de me aproximar dela sem recorrer a todas as descrições e anedotas que depois de sua morte se impuseram sobre a visão que tenho dela?”). Nessa entrada, quando afirma que até escrever *Ao farol* a figura da mãe a obcecava, ela remete àquela de 1928 analisada na p. 114 – “Antes costumava pensar nele [no pai] & em minha mãe todos os dias, mas quando escrevi *Ao Farol* fiz com que repousassem em minha mente” – o que enfatiza sua literatura se alimentando de sua própria história de vida. É curioso notar que por vezes os termos com que ela aí descreve a mãe aludem a ideias centrais de sua própria obra (a relação de exterior e interior – “Muito ativa; muito definida; muito empertigada; e por detrás da atividade, a tristeza, o silêncio”; a ideia de dispersão na personalidade, que lhe confere um caráter pouco definido, fantasmagórico – “generalizada; dispersa, onipresente”). Aqui, ao contrário de todas as outras reminiscências, há uma outra visita ao quarto da mãe, que se dá pouco antes de esta morrer. Além disso, tem-se a retomada de uma imagem relevante, que remete àquela da romancista-pescadora analisada na p. 36. Entretanto, em vez de pescadora, nesse caso Woolf é o *próprio peixe*. Esse fato, que poderia a princípio lhe conferir maior mobilidade, é invertido: em vez de a pesca ser sinônimo de poder de criação, como nas ocasiões anteriores, transforma-se em impossibilidade artística. O peixe, imobilizado e retido, não consegue descrever o seu entorno – *não é possível escrever*, pois. A quinta e última entrada é a mais trabalhada em termos de cena. Temos uma descrição do ambiente – o lavatório, as gavetas ao lado do espelho –, da forma como ela e os irmãos são levados pelo meio-irmão George até o quarto da mãe – depois de tomarem leite com um pingo de conhaque, enrolados em toalhas, de diálogos entre ela e a irmã Stella, e um maior aprofundamento descritivo de suas próprias emoções (por exemplo, beijar o rosto da mãe morta foi como beijar ferro frio, o que a assustou). Woolf menciona também, novamente, a vontade de rir ao notar uma das enfermeiras soluçando. O medo que teve na segunda entrada de “não estar sentindo o bastante” aqui já é encarado como uma estratégia – esconder o próprio sentimento para enfrentar momentos de crise.

Todas essas rememorações quase não exibem variações quanto ao registro de cenas mais factuais: a principal ida ao quarto da mãe logo após a sua morte; a subida ao quarto das crianças; a espiada pela janela de manhã cedo e o avistar do Dr. Seton afastando-se com as mãos às costas; os pombos

pousando e pairando, numa sensação de paz e encerramento. Entretanto, há variações significativas do ponto de vista do registro emocional da morte da mãe: ora esta é vista como um susto (a primeira proximidade com a morte de alguém), ora como algo tão irreal que provoque reações não convencionais, como o desejo de rir em uma situação trágica – desejo cujo desencadeamento muda de lugar: ora é visto implicitamente como algo intrínseco a Woolf (como na primeira passagem, em que ela sente vontade de rir e só depois, “por entre os dedos”, espia as enfermeiras), ora visto como causado por um elemento externo (ela só esconde o rosto atrás da mão com vontade de rir ao ver “as enfermeiras chorando” ou “uma enfermeira soluçando”, que ela chama de fingida). O meio-irmão que conduz Woolf e os irmãos (que só aparecem mais definidamente na última entrada) ao quarto da mãe enquanto ela ainda estava quente muda: quase sempre é Stella, mas na quinta entrada é George. Por fim, o fato de Woolf “não sentir absolutamente nada”, como mencionado, ora é sugerido como indesejável, quando ela afirma que essa reação pessoal lhe causou medo, ora é visto como uma proteção.

Na última elaboração da lembrança, há também um desenvolvimento relevante da narradora, que já passa a duvidar da veracidade do próprio relato em retrospecto. “Teria eu dito aquilo para chamar atenção? Ou seria mesmo verdade? Não tenho certeza, pois certamente eu tinha um grande desejo de chamar atenção”, diz Woolf. Nas demais entradas, apesar de as dúvidas estarem presentes – indicadas por expressões como “não lembro”, “devo ter deixado”, “acho”, “deve ter sido” –, elas se devem a incertezas que Woolf sente quanto às lembranças que guarda, mas não quanto às suas próprias motivações, ou, em outras palavras, ao que a movia na época. Quando ela diz ter visto um homem ao lado da cama da mãe e isso assusta a irmã (provavelmente porque era uma referência velada ao primeiro marido de Julia Stephen, que morrera muito jovem e que fora seu grande amor), ela se pergunta se havia sido sincera ou se fora uma criação sua “para chamar a atenção”. Nessa passagem, Woolf já estava investida completamente da posição de uma contadora de histórias. “Odeio todos os princípios”, diz ela em uma carta a Ethel Smyth em 1931. “De que vale dizer Isto é verdade, quando nada é verdade, a não ser que alguns sons e algumas formas são melhores que outros? Nenhuma visão é verdadeira”. (L4: 304).

A ponte que as memórias fazem entre passado e presente, e as elaborações e recriações que se dão nessa distância, é analisada por ela de modo mais alongado em “A Sketch of the Past”. Woolf menciona que naquele texto gostaria de não se ater apenas ao que já passou, mas de estar também fincada no tempo de agora, pois o passado é modificado pelo presente.

O passado só retorna quando o presente transcorre tão suavemente que mais parece o deslizar da superfície de um rio. Então se enxergam as profundezas, mais além da superfície. Nesses momentos é que encontro uma das minhas maiores satisfações – não quando estou pensando no passado, mas quando estou vivendo mais completamente no presente. Pois o presente, quando sustentado pelo passado, torna-se mil vezes mais profundo do que o presente quando está tão próximo que não é possível sentir mais nada, quando o filme da câmera atinge meramente o olho. (...) Escrevo isso, em parte, para recobrar meu sentido do presente, fazendo com que o passado empreste suas sombras a essa superfície rachada. (...) Creio que descobri uma forma possível para estas anotações. Isto é, fazer com que incluam o presente – pelo menos o bastante para que ele sirva de plataforma onde se pôr de pé. Seria interessante fazer com que as duas pessoas, a eu de agora, a eu de antes, fossem colocadas em contraste. Além do que, esse passado é muitíssimo afetado pelo presente. O que escrevo hoje não escreverei daqui a um ano.

Nesse trecho, pode-se perceber uma relação com o pensamento do Bergson de *Matéria e memória*, quando este afirma que o presente puro é o avanço do passado devorando o futuro, e portanto toda percepção já é memória. Na última entrada sobre a morte da mãe, Woolf se desvencilha de uma posição de pura rememoração e se coloca simultaneamente no presente e no passado (“a eu de agora, a eu de antes”). A Woolf que duvida da própria sinceridade é, simultaneamente, a Woolf de 1939 e a Woolf de 1895, e a lembrança de 1895 é profunda e irreversivelmente alterada pela narradora de 1939. Ao questionar se havia de fato visto um homem ao lado da mãe morta ou não, a autora duvida da sua capacidade de “isenção” até num terreno tão particular como suas próprias lembranças.

Ao longo de toda a sua obra, Woolf foi explícita em suas formulações sobre a combinação de “fatos” e “visão”; contudo não enxergava os fatos como sendo monolíticos e permanentes. Em seus dois ensaios sobre a biografia, “The Art of Biography” e “The New Biography”, ela discute o que entende por “fato” e a mistura entre fato e ficção em textos biográficos. Anna Snaith sustenta que “os fatos, segundo Woolf, estão continuamente ‘sujeitos a mudanças de opinião’. (...) *Orlando, Flush, A Room or One's Own, Three Guineas* e *Ao farol* contêm, todos eles, representações de vidas reais de mulheres”, continua ela, “mas revelam uma preocupação de cunho modernista com as questões de subjetividade e fluxo, uma consciência quanto à mecânica e à metodologia da representação e um questionamento histórico”.¹⁹⁶

O *como se*, pois, ao mesmo tempo em que acontece de maneira refletida ocorre em certa medida também à revelia de quem escreve – como um efeito da linguagem. Iser explica isso em termos da seleção: a seleção (isto é, a supressão, a complementação, a valorização de determinados elementos de um relato), que opera naturalmente em um texto ficcional, mas que também é própria dos relatos da memória, é um ato de fingir, que realiza uma ligação entre o real e o imaginário.¹⁹⁷ Deve-se notar, entretanto, que tal seleção se dá segundo a vontade *arbitrária* do autor – o artista empresta a “um fenômeno externo da linguagem uma significação interna (...), e *que classe* exatamente de fenômenos escolherá o artista literário para dar corpo a suas ideias é arbitrário do ponto de vista do ‘usufrutuário’ da obra de arte.”¹⁹⁸ Ou, em termos woolfianos: “Muito que bem a pessoa dizer que vai fazer anotações, mas escrever é uma arte muito difícil. Ou seja, é preciso constantemente selecionar (...). Quando se pensa no que se irá escrever, parece fácil, mas a ideia evapora, corre para lá e para cá.” (13 mai. 1933). O domínio sobre seu próprio relato, mesmo aquele mais colado ao acontecimento real – como o relato calcado nas próprias lembranças, ou um relato factual –, em alguma medida é ilusório, e algo com que, forçosamente, o escritor precisa se haver.

¹⁹⁶ SNAITH, 2000: 103. Os ensaios citados por Snaith estão em E4: 226 e 229. Trad. minha.

¹⁹⁷ ISER, 2002: 962.

¹⁹⁸ SPITZER, 1961: 52. Trad. minha da versão em espanhol. Essa afirmação talvez se ampare no que diz Husserl, citado por ISER, 2002: 959: “O próprio da fantasia é seu caráter caprichoso. Daí, idealmente falando, sua incondicional arbitrariedade.”

4 “Do I ever write, even here, for my own eye?”

Público e privado, íntimo e social

The army is the body: I am the brain.

Thinking is my fighting.

15 de maio de 1940

Em seu livro sobre as negociações entre os âmbitos público e o privado na obra de Virginia Woolf, Anna Snaith argumenta que as duas palavras são termos recorrentes para a autora – “palavras com as quais ela experimentava, testando seus significados (...) em numerosos contextos. A dicotomia conceitual entre os espaços, esferas, linguagens, vozes, questões e discursos chamava sua atenção *para ser retrabalhada e questionada, e não aceita em qualquer forma específica*”.¹⁹⁹

A construção de Woolf como apolítica, frágil, assexuada e preocupada apenas com a subjetividade interior e a esfera íntima não está, de modo algum, obsoleta. Essa imagem ainda tem grande circulação, ao menos nas esferas não acadêmicas.²⁰⁰ O grupo de Bloomsbury permanece em certa medida visto como um grupo de esnobes elitistas no alto de uma torre de marfim, alheios aos acontecimentos externos e protegidos do mundo real. Hoje, entretanto, graças principalmente às contribuições da crítica feminista a partir dos anos 1970, o envolvimento de Woolf com a política é amplamente reconhecido – como, por exemplo, sua participação no movimento sufragista em 1910, na Women’s Cooperative Guild e no Partido Trabalhista de Rodmell. Para além disso, diversos críticos cada vez mais vêm se dedicando a demonstrar maneiras como sua obra estava informada por questões de cunho político, e que, ao contrário de encontrar-se encapsulada em um mundo íntimo abstrato ou subjetivo, revela o engajamento de Woolf com assuntos sociais do seu tempo.

¹⁹⁹ SNAITH, 2001: 28. Trad. minha.

²⁰⁰ Para uma boa argumentação a respeito, ver SILVER, 1992.

No entanto, é preciso cuidar para que tal reconhecimento não desmereça a significativa esfera subjetiva da obra woolfiana, ou que isso leve a enxergá-la apenas como um libelo feminista – atirando para o lado sua dimensão filosófica e estética. Ao contrário do que postulava Elaine Showalter, ter “um quarto só seu” não pressupõe exílio ou retiro do mundo: significa, isso sim, um espaço íntimo de liberação onde uma mulher, sem abandonar seus laços nem sua casa, poderia exercer ao mesmo tempo a sua capacidade criadora e produtiva e envolver-se com o debate público, por meio da sua escrita.

Existem níveis bastante variados de entrelaçamentos entre a política e a estética na obra de Woolf. Snaith chama a atenção para isso, ao dizer que há uma tendência em colocar ou um ou outro em primeiro plano, separando-os. “Talvez o necessário seja abdicar dessa necessidade de generalização (...) e permitir espaços para as indiscutíveis complexidades, ambivalências e contradições na vida e na obra de Virginia Woolf. Precisamos permitir que ela seja duas coisas ao mesmo tempo, principalmente quando se considera a própria repulsa que ela sentia de fixar sua reputação ou identidade”.²⁰¹

É famosa a passagem na autobiografia de Leonard Woolf em que ele escreve que “Virginia era o animal menos político que já existiu desde que Aristóteles inventou a definição”, mas, por outro lado, ele também afirma que ela era “extremamente sensível ao que havia em torno, quer fosse de cunho pessoal, social ou histórico. Foi, portanto, a última pessoa capaz de ignorar as ameaças políticas sob as quais todos nós vivíamos”. Essas duas observações de Leonard são importantes porque denotam como, embora lhe fosse impossível segundo seus parâmetros qualificar sua mulher como um animal político, ele ainda assim reconhecia que ela era extremamente afinada com os acontecimentos de sua época. Isso sugere que ele não conseguia enxergar como um verdadeiro envolvimento sociopolítico o engajamento privado de Woolf com tais pautas – ou seja, seu papel social como escritora. Contudo, até o final de sua carreira, das duas séries de *The Common Reader* (1925 e 1935) até *A Room of One's Own* (1929), *Three Guineas* (1938) e os ensaios inconclusos “Anon” e “The Reader” (que integrariam um livro que ela provisoriamente intitulara *Reading at Random* e, depois, *Turning the Page*), o interesse na

²⁰¹ SNAITH, 2001: 6. Trad. minha.

recepção e no público era uma constante para Woolf. Sua atenção às formas como os leitores criavam e continuavam um texto só se intensificou com a proximidade da Segunda Guerra, como evidenciam as datas de publicação dos textos citados acima. Tais obras mostram, especificamente, como ela *enxergava uma continuidade* entre os âmbitos privado e público, ao correlacionar a opressão e a violência na sociedade com a opressão e a violência domésticas – principalmente no caso da mulher.

Virginia Woolf sempre foi fascinada com “a vida das obscuras”, como as chamava. Desejava trazer à tona a vida das mulheres comuns, cujas vidas encontravam-se “trancadas em antigos diários, escondidas em velhas gavetas” ou, simplesmente, ignoradas.²⁰² Tal preocupação vinha sempre lado a lado com questões de representação literária, conforme observa Snaith: como seria possível escrever essas vidas, como o eu poderia ser registrado tendo em vista a contigência da identidade e o entrelaçamento de fato e ficção.

“O desejo manifesto de Woolf de transformar a língua inglesa”, segundo Emily Dalgarno, parece “uma medida de sua ambição e estatura enquanto escritora”. Em *Three Guineas*, de modo mais específico, Dalgarno acredita que a necessidade de transformação social está implícita no que ela acredita ser o projeto woolfiano de “encontrar a frase feminina”, sugerindo que para Woolf a transformação social passava pela linguagem²⁰³ – o que supõe um desafio a certa tradição linguística que coincide língua, domínio e nação. Para Woolf, “a literatura não é terreno particular de ninguém; a literatura é terreno de todos. Não foi retalhada em nações; lá não há guerras”.²⁰⁴ Woolf é contundente ao explicar que, antigamente,

escrever era uma atividade respeitável e inofensiva. O riscar da caneta não perturbava a paz do lar. Não se retirava nada do orçamento familiar. Dezesseis pence bastam para comprar papel para todas as peças de Shakespeare – se a gente for pensar assim. Um escritor não precisa de pianos e modelos, nem de Paris, Viena ou Berlim, nem de mestres e amantes. Claro que foi por causa do preço baixo do papel

²⁰² “Women and Fiction”. WOOLF, 1960.

²⁰³ DALGARNO, 2011: 10. Trad. minha.

²⁰⁴ “A torre inclinada”. WOOLF, 2014.

que as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo em outras profissões.²⁰⁵

Entende-se, desse modo bastante pragmático, por que escrever era a atividade preferida das mulheres durante os séculos XVIII e XIX. Podnieks observa que o fato de as mulheres, que recebiam papéis definidos (e improdutivos) no lar, terem de conciliar suas tarefas de escrita com as tarefas domésticas até meados do século XX fez com que escrevessem aos fragmentos ou arranques, nos intervalos que podiam, constantemente interrompidas por outros afazeres e obrigações. (Ora, é célebre a imagem de Jane Austen escondendo seus escritos para atender visitas na hora do chá, ou, mesmo séculos depois, já em meados do XX, de Clarice Lispector escrevendo com a máquina no colo e os filhos ao redor.) Tais textos escritos em fragmentos remetem à forma do diário, ao mesmo tempo em que também trazem à mente o tratamento modernista do fragmentário²⁰⁶ – e segundo o ponto de vista deste trabalho, no caso de Woolf, servem de estímulo para a tensão entre continuidade e descontinuidade existente em sua obra.

Pois, por mais radicais ou contestadoras que fossem as escritoras, estavam sempre lutando internamente contra os modelos tradicionais femininos estabelecidos pela sociedade (em termos woolfianos, “o Anjo da Casa”), e sua escrita muitas vezes reflete tal conflito. Isso se torna ainda mais aparente nos diários, pois o diário pode ser visto como um terreno de experimentação de subjetividades, um lugar onde é possível testar e assumir múltiplos papéis. Quando Woolf se pergunta em 1919 (na passagem analisada nas p. 61-62) “que espécie de diário desejo que seja o meu?”, já escrevia diários desde os 14 anos de idade – e, naqueles que produziu como Virginia Stephen, chegava mesmo a conscientemente construir facetas para si mesma, como aquela a quem dava o nome de “Miss Jan”. Mais de um crítico (incluindo Louise De Salvo) já observou que Miss Jan funcionaria para a jovem Virginia como uma espécie de alter ego, que age de modo constrangedor, engraçado, ridículo ou até mesmo malcriado. Tal recurso teria permitido que ela escrevesse sobre si mesma sob um manto protetor, dando-lhe a oportunidade de testar e afinar desde muito cedo seu

²⁰⁵ “Profissões para mulheres”. WOOLF, 2012: 10.

²⁰⁶ PODNIEKS, 2000: 55 e 66.

método ambivalente de escrita. Afinal, Miss Jan lhe oferecia, ao mesmo tempo, a chance de revelar e esconder o que lhe passava pela cabeça, sem comprometer a própria Woolf.²⁰⁷

Há ainda críticos que sugerem que Miss Jan teria sido criada por Woolf porque seu pai, Leslie Stephen, por vezes lia seus diários. Não há certeza quanto à acuidade dessa suposição. O que se sabe com certeza é que o diário de Woolf de forma alguma era um texto absolutamente íntimo. Embora em mais de um momento ela declare ser necessário escrever sem censuras em seu diário, há diversos assuntos que não menciona ali, e, quando o faz, prefere fazê-lo de maneira cifrada – em especial aqueles relacionados a seus sentimentos por outras mulheres (principalmente Vita Sackville-West), sexo, menstruação e, mais tarde, menopausa (que ela chama de TL – “time of life”), o que de certa maneira vai contra o postulado de Bloomsbury de que deveria ser possível falar abertamente sobre tudo. Tem-se ainda o fato de que Woolf leu alguns trechos do diário e textos que mais tarde integrariam a obra *Moments of Being* para o Memoir Club, grupo formado na década de 1920 por doze membros de Bloomsbury para que estes pudessem ler sem censura textos de cunho autobiográfico uns para os outros.

Por fim, há também o fato de que Leonard Woolf de vez em quando lia o diário da esposa, ao menos logo no início do casamento. Assim o atestam passagens como a de 8 de outubro 1917, pouco depois que Virginia Woolf retoma sua escrita após seu colapso mental em 1915.

Esta tentativa de escrever um diário se inicia num impulso depois da descoberta de um antigo volume, escrito em 1915, numa caixa de madeira guardada em meu armário, & que ainda consegue nos fazer rir de Walter Lamb. Portanto, o plano será este – escrevê-lo depois do chá, & escrevê-lo indiscretamente, & por falar nisso observo aqui que L. prometeu comentar nessas páginas sempre que tiver algo a dizer. Sua modéstia terá de ser superada.

Observa-se nessa passagem as expressões “ainda nos faz rir” e “escrevê-lo indiscretamente”, sugerindo que Leonard lia os diários com Woolf – além de,

²⁰⁷ PODNIEKS, 2000: 46.

claro, isso estar implícito quando Virginia comenta que fizera Leonard prometer “comentar nessas páginas sempre que tiver algo a dizer”. Ele teria de superar sua “modéstia”, o que indica possivelmente seu constrangimento em fazer o que a esposa lhe pedia.

Existem duas ocorrências em que ele de fato escreve no diário da mulher. Ambas têm um breve intervalo entre elas e se dão pouco depois desse “plano” de Virginia Woolf. Na primeira, de 11 de novembro de 1917, ele escreve no meio de uma das frases dela, quando ela menciona um almoço na casa dos Webbs: “Falei num impulso que escreveria aqui de vez em quando & agora V. me pede para cumprir a palavra, & como isso me dá um pretexto para não ler os discursos de Joseph Chamberlain, não vejo por que não”. Virginia Woolf continua escrevendo a entrada logo depois da interferência do marido, que é breve. A segunda vez que Leonard escreve no diário é em 1 de maio de 1918 – também para comentar sobre um encontro na casa dos Webbs. Dessa vez não há nenhum rodeio introdutório ao assunto: “Fomos jantar nos Webbs. Camille Huysmans & Sir William Tyrrell estavam presentes. Ele é agora Chefe do Depto de Inteligência Comercial & está envolvido na pesquisa de um dossiê completo dos nossos termos para a Conferência da Paz”. Mais uma vez, Virginia Woolf prossegue escrevendo logo após as palavras do marido, que também aqui não se alonga.

Drew Shannon ressalta que é preciso examinar em contexto as duas entradas escritas por Leonard, sob o risco de dar-lhe uma posição de muito maior autoridade do que a que ele realmente tinha na composição do diário da mulher. Ambas descrevem reuniões na casa de Sidney e Beatrice Webb, fundadores da London School of Economics and Political Science e membros da Sociedade Fabiana, com quem Leonard se encontrava frequentemente naquela época, graças à sua atuação com o fabianismo e a Women’s Co-operative Guild. Ele conclui: “Portanto, parece muito mais provável que Virginia, ao pedir que Leonard escrevesse sobre os Webbs em seu lugar, estivesse ao mesmo tempo deferindo ao conhecimento superior dele e à sua habilidade de falar sobre política. É importante notar que a maior parte do que ele escreveu nos diários da mulher se detinha sobre as discussões políticas das duas ocasiões”.²⁰⁸ Anos

²⁰⁸ SHANNON, 2007: 34-35.

mais à frente, contudo, há indícios de que Leonard já não lia os diários da esposa. Virginia Woolf menciona diversas vezes que interromperá a escrita “porque L. está aqui”, e isso sugere que, progressivamente, seu diário foi assumindo um novo caráter para ela em matéria de intimidade.

O que faz voltar novamente ao papel que os diários exerceram, historicamente, para as mulheres. Na literatura japonesa, tem-se mulheres escrevendo diários desde o século XI, como o *Livro de cabeceira* de Sei Shonagon e o diário da dama Murasaki Shikibu, e na literatura ocidental um dos primeiros diaristas foi Lady Margaret Hoby (1571-1633). Enquanto gênero histórico, o diário foi “uma das principais formas que as mulheres eram autorizadas a escrever, um texto silencioso que supostamente não ameaçava clamar para si mesmo o estatuto de obra ‘séria’”.²⁰⁹ Margo Culley afirma em *A Day at a Time* que no século XIX ampliou-se a divisão das esferas de experiência pública e privada, e que o privado e o íntimo passaram a ser encarados como sinônimos de femininos. Isso ocorreu simultaneamente a uma transição quase generalizada do diário para temáticas mais subjetivas em desfavor de relatos de vida pública e política, mudança que para ela se deveu, entre outros fatores, a eventos como a Revolução Industrial, movimentos como o Romantismo e o surgimento e a difusão da psicanálise. Há um paralelo entre o desprestígio do diário e do romance (na época do seu surgimento) e a atração que ambas as formas exerceram sobre as mulheres desde o princípio. “Ao contrário de formas literárias clássicas como o épico, herdado de culturas antigas e acessível apenas àqueles que tinham acesso à educação formal (ou seja, aos homens), ler e escrever romances não pressupunha nenhum grau elevado de educação ou intelecto (...) É possível que as mulheres tenham transposto sua escrita íntima para as novas formas de romance”.²¹⁰ A forma diário e a forma romance eram flexíveis o bastante para serem absorvidas e retrabalhadas textual e tematicamente pelas mulheres, à margem do saber social, algo que a própria Woolf reconhece em *A Room of One's Own*.

No ensaio “O que é uma literatura menor”, Deleuze e Guattari afirmam que uma literatura menor não é aquela de uma língua menor, *mas a de uma*

²⁰⁹ PODNIEKS, 2000: 47. Trad. minha.

²¹⁰ Ibid., p. 54. Trad. minha.

classe menor numa língua dominadora: “Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, de qualquer modo, é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização”.²¹¹

Essa desterritorialização poderia ser interpretada como o “fora” ou o exílio, real, social ou linguístico (no século XX, é notável o número de autores que consideram possível escrever literatura desde que em outro idioma que não o seu, a exemplo de Kafka, Nabokov, Kundera). Menor, por conseguinte, refere-se não ao estatuto ou valor da obra em si, mas ao fato de ela situar-se à margem de um discurso dominante ou de ser produzida por quem o está. Para as mulheres, esse exílio se configuraria na busca de um espaço linguístico outro, próprio, que não aquele dominado pelos modelos masculinos de literatura.

Em geral, poder-se ia chamar intensivos ou tensores, por mais variados que sejam, os elementos linguísticos que exprimem “tensões interiores de uma língua”. É neste sentido que o linguista Vidal Sephiha designa por intensivo “qualquer utensílio que permite propender para o limite de uma noção ou de ultrapassá-la”, marcando um movimento da língua para os extremos, para um além ou um aquém reversíveis. (...) Ora, acontece que uma literatura menor desenvolve particularmente esses tensores ou esses intensivos. (...) A linguagem deixa de ser representativa para tender para os extremos ou limites (...) Estar na sua própria língua como um estrangeiro. (...) Ainda que única, uma língua é sempre uma caldeirada, uma mistura esquizofrênica, um traje de arlequim através do qual se exercem funções de linguagem muito diferentes e centros de poder distintos, ventilando o que pode ser e não ser dito: lança-se uma função contra a outra, faz-se funcionar os coeficientes de territorialidade e de desterritorialização relativos. Mesmo maior, uma língua é suscetível de um uso intensivo que a faz correr sobre linhas de fuga criativas e que, por mais lento e precavido que o uso seja, forma, deste modo, uma desterritorialização absoluta. (...) E isso termina sempre assim, as linhas de fuga da linguagem: o silêncio, o interrompido, o interminável, ou ainda pior.²¹²

²¹¹ DELEUZE e GUATTARI, 2014: 48.

²¹² Ibid., p. 48-49 e 54-55.

Ora, o silêncio, o interrompido e o interminável são todos adjetivos que podem ser empregados a diários, que enquanto gênero ainda permanecem, até certo ponto, à margem de um sistema literário que privilegia determinados discursos em vez de outros. Da mesma maneira, apesar de Woolf pertencer a uma classe social privilegiada, de um país colonizador, e escrever em uma língua canônica, na condição de mulher precisava lutar por um espaço não só na literatura como na sociedade – a mulher encontrava-se, de muitas maneiras, excluída de ambas. Em *Three Guineas*, como mulher ela se autodenomina uma *outsider* desse sistema e propõe uma Sociedade de Outsiders.²¹³

(...) the outsider will find herself in possession of very good reasons for her indifference. She will find that she has no good reason to ask her brother to fight on her behalf to protect 'our' country. "Our country," she will say, 'throughout the greater part of its history has treated me as a slave; it has denied me education or any share in its possessions. "Our" country still ceases to be mine if I marry a foreigner. "Our" country denies me the means of protecting myself, forces me to pay others a very large sum annually to protect me, and is so little able, even so, to protect me that Air Raid precautions are written on the wall. Therefore if you insist upon fighting to protect me, or "our" country, let it be understood, soberly and rationally between us, that you are fighting to gratify a sex instinct which I cannot share; to procure benefits which I have not shared and probably will not share; but not to gratify my instincts, or to protect either myself or my country. For," the outsider will say, "in fact, as a woman, I have no country. As a woman I want no country. As a woman my country is the whole world."²¹⁴

Em sua condição desterritorializada, portanto, a mulher seria uma estrangeira em seu próprio país ("as a woman I have no country, as a woman my

²¹³ E chega a exagerar essa posição, quando declara que não teve acesso à educação formal. Por mais que ela não tenha recebido a mesma formação que seus irmãos, tinha noções de italiano e russo, sabia falar grego e francês, e começou seus estudos de línguas estrangeiras em uma universidade: cursou um programa do Departamento para Mulheres do King's College, da Universidade de Londres, de 1897 a 1901. Dos 15 aos 19 anos, estudou história, grego, latim e alemão. Cf. SNAITH e KENYON, 2010: 4. Esse artigo reproduz as matrículas, os programas das disciplinas e listas de frequência do curso feito por Woolf.

²¹⁴ Woolf, *Three Guineas*. Disponível em:

<<https://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/w91tg/chapter3.html>>. Grifos meus.

country is the whole world”) e não compactuaria com as justificativas de “defender seu país” – que, aliás, durante boa parte de sua história negou-lhe o direito à educação e às posses, posto que todos os bens da mulher eram de seu marido. De acordo com o ponto de vista e os termos específicos de Deleuze e Guattari, podemos afirmar que essa desterritorialização, esse “estar fora”, é o que levaria a literatura de mulheres a ser considerada “menor”.

Desde muito jovem Woolf argumentava contra essa discrepância de valores. Em 1904, aos 22 anos de idade, em resposta a seu amigo Desmond MacCarthy – que escrevera sob pseudônimo na *New Statement* defendendo que as mulheres eram intelectualmente inferiores – ela assim diz: “Discordo de Falcão Afável não porque ele negue a atual igualdade intelectual entre homens e mulheres”,

e sim porque afirma (...) que o espírito da mulher não é sensivelmente afetado pela educação e pela liberdade; que é incapaz das mais altas realizações. (...) O que é necessário não é apenas educação. É que as mulheres tenham liberdade de experiência, possam divergir dos homens sem receio e expressar claramente suas diferenças, (...) que pensem, inventem, imaginem e criem com a mesma liberdade dos homens e, como eles, não precisem recear o ridículo e a condescendência. (...) Não tenho dúvidas de que, caso tais opiniões prevaleçam no futuro, continuaremos num estado de barbárie semicivilizada. Pelo menos é assim que defino a perpetuação do domínio de um lado e, de outro, da servilidade. Pois a degradação de ser escravo só se equipara à degradação de ser senhor.²¹⁵

Ao longo das décadas, contudo, Woolf sente-se progressivamente mais segura para expor-se mais e não recear os ataques a seu pensamento, que ela menciona no texto acima de 1904. É notável sua observação em relação a isso no diário, em 3 de maio de 1930: “No momento, pareço conseguir escrever críticas sem medo. Tudo por causa de A R. Own, foi o que falei de repente para mim mesma ontem à noite.”

Woolf chega à conclusão de que paradoxalmente, por estar à margem, é possível atuar de maneiras imprevistas e promover mudanças. Em seu

²¹⁵ “A posição intelectual das mulheres”. WOOLF, 2012: 50-51.

impressionante estudo sobre violência e modernismo britânico, Sarah Cole observa que por volta dos anos 1930 o que havia mudado significativamente para Woolf é que ela tinha sido “traída pelos seus pares modernistas homens, muitos dos quais haviam passado a abraçar o fascismo e outras ideias autoritários”. Apesar de não haver dúvidas que seu clamor da “ficção moderna” fora atendido (e até mesmo antecipado) por muitos escritores, vários deles homens e do círculo de Woolf, esses mesmos artistas, “em seu machismo e adulação da força bruta (...), contribuíram para o estado de violência do mundo. Woolf jamais menciona Eliot, Pound, Lawrence, Yeats ou outros em *Three Guineas* (...), mas fica mais do que claro (...) que ela transferiu suas esperanças de protesto radical e transformação criativa (...) dos corajosos anticonvencionais dos anos 1920 que mudariam o mundo pela escrita para um clã imaginário de pessoas anônimas, *a maioria delas mulheres, cuja ação seria prosaica e não brilhante, colaborativa e não individual – quase invisível*”.²¹⁶

Afinal, pergunta-se uma incomodada Woolf em 1933 num artigo para o jornal comunista *Daily Worker*, “The Artist and Politics”, “Como pode o artista ainda continuar em paz em seu estúdio?”. Ela declara que os artistas, que em geral buscam ficar na berlinda dos debates políticos, deveriam abandonar essa renúncia em tempos como aqueles. “É fato que o exercício da arte, longe de afastar o artista dos seus semelhantes, aumenta a sua sensibilidade. Desenvolve nele uma capacidade de percepção das paixões e necessidades da humanidade que o cidadão, cujo dever é atuar para um país ou partido específicos, não tem tempo ou talvez necessidade de cultivar.” Woolf conclui que, “mesmo ineficiente, o artista não é, de modo nenhum, apático (...) Ele é obrigado a participar politicamente”,²¹⁷ a fim de assegurar tanto a sua própria sobrevivência quanto a da arte.

Cole observa que a partir dessa década as obras artísticas viram-se tomadas de uma dialética representacional agonística com a violência, e nesse contexto Woolf de forma alguma optou pela apatia ou pela negação da atuação política. “Como feminista que enxergava a totalidade da violência patriarcal

²¹⁶ COLE, 2012: 263. Trad. minha.

²¹⁷ “The Artist and Politics”. WOOLF, 1947. Trad. minha.

prejudicando e comprometendo diversos aspectos da vida psíquica, social e artística, Woolf foi assustadoramente perspicaz”, comenta ela.

Muitas de suas mais duras e assombrosas representações da violência são expostas como estranhas interrupções, *cuja relevância está mais na maneira como acabam sendo absorvidas pela consciência textual do que nos exemplos de agressão patriarcal ou dos sinais do abuso sofrido pela própria Woolf em sua vida íntima*. Conforme afirma Christine Froula num estudo soberbo que enxerga toda a obra de Woolf preocupada com questões relacionadas à guerra e à civilização e com o que significa pensar a arte, a literatura e a cultura num mundo imensamente violento, a obra woolfiana faz “um chamado (...) para nos tornarmos ‘um só’, entrar na história, pensar em público e em conjunto sobre a barbaridade e o potencial dessa ‘civilização’ na qual nos encontramos”.²¹⁸

Em meados da década de 1930 Woolf sente mais e mais dificuldade de criar em meio à ameaça e destruição de seu mundo, tanto íntimo quanto o mais amplo, social. Para isso, colaborou uma sequência de mortes de pessoas próximas – Lytton Strachey em 1932, Roger Fry em 1934 e seu sobrinho Julian Bell em 1937, que tinha se alistado para trabalhar como motorista de ambulância na Espanha durante a Guerra Civil. Sua curiosidade e interesse pela vida, entretanto, não diminuíram, apegada que estava à prescrição de Henry James – “observar perpetuamente”. Além disso, ela e Leonard, cientes do tratamento que os judeus vinham recebendo em outros países, haviam planejado suicidar-se na garagem de sua casa em Rodmell deixando o motor do carro ligado, caso Hitler de fato invadisse a Inglaterra, uma ameaça iminente. Sabiam que seus nomes estavam na lista de Himmler e que seriam presos na primeira oportunidade em caso de invasão. “É estranho o quanto a artilharia, mais uma vez, está tão próxima da nossa vida privada. Posso vê-la e ouvir seu rugido, embora eu continue, como um camundongo condenado, a roer minha página diária”, escreve ela em 13 de março de 1936. A partir daí e até o fim de sua vida, Woolf inclina-se ainda mais profundamente para as representações da violência, cada vez mais desiludida em sua crença pacifista. Em “A Sketch of the Past”, conforme visto, ela discorre sobre sua teoria dos momentos de ser – que se dão sempre por um choque violento, quase sempre desagradável, mas que se transformam

²¹⁸ COLE, 2012: 200. Trad. minha.

no motor de sua escrita. Entretanto, ela também reflete sobre as origens de seu pacifismo, descrevendo um dos momentos de maior destaque em sua vida.

Estava brigando com Thoby no gramado. Dávamos socos um no outro. No momento em que levantei o punho para acertá-lo, pensei: por que machucar outra pessoa? Abaixei a mão instantaneamente e fiquei ali, parada, deixando que ele me batesse. (MB, 71, trad. minha).

Foi especialmente nesse texto, durante os horrores da Segunda Guerra, que Woolf mergulhou mais intensamente nas suas memórias, algo que ela nunca havia feito com tal intensidade antes. Os bombardeios a Londres e outras cidades inglesas eram frequentes, a invasão de Hitler, uma ameaça constante. Diante da violência extrema de outra guerra mundial, sem ver possibilidade de salvar nem a si, nem aos seus e nem à cultura que tanto amava, Woolf afundou nos subterrâneos semiesquecidos de sua infância. O que ali encontrou foi um “amálgama complexo de passados em cima de passados – e a mesma ameaça de força bruta, na esfera privada, que agora escurecia o presente da sua escrita de modo tão extremo e indiscriminado”.²¹⁹ É impressionante, então, que o que tenha saltado aos seus olhos como primordial seja justamente a sua profunda inclinação pela não agressão, e que ela tenha relacionado isso ao seu impulso de escrita.

O exemplo mais conhecido da progressiva desilusão de Woolf nesse período é o intensamente desagregado *Entre os atos*, todo marcado por interrupções – entremeado pelo mugir das vacas, por canções, citações, música e o barulho dos aviões de guerra –, um romance que trata mais de uma experiência coletiva do que de histórias individuais. Porém, também seu diário vai progressivamente apresentando maior laconismo, desagregação, desolamento e tristeza, ressaltados pela sua forma física: agora, em vez dos praticamente costumeiros livros encadernados, Woolf escreve em páginas soltas, escritas às pressas e com caligrafia cada vez mais entrecortada, que ela reúne depois em fichários. É perceptível o avanço da desilusão par a par com o avanço da nova década e da guerra. Em 10 de setembro de 1938, ela conclui que eles tinham chegado novamente a “1914, porém sem sequer a ilusão de

²¹⁹ COLE, 2016. Trad. minha.

1914”. Em 2 de outubro de 1940, afirma que apesar de não querer morrer, com a proximidade dos ataques aéreos e a ameaça da invasão de Hitler inevitavelmente pensa na morte.

Devo pensar na morte? Na noite passada, um estrondo de bomba sob a janela. Tão perto que nós dois nos assustamos. Um avião tinha passado e derrubado seu fruto. Saímos até o terraço. Estrelas cintilavam & brilhavam como pingentes. Tudo era silêncio. As bombas tinham caído no monte Itford. Há duas perto do rio, marcadas com cruzes de madeira branca, ainda por explodir. Falei para L.: não quero morrer ainda. (2 out. 1940)

Note-se, na passagem acima, a predominância dos períodos curtos e sem maiores descrições ou reflexões – o relato pregado ao acontecimento (característico de seu diário em Asheham, por exemplo, no meio da Primeira Guerra). Meses depois dessa entrada, em 26 de janeiro de 1941, ela já declara categoricamente que não existe futuro. “Sim, eu estava pensando que vivemos sem futuro. Isso é o mais estranho; com os narizes pressionados contra uma porta cerrada”.

Ao longo de todo esse período, ora ela se critica por escrever muito, ora contemporiza porque a perspectiva é desoladora – não ter audiência é para Woolf quase uma morte. “O ‘eu’ que escreve sumiu”, diz ela em 9 de junho de 1940. “Nenhuma audiência. Nem eco. Isso é parte da morte da pessoa”. E, em 27 de junho do mesmo ano: “Eu não tenho entorno. (...) Todas essas circunvoluções familiares – esses padrões – que durante anos deram eco & aprofundaram a minha identidade agora são extensas & vazias como o deserto. (...) Chegamos à beira de um precipício... & daí? Não imagino que haverá um 27 de junho de 1941”. “Creio que serei talvez menos verborrágica aqui – mas que importância tem isso, escrever demais?”, pergunta-se em 1 de janeiro de 1941. “Não há editora em vista, nem público”. E, finalmente, dois meses antes de sua morte, quando notoriamente declarava estar sentindo grandes dificuldades para escrever, a entrada de 9 de janeiro de 1941 abre com apenas duas palavras: “Um vazio”. O vazio pode se referir tanto ao vazio de palavras em seu interior quanto ao da página.

Cole observa que em toda a obra de Woolf existe uma dialética entre a violência e a paz, desde o seu primeiro romance até seus últimos trabalhos – *The Years*, *Three Guineas*, “A Sketch of the Past” e *Entre os atos*. Em “A Sketch of the Past”, por exemplo, as visões de intensa violência são entremeadas de momentos de imensa beleza e força vital, que parecem seu exato oposto. Ao contrário de seus colegas modernistas, diz Cole, Woolf jamais mistifica a violência colocando-a isoladamente no centro da arte, nem tampouco a ironiza. Entretanto, são os episódios violentos que criam diversas das interrupções e dos silêncios que se verificam em suas obras – colocados entre parênteses, eclipsados, dispersados e, acima de tudo, absorvidos nas tessituras dos textos, de modo que “*em conjunto, suas obras demonstram uma estratégia absolutamente original de digerir a violência na literatura* (para retomar a imagem da cobra engolindo o sapo)”.²²⁰ Apesar de a obra woolfiana revolver em torno dos temas ligados a gênero, guerra, história e violência, em grande parte dos casos o que se sobressai é a impressionante tentativa de dar à paz um lugar de destaque, observa Cole, e sustenta que uma forte característica em Woolf é inserir reflexões sobre a guerra dentro de uma reflexão bem maior sobre a história humana.

Do meu ponto de vista, Woolf faz tal inserção não apenas no caso de suas reflexões sobre a guerra (ou sobre a violência, aliás), mas também naquelas de cunho íntimo – realizando, aí, mais uma vez a conexão entre o privado e o público ou social, e dotando sua obra de uma dimensão muito mais ampla do que aquela relacionada a apenas um ou outro aspecto. “Sua ‘filosofia’ entrelaçava dois elementos distintos, um artístico/visionário, o outro político/iconoclasta. Fundindo-os, ela elaborou sua própria voz profética, embora não impusesse, como D. H. Lawrence, um sistema dogmático”.²²¹ Desse ponto de vista, seu diário (como não existe indício de que tenha sido escrito especificamente com vistas a uma audiência) funcionava como um espaço semiprivado que servia para que, nas suas obras públicas, ela pudesse por fim completar a ponte entre esses dois âmbitos. “Quando lemos as cartas de Keats, o diário dos Goncourts, as cartas de Lamb, os comentários casuais daquele

²²⁰ COLE, 2016: 334, e COLE: 2012: 201. Trad. minha.

²²¹ MARDER, 2011: 219.

poeta fora de moda, Tennyson”, escreve ela no ensaio “A Professor of Life” (1926), “temos a impressão de que, estivessem acordados ou dormindo, esses homens nunca paravam de pensar em literatura. Estava entranhada em seus cérebros. Seus dedos, nela entintados. O que quer que tocassem, tornava-se manchado com ela.” Assim também Virginia Woolf vivia o fazer literário. O que experimentava no mundo era inevitavelmente transformado em literatura; escrever e viver entremeavam-se em tal simbiose que entintava não apenas seus dedos, mas também suas perspectivas da realidade: “tendo montado em minha sela, o mundo inteiro toma forma; escrever é o que me dá proporções” (30 dez. 1930).

Woolf equivalia a incapacidade de escrever à morte, e frisa-o em mais de um momento. “Não consigo escrever. Perdi a arte”, declara no início de 1941 à médica Octavia Wilberforce para justificar sua depressão naquele período. Valer-se de seu trabalho para preservar a estabilidade mental, como ela sempre tinha feito, parecia uma possibilidade cada vez mais distante (“Tão logo paro de trabalhar sinto-me afundando, afundando. E, como sempre, sinto que se eu afundasse um pouco mais tocara a verdade”).²²² O conselho de Henry James que ela anota na penúltima entrada de seu diário, como uma espora que enfia nos flancos para seguir adiante – “Observar perpetuamente. Observar a chegada da velhice. Observar a ganância. Observar minha própria melancolia. Assim, ela se torna útil” –, propõe uma variação daquele trecho do diário de Maupassant que ela anotara anos antes, sugerindo que os escritores nunca vivem simplesmente, mas usam o que experimentam no mais íntimo como material para sua arte.²²³ Recusando-se a abdicar da tenacidade de resistir, escreve assustadoramente na mesma entrada, a vinte dias de afogar-se no Ouse, em 8 de março de 1941: “Ocupar-se é essencial. (...) Insisto em afundar com minhas cores tremulando”. Até o último momento, em que tira a própria vida, Woolf tentou continuamente extrair suas alegrias e esperanças, e suas possibilidades criativas, dos pequenos momentos de ser do dia a dia.

Em nenhum momento a diarista e observadora Woolf deixa, portanto, de ser a Woolf escritora. Leitora assídua desse gênero literário, tinha bastante

²²² Assim ela anota em 23 de junho de 1929. Observe a contradição: parar de trabalhar faz com que ela afunde, porém paradoxalmente no fundo derradeiro se encontraria a verdade.

²²³ Marder é o autor dessa comparação (2011: 497).

consciência de seus ritmos próprios, de suas convenções, de suas possibilidades e limites. Apesar de todos os usos a que colocava seu diário, e até mesmo quando aparentemente escrevia de maneira mais íntima ou espontânea, estava sempre ciente de que ali escrevia uma obra, dotada de projeto, dificuldades e propósitos específicos – não importando o quanto, ou se, estes lhe eram claros ou não.

Defronte as escritas de si, de imediato surgem questionamentos relacionados à imbricação entre o construído e o real vivido, entre as intenções literárias e a aragem do espontâneo e do impensado. Cada obra, contudo, traz suas próprias respostas – conquanto contingentes, conquanto inconclusivas, sempre por aproximações. Na de Woolf, esse caminho se dá sempre durante o ato da escritura, que a um só tempo é também para ela ato da maior reflexão possível. “A verdade é que chego mais perto dos sentimentos escrevendo do que caminhando”,²²⁴ anota em 5 agosto de 1928. “Mastigo o osso; desfruto das expressões; arranco-as de mim; torno-as um pouco mais críveis para mim mesma; diria mesmo que reprimo qualquer coisa, de modo que no fim das contas acabo fazendo algo parecido com uma confidência. Por que outro motivo Pepys escrevia um diário?”.

Entretanto, o percurso incessante da escrita deixa claro que não existem respostas fáceis quando não se pode mais haver ingenuidade em relação ao fato de que os discursos são tanto um tipo de enunciação quanto um modo de leitura, socialmente delimitados por seu espaço de circulação. E, ao fim e ao cabo, é *precisamente* o caráter do narrador das escritas de si – com sua cota de dúvidas sobre a realidade e seu discurso sempre no limiar do que é *possível* narrar – aquilo que o traz, ao mesmo tempo, para fora de si e para dentro do literário. Como diz Woolf em *As ondas*: “Faço-me e refaço-me continuamente. Diferentes pessoas arrancam diferentes palavras de mim”.

²²⁴ Referência a seu hábito diário de longas caminhadas, do qual ela se valia para compor seus textos.

Referências

- ABAD, Jose Manuel Cuesta. *La escritura del instante. Una poética de la temporalidad*. Madrid: Akal, 2001.
- ABBOTT, H. Porter. "Character and Modernism". *New Literary History*, 1993, 24: 393-405.
- _____. "Old Virginia and the Night Writer: The Origins of Woolf's Narrative Meander". In: BUNKERS, Suzanne L. e HUFF, Cynthia (ed). *Inscribing the Daily. Critical Essays on Women's Diaries*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1996.
- ABEL, Elizabeth. Spaces of Time: Virginia Woolf's Life-Writing. In: DiBATTISTA, Maria; WITTMAN, Emily (ed.). *Modernism and Autobiography*. Nova York: CUP, 2014.
- ADORNO, Theodor. "The Essay as Form". *New German Critique* 3.2 (1984): 151-71.
- _____. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- ARDOIN, Paul; GONTARSKI, S.; e MATTISON, Laci (ed.). *Understanding Bergson, Understanding Modernism*. London: Bloomsbury, 2013.
- AUERBACH, Erich. A meia marrom. In: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 6 ed. Trad. Aurora Bernardini et alii. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BANFIELD, Ann. "Mrs. Dalloway". In: MORETTI, Franco. *A cultura do romance*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

_____. "Time Passes: Virginia Woolf, Post-Impressionism, and Cambridge Time". *Poetics Today*, v. 24 [3], 1 set. 2003.

BELL, Anne Olivier Bell. *Editing Virginia Woolf's Diary*. Oxford: Perpetua Press, 1989.

BELL, Barbara; e OHMAN, Carol. "Virginia Woolf's Criticism: A Polemical Preface". *Critical Inquiry*, v.2, 1974.

BELL, Clive. *Old Friends: Personal Recollections*. Chatto and Windus, 1956.

BELL, Quentin. *Virginia Woolf, a Biography*. San Diego: Harcourt, 1972.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José C. M. Barbosa e Hemerson A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERGSON, Henri. *An Introduction to Metaphysics*. Trad. T. E. Hulme. Indianapolis: Hackett, 1912.

BERMAN, Jessica (ed.). *A Companion to Virginia Woolf*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2016.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, Jorge L. *Outras inquisições*. Trad. Sergio Molina. In: *Obras Completas. Volume II*. Rio de Janeiro: Globo, 1999.

BRADBROOK, M. C. "Notes on the Style of Mrs. Woolf". In: MAJUMDAR, Robin; e McLaurin, Allen. *Virginia Woolf: The Critical Heritage*. Londres e Boston: Routledge, 1975.

BROOKS, Peter. *Reading for the Plot. Design and Intention in Narrative*. New York: Knopf, 1984.

- BROOKS, Peter. *Realist Vision*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2005.
- CAMARGO, Monica Hermini de. *Versões do feminismo: Virginia Woolf e a estética feminista*. Dissertação de mestrado. USP, 2001.
- _____. *Virginia Woolf e seus ensaios: Em busca de uma estética literária*. Tese de doutoramento. USP, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Realismo e realidade (via Marcel Proust). *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- CASERIO, Robert. "Abstraction, Impersonality, and Dissolution". In: DIBATTISTA, Maria; WITTMAN, Emily (ed.). *Modernism and Autobiography*. New York: CUP, 2014.
- CAUGHIE, Pamela. *Virginia Woolf & Postmodernism: Literature in Quest & Question of Itself*. Chicago: University of Illinois Press, 1991.
- CHASE, Cleveland. "Mrs. Woolf Explores the 'Time' Element in Human Relationships. *Orlando* by Virginia Woolf." *The New York Times*, 21 out. 1928. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/books/97/06/08/reviews/woolf-orlando.html>>.
- COLE, Sarah. "Woolf, War, Violence, History, and... Peace". In: BERMAN, Jessica (ed.). *A Companion to Virginia Woolf*. Hoboken: Wiley Blackwell, 2016.
- _____. *At The Violet Hour: Modernism and Violence in England and Ireland*. OUP, 2012.
- COLEBROOK, Claire. Woolf and "Theory". *Virginia Woolf in Context*. RANDALL, Bryony e GOLDMAN, Jane (ed.). Cambridge: CUP, 2012.

CONRAD, Joseph. Preface. *The Nigger of the Narcissus*. Publicado originalmente em 1897. Disponível em: <<http://web.missouri.edu/~materert/mod/Conrad.htm>>.

CULLER, Jonathan. *Structuralist poetics. Structuralism, linguistics and the study of literature*. Ithaca, 1977.

CUNNINGHAM, Michael. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *The Voyage Out*. New York: Modern Library, 2000.

DAICHES, David. *Virginia Woolf*. Greenwood Press, 1979.

DALGARNO, Emily. *Virginia Woolf and the Migrations of Language*. CUP, 2011.

DALLENBACH, Lucien. "Intertexto e autotexto". *Intertextualidades*. Coimbra: Livraria Almeida, 1979.

DELEUZE, Giles. *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro: Forense, 1987, p. 16.

_____ e GUATTARI, Felix. "O que é uma literatura menor?". *Kafka – Para uma literatura menor*. Trad. Cintia Vieira da Silva. São Paulo: Autêntica, 2014.

_____ e GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. "Différance". *Márgenes de la filosofía*. Trad. Carmen González Marín. Madri: Ediciones Cátedra, 1994.

_____. "Différance". *Margins of Philosophy*. Trad. Alan Bass. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

DOLE, Carol. "Oppression, Obsession: Virginia Wolf and Henry James." *The Southern Review*, v. 24, i. 2, 1988.

ELIOT, 1941

ELIOT, T. S. "Tradition and the Individual Talent". In: RAINIER, Lawrence (ed). *Modernism: An Anthology*. Blackwell Publishing, 2005.

FOSTER, Hal. *O retorno do real*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FRÓES, Leonardo. Apresentação. In: Marder, HERBERT. *Virginia Woolf: A medida da vida*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

_____. Apresentação. In: WOOLF, Virginia. *O valor do riso e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FROULA, Christine. "Virginia Woolf and the Art of Doubt: Modern Fiction between Moore and Montaigne". *Le Tour critique, Amérique du Nord*, 0, abr. 2013. Disponível em: <<http://letourcritique.u-paris10.fr/index.php/letourcritique/article/view/19>>.

FRY, Paul. "The Classical Feminist Tradition", Yale University, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wxZDA3M2IOM>.

GENTIL, H. S. *Para uma Poética da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

GILLIES, Ann. *Henri Bergson and British Modernism*. McGill's Queen Press, 1996.

GIORDANO, Alberto. *La contraseña de los solitarios: diarios de escritores*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2011.

GOETHE, W. *Fausto*. Trad. Jenny K. Segall. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

GOLDMAN, Jane (ed). *The Cambridge Introduction to Virginia Woolf*. Cambridge: CUP, 2006.

_____. *The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf*. New York: CUP, 2001.

HALLIDAY, M. e RUOAYA, H. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976, p. 53. Apud CARVALHO, José Augusto. "Pronomes pessoais

generalizados". Disponível em: <<http://www.contraovento.com.br/2017/06/pronomes-pessoais-generalizados/>>. Tradução do autor.

HARKER, James. "Misperceiving Virginia Woolf". *Journal of Modern Literature*, v. 34, n. 2, winter 2011.

HOFFMANN, Charles G. "Virginia Woolf's Manuscript Revisions of 'The Years.'" *PMLA*, v. 84, n. 1, 1969, pp. 79–89.

ISER, Wolfgang. "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Trad. e seleção Luiz Costa Lima. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JAMES, Henry. "The Art of Fiction". Publicado originalmente em 1884 na *Longman's Magazine*. Disponível em: <<http://public.wsu.edu/~campbelld/amlit/artfiction.html>>.

JAMESON, Frederic. *Fables of Aggression*. Berkeley: University of California, 1979.

JAUSS, H. R. *História da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JENNY, Laurent. "A estratégia da forma". *Intertextualidades*. Coimbra: L. Almeida, 1979.

JOHNSON, Pauline. "From Virginia Woolf to the Post-Moderns: Developments in a Feminist Aesthetic". In: SAYRS, Sean; OSBORNE, Peter (ed). *Socialism, Feminism and Philosophy*. London and New York, 1990.

LAWLOR, Leonard; MOULARD LEONARD, Valentine. "Henri Bergson". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2013/entries/bergson/>>.

LEASKA, Mitchell. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *A Passionate Apprentice: The Early Years, 1887-1909*. Harcourt, 1991.

_____. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *The Pargiters*. London: The Hogarth Press, 1978.

LEE, Hermione. *Virginia Woolf*. London: Vintage, 1997.

LEJEUNE, Phillipe. *O pacto biográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LOUNSBERRY, Barbara. "The Diaries vs. Letters: Continuities and Contradictions". In: RIGEL, Beth et. al. *Virginia Woolf: Texts and Contexts, Selected Papers from the Fifth Annual Conference on Virginia Woolf*. NY: Pace University Press, 1996, 93-98.

_____. *Virginia Woolf's Modernist Path. Her Middle Diaries and the Diaries She Read*. Gainesville: University Press of Florida, 2016.

MAJUMDAR, Robin; e McLaurin, Allen. *Virginia Woolf: The Critical Heritage*. Londres e Boston: Routledge, 1975.

MANSFIELD, Katherine. Carta a Elizabeth, condessa de Russell, 8 jan. 1923. Disponível em: <http://www.katherinemansfieldsociety.org/3-january-1923/>.

MANSFIELD, Katherine. *Journal of Katherine Mansfield*. Nova York: Ecco Press, 1983.

MARCHI, D. M. "Virginia Woolf Crossing the Borders of History, Culture and Gender: The Case of Montaigne, Pater and Gournay". *Comparative Literary Studies*, 34, 1997.

MARCHI, D. M. *Montaigne Among the Moderns: Receptions of the "Essais"*. Providence: Berghahn, 1994.

MARDER, Herbert. *Virginia Woolf: A medida da vida*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

MORETTI, Franco. *A cultura do romance*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. *Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

NORTH, Michael. *Reading 1922: A Return to the Scene of the Modern*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

PAULS, Alan. *Cómo se escribe el diário íntimo. Franz Kafka... et all*. Buenos Aires: El Ateneo, 1996.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PODNIIEKS, Elizabeth. *Daily Modernism: The Literary Diaries of Virginia Woolf, Antonia White, Elizabeth Smart, and Anaïs Nin*. Montreal: McGill Queens University Press, 2000.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. v. 2. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

RODRIGUEZ, Laura M. Rojo. "Virginia Woolf and Michel de Montaigne: Ethics and Aesthetics of the Literary Essay". *Bells: Barcelona English Language and Literature Studies* [online], 2004, v. 13. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/Bells/article/view/82934/111042>>.

ROSENBERG, Beth C. e DUBINO, Jeanne. *Virginia Woolf and the Essay*. New York: St. Martin's Press, 1997.

SCHMIDT, Rita T. "Virginia Woolf's Criticism: Towards Theoretical Assumptions on the Art of Fiction". *Revista Ilha do Desterro – A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. n. 24. Florianópolis: UFSC, 1990.

SCHULKIND, Jeanne. Introduction. *Moments of Being. Unpublished Autobiographical Writings*. Mariner Books, 1985.

SHANNON, Drew. The Deep Old Desk. *The Diary of Virginia Woolf*. Tese de doutoramento. Department of English and Comparative Literature, College of Arts and Sciences, University of Cincinnati, 2007.

SILVER, Brenda. "What's Woolf Got To Do With It? Or, the Perils of Popularity". *Modern Fiction Studies*, 38.1 (1992), pp. 35-6.

SIMONS, Judy. *Diaries and Journals of Literary Women from Fanny Burney to Virginia Woolf*. London: Macmillan, 1990.

SNAITH, Anna. "My Poor Private Voice. Virginia Woolf and Autobiography." In: DONNELL, Allison e POLKEY, Pauline. *Representing Lives: Women and Auto/biography*. London: Palgrave Macmillan, 2000.

_____. *Virginia Woolf: Public and Private Negotiations*. London, Palgrave Macmillan, 2001.

_____ e KENYON, Christine. "Tilting at Universities: Woolf's King's College London". *Woolf Studies Annual*, n. 16, 2010.

SPITZER, Leo. *Linguística e história literária*. Madrid: Editorial Gredos, 1961.

TADIÉ, Jean -Yves. *O romance no século XX*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TILDWELL, Joanne. *Politics and Aesthetics in the Diary of Virginia Woolf*. London: Routledge, 2007.

WOOLF ONLINE. Crítica genética e comentários sobre “Time Passes”. Inicialmente desenvolvido por Julia Briggs e concluído após sua morte. Disponível em: <http://www.woolfonline.com/>.

obras de Virginia Woolf

“The Artist and Politics”. Disponível em: <<http://www.gutenberg.net.au/ebooks15/1500221h.html#ch29>>.

A Passionate Apprentice: The Early Years, 1887-1909. LEASKA, Mitchell (ed.). Harcourt, 1991.

A Writer's Diary. Being Extracts from the Diary of Virginia Woolf. WOOLF, Leonard. (ed.). London: Hogarth Press, 1976 (7ª reimpressão da 1 ed. de 1953).

Contos completos. Trad. Leonardo Fróes. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Entre os atos. Trad. Lya Luft. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Granite and Rainbow: Collected Essays. New York: Harcourt Brace, 1958. Disponível em: <http://archive.org/stream/graniterainbowes00wool_djvu.txt>.

Mr. Bennett and Mrs. Brown. Londres: Hogarth Press, 1924.

Mrs. Dalloway. Trad. Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM, 2012.

Orlando. Uma biografia. Trad. Cecilia Meirelles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Trad. Denise Bottman. Porto Alegre: L&PM, 2012.

The Captain's Deathbed and Other Essays. London: Hogarth Press, 1950.

The Common Reader (First Series). MCNEILLE, Andrew (ed. e notas). New York: Mariner Books, 1984. Disponível em: <http://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/index.html>.

The Common Reader (Second Series). MCNEILLE, Andrew (ed. e notas). New York: Mariner Books, 1986.

The Death of the Moth. London: Hogarth Press, 1942.

The Diary of Virginia Woolf. V. 1 a 5. BELL, Anne Olivier (ed.), assisted by MCNEILLE, Andrew. New York: Harvest, 1978 a 1983.

The Essays of Virginia Woolf. V 1 a 6. MCNEILLE, Andrew (ed.). New York: Mariner Books, 1990.

The Letters of Virginia Woolf. V. 1 a 6. NICOLSON, N. e TRAUTMANN J. (ed). London: The Hogarth Press, 1975 a 1978.

The Pargiters. London: The Hogarth Press, 1978.

The Selected Works of Virginia Woolf: Jacob's Room, Mrs. Dalloway, To the Lighthouse, Orlando, A Room of One's Own, The Waves, Three Guineas, Between the Acts. London: Wordsworth, 2007.

The Years. (e-book). Mariner Books, 2002.

Three Guineas. Disponível em: <https://ebooks.adelaide.edu.au/w/woolf/virginia/w91tg/chapter3.html>.

SEGUNDA PARTE

Brevíssima nota sobre a tradução

Esta não é uma tese sobre tradução. Contudo, boa parte das reflexões suscitadas por este trabalho derivaram do trabalho tradutório com o diário de Virginia Woolf. A inexistência de um significado estável, único e definitivo para um texto, que põe por terra a concepção de *equivalência* entre original e tradução para, do meu ponto de vista, colocar em seu lugar a ideia de *correspondência*, de certa maneira espelha o caráter essencial da interpretação no ato crítico. Um texto é um uno, mas não é único, encontrando-se aberto a tantos quantos forem seus leitores. Ao intitular seu famoso ensaio sobre tradução de “A tarefa do tradutor” e não de “A tarefa da tradução”, Walter Benjamin enfatiza a subjetividade do tradutor, onde as tensões entre experiência e teoria se encontram.

Desdobramentos recentes do campo da teoria literária têm se encaminhado nesse sentido. Por exemplo, Laurent Zimmerman, no artigo “Critique et Création”,²²⁵ enfatiza na crítica não um distanciamento do sujeito crítico de seu objeto em nome de uma objetividade isenta (algo que de todo modo é, em última análise, impossível), mas um posicionamento do crítico, com sua subjetividade, no ato de crítica. Ele enxerga a crítica como uma forma de revisão inventiva e transformadora da própria relação com o saber. Uma das formas que ele acredita ser possível realizar isso seria uma crítica que também enfatizasse as possibilidades de escritura que se abrem a partir dos textos analisados. E esse sentido criativo da crítica parece alinhar-se com a tradução literária.

Haroldo de Campos em “Da tradução como criação e como crítica”, de 1962, afirma que ao tradutor criativo caberia a criação de um projeto de leitura que apresente uma crítica do texto original ao mesmo tempo em que se insira no tempo, em sua própria época. “É nesses termos que Haroldo pensa uma crítica via tradução (*criticism via translation*), porque o texto original se presta à análise minuciosa do seu maquinário (...) para que o tradutor o possa recriar, por

²²⁵ ZIMMERMAN, 2013: 198.

meio do labor poético, em outra língua.” (1962: 43-4, apud 2016: 13). O poeta, tradutor e ensaísta Henri Meschonnic afirma que “a teoria, a crítica, a prática são aqui [na tradução] inseparáveis”, uma vez que traduzir não é enfrentar uma língua, mas seu acontecimento enquanto discurso, passível da crítica do sujeito que os interpreta e traduz.

Do ponto de vista pessoal, para mim tais questões literalmente tomaram corpo quando me vi diante dos originais de uma obra que conhecia na forma de um texto impresso e impessoal. Ter a oportunidade valiosa de estar frente a frente com a escrita de Virginia Woolf em uma obra, em princípio, privada e não destinada a publicação, transformou radicalmente o trabalho que eu vinha realizando até então. Diante das pausas, dos borrões (de choro? de tinta?), da fisicalidade dos volumes encadernados a mão, da letra que falha, desaba pela página ou corre livre com capricho e enlevo, o distanciamento já não era mais possível para mim. Entendi, talvez pela primeira vez de modo concreto, a *apropriação literária* de um texto por um tradutor, necessariamente subjetiva – e isso levou a me colocar (e não mais me esconder) na posição de uma intérprete do século XXI, de um país à margem e de uma língua não canônica, para um texto do século XX escrito por uma autora canônica de um país colonizador. Como não poderia deixar de ser, o texto que ora se apresenta aqui é fruto exatamente desse corpo a corpo.

Gostaria de frisar que isso não me levou a abandonar a minha opção (que a alguns poderá parecer contraditória) de manter a maior proximidade que me fosse possível daquele original. Procurei reproduzir a velocidade, o ritmo, a beleza sonora, a estranheza, a dificuldade e o impacto do diário de Woolf. Para isso, como já observado na Primeira Parte desta tese, escolhi resgatar a sua forma gráfica original (devolvendo a continuidade que foi quebrada na edição comercial com a inserção de novos parágrafos e entradas). Para denotar a rapidez da escrita, mantive o uso de “&” do original, em vez de “and”, fazendo assim uma escolha estrangeirizante, posto que no português não faz sentido tal abreviação feita nos textos escritos velozmente na língua inglesa: a grafia de “e” já é pequena o suficiente e não constitui um impedimento para o fluir da caneta. Da mesma maneira, como o texto do diário não foi revisado por Virginia Woolf, busquei reproduzir no português suas repetições; o uso de numerais grafados como algarismos e não por extenso; o uso ocasional de abreviações (“cd.” em

vez de “could”, “Ly” em vez de “Lady”, o uso de iniciais para se referir a pessoas etc. – inserindo o termo completo entre colchetes ou notas de rodapé se considerava que isso deixava o texto misterioso demais); a pontuação estranha (com muitas ausências de vírgulas, ou profusão de vírgulas em lugares não convencionais); os parênteses que por vezes são abertos e esquecidos por fechar; e o uso peculiar de caixa-alta (como em “Press”, que Woolf usava para se referir à sua própria editora).

Gostaria de encerrar com uma breve observação sobre a velocidade com que o diário foi escrito. É incrivelmente impressionante a quase ausência de rasuras e o acabamento primoroso desse texto, que a meu ver só se explicam pela história pessoal de Woolf – pelo fato de ela escrever muito, diferentes gêneros, e desde uma tenra idade (no mínimo desde os 8 anos de idade). Mary Hutchinson, amiga da autora, comenta algo que pode iluminar esse aspecto. Ao conhecer Virginia Woolf, em 1918, ela assim escreve para Lytton Strachey: “Na minha opinião, o maior encanto de Virginia é que ela falava frases que em geral só encontramos por escrito. Frases perfeitamente literárias, ditas sem a menor hesitação ou embaralhamento. Ficávamos estimulados a ouvi-la mesmo quando ela só estava pedindo mais leite. Por mais estranho que pareça, era como estar dentro de um romance.”²²⁶

Referências

- MESCHONIC, Henri. *Pour la poétique II: Épistémologie de l'écriture; Poétique de la traduction*. Paris: Gallimard, 1973. Apud: FLORES, Guilherme Gontijo. Da tradução em sua crítica: Haroldo de Campos e Henri Meschonic. *Circuladô* (Revista de Estética e Literatura do Centro de Referência Haroldo de Campos). São Paulo: Poiesis/ Casa das Rosas, p. 9-24, ano IV, n. 5, 2016.
- ZIMMERMAN, Laurent. Critique et création. *Les Temps Modernes*, Paris, v. 672, p.191-99, 2013.

²²⁶ Carta de Mary Hutchinson a Lytton Strachey, 11 jul. 1918. Apud LEE, 1997: 382.

O Diário de Tavistock

52 Tavistock Square

Sábado, 5 de abril Bem, vou fazer um breve começo – depois de 3 semanas de silêncio. Que de silêncio não tiveram nada. O barulho dos ônibus e táxis foi uma preocupação, e o ruído da língua humana me perturbou, tanto de forma agradável quanto de outras, e agora estou quase caindo no sono. Leonard segue trabalhando como sempre. Esta noite, & uma outra, foram as únicas que passei aqui esta semana; & hoje a tarde inteira se foi conversando com Mr. Littell da *New Republic*. Mas serei capaz de reunir algumas das primeiras impressões? De como a Marchmont Street parecia Paris; de como na minha primeira noite no porão vi a lua com nuvens passageiras, & era uma lua aterrorizante, uma lua nova & londrina; pavorosa & empolgante; como se a lua de Richmond tivesse sido velada. Ah a conveniência deste lugar! & o encanto também. Voltamos dos teatros a pé, pelo meio das entranhas de Londres. Por que adoro tanto esta cidade?... se ela é impiedosa & seu coração, frio como pedra. Os comerciantes não conhecem ninguém – mas esses comentários indelicados sobre os comerciantes da Marchmont Street foram interrompidos & agora é terça-feira, 15 de abril, & L. & eu acabamos de fazer um desses apanhados melancólicos das situações, tão típicos da meia-idade, que acontecem de tempos em tempos mas quase nunca são registrados. Decerto agora, pensando nisso, a maior parte da vida escapa: a textura de um dia comum. Esta era para ter sido uma semana tranquila, & convidei Mortimer para vir depois de Gerhardt¹ ontem à noite, & ele se pôs a falar a torto e a direito sobre seu dinheiro & seus tios; de modo que L. caiu num humor desesperadamente lúgubre. Nem uma palha levantamos no trabalho diz ele, desde que viemos para Londres. Acho que em grande parte isso é a imaginação antecipando o que os outros diriam, enquanto o verdadeiro peixe se debate na rede. Gerald Brennan voltou; Roger desvairado para nos pintar; Morgan, élfico, zombeteiro, alheio; Nessa & Duncan. E teve ainda o acidente de Angelica que, por sua

¹ Recital de Elena Gerhardt.

psicologia, eu devia ter descrito. Nessa estava pintando, fui atender o telefone. Uma notícia ruim decerto precisa esmagar o otimismo antes de atingir os ouvidos de alguém. Louie & Angelica foram atropeladas por um carro & estão no hospital de Middlesex. Depois de enfiar aquilo na cabeça, tive de repeti-lo para Nessa: destruir todo aquele agradável conforto cotidiano, com cheiro de tinta na sala & Tom que acabara de subir para vir tomar o chá. Ela afastou-se do telefone instintivamente, saiu correndo, dando voltas & mais voltas desorientada por um segundo. Então lá se foram eles a toda velocidade, & eu atrás, & dali fomos para o hospital, de mãos dadas no táxi; & depois um completo tormento, porque lá estava Louie, com o pé enfaixado, mas nada de Angelica; somente uma enfermeira lacônica que se esquivou das perguntas e nos levou para trás de um biombo, onde Angelica estava deitada numa cama, inerte, o rosto virado de lado. Por fim ela se mexeu. “Não está morta” Duncan disse. Os dois pensavam que ela tivesse morrido. Então o jovem doutor chegou, & pareceu querer frisar para a mãe, calma & respeitosa mas firmemente, que aquele era um caso sem esperança: gravíssimo, o carro passara por cima do ventre. Sim talvez fosse necessário operar. Já tinham mandado vir o cirurgião, que naquele momento estava no trem. Então Nessa voltou a sentar, & mais uma vez presenciei o olhar extraordinário de angústia, desorientação, resignação, que vi na Grécia, acho, quando ela adoeceu. Assim se expressam os sentimentos das pessoas que não falam. Minha sensação era, “uma vidraça me protege. Só tenho permissão para ser espectadora disso tudo”, o que em parte me encheu de inveja, em parte de pesar. Então me mandaram chamar Clive, & assim fui preservada, ou excluída, da longa espera ali, naquela sala barulhenta. É estranho chegar tão perto do sofrimento & no fim ser poupada. O que eu sentia era, não tristeza ou pena de Angelica, mas que agora Nessa seria uma velha; que aquilo se tornaria uma marca indelével; & que a morte & a tragédia tinham mais uma vez descido a pata sobre nós depois de nos deixar correr alguns passos. As pessoas jamais superam creio eu as suas primeiras impressões sobre a morte. Eu me sinto sempre perseguida. Mas tudo se resolveu. Não havia nada de errado com Angelica – desta vez tudo não passou de uma brincadeira.

Leva-se muito tempo para formar um hábito – o hábito de morar no número 52 da Tavistock Square ainda não se formou, mas progride.

Uma semana se foi sem que eu me incomodasse com o barulho. Para-se de ouvir e de ver. Os interesses dominantes, suponho, sobrepõem-se, ordenam as coisas, triunfam sobre os menos importantes. Percebo muito menos as coisas do que há 10 dias. Logo farei da vida nesta salinha um hábito. Quanto ao trabalho, terminei o capítulo do médico no meu romance [MD]: & estou polindo os gregos [“On Not Knowing Greek”, para o CR]; as depressões de sempre me assaltam. Meu criticismo me parece bastante caprichoso às vezes. Mas não existe nenhum princípio a não ser seguir implicitamente esse cérebro caprichoso, desbastar o que não serve, até ter nas mãos a forma exata, & se ela não for boa a culpa é de Deus, ora essa. Ele que nos fez, & não nós a nós mesmos. Gosto desse texto. Não sinto a mínima saudade de Richmond. Ethel Sands &c acham que eu devia sentir falta da minha bela sala. Mas agora contemplo algo ainda mais lindo – o Hotel Imperial à luz da tardinha; rosado e amarelo como o quebra-mar de Brighton. Das tardes de sábado sinto um pouco de saudade – Como me desvio e divago! Marjorie Joad [*funcionária da editora*] tirou férias. Eu cuido das coisas de manhã. Dadie veio nos ver – um jovem sensível & vaidoso, com fibra considerável, arrisco. Às vezes o futuro parece perigoso; ou melhor, problemático; a editora quero dizer, mas sempre frutífero e interessante. Não mencionei nada sobre minha palestra no London Group, que arrancou lágrimas; nem sobre uma série de assuntos. Na quinta vamos a Rodmell, um teste à resistência da pobre Nelly. E agora aos elisabetanos [“Notes on an Elizabethan Play”, do CR].

As casas da Gosvenor Sqre são iguaizinhas aos salões das hospedarias vitorianas ou das pensões glorificadas; belos recintos desproporcionados; cadeiras folheadas a ouro, mesas de madeira entalhada; urnas & vasos pintados de tom malva claro na seda lavada que recobre as paredes. Um fogo pequenino arde numa grande lareira; protegida por um vidro; & lá se empoleiram Nelly e Lord Bob, muito frios & formais, enquanto um mordomo serve bolinhos.

Hoje faz 29 anos que minha mãe morreu. Acho que foi num domingo de manhã bem cedo, olhei pela janela do quarto das crianças & vi o velho Dr Seton afastando-se com as mãos atrás das costas, como se dissesse Terminou, & então as pombas descendo, para bicar a rua, imagino, num pouso de paz infinita. Eu tinha 13 anos, & seria capaz de preencher uma página inteira ou mais com as minhas impressões daquele dia, muitas

delas mal recebidas por mim e escondidas dos adultos, mas justamente por isso bastante memoráveis: por exemplo, como eu ri, por trás da mão levantada para supostamente esconder minhas lágrimas; e espiei por entre os dedos as enfermeiras soluçando.

Segunda, 5 de maio Mas basta de morte – é a vida o que importa. Voltamos de Rodmell 7 dias atrás, depois de uma Páscoa régia à qual Nelly sobreviveu heroicamente. Depois de arrancar as ervas-daninhas tive de entrar em casa para escapar do sol; & como a tranquilidade marulhava ao meu redor! & depois o quão embotada fiquei, para ser bem sincera: & como a beleza transbordou sobre mim & encharcou meus nervos até eles estremecerem, do mesmo modo como vi uma planta aquática fazer ao ser encoberta pela água. (Não foi exatamente assim, mas um dia preciso expressar essa sensação). E o meu incômodo com o barulho – tive dor de cabeça ou o quê? Esqueço, agora que voltei de Rodmell pela segunda vez & esgotei minhas inquietações como de costume. Pois tenho a impressão de que se eu não tomar cuidado este diário corre o risco de morrer de Londres. Londres é encantadora. Quando saio, piso em um tapete mágico fulvo, que me transporta até a beleza sem que eu precise levantar um dedo. As noites são assombrosas, com aqueles pórticos brancos e largas avenidas silenciosas. E as pessoas vão & vêm, leves, divertidas como coelhos; & eu olho para a Southampton Row, molhada como o lombo de uma foca ou vermelha & amarela da luz do sol, & para o vaivém dos ônibus, & escuto os velhos realejos enlouquecidos. Um dia desses vou escrever sobre Londres, como ela arranca a vida privada & a leva embora sem o menor esforço. Os rostos que passam levantam o meu espírito; impedem que ele se acomode, como lá na modorra de Rodmell.

Mas minha cabeça está repleta d'As Horas. Digo agora que vou escrevê-lo durante 4 meses, junho, julho, agosto & setembro, & então estará pronto, aí irei deixá-lo de lado por três meses, durante os quais vou terminar os meus ensaios [do *CR*]; & aí será – outubro, novembro, dezembro – janeiro, & irei revisá-lo em janeiro fevereiro março abril; & em abril sairão meus ensaios, e em maio meu romance. Esta é minha programação. O livro agora se desenrola da minha cabeça rápida e livremente como nunca, desde a crise de agosto passado, que considero o seu início; caminha depressa, apesar de tantas interrupções. Está tornando-se mais analítico e humano, eu acho; menos lírico; mas sinto

como se eu tivesse soltado as amarras completamente e pudesse derramar tudo ali dentro. Se assim for – ótimo. Resta lê-lo. Almejo 80.000 palavras desta vez. E me agrada estar em Londres para escrevê-lo, em parte porque, como digo, aqui a vida sustenta; e com a minha mente inquieta, é ótimo ser impedida de andar em círculos. Além do quê, ver seres humanos andando desgarrados como borboletas é um ganho infinito para mim. E posso ir & vir & refrescar minha estagnação. Toda a vida social ficou por registrar. Tidmarsh, Cambridge, & agora Rodmell: tivemos uma estranha festinha aqui dia desses – quando o sinistro & pedagógico Tom fez uma triste & estranha figura. Não consigo me livrar totalmente das desconfianças em relação a ele – na pior das hipóteses elas se resumem a chamá-lo de professorzinho americano: um homem de extrema vaidade. Ele me levou para ver Lear (não registrei aqui), que nós dois zombamos & desprezamos; mas agora na Criterion aparece com críticas solenes e pomposas a todos os que zombam & desprezam a peça. Eu o interpelei a respeito, de leve: ele se empertigou todo e disse que foi sincero no que escreveu: então quer dizer que não é sincero no que diz? Deus sabe. Existe nele algo de esquisito & dissimulado, de maledicente, suspeito, elaborado, inquietante: boa parte disso tudo se amenizaria com uma dose de puro elogio, coisa que dificilmente ele pode ter esperanças de receber. Philip Ritchie estava lá com seu nariz afiadíssimo. Devo tomar um banho?, já que o Dr. Glover² virá para discutir o P.S.S. [*não identificado*], & então colocar meu vestido vermelho novo? Leonard pensa menos de mim por eu empoar o nariz & esbanjar dinheiro com vestidos. Não importa. Adoro Leonard.

Sábado, 14 de junho Recém-chegada do Pentecostes em Rodmell, & prestes a sair para ver Nessa & Angelica na Gordon Square; daí que o meu diário ficará prejudicado; sufocado pelo excesso de vida. O que ficou por registrar entope a minha caneta. A história de Roger no Etoile na outra noite talvez seja a minha novidade mais sensacional. “Algo terrível me aconteceu”, disse ele, olhando cheio de firmeza com seus grandes olhos arregalados. Ao que eu, frívola que sou, ri. “Mas foi terrível mesmo”, ante o que então o meu coração parou de bater, para crédito seu, imaginando que fosse

² Dr. James Glover era psicanalista e iria tratar da publicação dos estudos da International Psycho-Analytical Library. Isso levaria a Hogarth a ser a editora inglesa das obras de Freud, numa edição supervisionada por James Strachey. Philip Ritchie, mencionado logo acima, era o mais novo amor de Lytton Strachey.

câncer. Então ele me contou a história da camponesa francesa maluca que por amor a ele atirou-se de um penhasco em Havre, olhando na direção da Inglaterra. “E assim se foi a minha última chance de felicidade”, disse Roger. E assim caminhamos pela Tottenham Court Rd sob a chuva torrencial, eu protestando afeição, & Roger dizendo que ele estava condenado; estava amaldiçoado; nunca tivera mais do que 3 semanas de felicidade na vida. “Prazeres eu tenho – gosto dos meus amigos – mas felicidade não”. Entendo o que ele quer dizer. E ele é tão jovem, diz – & tão fascinado pelas mulheres. Ao que Nessa acrescenta, muito pertinentemente, que ele irá se recuperar & fazer tudo de novo. Porque logicamente não podemos evitar ser cínicas e alegres. Se nos ouvissem, patinhos como Ott. (que veio aqui contaminar a casa nesta noite de junho) pensariam que somos sem coração. Mas quanto tempo Roger consegue amar uma mulher sem levá-la à loucura? A criatura pensava que ele estava rindo da sua cara, pois ele tingia coletes de amarelo & os enviava para ela, dizendo que os vestisse e se virasse para o leste para curar-se da tuberculose. E lhe mandava fotos de esculturas africanas. Por algum motivo, contra os meus hábitos, sinto que eu deveria escrever um conto a respeito.

Sábado 21 de junho Estou ah com tanto sono; na verdade acabei de acordar de um cochilo modorrento. Esta semana é a semana dos Apóstolos, & fomos a uma festa decepcionante na noite passada, depois da qual L. contemplou, seriamente, alguma forma científica de suicídio. Eu também estou com meus humores. Se não sentisse tanto sono, escreveria sobre a alma. Acho que chegou a hora de suspender aquela promessa de não descrever a alma. O que eu ia dizer mesmo? Alguma coisa sobre os humores violentos da minha alma. Como descrevê-los, mesmo com a mente desperta? Acho que estou me tornando cada vez mais poética. Talvez eu tenha refreado a alma, & agora, como uma planta num vaso, ela começa a rachar a cerâmica. Com frequência sinto os diferentes aspectos da vida estilhaçando minha cabeça em pedacinhos. Morgan talvez esteja contido demais no seu novo livro. Quero dizer, de que servem os fatos, na nossa idade? Para que construir esses casulos minuciosos: por que não dizer diretamente... sim, mas o quê? Encontrei Sydney Waterlow ontem à noite, & fui monolítica de propósito – o que não

é bom, mas eu temia borbotões & profundezas, & quis continuar distante. Ele sem sombra de dúvida é adepto de se falar o que se pensa. Murry casou de novo; & já não penso mais em Katherine com tanta vividez. Estou ansiosa & um pouco alarmada com a vinda de Dadie [*para a editora*], sobretudo porque eu acho que isso nos compromete de modo mais sério. Mas isso logo vai passar. Parece ser o início de dez anos de trabalho duríssimo, porque, para começo de conversa, eu devia odiar o fracasso, & para não fracassar devemos continuar em frente, pensando, planejando, imaginando, escrevendo cartas, pedindo para Vita escrever, etc etc, para Siegfried [*Sassoon*] escrever, aceitando Nancy Cunard; não vejo como Marjorie [*Joad*] poderia se encaixar nesse quadro geral, & já antecipo algum novo arranjo. Até agora, nada de fofoca & nada de alma. Contudo encontrei – Bob, Desmond, Lytton, Sebastian, Dorothy Bussy, Mrs. Eliot – esta última me deu ânsia de vômito, de tão perfumada, tão empoadada, tão egoísta, tão mórbida, tão fraca; mas já desanimo & começo a falar mal do resto de nossos feitos.

Estou escrevendo sem parar, & consigo agora ver o caminho até o final, daí que galoparei até lá, de um jeito ou de outro. Mas o torpor me invade, & não consigo escrever o que imaginei que escreveria antes do chá; não consigo sequer lembrar o que era; mas vou descer até o porão onde L. está imprimindo & depois dar uma volta na Gordon Sqre & voltar para jantar, & então terminar Romeu e Julieta junto à janela aberta com essa vista adorável, apesar do barulho, & então dormir, acordar & tudo o mais.

Terça, 3 de julho

Hoje é o segundo dia de Dadie. Olhei pela janela do meu quarto enquanto me vestia, ontem, & o vi de cinza com um chapéu-coco preto caminhando com Leonard e Grizzle [*a cachorra*] até a caixa de correio. Marjorie está doente, o que vem a calhar: um negócio como este requer agilidade; sentei no porão dois dias atrás e faturei £5. Sem dúvida os negócios andam prosperando – tudo isso é uma diversão divina. Mas deixei que Garsington mofasse como uma guirlanda apodrecida na minha caneta. Isso foi domingo passado. E junto com Garsington a esmaltada Lady Colefax, que esteve aqui nesta mesma sala como um punhado de cerejas artificiais baratas, porém ao mesmo tempo leal, firme, habitando uma travessa lustrosa de fatos: como por exemplo Wembley: “um homem que

estive no Canadá me contou”, “Por acaso conheço o Editor do Daily Express”, o tempo inteiro tremendo ligeiramente, de medo; inquisitiva; incapaz de afundar até as profundezas, mas uma esplêndida navegadora da superfície; que é reluzente, suponho, & agitada. Não consigo me forçar a desprezar essa palerma como eu deveria. Mas os aristocratas, mundanos, apesar de seu revestimento polido, são vazios, escorregadios, untam a mente com açúcar & manteiga & a deixam escorregadia também. O sólido Lord Berners, que pode muito bem ter vindo ao mundo de um buraco de carvalho, não conseguia parar de contar histórias, não suportava o silêncio, & muito preferia o riso à reflexão: características adoráveis, diz Clive. Para mim, depois de certo tempo, exaustivas & deprimentes. O bom & pernóstico pudico Peter [F. L. Lucas], de olhos brilhantes, está um nível acima disso. Eu o conheci na casa de Clive, e ele, cheio de elegância, dissecou a literatura inglesa com um canivete. (Aqui Dadie chegou & tive de preparar-lhe o chá; depois caminhamos na praça embaixo de chuva; chamamos os Stracheys, e o que não ouvi da Lady Strachey sobre o terno azul de Lord Lytton!)

Sábado, 5 de julho Acabo de chegar, não do 1917 Club³, mas de Knole, onde sim, fui convidada para almoçar a sós com Vossa Senhoria. Vossa senhoria vive no miolo de uma ampla noz. Perambula-se por quilômetros de galerias; salta-se incontáveis tesouros – cadeiras onde Shakespeare talvez tenha se sentado –, tapeçarias, quadros, assoalhos feitos de metades de carvalhos; até que por fim adentra-se até uma mesa redonda reluzente com uma toalha posta para uma pessoa. Uma dúzia de taças formam um círculo, cada qual com uma rosa. Que pode um ser humano fazer para se emperequetar num ambiente desses? Ficamos com a sensação de que deveríamos ser um elefante, capaz de deglutir rebanhos inteiros e de ser soterrado em árvores floridas – quando, no fim das contas, apenas um nobre solitário almoça sozinho no centro, com o guardanapo dobrado em formato de flor de lótus. É óbvio que meus valores humanos & estéticos não ficaram intactos. Knole é um conglomerado de construções da metade do tamanho de Cambridge, eu arriscaria dizer; juntando o Trinity

3 O 1917 Club, fundado por LW e alguns de seus amigos, foi um clube de socialistas que se encontrava no Soho, em Londres, na primeira metade do século XX. Era formado basicamente de membros do Partido Liberal e de alguns artistas, notadamente do grupo Bloomsbury. Entre seus membros estavam Aldous Huxley e H. G. Wells.

Clare & o King's talvez tivéssemos algo aproximado. Mas as extremidades & o meio estão mortos. Cordões isolam metade dos aposentos; as cadeiras & os quadros parecem preservados em conserva; a vida os abandonou. Há cem anos os moradores não se sentam para jantar no grande salão. E tem ainda o altar de Mary Stuart, onde ela rezou antes de ser executada. "Foi um dos nossos antepassados que lhe levou a sentença de morte", disse Vita. Todos aqueles antepassados & séculos, toda aquela prata & ouro, produziram um corpo perfeito. Ela parece um veadado, ou um cavalo de corrida; exceto o rosto, que é projetado para a frente; & o cérebro, que não é muito ágil. Mas, enquanto corpo, o dela é a perfeição. Uma enorme quantidade de objetos raros & curiosos atingem o nosso cérebro como se fossem projéteis, & talvez mais tarde se desdobrem em alguma coisa. Não fiz uma figura muito inteligente ao lado de Geoffrey Scott...⁴ Lá estava Lady [Dorothy] Gerald Wellesley, & passeamos de carro por Kent, que Vita tanto adora; tudo muito livre & à vontade, tudo muito flexível, como é típico dos aristocratas; sem inibições, sem falsas reservas; pode-se dizer qualquer coisa; mas, como de praxe, aquela funesta simplicidade ou rigidez mental que faz tudo parecer meio explícito e vazio. Mais inteligência, meu Deus! – (estou tão saturada que nem consigo citar direito)⁵. No quesito ambiente & preparativos, sempre sinto que os daquela casa, os de Ottoline ou os de qualquer outro aristocrata que conheço são a perfeição. Porém a pessoa aguarda, e nada acontece. Nada além de Harold [Nicolson], sentado na barra de ferro diante das grandes toras ardentes & dando leves cabeçadas na borla do baldaquino, ou seja lá como aquilo se chama, nada era confiável, honesto e vigoroso. Vestia um paletó de veludo azul. Gostei mais dele do que do encantador & vigoroso Geoffrey. Para falar a verdade desconfio que Geoffrey desconfiou de mim; farejou que sou do seu bando, e não do dos aristocratas, sem querer piscou-me um olho, como se fôssemos dois mendigos, & não gostou que o recordassem dos seus dias de mendicância. Falou amargurado de Florença, dos Berensons & desse grupo terrível. Mas o que eu trouxe comigo como uma impressão foi a estirpe de Vita; levei tanto ela quanto Knoke gravados no meu olho

⁴ Ex-amante de Vita, arquiteto e diplomata. Esta foi a primeira visita de VW a Long Barn, casa de campo dos Nicolson.

⁵ "More brain, o Lord, more brain!". *Modern Love*, de George Meredith. (AOB)

enquanto seguia viagem para o norte junto com as baixas classes médias, atravessando os cortiços – ao passo que Knole, que poderia muito bem abrigar todos os miseráveis desesperados da Judd Street, guarda em seu miolo apenas aquele único conde solitário. Marjorie está com pneumonia; & muito provavelmente teremos de trabalhar até dizer chega. Chovem originais; esta editora começa a tornar-se um negócio sério.

Sábado, 2 de agosto Aqui estamos em Rodmell, eu com 20 minutos para preencher até o jantar. Uma sensação de depressão me invade, como se fôssemos velhos & estivéssemos próximos do fim de todas as coisas. Deve ser pelo contraste com a vida em Londres & com o trabalho incessante. Enfim; estando eu numa maré baixa em meu livro – a morte de Septimus – começo a me considerar um fracasso. Ora, o objetivo da editora é justamente impedir tais taciturnidades, fornecer qualquer coisa sólida em que eu possa me apoiar para não cair. Não importa; se não consigo escrever, posso fazer os outros escreverem: posso desenvolver um negócio. O interior do país é como um convento. A alma nada até o topo. Julian veio de visita & já se foi, um rapaz alto que, por acreditar inveteradamente que sou tão jovem quanto eu acredito ser, parece um irmão mais novo: enfim, sentamos & batemos papo com a maior naturalidade. É tudo tão parecido – a escola dele é uma continuação da de Thoby. Ele me contou dos garotos & professores, como Thoby costumava fazer. E, da mesma maneira, tudo me interessa. Ele é um rapaz sensível, muito alerta & um tanto combativo; cheio de Wells, de descobertas, do futuro do mundo. E, sendo sangue do meu sangue, é fácil de entender – será bastante alto & um advogado, palpite. No entanto, apesar de toda a reclamação do início disto aqui, sinceramente não me sinto velha; a questão é só recuperar o fôlego para escrever novamente. Ah, se eu pudesse entrar no meu veio & minerá-lo até o fim, até suas profundezas, com facilidade, em vez de arrancar com uma picareta essas míseras 200 palavras por dia! Por outro lado, à medida que o original cresce, sinto o velho medo. De lê-lo & achá-lo fraco. De comprovar que Murry tinha razão, que não há como avançar depois de *Jacob's Room*⁶.

⁶ No artigo "*Romance*", publicado na *Nation & Athenaeum* em 10 de março de 1923, Murry atacou a falta de enredo da parte das "mentes mais originais" da nova geração de autores de ficção, citando como exemplos D.H. Lawrence, Katherine Mansfield e Virginia Woolf e concluindo que, por conseguinte, o romance havia atingido "uma espécie de impasse". (AOB)

Por outro lado, se tem algo que este livro prova é que só consigo escrever ao longo dessas linhas, & que jamais irei desertá-las, & sim explorá-las mais & mais, & que, os céus sejam louvados, nunca sentirei tédio nem por um instante. Mas & essa leve depressão – o que será? Acho que eu poderia curá-la se atravessasse o canal & não escrevesse nada por uma semana. Quero ver alguma coisa acontecendo em alvoroço à minha revelia: uma cidadezinha da França, por exemplo. Isso mesmo, tivesse eu a energia, iria até Dieppe; ou me contentaria em explorar Sussex de ônibus. Agosto será quente. Desabam dilúvios. Hoje nos abrigamos embaixo de um monte de feno. Mas, ah, a sutileza e complexidade da alma – pois não comecei a explorá-la & ouvir a sua respiração, afinal? Mudar de casa me faz oscilar por dias. E isso é viver, é sadio. Não vacilar nunca é a sina de Mr. Allison, Mrs. Hawkesford & Jack Squire⁷. Daqui a dois ou três dias, já aclimatada, iniciada nos trabalhos, lendo, escrevendo, nada disso existirá. Se não vivêssemos de modo aventureiro, agarrando o bode selvagem pela barba & tropeçando pelos precipícios, nunca ficaríamos deprimidos, disso não tenho a menor dúvida; mas então já estaríamos desbotados, fatalistas & velhos.

Sábado, 3 de agosto Agora ela está indo embora, minha bruma prateada, & quase não reconheço o meu eu de ontem. L. estava me falando da Alemanha, de reparações, de como o dinheiro é pago. Deus que cérebro fraco eu tenho – como um músculo desabitado. Ele fala; as informações entram; mas não sei o que fazer com elas. Talvez com exercícios cerebrais bastante dolorosos eu venha a entender um pouco mais do que Nelly da situação mundial. Já L. entende tudo – capta todos os argumentos do jornal absolutamente no mesmo instante & os conecta uns aos outros, pronto para produzir. Às vezes acho que o meu cérebro & o dele são de ordens diferentes. Não fosse essa minha imaginação, essa minha inclinação para os livros, & eu seria uma mulher bastante comum. Nenhuma de minhas aptidões é muito forte. Mas é uma questão de trabalho.⁸ Já consegui me

⁷ Squire era editor do *London Mercury*, jornal mensal de posição conservadora que se tornou famoso por publicar uma ampla variedade de literatura séria de sua época – incluindo poemas de Robert Frost, Robert Graves, Siegfried Sassoon e William Butler Yeats, e contos de Katherine Mansfield, Virginia Woolf, Margaret Irwin e J.B. Priestley.

⁸ Por esse trecho depreciativo, percebe-se como no começo de carreira VW se sentia inferior intelectualmente ao marido. Isso é algo que irá mudar a partir do fim dos anos 1920, depois que ela estiver bem estabelecida como escritora.

recompor um bom tanto aferrando-me aos meus livros: primeiro as minhas 250 palavras de ficção, depois um começo sistemático, ousou dizer o 80º, do Leitor Comum, que poderia ser concluído num piscar de olhos, creio, tivesse eu a chance de piscá-los & acabar logo com isso. Mas essas coisas exigem muito trabalho. Agora é que me dou conta, preciso ler *Pilgrim's Progress: Mrs. Hutchinson*. E será que devo demolir Richardson? que nunca li. Sim, vou correr embaixo da chuva para chegar em casa & ver se Clarissa⁹ está lá. Porém esse é apenas um bloco do meu dia, um romance muito mas muito longo. Depois preciso ler Medeia. Preciso ler um pouco de Platão traduzido.

Sexta, 15 de agosto Em meio a todos esses planos, veio a morte de Conrad, seguida por um telegrama do Lit. Sup. solicitando encarecidamente que eu tivesse a gentileza de escrever um editorial sobre ele, o que, lisonjeada & leal, mas a contragosto, escrevi; & já saiu; & portanto para mim esse número do Lit. Sup. está interditado (pois não consigo, nem jamais conseguirei, ler meus próprios textos. Além disso, agora que o Walkleyzinho está de novo em modo de guerra, eu bem que espero uma ferroada na quarta que vem).¹⁰ E contudo nunca, nunca trabalhei tanto. Porque, tendo de concluir uma matéria de capa em 5 dias, eu aproveitava o intervalo após o chá – & não via diferença entre o intervalo do chá & o da manhã. Acaso isso não me dava duas horas extras para os textos de crítica (como Logan os chama)? Daí que estou tentando: minha ficção antes do almoço, & os ensaios depois do chá. Pois estou vendo que Mrs. Dalloway vai se estender para além de outubro. Nas minhas previsões eu sempre esquecia algumas cenas intermediárias importantíssimas: creio que posso ir direto até a grande festa & daí terminar; deixando de lado a cena de Septimus, que é um negócio bastante intenso & delicado, & pular Peter Walsh jantando,

⁹ *The Pilgrim's Progress*, de John Bunyan, e *Memoirs of the Life of Colonel Hutchinson... by his widow Lucy*, de Lucy Hutchinson. (AOB)

Clarissa talvez seja uma referência a *Clarissa Harlowe*, de Samuel Richardson – embora a alusão ao nome da heroína de Mrs. *Dalloway* (que naquele momento Woolf tanto se debatia para escrever) não possa passar despercebida.

¹⁰ Em 30 jul. 1924, A.B. Walkley discutiu em sua coluna semanal no *Times* “A personagem de ficção” – a versão editada do ensaio “Mr. Bennett and Mrs. Brown” que Woolf publicara na *Criterion* de T.S. Eliot, em julho. “Mr. Bennett e Miss Woolf (...) afirmam que o romance, para ser bom, deve ser um romance de personagem; que o que conta é apenas a criação da personagem (...). Miss Woolf segue uma trilha difícil demais para os meus pés”. A mera observação de Woolf de que “em dezembro de 1910 ou por volta disso, o caráter humano mudou” levou Walkley a perguntar se acaso “aquele prodigioso evento passara despercebido ao Velho Moore?” Ao contrário do que Woolf temia, não houve nova ferroada, pois Walkley não publicou nenhuma resenha em agosto daquele ano.

que pode ser um obstáculo também. Mas gosto de ir de uma sala iluminada para a outra, assim parece ser o meu cérebro para mim; salas iluminadas; enquanto as caminhadas pelos campos são corredores; & agora, hoje, estou deitada, pensando. Aliás, por que a poesia é um gosto exclusivamente dos velhos? Quando eu tinha 20 anos, apesar de Thoby, que costumava ser tão insistente e rigoroso, nem por decreto eu conseguia ler Shakespeare por prazer; agora, quando estou caminhando, pensar que tenho 2 atos do Rei João para ler esta noite & que em seguida tenho Ricardo 2º me ilumina. É poesia o que eu quero agora – longos poemas. Sim, estou pensando em ler *The Seasons* [de Thomson]. Quero a concentração e o romantismo, os mundos colados uns nos outros, fundidos, resplandecentes: não tenho mais tempo para desperdiçar com prosa. Porém, isso deve ser exatamente o contrário do que as pessoas dizem. Quando eu tinha 20 anos gostava da prosa do Século 18; de Hakluyt, de Merimée. Lia enormes quantidades de Carlyle, da biografia de Scott e cartas, Gibbon, toda espécie de biografias em dois volumes, e Shelley. Agora é poesia o que eu quero, assim eu repito como um marinheiro bêbado diante da taberna.¹¹ Fomos a Charleston, & os Keynes (assim eles se chamam agora) com Robertson¹² a tiracolo vieram para cá. Lydia (eu a chamei de Rezia sem querer) deixa migalhas grudadas no rosto. E Maynard anda bastante gordo e opulento; mas me agrada nele a inocência. Em Charleston estava o garoto gorducho de calças azuis de algodão – quer dizer, Quentin; quase uma placa de rua, agora que voltou, mais gordo do que nunca. Julian um tanto nervoso & bem talhado em comparação; & o velho Roger magro, bronzeado & truculento, atacando primeiro Shaw, depois Conrad, & levando os artigos de L. ao pé da letra & belicosamente como sempre. Ah esses quacres! Mas não acho que ele seja muito feliz, & aquele caso em Havre o está comendo por dentro, bem no seio da vida familiar, não tenho dúvida. Agora não me interessa mais descrever milharais, grupos de mulheres colheitadeiras em roupas folgadas azuis & vermelhas & menininhas de vestido amarelo que ficam observando. Mas não é culpa dos meus olhos: outra noite, voltando de Charleston, mais uma vez todos os meus nervos se eriçaram,

¹¹ Ela voltaria a frisar isso em 1928, na passagem analisada da p. 114 desta tese.

¹² Dennis H. Robertson, economista, fora aluno de Maynard Keynes antes da guerra. Com ele o casal Keynes foi tomar o chá em Monk's House no dia 9 de agosto. (AOB)

afogueados, eletrificados (qual a palavra?) com a beleza absoluta – a beleza abundante e superabundante, de maneira que ficamos quase ressentidos por não conseguirmos apreender, fixar tudo aquilo no momento.¹³ O percurso pela vida se torna imensamente interessante quando tentamos apanhar de passagem todas essas manifestações. Sinto como se eu estivesse Tateando com os dedos, hesitante (aqui entra Leonard & pede uma aranha para levar Dadie a Tilton amanhã)¹⁴, os lados de um túnel atulhado de quinquilharias. E já não descrevo mais encontros com bandos de Alderneys¹⁵ – embora alguns anos atrás isso fosse necessário –, como eles latiam & baliavam como veados ao redor de Grizzle; & como agitei a bengala & os afastei; & me lembrei de Homero quando eles vieram alvoroçados & redemoinhados na minha direção: um arremedo de batalha. Grizzle foi ficando cada vez mais & mais insolente & excitada, pelejando, latindo. Ajax? Esse grego, apesar de toda a minha ignorância, arranjou uma maneira de imiscuir-se em mim.

Mayor indo para a segunda edição, Stephen vai muito bem, Leys na gráfica. Nancy Cunard sendo orçada, Mrs. Devonshire... rejeitada;¹⁶ os negócios bastante movimentados de um modo geral; eu preparando uma circular para todos os expositores na Royal Academy sobre o livro de Duncan. Nesse meio tempo Marjorie, presumivelmente, convalesce, & a questão do seu futuro conosco resta por se decidir.

Domingo, 7 c É uma pena que eu não escreva nada, ou se escrevo, que seja de setembro qualquer jeito, usando apenas participios passados. Eles estão sendo bastante úteis na reta final de Mrs. D. É aí que estou agora – finalmente na festa, que deverá começar na cozinha & aos poucos ir subindo as escadas. Será um trecho sólido bastante complicado & vigoroso, que deve arrematar tudo & concluir em três notas, em diferentes alturas da escadaria, cada qual resumindo algo sobre Clarissa. Quem dirá essas

¹³ Exemplo de passagem em que VW primeiro repudia a descrição realista (“descrever milharais”) e em seguida manifesta o desejo de conter todas as impressões no momento, mas sentir dificuldade de encontrar a forma para fazer isso (cf. comentado, p. 114). É interessante a imagem das quinquilharias (coisas desnecessárias) aliada a um túnel, local escuro e desconhecido, na frase “Sinto como se estivesse Tateando um túnel cheio de quinquilharias”, que pode servir de metáfora para a maneira como ela ia escrevendo agora *Mrs. Dalloway*.

¹⁴ Tilton era um sítio perto de Charleston, casa de campo de Vanessa Bell, que Maynard Keynes alugara. Uma aranha é uma espécie de carruagem pequena de duas rodas puxada por um único cavalo.

¹⁵ Tipo de carneiro.

¹⁶ F. M. Mayor, *The Rector's Daughter*; Leslie Stephen (pai de Woolf), *Some Early Impressions*; Norman Leys, *Kenya*; Nancy Cunard, *Parallax*. Mrs Devonshire não identificada. O livro de Duncan é *Living Painters – Duncan Grant*, de Roger Fry. (AOB)

coisas? Peter, Richard & Sally Seton talvez: mas não quero amarrar nada ainda. Ora, eu acredito realmente que esse poderá ser o melhor dos meus finais, & funcionar, quem sabe. Porém ainda preciso ler os primeiros capítulos, & confesso que sinto certo pavor da loucura; e da argúcia. Por outro lado, tenho certeza de que agora preciso ir abrindo as emendas, nem que seja apenas para que as minhas metáforas se soltem, como aqui. Imagine que se possa manter a qualidade de um rascunho numa obra acabada e concluída? É esse o meu esforço. Enfim, ninguém pode me ajudar e ninguém pode mais me atrapalhar. Recebi uma chuva de elogios também do The Times, Richmond me emocionou bastante ao dizer que se entrega ao meu romance com toda a disposição do mundo. Gostaria que ele lesse minha ficção, mas sempre tenho a impressão de que não lê.

Dadie pernoitou aqui duas vezes; Clive & Mary ontem; passei uma noite em Charleston; L. foi para Yorkshire: um verão um tanto úmido estranho desconjuntado, com pessoas chegando sem aviso, Nelly um tanto carrancuda, mas leal, Asheham nos sendo oferecida certa noite por Mr Gunn, enquanto ele cutucava suas medas de trigo, olhando a negritude delas. Passadas 24 horas fiquei tentada a comprá-la. Poderíamos consegui-la por £1.500. Se bem que lá é escuro e úmido; & talvez a beleza não compense. Lá o jardim viceja. Adiamos a decisão. Obviamente poderíamos alugá-la, coisa que não seria possível fazer com esta [casa], portanto o medo de comprometer-se é sem dúvida uma tolice. Norman Leys esteve aqui noite dessas; deixou bastante claro que somente certos tipos de pessoas conseguem passar pelo buraco da sua agulha; desnuda as pessoas num instante; é um desses bons homens resolutos inflexíveis, que agradariam M.[argaret] L. [Llewelyn] D.[avies], muito capaz, confiável; não se interessa por arte nenhuma, & impõe sua virtude a torto & a direito – mas virtude é virtude, claro. “Eles pertencem ao lado distinto da família...” Desconfia de Oxford. Deseja escrever com o máximo possível de clareza, espera morar no East End & educar trabalhadores. A esposa gasta £150 no jardim; é uma dor de cabeça, porém o único prazer que ela tem. Não gosta de cobrar honorários, portanto os filhos passam sem botas. Achou que eu fosse filha de Thackeray & só sossegou depois que tirei a mesa do jantar; & falou de religião, de moralidade, de suas

brigas com o Ministério das Colônias, de como lhe fizeram um cerco;¹⁷ enfim reclama demais; mas é um homem bastante agradável.

Segunda, 15 de setembro Aqui estou eu esperando L. voltar de Londres, & nesta hora, por ter sido magoada no ano passado quando ele se atrasou, sempre sinto a dor da velha ferida latejar. Ele foi ver Nancy Cunard, daí que espero fofoca considerável. Vita passou o domingo aqui, deslizou pela cidadezinha em seu novo carrão, um Austin azul que ela domina completamente. Vestia um pulôver amarelo listrado & um chapéu de abas largas, & veio com uma mala cheia de pratarias e vestidos de noite envolvidos em papel de seda. Nelly disse, “Ah se ela não fosse uma *honourable!*”¹⁸ & não conseguiu levar-lhe água quente. Mas me agrada que ela seja uma *honorable*, coisa que ela é; uma lady sem tirar nem por, com toda a audácia e coragem dos aristocratas, & menos da infantilidade destes do que seria de se esperar. Ela nos trouxe um conto que me interessa muitíssimo [“Seducers in Ecuador”]. Verdade que enxergo nele o meu próprio rosto. Mas ela abandonou a verborragia de antes & alcançou uma espécie de faísca artística; ou pelo menos é o que eu acho; & de fato, muito me espantam suas habilidades, sua sensibilidade; pois então ela não é mãe, esposa, grande dama & anfitriã, além de escritora? Quão pouco eu faço de todas essas coisas: meu cérebro jamais permitiria que eu o ordenhasse a um ritmo de 20.000 palavras por quinzena, portanto imagino que me falta certo vigor intrínseco.¹⁹ Aqui estou eu, olhando para Vita por sobre minha bendita Mrs Dalloway; & não consigo parar, nem por uma noite sequer, de pensar na cena seguinte, em como irei amarrar as coisas. Vita, voltando ao assunto, parece uma uva que passou do ponto, bigoduda, com beicinho, & deve ficar gorducha; por enquanto caminha sobre belas pernas, numa saia bem cortada, & apesar de constrangedora no café da manhã, tem um bom-senso másculo & uma simplicidade que

¹⁷ O obstetra Norman Maclean Leys servira como médico de saúde pública no Quênia e em regiões da África Central e Oriental por dezesseis anos, de 1904 a 1920. Socialista cristão e defensor ferrenho da igualdade racial, tornou-se um grande crítico do imperialismo britânico e do impacto das políticas coloniais sobre os povos africanos – assuntos de que trata largamente em seu livro *Kenya*, que a Hogarth Press publicaria em novembro de 1924. Ao longo da década de 1920, enquanto atuava como médico no interior da Inglaterra, continuou a escrever textos para denunciar aos cidadãos britânicos o que estava acontecendo na África – e se tornou um espinho no pé para o Ministério das Colônias. (AOB)

¹⁸ Título da nobreza de Vita, por ser filha de Lord Sackville-West.

¹⁹ É interessante perceber como VW se refere a Vita como mais “completa” do que ela, como ela se considera menor perto de Vita nesses quesitos. (

agradam tanto eu quanto L. Ah sim, gosto dela; poderia incluí-la na minha vida com toda certeza; & suponho que, se a vida assim o permitisse, talvez isso pudesse se transformar nalgum tipo de amizade. O relógio bate as 7, & não tenho certeza se, por sobre o vento cinzento furioso, escutei Leonard falando com Nelly na cozinha. Grizzle levanta a orelha; torna a deitar no chão. Ele trabalha sem parar. O carteiro acabou de passar, & soltei um leve suspiro de emoção, sentimentalista nata que sou, por ele estar esperando tão sincera e honestamente que Mr. Woolf discursasse ao ILP [Independent Labour Party] de Lewes sobre a Liga das Nações. Essas coisas contam: será que Murry, o professor da alma, conversa com os carteiros sobre a Liga das Nações? Gosto da confiança & da admiração deles; & de passar de Knole & do convite de Lord Sackville (J's R é seu romance preferido) para carteiros que organizam as reuniões locais, coisas que de repente me parecem assuntos da mais alta importância. Isso tudo confirma minha noção de que somos cacos e mosaicos; & não, como antes se costumava afirmar, unidades imaculadas, monolíticas, consistentes.²⁰ Como rabisco; & que serventia tudo isso terá na minha idade avançada, quando eu escrever minhas memórias?²¹ Com Vita conversamos sobre o assassinato de Mr. Joshua, Ottoline, literatura. Depois ela nos levou para Charleston, que – como o nosso mundo dá voltas! – parecia cinzenta, desmazelada & amorfa à luz da presença dela. Monks House por sua vez virou um celeiro caindo aos pedaços, & a gente fazendo piquenique no monte de entulhos. Então, mais ou menos uma hora depois, recuperei o gosto pela vida. Depois para casa, esperar L.

Segunda, 29 de setembro Quinze dias depois: escrevo em parte para testar minha nova penkala (que dizem ter qualidades de caneta-tinteiro) & em parte para exorcizar o meu demônio. Nada menos que Karin e Ann: nada menos que um buraco aberto no meu último capítulo. Estava eu imersa no mais elevado éter que já conheci, imaginando que terminaria até quinta; Lottie sugere a Karin que ficaríamos contentes em receber Ann: Karin interpreta minha recusa

²⁰Agrada VW saltar de um assunto para o outro, coisa que ela vinha exercitando nas páginas de seu diário desde 1919. Para ela, isso confirmaria a noção de que somos fragmentados e não monolíticos, como antigamente se acreditava, algo que estava em seu horizonte por esta época – ver discussão na p. 63 e p.98.

²¹ Ver comentários sobre ela chamar sua escrita no diário de rabisco, e sua dúvida sobre a serventia de escrevê-lo, na p. 66.

educada de modo vantajoso para ela & vem para cá no sábado, estilhaçando tudo em pedacinhos. Mais & mais solitária eu estou; a dor dessas reviravoltas é incalculável; porém não consigo explicar. *Ela* não percebeu nada. “Perturbo o seu fluxo de inspiração?”, perguntou esta manhã, depois de ter berrado tanto na porta até eu não ter remédio senão ir apanhar o algodão. E está em ruínas minha casa: minhas asas quebradas; eu caída na terra árida. Estranho, muito estranho, o quanto isso se tornou violento. Tenho pavor até de voltar para Londres. Verdade, estou em crise, & se esse último capítulo se estragar, o livro inteiro se estraga. Mas que se importa Karin! Aí é que está o problema. Ela ri por largar conosco alguns de seus fardos & vai-se embora depressa, toda satisfeita por ter conseguido o que queria. Então eu não registrei anos atrás num desses mesmos volumes [*do diário*] que bastava apenas ela pedir que conseguia tudo o que quer? É um caso de surdez espiritual: ela não escuta o pensamento das pessoas; é por isso que é, como ela mesma diz, infeliz; trata-se de uma doença, não é culpa dela; mas é certamente nossa desgraça.²² Aqui estou eu com a semana arruinada – pois como foi serena & adorável como uma noite da Lapônia a nossa última semana juntos²³ – sentindo que eu deveria ser uma boa tia – coisa que não sou por natureza: preciso perguntar a Daisy o que ela quer – & por direito preencho esses momentos pensando na festa de Mrs Dalloway, que vou escrever amanhã. A única solução é ficar aqui sozinha depois de quinta & tentar a sorte. Em parte uma noite ruim talvez seja a responsável (culpa de K. outra vez). Mas como vivo inteiramente na minha imaginação; como dependendo completamente dos jorros de ideias, que me vêm quando eu caminho, quando eu sento; as coisas se agitam na minha cabeça & formam uma peça de teatro constante, o que é a felicidade, para mim.²⁴ Essa fermentação não acontece com pessoas insípidas. Agora preciso dar um fim a essas lamúrias, em parte porque não consigo ver, & minha mão treme por eu ter carregado minha mala de Lewes, onde estive hoje, no alto do castelo, onde um velho estava limpando as folhas caídas & me contou como se cura lumbago; você amarra uma tira de seda ao redor do corpo; a seda custa 3 pence. Vi canoas bretãs, & o arado mais antigo de

²² Karin Stephen, mulher de Adrian, irmão mais novo de VW, era surda.

²³ Cf. “To a Young Lady”, de Wordsworth: “But an old age serene and bright/ And lovely as a Lapland night/ Shall lead thee to thy grave”. Karin foi embora e deixou Ann com a babá, Daisy, para passarem mais uma noite. (AOB)

²⁴ A associação de VW da criação artística com a vida foi discutida na p. 114.

Sussex, 1750, encontrado em Rodmell, & uma armadura que dizem ter sido usada em Seringapatam.²⁵ Sobre tudo isso eu gostaria de escrever, acho. E é claro, as crianças são criaturas maravilhosas & encantadoras. Ann esteve aqui falando sobre a foca branca e querendo que eu lesse para ela. Como Karin consegue ser tão distante eu não consigo imaginar. Existe uma qualidade na mente das crianças que é muito fascinante para mim: estar a sós com elas, & conviver dia a dia, seria uma experiência extraordinária. Elas têm o que nenhum adulto tem – a franqueza – blá, blá, blá, continua Ann, numa espécie de mundo só seu, com suas focas & cães; feliz porque vai tomar chocolate quente à noite & colher amoras amanhã: as paredes de sua mente estão abarrotadas de coisas vívidas & coloridas, & ela não enxerga o que nós enxergamos. Mas estou me esquecendo de Marjorie & só vou continuar rabiscando aqui até o portão se abrir, que espero seja daqui a 15 minutos, & L. entrar. Perdemos £100 por ano, & ele não precisa mais ir ao escritório – um ganho imenso. Agora, tenho esperanças no livro dele.²⁶ Também começo a acalantar sonhos de me aposentar & viver numa casa gostosa no interior, & lá escrever – depois que conseguirmos fazer a editora andar sozinha, com a ajuda de Dadie. O que me faz lembrar de Marjorie. Eu a achei superficial & vulgar em 1917, entediada, de início, com toda aquela tagarelice sobre a gentileza ou o mau-caratismo dos rapazes, que termina por ser tão enfadonha. Então ela disse, larguei Cyril. O desfecho do caso é que teremos de contratá-la como sec. a £3 por semana. Ela absolutamente depende disso. E depois onde ela irá morar? em Bloomsbury, com uma garota – é tudo tão caótico & precipitado, como um romance moderno; mas suponho que ela acabará se casando com Tom Marshall.

Sexta 17 de outubro É uma lástima. Garanto que subi as escadas correndo pensando em arrumar tempo para registrar um fato surpreendente – as últimas palavras da última página de Mrs Dalloway – mas fui interrompida. Enfim, isso foi uma semana atrás. “Porque ali estava ela.” e fiquei feliz por estar livre, pois as últimas semanas foram um tormento, embora tenha sido mais revigorante para minha cabeça; havia menos, quero dizer, da sensação

²⁵ Peças que estavam expostas em Lewes na época; a cota de malha teria sido usada por um príncipe indiano durante o cerco de Seringapatam em 1799. (AOB)

²⁶ *After the Deluge*, que só seria publicado em 1931. LW tinha reduzido sua carga horária (e consequentemente seu salário) na *Nation & Athenaeum*. (AOB)

costumeira de ter escapado por um triz, de mal ter conseguido manter os pés na corda-bamba. Sim, eu me sinto mais aliviada do que de costume – se essa sensação vai durar depois de eu reler o livro é discutível. Mas de certa maneira ele é uma conquista; foi concluído sem interrupções por doença, o q. é uma exceção; & escrito de fato em um ano; & por fim, escrito do fim de março ao dia 8 de outubro sem mais do que uns poucos dias de pausa para escrever artigos. Daí que talvez seja diferente dos outros. Não importa, sinto que exorcizei o feitiço que Murry & os outros disseram que lancei sobre mim depois de Jacob's Room. A única dificuldade é me conter para não escrever para os outros. Meu beco sem saída,²⁷ como chamaram, vai até aqui apenas, e demonstra tais panoramas. Já vejo O Velho.

Mas basta, basta – por outro lado sobre o que devo escrever aqui a não ser sobre a minha escrita? É estranho como a moralidade convencional sempre entra pelo meio.²⁸ Não se deve falar de si mesmo etc; deve-se evitar a vaidade etc. Mesmo na mais completa privacidade esses fantasmas deslizam entre mim & a página. Mas agora preciso interromper para ir ao correio, descendo aquela maravilhosa rua iluminada, que se torna mais encantadora mais irreal vista das minhas janelas duplas. E eu sentada protegida aqui dentro. Esta casa agora está perfeita. O gabinete o melhor que já tive.

Katherine Mansfield me vem à cabeça – como sempre de modo bastante repreensível – primeiro desejando q. ela pudesse ver Southampton Row, pensando na estupidez de sua morte, enterrada lá em Fontainebleau – um fim onde não havia fim, & depois pensando que, verdade, se ela estivesse viva, teria continuado a escrever, & as pessoas veriam que a mais talentosa era eu – isso só se tornaria mais & mais aparente. É, suponho que sim. Assim penso nela de tempos em tempos – aquele estranho fantasma, os olhos afastados, a boca contraída, arrastando-se pelo seu quarto. E Murry casou-se novamente com uma mulher que se tranca durante uma hora no banheiro & por isso os Anreps²⁹ os dispensaram. Murry se lamuria publicamente por um apartamento em

²⁷ O termo usado por Murry na verdade foi "impasse"; ver a entrada do dia 2 ago. 1924, sobre o artigo que ele escreveu sobre os escritores modernistas. (AOB)

²⁸ Em "Profissões para Mulheres", ela iria discorrer sobre o embate que as mulheres precisam fazer dentro de si mesmas para escrever literatura.

²⁹ Murry alugara cômodos na casa do artista Boris Anrep, famoso mosaicista ligado ao grupo de Bloomsbury. (AOB)

Adelphi. Aí está uma página sórdida da minha vida, aliás, Murry. Mas finco pé; K. & eu tivemos nossa amizade; & jamais terei outra igual.

Lytton veio jantar aqui na outra noite – uma noite de sucesso. Ah eu tive razão de me apaixonar por ele 12 ou 15 anos atrás. É uma sinfonia belíssima a sua natureza, quando todos os violinos tocam juntos como na outra noite; tão profunda, tão fantástica. Tagarelamos com facilidade. Ele está apaixonado de novo por Philip Ritchie. E magoado, um pouco; ainda é capaz de se magoar; mas sabe agora o quanto é ridículo, o que também o magoa. & se ressentido. Pois quando perguntei se podíamos ajudar ele se emocionou. Conversamos sobre a sua escrita, parece que agora ele irá escrever outro livro; sobre a minha; sobre a Escola de Proust, como ele diz; depois sobre Maynard; ele tem um lado detestável; devia ter se casado com Barbara; engordou; sobre o quadro de Nessa, que talvez ele compre (neste momento sinto vontade de ver Nessa, mas ela foi para Norfolk olhar uma casa, que espero que ela não compre, não saia de Londres & de Charleston & more ali até morrer, pintando em Norfolk com os filhos, & eu aqui, & L. talvez vá para a Índia – estou remoendo isso desde que voltei & ele me contou logo na primeira tarde, durante o chá, sábado, que o ILP tinha lhe pedido para ir & que ele queria muito aceitar & tirar uma semana para ver Hambantota o que me magoou um pouco. Mas eu disse a mim mesma este é um lado da vida dele em que não pus as mãos. Preciso encarar isso também. Nenhuma novidade ainda, embora eu sinta um pouco de medo do correio pela manhã, & esconda isso de L. – se ele for, seria depois da Eleição, em nov. Sim, depois da Eleição, pois graças à derrota do gov. no Caso Campbell, agora estamos condenados a uma dose de mentiras todas as manhãs: a costumeira briguinha de meninos de escola começou. Se eu ainda fosse feminista, tiraria vantagem da briga. Mas segui adiante – K.M. disse isso, ela me via como um navio em alto-mar. Sim, mas K.M. sempre me dizia coisas afetuosas & elogiosas, a coitada, que eu à minha maneira creio que amei. Não se deve usar, eu acho, termos muito fortes para as afeições humanas, ou melhor, termos muito positivos. Ah o pobre do Jacques me escreveu, & Gwen deseja vir me visitar, depois de 11 anos: uma amizade revivida pela arte da escrita, atravessando a França. Tenho verdadeiro pavor dessas retomadas: em parte por vaidade; você está mais gorda, menos bonita; mudada; tão envergonhada que sou; & além de tudo – existe o

esforço. Ver gente, coisa que agora faço com tanta facilidade, é um esforço. Enfim... Phil Baker será o candidato dos trabalhistas. Irene [Noel-Baker] vai afiar os dentes dele e fazer com que chegue lá – (trecho de um diálogo *real*). Terei eu desistido de meu progresso rumo à Perpétua Imortalidade (para citar um dos desejos de Peggy Webling quando criança – resenha que estou escrevendo, ou deveria estar)? Pedi a Todd £10 por 1.000 palavras:³⁰ com essa quantia ela encomenda 4 artigos. A Harper quer (acho) que eu escreva um Browns & Bennetts³¹ americano; & a Vogue (via Dadie) irá contratar Mrs Woolf, torná-la popular: & – & – & – Portanto muito provavelmente daqui a um ano eu serei uma daquelas pessoas, como dizia meu pai, que pertencem ao minúsculo círculo da sociedade londrina que equivale aos Apóstolos, creio eu, só que numa escala maior. Ou será que isso já não existe mais? Conhecer todo mundo que vale a pena conhecer. Agora entendo o que ele quis dizer com isso; imagine estar numa posição dessas – se é que as mulheres podem.³² Lytton está: Maynard; L[or]d Balfour; Hardy talvez não. Isso me lembra que devo registrar a visita a Mrs. Hardy na clínica, depois que ela foi operada do tumor; com Miss Charlotte Mew.³³ Nada de muito empolgante, nem mesmo como vaidade não é muito empolgante agora. H. se lembra do teu pai: não gostava de muita gente, mas dele sim; fala sempre dele. Gostaria de conhecer você. Eu porém não consigo me encaixar direito nessa relação; a filha agradecida pelos velhos elogios a seu pai. Por outro lado, eu devia ir vê-lo; escutá-lo – dizer alguma coisa. Mas o quê? Uma ou duas palavras sobre uma flor, uma paisagem, ou uma cadeira de jardim, sabe-se lá.

(Me ocorre agora que neste livro eu *prático* a escrita; treino minhas escalas; sim, & trabalho certos efeitos. Ouso dizer que aqui pratiquei Jacob – & Mrs D., & aqui devo inventar meu livro seguinte; pois aqui escrevo exclusivamente em espírito – o que é bastante divertido aliás, & a velha V. de 1940 também enxergará algo aqui. Ela será uma mulher

³⁰ Dorothy Todd, editora da *Vogue*.

³¹ *Mr. Bennett e Mrs. Brown*.

³² Ela sonha alto para sua carreira, mas aqui, em 1924, ainda teme que o que sonha não possa ser alcançado por uma mulher. Essa postura iria progressivamente mudar.

³³ A segunda esposa de Hardy, Florence, fora operada de câncer na garganta dias antes. Charlotte May Mew, que Thomas Hardy considerava a melhor poeta da época, e Woolf provavelmente se conheceram à cabeceira da segunda esposa enferma de Hardy, Florence.

capaz de enxergar as coisas, a velha V.: tudo – mais do que consigo imaginar. Mas agora estou cansada.³⁴

Domingo, 1 de novembro Preciso fazer algumas anotações de trabalho; pois agora tenho de me dedicar. A questão é como conseguir finalizar os 2 livros. Deslizarei rapidamente por Mrs D., mas vai levar tempo. Não: não posso dizer nada com certeza, pois devo é experimentar na semana que vem; quanta revisão será necessária, quanto tempo levará. Estou bastante determinada a publicar os meus ensaios antes do meu romance. Ontem tomei chá nos cômodos de Mary [Hutchinson] & vi os rebocadores de luzes vermelhas passando & ouvi o murmúrio do rio: Mary de preto com folhas de lótus em volta do pescoço. Se a amizade entre mulheres fosse possível, que prazer não seria – uma relação tão secreta & íntima em comparação com os relacionamentos com os homens. Por que não escrever sobre isso? com sinceridade? Para mim, escrever este diário ajudou muitíssimo o meu estilo; soltou as amarras.³⁵ Tivemos uma festa na outra noite – S.[iegfried] Sassoon; R.[aymond] Mortimer, Duncan, Vanessa. Nancy Cunard deveria ter comparecido – a cabecinha-de-vento ansiosa de olhar honesto & espantado, com toda aquela pedraria verde dependurada. Nós nos conhecemos na casa de Raymond; & ela deslizou para uma tagarelice fácil & desesperada, como se não se importasse em dizer tudo – tudo – não tivesse escuridões nem lugares secretos – vivesse como um lagarto ao sol, & contudo por natureza tivesse uma queda para as sombras. E eu deveria estar relendo seu poema para escolher um título. Como sempre, estou, ou penso estar, atolada de trabalho; o que é interrompido por horas de sólido prazer – ir ao cinema hoje à noite; & Suggia³⁶ na segunda. Pois é música o que eu quero; para estimular & sugerir. Fomos a Hamspray³⁷ num dia úmido e enevoadado; & vimos como deve ser a paisagem ao sol; um campo plano com grupos de árvores

³⁴ VW é explícita sobre o uso que faz do diário como espaço de prática. Na primeira fase de seu diário, VW com certa frequência se projeta para o futuro, imaginando-se como uma velha relendo os seus diários – a “velha V”. Ver mais sobre isso na p. 66.

³⁵ Mary Hutchinson havia se apaixonado por VW. O anseio de poder escrever sem reservas sobre a relação entre mulheres se refletiria no ensaio “Profissões para mulheres”, em que VW descreve a dificuldade de falar abertamente sobre a vida sexual feminina. Também se refletiria em *Orlando*, em que ela trata do assunto enviesadamente, muito por conta da repercussão naquela época do processo contra o livro *The Well of Loneliness* por lesbianismo.

³⁶ Guilhermina Suggia, famosa cellista portuguesa.

³⁷ Casa onde Lytton Strachey agora morava com Dora Carrington e Ralph Partridge.

parecendo pessoas conversando, que se estendem até as colinas. Subimos ao topo com Carrington; mas os rapazes, P. Ritchie & Senhouse, são meio simplórios – pois Lytton se engraça com esse tipo, & assim se esconde. Carrington parecia ter sido espancada recentemente por Ralph. Será que ela é realmente assim tapada, pensei comigo? ou apenas não passa de uma flor ao sol? Voltamos para a casa debaixo de chuva, & um homem parou L. para perguntar se seu cachorro era fêmea: um pescador, ele era, & eu quis perguntar se ele tinha apanhado algum peixe. Voltamos com Sydney [Waterlow]. Um tanto envergonhada do meu humor – pois nunca se deve encerrar as pessoas em teorias –, fui afável, mas discreta. Conversei o tempo todo, mas não sugeri futuros encontros. Creio que nos saímos bem. Desejava eu que John Franklin fosse leniente com Mrs Dalloway? Não seriamente, acho, & não vejo mal em ser fiel a antigas semiamizadas. Imagino que o filhinho seja a única coisa que importa para ele; que protestou menos do que de costume. Murry “tremendo” em Keats & Sh[akespea]re; [DH] Lawrence também “tremendo”; porém megalomaniaco. Eles abriram uma editora, como a nossa; que faliu, ou nunca foi adiante, o que arrasou as esperanças de Kot; & Lawrence, crente de que Londres em peso iria atrás dele no México, aposentou-se lá sozinho com Brett.³⁸ Tudo isso Sydney diz com clareza & comicidade, indicando todavia que existem profundezas por baixo. Na minha opinião, porém, o pobre monstro está começando a arrastar-se para fora. Agora, pelo amor de Deus, vou ler um pouco. É a leitura, & não a escrita, o que mais sofre em Londres –

Terça, 18 de novembro de Lady Colefax interrompe. Peço que me chame de Virginia – pronto.

O que eu ia dizer é que para mim escrever deve ser um ato formal. É preciso respeitar a arte. Isso me ocorreu enquanto eu lia algumas de minhas anotações daqui, pois, se deixamos o pensamento correr solto, ele se torna egoísta: pessoal, coisa que eu detesto; como Robert Graves. Por outro lado o fogo irregular precisa estar presente; & talvez para liberá-lo antes de mais nada seja preciso ser caótico, mas sem jamais deixar

³⁸ O livro *Keats and Shakespeare*, de Murry, só seria publicado no ano seguinte. O desentendimento entre os líderes da *Adelphi* (que se tornara cada vez mais um veículo para propagar as ideias de Murry e os textos inéditos de Katherine Mansfield) chegara a tal nível que Koteliński pediu demissão. D.H. Lawrence e sua esposa Frieda mudaram-se para o Novo México em março de 1924, com a pintora Dorothy Brett. A ideia de Lawrence era fundar uma espécie de “sociedade alternativa”, mas a única pessoa que conseguiu arrastar para lá foi Brett. (AOB)

isso à mostra.³⁹ Estou navegando pelos capítulos da loucura em Mrs. D. Minha dúvida é se o livro passaria melhor sem eles. Mas esta é uma reflexão posterior, vinda depois de eu ter aprendido a lidar com Mrs. D. Acho que no final sempre vejo como o todo deveria ter sido escrito.

Lady Colefax me fez tremer. Não consigo escrever. Fomos, ou melhor eu fui, à festa de despedida de Mary ontem à noite, & hoje sofro – primeiro por ter quebrado meu relógio, às 3.15, graças a um chamado policial; depois por ter aquecido água na lareira do porão, porque sentia um frio infinito como se tivesse rolado na areia, tormento que ainda persiste. As classes altas fingiram inteligência. Duff Cooper, Lady Diana & todo o grupinho, como dizem; & minha principal diversão foi justamente vê-los como um grupinho. Este é o único mérito dessas festas, que os indivíduos se combinem diferentemente de acordo com o que fazem na intimidade. Vemos grupos; apreendemos totalidades; impressões gerais: a partir das várias coisas que são combinadas. Não admira que Proust tenha conseguido expressar o que eu gostaria de dizer – esse grande autor que não consigo ler quando estou revisando, tão persuasivo ele é.⁴⁰ Graças a ele se tem a ilusão de que é fácil escrever bem; o que significa apenas que estamos meramente deslizando em patins emprestados. Henry James também nos dá esse ímpeto irreal; basta ver como escrevo depois de lê-lo, & Miss Bosanquet.⁴¹ Dadie voltou ontem & tivemos uma tarde ótima – ah infinitamente melhor que uma festa em River House! – embora eu tenha mentido para Mary ao telefone, enquanto trabalhava no Freud.⁴² Eu com dois casacos, porque está congelante, & o cabelo solto; ele em mangas de camisa. Assim é que conhecemos as pessoas, que sugamos sua medula; & não sentados empertigados na ponta de uma cadeira sobre um piso escorregadio, tentando rir, atiçados por vinho & bolinhos açucarados. Clive, claro, se transforma num homem de classe alta que é ao mesmo tempo bastante espalhafatoso, familiar & galante. Lytton fica sentado sob a sua própria sombra esverdeada & só sai de lá quando chegam os jovens cavalheiros. Philip Ritchie se acha grande

³⁹ Ver análise sobre a tensão entre ordenação e caos em VW na p. 63.

⁴⁰ Para mais sobre a influência de Proust em VW, ver p. 118.

⁴¹ Theodora Bosanquet foi secretária de Henry James de 1907 até a morte deste, em 1916. A Hogarth Press publicou seu *Henry James at Work* em 1924, livro em que ela relembra a relação com o escritor e comenta sobre o meio dele, suas preferências e seu processo de criação e revisão.

⁴² Os volumes I e II dos *Collected Papers* de Sigmund Freud foram publicados em novembro de 1924 pela Hogarth Press, um ano decisivo para a influência de Freud em Bloomsbury. VW ajudou a revisar e

coisa, como sempre acontece com os alvos da atenção de Lytton. Fiquei impressionada com Nessa, que foi a essa festa, na qual estávamos todos emperequetados & bem vestidos, com seu velho vestido marrom que eu acredito que foi ela mesma que costurou. (Pensando melhor, acho que é o ritmo na escrita o que importa. Se eu conseguir o ritmo certo na minha sessão de amanhã de manhã – a marcha da minha frase no momento certo – conseguirei desatar o restante; – existe muita coisa que eu gostaria de refletir a esse respeito; não se trata exatamente de estilo – as palavras certas – é uma forma de fazer levitar o pensamento⁴³ – Graças a Deus escuto o barulho da chave de L.: Grizzle se levanta e fica imóvel: agora agita a cauda; depois trota até a porta. Uma noite muito fria úmida enevoadada.) Mas como eu ia dizendo admirei a absoluta independência de Nessa em relação ao que as pessoas dizem, o que triunfa sobre todas as cropheads⁴⁴ tubulares. Elizabeth

Domingo, 13 de dezembro Posenby, sem dúvida era o que eu queria acrescentar. Mas tudo não passa de um borrão. E este diário pode muito bem morrer, não de Londres, mas da Editora. Durante 14 dias estivemos no meio de uma longa revolução editorial – Dadie sai Marjorie sai, Marjorie fica, Angus Davidson vem.⁴⁵ O resultado final é este, porém só foi alcançado ao custo de 40 milhões de palavras. De minha parte, jamais consegui ver Dadie como um sócio permanente, Dadie com seus ternos cinza prateados, suas camisas cor-de-rosa, seu rosto empoadado cor-de-rosa e branco, sua petulância, seus modos, seu amor por elogios. Angus, por outro lado, depois de 3 dias, já me parece permanente e confiável. E como sempre falo de dinheiro aqui, & de elogios & de rejeições, primeiro vou confessar que minha brochura é a que menos vende, & em seguida que a Harper me ofereceu “no mínimo £50” por um artigo principal do Times! Era uma vez eu tentando arrancar £15 de Jack Squire! Daí que sugeri 3 artigos por ano para Richmond; & caso isso vingue, irá nos ajudar a abrir mão da Nation, objetivo que está sempre na minha mira, apesar de o cargo ter

⁴³ VW irá cada vez mais priorizando o ritmo em sua escrita, a sonoridade. Ao caminhar – era famosa por caminhar todos os dias por longos períodos –, ia falando consigo mesma, testando frases. Também gostava de escrever ouvindo música, caso de *As ondas*.

⁴⁴ Em 1911, enquanto estudava na escola de arte Slade, Dora Carrington transformou os longos cabelos optando por um corte curto, masculino, no que foi imitada por Dorothy Brett e Barbara Hilles. Elas ficaram conhecidas como as “cropheads de Slade”, e foram imitadas por outras alunas de arte.

⁴⁵ Dadie Rylands tinha esperanças de conciliar o trabalho na Hogarth Press com a escrita de sua dissertação em Cambridge, mas não conseguiu. Indicou para seu cargo um amigo da universidade, Angus, que vinha escrevendo críticas de arte para a *Nation & Athenaeum*. (AOB)

muitos benefícios. Estou agora galopando sobre Mrs Dalloway, redatilografando tudo desde o início, o que é mais ou menos o mesmo que fiz com V.O., um bom método, acredito, como se eu fosse trabalhando por cima do todo com um pincel úmido & juntasse as partes que foram compostas separadamente & já secaram. Real & sinceramente penso que este é o mais satisfatório dos meus romances (mas ainda não li tudo com sangue-frio). Os críticos dirão que é desconexo porque as cenas de loucura não estão conectadas com as de Dalloway. E suponho que a linguagem tenha certo brilho superficial. Mas será “irreal”? Mera façanha, fruto de talento? Acho que não. E, como acredito ter dito antes, parece ter me mergulhado nos estratos mais férteis do meu espírito. Agora consigo escrever & escrever & escrever: a maior felicidade que há no mundo.

O inverno londrino é cheio de recintos iluminados, passagens que vão de ruas escuras a cenas de resplendor; mas consigo me lembrar apenas de um chá com Ethel Sands, um almoço com L[ad]y Colefax, aliás Sybil agora, uma festa ontem à noite na casa de Gumbo [*Marjorie Strachey, irmã de Lytton*], onde ter ido malvestida e à vontade me provocou grande prazer. Ray [*Strachey*] é igualzinha uma gata muito distinta que, depois de castrada, torna-se gigantesca & nunca se move. Fica sentada sorrindo com seus olhos verde-azulados de felina. Vai nos enviar, muito para meu temor, o seu novo romance. Também estava lá Julia Strachey, que examinei na diagonal; a boa-vida talentosa.⁴⁶ Grande demanda tanto por Leys quanto por Vita, Simkins fez um pedido urgente esta manhã, & Angus saiu apressado para atender. Mas não vou deixar que a Editora devore essa página inteira. Estou muito irritada com Marjorie [*Joad*] por ela ter rebatido minhas críticas à sua vida pessoal; & depois tirado 3 semanas de férias, que nos deixará muito pouco, & sabe-se lá quando. Por outro lado ela parece num estado de nervos – com pavor de adoecer, pavor de nos deixar, assustadiça, infeliz, ora irritável, ora obsequiosa, trazendo Tom Marshall para cá, & Ralph Wright, & Cyril a se divorciar, o que, no meu entendimento, distrai a cabeça dela do trabalho & diminui as chances de que ela venda meus livros. Mas o que devo almejar é uma relação de trabalho impessoal & amistosa, tenho certeza,

Essa briga já foi resolvida

⁴⁶ O novo romance de Ray, segunda mulher de Oliver Strachey, irmão de Lytton, acabou não sendo publicado pela Hogarth. Julia, filha do primeiro casamento de Oliver, foi criada na casa de parentes e no internato Bedales. Agora dividia apartamento com uma amiga e tentava ganhar a vida. Acabaria tornando-se uma escritora notável, embora pouco prolífica. (AOB)

agora que temos Angus; menos compreensão e mais empenho. Digam o que disserem, Vita & Clive & Lytton, as pessoas correm aos bandos para a editora, & dela não arredam pé. Bernadette Murphy estava prestes a vir. Angus caiu por aqui como fruta madura da árvore. Vita revelou que o Herdeiro de Radcliffe, seu primo, implora para que ela resista à contaminação de Bloomsbury, personificada pela serpente destruidora, V.W.⁴⁷ Eu meio que gosto, meio que me incomodo com isso.

Segunda, 21 de dezembro Realmente é uma lástima – a quantidade de páginas em branco deste livro. O efeito de Londres sobre os diários é decididamente ruim. Estimo que este é o mais fino de todos, & duvido que eu consiga levá-lo a Rodmell, ou que, se o levasse, conseguiria acrescentar muito mais. De fato foi um ano movimentado, tal como profetizei; & a sonhadora do dia 31 de jan. viu boa parte de seus sonhos tornar-se realidade; aqui estamos nós em Londres, apenas com Nelly,⁴⁸ Dadie se foi é verdade, mas Angus assumiu seu lugar. O que vem à tona é que mudar de casa não é tão cataclísmico quanto pensei; afinal de contas não se muda de corpo nem de cérebro. Continuo absorvida com “minha literatura”, dando um arranco para terminar a cópia de Mrs D para que L. a leia em Rodmell; & depois correndo para desferir os últimos golpes no Leitor Comum, & depois – depois estarei livre. Livre ao menos para escrever mais um ou dois contos que se acumularam. Tenho cada vez menos certeza de que sejam *contos*, ou do que são. Sinto apenas uma certeza razoável de que estou pastando o mais próximo possível das minhas próprias ideias, & alcançando uma forma tolerável para elas. Acho que o desperdício é cada vez menor. Mas eu tenho os meus altos e baixos. Quanto a fama e dinheiro, o longo artigo de Clive a meu respeito saiu no Dial.⁴⁹ £50, aparentemente, da Harper. Está mais do que claro, como L. disse, que estamos a caminho, nós dois, de ganhar o quanto quisermos com nossas penas. Nunca mais, eu me arrisco a dizer, ficaremos ouriçados ao ganhar £15 de Jack Squire.

⁴⁷ “O Herdeiro de Radcliffe” era um apelido brincalhão para Edward Sackville-West, derivado do romance de C.M. Yonge – pois Edward seria o herdeiro dos títulos e propriedades da família Sackville depois da morte do pai e do tio de Vita. (AOB)

⁴⁸ De 1916 a 1924 os Woolfs empregaram Nelly Boxall e Lottie Hope como criadas. Em 1924 levaram Nelly consigo de Richmond quando se mudaram para Tavistock Square, em Bloomsbury, Londres – enquanto Lottie foi trabalhar para Adrian Stephen, irmão de VW, em sua casa na Gordon Square, ali perto. (AOB)

⁴⁹ “Virginia Woolf”, de Clive Bell, foi publicado em dezembro de 1924 no *The Dial* de Nova York. (AOB)

Grande parte do meu tempo se vai conversando – conversando com quem aparece no porão, especialmente gente como Ethel Sands, Elena Richmond, Vita; aqui em cima, onde escrevo, tendo a meditar; a cantar minhas próprias elegias & fazer um apanhado do trabalho do mês.

Com que agudeza a vida social revela alguém – ou melhor, os outros! Roger na outra noite com Vita por exemplo. Num instante ele transformou-se no estudante de graduação inconformista, o rapaz obstinado (eu o vi bem juvenzinho com seus olhos honestos inflexíveis) que *nunca* dirá nada que não acredita ser verdade. O efeito disso sobre Vita foi desastroso: a honestidade pura é uma qualidade duvidosa: com frequência significa falta de imaginação. Significa imposição de suas próprias vontades, ser melhor do que os outros; característica estranha para Roger trazer à tona depois de tantos anos de convívio ameno. Na maior parte do tempo ele é tão indulgente. Seu sangue quacre protesta contra o rico fluido vinífero de Vita; & ela tem o costume de elogiar & falar indiscriminadamente sobre arte, algo comum no seu meio, mas não no nosso. Foi tudo bastante espinhoso até que chegou o bom camarada Clive, & se dedicou a apaziguar a querida granadeira aristocrata inflamada que é Vita. Então entrou Sprott; um cachorro tedioso, se é que já existiu um. Também vimos Aldington,⁵⁰ que nos telefona como um comerciante fazendo pedidos; um belo homem franco, pomposo, poderoso, de olhos um tanto remelentos, que vai conquistar o que quer neste mundo, coisa que não me agrada muito que as pessoas façam. Todos os rapazes fazem isso. As moças não; ou melhor, nas mulheres isso é criticado; nos homens perdoado. São reflexões assim que desejo entremear no que escrevo; ou pelo menos algumas delas.

Marjorie & e eu nos beijamos – lá sobre o pequeno túmulo nos beijamos novamente entre lágrimas.⁵¹ Minha frieza, ela disse, fez com que para ela trabalhar se tornasse impossível. Explicamos tudo, paradas à porta. Gosto dela; da sua integridade interior, depois que atravessamos sua superfície um tanto vulgar, de balcão de loja de pechinchas. Todas as nossas relações de Bloomsbury florescem, crescem com viço. Se o nosso

⁵⁰ E.G. Aldington, poeta, romancista e crítico, era amigo de Ezra Pound e fora o editor-assistente de *The Egoist* antes de T.S. Eliot. Com Lady Ottoline e VW, foi um dos patrocinadores do Fundo Eliot, esquema criado para angariar verbas para que Eliot pudesse se dedicar somente à escrita e abandonasse seu trabalho no Lloyd's Bank. Embora Eliot tivesse se recusado a sacar do fundo, as doações continuavam a chegar, e provavelmente foi por isso que Aldington estava telefonando para a casa dos Woolfs. (AOB)

⁵¹ De *The Princess*, de Tennyson: "O there above the little grave/ We kiss'd again with tears". (AOB)

meio sobreviver por mais 20 anos, tremo só de pensar no quanto estaremos unidos & inseparáveis. No Natal preciso escrever & perguntar a Lytton se posso dedicar o leitor comum para ele.⁵² E será o último dos meus livros a ter dedicatória, acho. Sobre o que conversamos? Gostaria de ser capaz de anotar conversas.

Com Elena conversamos sobre os vestidos das mulheres: ela sentada ali tão matronal & enfeitada, bem à maneira de S. Kensington, com pérolas & um casaco preto curto de tigre, toda negra, substancial & de meia-idade.

“Adoro guiar. Fiz um longo passeio com minha avó, com cavalos de Kent. Percorremos umas 20 milhas por dia. Eu estava numa festa na outra noite em que todo mundo comentou como Mrs. Carnegie (você se lembra de Mrs. Chamberlain, Virginia?)⁵³ estava encantadora, com um vestido cor-de-rosa justo e decotado: absolutamente todas as mulheres do salão estavam usando vestidos chemisette de georgete.” Dadie fez um enorme sucesso. “Uma criatura fascinante” ela disse, aliviada eu imagino por encontrar um ser humano ali.

Vita falou sobre crítica. L[ady] G. Wellesley quer criar um 2do prêmio Hawthornden somente para poetas. Falei que deveria ser para críticos. E o que são os críticos, disse Vita: & acrescentou, por ser uma aluna dedicada das resenhas de seus próprios livros, meio mergulhada demais na verdade, que dois críticos nunca assumiam a mesma posição. Isso fez Roger desatar a falar sobre crítica estética, sobre crítica construtiva.

Conversamos sobre as mesmas coisas, sem dúvida. No entanto a editora está sempre compondo ruínas. Aparece gente aqui quase todos os dias. Gosto das minhas tardes de impressão, & acho que essa é a maneira mais sadia de viver – porque, se eu passasse todo o tempo escrevendo, ou simplesmente me recuperando de escrever, eu me tornaria uma espécie de coelho endogâmico – minha prole seria composta de albinos fracos. Um homem chamado Peter Miller que conheci na casa de Gumbo confirmou essa impressão minha noite dessas. Agora conhecemos um monte de homens. Uma criatura parecida com um melro

⁵² O *leitor comum* foi de fato dedicado a Lytton Strachey.

⁵³ Mary Endicott, viúva de Joseph Chamberlain, casara-se com o reverendo W.H. Carnegie, da Abadia de Westminster, em 1916. VW havia conhecido os Chamberlains em sua juventude, em Kensington.

chamada Tomlin⁵⁴ insiste em me esculpir. Esta tarde derrubaram a árvore dos fundos: a árvore que eu costumava ver da claraboia do meu porão.

⁵⁴ O escultor Stephen Tomlin se tornou amigo de Bunny Garnett ao visitar a livraria deste, e daí foi apresentado aos seus amigos de Bloomsbury. VW acabou mais tarde de fato posando para ele, e o busto de Tomlin pode ser visto hoje na Tavistock Square. (AOB)

Terça, 6 de janeiro

A desgraçada verdade é que terei de emendar um ano no outro, porque não posso desperdiçar tantas páginas em branco.¹

Com que floreio comecei 1924! E hoje, pela 165ª vez, Nelly pediu demissão – Não quer receber ordens: deve fazer como as outras garotas fazem. Aí está o fruto de Bloomsbury.² No geral, eu me sinto inclinada a levar a sério a palavra dela. A dor de cabeça de organizar a vida de acordo com seus caprichos & a pressão das “outras garotas” são demais, por mais que ela seja boa cozinheira, & uma criada honesta, durona & antiga também, de confiança, quase sempre, afetuosa, bondosa, mas incuravelmente melindrosa, nervosinha, insubstancial. De todo modo, a questão das criadas já não me preocupa muito.

Noite passada jantamos no número 3 da Albert Road, a nova casa de Mary [*Hutchinson*]. Gosto que o ano-novo comece com sentimentos de afeto e amizade – & foi um jantar soberbo. Estavam ali os filhos também, um menino & uma menina ótimos; a menina com encantadores olhos *de mulher*, compreensivos, espantados; & impetuosa como uma garota. (Quero começar a descrever meu próprio sexo.) O que quero dizer com tal expressão? Uma juventude extrema, & apesar disso intuimos que esse sentimento existe desde sempre; muito feminino. Aqui eu concebo minha história – mas estou sempre concebendo histórias agora. Curtas – cenas – por exemplo O Velho (um personagem de L.S.) O Professor de Milton – (uma tentativa de crítica literária)³ & agora A Interrupção, mulheres falando sozinhas. Mas, de volta à vida. Onde estávamos?

Passei a manhã escrevendo notas sobre uma peça elisabetana – para o qual andei lendo peças o ano inteiro.⁴ Então

¹ VW refere-se ao fato de não ter encerrado o livro onde escreveu o diário de 1924 e aberto um novo para 1925, e sim continuado a escrever ali, apesar do novo ano. Esse tipo de comentário indica o quanto ela se importava com a forma do diário.

² Nelly e VW tinham uma relação conflitante, para dizer o mínimo – que em parte refletia as grandes contradições das desigualdades sociais e trabalhistas entre as mulheres da primeira metade do século XX na Inglaterra. Para um estudo aprofundado a esse respeito, ver LIGHT, Alison. *Mrs. Woolf and the Servants: An Intimate History of Domestic Life in Bloomsbury* (New York: Bloomsbury Press, 2008).

³ Desde o outono passado VW vinha visualizando seu pai, Leslie Stephen, como personagem de uma “cena” (ver entrada de 17 out. 1924). Ele acabaria se transformando no Mr. Ramsay de *Ao farol*, e o professor foi incorporado em *Mrs. Dalloway*. (AOB)

⁴ “Notas sobre uma peça elisabetana” foi publicado no *TLS* em 5 mar. 1925. (AOB)

descobri que o ponteiro menor do meu relógio de pulso tinha se soltado (isso enquanto eu conversava com Lytton sobre [Samuel] Richardson na noite passada – foi quando eu descobri): portanto fui à sala de impressão para ver as horas – & encontrei Angus & Leonard preparando a nota de Simkin.⁵ Fiquei lá & dei risada. L. foi para o escritório, depois de darmos uma volta com a cachorra em torno da praça. Entrei & compus uma página de Nancy.⁶ Dali fui para Ingersoll consertar meu relógio. Depois passei a cachorra. E voltei. Foi um dia escuro e granuloso de inverno; com trechos inteiros de asfalto pretos como breu onde não havia iluminação. Nunca conseguirei descrever todos os dias nos quais prestei atenção. Não consigo acertar o tom, exatamente, & entretanto se eu ler isso de novo talvez consiga perceber o que eu quis dizer então.

Rodmell era puro vendaval & enchente; estas palavras são exatas. O rio transbordou. Dos 10 dias que passamos lá, 7 foram de chuva. Muitas vezes eu não conseguia me obrigar a sair para caminhar. L. fez as podas, o que exigiu coragem heroica. Já o meu heroísmo foi puramente literário. Revisei Mrs D: a parte mais tediosa do ofício de escrever; a mais deprimente & minuciosa. O pior é o começo (como sempre), onde o avião domina durante algumas páginas & a coisa perde força. L. leu; acha que é o meu melhor – mas enfim, ele não *deveria* pensar dessa maneira? Seja como for eu concordo. Ele acredita que tem mais continuidade do que J[acob]s. R[oom]. mas que é difícil devido à falta de conexão, visível, entre os dois temas.

De todo modo, eu o enviei para os Clarks, & as provas chegam na semana que vem. Vão para a Harcourt Brace, que aceitou o livro sem pedir para vê-lo & aumentou meu pagamento em 15 p.c.⁷ Não vi grande coisa em Rodmell, tendo de manter os olhos pregados na máquina de escrever.

⁵ Simkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co. eram livreiros varejistas e distribuidores.

⁶ O longo poema *Parallax*, de Nancy Cunard, sairia pela Hogarth Press em abril de 1925.

⁷ A gráfica R & R Clark, de Edimburgo. Os Woolfs compunham e revisavam as provas na Tavistock Square, mas a partir da década de 1920 os livros maiores quase sempre eram impressos fora. A Harcourt, Brace and Company era a editora de VW nos Estados Unidos.

Angus passou o Natal conosco, um rapaz bastante quieto, bastante atencioso, compenetrado e altruísta, com um senso de humor encantador – sem-graça, diz Lytton: passivo. Mas gosto dele, assim mesmo.⁸

Quarta, 18 de março Estas últimas páginas pertencem ao *Leitor Comum* & foram escritas na cama com gripe; & agora, por fim, depois de enviar as últimas provas hoje, consegui fazer meu novo diário⁹ & encerrarei este aqui, com mil desculpas & presságios agourentos ao me ver diante de tantas páginas em branco.

⁸ No manuscrito, sem aviso, começam escritos de duas páginas de *O Leitor Comum*, o que sugere como VW enxergava sua escrita como uma só. É mais ou menos frequente esse seu hábito de escrever sem querer em seu diário outros textos nos quais estava trabalhando, e depois transferi-los para o caderno ou livro certo.

⁹ A partir de 1917, VW costumava ela mesma encadernar os livros que usava para escrever seu diário, volumes elegantes com capa dura. Esse hábito seria perdido em meados da década de 1930, quando ela passa a escrever em folhas soltas, reunidas em uma espécie de classificador – um sinal de sua instabilidade emocional na época.

52 Tavistock Square WC

1925¹⁰

¹⁰ Aqui VW inicia um novo livro.

Sábado, 18 de março

Essa vergonha já foi explicada – eu acho: dois livros para enviar para a gráfica,¹¹ basicamente entre o chá & o jantar; gripe & um desgosto pela escrita. No momento (tenho 7 ½ antes do jantar) só consigo observar que o passado é belo porque nunca compreendemos uma emoção no momento. Ela se expande mais tarde, & portanto não temos emoções completas sobre o presente, apenas sobre o passado. Isso me ocorreu na plataforma de Reading, vendo Nessa e Quentin se beijarem, ele se aproximando timidamente, mas com certa emoção. Disto irei me lembrar; & elaborar mais, depois de separá-lo da agitação toda de atravessar a plataforma, encontrar nosso ônibus &c. É por isso que habitamos o passado, acho.¹²

Fomos visitar as crianças na escola: os rapazes, eu deveria dizer. Julian estava passando o rolo na quadra de tênis de Mr. Eliot como forma de castigo. (Isso sugere um conto sobre um homem cuja ambição era comprar um campo; isso o mantinha vivo; quando ele o compra, morre.) Mr. Goddard apareceu, & Julian gritou para ele, “Fico aqui até as 5” como se os dois fossem alunos de faculdade. Nada muito escola pública tudo isso; mas ah que horror ser Mr. Goddard & ter de perambular por aí, naquele dia implacável (nevava), para receber os atletas da corrida de obstáculos. Quando eles entravam correndo, no mesmo instante caíam rolando pelo chão & eram cobertos com tapetes & casacos. Na última volta, as pernas deles se levantavam com uma fraqueza imensa. J.[ulian] & Q.[uentin] foram completamente cínicos & disseram que ninguém gostava daquilo, mas achavam que era o certo a fazer. Mas a ponta desta caneta está arranhando.

Quarta, 8 de abril

Acabamos de voltar de Cassis. Não raro enquanto estava lá eu pensava que iria escrever aqui com frequência, & assim anotar algumas das miríades de impressões que apanho todos os dias. Mas tão logo voltamos, o que acontece? Nós nos despimos e entramos na corrente, & fico obcecada com alguma ideia tola que não tenho tempo de parar para

¹¹ *Parallax*, de Nancy Cunard, e *Poems and Fables*, de R. C. Trvelyan, foram paginados a mão na própria Hogarth Press e publicados em abril de 1925. (AOB)

¹² Este trecho fala com muita clareza sobre o passado se expandindo até o presente e tem laivos de Bergson. Ver p. 141.

anotar, ou pensando que devia estar fazendo algo sério.¹³ Mesmo agora, fico dando voltas febrilmente, pensando na metade do tempo, mas preciso interromper & levar Grizzle [*a cachorra*] para passear; preciso organizar meus livros americanos;¹⁴ a verdade é: preciso dar um jeito de reservar meia hora em algum momento do meu dia & consagrá-lo à escrita do diário. Dar-lhe nome & lugar, & aí então talvez, porque assim é o espírito humano, eu comece a pensar nisso como um dever, & deixe de lado os outros deveres em função deste.¹⁵ Estou sob a impressão do momento, o complexo momento de voltar do sul da França para esta ampla privacidade, indistinta & serena – Londres (ou assim pareceu na noite passada), que foi atravessada pelo acidente que vi esta manhã & uma mulher gritando Oh oh oh com voz muito fraca, presa de encontro às grades de ferro do passeio debaixo de um carro. Passei o dia inteiro ouvindo aquela voz. Não fui ajudá-la; mas enfim, todos os padeiros & floristas foram. Permanece em mim uma enorme sensação da brutalidade & selvageria do mundo – lá vinha uma mulher de marrom andando pela calçada – de repente um carro vermelho dá uma cambalhota, aterrissa em cima dela, & o que se ouve é esse oh, oh, oh. Eu estava indo conhecer a nova casa de Nessa & encontrei Duncan na praça, mas como ele não tinha presenciado nada, não tinha a menor condição de sentir o que eu sentia, & nem Nessa, aliás, apesar de ela fazer um esforço para relacionar aquilo com o acidente de Angelica da primavera passada.¹⁶ Porém garanti a ela que era apenas uma mulher de marrom; & assim fomos conhecer a casa com compostura o suficiente.

Desde [a última vez] que escrevi, ou seja há alguns meses, Jacques Raverat morreu; depois de muito ansiar por morrer; & me enviou uma carta sobre Mrs Dalloway que me proporcionou um dos dias mais felizes da minha vida.¹⁷ Eu me pergunto, terei desta vez

¹³ Tais “miríades de impressões” remete a “Ficção moderna”, ensaio de *O leitor comum*. Esse trecho também revela o que comentei sobre a forma como VW frequentemente encarava seu diário como menor em relação a outros de seus textos (“eu devia estar fazendo algo sério”). Para mais sobre isso, ver p. 66.

¹⁴ Woolf estava escrevendo “Ficção Americana”, que foi publicado no *Saturday Review of Literature*, de Nova York, em 1 ago. 1925. (AOB)

¹⁵ Mais um comentário que denota a importância da escrita do diário para Woolf.

¹⁶ Sobre o acidente de Angelica, ver a passagem do dia 5 abr. 1924.

¹⁷ VW enviou as provas de *Mrs. Dalloway* para o matemático e pintor Jacques Raverat, que sofria de esclerose múltipla, cerca de um mês antes de sua morte. Ele respondeu: “Receber cartas e livros como

alcançado alguma coisa? Bem, nada de todo modo em comparação com Proust, em quem estou impregnada agora. O negócio em Proust é essa sua combinação da mais absoluta sensibilidade com a mais absoluta tenacidade. Ele vasculha os tons das borboletas até o último matiz. E suponho que a cada frase minha ele irá a um só tempo me influenciar & me enfiar. Jacques morreu, como eu ia dizendo; & no mesmo instante o cerco de emoções começou. Recebi a notícia com um grupo de pessoas aqui – Clive, Bee How, Julia Strachey, Dadie.¹⁸ Apesar dos pesares, já não me sinto inclinada a tirar o chapéu para a morte. Gosto de sair de um recinto ainda falando, com uma frase casual inacabada nos lábios. Foi este o efeito que isso causou em mim – não o de despedidas, nem de submissões –, simplesmente alguém adentrando a escuridão. Para ela, porém, o pesadelo foi terrível.¹⁹ A única coisa que posso fazer agora é manter a naturalidade com ela, o que acredito ser uma questão de importância considerável. Mais & mais repito a minha própria versão de Montaigne, “É a vida o que importa”.²⁰ Estou aguardando para ver que forma Cassis tomará por fim em meu espírito. Tinha as rochas. Saíamos depois do café da manhã & nos sentávamos nelas, sob o sol. L. ia sem chapéu & escrevia sobre os joelhos. Certa manhã encontrou um ouriço-do-mar – eles são vermelhos, com espinhos que estremecem muito ligeiramente. E de tarde saíamos para caminhar, subíamos o morro, entrávamos na floresta, onde um dia escutamos o ruído de carros & descobrimos a estrada para La Ciotat logo ali embaixo. Era pedregosa, íngreme & muito quente. Uma vez ouvimos um barulho muito alto como o de pássaros, que a mim pareceu ser de sapos. Nos campos havia tulipas franjadas vermelhas; os campos eram pequenos terraços angulares escavados no morro, riscados & entremeados de vinhas; & todos vermelhos, & rosados & arroxeados,

estes é quase o suficiente para me fazer desejar viver um pouco mais... Sinto-me lisonjeado, & você sabe o quanto isso é importante sentimentalmente para uma pessoa, & orgulhoso...” (AOB)

¹⁸ Beatrice Howe, autora de *A Fairy Leapt Upon My Knee* (1927). Julia Strachey, sobrinha de Lytton, que se tornaria uma grande escritora. (AOB)

¹⁹ VW deve estar se referindo à esposa de Jacques, a xilogravurista Gwendolen Mary Darwin, com quem ela tinha amizade. Ela lhe escreveu uma carta naquele mesmo dia. (AOB)

²⁰ Ver o ensaio “Montaigne”, de *O leitor comum*: “Mas basta de morte; é a vida o que importa.”

aqui e ali uma ou outra árvore frutífera em flor. Aqui & ali se via alguma casa angulosa branca, ou amarela ou azul caiada, de venezianas bem fechadas; com trilhas planas ao redor, & uma vez rebanhos; uma incomparável limpeza & organização em toda parte. Em La Ciotat grandes barcos alaranjados erguiam-se das águas azuis da baiazinha. Aquelas baías são todas muito circulares & bordeadas com casas de alvenaria de cores claras, muito altas, fechadas, descascadas & com marcas de reparos, aqui com um vaso com tufos verdes, ali com roupas secando; acolá com alguma velha espiando. No morro, que é pedregoso como um deserto, as redes tinham sido postas para secar; & nas ruas crianças & garotas fofocavam & zanzavam em xales & vestidos de algodão de tons claros vibrantes, enquanto os homens com picaretas pavimentavam o terreno da praça principal. O Hotel Cendrillon é uma casa branca, com piso de lajotas vermelhas, capaz de abrigar umas 8 pessoas. Estavam lá Miss Toogood, os Howards, Miss Betsy Roberts, Mr. Gurney, Mr. Francis, &, por fim, Mr. Hugh Anderson & Mr. Garrow Tomlin.²¹ Todos merecem páginas de descrições. Aliás, a atmosfera geral do hotel me forneceu várias ideias: ah como são frias, indiferentes & superficialmente educadas tais relações esquisitas: como se a natureza humana se visse agora reduzida a uma espécie de código, desenvolvido para enfrentar esse tipo de emergência, em que pessoas que não se conhecem encontram-se & clamam seus direitos como membros da mesma tribo. Verdade seja dita, nós nos demos bem; só não invadimos nossas profundezas. Porém L. & eu não cabíamos em si de tanta felicidade, como dizem; se fosse agora tivesse de morrer &c.²² Ninguém poderá dizer que não conheci a mais perfeita felicidade, mas poucos seriam capazes de pôr o dedo no instante ou dizer do que ele era feito. Eu mesma, de vez em quando me refestelando na poça de contentamento, só conseguia dizer, Mas isto é tudo o que eu quero; não conseguia pensar em nada

²¹ George G. Tomlin era o irmão mais velho do escultor Stephen Tomlin. (AOB)

²² De *Otelo*, ato II, cena I: "Se agora tivesse de morrer, seria felicidade suprema, pois eu receio, tão absoluto é o contentamento da minha alma, que não haja conforto igual a este no destino ignorado". Trad. R. Albery e Sebastião Maldonado. (AOB)

melhor; & sentia apenas pela metade a minha superstição de que os Deuses, depois de criarem a felicidade, a invejam. A não ser, porém, que você a alcance de maneiras inesperadas.

Domingo, 19 de abril

Já jantamos, é nossa primeira noite de verão, & o ânimo de escrever me abandonou, roçou-me muito de leve & me deixou. Não consegui fixar minha meia hora sagrada ainda. Mas pense – daqui a um tempo vou preferir ler algo aqui a refletir que terminei de burilar Mr. Ring Lardner.²³ Devo ganhar £300 este verão escrevendo & vou mandar construir um banheiro & sistema de encanamento de água quente em Rodmell. Mas calma, calma – meus livros tremem à beira da publicação, & meu futuro é incerto. Quanto a previsões – as cartas *acabam* de revelar que Mrs. Dalloway é um sucesso (a Harcourt o considerou “maravilhoso”), & já vendeu 2.000 – por essa eu não esperava: esperava um aumento lento & silencioso da fama, como o que se deu, de modo um tanto milagroso, depois que J[acob]s R.[oom] foi publicado: meu valor de jornalista aumentando com constância, mas quase nenhuma cópia vendida. Não estou muito nervosa – não mesmo; & desejo como sempre cavar fundo em meus novos contos, sem que me coloquem um espelho diante dos olhos – isto é, Todd; isto é, Colefax et cetera.²⁴

Lytton veio visitar na outra noite. Ele me pareceu outonal; com aquela encantadora retidão de espírito que ninguém mais alcança tão perfeitamente, eu acho. Sua exatidão de raciocínio é considerável. Cristo [*tema para um novo livro*] foi no entanto descartado, para seu desapontamento, pois ele está cada vez mais & mais implicante com seus temas: Cristo, diz ele, não existiu: foi uma fantasia; & conhece-se tanta coisa que, francamente, ele não seria capaz de enfiar tudo num único livro. E Philip Ritchie talvez esteja em derrocada. Conversamos sobre velhos veados & da falta de atração que exercem sobre os jovens. Minha revolução antiveado correu o

²³ Ringgold (Ring) Lardner, contista americano cuja obra Woolf discute em seu texto “Ficção Americana”, que estava escrevendo na época. (AOB)

²⁴ Woolf escreveu diversos contos sobre o tema da festa nesse período. Sete deles foram reunidos no livro *Mrs. Dalloway's Party* (org. Stella McNichol, 1973). Dorothy Todd, editora da *Vogue* britânica, tencionava organizar uma espécie de “guia” sofisticado da moda e cultura da época. Para isso, encomendou colaborações de diversos artistas da vanguarda (dentre eles VW) na Inglaterra e na França. A dama da alta sociedade Lady Colefax (Sybil) era conhecida por estar constantemente em busca de “pessoas interessantes”, que ela e o marido Arthur entretinham em sua casa, Argyle House, no Chelsea. (AOB)

mundo, tal como eu esperava. Eu me sinto meio comovida com o que parece ser a contrição deles & a sua ansiedade em desculpar seus defeitos. Por outro lado, se eu não puder dizer o que se passa pela minha cabeça & aferroar o Coronel de Clive de vez em quando, para que vou servir?²⁵ A pálida estrela do Veado já esteve na ascendente por tempo demais. Julian concorda enfaticamente. Passamos a Sexta-feira Santa em Rodmell – clima de junho, & uma vez mais a suave onda encapelada sob nós: mas ah, com que rapidez eu afundo; que sombras violetas existem nos intervalos das altas luzes, & uma, quem sabe, mais insensata do que a outra. Isso porém ficaria mais adequado em um conto.²⁶

Ontem fomos ver a exposição de Max [Beerbohm] com o querido esmolambado Angus, que a mim parece um irmão mais velho, só que 20 anos mais novo do que eu. Voltamos para o chá (enquanto escrevo por cima de tudo isso cai o desabrochar do passado – que se torna tão triste, bonito, memorável) & comemos uma quantidade enorme de pãezinhos, depois conversamos sobre Murphy.²⁷ Ai de nós! – que temperamento o dela. É uma mulher sem estirpe & rabugenta, de charme nulo, uma tratante boêmia mais ou menos com a aparência de um ensopado irlandês, & que não se destina a ter vida longa por aqui, eu diria. Já Angus, apesar de lacrimoso, é um cavalheiro; não insiste, enxerga as desvantagens; Leonard vai ter de arrancar esse dente na quinta. Desconfio de certo ressentimento escondido: desconfio que ela guarda rancores.

Marjory & seu Tom vieram ao porão esta tarde, muito felizes, segundo L., & eu acho sinceramente que ela deveria desfrutar dessa situação até o último grama – dinheiro, comida, segurança, um suprimento de jovens rapazes, & seu fiel Tom, & verba para vestidos, & café da manhã tarde, & consideração. No frigar dos ovos ela é uma

²⁵ O “Coronel de Clive” provavelmente se refere ao irmão mais velho de Clive, o tenente-coronel William C. Bell, cujo ponto de vista sobre a homossexualidade devia ser até mais enfático do que o da própria Woolf. (AOB)

²⁶ VW discorre sobre o lugar das coisas – aquele tipo de observação, para ela, seria melhor desfiar em um conto do que em seu diário. Isso revela que seu diário tinha mentalmente funções específicas para ela, ou assim ela o percebia.

²⁷ Bernadette Murphy, que começou a trabalhar como secretária na Hogarth Press em fevereiro daquele ano. (AOB)

criatura confiável & boa, & se eu quisesse ver alguém, ousa dizer que seria ela.²⁸

Neste momento, a única coisa que queremos é não ver ninguém. Amanhã devo comprar um vestido novo. Observo aqui que estou me tornando inquieta & agitada, & minha consciência insiste que preciso ler Mr. Ring Lardner & faturar meus 50 guinéus.

Segunda, 20 de abril

Felicidade é ter um fiozinho onde as coisas podem se prender. Por exemplo, ir à minha modista na Judd Street, ou melhor, pensar num vestido que gostaria que ela fizesse & imaginá-lo pronto – este é o fio que, mergulhado de leve numa onda de tesouros, ao ser puxado de volta traz pérolas. A coitada da Murphy está macambúzia graças à rispidez ferina de Leonard – epítetos que ele certamente negaria, ambos. Ela não tem fio nenhum para mergulhar na onda verde: para ela as coisas não se conectam umas às outras; não se avolumam nos montinhos fascinantes que constituem a felicidade. Já os meus dias provavelmente estarão repletos deles. Eu gosto dessa vida londrina do início do verão – bater perna nas ruas & bater ponto nas praças, & depois, se meus livros (nem falo da brochura de L.²⁹) forem um sucesso; se pudermos começar a reforma em Monks, & instalar um rádio para Nelly, & fazer os Skeats [não identificados] irem morar no chalé dos Shanks – se – se – se – O que vai acontecer são *algumas* intensidades de prazer, & alguns profundos mergulhos na tristeza. Resenhas ruins, ser ignorada; & depois uns deliciosos aplausos elogiosos. Mas sinceramente o que eu mais gostaria seria de ter £3 para comprar um par de botas com solado de borracha & fazer caminhadas pelo campo aos domingos. Uma coisa a considerar em meu estado de espírito agora, que me parece indisputável, é que finalmente perfurei o meu próprio poço, & não consigo rabiscar com rapidez o bastante para trazer tudo até a superfície. Tenho agora no mínimo 6 contos manando dentro de mim & sinto, finalmente, que sou capaz de cunhar todos os meus pensamentos em palavras. Não que não reste um número infinito de problemas; mas nunca senti essa pressa & essa urgência antes.

²⁸ Marjorie Thomson, que trabalhara na Hogarth Press de 1923 a 1925, estava então casada com C. Joad, mas logo se casaria com Thomas Marshall. (AOB)

²⁹ *Fear and Politics. A Debate at the Zoo.* (AOB)

Acredito que sou capaz de escrever muito mais rápido: se é que isso é escrever – essa disparada de uma frase pelo papel,³⁰ & depois datilografar & redatilografar – datilografar tudo de novo, o processo de escrita em si parecendo agora uma pincelada rápida; preencho [os vazios] depois. Agora, imagine que eu possa me tornar um dos romancistas interessantes – não digo grandes – mas interessantes? Estranhamente, apesar de toda a minha vaidade, até agora eu não punha muita fé nos meus romances, nem os considerava fruto de expressão própria.

Segunda, 27 de abril

O que eu quis dizer
era outros eus

O Leitor Comum saiu na quinta: hoje é segunda & até agora não ouvi uma palavra a respeito, seja pública ou privada: é como se uma pedra tivesse sido atirada num lago & as águas se fechassem sobre ela sem nenhuma ondulação. Mas estou perfeitamente satisfeita & me importo menos do que nunca, & só faço esta anotação aqui para da próxima vez me lembrar do progresso sublime dos meus livros. Posei para a *Vogue*, isto é para os Becks, nos seus estábulos, que Mr. Woolner transformou em seu estúdio, & talvez tenha sido lá que ele pensava em minha mãe, com quem desejava se casar, eu acho.³¹ Mas minha atual reflexão é que as pessoas têm um número infinito de estados de consciência: & eu gostaria de investigar a teatralidade das festas, a teatralidade do vestido &tc. O mundo da moda no estúdio dos Becks – Mrs. Garland estava lá supervisionando uma sessão – é com certeza uma delas; onde as pessoas produzem um invólucro que as conecta & as protege dos outros corpos estranhos, como eu, que estou do lado de fora do invólucro. Esses estados são muito difíceis (obviamente tateio em busca de palavras) mas estou sempre voltando a isso. A teatralidade da festa, por exemplo: a teatralidade de Sybil [*Lady Colefax*]. Não se deve quebrá-la. É algo real. Deve-se mantê-la de pé; conspirar junto com ela. E no entanto não consigo expressar o que quero. Por outro lado, gostaria logo de descrever Graves antes que o esqueça.³²

³⁰ A valorização da escrita rápida em suas obras de ficção era então uma novidade para VW, e ela inicialmente a associava à escrita de seu diário – que a ajudou a escrever dessa maneira “galopante”.

³¹ Maurice Beck e sua mulher Helen Macgregor eram os principais fotógrafos da *Vogue* e fizeram um ensaio com VW, do qual uma das fotos foi publicada quase um ano depois, na edição de maio de 1926. O estúdio dos dois fora construído pelo escultor Thomas Woolner em 1861, que por volta dessa época pediu a Julia Jackson, mãe de Woolf, a permissão de esculpir seu busto e a sua mão em casamento. Os dois pedidos foram negados. (AOB)

³² Robert Graves, poeta e romancista. A Hogarth Press já publicara dois de seus livros.

Imagine um homem de olhos lampejantes camisa azul cabeleira farta sem chapéu num sobretudo azul, parado à porta olhando para todos os lados às 4.30 na sexta. “Mrs. Woolf?” Eu com medo & suspeitando que fosse algum gênio da Nation, algum jovem decidido a desabafar o que lhe ia por dentro, mandei-o depressa para o porão, onde ele disse, “Sou o Graves”. “Sou o Graves.” Todo mundo ficou olhando. Ele parecia ter acabado de atravessar os ares a 60 milhas por hora & temporariamente pousado ali. Então ele subiu, & eu, ardilosa que sou, sabia que avançar segurando o bule com um pano de prato era exatamente o método, a atitude, a pose correta. O pobre garoto é todo ênfases protestos & pose. Tem uma grosseira semelhança com Shelley, tirando o nariz em ziguezague & os traços indistintos. Mas ter consciência do próprio gênio é ruim para as pessoas. Ele ficou até as 7.15 (íamos ver César & Cleópatra – uma estranha peça retórica & romântica da fase inicial de Shaw) & acabamos tendo de avisá-lo disso, porque ele estava mais entretido no deleite de nos explicar como era a sua vida que uma abelha agarrada ao mel. Ele cozinha; a mulher limpa; 4 filhos vão para a escola primária; o povo da vila lhes dá legumes; casaram-se na Igreja; sua mulher se chama Nancy Nicolson; não quer ir a Garsington, & disse-lhe preciso ter uma casa de graça; ao lado de um rio; numa cidadezinha com um campanário quadrado; perto de uma ferrovia mas não muito – & sendo ela tão decidida, tudo isso ele buscou lhe dar. Chamar a si mesma de Nicolson separou os amigos em joio & trigo. Para nós isso tudo pareceu fruto do embaraço típico dos rapazes jovens, ainda mais depois que ele atirou, gratuitamente, a informação de que descende do reitor da universidade, do Bispo, de Von Ranker &c &c &c: somente para dizer em seguida que os despreza. Contudo, contudo, é um ótimo rapaz, inocente & tagarela; mas por que a nossa época lançou esse ônus da prova em cima de nós? Com certeza antigamente se podia viver com simplicidade, sem reclamar. Eu tentei, talvez, cair nas suas graças, tal é a minha fraqueza. L. foi inflexível. Então ele nos ofereceu um ingresso para a final da Copa, para a qual Graves vinha a Londres depois de 6 anos; não consegue viajar de trem sem enjoar; tem grande orgulho de sua sensibilidade. Não eu não acho que escreverá grande poesia; mas que se há de fazer? Os sensíveis também são necessários; os

simplórios, os gaguejantes balbuciantes, que talvez consigam fazer seu pequeno quinhão de Oxfordshire melhor.

E no domingo fizemos nossa primeira caminhada, até Epping.

Quarta, 29 de abril

Apressadamente (Moore aguarda) preciso registrar a longa visita impactante, emocional, um tanto trêmula & excitada de Tom na noite passada, que nos informou de seu desligamento do Banco (Mas ainda não enviei minha carta de demissão); uma indicação caída dos céus lhe forneceu “4/5s do meu salário atual” & a garantia, com um “nível humano” de certeza, de que entrará em vigor em outubro – se foi de Lady Rothermere (que se tornou alguém “muito agradável”) ou da 4ly review [*Quarterly Review*], ele não disse.³³ E está de olho numa casa perto da Sloane Sqre, cujo aluguel é de apenas £18, & assim espera recomeçar a vida, & estando sozinho, com tempo nas mãos, andou pensando sobre sua condição nessas últimas semanas. Viu toda a sua vida sob uma nova luz, viu suas relações com o mundo, & com Vivien [Eliot] em particular, tornarem-se mais humildes mais flexíveis mais humanas – sendo o homem bom, sensível & honrado que é, acusa-se de ser o típico marido americano & quis me dizer em particular (quando L. foi apanhar a correspondência) o quanto V. me tem em alta conta; desde junho passado não faz mais nada além de escrever, simplesmente porque eu lhe disse para fazer isso!³⁴ Daí ele defendeu não escrever, que é a tática dela segundo disse, & entrou no assunto de sua psicologia. Então perguntou a L. (depois de afirmar que precisava espaçar seus comentários com muito cuidado para encaixar tudo o que tinha a dizer) Você entende alguma coisa de psicanálise? L. disse que sim, daquele seu jeito responsável; & portanto Tom nos contou uma história esquisita – de como o doutor Martin fez V. lembrar o pavor da solidão que ela sentia na infância, & agora ela não suporta mais que ele, Tom, fique longe de vista. Ele ficou confinado no quarto dela esses 3 meses, a pobre & pálida criatura, & quando precisa sair, ao chegar a encontra semidesacordada.

³³ Eliot tinha sido indicado para o corpo editorial da Faber & Gwyer (mais tarde Faber & Faber), que ocuparia de 1925 até sua morte. A revista quadrimestral *The Criterion*, criada e editada por ele desde 1922, vinha sendo custeada por Lady Rothermere, mas a partir de então passou a ser financiada pela Faber & Gwyer – e ganhou o nome de *The New Criterion*. (AOB)

³⁴ Contos curtos de Vivienne Eliot sob os pseudônimos de Feiron Morris ou Fanny Marlow foram publicados em todas as edições trimestrais da *The Criterion* entre outubro de 1924 e julho de 1925. (AOB)

“Amanhã vai ser uma desgraça” disse ele, pois já estava fora das 8 às 11. Sugerimos outro médico. Mas se são os médicos ou o bom senso ou férias ou uma viagem ou algum desconhecido método drástico o que vai curar aquele feixinho de nervos inibido – Deus é que sabe. Ela tem a mente abstrata, ele a histórica, disse ele. No fim ficou a impressão estranha da emoção dele de vir nos contar aquilo tudo – algo que toca não apenas a minha vaidade, como também o meu sentido de valor humano, creio eu; seu apreço por nós, seu afeto, sua confiança em Leonard, & esse estar tão à vontade de maneira subconsciente, disse ele, não numa conversa, mas comigo, o que me fez pousar o braço sobre seu ombro; nenhuma carícia muito apaixonada, mas o melhor que consigo fazer.

E agora estou um tanto desassossegada com o *Leitor Comum*; nem uma única palavra de ninguém, mas quem sabe uma resenha no Lit Sup amanhã. Mas isso reconheço que é superficial; por baixo dos meus desassossegos existe uma estabilidade considerável.

Sexta, 1 de maio

Esta é uma nota para futura referência, como se diz. O *Leitor Comum* saiu 8 dias atrás, & até agora nem uma única resenha, & ninguém me escreveu nem falou comigo a respeito nem reconheceu o fato de sua existência; a não ser Maynard, Lydia & Duncan. Clive evidentemente é surdo; Mortimer está gripado & não pode resenhá-lo; Nancy o viu lendo-o, mas não reportou nenhuma opinião: todos sinais que apontam para uma recepção fraca, fria, deprimente, & para um completo fracasso. Acabei de superar o estágio da esperança & do medo, & agora vejo meu desapontamento flutuando como uma garrafa velha à minha passagem, & parto rumo a novas aventuras. Se a mesma coisa acontecer com Dalloway, não se deve ficar surpreso. Mas preciso escrever para Gwen [*Raverat*].

Segunda, 4 de maio

Este é o gráfico de temperatura de um livro. Fomos a Cambridge, & Goldie disse que me considerava o melhor crítico em atividade: o homem paralisado, Hayward, perguntou, do seu jeito anguloso espasmódico: “Quem escreveu aquele artigo extraordinariamente bom sobre os elisabetanos que saiu no Lit. Sup. 2 ou 3 meses atrás?”

Apontei para o meu peito.³⁵ Agora temos uma resenha sarcástica no Country Life, quase inarticulada de tão fraca, tentando explicar o que é um Leitor Comum, & outra, segundo Angus, no Star, zombando da capa de Nessa. Disso tudo prognostico uma boa dose de críticas afirmando que sou obscura & estranha; & certo entusiasmo; vendas lentas & um aumento de reputação. Ah sim – minha reputação aumenta. Mas estou com um pouco de dor de cabeça & não posso ir a um concerto com Angus, & Leonard vai oferecer o jantar de despedida para Randall,³⁶ & é um alívio ficar sossegada (como é suprema a alegria de desistir de um compromisso) & eu gostaria de poder descrever Pernel, Cambridge, Braithwaite & Hayward, com um postscriptum para Thomson. Um lugar adorável, repleto, como todos os lugares agora, dessa onda do passado. Passando diante da casa de Darwin notei os salgueiros; com a afeição maternal crescente que agora me assola, lembrei de mim ali; de Rupert; depois fui para Newnham, & provoqueei Mrs. Palmer falando que Pernel se casaria com um Arcebispo.³⁷

Não, não consigo [*ilegível*]; Mrs Asquith está entalada em minha garganta; melhor eu ler Moore até o jantar, & ~~um artigo~~ de novo até Leonard voltar. Não, não quero ouvir Bach, & ao oferecer meus ingressos a Angus eu lhe garanti a companhia de um charmoso rapaz. Nunca vi Pernel tão à vontade. Nós nos sentamos defronte sua lareira, fofocando – sobre a morte de Kate, & como até uma semana antes do fim ela levou o cachorro para passear; completamente reservada; como um esqueleto, como uma morta andando por aí com um sarcoma; sem médicos. Nenhuma menção dela mesma & dos 58 diários de capa marrom queimados, suponho.³⁸

³⁵ Goldsworthy ("Goldie") Dickinson, um Apóstolo. Os Woolfs tinham ido a Cambridge para que LW pudesse comparecer a um encontro dos Apóstolos. John Hayward, que sofria de distrofia muscular, viria a se tornar um famoso editor e bibliófilo. (AOB)

³⁶ John Randall se aposentaria em 1926, depois de trabalhar 50 anos como revisor de provas da *Athanaeum* (que fora fundida com a *Nation*). (AOB)

³⁷ Enquanto LW jantava com os Apóstolos, VW foi até o Newnham College jantar com a reitora, Joan Pernel Strachey, irmã de Lytton, e passou defronte à casa de Darwin, que ficava à beira do rio (cf. *A Room of One's Own*, capítulo 1). Helen Palmer, tutora em Newnham, era irmã viúva de Walter Lamb, velho admirador de VW. (AOB)

³⁸ A prima Katherine Stephen de VW fora reitora em Newnham de 1911 a 1920. Em 19 fev. 1924, Woolf anotou em seu diário: "Ali, enfileirados numa prateleira, estavam seus diários desde 1 jan. 1877 (...) E em seu derradeiro dia, ela dirá à criada que a atende, Traga os diários que você encontrar no armário; agora, taque fogo em tudo." (AOB)

Sábado, 9 de maio

De volta da peça grega em Chiswick com Lydia & Berta Ruck; um belo dia de primavera, com todas as árvores folhadas ao longo do Parque; esse passeio transitório foi criado numa caminhada com Nessa Clive & Thoby, & Thoby & eu concordamos em chamar Hyde Park de “urbano”³⁹.

Quanto ao Leitor Comum, o Lit. Sup. iria publicar 2 colunas de elogios sóbrios & sensatos – nem uma coisa nem outra – minha sina no Times.⁴⁰ E Goldie me escreveu dizendo que o livro “é um exemplo do que há de melhor na crítica em língua inglesa – humorado, sagaz & profundo”. – Minha sina é ser tratada com todos os extremos & todas as mediocridades. Mas nunca ganho uma resenha entusiástica do Lit. Sup. E será o mesmo com Dalloway, que já se aproxima.

Estou tonta & exausta, por ter ficado sentada ao lado do cavalo-marinho Sally Onions,⁴¹ que exala luxúria ao ver rapazes jovens dançando. Ontem à noite tivemos uma refeição minguada com os Sangers, cuja mediocridade tanto em conforto quanto em gosto me enche de tristeza: ah um pouco de beleza nessa vida, como diria Berta Ruck – que mulher obscena, instalada numa casa obscena em South Kensington como uma amazona, vestida de Jacon⁴² claro com um cravo, os dentes da frente manchados com uma linha vermelha no lugar onde seus lábios os tocaram. Da pequena Lydia eu gostei: como funciona a sua mente? Como uma cotovia ganhando os céus; uma espécie de instinto glorificado a inspira: desconfio de uma natureza bastante boa, & de orientação da parte de Maynard.

Ontem à noite recebemos aqui Morgan & Brace;⁴³ Morgan implorou que Leonard fosse vê-lo – ele foi operado de um osso quebrado do pulso, eu deveria ter acrescentado, mas hoje é

quinta, 14 de maio,

o primeiro dia do verão, folhas brotam visivelmente dos botões, & a Praça está quase verde. Ah que dia bucólico – & alguns

³⁹ Thoby era o irmão mais velho de VW, que morreu de febre tifoide em 1906.

⁴⁰ O artigo “Mrs Woolf as Critic” foi publicado no *TLS* em 7 mai. 1925. (AOB)

⁴¹ A escritora popular Berta Ruck, esposa do escritor Oliver Onions.

⁴² Jacon é *jaconet*, um tecido de algodão leve, como musselina. (AOB)

⁴³ Morgan é E.M. Forster. Brace é Donald Clifford Brace, cofundador da editora americana de VW, a Harcourt, Brace. (AOB)

dos meus amigos estão agora lendo Mrs. D. no campo.⁴⁴ Eu pretendia seguir registrando a temperatura dos meus livros. O L.C. não vende; mas recebe elogios. Fiquei muito satisfeita ao abrir o Manchester Guardian esta manhã & ler The Art of V.W. de Mr. Fausset. Brilhantismo combinado com integridade; profundo e ao mesmo tempo excêntrico. Ah se o Times se pronunciasse assim, mas o Times só murmura e grunhe⁴⁵ como um homem chupando seixos⁴⁶ – cheguei a comentar que recebi um pouco menos de 2 colunas murmurantes por lá? Mas o mais estranho é o seguinte: para ser honesta não sinto praticamente o menor nervosismo em relação a Mrs D. Por quê? Pois é, sinto-me até meio enfastiada, pela primeira vez, só de pensar no quanto terei de conversar sobre esse livro neste verão. A verdade é que o prazer profundo é escrever, & ser lida o superficial. Sinto agora a ânsia do desejo de parar com os artigos & começar *Ao Farol*. Que deverá ser razoavelmente breve: terá uma caracterização completa de papai; & de mamãe; & de St. Ives; & da infância; & de todas as coisas que sempre procuro incluir – vida, morte &c. Mas o centro é o personagem de papai, sentado num barco, recitando *Perecemos*, cada qual em solidão,⁴⁷ enquanto esmaga uma cavalinha moribunda – Contudo, preciso me refrear. Devo escrever uns continhos antes disso & deixar o Farol em banho-maria, acrescentando-lhe trechos entre o chá & o jantar, até estar pronto para ser escrito. Ontem foi um dia horrendo de papo furado – Desmond [MacCarthy] depois do Dr. Leyes, Lord Olivier depois de Desmond, James [Strachey] & Dadie para encerrar, enquanto ainda por cima L. teve sei lá quantas entrevistas jornalísticas & comitês. A Liga das Nações está estourando (Innes, quero dizer).⁴⁸ Mas eu tencionava descrever meu caro & velho Desmond, que foi uma

⁴⁴ *Mrs. Dalloway* foi publicado pela Hogarth Press naquele dia, 14 mai. 1925.

⁴⁵ Tentei manter a musicalidade do original, aqui com sons de “r”, lá com sons de “m” (mumbles and murmurs).

⁴⁶ Um costume da época.

⁴⁷ Do último verso do poema “The Castaway”, de William Cowper – “We perish’d, each alone”. Woolf de fato o utilizou em *Ao Farol*. (AOB)

⁴⁸ *The Story of the League of Nations told for Young People*, de Kathleen Innes, fora publicado pela Hogarth em abril de 1925. Dr. Norman Leys, autor de *Kenya*, já foi mencionado anteriormente (ver 7 set. 1924). Lord Olivier é Sydney Olivier, um socialista fabiano; a Hogarth viria a publicar quatro livros seus. (AOB)

alegria rever; ele me estendeu ambas as mãos, eu o acomodei em sua poltrona & conversamos até as 7. Está um tanto desgastado & envelhecido; creio que em parte por sentir que os 45 aí estão & ele nada conquistou, exceto lógico as crianças, que ele idolatra – Micky escreve, Dermot & Rachel trinam & chilreiam na flauta & no piano: todas as relações humanas dele são muito férteis & florescentes, mas ah, disse ele, falando de Houseman, não o deixe desistir da Corn Exchange para investir em literatura! Eu o vi pensando em seus 50 artigos durante 5 anos, sua maçaroca de artigos velhos acumulando poeira nas caixas, & Geoffrey Scott acabou sendo o escolhido para escrever o Donne, coisa que Desmond deveria ter feito em 1912. Eu me lembro dele me contando essa história na Brunswick Square. Então falei que ele podia deixar esse assunto em minhas mãos, o que o emocionou, pois filhos não são o bastante, afinal; queremos algo que venha apenas de nós mesmos – & 5 caixas de artigos poeirentos ficam um tanto estropiadas & apodrecidas depois de 45 anos. E ele elogiou o L.C. com entusiasmo; & escreverá a respeito, & assim seguimos papeando; Vernon Lee, com seus anéis baratos de gosto primoroso, seu italiano idiomático & sua maneira rancorosa de ver as coisas, de modo que ela não se atreve a escrever suas memórias; Lily Langtry descendo a escadaria do teatro com a filha a reboque, uma beleza que me “atingiu no peito”;⁴⁹ & ainda Logan & Ottoline – como Alys caiu doente de câncer mais uma vez – “que vida mais miserável & infeliz, pobre coitada” – & [como] L[ogan]., tendo a nova Mrs B. R. ao seu lado, morreria de irritação tendo Ott. como vizinha; mas tal qual um tolo Logan não deixou nada disso claro & limitou-se a reclamar que a paz de cidadezinha de Chelsea seria destruída por O., coisa de que ela naturalmente se ressentiu.⁵⁰ Em tudo isso, Desmond age como resolvidor & mediador; todos sugam a sua boa índole e seu bom senso. Que mais conversamos? Os

⁴⁹ Vernon Lee, pseudônimo de Violet Page, autora que se dedicava notadamente à história cultural italiana. Lillie (Emilie), viúva de Edward Langtry e na época Lady de Bathe, foi uma atriz famosa pela beleza. (AOB)

⁵⁰ O autor Logan P. Smith morava com sua irmã Alys, ex-esposa de Bertrand Russell, no Chelsea. Bertrand Russell se casara de novo e fora viver com a nova esposa nas proximidades. Lady Ottoline Morrell, a quem Logan culpava pelo divórcio da irmã (uma vez que ela tivera um longo caso com Russell), estava considerando mudar-se de Garsington para o Chelsea. (AOB)

E[lisabe]tanos? The Phoenix; a língua grande & o corpo pequeno da pobre Ray Litvin;⁵¹ então L. chegou & em seguida era hora do jantar; eu tendo tempo apenas para dar a volta correndo na Praça; tanto Dadie quanto James muito sossegados & afáveis; verdade seja dita que por Dadie sinto afeição considerável – tão sensível & terno que ele é; um dia desses vai tomar jeito & ser menos sangue-quente. Realmente, mais tarde ele falou com grande seriedade & empolgação sobre sua dissertação & o uso que os poetas fazem das palavras, como eles se atêm a uma palavra, preenchem-na de significado & a tornam simbólica. Mas o que esses acadêmicos querem mesmo é entender os livros escrevendo livros, e não os lendo.

Devo porém lembrar de escrever sobre as minhas roupas na próxima vez em que sentir o impulso de escrever. Minha adoração por roupas interessa-me profundamente: mas não é adoração; & o que é ainda me resta descobrir.

Sexta, 15 de maio

Duas resenhas desfavoráveis de Mrs D (Western Mail & Scotsman): ininteligível, não é arte &c: & uma carta de um jovem rapaz de Earls Court, “Desta vez a senhora conseguiu – agarrou a vida & a colocou num livro...” Favor perdoar essa explosão emocional, mas são desnecessárias citações adicionais; & penso que eu não me daria ao trabalho de escrever essas coisas caso não estivesse alvoroçada; pelo quê? Pelo ardor repentino, creio, & a algazarra da vida. Para mim é ruim ver meu próprio retrato. E fui almoçar com Desmond, & li os artigos da querida & velha Coruja.⁵² O problema é que ele não consegue manter o ritmo num artigo. Já eu & Lytton, apesar de talvez não conseguirmos raciocinar ou escrever tão bem, temos um vigor capaz de transformar um artigo num todo. Há todavia coisas ali que valem a pena conservar, mas ele se torna emotivo & irracional ao pensar nisso, & quero vê-lo contente – portanto almoçamos no restaurante do Connaught Rooms,⁵³

⁵¹ The Phoenix Society, uma companhia de teatro cujo espetáculo *The Orphan* os Woolfs tinham ido assistir recentemente. Ray Litvin tinha interpretado Monimia, a órfã.(AOB)

⁵² VW apelidava os amigos com nomes de animais; Desmond é coruja, Lytton serpente barbuda. Ela também faz muitas associações (frequentemente bastante engraçadas e inusitadas) de pessoas com bichos diversos, como sapos, camelos, cachorros.

⁵³ Os elegantes Connaught Rooms, tradicional salão de reuniões e eventos, situam-se na Great Queen Street. Esta também era a rua da sede da *New Statesman*, da qual Desmond McCarthy era editor de literatura. (AOB)

onde outros homens discutiam negócios, tomamos uma garrafa de vinho & remexemos os maços imundos, como ele diz. Em casa descubro que a Vogue enviou fotos – mais fotos: o T.P quer uma, o Morning Post outra. & o L.C. vende 2 ou 3 exemplares por dia.

Iremos à peça atravessando essa Londres de cor fulva – mas o jornalismo é o diabo. Não consigo escrever depois que leio artigos. Não há tempo – preciso me trocar, & escrever sobre roupas algum dia desses em breve.

Domingo, 16 de maio⁵⁴ Telegrama de Raymond de Paris – acabou de ler Mrs D., é belíssimo – & uma resenha ótima, franca & no geral elogiosa do L.C. no Observer – “nenhum crítico vivo” &c.⁵⁵ Mas não se trata aqui apenas de vaidade; estou registrando isso por curiosidade: o destino de um livro. O único julgamento de Mrs D. que aguardo com trepidação (mas a palavra é forte demais) é o de Morgan. Ele dirá algo esclarecedor.

Recém-cheguei (todas as minhas entradas abrem assim) de Sutton.⁵⁶ Ah o clima é de alto verão – tão quente que não se pode andar pelo lado ensolarado, & Londres inteira – até mesmo Lavender Hill Lambeth, que se descasca a olhos vistos sob o sol – está transformada como por encanto. Fizemos um passeio ruim, todo ao longo da pista de cinza, sem poder seguir pelas trilhas macias convidativas por causa da palestra de L., realizada num santuário semi-religioso, com direito a hinos & orações & um capítulo da Bíblia. Sutton inteira entoava um hino: suaves & intensas melodias de [palavra omitida por VW] humano tremulavam pelos ares, & eu ali sentada; aquilo me emocionou & tocou: o mundo tão bonito, um presente de Deus para nós, disse o Presidente, que dava a impressão, pobre homem, de jamais ter tido um grama de prazer na vida. As coisas tornam-se bastante familiares para mim, daí que às vezes penso que a humanidade é uma vasta onda, ondulante: igual, quero dizer: aqui estão as mesmas emoções que havia em

⁵⁴ AOB corrigiu a data para 17 de maio.

⁵⁵ O resenhista anônimo do *Observer* escreveu: “Poucos livros (...) demonstram desfrute mais profundo, maior amplitude ou inteligência crítica mais refinada do que este volume de Mrs. Woolf.” (17 mai. 1925). (AOB)

⁵⁶ De fato, muitas das entradas dos diários de Woolf se iniciam com “just back from”. Na tradução, optei pelas formas “recém-cheguei” ou “recém-chegada”.

Richmond. Por favor tome um chá – ficaremos ofendidos se você não aceitar a nossa hospitalidade. Sendo assim, aceitamos; & a mesma estranha infusão de fraternidade humana é preparada; & as pessoas parecem iguais; & gracejam da mesma maneira, & chegam a estranhos acordos superficiais, que, se pensarmos como persistem & estão amplamente disseminados – em selvas, tempestades, nascimento & morte –, não são nada superficiais, mas profundos, eu acho. Voltamos para casa no alto de um ônibus, o trajeto inteiro por um shilling, com os vislumbres costumeiros de alamedas, fazendas, regatos, que persistem entre as cidadezinhas & por trás das estradas amarelas ou negras banhadas pelo sol. Uma menininha no ônibus perguntou à mãe quantas polegadas existem em uma milha. A mãe repetiu a pergunta para mim. Falei vá para a escola que lhe dirão. Mas ela já está na escola disse a mãe. Ela tem sete anos; & ele (o bebê sobre os joelhos dela) também vai para a escola. Ele tem três anos. Portanto dei-lhes dois pãezinhos que me sobravam, & a garotinha (veja meu egoísmo) com seus olhos brilhantes & excitáveis & sua ânsia de agarrar o universo inteiro me lembrou de mim mesma fazendo perguntas à minha mãe. Vimos Lambeth, & imaginei as travessuras dos clérigos no bosque, que é bastante cerrado; atravessamos a Ponte de Westminster; admiramos as Casas do Parlamento & sua fachada de arabescos rendados; passamos pelo Cenotáfio, ao qual L. fez uma concessão ficando sem chapéu durante todo o trajeto até Whitehall;⁵⁷ & então fomos para casa, passando na rua por um cavalheiro crioulo, perfeitamente trajado, de fraque & chapéu-coco & bengala com castão de ouro; mas em que ele pensaria? Na degradação estampada em si sempre que ele ergue a mão & a vê negra como a de um macaco por fora, & tingida de cor de pele por dentro?⁵⁸

⁵⁷ Lambeth Palace é sede do arcebispado da Cantuária desde os anos 1200, aproximadamente. Era costume que os homens retirassem o chapéu ao passarem pelo Cenotáfio em Whitehall em sinal de respeito aos mortos em combate. (AOB)

⁵⁸ Este é um exemplo típico de passagem preconceituosa do diário de VW. Muito mais comum entre 1915 e 1929, esse tipo de comentário praticamente desaparece ao longo da década de 1930.

Ontem tomamos chá com Margaret [Llewelyn Davies]⁵⁹ em sua nova casa. Há três álamos, & atrás deles a Catedral de St. Paul. Mas não quero morar novamente no subúrbio. Lá ficamos nós sentadas, & eu a provoquei, & e ela a mim, & ela ressentiu-se um pouco, & ficou vermelha & depois branca, como se o seu centro não fosse muito sólido. Ela é severa com Lilian, que fica com os cômodos menores & não pode plantar flores, ela disse amargamente, pois isso preocupa Margaret, & assim sendo nada é feito do jardim, o que também preocupa Margaret. Para tais preocupações, ela recorre a Ethel M. Dell⁶⁰ & Dickens. Por que, perguntou ela, os personagens de D. deveriam ser como as pessoas, quando ele é capaz de criar pessoas? – uma crítica interessante, acho. Tudo correu às maravilhas, graças principalmente à minha licenciosidade & inconsequência, penso eu; & sinto muita afeição por ela, & pena, pois que horrível não deve ser “aposentar-se” aos 60: & ficar sentada olhando os álamos? Além do mais, certa vez ela disse que tinha “feito concessões”; seu pai tornou completamente impossível o seu trabalho; & hoje ela se arrepende das coisas, imagino; viu tão pouco do mundo & nada levou ao extremo. Lilian também fica contrariada, imaginando o que poderia ter tido. Mas enfim, foi o bastante. Agora a hora está propícia para o jantar. E preciso responder alguns de meus admiradores. Nunca me senti tão admirada – por isso, amanhã as ofensas irão me ofender e me farão retornar ao meu estado.

Quarta, 18 de maio⁶¹

Bem, Morgan o admira [MD]. Um peso a menos para minha cabeça. Melhor que Jacob disse ele; poupou palavras; beijou minha mão, & na saída falou que estava extremamente satisfeito, bastante feliz (ou algo que o valha) em relação ao livro. Ele acha... mas não entrarei em críticas detalhadas: devo ouvir mais a respeito; & em resumo o fato é que o estilo é mais simples, mais próximo do das outras pessoas, desta vez. Jantei com os Sitwells ontem à noite. Edith é uma velha solteirona.

⁵⁹ Margaret foi secretária-geral da Women's Cooperative Guild de 1889 a 1921 e era uma amiga antiga dos Woolfs. A WCG, organização de cunho socialista e feminista, advogava pelos direitos trabalhistas das mulheres. Em 1916, quando o pai de Margaret morreu aos 90 anos, ela mudou-se da casa que dividia com ele. Sua companheira, Lilian Harris, fora secretária-assistente da WCG e também se aposentou na mesma época que Margaret. Sob a direção dessas duas mulheres, a WCG viveu grande expansão. (AOB)

⁶⁰ Autora de livros românticos muito popular naquela época. (AOB)

⁶¹ A. Bell corrigiu a data para 20 de maio.

Jamais imaginaria isso. Pensei que ela fosse severa, implacável & tremenda; de conceitos rígidos. Nem de longe. É, eu diria, meio exigente, bastante generosa, de belíssimas maneiras, & me faz lembrar um pouco Emphie Case⁶²! É idosa também, quase da minha idade, & tímida, elogiosa & de trato fácil & pobre, & senti por ela mais afeto do que admiração ou medo. Porém, admiro o seu trabalho, & isso é algo que dificilmente digo a respeito de alguém: ela tem ouvidos, não uma vassoura em lugar deles; tem uma veia satírica; & certa beleza interior. Como exageramos as figuras públicas! Como transformamos alguém em uma pessoa imune de nossos próprios prazeres & falhas! Mas Edith é humilde: morou sozinha numa grande propriedade até os 27 anos, portanto nada descrevia a não ser paisagens & sons; então veio para Londres, & está tentando incutir um pouco de emoção em sua poesia – disso eu já desconfiava, & acredito que seja promissor. E depois, como ela estava ansiosa para escrever para a Editora, coisa que sempre foi sua ambição, disse. Nada poderia ser mais conciliatório & menos parecido com uma águia do que ela; & de aparência estranha, aliás, com seu sorriso bem-humorado de velha solteirona, seus olhos semicerrados, seu cabelo escorrido, suas mãos delicadas enfeitadas com um grande anel, seus belos pés, & seu vestido de brocado, azul & prateado. Não parecia haver nada nela de contestadora ou panfletária ou pioneira – mais parecia a típica mulher vitoriana encalhada. Daí que preciso lê-la de novo. Estavam lá Francis [Birrell], Raymond [Mortimer], [Arthur] Waley & um sapinho americano chamado Towne, que se encharcou de bebida & tornou-se quase adorável para nós.⁶³ Os três Sitwells têm uma estirpe considerável; gosto de seus narizes compridos & rostos grotescos. Quanto à casa, Osbert é no fundo um lorde inglês, um colecionador, porém de vidraria de Bristol, de pratos antiquados, de caixas de vidro vitorianas enfeitadas com beija-flores, & não de caudas de raposa & chifres de veado. Mas por que eles são considerados

⁶² Euphemia Case morava com sua irmã caçula Janet, antiga amiga e professora de estudos clássicos de VW. (AOB)

⁶³ Charles H. Towne, romancista e editor. Em 1925 visitou a Inglaterra a convite de um agente literário para conhecer “os novos autores que estão despontando”. Em seu livro *So Far So Good*, de 1945, Towne conta que Somerset Maugham o convidou para jantar e perguntou quem, de todos os escritores, ele mais gostaria de conhecer. “Implorei por Arnold Bennett e H.G. Wells, e os dois compareceram. E, como uma generosa atração extra, veio aquela escritora maravilhosa, Virginia Woolf”. Segundo A. Bell, contudo, não existe indício de que Woolf tenha conhecido Maugham – e muitas vezes Towne não estava sóbrio o bastante para ter certeza do que dizia.

atrevidos & astutos? Por que são o estoque de zombarias dos salões de música & dos jornalistas de quinta categoria?

Pouca conversa; apenas generalidades bem-intencionadas após o jantar, Francis vociferando, Waley carrancudo & recatado, & eu bastante indulgente com meus elogios: & agora o Supt [TLS] de amanhã & depois (aqui L. entrou & me contou sobre R. Macdonald na reunião do partido Trabalhista).

Segunda, 1 de junho

Feriado, & nós em Londres. Registrar o destino dos meus livros me entedia de leve; mas agora os dois engrenaram; Mrs D. está indo surpreendentemente bem. 1070 vendidos, já. Registrei a opinião de Morgan: depois Vita foi meio indecisa;⁶⁴ daí Desmond, que vejo com frequência por causa do seu livro,⁶⁵ jogou por terra todos os meus elogios dizendo que Logan [Pearsall Smith] achou o L.C. razoável, mas nada mais que isso. Desmond tem o poder anormal de deprimir alguém. Ele tira o brilho da vida de uma maneira extraordinária; eu o amo; mas seu equilíbrio, bondade & humor, todos divinos em si, de alguma maneira reduzem seu esplendor. Acho que sinto isso não só em relação ao meu trabalho, mas à vida também. Por outro lado, agora vem Mrs. Hardy dizer que Thomas está lendo, & ouvindo o L. C. sendo lido para ele, com “grande prazer”. Sim, excluindo Logan, & ele é um americano de natureza mordaz, recebi grandes elogios. Tauchnitz⁶⁶ também pediu os dois. No momento estamos considerando fazer uma substituição, contratar uma viúva chamada cortesmente de Smith, irmã de Jones, o que despachará a pobre da Murphy, mas não podemos ser muito sentimentais em relação a ela, & estruturar-nos com uma profissional plácida & poderosa é exatamente do que precisamos para ter coesão. Já Angus anda um tanto lânguido – não que tenhamos, de maneira nenhuma, eu corro logo a dizer, do que reclamar dele; mas Murphy é

64 Da carta de Vita em 26 mai. 1925 para VW: “Há trechos do Leitor Comum que eu gostaria de saber de cor; é soberbo, não há o que dizer. Não consigo pensar em nenhum outro livro de que eu goste mais ou que lerei com mais frequência. Mrs. Dalloway é diferente; é um romance; sua beleza está unicamente na genialidade; ela desnorteia, ilumina e revela; o Leitor Comum cresce, torna-se um guia, filósofo e amigo, enquanto Mrs. Dalloway permanece sendo um fogo-fátuo, uma conhecida deslumbrante e adorável. Uma coisa ela fez por mim definitivamente: tornou desnecessário que um dia eu retorne a Londres, pois toda a Londres em junho se encontra no primeiro punhado de suas páginas”. (AOB)

65 VW estava ajudando MacCarthy a transformar uma compilação de seus artigos em livro, mas isso só viria a se tornar realidade em 1932, quando ele por fim lançou *Criticism*. (AOB)

66 Bernhard Tauchnitz publicava brochuras em inglês de autores britânicos e americanos, dos quais adquiria os direitos na Europa. Ele publicaria tanto *Mrs. Dalloway* quanto *O Leitor Comum* em 1929. (AOB)

temperamental, desorganizada & desleixada, & fecha a cara ao ter de prestar contas.

Uma semana atrás tivemos uma grande invasão – Ottoline veio de surpresa com Julian, Philip & um dos Gathorne Hardy.⁶⁷ Ela estava bastante afetuosa, & talvez pelo fato de o afeto depender tanto do tempo quanto do hábito, também eu sinto uma afeição verdadeira por ela. Mas como posso analisar meus sentimentos? Gosto de todos, falei uma noite dessas no 46,⁶⁸ & Duncan disse que eu gostava de todos & que a cada vez os enxergava sob uma nova luz. Isso tudo foi no jantar para apresentar Miss Warner, a nova poetisa da Chatto & Windus, que realmente tem certo mérito – o bastante para me fazer gastar 2/6 com ela, acho. Hoje é um dia de sol intermitente, & estando eu no Hyde Park para ouvir os socialistas, aquele judeu furtivo, [Sydney] Loeb, que a cada 10 anos me atormenta, tocou nosso ombro & tirou 2 fotografias nossas, medindo a distância com uma fita preta entregue pela sua mulher. Em geral ele pede às pessoas para segurarem uma das pontas perto do coração: mas isso não passa de uma brincadeira. Ele estava andando pelo Covent Garden para fotografar cantores & almoçara às 2.30. Perguntei se era um profissional, o que feriu seu orgulho: ele confessou que era um grande interessado no assunto & disse que possuía uma grande coleção.

Tom veio de visita ontem, bem mais bambo que da vez passada, não tão corado de emoção, & propenso a detalhar vividamente demais para o meu gosto o estado dos intestinos de Vivien. Nós dois quase caímos na risada; ela tem uma costela estranha, um fígado grande, & por aí vai. Indo mais ao ponto, Tom será o editor de uma nova [revista] quadrimestral, que uma antiga editora vai lançar no outono, & toda a sua obra deverá sair por ela – um golpe para nós.⁶⁹

Ele não disse palavra sobre meus livros. Com grande dignidade, não pedi sua opinião. É comum que as pessoas passem semanas &

⁶⁷ Philip e Julian eram, respectivamente, marido e filha de Lady Ottoline Morrell. Robert Gathorne-Hardy, seu amigo próximo, viria anos mais tarde a editar as memórias dela. (AOB)

⁶⁸ Casa de Maynard Keynes, situada no número 46 da Gordon Square. (AOB)

⁶⁹ A editora era a Faber & Gwyer. Ver entrada de 29 abr. 1925, quando Eliot sugere uma reviravolta em sua vida. Ver tb. a de 14 set. 1925, quando a Faber anuncia, no *TLS*, a publicação de *Collected Poems* de Eliot, contendo *Terra desolada*. Esta era uma obra originalmente publicada pela Hogarth, em 1923. (AOB)

mais semanas sem ler livros. E, seja como for, da minha parte odeio dar opinião.⁷⁰

Com as mãos nos
quadris

Superando a depressão intensa causada por Desmond. De onde ela vem? Acabo entretanto de formar uma bela imagem – ele como uma onda que nunca quebra, apenas nos faz balançar de lá para cá, & a vela pende do nosso mastro, batida pelo sol – & tudo isso é resultado de jantar & conversar até as 3 da manhã com El[izabe]th Bibesco, com quem tomei o chá ontem. Ela é uma espécie de dona-de-casa gorda, excelente administradora, agitada, econômica, com uma completa ausência de audácia, imaginação ou sensibilidade, mas que ótima dona-de-casa, como cuida bem da contabilidade, & que ótima mulher de negócios, como seria perfeita para um estalajadeiro & como cuidaria dos interesses dele – entreteria seus clientes; lhes contaria piadas sujas toda animada, do outro lado do balcão, com os polegares enfiados nos sovacos, todos os seus diamantes falsos reluzindo, & seus olhinhos de porco, seus quadris & bochechas largos & gordos. Esta é a verdade espiritual sobre Bibesco: na realidade ela está deitada numa cama, vestida em crepe da china verde, com diamantes verdadeiros nos dedos & uma manta de seda, crente de que conversa cheia de brilhantismo com o grupo mais intelectual de Londres – & conversa mesmo, com Desmond, Mortimer & o coitado do Philip Ritchie, & fiquei meio enfurecida por ter sacrificado por ela meu 5teto de Mozart, do qual eu teria extraído litros de puro prazer em vez dessa xicarazinha de leite um tanto impuro. Porque a coisa teve lá a sua diversão. Ali estava o velho Asquith em [*frase inconcluída*].

E depois Nelly me irritou, mas me acalmei, gastando £50 de charme. E agora lembro – como é fatal lembrarmos depois de uma briga daquilo que não dissemos – que eu devo ter dito, Se você pode receber Lottie todos os dias, por que não posso receber meus amigos? Mas não podemos – & ela sente *inveja*, a verdade é essa. E da próxima vez eu vou dizer – & foi a visita de Miss Mayor que nos chateou, “sempre um monte de gente quando temos jantares”. Recebemos Vita, Edith Sitwell,

⁷⁰ No original, não há data: há uma quebra de página. AOB, porém, supõe que esta nova entrada seja de 5 jun.

Morgan, Dadie, Kitty Leaf – a velha Vita me presenteou com um tremoceiro azul & foi bastante tosca & desajeitada, enquanto Edith mais parecia uma imperatriz romana, de tão decidida & magistral, mas ao mesmo tempo com certo humor de peixeira – um pouco arrogante demais em relação à sua própria poesia & mandona – & tremulamente feliz com os elogios de Morgan (ele não elogiou Vita, que ficou ali sentada magoada, modesta, silenciosa, tal qual um garotinho repreendido).⁷¹

Segunda, 8 de junho É o mês de junho mais quente já registrado. Não leve isso a sério – está muito quente, só isso. & fomos à casa de Karin ontem. Estavam lá Irene & o Phil dela.⁷² Estou com sono demais por ter acordado 15 para as 6 esta manhã para descrevê-la. Ela está um pouco mais larga, com queixo duplo, nariz enfático & pés de galinha em torno dos olhos, que são do mesmo antigo tom impressionante verde-azulado do mar. E conserva o jeito antigo – a franqueza, a sinceridade, os ideais; o gosto por aventura, mas nada disso lhe cai tão bem quanto antigamente. Pois ela na verdade se tornou estereotipada, metálica, dura; a voz insolente, as faces grosseiras. Ela desconfiava de mim, & desconfiava de Bloomsbury, & idolatrava Leonard, que considerava tão salutar para Phil, mas nós dois suspeitávamos de um esquema para fazer de Phil sec. de assuntos exteriores no próximo governo dos trabalhistas. Eu gostava mais dela quando falava sobre os camponeses gregos, & quem sabe esse lado ainda conserve um pouco do seu charme. Mas ela fala & fala & fala; atira-se com uma espécie de energia intensa sobre o que estiver pela frente – & gostaria, imagino, de manipular, ser anfitriã, conhecer as pessoas certas, mas em vez disso reclama horrores do sucesso & quer que Phil fique intocado. Também deseja ser amante dos homens, imagino, & se ressentido um pouco de que a idade lhe tenha arrancado desse seu posto familiar, como muito obviamente aconteceu. Ela se lançou, como sempre, na direção de Desmond, manifestou seu horror de

⁷¹ O comentário entre parênteses foi acrescentado posteriormente. (AOB)

⁷² Os Woolfs passaram o fim de semana na casa em Essex de Adrian Stephen, o irmão caçula de VW, e sua mulher Karin. Outros convidados foram Philip e Irene Noel-Baker – VW e seus irmãos se hospedaram na casa dela na Grécia em 1906. Aparentemente Desmond MacCarthy e Irene tiveram no passado alguma espécie de caso amoroso (cf. 27 jan. 1918). (AOB)

“magoar Molly – uma criatura tão galante”, & quase conseguiu distrair L. perguntando a opinião dele do caráter de cada político.

Não, ela não envelheceu bem; o revestimento se desgastou & por baixo ela se mostra bastante rígida & comum. Desnecessário dizer que senti algumas ondas da antiga emoção, especialmente ao ouvir a sua voz & ver suas mãos – mãos que exprimiam maternidade, talvez; mas que na maior parte do tempo pareciam bastante prosaicas, incapazes de criar qualquer coisa & portanto incômodas. A isso acrescentam-se a sordidez do East End, a mulher sussurrando com o talho na garganta, a terrível caminhada de volta para casa pela estrada abafada. E o táxi não chegou, & fomos obrigados a ter uma segunda noite daquilo, ouvindo o bom Phil de coração puro, com seus princípios & habilidades, & seu lado atlético, lendo para Irene em voz alta até tarde.

Domingo, 14 de junho

Uma vergonhosa confissão – é domingo de manhã, pouco depois das dez, & aqui estou eu escrevendo o diário & não ficção ou resenhas, sem nenhuma outra desculpa a não ser o meu estado mental. Depois de concluir aqueles dois livros, porém, não é possível concentrar-se num novo; & as cartas, a palestra, as resenhas, tudo isso serve para dilatar ainda mais a pupila da minha mente. Não consigo sossegar, retraindo-me & fechando-me. Escrevi 6 contos, com desordem & desleixo, & planejei, talvez com clareza demais, *Ao Farol*. E por enquanto os dois livros são um sucesso. *Dalloway* vendeu mais este mês do que *Jacob* em um ano. Acho possível que vendamos 2000. *O Comum* está faturando esta semana. E os cavalheiros de idade agora conversam comigo com vagar & solenidade.

Uma mulher robusta & poderosa de olhos azuis claros, de 50 anos, Mrs. Cartwright, quer substituir Murphy; mas Murphy deseja ficar. Como as pessoas querem trabalhar! Como é tremenda a atração que uma quantidazinha ínfima de dinheiro exerce nesse mundo! Mas qual será a solução, & como a acharemos, não sei. Aqui cumprimento Leonard com adoração irrestrita, infantil até. Vamos encontrar alguma maneira de decidir gentil & firmemente esse assunto, & enquanto isso Angus & eu oscilamos & prevaricamos. Mas

tenho uma confiança infantil em Leonard. Quando acordei de manhã, um tanto deprimida porque Mrs. D não tinha vendido ontem, porque recebemos aqui Peter [Lucas], Eileen Power & Noll & Ray [Strachey] noite passada & foi difícil, porque nem um único elogio foi outorgado a mim, porque eu tinha comprado um colar por £1 & estava com dor de garganta & coriza & bastante para baixo, eu diria, eu me aninhei no centro da minha vida, que é esse absoluto bem-estar com L., & lá encontrei tudo tão satisfatório & tranquilo que me reanimei & recomecei do zero; sentindo-me completamente imune. O imenso sucesso da nossa vida é, creio eu, o fato de nosso tesouro estar escondido; ou melhor, de estar em coisas tão comuns que nada é capaz de atingi-lo. Quero dizer, se gostamos de viajar de trem para Richmond, sentar no gramado para fumar, apanhar cartas na caixa de correspondência, arejar as marmotas,⁷³ pentear Grizzle, fazer sorvete, abrir a correspondência, sentar juntos depois do jantar, lado a lado, & dizer “Você está na primeira fileira, irmão?” – ora, o que é capaz de perturbar essa felicidade? E todos os dias são necessariamente repletos dessas coisas. Se dependêssemos de dar palestras, ou de dinheiro, ou de convites para festas... isso me faz lembrar da festa horrenda de Ottoline na outra noite. O que deu em mim para ficar conversando o tempo inteiro com Helen Anrep? Em parte, o fato de a plethora de rapazinhos me irritar um pouco. Realmente, não sou uma boa leoa. Apesar de toda a minha vaidade, hoje sou um pouco cínica – que outro motivo então para eu não me deleitar com a admiração dos Turners, Kitchins & Gathorne Hardys?⁷⁴ As mulheres são muito mais compreensivas & calorosas. E todos os poderes de anfitriã de Ott. estão puídos. As pessoas ficavam sentadas a grandes distâncias umas das outras, & tínhamos a sensação de que enquanto o relógio ia ticando Ott. ia dizendo, Que

⁷³ Trata-se de uma metáfora de VW para jogos sexuais entre ela e Leonard. Na sua biografia de VW, Hermione Lee diz que “os apelidos carinhosos, as brincadeiras com animais, os ‘bichinhos’, as ‘marmotas’ que são arejadas ou saem para brincar, as carícias e beijos: há referências frequentes a essas ‘palhaçadas’ nas cartas e nos diários iniciais. (...) Não se trata de nenhum modo de um casamento assexuado (...)” LEE, 1997: 333.

⁷⁴ W.J. Turner, crítico e poeta australiano. O romance de estreia de C.H.B. Kitchin, que depois se tornou mais conhecido por romances de mistério, fora publicado pela Hogarth em abril de 1925. Helen Anrep, a segunda mulher do mosaicista russo Boris Anrep, que decorara o hall de entrada da casa de Lady Ottoline, em breve o deixaria para ficar com Roger Fry. (AOB)

fracasso, que fracasso, sem saber como apanhar os cacos no chão. Agora preciso responder Gerald Brenan & ler o *Genji*;⁷⁵ porque amanhã ganho pela segunda vez meus £20 da *Vogue*. Já disse que fui enfeitada por Sybil? Que de Sybil, passou a ser Lady Colefax. Nenhum convite há um mês.

Terça, 16 de junho

Este é o refugio da minha manhã de trabalho no *Genji*, que escorre da minha caneta com um pouco de facilidade demais & precisa de compressão & compactação. Dalloway, receio eu, trombou com alguma barreira intransponível do público, exatamente como Jacob, & mal vendeu nesses últimos 3 dias. Todavia meus amigos estão entusiasmados – de verdade, acho; & proclamam que sou bem-sucedida, triunfante & vitoriosa com esse livro: Clive, Mary, Molly, Roger, meus aliados recentes. Vendemos 1240, creio eu; portanto a onda espalhou-se mais do que a de Jacob, & resta talvez apenas uma marola. Hoje é a noite da festa de Leonard, o banquete da Irmandade dos Apóstolos, & prevejo que algum deles transborde por aqui. “Por que os seres humanos inventam essas formas de torturarem a si mesmos?” São as palavras dele; pois terá de presidir & palestrar.⁷⁶ O velho Lytton, lembro agora, sumiu completamente de nossas vidas. Nem uma palavra sobre os meus livros; nem uma visita desde a Páscoa. Imagino que quando ele tem um novo amor, & agora está com Angus, torna-se intratável, como um animal; sente-se um pouco ridículo, inquieto, & não desfruta mais da companhia de velhos amigos cínicos como nós. E sinceramente quando Angus me conta a história da agonia & súplica & desespero dele, sinto apenas uma ligeira náusea. Ele faz os rapazes sentirem pena & rirem dele, & há um quê de senilidade nessa exposição de si mesmo, ao mesmo tempo em que do ponto de vista prático seus amores o arrastam a um convívio dos mais tépidos, brandos & insípidos; sem nada que ponha à prova ou estimule a sua mente; o pobre medíocre do Philip, por exemplo, é igualzinho um rapaz de Eton num paletó de Eton: basta lhe dar um sorvete & um soberano [moeda]. “São as palavras dele” me faz lembrar que preciso voltar a *D. Copperfield*. Há

⁷⁵ O romance do *Genji*, de Murasaki Shikibu, cuja resenha escrita por Woolf seria publicada pela *Vogue* no final de julho. (AOB)

⁷⁶ LW era o atual presidente da Sociedade dos Apóstolos. O seu discurso teve como tema a “relação entre realidade, felicidade e tristeza”. (AOB)

momentos em que todas as obras-primas não fazem mais do que dedilhar cordas quebradas. É raríssimo – o humor certo para leitura –, & a seu modo um prazer tão intenso quanto qualquer outro; mas na maior parte das vezes dolorido.

Quinta, 18 de junho

Não, Lytton não gostou de Mrs Dalloway, &, o que é estranho, gosto ainda mais dele por ter me dito, & não me importo muito. O que ele diz é que existe uma discordância entre o ornamento (extremamente belo) & o que acontece (bastante ordinário – ou desimportante). Isso se deve, acredita ele, a certa discrepância na própria Clarissa; ele a acha desagradável & limitada, mas que de forma bastante extraordinária eu alterno entre zombar dela & escondê-la comigo mesma. De modo que creio que no geral o livro não parece sólido; contudo, diz ele, é uma unidade; & diz que às vezes o texto é de extrema beleza. Que outro nome dar a isso que não genialidade?, disse ele! Quando ela virá, não há como saber. Tem aí mais genialidade, segundo ele, do que qualquer coisa que já escrevi. Talvez você ainda não domine o seu método, falou. Você devia escolher um tema mais insano & mais fantástico, uma estrutura formal que admita qualquer coisa, como Tristram Shandy. Mas aí eu perderia o contato com as emoções, falei. Sim, ele concordou, você deve partir da realidade. Sei lá como você conseguiria fazer isso. Mas ele acredita que estou no início, & não no fim. E disse que o L.C. é divino, um clássico; sendo Mrs. D. uma pedra defeituosa, infelizmente. É muito pessoal, disse ele, & antiquado talvez; entretanto acho que nisso existe certa verdade. Pois eu me lembro da noite em Rodmell em que decidi desistir, porque de certa maneira achava Clarissa meio berrante. Então inventei as memórias dela. Mas acho que persistiu certo desgosto por ela em mim. Por outro lado, porém, isso também era verdade em relação aos meus sentimentos por Kitty,⁷⁷ & é preciso desgostar das

⁷⁷ Katherine (Kitty) Maxse, figura que foi bastante influente na juventude de VW em Kensington, serviu de modelo para a criação de Clarissa Dalloway. Ela morreu de uma queda em casa, em 1922. “Mas o dia se estragou para mim – de um modo tão estranho – com a morte de Kitty Maxse; & agora penso nela em seu túmulo em Gunby, & Leo voltando para casa, & todo o resto. Soube pelo jornal. Não a via desde, sei lá, 1908 – a não ser no funeral do velho Davies, & em seguida eu a cortei, o que agora me perturba – sem motivo, suponho. Eu não teria conseguido acompanhá-la; ela nunca tentou me ver. Mas mas – essas velhas amigas morrendo sem nos dar aviso – isso começa a acontecer com frequência – sempre me entristece: me faz sentir culpada. Queria ter cruzado com ela na rua. Meus pensamentos voltaram a ela o dia todo; à maneira esquisita deles. Primeiro pensando em como ela morreu, subitamente, no número 33 da Cromwell Road; ela que sempre teve medo de cirurgias. Depois visualizando-a – seu cabelo branco – as bochechas rosadas – como ela se sentava toda empertigada – sua voz – com suas tonalidades características – o chão azul esverdeado de sua casa – que ela mesma pintou com as próprias mãos:

aguardando o jantar, meio nervosos. Fico mais nervosa com esses encontros do que ela. Ela tem uma doce cordialidade (termo estranho de se usar) que me impressionou & me lembrou mamãe, enquanto o conduzia até a sala; & ria; tão sincera, tão tranquila, & mais tarde, quando fomos para a festa um tanto melancólica de Roger, feliz & animada, beijando Chrissie & flertando com Mrs. Anrep, tão despreocupada, casual & grisalha – mas basta. A verdade é que estou à deriva demais para descrever Jack, mas vale a pena descrevê-lo. Ele nos fez rir, é óbvio. Disse coisas tão wallerianas. “Existem dois tipos de biografia, minha cara Ginia” – daquele seu velho jeito opinativo & sentencioso, cheio de ênfase. Ele é vermelho cor de cobre, com uma papada embaixo do queixo apoiada sobre o colarinho, olhos castanhos leais, agora um pouco embaçados, & surdo de um ouvido, segundo disse, & começou a nos contar como todos os anos é curado por um suíço & dá às freiras que cuidam da clínica uma caixa de bombons, o que elas adoram, mal-alimentadas que são. Ele olha pela janela & as vê passar a caixa de mão em mão, escolhendo os seus chocolates. Então ele nos contou, na volta da casa de Roger – insisto em pagar este táxi, meu caro Leonard –, que caçou mariposas com armadilhas de açúcar no verão passado & pegou quem sabe umas 150, & que o homem com quem ele estava (num clube de pesca) deixava a lanterna acesa & as mariposas vinham & sentavam na cortina. Ele exagera, ilumina, valoriza todo mundo com grande generosidade. L. acha que às vezes ele “é um tanto tedioso”. Então conversamos sobre o fato de ele estar escrevendo uma autobiografia: nisso ele tornou-se bastante concentrado, quase sentimental. “Mas é possível que se diga a verdade? Sobre os seus casos com as mulheres? Sobre seus pais? Minha mãe por exemplo – era uma mulher muito capaz – todos nós devemos muitíssimo a ela – mas difícil.” Uma vez ela disse uma coisa estranha para Nessa – que odiava garotas, principalmente as que não tinham mãe. “É uma coisa profunda – O terror da vida dela – o fato de estar perdendo o encanto. Ela jamais permitia criada nenhuma em casa. Era uma tragédia. Foi uma mulher muito egoísta.” (Mas enquanto tento escrever [aqui], estou criando “Ao Farol” – o mar será ouvido durante todo o tempo. Tenho a

ideia de inventar uma palavra nova para os meus livros, em vez de “romance”. Um novo — de Virginia Woolf. Mas o quê? Elegia?)⁷⁹

Domingo, 19 de julho

Ao trazer este livro aqui para o estúdio, eu acho que acabei por cerceá-lo, já que passo as manhãs inteiras escrevendo – Swift ou cartas. Assim, uma tribo inteira de pessoas & festas desceu pelo ralo até o esquecimento – as festas & reclamações de Ott; Gwen Raverat uma resolvida & poeirenta sombria negra, ontem; Tom protegendo-se um pouco em relação ao Banco; Sybil Colefax tomando chá & clamando que quer desistir de dar festas; sua festa em que Olga Lynn enfurecida deixou de lado a partitura & teve de ser acalmada por Balfour;⁸⁰ & Ott perdeu o xale; & o jardim estava iluminado como um palco, & dava para ver Clive & Mary⁸¹ até o mínimo cílio; & então de volta para casa & para a cama; & Mrs. Asquith, Lady Oxford, declarando que eu era a mulher mais bonita do salão, elogio que me foi repetido na noite seguinte (tão frequentes essas festas têm sido) por Jack Hutch. na casa de Dadie, onde havia muitos rostos novamente, & bebida, & de novo de volta para casa & para a cama; & depois o pequeno Eddie Sackville-West & Julian Morrell vieram jantar aqui (& o piano dele será meu) & Philip veio apanhá-la; & então uma festa na casa de Ott. em que [James] Ching tocou piano; & a notícia da morte de Hew Anderson transmitida ali para Angus;⁸² & Murphy dispensada; & Mrs. Cartwright contratada; & meus livros – ah sim, o *Calendar* falou mal de Mrs. D, o que me magoou um pouco;⁸³ & em seguida a maré de elogios me inundou mais uma vez, & os dois vendem bem, & meus medos eram infundados; & Maynard nos trouxe uma brochura, que se chama *As Consequências Econômicas do Sr. Churchill*, & vamos imprimir 10.000 para segunda-feira da outra semana e vendê-los a um xelim. Na sexta fui a uma festa na beira do rio & jantamos em Formosa, & Eddie [Sackville-West] tocou [piano] na sala

⁷⁹ Esa observação denota como VW estava buscando uma forma nova para seus romances.

⁸⁰ Olga Lynn, cantora de *Lieder*, relata esta cena em seu livro de memórias *Oggie*. Lynn ficou irada porque a chegada de Margaret Asquith, Lady Oxford, causou tamanha confusão que ela foi obrigada a parar de cantar. (AOB)

⁸¹ Clive Bell tinha um caso amoroso com Mary Hutchinson.

⁸² O jovem Hew Anderson morreu dias antes de meningite. Ele fora um dos hóspedes no Hotel Cendrillon em Cassis, quando VW esteve lá em abril de 1925.

⁸³ J.F. Holmes escreveu no *Calendar of Modern Letters* em julho de 1925 que *Mrs. Dalloway* era “sentimental em concepção e textura, e portanto esteticamente inútil”.

de estar redonda, & lá estava George Young num barco de fundo chato.⁸⁴ Não gastei um único instante de reflexão com nenhuma dessas afirmações; mas eu as incorporo mesmo assim, pois nunca sei qual palha ressequida poderá reavivar todo o buquê de flores. Elas cintilaram felizes este verão ao calor incessante. Pela primeira vez em semanas vim me sentar perto do fogo, mas por outro lado estou com um vestido de seda finíssima; & pela primeira vez está úmido & ventoso, embora eu consiga ver o céu azul pela minha claraboia. Um verão alegre, muito movimentado; um tanto comprimido pela necessidade de ver tanta gente. Nunca convido uma alma sequer até aqui, mas elas se aglomeram. Esta noite foi Ottoline; terça Jack Hutch; quarta Edith Sitwell, sexta jantar com Raymond. Estes são meus convites fixos; & toda sorte de convites imprevistos irá ocorrer. Depois do chá saio sempre debandada daqui, como se perseguida. No futuro desejo ajustar isso melhor. Mas não penso no futuro, nem no passado; eu me banqueteio com o momento. Este é o segredo da felicidade; porém somente agora o alcancei, com a meia-idade.

Segunda, 20 de julho

Aqui a porta se abriu, & Morgan entrou para nos convidar para almoçar com ele no Etoile, coisa que fizemos, muito embora tivéssemos uma ótima torta de vitela & presunto em casa (isto foi escrito ao estilo clássico dos jornalistas). Vêm de Swift, talvez, as últimas palavras que acabei de escrever, & dessa maneira preenchem meu tempo aqui. Preciso agora pensar na minha relação de trabalhos. Ando pensando em um continho, quem sabe uma resenha, para esta quinzena; estou com o desejo supersticioso de começar *Ao Farol* no primeiro dia [da temporada] em Monks House. Agora acredito que irei terminá-lo ali em dois meses. A palavra “sentimental” ficou entalada na minha goela (vou me livrar dela com um conto – Ann Watkins de Nova York virá na quarta para assuntar os meus contos).⁸⁵ Mas talvez este tema seja sentimental; pai, mãe & filho no jardim: a morte; navegar até o farol. Acho, contudo, que quando eu o começar irei enriquecê-lo de toda espécie de coisas; espessá-lo; dar-lhe galhos & raízes que agora não percebo. Talvez

⁸⁴ Formosa Fishery, à margem do Tâmesa, era o lar dos Youngs, velhos amigos dos Stephens. (AOB)

⁸⁵ A acusação de “sentimental” foi o cerne da crítica a *Mrs. Dalloway* feita no *Calendar* (ver 19 jul. 1925). Ann Watkins era uma agente literária. (AOB)

contenha todos os personagens reduzidos à sua expressão mais simples; & a infância; & também essa coisa impessoal, que meus amigos me desafiavam a fazer, o voo do tempo & a consequente quebra de unidade do meu projeto. Essa passagem (concebo o livro em 3 partes: 1. à janela da sala de estar; 2. sete anos passados; 3. a viagem:) me interessa muitíssimo. Um novo problema como esse abre terra nova no espírito de alguém; impossibilita caminhar pelos sulcos abertos de sempre. Noite passada Clive jantou conosco; & Nelly estava um tanto encrespada por causa disso esta manhã; & tentou fugir antes de Ottoline chegar; mas no fim era Adrian; & conversamos sobre câncer, & Clive ficou duro, & Ottoline chegou, num vestido de tafetá cor de chaleira todo cheio de babados & dobras, com barra de renda prateada, & falou sobre Rupert & Jacques, & recontou, com algumas emendas, a história dela, de Ka & Henry Lamb.⁸⁶ Ela anda retrabalhando essas histórias com tanta frequência que já não guardam mais semelhança com a realidade – ficaram rançosas, adestradas, pois foram puxadas para cá & para lá, da mesma maneira como costumávamos amassar & puxar um naco de pão até que ele se tornasse uma placa úmida. Então ouvimos o velho carro buzinando & chegaram Philip & Julian [Morrell], & vendo aquilo, Julian eu quero dizer, Clive se animou & passou a ser bastante efervescente & amável, como ele bem sabe ser. Discutimos aristocracia vs. classe média. Gostei muito. Mas quase nunca dizemos nada de muito profundo. Gosto de ver que os outros estão satisfeitos, como suponho que seja o caso dos Morrells, já que eles vêm se acomodar aqui como um bando de corvos uma vez por semana, agora. Isso lisonjeia minha vaidade de anfitriã. De vez em quando me atiram uma migalha amanteigada de elogio – “Lady Desborough admira enormemente os seus livros – quer te conhecer” – & Clive, olhando minhas fotos na Vogue, diz daquela do ano passado – “Que encantadora – mas imagino que deve ter sido tirada há um bom tempo” – por aí se percebe o quanto eu oscilo entre o prazer & a mágoa, & houve um tempo em que eu teria terminado a noite presa em negro desespero & ido para a cama como um mergulhador com lábios apertados lançando-se ao esquecimento. Mas chega, chega – cunhei esse

⁸⁶ Por volta de 1911 o pintor Henry Lamb, antigo protegido de Ottoline e notório paquerador, ganhou o coração de Katherine Cox – o que desencadeou um ardor passional em Rupert Brooke, até então mero amigo dela, e incitou nele um colapso nervoso. (AOB)

chamariz para controlar minha tendência de desabrochar em frase após frase. Algumas já são mais que suficiente.

O que ler em Rodmell? Tenho tantos livros na cabeça. Quero ler vorazmente & reunir material para o *Vidas dos Obscuros*⁸⁷ – que irá narrar toda a história da Inglaterra por meio de uma vida obscura atrás da outra. Proust eu gostaria de terminar. Stendhal; & depois me debater um pouco de um lado para o outro. Essas 8 semanas em Rodmell sempre parecem capazes de conter um infinito. Será que devemos comprar a casa em Southease? Imagino que não.

Quinta, 30 de julho

Sinto-me intoleravelmente sonolenta & inválida, por isso escrevo aqui. Quero seriamente pensar no meu próximo livro, mas me sinto inclinada a esperar até que os pensamentos estejam mais claros. O caso é que vacilo entre um personagem único & intenso do pai & um livro bem mais vagaroso – Bob T⁸⁸. diz que meu ritmo é terrível & destrutivo. Creio que minhas andanças com a escrita neste verão me mostraram uma ou duas novas artimanhas para apanhar minhas moscas. Aqui me sentei, como um improvisador que deixa as mãos vagarem pelo piano. O resultado é perfeitamente inconclusivo & quase analfabeto. Quero aprender maior silêncio, & força. Mas, se me lançar a esta tarefa, não corro o risco de cair na monotonia de N.[ight] & D.[ay]? Terei eu a força necessária para que o silêncio não se transforme em insipidez? Essas perguntas eu deixarei, por enquanto, sem resposta.

Vou tentar resumir aqui o verão, uma vez que agosto encerra uma estação tão espiritual quanto temporal. Bem; os negócios andam animados. Acho que não tenho muitas horas de ócio agora, sendo que as mais ociosas são, por estranho que pareça, as da manhã. Não forcei o meu cérebro aos seus limites; mas farei isso, em Rodmell. Quando o torpor sonolento da tarde cai sobre mim, estou sempre na tipografia, imprimindo, despachando endereçando; aí já é a hora do chá, & Deus sabe que tivemos visitas o bastante. Às vezes sento em silêncio & me pergunto quantas pessoas despencarão por aqui sem que eu precise levantar nem um dedo; só esta semana,

⁸⁷ Sobre o projeto *Lives of the Obscure*, ver p. 168.

⁸⁸ Robert Trevelyan, poeta e classicista, Apóstolo e antigo amigo. (AOB)

sem convite, & além disso às vésperas das férias, já vieram Mary, Gwen, Julian & Quentin, Geoffrey Keynes & Roger. Enquanto isso estamos às voltas com Maynard.⁸⁹ A segunda-feira inteira eu & Murphy trabalhamos como escravas até as 6, quando então eu estava dura como um carregador de carvão. Atendemos telefonemas & telegramas; & arrisco dizer que venderemos nossos 10.000 exemplares. Na terça às 12.30 Maynard se recolherá no cartório de registros de St. Pancras com Lydia, & Duncan será testemunha (contra a vontade). Esse episódio portanto chega ao final.⁹⁰ Mas, pobre de mim, que estou mole demais para escrever, & preciso ler o romance de Mr. Dobrée, acho. Tenho, porém, mil coisas a dizer. Creio que talvez eu consiga alcançar algo em *Ao Farol*, separar as emoções mais completamente. Creio que estou seguindo nessa direção.

Domingo, 5 de
setembro

E por que não consegui perceber nem sentir que durante todo esse tempo eu estava me desgastando um pouco & caminhando sobre um pneu furado? Era este o caso, no fim das contas; & caí desacordada em Charleston no meio da festa de aniversário de Q.[uentin]: aqui fiquei deitada, nessa estranha vida anfíbia da dor de cabeça, durante quinze dias. Isso abriu um imenso buraco nas minhas 8 semanas que deveriam ser tão preenchidas & tão plenas. Tudo bem. Arranje-se com os cacos que surgirem pela frente. Não se deixe desmontar da sela com o refugio desta bruta não confiável, a vida, assustadiça que ela é com o meu sistema nervoso difícil & estranho. Nem aos 43 anos conheço seus mecanismos, pois não vinha dizendo a mim mesma, o verão inteiro, “Agora sou bastante dura. Consigo passar tranquilamente por um tumulto emocional que dois anos atrás teria me deixado em carne-viva”? Apesar disso disparei um ataque rápido & fértil em *Ao Farol* – 22 páginas de uma tacada, em menos de quinze dias. Ainda estou me arrastando & fico enfraquecida com facilidade, mas se eu conseguisse retomar o gás novamente, acredito que conseguiria tecê-lo com prazer infinito. Basta pensar no trabalho que foram as primeiras páginas de

⁸⁹ VW se refere a *As Consequências Econômicas do Sr. Churchill*, ver 19 jul. 1925.

⁹⁰ Maynard Keynes e Lydia Lopokova se casaram no cartório de registros civis de St. Pancras em 4 de agosto de 1925. (AOB)

Dalloway! Cada palavra era destilada graças a um aperto implacável no meu cérebro.

Tomei a caneta com a intenção de escrever sobre “Desilusão”. Nunca nenhuma ilusão foi tão completamente incinerada dentro de mim quanto aquela em relação aos Richmonds.⁹¹ Isso eles conseguiram fazer entre as 4 & as 6 de ontem. Mas Elena não tem beleza, nem charme, sequer alguma simpatia óbvia! Qualquer mulher de pároco do interior se equipara a ela. Seu nariz é vermelho, as bochechas rubicundas: os olhos desprovidos de qualquer personalidade. Até mesmo sua voz & seus gestos, que antes eram adoráveis, sua marca registrada, aquele charme suave – tudo isso sumiu; agora ela é uma mulher gorda, desmazelada, apagada, sem sentimentos nem solidariedades, as proeminências & ângulos completamente esvanecidos. De fato, há dúvidas até de que ela possua todas as faculdades mentais. A conversa foi praticamente imbecil: por exemplo: (E). Creio que eu seria capaz de me afeiçoar muito a uma casa. Mas como tivemos sorte. Temos algumas pessoas encantadoras por perto. Gente que gosta das mesmas coisas que nós. (B). Temos muita sorte. Dois camaradas a 7 quilômetros de distância estudaram em Winchester comigo. Um foi para o Ceilão como fazendeiro de chá. Os dois agora são fazendeiros. Vocês deram sorte com o reverendo da sua igreja? No interior tanta coisa depende do reverendo. (E). De verdade, esqueci qualquer outra coisa que saiu da boca de E. Creio que tudo era mais do mesmo: ela adoraria uma casa com piano: os dois querem se aposentar & comprar uma casa com piano. Ela observa flores, cachorros, casas, pessoas, com a mesma indiferença silenciosa, impassível, quase rústica & certamente estúpida. Suas mãos estão grossas. O queixo duplo. Ela usa um casaco comprido de estilo americano meio azulado, com uma echarpe desleixada & sem-graça, a blusa branca presa com um broche de diamante em forma de lagarto – ah o desbotamento, o desleixo & a frieza de sua personalidade – ela que antes eu considerava maliciosa, feminina & reconfortante! Está

⁹¹ Bruce Richmond, editor do *Times Literary Supplement*, e sua mulher Elena. (AOB)

grisalha além disso. Bruce tornou-se completamente circular: cabeça redonda, olhos, nariz, barriga, mente. Não há como evitar que ele saia rolando de coisa em coisa. Ele não para nunca, segue deslizando suavemente. Mencionar escrita, dinheiro ou pessoas o deixaria chocado. Tudo precisa estar dissolvido em jargões & bondade. Agora, o curioso é que essas características infectaram nós dois a um tal grau que caímos numa infelicidade extrema. Já experimentei algumas vezes essa mesma sensação ao caminhar pelos subúrbios. Certa feita Castello Avenue me enraiveceu do mesmo modo.⁹² Já L. ficou indignado. Que a natureza humana seja capaz de afundar tanto, disse; & que as pessoas consigam levar uma vida assim tão maléfica & sem sentido – do tipo mais desprezível que ele é capaz de imaginar. Eles retiravam a cor, o estímulo, o caráter de tudo. E pensar que um dia desperdicei meus pensamentos com o que aquele quitandeirosinho mundano & simpático pensava da minha literatura! Mas a grande decepção é E. Em parte por causa de Thoby, em parte pela minha própria suscetibilidade a certos níveis de charme feminino, eu ainda sentia um certo ardor ao pensar nela. Agora esse ardor foi substituído por uma sólida vela de sebo de carneiro. E depois de ter ido deitar exausta, eu me sinto esta manhã fisicamente exaurida, mentalmente falida, esgotada, caiada, limpa. Desprovida dessa ilusão.

Segunda, 13 de
setembro (acho)⁹³

Um fato vergonhoso – estou escrevendo isso às 10 da manhã na cama do quartinho que dá para o jardim; o sol brilhando sempre, as folhas da videira verde-transparentes & as folhas da macieira tão brilhantes que, enquanto eu tomava o café da manhã, inventei uma historinha sobre um homem que escreveu um poema, acho, comparando-as a diamantes, & as teias de aranha (que cintilam & desaparecem espantosamente) a outra coisa qualquer: o que me fez pensar no que [Andrew] Marvell escreveu sobre a vida no campo, & depois em [Robert] Herrick, & a refletir que boa parte disso dependia da cidade & da alegria – era uma

⁹² Castello Avenue era a avenida onde moravam o irmão Edgar de LW e sua mulher, Sylvia – num casarão em subúrbio de classe média em Putney. “As ruas cheias de casarões me deixam mais desolada que as favelas”, descreveu VW em 31 jan. 1920. (AOB)

⁹³ AOB corrigiu a data para 14 de setembro.

reação. Esqueci os fatos, porém. Estou escrevendo isso em parte para testar o pobre feixe de nervos da minha nuca – será que irão aguentar ou cederão novamente, como acontece com tanta frequência? – porque ainda estou anfíbia, deito & levanto da cama; em parte para contentar meu comichão (“contentar” & “comichão”!) de escrever. É um enorme consolo, & um tormento. Leonard está em Londres neste perfeito dia solitário; este dia típico de setembro; conversando com Murphy no porão enquanto os furgões passam sacolejando & as saias & calças das pessoas aparecem lá em cima na calçada. Isso nos leva a pensar em vender Monks & passar os verões, sem editora, sem Nelly, sem a Nation, sem frentes frias, no sul da França. A notícia de que Mr. Wilkinson deseja comprar Monks balança a nossa resolução de vendê-la.⁹⁴ Basta um passeio pelos alagadiços, sob o clima perolado & sarapintado, que me afundo de amores novamente. E Leonard acha que sua plantação de batatas vai bem & que os açafreões-do-outono estão despontando. Passamos pelo tormento da crise de sempre com as criadas – diferente desta vez, é verdade: Nelly disse que Lottie quer voltar; oferecemos recebê-la; ela nega – para Karin; para Nelly, ela falta com a verdade. Tive um acesso de raiva de Karin, o que precipitou uma nova dor de cabeça. Mas estamos na mão dos deuses: nossa intenção é não levantar nenhuma palha, em nenhum dos dois lados. Só que é curioso que um desentendedorzinho com os criados seja capaz de arrasar os nervos da nuca com mais eficiência do que qualquer outro. Mas por quê? Porque é subterrâneo, em parte. Tom nos tratou de modo mesquinho, bem à maneira como tratou os Hutchinsons. Na segunda recebo uma carta bajuladora & lisonjeira, implorando que eu escreva para sua nova revista 3mestral & propondo discutir assuntos editoriais tão logo voltarmos; na quinta-feira lemos no Lit. Supt. que sua nova editora vai publicar Terra Desolada & seus outros poemas – algo que ele não teve coragem de confessar, & que procurou amenizar me bajulando. Ele tratou Jack [Hutchinson] da mesma maneira em relação ao conto de Vivien na *Criterion* [episódio não explicado]. O Submundo⁹⁵ – os

⁹⁴ Clennel Wilkinson, jornalista e autor de biografias populares, cunhado de J.C. Squire, editor do *London Mercury*. (AOB)

⁹⁵ “The Underworld” (O Submundo) é um termo pessoal criado por VW e LW para definir escritores mais “vulgares”, que fazem da escrita “mais fácil” seu ganha-pão. O termo, que transmite a sugestão de inferioridade social, equivale mais ou menos ao termo “grub street”, também usado pelos dois com a mesma conotação.

Além disso (23 set)
Read foi convidado a
escrever para a editora
de Tom

movimentos & desejos do Submundo, suas transformações & conluios, estão na base da questão. A intenção dele é seguir usando os métodos desse mundo; mas eu não sou do Submundo. Entretanto, de certa maneira é divertido ir desvendando os desvios & obliquidades desse homem formidável.⁹⁶ Até que ponto deixarão a poesia dele estrábica? Enfim; na minha idade, eu, que já não tenho mais ilusões desse tipo – quero dizer, em relação ao brilhantismo de Tom, ou ao brilhantismo de qualquer um de nós, ou ao poder que temos de nos influenciar uns aos outros intelectualmente – fico à distância, reservada. Diversas outras ilusões restam em mim – emocionais, pessoais; & a principal é o prazer de inventar caminhadas para as quartas-feiras deste inverno. Irei para Greenwich, para Caen Woods, Gunnersbury, tudo no clima chuvoso do outono, com direito a chá numa A.B.C.⁹⁷ & banho quente na volta. Sim; vou me permitir negligenciar um pouco a alta sociedade: em vez de sentir que estou me esquivando com evasivas ao recusar ver Lord Berners ou Lady Colefax, vou me permitir fazer justamente isso; para por exemplo intensificar um parágrafo do Ao Farol, ou acrescentar mais uma hora ao papo íntimo esfarrapado, que é o que eu mais adoro. Darei todavia um mergulho aqui & ali; mas sem ansiedade nem preparativos em relação a roupas ou qualquer outra dessas agruras. Isso me traz uma sensação de tranquilidade deliciosa. Que eu mereço, aliás, porque estico ao máximo as minhas £35 destinadas a vestidos, & enfrentei “por princípio” mais de uma festa espartanamente, como diriam as marmotas. O “princípio” que descobri guiar de modo intermitente a minha vida é – saltar os obstáculos. Deus sabe como eu os temia! Agora, com o meu estúdio habitável, & talvez outra criada, posso planejar reuniões ao acaso, boêmias; música (já temos o Algraphone, & esta é uma

⁹⁶ VW tinha opiniões contraditórias sobre Eliot, muito à maneira dela, aliás. Ela o admirava e ao mesmo tempo desprezava a ambição que via nele de se destacar a todo custo e o hábito de fazer e desfazer alianças não por afinidade, mas por conveniência. Tinha consciência de que Eliot era diferente dela. Já na primeira visita dele, ela escreve: “Ele decididamente pertence à geração abaixo da nossa – ousou dizer superior – mais jovem, porém” (19 set 1920), e no dia seguinte: “Ele é um espécime consistente da sua espécie, que é o contrário da nossa. Infelizmente os autores vivos que ele admira são Wyndham Lewis & Pound. – Joyce também.” Eliot desde o início se mostrou capaz de desestabilizar a confiança de VW em si mesma. Da mesma entrada: “(...) ele tratou com completo descaso a minha pretensão a ser escritora, & se eu fosse doutrinável, suponho que teria desabado – achado ele & suas visões dominantes & subversivos. (...) Há muito o que dizer sobre Eliot sob diversos aspectos – por exemplo, sua dificuldade de ter contato com gente inteligente. – & por aí vai – anemia, inibição; mas por outro lado sua mente ainda não perdeu o fio nem se tornou enevoada. Ele deseja escrever num inglês preciso; mas se pega dando deslizes; & se alguém lhe perguntasse se ele quis mesmo dizer o que disse, com grande frequência ele seria obrigado a dizer que não.”

⁹⁷ A.B.C – Aerated Bread Company, rede tradicional de casas de chá na Inglaterra. (AOB)

perspectiva encantadora – ouvir música depois do jantar enquanto bordo – vou para Lewes esta tarde encontrar Nessa & comprar lã),⁹⁸ visitas de gente da nossa própria classe; estar à vontade, pantufas, cigarros, pãezinhos, chocolates. Pois sou naturalmente sociável; isso não se pode negar.

Terça, 22 de setembro

Como minha letra desce ladeira abaixo! Mais um sacrifício para a Hogarth Press. E contudo o que eu devo à Hogarth Press mal se paga com a minha letra. Então não acabei de escrever para Herbert Fisher⁹⁹ recusando escrever um livro sobre o pós-vitorianismo para a Home University Series? – pois sei que posso escrever um livro, um livro melhor, um livro sem a encomenda de ninguém, para a minha editora, se eu quiser! Só de pensar em ficar amarrada a um desses professores universitários meu sangue praticamente gela. No entanto sou a única mulher da Inglaterra livre para escrever o que eu bem quiser. As outras precisam se preocupar com séries e editores.¹⁰⁰ Ontem recebi a notícia da Harcourt Brace de que Mrs D. e L.C. estão vendendo 148 & 73 por semana – Não é uma taxa espantosa para o 4º mês? Que prediz um banheiro & um lavabo aqui ou em Southease? Estou escrevendo sob um por do sol azul aquarelado, a penitência de um dia moroso irritadiço, que desbotou; as nuvens, tenho certeza, deviam estar douradas sobre a chapada & deixaram uma suave franja dourada sobre os morros de lá.

Hoje é

quinta, 24 de setembro

– triste pensar que resta apenas mais uma semana deste verão parcialmente arruinado; porém não reclamo, vendo agora como mergulhei de cabeça novamente na saúde & como mais uma vez sinto estabilizada minha medula, que é sempre o centro do meu ser. Maynard & Lydia vieram para cá ontem – M. com uma camisa típica russa à Tosltói & gorro de astracã preto – Que bela visão para se ter pela estrada, os dois!¹⁰¹ Uma imensa disposição & vigor o atravessam. Ela

⁹⁸ O Algraphone era o chamado “gramofone superior” da Alfred Graham. O casal Woolf o comprara recentemente; por volta dessa época LW começou a resenhar discos para a *Nation & Athenaeum*. VW estava bordando uma manta de cadeira com projeto de Vanessa, segundo A.O. Bell (carta 1576, L3).

⁹⁹ Historiador e primo de VW, membro do Parlamento pelo Partido Liberal, era um dos editores da série “Home University Library”. (AOB)

¹⁰⁰ Essa consciência de VW da própria liberdade enquanto escritora – livre das amarras de uma editora externa – é fundamental para que ela tenha podido levar adiante seu projeto de escrita original.

¹⁰¹ O casal Keynes havia recém-chegado da Rússia. Oficialmente Maynard fora representar a Universidade de Cambridge no bicentenário da Academia de Ciências de Leningrado, mas, extra-oficialmente, tinha ido conhecer a família de Lydia. Escreveu três artigos para a *N&A* sobre o regime

segue no rastro dele, a esposa do grande homem. Mas, por mais que se possa reclamar, também se pode considerá-los uma ótima companhia, & meu coração, neste outono da minha vida, aquece-se ligeiramente em relação a M., que conheço há todos esses anos de modo tão belicoso, tão truculento, tão pouco íntimo. Tivemos uma conversa animadíssima sobre a Rússia: que misturada, que selva insana, diz ele, do bom & do ruim, & das coisas mais extremas que ele não consegue abarcar – ainda não consegue entender como funcionam. Em resumo, espões por toda parte, nenhuma liberdade de expressão, a ambição por dinheiro erradicada, as pessoas dividindo casas, porém algumas, como por exemplo a mãe de L.[ydia], têm criados, os camponeses satisfeitos por terem terras, aristocratas servindo de cicerones em suas propriedades, o balé em alta conta, a melhor exposição de Cézanne & Matisse que existe. Procissões incessantes de comunistas de cartola, preços exorbitantes, porém tem-se champanhe & a melhor culinária da Europa; banquetes que começam às 8.30 & vão até as 2.30, & as pessoas ficando ligeiramente bêbadas, digamos, por volta das 11, vagando em volta da mesa. Kalinin se levanta para perambular & é seguido por um grupinho que o aplaude incessantemente enquanto ele caminha; além disso o imenso luxo dos velhos trens imperiais; comer do prato dos czares; entrevista com Zinoviev¹⁰² que (eu acho) era um judeu cosmopolita gentil, mas tinha dois cães de guarda fanáticos de cara quadrada para protegê-lo, resmungando fanaticamente seus mistérios. Uma das previsões deles, de que em 10 anos o padrão de vida russo será maior do que antes da guerra, enquanto nos outros países será menor, M. achou que poderia muito bem se concretizar. Enfim, os dois estão entupidos & abarrotados de paisagens & conversas: Maynard ganhou uma medalha engastada com diamantes & L. um soberano de ouro que a deixaram apanhar dos sacos da casa da moeda. Mas os Keynes, nem é preciso dizer, reforçaram minha dor de cabeça, & quando Lytton chegou, eu estava desfalecida perto da lareira & não consegui resistir àquela velha serpente. O que conversamos eu acho foi

soviético, que foram reunidos em *A Short Vision of Russia*, publicado pela Hogarth em dezembro de 1925. (AOB)

¹⁰² Grigori Zinoviev, tido como autor da “Carta de Zinoviev”, publicada pelo *British Mail* em 1924 e que levou à derrocada de Ramsay MacDonald. Na época da visita de Keynes à Rússia, era o presidente do Comitê Executivo da Internacional Comunista. VW faz alusão metafórica a Stálin e Kamenev, com quem Zinoviev se uniu para excluir Trotski, como dois “cães de guarda”.

algo na linha de que ele possuía uma lareira em Hamspray que causou bolhas na parede, mas não atingiu seus livros – & que lareira teria a coragem de fazer isso? E ele tinha lido Bunny, “De fato é bastante extraordinário – tão artístico – tão elaborado – de uma competência terrível, mas... bem, parece uma hospedaria perfeitamente restaurada – Ye Olde¹⁰³... tudo arrumadinho & restaurado.” Não existe nem sinal de Bunny ali, como havia em *The Man in the Zoo*; nenhum humor; é uma restauração perfeita¹⁰⁴.

Mas para ser sincera estou exasperada esta manhã. São 10.25 de um belo dia cinzento & silencioso; Lily está arrumando meu quarto; os estorninhos na macieira; Leonard em Londres, & Nelly suponho decidindo a maior questão de toda a sua vida – o que é o casamento para uma mulher – com Lottie. Lily é uma garota de olhos arregalados como os de um cão pastor que veio de Ilford para “fazer a faxina”; mas que não é capaz de preparar um ovo mexido ou assar uma batata, & portanto está mal preparada para a vida, no meu entender.

Começando às 9.45 escrevi duas páginas de um conto, mais uma vez como um teste; & me saí bem, acho; enfim, minha cisterna está cheia de ideias. Mas indo direto ao ponto: por que estou exasperada? Por causa de Roger. Eu lhe disse que passei o verão inteiro doente. Sua resposta foi – silêncio em relação a isso, mas descrições abundantes dos seus dentes da frente. Egoísmo, egoísmo – este é o ingrediente principal da vida de um homem inteligente, acredito. Protege; aumenta; conserva intactos seus sucos vitais porque os mantém represados. Fora que não me sai da cabeça que ele imagina que sou uma valetudinária, & isso me enfurece: & como L. não está, não pode me arrancar fora esse espinho, portanto preciso escrever para desabafar. Pronto! melhor agora; acho que ouvi os jornais chegando; vou lá buscá-los, & o meu bordado, & um copo de leite.

¹⁰³ Expressão inventada que significa “the old”, fazendo alusão ao inglês arcaico. É usada em nomes de estabelecimentos pelo menos desde o século 18 para transmitir a ideia de que são muito antigos.

¹⁰⁴ David “Bunny” Garnett havia lançado recentemente seu terceiro livro, *The Sailor’s Return*; o segundo, *A Man in the Zoo*, fora publicado em 1924. (AOB)

Isso suponho foi feito;¹⁰⁵ & agora é quarta de manhã; úmida, & por toda a parte já existe a sensação de transmigração, de deixar cair um hábito em favor de outro. Minha pelagem de outono cresceu. Começo a simpatizar com a saudade que Nelly sente do bem-estar & da velocidade da civilização. Mas aqui prometo que não vou me permitir pensar que isso é vida – esse frenesi & exagero; senão terminarei mais uma vez destruída, como em agosto.

Hoje estamos seguindo o rastro de Tom, censurando & vilipendiando aquele homem. Ele não larga o livro do Read, está atrás dele há 3 ou 4 meses.¹⁰⁶ Nossa linha é a dignidade; & realmente, por mais que a caça ilícita de autores continue, ele não conseguirá nos prejudicar. Além disso existe o fascínio da infração; quer dizer, depois de passar todo esse tempo com a sensação de que havia qualquer coisa de estranho nele, é mais satisfatório ver as coisas vindo por fim à tona. Não que eu quisesse uma infração: quero é uma revelação. Mas L. acha que agora essa criatura matreira esquisita se afastará.

Realmente esqueci de registrar o final do drama de Lottie – ela se apaixonou pelo vaqueiro de Thorpe[-le-Soken]! Isso veio à tona depois de horas de discussão violenta com Nelly, & explica & justifica tudo: estamos, por motivos íntimos, extremamente contentes. O pior é a infeliz da Karin – na cirurgia, cortaram um nervo do seu rosto, que ficou semiparalisado.¹⁰⁷ Ela não consegue falar, deduzi, sem contorcer todo o rosto. Recusa-se a ver as crianças com medo de assustá-las. Essa maldade final da parte do destino me parece ser o nocaute dela; só que de alguma maneira, como acontece com a maioria das pessoas, ela acabará encontrando uma saída. Isso amolece o coração em relação a Karin; faz pensar em sua coragem. Mas com que rapidez a *intensidade* dessa compaixão passa & ela retoma seu lugar em nosso espírito como uma pessoa de quem

¹⁰⁵ No original não há nenhuma quebra entre a entrada anterior e essa. É simplesmente um novo parágrafo, embora na edição comercial do diário AOB tenha dado quebra e colocado entre colcheias aqui: “Quarta, 30 de setembro”.

¹⁰⁶ Os Woolfs haviam publicado o primeiro livro de Herbert Read em 1923 e iriam publicar o segundo em outubro. De fato, o livro seguinte de Read, *Reason & Romanticism. Essays in Literary Criticism*, saiu pela Faber & Gwyer, em 1926.

¹⁰⁷ Karin Stephen havia se submetido a uma cirurgia para surdez.

eternamente, tediosamente, sentimos pena. Não importa, a propinquidade reavivará isso: Tavistock Square, que está tão perto, vai nos deixar ainda mais conscientes do horror que é alguém contorcer o próprio rosto.

27 de novembro

Ah que lacuna! Caí na cama tão logo voltamos – ou melhor, quem me pôs na cama foi Ellie;¹⁰⁸ & continua me mantendo prostrada durante metade do dia. Semana que vem irei ao balé, minha primeira saída à noite. Uma visita por dia. Até 2 dias atrás, cama às 5. Desse modo as visitas se tornaram, como de costume, quadros pendurados nas paredes. No geral, não estive infeliz; mas também não muito feliz; incômodos demais; enjoos (resolvidos comendo algo no mesmo instante); uma boa dose de mordidas de rato na nuca; um ou dois terrores; depois o cansaço do corpo – que me cobre como o casaco de um operário. Às vezes eu me sentia velha & desgastada. Madge morreu. Revirei em meio às minhas emoções & não descobri nada melhor que folhas mortas. Suas cartas tinham devorado a realidade – o brilhantismo, a afeição. Ah tempo detestável, que devora dessa maneira o coração & permite que o corpo siga adiante. Enterraram um feixe de gravetos em Highgate, no que me diz respeito. Fui até o portão & vi Nessa & Leonard, como um par de figuras embalsamadas, entrarem.¹⁰⁹ Minhas caminhadas se ampliaram até a Oxford Street; uma única vez por enquanto; & enfim, o que dizer das conversas? Vita esteve aqui duas vezes. Está condenada a ir para a Pérsia; & por ficar tão perturbada com essa ideia (perdê-la de vista por 5 anos) concluo que estou genuinamente afeiçãoada por ela.¹¹⁰ Há que se levar em conta o glamour do desconhecido; da aristocracia (Mas ela é metade camponesa, diz Raymond –); da lisonja. Apesar disso, depois de análise & consideração, muita coisa permanece, tenho certeza. Devo ficar com ela? Devemos ir a Charleston no Natal? O melhor dessas doenças é que elas revolvem a terra pelas raízes. Produzem mudanças. As pessoas passam a

¹⁰⁸ Frances Elinor Rendel, sobrinha de Lytton, tornou-se a médica de VW quando ela se mudou para Tavistock Square. (AOB)

¹⁰⁹ Margaret (Madge) Vaughan, esposa do primo de VW, W.W. Vaughan. Segundo Quentin Bell, Madge um dia representara muito para Woolf, foi “a primeira mulher a cativar seu coração”. (AOB)

¹¹⁰ Vita Sackville-West era esposa do diplomata Harold Nicolson, que agora seria enviado a Teerã. Mas Vita, avessa às restrições e formalidades da vida diplomática, acabou decidindo ficar. (AOB)

expressar seu afeto. Nessa quer nos receber lá – De fato, tenho passado mais tempo com ela & Duncan do que há muito tempo. Gwen [Raverat] entra: ameaça dissolver seu comportamento cordial, direto & aborrecido em um mar de lágrimas, como se os rebites que a mantêm de pé tivessem cedido – essas tragédias acabaram com ela. Recompõe-se por um instante, mas de repente desaba & me conta algo que não contou a mais ninguém. Ela acha que sou compreensiva. E suponho que esteja apaixonada – ou que Marchand esteja apaixonado – & não quero saber absolutamente nada a respeito.¹¹¹ As leituras & a escrita devem continuar. Não a do meu romance, porém. Eu só consigo pensar em todos os meus defeitos como romancista & me perguntar por que escrevo – dúvida que Lytton aumenta & Morgan diminui. Morgan está escrevendo um artigo a meu respeito.¹¹² Quem sabe não será útil & me dará um empurrão novamente. Depois quero escrever “um livro”, & com isso quero dizer um livro de crítica, para a H.[ogarth] P[ress]. Mas sobre o quê? Cartas? Psicologia? Lytton já está em outro: Os Amores dos Famosos. R.[ainha] Elizabeth &c. Eu o achei próximo como nunca ontem à noite; todo emplumado, incandescente, suave, luminoso. Algo nele provoca uma leve (intensa) repulsa em Leonard. Seu caráter não é tão bom quanto o de Morgan, ele disse hoje, enquanto dávamos a volta na praça sob a neve. “Tem alguma coisa em todos os Stracheys que –” E quando conversamos, L. & eu, criticamos bastante os livros de Lytton, já reparei. Mas isso tudo desaparece dentro de mim quando ele vem, como ontem, para conversar, conversar & conversar. Que Nessa ainda continua muito linda – isso me atinge. Que Ka emagreceu – & preocupada com isso: mas nada, no meu coração sentimental, consegue resistir a velhas lealdades como essa. Não consigo conservar o juízo completo quando estou entretida numa conversa. Começo a reluzir & englobar as pessoas em uma névoa cor de champanhe, que vai então se desbotando aos poucos. Estava conversando sobre isso outro dia com Raymond – cujo nariz rombudo & as roupas chamativas são, acredito, a nossa principal implicação com ele. Que não existe substância nas amizades de uma pessoa, que elas desbotam como –

¹¹¹ Jean-Hippolyte Marchand, pintor francês e amigo dos Raverats. (AOB)

¹¹² O artigo “The Novels of Virginia Woolf”, de E.M. Forster, foi publicado no *The New Criterion* em abril de 1926.

* Uma suposição inteligente – ele se lamentava mesmo por Harold estar na Pérsia

Por exemplo, ele se lamentava por Harold Nicolson estar na Pérsia?* – Nada se cunha como uma moeda & permanece para sempre na posse de ninguém. As pessoas morrem; Madge morre, & não conseguimos reprimir uma lágrima solitária. Porém se 6 pessoas morressem é bem verdade que minha vida terminaria: com isso quero dizer que ela ficaria tão esgarçada que, ainda que continuasse, conseguiria eu encontrar algum prazer? Imagine Leonard, Nessa Duncan Lytton, Clive Morgan todos mortos.

Segunda, 7 de dezembro

Quero me deitar como uma criança cansada & chorar essa vida de inquietações – & meu diário me acolherá em seu travesseiro macio de penas.¹¹³ A maioria das crianças não sabe por que chora; & eu tampouco. São 12 horas da manhã de uma segunda-feira, um dia muito frio, mas ensolarado, saudável, alegre. Campainhas tocam lá embaixo; portas batem. Eu deveria estar em meu melhor estado, pois depois de todas essas semanas debilitadas & dormentes¹¹⁴ estou de novo quase liberta; posso ler, escrever, caminhar um pouco, & entreter visitas com moderação. Bem, em parte é por causa daquela diaba, Vita. Nenhuma carta. Nenhuma visita. Nenhum convite para ir a Long Barn.¹¹⁵ Ela esteve na cidade semana passada & não veio até aqui. Tantas boas razões para essa negligência me ocorrem que sinto vergonha de considerar isso motivo de choro. É que, se eu não a vir agora, não a verei – nunca mais: pois no verão que vem o instante de intimidade já terá passado. E eu me ressinto disso, em parte porque gosto dela; em parte porque odeio o poder que a vida tem de separar. Ademais, sou vaidosa. Clive saberá *por que* Vita não veio me ver. Bem, depois de enxotar esse rato antigo até sua toca, chega o cartão de Tom a respeito de *Sobre estar doente* – artigo que eu, & também Leonard, consideramos um dos meus melhores: para ele, característico &c: quero dizer, ele não ficou nada entusiasmado; daí que, lendo agora as provas, vi ali verbosidade, debilidade & tudo quanto é defeito.¹¹⁶ Isso aumenta o

¹¹³ “I could lie down like a tired child/And weep away the life of care/Which I have borne and yet must bear/Till death like sleep might steal on me.” (Shelley, *Stanzas Written in Dejection Near Naples*). (AOB)

¹¹⁴ Exemplo de como tentei manter a sonoridade do original, “drowsy dependent”.

¹¹⁵ Residência de Vita.

¹¹⁶ Em 14 de novembro VW havia enviado a Eliot o ensaio “Sobre estar doente”, em resposta à sua carta implorando para que ela escrevesse para a sua nova revista quadrimestral. O cartão supostamente

meu desgosto pela minha escrita & meu abatimento quanto à ideia de começar um novo romance. Que tema tenho eu? Não seria melhor me conter por motivos pessoais? Ficará parecido demais com minha mãe & meu pai: &, o que é mais estranho, conheço tão pouco de minhas próprias habilidades. Lá se vai outro rato enxotado de volta para a terra. Então agora vamos às novidades.

Vamos passar o Natal em Charleston, o que receio que não irá agradar muito Leonard. Passeamos em Hampstead no sábado. Estava muito frio – gente patinando por toda parte, menos ali; L. tinha levado os patins. Havia uma beleza nevoenta de inverno. Fomos até Ken Wood (mas os cachorros precisam estar em correias) & então chegamos à antiga área dos duelos, onde se veem árvores gigantescas que presumivelmente abrigaram os espadachins do século 18 (como eu começo a amar o passado – deve ter algo a ver com o meu livro) & foi ali que conversamos sobre Lytton, seriamente, como pessoas casadas. Mas meu Deus – como é satisfatório, depois de 12 anos, acho, ter um ser humano com quem se possa conversar tão abertamente quanto eu com L.! Bem, o que estava em questão era a mudança de Lytton. Ele tem os defeitos de uma natureza mesquinha, disse L. É sovina. Pede, mas nunca dá. Só que isso eu sempre soube – quantas vezes vi a pálpebra sonolenta cair sobre ele se alguém lhe pedia um pouquinho além: uma espécie de casca de egoísmo que o impede de se importar demais com os outros, ou de se comprometer de modo incômodo. Ele é cauteloso. É um valetudinário. Mas – também há, como sempre, as outras coisas; & como eu digo, sei da pálpebra encouraçada de Lytton desde que eu tinha 20 anos. Nada nessa vida me chocou mais, eu acho. Mas L. disse que quando eles estudavam em Cambridge Lytton não era assim. Primeiro teve a *International Review*: & Lytton recusou-se a escrever; depois Ralph; depois nunca mais nenhuma palavra elogiosa a qualquer pessoa.¹¹⁷ Já Morgan, disse Leonard, enquanto

desinteressado de Eliot não pôde ser localizado. O artigo foi publicado em janeiro de 1926 na *The New Criterion*. (AOB)

¹¹⁷ LW fora editor da *International Review* em 1919. Ralph Partridge, que se casara em 1921 com a companheira inseparável de Lytton, Dora Carrington, tinha trabalhado na Hogarth Press de outubro de 1920 a março de 1923, mas suas atitudes, e as manipulações de Lytton para favorecer os interesses dele, acabaram irritando os Woolfs. VW escreve por exemplo em 4 fev. 1922, quando Ralph vai embora

caminhávamos de volta pelos outeiros escorregadios enxergando tão pouco do caminho & conversando (no entanto toda essa área de Hampstead me faz lembrar Katherine – aquele espectro desmaiado, com olhos firmes, lábios zombeteiros, &, no final, a guirlanda no cabelo:) Morgan está melhor. Morgan eu acho é naturalmente mais compatível com L. do que Lytton. Ele gosta dos “bobos”;¹¹⁸ gosta da simplicidade dependente de Morgan & eu. Gosta de apaziguar nosso espírito, & do imenso alívio que sentimos com isso. Ai, ai.

Estou lendo *Passagem para a Índia*; mas não vou percorrer a respeito aqui, como terei de fazer em outros lugares. O livro para a H.[ogarth] P[ress].: creio que vou descobrir alguma teoria sobre a ficção. Vou ler seis romances & levantar umas lebres. Uma que tenho em vista é sobre *perspectiva*. Mas não sei. Meu cérebro talvez não sobreviva a mim. Não consigo pensar com clareza suficiente. Mas consigo – se é que o L.C. foi um teste – misturar ideias & expressá-las sem grande confusão. (A propósito, Robert Bridges gostou de Mrs Dalloway: disse que ninguém vai lê-lo, mas que está lindamente escrito, & mais algumas outras coisas, que L., que soube disso por Morgan, não conseguiu se lembrar.) Não acho que a questão tenha a ver com “desenvolvimento” e sim com prosa & poesia, nos romances. Por exemplo, Defoe de um lado: E. Brontë do outro. A realidade é algo que eles colocam a distâncias diferentes. Seria preciso mergulhar nas convenções; na vida real; & por aí vai. Talvez me amarre, essa teoria – mas irei apoiá-la com outras coisas. E a morte – como sempre sinto – aproxima-se depressa. 43 anos: quantos livros mais?

sem limpar as máquinas de tipografia: “Isso cristalizou todos os nossos queixumes antigos – o fato de ele ser preguiçoso, não confiável, ora esforçado, ora relapso, pouco audacioso, completamente corroído por Lytton, incapaz de elogiar, mas sem opinião própria – a velha história, que ouvimos tantas vezes das vítimas da velha serpente, mas uma depreciação um tanto grave dos méritos dele, como sócio de empresa. Será que devemos modificar a empresa? Será que devemos nos separar? Contratar uma mulher? Desconfio que esse trabalho não seja compatível com um homem jovem, de educação superior & vigoroso: mas estou sendo caridosa.”

¹¹⁸ LW tinha grande interesse pelo que chamava de “a estranha psicologia do bobo”, tipo descrito por Tolstói em sua autobiografia e retratado por Dostoiévski em *O idiota*. De acordo com LW os “bobos” são “absurdos (...) segundo os padrões dos homens práticos”; “terrivelmente simples e ao mesmo tempo tragicamente complicados”. (*I LW*, p. 137; *III LW*, p. 174). (AOB)

Katie¹¹⁹ veio de visita; ela agora é uma espécie de moldura de beleza descartada pendendo numa silhueta desgastada. Pois a firmeza da carne, o azul do olho & a elegância formidável se foram. Posso vê-la no número 22 de H.[yde] P.[ark] G.[ate] 25 anos atrás: de casaquinho & saia; tão esplêndida; olhos semicerrados; a voz adoravelmente zombeteira; empertigada; tremenda; tímida. Agora ela balbucia.

“Mas nenhum duque pediu minha mão, minha cara Virginia. Eles me chamavam de Rainha de Gelo.

E por que me casei com Cromer? Eu odiava o Egito; odiava os inválidos. Tive duas épocas muito felizes na vida – a infância – não quando eu estava crescendo, mas depois, com meus meninos, meu chalé & meu cachorro chow – & agora. Agora tenho tudo o que eu quero. Meu jardim – meu cão.” Acho que o filho dela não conta muito. Ela é uma dessas grandiosas inglesas excêntricas, que desfruta enormemente de sua posição & da eminência que esta lhe confere em St. John’s Wood, & que agora se vê livre para espiar em todos os buracos e cantos poeirentos, vestida de arrumadeira, as mãos iguais às de uma, as unhas todas sujas. Ela não para de falar. Falta-lhe corpo, ela praticamente se diluiu em névoa. Mas gostei do encontro, apesar de achar que ela tem poucos afetos & nenhum interesse passional. Agora, depois que chorei tudo o que tinha para chorar & de o sol ter aparecido, é escrever uma lista de presentes de Natal. Ethel Sands vem para o chá. Mas nada de Vita.

Segunda, 21 de
dezembro

Mas nada de Vita! Mas Vita por 3 dias em Long Barn, de onde eu & L. voltamos ontem.¹²⁰ Essas safistas *amam* as mulheres; a amizade nunca vem independente das tintas da amorosidade. Em suma, meus medos & refreios, minha “impertinência”, minha costureira inibição ao me relacionar com quem talvez não me deseje &tc – eram apenas, como disse L., besteira completa; &, em parte graças a ele (que me fez

¹¹⁹ Condessa de Cromer, segunda mulher de Evelyn Baring, 1º Conde de Cromer, cônsul do Egito – de quem desde 1917 era viúva. (AOB)

¹²⁰ Segundo Nigel Nicolson (III VW Letters, p. 223) este foi o começo do caso amoroso entre VW e Vita Sackville-West. LW foi para Long Barn em 19 dez. e no dia seguinte Vita os levou de carro de volta para Londres.

escrever)¹²¹ terminei em alto estilo este ano contundido & afligido por doenças. Gosto dela & de estar com ela, & do esplendor – ela resplandece nas quitandas de Sevenoaks como uma vela acesa, dando longas passadas em pernas como faias, cor-de-rosa cintilante, cheia de cachos de uvas, toda enfeitada de pérolas. Este é o segredo de seu fascínio, suponho. Enfim, ela me achou inacreditavelmente desmazelada, que mulher poderia se importar menos com a aparência? – ninguém mistura as coisas ao acaso como eu. Ao mesmo tempo tão linda &c. Qual o efeito disso tudo sobre mim? Bastante confuso. Por um lado tem a maturidade dela, seu peito completamente aberto: ela navega de velas enfunadas nas altas marés, enquanto eu sigo costeando pelos remansos; digo, sua capacidade de falar em público independentemente de qual ele seja, de representar seu país, de frequentar Chatsworth, de administrar a prataria, os criados & os cachorros chow; sua maternidade (apesar de ela ser meio fria & indiferente com os meninos); o fato em suma de ela ser (algo que nunca fui) uma mulher de verdade. Além disso existe nela certa voluptuosidade; as uvas estão maduras; mas ela não é reflexiva. Não. Em raciocínio & visão não é tão extremamente organizada quanto eu. Mas tem consciência disso, & portanto me cobre de

¹²² Uma criatura como essa deve ter se destacado flagrantemente entre seus companheiros; os fatos de sua vida forneceram a base para a fé em seu gênio; & quando sua morte precoce santificou & enterneceu sua memória, o pesar amoroso generosamente concedeu-lhe os louros que lhe foram negados. (escrito para Bridges)

proteção maternal que, por algum motivo, é o que invariavelmente eu mais desejei das pessoas. É o que L. me dá, & o que Nessa me dá, & o que

¹²¹ VW escreveu para Vita em 9 dez. convidando-se para ir até Long Barn, em resposta a uma carta de Vita de 8 dez. dizendo que só iria a Londres na semana do dia 20. Esta passagem do diário sugere que LW deve ter estimulado VW a fazer tal convite. (AOB)

¹²² Este trecho está exatamente assim, colocado em uma página entre duas páginas do diário. VW o escreveu para Robert Bridges – trata-se da transcrição de um trecho de *A School Portrait*, livro de Bridges para o poeta Digby Dolben. Roger Fry, que estava colaborando com Bridges para produzir dois estudos com amostras de caligrafia de autores da língua inglesa, vinha recolhendo amostras entre seus amigos escritores. A de VW, contudo, não chegou a ser incluída no livro.

Vita, à sua maneira superficial mais desajeitada, procura me dar. Pois obviamente em meio a todo o glamour, os cachos de uvas & os colares de pérolas, existe algo que não se encaixa. Quanta saudade, por exemplo, eu de fato vou sentir quando ela estiver passeando de carro pelo deserto? Farei uma observação a esse respeito no ano que vem. Mas seja como for, fico bastante contente por ela vir tomar o chá aqui hoje, & vou perguntar se ela se incomoda que eu me vista tão mal. Tenho a impressão que sim. Li seu poema; é mais compacto, melhor visualizado & sentido do que qualquer outro que ela já escreveu.

Os contos de Mary, receio, são ruins.¹²³ Ai ai – & Roger caiu de amores por H[elen Anrep]. O artigo de Morgan me alegrou muitíssimo. L. está fazendo anéis vedantes de borracha no momento. Os operários seguem martelando, as máquinas vibram diante do hotel. Vamos para Charleston amanhã, não sem certa inquietação minha, em parte por arrastar atrás de mim as nuvens da glória em Long Barn, algo q. sempre me desorienta & me deixa mais nervosa que o habitual: mas enfim, de certa maneira eu sou tão – estranha. Uma emoção sucede-se à outra.

¹²³ A Hogarth publicou *Fugitive Pieces* de Mary Hutchinson em junho de 1927.

Terça, 19 de janeiro

Tendo Vita neste instante (20 minutos atrás – agora são as 7) acabado de ir embora, o que sinto? Uma sensação de névoa baça de novembro; de luzes mortíferas & úmidas. Caminhei em direção a um realejo na Marchmont Street. Mas isso acabará se dissipando; & então irei desejá-la, clara & distintamente. Depois não mais – & assim por diante. É um sentimento humano normal, acho. Queremos terminar as frases. Queremos esse clima – tão róseo & calmo para mim. Ela não é inteligente; mas é abundante & fértil; verdadeira também. Explora tantas fontes diferentes de vida: de repouso & de variedade, foi a expressão dela, sentada no chão à tardinha sob a luz a gás. Jantamos ontem no Ivy com Clive; depois eles foram à festa dele, da qual eu me abstei. Ah & misturado a isso, a sensação revigorante de recomeçar o meu romance, no estúdio, pela primeira vez esta manhã. Todas essas fontes brincam no meu ser & se mesclam. Sinto a falta de estímulo, dos dias acentuados, agora que Vita se foi; & certo pathos, comum a essas despedidas; & ela com 4 dias de viagem pela neve pela frente.¹

¹ Este trecho pertence ao volume anterior. VW começaria um novo livro a partir da entrada de 8 de fevereiro.

1926

52 Tavistock Square

1926

Segunda, 8 de fevereiro De volta de Rodmell – para usar mais uma vez a abertura batida. E eu talvez devesse explicar por que deixei um mês inteiro passar em branco. Primeiro, acho, pela rubéola; em seguida, Vita; depois, a falta de inclinação para fazer qualquer esforço, de modo que até a semana passada não trabalhei em nenhum livro. Mas sem sombra de dúvida esse diário já está estabelecido, & às vezes olho para ele & tento imaginar que diabo será o seu destino. Ele deverá servir para eu escrever minhas memórias. Aos 60 anos vou me sentar & escrever a minha vida. Como matéria para essa obra-prima – & conhecendo os caprichos do meu cérebro, pois nunca sei o que irá chamar a minha atenção, registro aqui que ao entrar em casa encontrei as seguintes cartas à minha espera. 1. Ottoline, falando daquele ensaio maravilhoso, Sobre Estar Doente. Ela está fazendo uma cura. 2. Uma longa carta de elogios históricos de Miss Keiller [Kieffer], que está traduzindo *Jacob's Room*. 3. um cartão, que mostra seu caráter sob uma luz nada favorável, de Miss Ethel Pye, que me conheceu num ônibus & quer fazer uma máscara a partir da minha cabeça; 4. uma carta da Harcourt Brace com um cheque por S[obre]. E[star]. Doente. 5. uma carta me pedindo para ser membro do comitê da English Association; 6. um recorte do Dial sobre as Hogarth Essays; 7. um bilhete de Clive me convidando para jantar para conhecer seu irmão. Acho que isso faz de mim alguém especialmente importante. É a correspondência de 3 dias. Estou um tanto cansada, um pouco cansada, de tanto quebrar a cabeça com Ao Farol. Nunca nunca escrevi com tanta facilidade, imaginei tão profusamente. Murry disse que daqui a 10 anos ninguém mais lerá meus livros – Bem, hoje recebi uma nova edição de V[oyage]. O[ut]. da Harcourt Brace – que foi publicado 11 anos atrás.²

23 de fevereiro Ouvi o toque costumeiro da campainha / & acho que Gwen entrou, & senti-me um tanto entorpecida & imprestável, com a sensação de não ter nada para lhe dar & ela tudo a pedir. Como eu bem previa, ela está enredada em uma rede flamejante: a verdade é essa; o amor enreda; a rede incandescente de – quem era mesmo? aquela que morreu incinerada –:

² John Murry, crítico literário e viúvo de Katherine Mansfield, editor da *Adelphi*. No artigo “The Classical Revival”, de fevereiro de 1926, ele escreveu que “*Jacob's Room* de Mrs. Woolf e *Terra Desolada* de Mr. Eliot pertencem essencialmente à mesma ordem. Ambos são fracassos (...). Daqui a cinquenta, dez anos, ninguém mais se dará ao trabalho (nada pequeno) de ler qualquer uma dessas obras, a menos que aconteça alguma mudança extraordinária com seus autores – uma liberação de sua verdadeira espontaneidade – capaz de despertar o interesse em estudar (...) esses registros das suas dificuldades iniciais.” (AOB)

mas a dela é mais dolorosa que isso, & mais duradoura.³ No entanto como é raro intuir o que já sabemos! A rede dela cai sobre mim; mas não me queima. E eu lhe faço pequenas gentilezas, que não trazem um grande bem a nenhuma das duas; & se não faço, sinto remorso. O resultado disso tudo é que agora tenho pouco apetite para escrever, por estar exasperada 1. porque Nelly se recusa a fazer geleia de laranja; 2. porque uma certa função está pendente; 3. porque não posso ir, em deferência à vontade de L., à festa de despedida de Mortimer;⁴ 4. porque Dadie me convidou para o chá & eu não fui; 5. porque – desse último porquê não lembro mais – alguma insatisfação vaga: primavera & funerais; luzes amarelas & brancos botões de flor; lindos quadrados pontudos pretos & amarelos – & assim por diante. Vita escreve cartas bobas, & sinto saudades dela. Saudades do brilho, dos elogios, da festa. Sinto saudades não de modo muito íntimo, suponho, mas sinto mesmo assim, & vem a vontade de que já fosse 10 de maio; depois não vem mais; pois existe uma tal navalha na minha paleta que ver pessoas com frequência me faz enjoar delas.

Meu romance me inflou como uma bandeira velha. Trata-se de *Ao Farol*. Acho que vale dizer, para meu próprio interesse, que até que enfim até que enfim, depois daquela batalha com *Jacob's Room*, da agonia – da agonia completa com *Mrs Dalloway*, salvo o final, agora estou escrevendo mais rápido & livremente do que jamais escrevi em toda a minha vida; muito mais – 20 vezes mais – do que qualquer outro romance. Creio que isso prova que eu estava no caminho certo; & que qualquer que seja o fruto existente em minha alma, é nela que ele deve ser colhido.⁵ Engraçado como agora invento teorias de que o que importa é a fertilidade & a fluência: eu antes defendia uma espécie de esforço de concisão, de precisão. Enfim, isso continua manhã afora; & tenho de contar com o próprio diabo para não açoiar o meu cérebro a tarde toda também. Vivo completamente dentro dele, venho à superfície de modo um tanto obscuro, & frequentemente não consigo pensar no que dizer quando saímos para dar a volta na praça, o que é ruim, eu sei. Talvez seja um bom sinal para o livro, porém. Claro que é algo bastante

³ Sêmele foi consumida em chamas quando seu amante, Zeus, apareceu diante dela em toda a sua majestade. Porém os capturados em uma rede foram Ares e Afrodite, pelo deus Vulcão. (AOB)

⁴ Raymond Mortimer fora designado para ir a Teerã e se juntar aos Nicolson. Vita voltaria à Inglaterra em 10 de maio. (AOB)

⁵ “Fica, ó minha alma, como os frutos, até morre a árvore!” (*Cymbeline*, ato V, cena 5). (AOB)

conhecido para mim: mas todos os meus livros o foram também. A diferença, eu sinto, é que consigo flutuar acima de tudo agora; & por “tudo” quero dizer o atulhamento, o peso & a confusão mentais.

Também vi Lytton: vi Eddy; Mary; esqueço: ultimamente andei reservada na vida social & gostei disso. Quem sabe eu esteja voltando a me animar, depois da minha letargia. A temporada de publicações está prestes a começar. Nessa diz, Por que você não desiste disso? Respondo, Porque eu gosto. Depois duvido, será que gosto mesmo? Que dizer de Roma & da Sicília? E Manning Sanders não vale o esforço.⁶ Serei eu uma fanática por trabalho, como meu pai? Acho que tenho certa tendência, mas isso não me agrada. Hoje Francis Birrell & Rose Macaulay jantam aqui conosco. Para comemorar a ocasião, comprei um porta-torradas & uma colcha, para cobrir aquela cômoda atroz que vem me incomodando durante esses últimos 2 anos. Agora fiquei tão satisfeita com a cor que saio para dar uma olhada nela.

Quarta, 24 de fevereiro

Continuando, pelo segundo dia consecutivo, o que é uma raridade, eles vieram para cá ontem à noite, Francis & Rose Macaulay⁷ – & ousou dizer que um desses dias eu a estarei chamando de Rose. Francis não fez grande caso de conhecê-la: minhas preocupações com pequenezas me deram um pouco de sossego: Gwen telefonou; não fui cordial; ela se retraiu: eu, arrependida, telefonei de novo. Daí Rose – tagarela até demais no começo, sai; magra como um ancinho, um fiapo, murcha. Existe nela um quê da inteligência frívola & da mancha da frivolidade literária cafona: mas isso em parte devia ser nervosismo, acho; ela nos achou distantes & observadores com certeza. Seja como for, no meio do jantar faltou luz: só tínhamos umas poucas velas em uns pires, & deixei ela & Francis sozinhos no escuro conversando. Afinal, ela não tem disfarce nenhum; imagino que no quesito convenções deve seguir exatamente a média; recebeu um banho de ouro um tanto barato & superficial com todos esses convites para falar em jantares & dar entrevistas aos jornais & tal & coisa; almoços na Liga das Nações;

⁶ O segundo livro de Ruth Manning-Sanders, *Martha Wish-You-Ill*, seria publicado pela Hogarth em julho daquele ano. (AOB)

⁷ Rose Macaulay era uma romancista da época. (AOB)

jantares com Iolo Williams,⁸ reuniões com Jack Squire, que deixou crescer o bigode & agora parece um sacristão.

Deixe-me ver, existe certa falta de afinidade entre Chiswick & Bloomsbury, creio, disse ela. Então definimos Bloomsbury. O dever dela é defender o senso comum, disse. Expliquei que ela vinha de Cambridge.⁹ Está escrevendo um artigo para um jornal americano sobre Londres depois da guerra. É esse tipo de coisa que causa desconfiança. Por que entrar em campo assim de modo tão desnecessário? Mas imagino que todas as nossas “romancistas de destaque” fazem o que lhes pedem, & eu não sou uma delas. Vi minha própria posição um tanto diminuída & rebaixada; & em parte isso é o preço de ver gente nova – & mais ainda de frequentar a casa dos outros. Acabamos nos sentindo minimizados, se é que acontece alguma coisa: aqui na eterna Bloomsbury podemos, sem perceber, nos expandir. Então Gwen chegou. Gosto de Francis. Gosto de sua risada; de sua energia aleatória. Ele é um vitoriano. De fato, conversamos muito, enquanto L. estava no porão com o eletricitista, sobre meu pai, que, segundo Francis, dominava o século 20. “Ele possibilitou que eu tivesse uma vida decente” disse ele. “Demoliu o edifício inteiro, sem ter ideia do que estava fazendo. Em nenhum momento se deu conta de que, se Deus ruísse, a moralidade iria junto. Um homem notável; porque embora não acreditasse em Deus, era mais rígido do que aqueles que acreditavam.”

“Ele adorava lamentar-se”, disse L, subindo as escadas. R.M. disse que os pais dela sempre o chamavam de “o coitado do Leslie Stephen” porque ele tinha perdido a fé. Diziam também que ele era muito gentil & encantador. Gwen contou que seu pai & seus tios tinham grande respeito por ele,¹⁰ & uma afeição bastante romântica pela minha mãe.

Porque ela era muito linda, falei, orgulhosa de contar isso a R.M.; & me senti um tanto esquisita, ao me dar conta do quanto disso está em Ao Farol & que todas aquelas pessoas leriam o livro & reconheceriam nele o coitado do Leslie Stephen & a linda Mrs. Stephen. Depois

⁸ Iolo Williams era então correspondente bibliográfico do *London Mercury*, cujo editor e fundador era John Squire. (AOB)

⁹ Na verdade R. Macaulay se formara no Sommerville College, Oxford; porém seu pai, George Macaulay, era um homem de Cambridge que lecionou língua inglesa nessa universidade nos últimos dez anos de sua vida, quando ela ainda morava em sua casa. (AOB)

¹⁰ O pai e os quatro tios de Gwen Raverat eram filhos de Charles Darwin. (AOB)

conversamos sobre conhecer pessoas. R.M. disse que sempre soube por que gostava das pessoas. Gwen, estando quem sabe cansada, foi meio mística; ou talvez tenha agora novos pontos de vista que ainda não consegue articular. Enfim. Para Leonard ela parecia “quase uma imbecil”. Eles começaram a discutir se as pessoas entendiam mais de quadros ou de livros. R.M. saiu-se bastante bem na discussão & sustentou que um livro é algo subjetivo; ela ataca a autoridade na literatura. Mas as pessoas entendem mais de pintura porque se trata de uma arte mais técnica. Então disse (o que me faz pensar que ela gostaria de ser chamada de Rose) que sonhou que estava conosco em uma casa de campo em Surrey, uma casa do século 15, cheia de velhas vigas & iluminada por velas. Sob algumas luzes ela tem os lindos olhos que todas nós, ilustres escritoras, temos; o refinamento; o perfil bem talhado; a paciência; & a humildade. É sua voz & suas maneiras que nos deixam de pé atrás.

Sábado, 27 de
fevereiro

Creio que vou iniciar uma nova convenção para este livro – começar cada dia em uma página nova – meu hábito ao escrever literatura séria. Certamente tenho espaço para desperdiçar um pouco de papel no livro deste ano. Quanto à alma: por que mesmo eu disse que a deixaria de fora? Esqueço. A verdade é que não se pode escrever diretamente sobre a alma. Quando a olhamos, ela escapa: mas basta olhar para o teto, para Grizzle, para os animais ordinários no zoológico que ficam expostos aos passantes do Regents Park¹¹, que a alma entra de fininho. Entrou esta tarde. Vou escrever isso eu disse, olhando para o bisão: & respondendo algo distraidamente para L.; mas o que mesmo eu ia escrever?

O livro de Mrs. Webb me fez pensar um pouco no que eu poderia dizer a respeito da minha própria vida. Li parte de 1923 esta manhã, tomando uma deliciosa dose de silêncio, porque mais uma vez estava com dor de cabeça.¹² Mas ela tinha causas na sua vida: a oração; os princípios. Eu nenhuma. Uma grande empolgação & a busca de alguma

¹¹ Os animais do zoológico que os passantes do parque podiam ver através das grades, sem precisar pagar ingresso.

¹² Ela se refere ao livro *Apprenticeship*, de Beatrice Webb, que consistia em trechos de seu diário de 1868 até seu casamento em 1892 e acabara de ser publicado. Portanto, VW estava relendo o seu próprio diário de 1923.

coisa. Um grande contentamento – quase sempre me sinto satisfeita com aquilo que faço, mas com oscilações constantes de humor. Acho que nunca me sinto entediada. Às vezes um pouco estagnada; mas tenho o poder de recuperação – que já testei antes, e que agora estou testando pela 50ª vez. Ainda preciso poupar minha cabeça com muito cuidado: mas enfim, como eu disse hoje a Leonard, gosto do modo epicurista de convívio social; tragar & em seguida fechar os olhos para sentir o gosto. Entretanto existe um descobridor inquieto dentro de mim. Por que nunca há uma descoberta na vida? Algo em que se possa por as mãos e dizer, “É isso”? Minha depressão é um sentimento atormentado – estou procurando; mas não é isso – não é isso. O que é? Morrerei antes de descobrir? Então (enquanto eu atravessava a Russel Square ontem à noite) vejo as montanhas no céu: as grandes nuvens; & a lua que se ergueu sobre a Pérsia; & tenho a sensação imensa & assombrosa de que existe alguma coisa ali, & que essa coisa é o “isso” – Não é exatamente da beleza que estou falando. É algo que se basta em si mesmo: satisfatório; bem-sucedido. Uma sensação do meu próprio estranhamento de andar pela Terra também está lá: da infinita estranheza da posição humana; caminhando pela Russel Sqre com a lua no alto & as nuvens sobre a montanha. Quem sou eu, o que sou eu, &tc: essas perguntas estão sempre flutuando ao meu redor; & então colido com algum fato concreto – uma carta, uma pessoa, & volto a elas com um imenso frescor. E assim vai. Mas, nesse mostrar do que é real, acho, frequentemente topo com o tal do “isso”; & sinto um grande sossego.

Era o que eu queria dizer? Nem de longe. Eu estava refletindo sobre o meu próprio caráter, não sobre o universo. Ah & sobre a vida social mais uma vez; jantar com Lord Benners na casa de Clive me fez pensar nisso. Em como, em dado momento, eu enxergo através do que estou dizendo; detesto a mim mesma; & anseio pela outra face da lua; quero dizer, ler em solidão. Por quantas fases passamos entre a sopa & a sobremesa! Em parte eu desejo, como escritora, basear as minhas impressões em algo mais firme. Eu disse a Lord B. A única coisa que se deve fazer ao escrever é deixar fluir o que está dentro da sua cabeça. Clive & Raymond riram & disseram, Ora, mas isso é exatamente o que você faz! E eu não quero que seja apenas isso. Nem é, aliás. Existe uma

boa dose de formatação & composição nos meus livros. Porém – a ideia que eles têm é essa; & não me agrada.

Lord B. estava rígido, resoluto, perspicaz: analisou sua própria instabilidade. Seu pai era capitão naval; & de maneira nenhuma desejava que o filho fosse um artista cabeludo; sua mãe costumava dizer “Meu filhinho toca tão bem – você devia escutá-lo”, mas se incomodava com o fato de ele não ir a caçadas nem andar a cavalo. Portanto ele retraiu-se como músico, falou. Seu talento ficou represado (acho que foi isso o que ele disse) como uma trepadeira na borda de um precipício. Um dia ele escreveu duas marchas por diversão. Stravinsky as viu, achou que eram boas & elas acabaram sendo publicadas. Desse modo ele terminou aceito como um músico sério, depois de fazer apenas 4 aulas de contraponto com Tovey. Possuía uma facilidade assombrosa, era capaz de escrever coisas que soavam bem. De repente, no ano passado, todo o seu prazer se foi. Ele conheceu um pintor, pediu que o ensinasse a pintar; comprou pincéis de “cabeças de porco” – (quis dizer “cerdas de porco”) – & telas & copiou um quadro italiano brilhantemente, perfeitamente, disse Clive. Tem a mesma facilidade aí: mas não vai dar em nada, disse ele, tal como a outra.¹³

Do que falamos? De Tom & dos Sitwells; de Eddie Marsh¹⁴ & Lady Colefax; & tive a sensação de que era possível ficar conversando sobre essas coisas para todo o sempre & que elas não significam nada. E de fato, ele me convidou para jantar: ah respondi estou com dor de cabeça & não posso.

Quarta, 3 de março

E de fato eu estava com um pouco de dor de cabeça – sim; esse tempo está produzindo dores de cabeça. Fixar uma bandeira num mastro sob um vendaval, acabei de comparar isso com escrever um romance em Londres, em uma carta para Vita. O arrebatamento da minha visita a Herbert & Freda em Cookham passou: um dia bastante memorável.¹⁵ Das janelas da sua casa vê-se o topo da careca do velho Mr. Watkins remando pelo Tâmesa. Veem-se duas estacas entrelaçadas no rio que tomei por grous; & alguns morros mais além de Marlow. Eles nos

¹³ Donald Tovey, pianista e compositor, era uma das grandes personalidades musicais da época. (AOB)

¹⁴ Edward Marsh era secretário pessoal de Winston Churchill, então ministro da Fazenda. (AOB)

¹⁵ Herbert Woolf, irmão de Leonard, e sua mulher Alfreda. Vf. L3, carta 1622. (AOB)

levaram de carro até os morros, & tudo era estranhamente silencioso & iluminado & vazio & cheio de botões de flor fechados. Vimos uma casa estilo rainha Anne chamada – esqueci; tão alta & remota, com um gramado que ia até a entrada; & alamedas amplas; janelões, uma mulher. Bem; ninguém se deleita mais com essas paisagens do que eu; porém a onda de prazer deixa para trás certo pesar – toda essa beleza seguindo – fluindo – fluindo; & eu em Tavistock Sqre sem vê-la. Além disso espiritualmente foi muito interessante. Acreditei ter encontrado o verdadeiro ser humano – algo tão simples & tão bem inserido em seu entorno que beira o irrefletido, em Freda. Ela está mais próxima da humanidade do que eu: abre caminho até o coração desta, enquanto eu sou incapaz disso. Suas coxas são repletas de mel. Mas essa impressão está se extinguindo, como sempre, embaixo de outras – perdi meu brochinho de madrepérola, comprei um chapéu de 16/ que não gostei & vou tomar o chá na casa de Ethel [Sands] amanhã usando o quê então? Minha falta de beleza me deprime hoje. Mas até que ponto a antiga convenção de “beleza” sustenta um exame? Penso nas pessoas que já conheci. Serão bonitas? Este problema deixo por resolver.

Raymond ofereceu uma festa chique na noite de domingo. Eu estava entorpecida por causa de um tônico sonífero; & mal conseguia manter os olhos abertos enquanto as carruagens chegavam ao número 6. Contudo eu as invejei; & pensei, quando Raymond telefonou para conversar sobre o exemplar de Old Kensington que eu lhe dei & comentou que Nancy [Cunard] estava linda, que eu tinha perdido a maior visão da temporada. Por sorte Lucas veio tomar o chá & disse que segundo soube a festa foi terrivelmente chata, que não havia espaço nem para as pessoas se virarem, o que me agradou muitíssimo. Lucas, Peter, eu deveria chamá-lo, veio por amizade; amizade que deve ter sido suavemente estimulada pelos meus elogios ao seu romance.¹⁶ Ele é um padeco austero rosado & esquelético; tão inteiro & são & completamente simples que é impossível não o respeitar, embora quando o assunto seja literatura discordemos. Ele diz que Tom &tc atiraram o intelecto ao vento; desistiram do espírito; diz que Houseman & de la Mare é que são os verdadeiros poetas. Eu digo que a poesia está

¹⁶ A Hogarth Press publicaria o primeiro romance de F. L. Lucas, *The River Flows*, em outubro de 1926. (AOB)

defunta; & que Tom &tc estão tentando reanimá-la. Os Sitwells, diz ele, fazem publicidade de si. São aristocratas, digo eu, pensando como a crítica desencadeia uma impertinência presunçosa da parte dos lacaios. Pode ser, mas não existe mérito nenhum nas obras deles, ele diz. Mas e aquele bardo de sala de estar, de la Mare, pergunto. O mais encantador dos homens. Não há dúvida. O que não há dúvida, da parte de Peter, é que ele não tem a menor coerência – está sempre correndo atrás de monstros estranhos – de peixinhos dourados nos aquários, eu digo. Bem, mas não podemos ser todos grandes poetas filosóficos, ele diz. Ora, mas Tom não é nenhum cantor de sala de estar, eu digo. Tom deu palestras recentemente em Cambridge & não deve ter causado boa impressão.¹⁷ Conta aos rapazes, confidencialmente, como se cozinha peixe em Paris: acho que é de novo a sua maldita inibição. Mas Peter é, a meu ver, rígido demais em seus julgamentos; & ainda por cima se baseia na cultura livresca & no bonitinho. Não tem nenhuma ascendência intelectual: não é, nem nunca será, um personagem: o que é o principal requisito para se escrever crítica ou qualquer outra coisa, na minha opinião, pois todos nós estamos tão errados quanto se pode estar. O caráter, porém, é o que importa.

Terça, 9 de março

Depois fui a duas festas: o chá de Ethel; o jantar de Mary. O de Ethel foi um evento medonho & efervescente, parecido com uma frigideira. Eu conversando diante das luzes da ribalta.

Bem, disse Ott., como anda você? Parece maravilhosamente bem; como se não tivesse tido nenhuma doença na vida.

(Ora, por que falar uma coisa dessas? Para que sintam pena dela, com toda certeza.)

Não posso dizer que melhorei.

Mas ela está vestida como uma menina de 18 anos; de peles & georgette vermelho tomate.

Ethel diz, com uma risadinha dissimulada

Que chapéu bonito.

Com meu velho chapéu de feltro eu estou completamente despenteada pelo vento, vim caminhando pela neve, com Dadie.

¹⁷ T.S. Eliot deu uma série de oito aulas (as Clark Lectures) no Trinity College, entre janeiro e março de 1926, sobre a poesia metafísica do século XVIII. (AOB)

Bem, digo a mim mesma, vou enfrentar essa; sento como se num trono & continuo, primeiro para o boçalzinho do Leigh Ashton: saiu um artigo de destaque de Read no Times desta manhã (citando eu & Joyce como exemplos de boa prosa versus a morte da Rainha Vitória).¹⁸

Eu adoraria saber se você achou que está bem escrito – que homem mais encantador.

Então distrações: Ethel; Ottoline; Percy Lubbock.

Os russos são mais passionais que nós?

Não; respondo; tenho em mim todas as paixões. Pediram que eu definisse uma cena dramática; Leonard diz “a minha impressão a seu respeito é a pior possível” quando aceito o convite de Ott. De repente me lembro que o convite foi de Ott. Se Mr. [Percy] Lubbock tivesse uma filha conseguiria fazer cenas – isso é egoísmo puro & absoluto da parte de Ott; depois voltamos para casa, segurando Dadie pelo braço; conversando sobre sua bolsa de estudos, que será anunciada no domingo (embora Peter não ache que ele vá consegui-la), falando mal do Chelsea & de Ottoline; & comentando o quanto eu fui antipopular. Quanto à festa de Mary, ali, salvo minha costumeira inibição em relação a pó de arroz & maquiagem, sapatos & meias de seda, eu tive mais sorte, graças à supremacia da literatura. Ela nos mantém sãos & salvos, a mim & a George Moore, quero dizer.

Ele tem um rosto rosado & tolo; olhos azuis como bolas de gude; uma onda de cabelos brancos como a neve; mãozinhas sem músculos; ombros caídos; barriga alta; roupas arrumadas, arroxeadas, bem escovadas; & modos perfeitos, na minha opinião. Isto é, fala sem medo ou preponderância; aceita meus méritos; os méritos de todos. Apesar da idade continua insubmisso, inquebrantável, vivaz, arguto. Já quanto a Hardy & Henry James, que dizer?

“Sou um homem razoavelmente modesto; mas confesso que considero Esther Waters um livro melhor do que Tess [*de Dubervilles*].”

Mas o que se pode dizer daquele homem? Ele não sabe escrever. Não sabe contar uma história. Toda a arte da ficção consiste em contar uma história. Veja, ele faz uma mulher confessar. E como faz

¹⁸ Arthur Leigh Ashton trabalhava no Victoria & Albert Museum e alguns mais tarde viria a ser seu diretor. O artigo do *TLS* (“English Prose”, 4 mar. 1926) citado por VW era sobre *The Oxford Book of English Prose* (1925), editado por Arthur Quiller-Couch. Os trechos a que VW se refere foram de seu *Mrs. Dalloway*, do *Ulysses* de Joyce e de *Queen Victoria* de Lytton Strachey – que, dos três autores, era o único presente na antologia de Quiller-Couch. (AOB)

isso? Em terceira pessoa – uma cena que deveria ser emocionante, comovente. Imaginem como Tolstói teria escrito isso!

Mas, disse Jack [Hutchinson], Guerra & Paz é o melhor romance do mundo. Eu me lembro da cena em que Natasha coloca um bigode & Rostov a enxerga pela primeira vez como ela realmente é & apaixonou-se por ela.

Não, meu caro amigo, não existe nada de tão maravilhoso nisso. Trata-se de uma observação comum. Mas, minha cara amiga (para mim – meio hesitante em me chamar dessa maneira) o que se há de dizer sobre Hardy? Não há nada o que dizer. A ficção é a pior parte da literatura inglesa. Compare-a com a francesa – com os russos. Henry James escreveu umas historinhas bonitas antes de inventar seu jargão, mas eram todas sobre gente rica. Não se pode escrever histórias sobre os ricos; pois, acho que foi ele mesmo que disse, eles não têm instintos. Porém Henry James amava as balaustradas de mármore. Não havia paixão alguma em nenhum de seus personagens. E Anne Brontë foi a melhor das Brontës, & Conrad não sabia escrever, &c & tal. Mas isso está desatualizado.

Sábado, 20 de março

Mas o que será feito de todos esses diários, perguntei a mim mesma ontem. Se eu morresse, o que Leo faria deles? Dificilmente os queimaria; não conseguiria publicá-los. Bem, ele deveria fazer um livro com eles, eu acho; & depois queimar o corpo. Arrisco dizer que existe um livrinho aí no meio: se os rascunhos & rabiscos forem um pouco organizados. Deus sabe. Isso é ditado por uma ligeira melancolia, que agora às vezes me toma, & me faz pensar que estou velha: estou feia. Estou repetindo coisas. Porém, até onde sei, como escritora somente agora estou escrevendo o que me vai por dentro.

Jantar com Clive noite passada para conhecer Lord Ivor Spencer Churchill – um jovem elegante & delgado parecido com um mosquito; muito suave, muito dócil, com o rosto semitransparente de uma flor, & as pernas de uma gazela, & o colete branco & os diamantes de um dândi; & todo um interesse americano de compreender a psicanálise – lembrei da minha própria idade. Cometi uma gafe horrenda no início: disse que gostava de um quadro, de que eu não gostava, & descobri meu engano. Ora, se eu tivesse seguido minha intuição, como se deve fazer, teria

acertado. Por algum motivo extraordinário, isso envenenou a noite, ligeiramente. O lorde analisava tudo com grande perspicácia; é um rapaz inteligente. Fiquei extremamente impressionada com a inteligência masculina & a habilidade de todos eles de arremessar bolas de um para o outro com rapidez & decisão: nada de dedos escorregadios; só acertos impecáveis. Adrian Bishop chegou; uma rã-touro corada; & depois fui embora, & Clive, com uma discriminação afetuosa, mas não justa, pediu desculpas, pensando que eu não tinha falado o bastante para me satisfazer, quando a verdade é que eu tinha dito a coisa errada & me deprimira. Salvo isso, a noite foi divertida, & tive vontade, como uma criança, de ficar lá para conversar. Verdade que a discussão estava passando dos meus limites – por exemplo, se Einstein estiver certo, todos seremos capazes de prever nossas próprias vidas. As videntes agora conseguem ler a mente de modo exato, segundo Lorde Ivor, que, por falar nisso, não tinha lido nem Henry James nem V.W., tem uns 23 anos & veio à Editora esta manhã, obedientemente, comprar minha obra completa. Nenhum intelectual faria isso. Estão excessivamente ansiosos em salvar a própria alma – esses aristocratas; veja o caso de Lord Berners na outra noite, que encomendou [*Thomas L.*] Peacock – por recomendação minha.

Por outro lado, Bea Howe veio jantar conosco; & fomos à casa de Philip [*Woolf*] num dia quente & abafado com o encanto de sempre, & vimos a casa, os cavalos & as torres em forma de pimenteiro de Waddesdon, & gostei da imensa franqueza & transparência de Babs,¹⁹ mas, diz Eddy [*Sackville-West*], que veio tomar o chá no domingo, isso é, “eu lhe garanto”, tudo coisa da minha imaginação. Você veria só como ela é tediosa se a conhecesse. Ele a conhece até dizer chega. E quem não é tedioso? Só B’y [*Bloomsbury*], segundo Ed.

Teve ainda Lady Colefax: prontamente se pôs de joelhos: não, eu não irei lá; ela que venha quem sabe tomar um chazinho barato por aqui, coisa que ela fez, agradecida. Cobriu a América de cabo a rabo com a elegante & desanimada eficiência de sempre; não se sentia capaz de analisar, apenas de reportar. Charlie Chaplin uma mistura de sutileza & trivialidade: mas por quê? Não dá nenhum exemplo, & daí infiro que ela

¹⁹ Marjorie Lowndes, esposa de Philip Woolf. Ela e o marido moravam em Waddesdon Manor, em Buckinghamshire, uma mansão ao estilo dos *châteaux* franceses. Philip era administrador do lugar, cujo dono era James de Rothschild, um primo distante. (AOB)

tenha ouvido isso de alguém, talvez de Esme Howard; talvez de Coolidge, ou de Douglas Fairbanks ou do rapaz italiano que dirigia o carro. Boa dona de casa que é, está fazendo Peter começar o dia sem moleza, preparando o seu próprio café da manhã & chegando em Wall Street às 9. Existe um quê de profissionalismo sério & severo nela, praticamente não corrompido por todos os esplendores de Argyll House.

Quarta, 24 de março

“Vou entregar minha demissão esta manhã” disse L. enquanto preparava o café.

Para quem? perguntei. “Para a Nation.”

E pronto; agora temos apenas mais seis meses à nossa frente. Eu me sinto 10 anos mais jovem; as cangalhas retiradas novamente dos nossos ombros & o mundo à nossa frente. Não posso fingir grande alvoroço em relação a isso, nem contra nem a favor. Era um emprego provisório & temporário, divertido no início, depois mortificante, & ontem à noite, depois de uma das discussões de sempre sobre artigos literários & espaço & coisas do tipo com Maynard & Hubert, L. tomou a decisão de demitir-se agora. Não houve bate-boca. Por mais estranho que pareça, durante o chá com Nessa ela me fez pensar a mesma coisa. Phil [Noel-] Baker tinha comentado com ela que considerava L. o melhor escritor em atividade, & que era uma pena que desperdiçasse tanto tempo com a Nation & a Editora. Daí que eu estava prestes a vir com a mesma história, você não acha que poderíamos muito bem desistir dos dois! – quando L. trouxe sua contribuição ao assunto. Ele ia jantar com Clive, de modo que a questão precisou esperar até hoje de manhã; foi decidida às 10; estava nas mãos do Chefe às 11 – & agora graças a Deus chega de chefes para nós dois enquanto vivermos, eu espero.²⁰

Ao que tudo indica, L. deve ganhar £300; eu £200 – & sinceramente não creio que as coisas serão difíceis; & depois, o alívio de não ter amarras, de não ter provas [a corrigir], de não precisar correr atrás de artigos & tudo o mais, vale um pouco de esforço em outra área, se a coisa chegar a isso. Acho engraçada a minha própria sensação de liberdade. Virar tudo de ponta-cabeça a cada 3 ou 4 anos é a minha ideia de vida feliz. Estar sempre mudando de rumo para penetrar no olho

²⁰ LW acabou sendo dissuadido por Keynes (“o Chefe”, um dos donos da N&A) e Henderson (o editor) de se demitir do cargo de editor de literatura da revista semanal. (AOB)

do furacão. Já uma vida prudente, como L. observou na praça, é o contrário disso. É necessário quedar-se no mesmo lugar. Mas com £400 garantidos & nenhum filho, por que imitar uma craca & desfrutar da segurança de uma craca? A questão seguinte será, bem sei, a Editora. Devemos abrir mão dela também, & portanto livrar-nos de tudo? Não é uma pergunta fácil, nem tão urgente. Às vezes é o que desejo. Porque, egoisticamente falando, para mim ela já cumpriu seu papel: deu-me a chance de escrever o que eu quero, & agora duvido que a Heinemann ou a Cape me intimidassem muito. Por outro lado, existe a diversão – que é considerável. Nesse ritmo vai chegar a hora em que não teremos mais nada no mundo que abrir mão: então, para termos a sensação de mudança, teremos de nos assentar. Dizemos que vamos viajar & conhecer o mundo. Seja como for, faço a minha previsão costumeira – estaremos mais ricos daqui a um ano sem a Nation do que com ela. Para falar a verdade eu gosto da sensação de que *preciso* ganhar dinheiro. Desgosto intensamente da vida num cargo, em qualquer posto de autoridade. Desgosto de constar na folha de pagamentos alheia. Isso, óbvio, é parte do motivo pelo qual eu gosto de escrever para a Editora. Mas suponho que a liberdade se torna um fetiche como qualquer outro. Tais reflexões desconjuntadas eu rascunho num dia divino, inda que tempestuoso; depois de ter ido jantar, após ler Ana Karênina, numa pequena taverna com Rose Macaulay – um entretenimento não muito animador; mas uma experiência, talvez.

Sábado, 27 de março

Lydia entrou no cômodo onde L. estava conversando com Maynard esta manhã para mostrar-lhe seus sapatos de zebra, que custaram £5.8.6 & pareciam couro de lagarto, disse L. Também é curioso como uma mudança dessas destrói a formalidade [? palavra quase ilegível] – dissipa os elementos.

Continuando – realmente não sei para que contar a história da Nation – não tem grande importância em nossas vidas. Porém Leonard encontrou Phil Baker, que lhe disse que ele poderia facilmente faturar £300 dando aulas na Escola de Economia, se quisesse. Ele veio para cá naquela noite & disse isso & depois saímos em meio à ventania para jantar na “taverna” de Rose M., como eu falei por engano. Lá estavam 10 escritores de segunda categoria metidos em roupas de segunda

categoria, Lynds, Goulds, O'Donovan:²¹ não, não irei num espasmo de humanidade incluir aí os Wolves.²² L. falando nisso estava com seu tweed marrom avermelhado. Então começou o titititi; aqueles frangos de pescoço pelado arranhando o velho quintal. A verdade é que não tínhamos nenhum interesse íntimo; a literatura era nosso denominador comum; & por mais que eu seja capaz de conversar horas & horas sobre literatura com Desmond ou Lytton, catar milho com aquelas galinhas ágeis de carne dura me dá náuseas. O que você acha do prêmio Hawthornden? Por que Masfield não é tão bom quanto Chaucer, ou Gerhardt tão bom quanto Tchekov: como posso embarcar com Gerald Gould em tais tópicos? Ele lê romances incessantemente; tirou férias 3 anos atrás & se orgulha de não ter lido nada além de Tchekov; sabe tudo sobre um romance já no primeiro capítulo. As Sylvias & os Geraldos & os Roberts & as Roses repicavam & retiniam juntos ao redor da mesa. Uma mulher robusta chamada Gould ia ficando cada vez mais cor de mostarda & de tomate. Perguntei Espírito Santo? quando Mr. O'Donovan falou, todo espanto. Acomodada num sofá baixo no alegre, sadio & animado salão subterrâneo de Rose, conversei com um jovem rapaz refinado, que revelou ser Hinks, Roger, do Museu Britânico, um esteta comedido, uma variante de Leigh Ashton; mas por graça de Deus não um jornalista de segunda categoria. O tempo inteiro eu repetia para mim mesma Graças a Deus estou fora disso; fora da Nation; não sou mais um irmão de armas de Rose & Robert & Sylvia. É um grupo com sangue de barata; tão "simpáticos", "gentis", respeitáveis, espertos & por dentro de tudo.

Por outro lado o nosso grupo já esteve em melhor forma do que na casa de Nessa ontem à noite. L. & Adrian silentes & satíricos; o velho Sickert um tanto desdentado & rígido;²³ eu dada a tagarelar, não muito bem; mas como Nessa & Duncan não integram nem ordenam as

²¹ Robert Lynd, jornalista, colaborador do *New Statesman* e do *Daily News*; sua esposa, Sylvia, também escritora; Gerald Gould, jornalista literário; sua esposa Barbara, que trabalhara no *Daily Herald* e era candidata ao Parlamento pelo Partido Trabalhista; Jeremiah (Gerald) O'Donovan, escritor e ex-padre, que manteve um caso amoroso com Rose Macaulay do final da Primeira Guerra até morrer, em 1942.

²² VW gostava de brincar de escrever o sobrenome dela e do marido assim, como "lobos", em vez da grafia correta (Woolfs): o ícone da Hogarth, impresso no frontispício dos livros da editora do casal, era um lobo.

²³ O pintor Walter Sickert recém-atraversara um período de depressão e misantropia após a morte da sua segunda mulher, em 1920. Contudo, em 1924 fora eleito membro da British Royal Academy of Arts, o que o agradara profundamente.

pessoas de suas festas, voltei para casa num espasmo de vaidade ultrajada, ou nem isso exatamente, porque eu tinha colocado ali um esforço sincero, inda que fraco, enquanto L. não; & então ele partiu de manhã cedo para Rodmell onde a Philcox²⁴ está no grosso das obras de reforma & encanamento: portanto não tive tempo de desenrugar a minha pétala de rosa; fui obrigada a tentar trabalhar, a concluir a cena do jantar um tanto longa & arrastada [de *Ao farol*], & tinha acabado de encontrar petróleo quando Angus entra para dizer que Eddy estava ao telefone: quer ver Rimsky Korsakov comigo na terça? Aceitei – & mais, convidei-o para jantar. Depois disso, tudo foi um torvelinho & alvoroço de dúvidas; detestei o compromisso; não conseguia me aquietar; subitamente chacoalhei meu casaco, como um retriever; encarei os fatos; enviei um telegrama para Eddy & uma carta “Não posso ir – detesto compromissos”, & ponderei onde irei passar o dia? decidi que em Greenwich, cheguei lá à 1; almocei; tudo vinha a calhar; fumei um cigarro no calçadão do píer, vi os barcos oscilando, um dois, três, saindo da névoa; adorei aquilo tudo; sim inclusive o cachorrinho da faxineira do lavatório; vi os prédios cinzentos de Wren defronte o rio; & depois outro grande navio, cinza & laranja; com uma mulher caminhando pelo convés; & dali fui para o hospital; primeiro para o museu onde vi a caneta & as colheres de Sir John Franklin (uma colher exige uma bela dose de imaginação para ser consagrada) – brinquei com minha mente para observar o que ela faria, – & pasme se quase não desabei no choro ao ver o casaco que Nelson usou em Trafalgar, com as medalhas que ele escondeu na mão quando foi carregado, moribundo, para que os marinheiros não percebessem que era ele. Estavam lá também seu rabicho esfiapado, de cabelo loiro grisalho amarrado em [um laço] preto; & suas longas meias brancas, uma delas bastante manchada, & suas calças brancas com fivelas douradas, & seu lenço branco de montaria – suponho que tudo aquilo foi retirado enquanto ele agonizava. Beije-me Hardy &c – Âncora, âncora – li tudo isso ao entrar, & pude jurar que estive lá no Victory – Portanto o feitiço funcionou neste caso.²⁵ Então

²⁴ Empresa contratada pelos Woolfs para reformar Monks House. (AOB)

²⁵ As relíquias do almirante Nelson e da expedição malfadada de Sir John Franklin em 1845 para descobrir a Passagem do Noroeste estavam expostas no Naval Museum, na época abrigado no Royal Naval College (antigamente um hospital). A partir de 1934 foram transferidas para o National Maritime Museum, em Greenwich. (AOB) “Beije-me Hardy” é uma das frases mais famosas da história inglesa; Nelson a disse ao vice-almirante Thomas Hardy pouco antes de morrer.

começou a chover um pouco, mesmo assim fui até o parque, todo ele proeminência & trilhas irradiantes; depois voltei no topo de um ônibus, & então para o chá. Molly [MacCarthy] veio aqui, uma ursoa leal & fiel, de quem gosto muitíssimo, a julgar pelo acúmulo contínuo do meu desejo de vê-la ao longo dessas últimas 3 ou 4 semanas, que culminou nesse meu convite a ela, eu que raramente convido alguém. Saxon veio, com o diário do bisavô; acha que posso gostar & declarar que se parece com ele;²⁶ depois leitura & cama. Acho que agora a minha pétala de rosa foi desenrugada. Certamente irei me lembrar dos navios chegando – (aqui [Stephen] Tomlin telefona, mas não vou vê-lo – a solidão é minha noiva, & foi adulterada por Clive & Mary esta noite) & do casaco de Nelson muito depois de ter esquecido o quanto fui inquieta & tola na casa de Nessa na sexta.

Sexta, 9 de abril

A vida tem sido muito boa com os Leafs. Perfeita, eu diria. Por que então tanto estardalhaço por causa dela? Se ela é capaz de engendrar o velho Walter, esfuziante & rechonchudo; & a velha Lotta, grandiosa & satisfeita; & a pequenina Kitty, tão boa & gentil quanto se pode ser; & o formoso Charles, tão amável & carinhoso.²⁷ Mergulhando fundo na vida de Walter, tudo é sadio & satisfatório. Seu filho o beija & pede “A benção pai”. E ele se recosta com um risinho nas almofadas. Escolhe um macaroon. Conta uma história. Lotta [ilegível], em seu vestido de veludo preto. Somente eu estou exilada dessa profunda felicidade natural. É o que eu sinto sempre; ou pelo menos o que agora sinto com frequência – que a felicidade natural é o que me falta, em profusão. Tenho a felicidade intensa – mas não isso. Portanto isso é o que eu mais invejo; a afabilidade & o amor da família & o andar nos trilhos da vida humana. Realmente, exagero à parte, é uma forma de existência bastante satisfatória. E que existe o tempo inteiro para milhares de pessoas. Por que nenhum de nós conseguiu tê-la, nessa medida?²⁸ Jovens & velhos concordando em viver juntos: & sendo normais; & inteligentes o suficiente é claro; porém não limitados ou inibidos nas suas emoções.

²⁶ Saxon Sydney-Turner tivera a ideia de transformar o diário de seu bisavô Sharon Turner em um livro, a ser publicado pela Hogarth. A ideia não deu em nada. (AOB)

²⁷ Walter Leaf, presidente do London & Westminster Bank e da Câmara Internacional de Comércio, sua esposa Charlotte May e os filhos Charles e Katherine. (AOB)

²⁸ Provavelmente ela se refere a Bloomsbury.

Boa parte disso talvez seja a visão generalizada & harmoniosa que se tem das pessoas que não se conhece profundamente. Quem sabe eu não achasse nada disso se os visse mais. Escritores não vivem assim talvez. Mas é inútil tentar afastar essa impressão que é tão forte. Fico além disso pensando a todo momento “Eles têm pena de mim. Querem saber que graça encontro na vida.” Então me afundo um tanto quieta, & tento me animar a conversar com Kitty. Também sei que nada do que eu ou Leonard fizemos – nem nossos livros nem a Editora nem qualquer outra coisa, nada disso importa para Lotta & Walter & Charles & muito pouco para Kitty. O carro de Charles está à porta. Vão perfeitamente felizes de carro para Berkhamstead, o que deve levar uma hora, ou seja estão na estrada neste exato momento. Uma noite de primavera &tc. e tal.

Domingo, 11 de abril

Não posso ler Mrs. Webb porque a qualquer momento S. Tomlin pode tocar a campainha. Além disso eu gostaria de continuar falando sobre os Leafs. Quase esqueci a impressão que deixaram em mim. Enrodilhei-me novamente na minha própria personalidade. Como isso acontece – essas mudanças de perspectiva repentinas & intensas? Talvez minha vida, escrevendo, imaginando, seja extraordinariamente consciente: muito vívida para mim: & assim tomar o chá com os Leafs destrói minha vida mais completamente do que a das outras pessoas, porque ela diz para si mesma, “Isto é a vida – a única vida.” Mas quando entro em um mundo completo em si mesmo, onde Walter conta uma piada, percebo que aquilo tudo existe independentemente da minha própria existência; & portanto acabo sendo nocauteada. Por mais violentas que sejam, essas impressões depressa se vão; deixando um sedimento de ideias que talvez eu discuta com L. quando formos a Iwerne Minster. Sobre a felicidade natural: & como nosso modo de viver a destrói.

A Biografia de Mrs. Webb me leva a comparar a vida dela com a minha. A diferença é que ela busca relacionar todas as suas experiências com a história; é muito racional & coerente. Sempre pensou sobre a própria vida & o significado do mundo: de fato, começou a fazer isso aos 4 anos. Estudou a si mesma como fenômeno, portanto sua autobiografia faz parte da história do século 19. Ela [Mrs Webb] é um produto da ciência & da falta de fé em Deus; foi excretada pelo Espírito

Walter Raleigh

do Tempo. Assim ela acredita, & aí consegue se encaixar de modo bastante persuasivo, & no meu entender bastante interessante. Sorve de uma grande corrente de pensamentos. Ao contrário daquele hipócrita inibido,²⁹ está muito mais interessada em fatos & verdade do que naquilo que irá chocar as pessoas & no que um professor universitário não deve dizer. Pelo visto Tomlin não vem; & L. está em Staines; portanto vou tentar ler um pouco.

Domingo, 18 de abril

Isso foi escrito

Isso não foi escrito com grande seriedade. – obviamente não – mas para testar uma caneta, acho. E agora é 30 de abril, o último dia de um mês de muita chuva & vento, com exceção da abertura súbita do tempo na Páscoa, & o verão entrando em labaredas, como sempre entra, suponho; apenas um pouco nublado. Eu não disse nada sobre Iwerne Minster. Seria divertido ver o que consigo lembrar agora. Cranbourne Chase: as árvores mirradas da floresta nativa, esparsas & não reunidas em cultivos; anêmonas, campainhas, violetas, todas pálidas, espalhadas aqui & ali, sem cor, lívidas, uma vez que o sol raramente brilha. Depois o vale de Blackmore; um vasto domo de céu & os campos afundados; o sol raiando, ali, ali; um gole de chuva que como um véu escorreu do alto, ali & ali; & as colinas assomando, tão intensamente escarpadas (se é que essa é a palavra) que estavam cheias de níveis & sulcos; depois a inscrição em uma igreja “busquei a paz & a assegurei”, & a pergunta, quem escreveu esses sonoros & estilísticos epitáfios? – toda a limpeza da vila de Iwerne, sua felicidade & bem-estar, fazendo-me perguntar, pois tendemos a rir com desdém. Ainda assim este é o método certo, certamente; & depois chá & creme – & disso eu me lembro: dos banhos quentes; do meu novo casaco de couro; de Shaftesbury, tão mais baixa & menos imponente do que em minha imaginação, & do passeio até Boumemouth, & do cão & da mulher atrás do rochedo, & da vista de Swanage, & da volta para casa.

E então foi um horror: Nelly; enfrentar a ida dela; eu firme porém desolada; na terça ela me interrompeu no patamar da escada & disse “Por favor senhora posso pedir desculpas?”, mas desta vez tínhamos

²⁹ VW estava lendo o recém-lançado *The Letters of Sir Walter Raleigh, 1879-1922*, a fim de escrever uma resenha para a *Vogue*. Esta resenha acabou sendo republicada em *A Captain's Deadbed*.

sido tão resolutos & acreditado implicitamente nela que eu já havia escrito 6 cartas. Nenhuma cozinheira no entanto se apresentou; & eu que já tinha analisado o bastante a “questão das criadas” me contentei com a estabilidade de ter Nelly de volta. “Gosto demais da senhora para ser feliz com qualquer outra pessoa”, ela disse. Em termos de elogio, este é quem sabe o maior que eu poderia receber. Mas meu pensamento perambula. É uma questão de roupas. Isso é o que me humilha – falando em elogios – caminhar pela Regent St, Bond St &c: & estar visivelmente mais malvestida do que os outros.

Ontem terminei a primeira parte de *Ao Farol* & hoje comecei a segunda. Não consigo saber ao certo como será – este é o trecho mais difícil & abstrato – preciso conferir a uma casa vazia, sem personagens humanos, a passagem do tempo, sem ter olhos & feições nem nada para me agarrar: ora, sigo depressa, & de uma tacada saem duas páginas. Será loucura, será brilhantismo? Por que estou sendo tão transportada pelas palavras, & pelo visto livre para fazer exatamente o que quero? Quando leio um pouco o texto parece ter pujança também; precisa de compressão, mas não muito mais que isso. Compare tal fluência arrebatada com as excruciantes batalhas que enfrentei com Mrs Dalloway (salvo o final), espremendo-me a duras penas! Isto aqui não é fantasia: é o fato literal. Sim, & sou bastante famosa. Quanto ao resto, seguimos procrastinando com a *Nation*. Maynard, metido num sobretudo leve, está de volta; vai & vem entre a ideia de candidatar-se ou não a Reitor do King's.³⁰ Dissemos que Lydia iria gostar. Ele diz que isso significa meia idade & respeitabilidade. Sinto certa solidariedade por ele, pois está ficando grisalho, comento com Clive. Clive está de volta; Nessa de partida, & eu preocupada com minhas roupas, & com Roger por ter me aborrecido ontem à noite dizendo que Nessa desanca meu temperamento às minhas costas. Depois (no novo estabelecimento duvidoso de Ralph)³¹ Inez, muito parecida com Vivien [Eliot], busca meus olhos com os seus, esverdeados de bordas rosadas, & diz, Preciso lhe

³⁰ O posto de reitor do King's College estava vago desde a morte de Sir Walter Durnford em 7 de abril. No fim A. E. Brooke foi eleito para o cargo.

³¹ Clive voltara de Paris, Nessa estava prestes a ir para Veneza com Duncan Grant e Angus Davidson. Esse “estabelecimento” era a casa na Gordon Square onde Ralph Partridge morava durante a semana com Frances Marshall – nos fins de semana ele seguia para Ham Spray, onde moravam a esposa, Carrington, e Lytton Strachey. Frances, cunhada de David Garnett, casou-se com Partridge em 1933, após a morte de Carrington. (AOB)

contar duas coisas: & então diz que me admira. Isto (duvidosamente) engolido, ela diz, Você & Oliver [Strachey] já tiveram um caso? A conexão é a seguinte: ela não gostava de mim, por ciúme. Eu me defendo dizendo que nunca o beijei & que ele nunca olhou para mim. Ela se recusa a acreditar, como há anos vem se recusando a acreditar – Que inqueritozinho mais esquisito, encenado por ela & Oliver: mas finalmente resolvido. Chamei Leonard em meu socorro, & creio que a convenci.

Quarta, 5 de maio

Um diário exato da Greve³² seria interessante. Por exemplo, agora são 15 para as 2: lá fora uma névoa castanha; ninguém constrói nada; cai um chuvisco. A primeira coisa que fazemos pela manhã é ir até a janela & olhar o tráfego em Southampton Row. É incessante. Todos de bicicleta; os carros amontoados cheios de pessoas a mais. Nenhum ônibus. Nem cartazes. nem jornais. Os homens trabalhando na rua; pode-se usar água, gás & eletricidade; mas às 11 desligaram a luz. Fui me sentar na sala de impressão em meio à névoa castanha, enquanto L. escrevia um artigo para o Herald. Um rapaz de aparência extremamente revolucionária chegou de bicicleta com a British Gazette. L. vai escrever uma réplica a um artigo deles.³³ Tudo austero, militar, meio silencioso. Então Clive apareceu, estando a porta aberta. Ele vai se oferecer ao governo. Maynard empolgado, quer que a H. P. [Hogarth Press] publique um número improvisado da Nation.³⁴ Tudo é tedioso & deprimente, muito semelhante a esperar um trem em frente à estação. Boatos circulam – de que vão cortar o gás à 1 – falsos é claro. Ninguém sabe o que será feito. E a natureza exagerou hoje – neblina, chuva, frio. Uma voz, bastante corriqueira & formal, porém a única que resta, deseja um bom-dia às 10. É a voz da Grã-Bretanha, à qual não se pode responder. Uma

³² A Greve Geral dos trabalhadores foi proclamada no dia 2 de maio em solidariedade aos mineiros, que haviam entrado em greve no dia 1 depois que o governo lhes impôs uma redução salarial para “recuperar a competitividade do carvão nacional no mercado exterior”. Era o resultado da política desastrosa de Churchill como Ministro das Finanças no ano anterior, que causou a desvalorização da libra.

³³ Por determinação do TUC (espécie de união geral de sindicatos) os trabalhadores da imprensa britânica aderiram com certo contragosto à Greve Geral de 1926, pois viam isso como uma espécie de silenciamento da imprensa. Diante da ausência de circulação dos jornais tradicionais, o governo lança o *British Gazette*, um jornal de brevíssima duração publicado apenas durante a greve, sob coordenação de Winston Churchill. O primeiro número saiu em 5 de maio. Não foi publicado nenhum artigo de LW no *Daily Herald* durante a greve.

³⁴ O número seguinte da *N & A* acabou saindo apenas em 15 de maio, embora um especial sobre a greve tivesse sido preparado. (AOB)

voz bastante trivial, & só nos diz que o Príncipe de Gales vai voltar [de Biarritz], & que as ruas de Londres mostram um espetáculo sem precedentes.

Quinta, 6 de maio

(um dos efeitos curiosos da Greve é que é difícil lembrar o dia da semana). Tudo continua na mesma, mas irracionalmente, seja por causa do clima, seja por força do hábito, estamos mais animados, reparamos menos, & de vez em quando pensamos em outras coisas. Os táxis saíram na rua hoje. Diversos jornais improvisados estão à venda. Não se pode acreditar em nada. Clive vai jantar em Mayfair & todos são pró-trabalhadores; fui ver Harrison [*dentista*] & ele me interrompe gritando “É o trapo vermelho contra a Union Jack, Mrs. Woolf”, & que [Jimmy] Thomas levou 100.000. Frankie sai para jantar & descobre que todos são pró-governo. Bob [Trevelyan] passa por aqui & diz que Churchill é a favor de um acordo, mas que [Stanley] Baldwin não arreda o pé. Clive diz que Churchill é a favor de bombas de gás lacrimogêneo & de lutar até a morte, & que ele é que causou tudo isso. Assim seguimos, revirando-nos em nossa cela. Percebo com que frequência nos interrompemos & falamos “Bom, sei lá”. Segundo L. este estado de espírito em aberto se deve à ausência de jornais. Parece uma encruzilhada, dos dois lados; como se fosse possível manter as coisas fixas assim por semanas. Rezamos por Deus: pelo Rei ou por Deus; qualquer pessoa imparcial que diga, agora se beijem & façam as pazes – algo que aparentemente todos nós desejamos.

Acabo de voltar de um passeio pelo Strand. Claro que notamos os caminhões cheios de homens de idade & mulheres de pé, como os passageiros das antigas carruagens de terceira classe. Enxames de crianças tiram lasquinhas do velho calçamento de madeira. Tudo parece seguir depressa, para longe, [ilegível]. As lojas estão todas abertas, mas vazias. Paira uma estranha atmosfera pálida & antinatural – de intensa atividade, mas distante da vida normal. Acho que vamos nos tornar mais dependentes & estoicos com o passar dos dias. E eu entretida em comprar vestidos com Todd [editora da Vogue]; tremo toda diante da magnitude da tarefa que assumi – ir a uma modista recomendada por Todd, & até, ela sugeriu, mas nisso meu sangue gelou, acompanhada por Todd. Talvez isso me anime mais febrilmente do que a Greve. É um

pouco como as primeiras horas da manhã (esse estado de coisas) depois que se passou a noite em claro. Os negócios melhoraram hoje. Vendemos alguns livros. Bob [Trevelyan] saiu de Leith Hill de bicicleta; acordou às 5 da manhã para evitar a multidão. Furou o pneu uma hora depois, foi até seu mecânico, que o consertou para ele, seguiu viagem de novo, quase foi esmagado pela multidão perto de Londres, & desde então saiu zanzando pela cidade, do Chelsea a Bloomsbury, para reunir fofocas & falar, incoerentemente, sobre os ensaios de Desmond & suas próprias poesias. Excretou mais duas dessas obras que “precisam ser publicadas”. É ávido, ganancioso & macacal, mas tem uma espécie de encanto carrancudo & arruivado; como um cachorro que alguém provoca. Reclamou que Logan o importunava. Clive passa para conversar sobre os boletins – decerto, mais que qualquer coisa, aqui parece uma casa onde tem alguém perigosamente doente & os amigos passam para saber das coisas & precisam esperar pelas notícias do médico – Quennel, o poeta, veio; um rapaz magricela, nervoso, lamuriento, bastante bonito; à procura de trabalho, foi mendigar para os Wolves – que segundo dizem, suponho, são uma autoridade nesse assunto. Sugerimos procurar Desmond.³⁵ Depois de uma hora, ele foi embora – então Clive chegou & interrompeu. Tinha ido às compras no West End com Mary. Nada a reportar ali. Ele & L. ligaram o rádio às 7 & não tiveram notícia. O jeito das ruas – como as pessoas “marcham para o trabalho” essa é a frase da vez: que amanhã vai estar frio & com muito vento (está gelado hoje), que vai haver um debate acalorado nos Comuns – Em meio à multidão de passantes em Kingsway estavam o velho Pritchard, desdentado, um velho fiapo, benevolente; deu um tapinha no ombro de Leonard & disse que estava “treinando para atirar nele”; & a velha Miss Pritchard, igualmente frágil, empoeirada, rosada, maltrapilha. “Quanto tempo isso ainda dura, Mrs. Woolf?” “Quatro semanas” “Oh, céus!” E lá se foram os dois pela ponte, até Kennington eu acho; então perto de Kingsway vem vindo um velho escrivo castigado, que precisa caminhar 5 milhas. Miss Talbot tem uma hora de caminhada pela frente; Mrs. Brown 2 horas. Mas todos eles chegam, & tagarelam como de costume – Pritchard fazendo trabalho de gente pobre

³⁵ Peter Quennel era um jovem poeta que caíra nas graças dos Sitwells. Ele de fato conseguiu trabalho como revisor no *New Statesman* por intermédio de Desmond MacCarthy. (AOB)

por nada, como imagino que é o jeito dele, & chamando a si mesmo de Tory.³⁶ Então começamos a discutir na Praça sobre a questão de os cachorros usarem guias. Cachorros não podem passear soltos; mas jogar tênis tudo bem dizem eles. L. vai entrar na briga & alistou os pequineses da Praça. Não recebemos, nem podemos enviar, nenhuma notícia do exterior. Nenhuma encomenda. *Pences* foram acrescentados ao leite, aos legumes etc. E Karin comprou 4 peças de carne com osso.

Agora está fazendo uma noite fria & meio clara; muito quieta; o único som é o de um realejo distante tocando. Os tijolos estão empilhados no edifício & ali continuam. E Viola,³⁷ que estava prestes a fazer a nossa fortuna, veio jantar aqui na segunda, a noite da greve.

Sexta, 7 de maio

Nenhuma mudança. “Londres chamando as Ilhas Britânicas. Bom dia a todos.” É assim que começa às 10. A única notícia é de que os arcebispos estão em conferência & pedem que oremos para serem guiados na direção certa. Se isso significa ação, não sabemos. Não sabemos de nada. Mrs. Cartwright veio a pé de Hampstead. Ela & L. se meteram em uma discussão acalorada, sendo ela antitrabalhista; pois ela não entende por que apoiá-los, & para ela os homens estão na rua vagabundeando em vez de irem trabalhar. Nós dois trabalhamos pouquíssimo hoje. Dia frio e úmido, com momentos de sol. Todos os compromissos inalterados. Uma menina veio a pé de Shoreditch fazer capas para cadeiras, mas gostou. O Times [Book Club] encomendou 25 Violas. Indecisão quanto a publicar ou não um número improvisado da Nation em Roneo.³⁸ Leonard foi ao escritório, eu ao Mus.[eu] Brit.[ânico], onde tudo era tranquila serenidade, dignidade & austeridade. Lá estão registrados os nomes dos grandes homens; & todos nos encolhemos como ratos mordiscando migalhas em nosso mais oficial discreto & impessoal estado de espírito. Gosto desse ambiente poeirento & livresco. A maioria dos leitores parecia ter gasto o nariz de tanto enfiá-lo nos livros, e os olhos de tanto escrever. E contudo levam uma vida que

³⁶ William Pritchard, sócio do escritório de advocacia Dollman & Pritchard, que ocupava o térreo e o primeiro andar do número 52 da Tavistock Square. A “velha Miss Pritchard” era sua irmã, que trabalhava como escriturária- chefe, enquanto Rose Talbot e Mrs Brown eram escreventes. (AOB)

³⁷ Viola Tree, atriz e cantora. O esperado sucesso de seu livro de memórias, *Castles in the Air*, que fora publicado pela Hogarth Press em abril de 1926, viu-se interrompido por causa da greve geral. (AOB)

³⁸ O mimeógrafo era então conhecido pelo nome da marca, Roneo, e importantíssimo nessa era pré-xerox.

lhes agrada – acreditam na necessidade de produzir livros, imagino: checar, coligar, criar outros livros, eternamente. Deve fazer 15 anos desde a primeira vez que vim ler aqui. Voltei para casa & encontrei L. & Hubert [Henderson] recém-chegados do escritório – Hubert fez o que agora é chamado de “tomar uma xícara de chá”, o que significa uma hora & meia de conversa sobre a Greve. A previsão é a seguinte: se até segunda isso não estiver resolvido, ou em vias de, durará 5 semanas. Hoje nenhum salário será pago. Leonard disse que aquilo o incomodava mais do que a guerra, & Hubert nos contou que viajou pela Alemanha & que eles foram uns brutos em 1912. Ele acha que vai faltar gás & luz agora; estive em uma reunião de jornalistas onde todos eram contra os trabalhistas (ou seja contra a Greve Geral) & acreditavam na vitória do Governo. L. disse que se o Estado ganhar & esmagar o T[rades]. U[nion] ele vai dedicar à vida aos trabalhistas: se o arcebispo vencer, ele se batiza. Agora, jantar no Commercio & encontrar Clive.

9 de maio

Não há notícias da greve. O locutor acaba de dizer que hoje todos rezamos. E L. & eu brigamos ontem à noite. Não gosto do fanático vociferante nele; nem ele da cristã irracional em mim. Mais tarde vou escrever tudo a esse respeito – o que penso da Greve; porém agora escrevo para testar a minha teoria de que existe consolo na expressão. Num impulso, recusei agorinha ir almoçar com os Phil Bakers, que vieram apanhar L. de carro. De repente, 10 minutos atrás, comecei a me arrepender profundamente. Como eu iria adorar conversar, & ver a casa, & fazer um cabo-de-guerra da minha inteligência contra a deles. Agora a coisa mais sensata é me proporcionar algum prazer compensatório, coisa que não teria de fazer, caso eu tivesse ido. Só consigo pensar em escrever aqui & dar uma volta na Praça. Obscuramente, preciso tratar do meu complexo com roupas. Quando me convidam para sair meu primeiro pensamento é, mas não tenho com o que ir. Todd não me mandou o endereço da loja; & talvez eu a tenha ofendido quando recusei seu convite para almoçar. Mas a Virginia que recusa é uma pessoa muito instintiva, & portanto poderosa. A reflexiva & sociável só vem à superfície depois. Daí o conflito.

Transmissão de [Stanley] Baldwin ontem à noite: ele enrola os rs; tenta emprestar uma força mais que mortal a suas palavras. “Tenham fé

Segunda, 10 de maio

em mim. Vocês me elegeram 18 meses atrás. Que fiz eu para desmerecer sua confiança? Acaso não confiam que garantirei a justiça entre um homem e outro?” Por mais impressionante que seja escutar a voz do próprio Primeiro-Ministro, descendente de Pitt & Chatham, ainda não consigo inflamar a minha reverência até o nível certo. Imagino o homem inflexível oprimido, carregando o mundo nos ombros. E de repente toda a sua autoafirmação torna-se meio ridícula. Ele se torna megalomaniaco. Não eu não confio nele: não confio em nenhum ser humano, por mais alto que berre & enrole os rs. Briga com L. resolvida no estúdio. Ah, mas como são incessantes as discussões & interrupções! Enquanto escrevo, L. está telefonando para Hubert. Vamos organizar um abaixo-assinado.³⁹ Houve um degelo significativo (assim achamos) ontem à noite. O arcebispo & Grey conciliatórios. Portanto fomos dormir felizes. Hoje ostensivamente o mesmo beco sem saída; por baixo da superfície toda sorte de correntes, das quais obtemos as notícias mais contraditórias. O velho Frankie [Birrell] veio com uma história (à lareira da livraria) de uma entrevista entre Asquith & Reading que fez Reading ficar hostil em relação aos grevistas. Mais tarde, por meio de Clive, por meio de Desmond, prova-se que Asquith está em Wharfe, a 60 milhas de Lord Reading.⁴⁰ Lady Wimbore ofereceu uma festa – que juntou Thomas & Baldwin. Reunião misteriosamente cancelada hoje. Não fosse por isso a greve teria sido resolvida. Eu à Câmara dos Comuns esta manhã levando o artigo de L. para servir de ajuda para Hugh Dalton à tarde.⁴¹ Toda essa farsa de polícia & estátuas de mármore é vagamente desagradável. Mas o Gov. providenciou-me ônibus que seguem nos dois sentidos, & ninguém atirou pedras. Guardas de prateado & carmesim em Whitehall; o Cenotáfio, & homens que tiram o chapéu seguindo seu caminho. Em casa encontro Tom Marshall conspirando com L.; depois do almoço vou até a livraria [Birrell

³⁹ O abaixo-assinado pedia ao governo que “reiniciasse as negociações imediatamente seguindo a linha sugerida pelo arcebispo da Cantuária”. LW buscou assinaturas de escritores e artistas. (AOB)

⁴⁰ Asquith (Lord Oxford), que ainda era o líder do Partido Liberal, tinha uma casa perto de Oxford chamada The Wharf. O Visconde de Reading, Rufus Isaac, acabara de retornar da Índia, onde fora vice-rei de 1921-26. (AOB)

⁴¹ Não se sabe se Dalton, membro do Parlamento pelo Partido Trabalhista, recebeu tal “ajuda” a tempo, porém sua única manifestação naquele dia foi: “Uma declaração do líder máximo da Igreja”, dirigida a Winston Churchill. Churchill não soube explicar por que o ponto de vista do arcebispo da Cantuária e de outros líderes da igreja anglicana sobre como solucionar a greve não haviam sido publicados na *British Gazette*, o jornal do governo. (AOB)

& Garnett's], onde as fofocas (secretas demais para o telefone) são partilhadas; dali para a Biblioteca de Londres onde vi Gooch – uma mula pálida, alta, afável & verborrágica, & Molly poeirenta & diligentemente lendo o Dublin Review de 1840;⁴² a pé para casa; Clive refuta as fofocas; James [Strachey] indo pedir a assinatura de St Loe; depois Maynard telefona exigindo que publicássemos a Nation enquanto a N. Statesman vai para impressão; ao que concordei, mas L. não; daí jantar; uma batida de automóvel – & mais telefones tocando neste momento, 9.5.

Terça, 11 de maio
das 12:30 às 3

Melhor continuar escrevendo – já que este livro está acostumado a maus-tratos escandalosos – enquanto espero – aqui começam interrupções que duraram até este momento/ enquanto escrevia no estúdio com dificuldade infinita uma carta para Mr. Galsworthy com Gerald Brenan.⁴³ Conversar sobre o arcebispo da Cantuária com Jack Squire às 12 agora parece normal, mas nem de longe – com que frequência eu repito – tão empolgante quanto escrever Ao Farol ou sobre de Q[uinsey].⁴⁴ Achar que daqui a alguns anos esses detalhes terão interesse é acreditar em falsa psicologia. A guerra afinal de contas não passa de árida areia agora. Mas nunca se sabe: & durante a espera, escrever serve para aliviar a mente da aflição & da ânsia provocados por esses detalhes inumeráveis. Squire não quer “abaixar a cabeça”. Ajoelhar-se é dever da Igreja. A Igreja não tem nenhuma relação com a nação. O que se passa é que os trabalhadores de Roneo se recusam a compor o artigo de L. na Nation, em que ele afirma que a Greve não é ilegal nem inconstitucional. Presumivelmente o artigo será um pequeno aperto na goela do Governo.⁴⁵ Mr. Baldwin foi ao zoo. No meio do almoço chega a admirável Miss Bulley, depois de uma visita malsucedida a Conway.⁴⁶ St Loe aderiu, assim como Rose Macaulay & Lytton. Esta noite as assinaturas serão entregues; & depois talvez o silêncio caia sobre nós. Ralph [Partridge] & Gerald

⁴² George Gooch, historiador renomado e editor do *Contemporary Review*. Molly MacCarthy estava pesquisando para sua obra *Fighting Fitzgerald and other Papers*. (AOB)

⁴³ John Galsworthy, autor renomado de *The Forsyte Saga*, havia se recusado a assinar a petição de LW. (AOB)

⁴⁴ Woolf estava escrevendo “Impassioned Prose”, sobre de Quincey. (AOB)

⁴⁵ Sir John Simon afirmou na Câmara dos Comuns que a resolução do TUC de convocar greve geral era ilegal. O especial da *N & A* sobre a greve que tinha sido preparado para aquela semana só foi publicado, e de forma bastante truncada, em 15 de maio. (AOB)

⁴⁶ Margaret Bulley, escritora de livros de arte, amiga de Roger Fry. Sir Martin Conway, membro do Parlamento pelo Partido Conservador.

[Brenan] são nossos emissários. Por outro lado todos nos telefonam – as pessoas mais improváveis – [Donald] Brace por exemplo, [Richard] Kahan; a mulher chegou com a capa nova do sofá. Ontem Ralph & Frances Marshall sofreram um acidente de trem. Os dentes dela ficaram abalados. Um homem morreu; outro quebrou a perna – tudo isso resultado de dirigir um trem sem sinalização, graças aos esforços de universitários ardentes & otimistas. Billing veio aqui dizer que vai imprimir o que for, pois todos os seus funcionários estão de volta & precisando de trabalho. Assim, uma vez que o coitado do MacDermott morreu em janeiro, talvez a *Nation* acabe sendo produzida por eles.⁴⁷ Por falar nisso, quase todos os nossos tipos estão uma bagunça, portanto nossos trabalhos de impressão tornaram-se praticamente inviáveis. Devo telefonar para James? O rapaz da Day's Library foi abordado por valentões, que derrubaram sua bicicleta, mas ele conseguiu conservar os livros & saiu ileso depois de vir aqui buscar 6 Trees. Tree segue pingando aqui e ali. Só de vez em quando temos um pedido. Mrs. C.[artwright] chega na bicicleta de Faith [Henderson, mulher do editor da N & A], que está vermelha de ferrugem.

Quarta, 12 de maio

Greve resolvida. (toca a campainha)

A Greve foi resolvida por volta de 1.15 – ou pelo menos foi quando anunciaram no rádio. Eu estava em Tottenham Court Rd. à 1 & ouvi o megafone da Bartholomew & Fletcher anunciar que os líderes do T.U.C. estavam em Downing Street; ao chegar em casa descobri que nem L. nem Nelly estavam sabendo de nada: 5 minutos depois, o rádio disse para ficarmos no aguardo de importantes notícias. Então tocaram uma música de piano. Depois o locutor solene, assumindo uma gravidade & pompa incríveis, leu, pronunciando uma palavra por minuto: Mensagem do número 10 da Downing Street. Os líderes do T.U.C. concordaram em suspender a Greve. No mesmo instante L. correu para telefonar para a redação, Nelly para contar à atendente da Pritchard's, & eu para Mrs C. (Mas N.[elly] falou antes), depois terminamos de almoçar; depois liguei para Clive – que sugeriu tomarmos um drinque esta noite. Vi esta manhã 5 ou 6 carros blindados seguindo lentamente pela Oxford

⁴⁷ Billing era o dono da gráfica e editora Billing & Sons Ltd; F. J. MacDermott da Prompt Press, de Richmond. MacDermott ajudou os Woolfs no início da Hogarth Press e imprimiu *Monday or Tuesday* em 1921 – tão mal que eles jamais contrataram seus serviços novamente. (AOB)

Street; dentro de cada um dois soldados de capacete; um ia em pé com a arma em punho apontada para a frente & pronto para atirar. Mas também notei num deles um policial fumando um cigarro. Tal tipo de coisa ousou dizer que jamais verei novamente; & não tenho a menor vontade de ver. Já (agora são 2 & 10) apareceram homens com canos no hotel. E Grizzle venceu o caso contra a Praça.

Quinta, 13 de maio

Suponho que pularei todas as páginas dedicadas à Greve, quando eu reler este livro. Ah que capítulo enfadonho, é o que vou dizer. O arrebatamento com as assim chamadas coisas reais é sempre indizivelmente transitório. Porém hoje existe desânimo – L. está desanimado, & eu também, ininteligivelmente – porque a Greve continua – nenhum ferroviário voltou: o espírito vingativo tomou conta de nossos governantes. O Governo bambeia. Parece que a T.U.C. concordou com termos que agora os mineiros rejeitam. Seja como for, vai demorar uma semana até que as máquinas da Inglaterra voltem à ativa. Há trens esparsos por toda a Inglaterra. O Trabalhista, parece evidente, acabará sendo trapaceado mais uma vez, & talvez destituído de seu poder de organizar greves no futuro. Os impressores continuam contra a Nation. Em suma, com a tensão eliminada, todos nos engalfinhamos & nos desentendemos & nos caluniamos. Assim é a natureza humana – & realmente a natureza humana não me agrada a menos quando adoçada pela arte. Jantamos com um grupo da greve ontem à noite & voltamos para a casa de Clive. Ali discutimos um bom tanto sobre arte. A boa & enfadonha Janet Vaughan,⁴⁸ que me lembra Emma, foi também. Fui à minha modista, Miss Brooke, & todos os procedimentos me pareceram muito tranquilos & amistosos, até mesmo agradáveis. Sinto uma luxúria enorme por coisas & formas encantadoras; que não satisfaço desde que Sally Young morreu.⁴⁹ Um passo ousado este, mas agora estou livre do pavor das roupas, & vale a pena pagar por isso, pois já não preciso bater perna na Oxford Street.

⁴⁸ Janet Vaughan, filha do primo de Woolf W.W. Vaughan, havia ajudado a coletar assinaturas para a petição. Emma era prima de VW e tia de Janet. (AOB)

⁴⁹ Modista de VW e suas irmãs quando eram moças. (AOB)

Quinta, 20 de maio

Esperando L. voltar do xadrez com Roger: 11.25. Creio que não há necessidade de dizer nada sobre a Greve. Como tende a acontecer, a cabeça das pessoas se desatreia depois de uma crise; & o que foi, ou será decidido, eu não sei.

Agora precisamos reavivar os registros novamente. Tanto Viola quanto Phil Baker foram atingidos em pleno voo. Viola vem aqui depois do jantar, com muito tato, como amiga, diz ela, para fazer uma consulta. É uma criatura vistosa – tem muito de atriz – bastante criticada pelos Waleys & Marjories; mas bastante afeiçãoada a mim. Tem o enorme egoísmo, a magnificação do eu, que qualquer ostentação corporal produz, eu diria. Valoriza as mulheres pelos tornozelos & quadris, como se fossem cavalos. Volta facilmente uma conversa para o tópico de seus próprios encantos: como ela deveria ter se casado com o D. de Rutland. “Lord ____ (seu tio) me disse que a mulher que John de fato amava era eu. A duquesa me pediu, ‘Faça amor com John & o afaste de _____. Em todo caso você é alta & bonita...’ E de vez em quando penso que se eu tivesse me casado com ele – embora ele nunca tenha pedido minha mão – Papai não teria morrido. Eu teria evitado aquela cirurgia: Como ele adoraria ter um duque como genro! A vida dele era andar bem vestido – esse tipo de coisa, sabe.” Assim ela segue falando, com a melhor das roupas, simpática & familiar, mas também reservada; com as artimanhas & retraimentos de uma mulher do mundo, metade sórdida metade esplêndida, pouco à vontade conosco, contudo grata por ter uma sala onde possa contar suas histórias, ouvintes para quem ela é uma pessoa nova & desconhecida. Fala pelos cotovelos – porém é bastante atenta para não enfastiar; uma excelente mulher de negócios, que flutua na intensidade considerável de seu charme. Nada disso, porém, está fazendo o livro dela rodar, como se diz.

Eddy veio para o chá. Gosto dele – de suas lisonjas? sua nobreza? Não sei – eu o acho ávido & afável. E Vita vem almoçar amanhã, o que será uma grande diversão & um prazer. Acho graça da minha relação com ela: foi tão ardente em janeiro – & agora o quê? Gosto também da sua presença & beleza. Estarei apaixonada por ela? Mas o que é o amor? O fato de ela “estar apaixonada” (isso tem de vir entre aspas) por mim me excita & lisonjeia; & interessa. O que é esse “amor”? Ah & depois ela satisfaz minha eterna curiosidade: com quem

estive, o que fez – pois não tenho em alta conta a sua poesia. Como poderia? – eu que sinto tanto deleite em mitigar as obras alheias, até mesmo dos meus maiores amigos. Eu devia ler o poema dela⁵⁰ esta noite: em vez disso terminei Sharon Turner – um velho enfadonho, simples; a imagem cuspida & escarrada de Saxon. um fastio sem fim, eu me arrisco a dizer, com a intenção mais intensa de “melhorar a si mesmo”, & as afeições mais puras, & 13 filhos, & nenhuma personalidade ou ímpeto – uma adoração por longas caminhadas, por música; modesto & ao mesmo tempo convencido, à maneira de uma formiga. Quero dizer, ele tem o afinco & a persistência de uma formiga para relatar elogios, mas tão pouca personalidade que mal se poderia acusá-lo de vaidade!

Terça, 25 de maio

O calor chegou, trazendo consigo lembranças inexplicavelmente desagradáveis de festas & de George Duckworth; um medo me assombra até hoje, quando passo no topo de um ônibus por Park Lane, & lembro de Lady Arthur Russell & tudo o mais.⁵¹ Eu me desapaixono por tudo; mas me apaixono quando o ônibus chega em Holborn. Transição curiosa esta, da tirania à liberdade. Misturada a ela o costumeiro “Pensei que quando você morreu em maio passado, Charles, eles tivessem morrido com você” – a morte escondida por entre as folhas: & o aniversário de Nessa em meio às pequeninas & duras rosetas cor de rosa de pilriteiro, que costumávamos parar para cheirar na calçada no alto de Hyde Pk. Gate, & perguntei por quê, já que era maio, elas não tinham saído no dia 1º; estão saindo só agora, & o aniversário de Nessa, que creio que deve ser seu 47º, será daqui a poucos dias. Ela está na Itália: disseram que Duncan “cometeu uma gafe” pela qual recebeu uma multa de 10 libras.

L. pegou a gripe venenosa de Nelly, trazida por Lottie – Isso foi a voz dele? Grizzle diz que Sim: & se levan ta balançando o rabo – Ela tem razão. Vita pegou também; senão eu estaria jantando com –

⁵⁰ “The Land”, poema que Vita vinha escrevendo desde 1923 e que acabara de concluir. Ela tinha retornado da Pérsia na semana anterior. Esse poema seria o inspirador do poema de *Orlando*, “O carvalho”.

⁵¹ Há indícios fortes de que Gerald e George Duckworth, meio-irmãos de Virginia e Vanessa Stephen, abusaram das duas quando crianças. George desejava que as duas se dedicassem à vida social na adolescência. Ele foi noivo por um curto período de Flora, filha de Lady Arthur Russell, duquesa de Bedford, que morava logo atrás de Park Lane. Em MB (146), VW a descreve como uma “velha mal-educada, tirânica, com a compleição encarnada e as maneiras de um peru.”

Estivemos sentados na Praça. L. está melhor. Eu mais feliz. Amanhã vamos a Rodmell – ver a banheira & o banheiro & a sala de estar com a parede derrubada. Essa cereja foi tão sacudida & apertada que eu mal acredito que agora iremos sentir seu gosto. E preciso observar que a Greve ainda torna necessário que eu encontre trens em Victoria. Terminei – de modo rascunhado, admito – a 2ª parte de Ao Farol – & é possível, portanto, que ele esteja completamente escrito até o fim de julho. Um recorde – 7 meses, caso isso se confirme.

Então Vita veio: & registro o choque do encontro após a ausência; quão tímidas ficamos; quão desiludidas pelo corpo real; quão sensíveis a novas tonalidades – algo “feminino” eu detectei, mais maduro; & ela estava mais desleixada, veio direto até aqui com suas roupas de viagem, & não tão bonita, como acontece às vezes, talvez; & assim conversamos sentadas no sofá à janela, ela um tanto silenciosa, eu matraqueando, em parte para desviar sua atenção de mim; & para evitar que ela pensasse “Bem, isso é tudo?” como ela se inclinaria a pensar, depois de haver se declarado tão abertamente por escrito. Daí que cada uma de nós registrou certa desilusão; & talvez também tenhamos adquirido alguns grãos de solidez adicional – Isso pode muito bem ser mais duradouro do que a primeira rapsódia. Mas comparei o estado dela, com justiça, com um bando de pássaros voando a esmo, fugidos, confusos: retornando, após uma longa jornada, mais uma vez para o centro das coisas. Ela estava mais quieta, tímida & envergonhada do que o usual. Não tinha nenhum assunto guardado na manga – ao ser confrontada por Nelly ou Mrs. Cartwright levanta-se como uma garotinha. Acho bastante provável que faça Harold largar o emprego. Mas enfim, como sempre sinto, com sua “vida grandiosa”, suas Dotties &tc, que eu simplesmente não conheço, talvez existam partes dela perfeitamente desiluminadas.⁵² Mas não consigo escrever. Na maior parte do tempo consigo escrever. De repente o instinto da palavra me abandona. Este é o estado permanente da maioria das pessoas, sem dúvida. Maynard encontrou George [Duckworth] & Lady M[argaret]. na casa dos Darwins. Ele é um trapaceiro & ela um demônio, escreve ele. Ela agora caminha

⁵² Dottie era Dorothy Wellesley, duquesa de Wellesley. Era poeta e foi amante de Vita, que lhe dedicou “The Land”. Yeats a considerava um dos maiores escritores de sua época. VW a encontrara uma única vez, em 1922, quando visitou Knole com Vita. (AOB)

de bengala. Que mundo melancólico esse – as bolhas se encontrando a cada 20 anos ou coisa que o valha.

Quarta, 9 de junho

Então peguei a gripe, sábado passado; fiquei sentada tremendo no Lord's sob o sol quente; então não vi ninguém, a não ser os residentes do porão, & cancelei Don Giovanni, Dadie & Hope [Mirrlees] esta noite, & o jantar de Osbert [Sitwell] amanhã. Toda a minha efervescência me abandona de vez. Consigo escrever a custo um pouco da eterna palestra Como ler, já que a Yale Review a comprou,⁵³ & não consigo conceber do que trata Ao Farol. Espero estimular meu cérebro na casa de Vita ou em Rodmell este fim de semana.

Sim, Rodmell é um triunfo perfeito, assim considero – mas L. me aconselha a não dizer isso. Em especial a nossa grande sala conjugada de estar & jantar, com suas 5 janelas, as vigas pelo meio, & flores & folhas oscilando em torno de nós. A água da banheira se aquece depressa; os reservatórios de água se avolumam (porém não o bastante). O clima mais uma vez nos deixou na mão, & foi uma estranha viagem para casa, via Newhaven, Peacehaven & Brighton. Os trens são lentos & escassos. A Greve, devo dizer, continua. Então fomos a uma festa na casa de Edith Sitwell (eu com meu vestido novo), para “conhecer Miss Stein”, uma senhora bastante parecida com Joan Fry, mas mais imponente; de brocado salpicado de azul, bastante formidável.⁵⁴ Estavam lá Morgan, Siegfried [Sassoon], Todd – a quem propus, num arroubo de loucura, de fantasia, um livro – & ela aceitou! – (& Viola, bastante criticada nas austeras alturas de Ham Spray) & Edith incomodada; & cerejas aos punhados & água de cevada – como L. a descreveu brilhantemente para Sybil no dia seguinte. Ela veio: ninguém mais; sentamos & rimos – que mal existe nessa mulher meio estúpida, gentil & um tanto divertida, eu me perguntei? Depois ela expressou seu desejo de jantar conosco. L. foi almoçar com [H. G.] Wells hoje.

⁵³ Versão revisada da palestra dada por ela em Hayes Court em 30 jan. 1926, e que acabou sendo publicada pela *Yale Review* em outubro do mesmo ano. (AOB)

⁵⁴ A festa fora oferecida para a escritora experimentalista Gertrude Stein, que morava em Paris desde 1903 e tinha sido convidada para dar palestras em Cambridge e Oxford. Sua fala, intitulada *Composition as Explanation*, foi publicada pela Hogarth Press em novembro de 1926. (AOB)

Quarta, 9 de junho

Leonard voltou do encontro com Wells, que tagarelou até 15 para as 4: gosta de caminhar pelas ruas; tem uma casa na França gerenciada por uma brasileira muito inteligente.⁵⁵ Disse que sou “inteligente demais – algo ruim”: é incapaz de criticar; traz à baila teorias sociais, porque segundo ele numa época em que a sociedade está se dissolvendo, o estado social faz parte do caráter. Eles almoçaram no Boulesteins. Leonard perguntou por ele no Automobile Club; “Um nome bastante famoso”, disse o homem. E o calor & alarido da fama de Wells parece me alcançar, nesta noite chuvosa gelada: & percebo que, caso eu tivesse ficado, como ele nos convidou, ele teria me assoberbado. (Estamos com muita fome, aliás; Nelly está preparando um belo frango assado & sorvete para o jantar, de que vou gostar. Depois vamos ouvir o Gramofone.) Estou mais animada depois do meu ataque, fico feliz em dizer, embora um pouco indecisa quanto a ficar com Vita ou ir para Monks House.

L. vai compilar seus ensaios num livro. Estou pensando em convidar Lady Horner para escrever suas memórias.⁵⁶ Hoje discutimos a data das férias de Nelly – & assim vamos nós.

30 de junho

Este é o último dia de junho, que me encontra em negro desespero porque Clive caçou o meu chapéu novo, Vita sentiu pena de mim, & eu afundei até as profundezas da depressão. Isso se deu no Clive ontem à noite depois que eu e Vita fomos aos Sitwells. Ai, Deus, usei o chapéu sem pensar se estava bom ou não; tudo era bastante exuberante & à vontade; vi ali um homem com cabelo trançado, outro com compridas linguetas vermelhas nas casas dos botões; & sentada ao lado de Vita eu ria & me integrava. Eram apenas 10:30 quando saímos – uma noite tranquila, estrelada: eu me recusara a ir a Colefax: ainda estava cedo demais para ela ir embora. Então ela falou, “Vamos à casa de Clive chamá-lo?”, & de novo me senti tão leve, seguindo de carro pelo parque, & vendo as pessoas passarem depressa por nós. Vimos também todas as casas de Mayfair; por fim chegamos em Gordon Sqre, & lá vinha

⁵⁵ A mulher com quem Wells dividia uma casa na Provença era levantina, não brasileira; chamava-se Odette Keun. (AOB)

⁵⁶ Frances Horner de fato escreveu suas memórias, *Time Remembered*, porém estas foram publicadas pela Heinemann. O livro de ensaios de LW, *Literature, History, Politics, etc*, saiu pela Hogarth em 1927. (AOB)

Nessa em seu passo apressado pelo escuro, com seu discreto chapéu preto. Conversamos animadas. Ela contou que Duncan fora comer um sanduíche no pub: então ele chegou, trazendo um ovo. Vamos todos para a casa de Clive?, falei; & eles concordaram. Bem, foi depois que eles chegaram & que estávamos numa roda conversando que Clive de repente falou, ou melhor berrou, mas que chapéu mais assombroso esse seu! Então perguntou onde o tinha arranjado. Fingi mistério, tentei mudar de assunto, não me deixaram, & fui encurralada no meio deles como se eu fosse uma lebre; nunca me senti tão humilhada. Clive perguntou, foi Mary que o escolheu? Não. Todd, disse Vita. E esse vestido? Todd, claro; depois disso tive de agir como se nada de terrível tivesse acontecido, mas foi muito forçado & falso & humilhante. Daí que conversei & ri demais. Duncan, mais formal & ácido que nunca, me disse é absolutamente impossível fazer qualquer coisa com um chapéu desses. E eu debochei da festa dos Squires, & Leonard ficou quieto, & fui embora profundamente mortificada, mais infeliz que em dez anos; & remoí o assunto em meus sonhos a noite inteira; & o dia de hoje foi arruinado.

1 de julho

Essas reflexões sobre o chapéu parecem um tanto engraçadas, eu acho. Que galo do tempo de sensibilidade eu sou! Como eu gosto – ou como no mínimo me interessam esses turbilhões (pois eu me senti extremamente infeliz & humilhada), consciente que sou de uma peça central que os controla – Leonard em suma. Saindo do almoço com Maynard hoje topei (com o tal chapéu & o tal vestido) com Clive & Mary, & tive de enfrentar o ataque dos dois: o vestido foi elevado às alturas, o chapéu escapou. Assim sendo, assunto encerrado. De fato a nuvem começou a se dissipar às 7 da noite de ontem.

Mas tudo isso obscureceu Garsington; Bridges; & Wells. Esses grandes homens são tão parecidos com o resto de nós. Wells notável apenas por uma combinação de estupidez com perspicácia: nariz afilado, & maçãs do rosto & papada de açougueiro. Adora, julgo eu, tagarelar & romancear sobre a vida dos outros; romanceou sobre os Webbs: disse que os livros deles eram ovos esplêndidos, muito bem postos, porém gorados. Descreveu Beatrice como uma mistura de cigana com judia: uma criatura exuberante, que se tornou quacre do

mesmo modo como acontece a todos nós com o tempo. Isso não tem nada a ver com Deus o cristianismo. O senhor é quacre?, perguntei. É claro que sou. Acreditamos que existe uma razão para as coisas (foi o que ele disse, acho). Mas ele não flutuou acima do chão por muito tempo. A hora do almoço é também quente & indigesta. Pelo ar queixoso & lacrimoso de Mrs. Wells (que tem dentes muito espaçados & em repouso parece um tanto preocupada & ao mesmo tempo vazia) percebi que ele é arrogante, lascivo & repressor na sua intimidade.⁵⁷ As virtudes que o agradam são a coragem & a vitalidade; comentei, que horror! (Esta é a história das agruras de Dorothy Richardson.) Não: nada é um horror quando existe coragem, disse ele. Segui tagarelando sobre a vida dela, divertido. Como ela se casara com Odel, um homem que faz desenhos simbólicos – bolhas saindo de uma boca humana & transformando-se em pernas de mulher &tc: é tão parecido com a vida, Wells disse: essa heterogeneidade – uma coisa levando a outra, & com que traço admirável. Mas não vendem. E agora Duckworth não quer mais publicar nenhum livro dela.⁵⁸ Quanto a Bridges, saltou de um arbusto de rododendro, um velho muito magro & alto, de chapéu curvo cinzento & rosto corado & devastado, olhos selvagens nebulosos; muito ativo; um tanto rouco, que conversa incessantemente. Sentamos em sua sala ampla & olhamos mais além de alfazemas azuis para morros que estavam invisíveis, mas quando eles aparecem o resto se apaga, ele disse – sua única frase poética, ou que assim me pareceu. Conversamos sobre caligrafia, sobre crítica; o que Garrod escreveu sobre Keats; & que as pessoas sabem o que é um soneto petrarquista mas não por que o alteram. Porque elas não escrevem sonetos, palpitei, & o incentivei a escrever crítica.⁵⁹ Ele é direto & lépido, de movimentos bem rápidos; me

⁵⁷ Apesar de LW ter se encontrado frequentemente com H. G. Wells durante e após a guerra, por conta de assuntos relacionados à Liga das Nações e ao *Outline of History* de Wells, não se sabe ao certo se VW já tinha visto Wells e a mulher antes desse almoço na casa dos Keynes. Durante muitos anos Amy ("Jane") Wells vinha fazendo vista grossa às infidelidades do marido, para manter a posição social de esposa. (AOB)

⁵⁸ A romancista Dorothy Richardson foi uma das primeiras a usar a técnica narrativa do fluxo de consciência, em sua longa série de cunho autobiográfico, *Pilgrimage*. Gerald Duckworth, editor e meio-irmão de VW, publicara desde 1915 todos os volumes da série, mas davam pouco retorno. Entretanto, ao contrário das impressões da conversa aqui relatada por Woolf, ele acabou publicando outros dois volumes. Richardson, que tivera um breve caso com H. G. Wells décadas antes, casara-se em 1917 com um artista tuberculoso chamado Alan Odle, quinze anos mais novo que ela e considerado um precursor do surrealismo. (AOB)

⁵⁹ Sobre caligrafia: ver entrada de 21 dez. 1925 – o poeta Robert Bridges, com Roger Fry, estava produzindo dois estudos com amostras de caligrafia de autores da língua inglesa. H. W. Garrod, professor de Poesia em Oxford, recém-lançara um livro sobre Keats. (AOB)

arrastava depressa para ver os cravos no jardim, depois até sua biblioteca, onde me mostrou os críticos franceses, depois contou que Michelet era seu historiador preferido; depois pedi para ver os manuscritos de Hopkins;⁶⁰ & fiquei olhando para eles com aquele gafanhoto gigantesco do Aldous enrodilhado numa cadeira ao lado. Ottoline ondeava & andejava. Ele pediu que eu voltasse um dia: leria seus poemas para mim – não os primeiros, que exigiam uma bela voz & nem são interessantes, disse: mas os recentes, seus hexâmetros. Saltitou na minha frente & abriu o portão para eu passar. Conteí o quanto gostava de seus poemas – o que é verdade quanto aos curtos: mas sobretudo eu estava feliz & agradecida em vê-lo tão solícito, à vontade & interessado. Ottoline me lisonjeou nesse ponto. Mas ela tinha as questões dela também; seu charme minguante as revelou quando estávamos sentadas à beira do lago, conversando sobre Mary, Clive, vida, verdade, literatura. Daí foi a vez de Aldous & Eddie & Philip Nichols, & Miss Spender Clay,⁶¹ que pode faturar £500 por ano se quiser, segundo Julian.

Tavistock Café⁶²

- 1 Nessa
- 2 Roger
- 3 Julia
- 4 Dadie
- 5 Eddie
- 6 V.
- 7. Clive
- 8 Raymond
- 9 Lytton

Domingo ,4 de julho

Depois Wells veio mais uma vez; & ficou até as 4, quando saiu para se encontrar com um americano. Ele está chegando à fase da modorra: os

⁶⁰ Bridges foi responsável pelo reconhecimento da obra de Gerald Hopkins, seu amigo próximo. Ele reunira seus poemas em uma edição de colecionador em 1918 (da qual os Woolfs tinham um exemplar) e cuidava de seus manuscritos. (AOB)

⁶¹ Em 1932 Philip Nichols se casaria com Phyllis Spender-Clay, neta do milionário William Waldorf. (AOB)

⁶² Esta lista se refere a um dos projetos de VW, que ainda naquele ano tomaria forma como “Bar Bloomsbury”. (AOB)

60 anos. Parece bem disposto mas não tão alerta quanto antes. Falou sobre seu novo livro, as ideias que se tem aos 60. Incluiu tudo – um homem chamado Lubin, por exemplo, que inventou a agricultura intern. (eu acho), um homem que morreu na miséria & foi enxovalhado para seu túmulo em Roma no dia em que Wilson fez sua entrada – “esse catedraticozinho raso, pretensioso, cabeça oca” – Lubin é que foi o verdadeiro pensador da paz.⁶³ Que outras ideias ele tinha? quis saber Desmond. Bem, acabar com o domingo. Deveria haver folga a cada 10 dias. Era o regime que ele usava. 10 dias de trabalho, depois 4 ou 5 dias de folga. O sistema atual era improdutivo. A sombra do fim de semana começa na sexta-feira & só termina segunda à tarde. Ele disse que às vezes escrevia o dia inteiro durante dias; noutras nem uma linha. Tive novamente a impressão de ele ser uma mistura estranha de efervescência e solidez – adora uma frase explosiva aqui & ali. Nós o provocamos para que falasse de Hardy – um camponês velho um tanto simplório, sutil, bastante impressionado por gente inteligente que escreve livros, muito humilde, ficou felicíssimo quando Wells levou Rebecca West para visitá-lo, caminhou meia Dorchester com eles – “uma jornalista jovem & atrevida” assim Wells a chamou. Hardy já tinha ouvido falar dela. Hospedou-se com Barry [J. M. Barrie] para ver um ataque aéreo – escreveu seus primeiros livros em capítulos à medida que as editoras os pediam.⁶⁴ Então levantou para ir embora: pedimos que ficasse & nos falasse de Henry James. Portanto se sentou. Ah seria um prazer ficar conversando a tarde inteira, disse ele. Henry James era um formalista. Estava sempre preocupado com roupas. Nunca foi íntimo de ninguém – nem mesmo do irmão: nunca se apaixonou. Certa feita seu irmão quis ver [G. K.] Chesterton, subiu uma escada & olhou por cima de um muro. Isso enfureceu Henry; que chamou Wells para pedir sua opinião – como se eu tivesse uma!⁶⁵ Wells não aprendeu nada com Proust – o livro dele parece o Museu Britânico. Todos sabem que

⁶³ *The World of William Clissold*, de Wells, que seria publicado dali a alguns meses, versa sobre “um judeu americano profético, David Lubin”, que fundou em 1905 o Instituto Internacional de Agricultura em Roma. Seu funeral nesta mesma cidade em 1919 “passou em branco pelas ruas decoradas e cheias de bandeiras para a visita do presidente Wilson”. (AOB)

⁶⁴ Em 1917 o casal Hardy se hospedou no apartamento de J. M. Barrie, autor de *Peter Pan*, em frente ao Tâmbisa, e observou os holofotes vasculhando os céus. (AOB)

existem coisas deliciosas & interessantes por lá, mas ninguém vai. Um dia pode ser que chova – & eu diga meu Deus, o que vou fazer esta tarde? & leia Proust ou vá ao Museu Britânico. Richardson eu não leria – um homem que sabe tudo sobre a psicologia feminina (com certo desdém), ninguém deveria saber uma coisa dessas. Falei pelo contrário ele sabia é muito pouco: era convencional. Honra, castidade &tc. Wells disse que mudamos completamente nossos conceitos. Que o conceito de castidade desapareceu. Que as mulheres eram mais sugestionáveis que os homens. Só que não pensam a respeito – um caszinho casto (ele fala casazinhos) convive com um caszinho promíscuo. Disse que somos mais felizes, talvez – que as crianças com certeza se sentem mais à vontade com os pais. Mas acha que elas estão começando a sentir falta das restrições. A se perguntar qual o sentido das coisas. Que andam muito inquietas; discutindo Henry James & Eliot & como eles são formais & excessivos – (descreveu H. J. empurrando por baixo da porta uma carta que estava escrevendo para conversar com Wells “no Reform” [um clube]). Comentei que isso era americano. Que eles são estranhos à nossa civilização. Ele disse que ele também tinha sido. O pai fora jardineiro, a mãe dama de companhia. Achava muito estranho conhecer gente que frequentava festas & usava roupas de gala. Henry James não era capaz de descrever o amor – vem então um ahh, um gesticular. Isso ele, Wells, era capaz de fazer. Sou um jornalista. Sinto orgulho de ser jornalista, ele disse. Bem, eu tenho a certa sensação de que toda escrita deveria ser jornalística – (ter um objetivo) – Ninguém sabe o que a posteridade vai requerer – pode ser um roteiro. Sempre digo ao Arnold [Bennett] que as pessoas o lerão por causa da topografia. Em tudo ele se mostrou, como disse Desmond depois, perfeitamente satisfeito de ser ele mesmo, consciente de suas capacidades, – consciente de que não precisa se incomodar com nada, já que suas capacidades são grandes o bastante.

Quinta 22 de julho

A ampulheta do verão está escorrendo de modo rápido & um tanto areento. Muitas noites acordo com um arrepio, pensando em alguma atrocidade minha. Trago para casa alfinetadas que aumentam de tamanho no meio da noite & se transformam em feridas abertas. Apesar disso, faço a caneta avançar por de Quincey pela manhã, tendo deixado

Ao Farol de lado até Rodmell. Lá toda a virtude, o bem, se refugia. Aqui, nada além de pequenezas – ir ao dentista, comprar pentes; receber Maynard & Bob para o chá, depois Ralph & Francis para o jantar, em seguida Eddie & Kitchen [C. H. B. Kitchin]. Mas nós dois estamos exaustos, & não conseguimos ter mais nenhuma impressão clara do caráter humano – porém precisamos ir jantar com Osbert Sitwell & ir ao Hardy amanhã. Isso é a vida humana: este é o material infinitamente precioso que nos entregam agora num pergaminho fino & depois nos arrancam para sempre; & e assim o usamos. Os dias sem sensação definida são os piores de todos. Dias em que nos obrigamos a suportar isso ou aquilo por algum motivo qualquer – mas qual motivo?⁶⁶

Não existe nada de importante para registrar no momento: ou se existe, & nosso estado de espírito é esmagadoramente importante, deixo, também isso, para Rodmell. Lá eu vou enfrentar a última parte desse píton, meu livro; é um esforço & uma luta, & pergunto-me vez ou outra por que caio nessa. Rose Macaulay disse, “Que mais poderíamos fazer com nossos pensamentos?” Não vi mais nem ela nem Gwen, nem escrevi para Violet [Dickinson]: nem aprendi francês, nem terminei Clarissa.⁶⁷

Desmond chegou; conversou sobre Shakespeare. Agora é assentar a mente em Suspiria.

25 de julho

De início achei que fosse Hardy, mas era a copeira, uma garota pequena & magra, de touca, trazendo boleiras de prata & coisas do tipo. Mrs. Hardy falou sobre seu cachorro.⁶⁸ Quanto tempo devemos ficar? Mr. Hardy consegue caminhar &c? perguntei, puxando conversa, como sabia ser de bom-tom. Ela tem os grandes olhos tristes & sem lustro de uma mulher sem filhos; uma grande docilidade & presteza, como se tivesse aprendido seu papel; nenhum grande entusiasmo, mas resignação, em receber mais visitas; usa vestido de voile florido, sapatos

⁶⁶ Esse trecho ecoa sua teoria sobre os momentos de não ser em MB.

⁶⁷ Violet Dickinson era uma das amigas mais antigas de VW. A amizade agora se mantinha mais por lealdade que por interesse. Clarissa é *Clarissa Harlowe*, de Samuel Richardson. “Suspiria de Profundis”, de Thomas de Quincey. (AOB)

⁶⁸ Os Woolfs foram a Dorchester em 23 de julho tomar o chá com os Hardy. Florence era a segunda esposa do escritor, que tinha o dobro da idade dela. Os dois volumes da biografia do marido, *Life* (escritos na verdade pelo próprio Hardy) foram publicados em 1928 e 1930, após sua morte. (AOB)

pretos & colar. Agora não podemos ir muito longe, ela disse, porque nosso cachorro não consegue andar muito, mas caminhamos todos os dias. Ele morde, ela contou. Ficou mais natural & animada ao falar do cachorro, que evidentemente é o centro de seus pensamentos – então a criada entrou. E outra vez a porta se abriu, mais refinadamente, & entrou trotando um velhinho bochechudo, atrevido & animado, que nos abordou com um ar bem-disposto & profissional, como o de um médico ou advogado de antigamente, murmurando “Ora ora” – ou coisas do tipo enquanto apertava nossas mãos. Vestia cinza & uma gravata listada. O nariz tinha uma curva & a ponta virada para baixo. Um rosto redondo & branco, de olhos agora desbotados & um tanto lacrimosos, mas o aspecto geral era animado & vigoroso. Sentou-se numa cadeira de canto (fico muito esgotada com todo esse ir & vir para fazer mais do que reunir fatos) diante de uma mesa redonda, onde estavam as boleiras & coisas do tipo; um rocambole de chocolate; o que se chama de um bom chá; mas ele tomou apenas uma xícara, sentado em sua cadeira de canto. Era extremamente afável e ciente de seus deveres. Não deixava a conversa morrer nem desprezava conversa fiada. Falou de papai – disse que me viu, ou talvez fosse minha irmã, mas ele achava que era eu, no berço. Tinha ido a Hyde Park Place – ah Gate isso mesmo. Uma rua muito tranquila. Por isso o meu pai gostava de lá. Estranho pensar que em todos esses anos ele nunca tinha ido até Londres novamente. Costumava ir com frequência. Seu pai publicou meu romance – *Far From the Madding Crowd*. Nós dois enfrentamos ombro a ombro o público britânico por causa de certos assuntos abordados ali – Talvez você tenha ouvido falar. Então ele contou que um outro romance seu, que estava para ser publicado, acabou sendo extraviado – o embrulho se perdera vindo da França – não era algo muito provável de acontecer, segundo seu pai – um original imenso; & pediu que eu enviasse meu conto.⁶⁹ Acho que ele quebrou todas as regras da Cornhill – por não ver o livro inteiro; eu o mandava em capítulos & nunca atrasei um prazo.⁷⁰ Que maravilha a juventude! Eu já tinha o livro na minha cabeça, sem

⁶⁹ Interessante notar como nesse trecho ocorre um salto rápido das pessoas que narram; percebe-se o esforço de VW de reproduzir a voz de Hardy ao mesmo tempo em que entremeia a sua própria, mas sem para isso fazer indicações de pontuação convencionais.

⁷⁰ Como editor da *The Cornhill Magazine*, Leslie Stephen comissionou e publicou em formato de folhetim o quarto romance de Hardy, em 1874. (AOB)

sombra de dúvida, mas nunca pensei duas vezes sobre ele – saía todo mês. Eles ficaram nervosos, por causa de Miss Thackeray eu acho. Ela disse que ficava bloqueada & que tão logo ouvia o barulho das máquinas de impressão era incapaz de escrever uma palavra. Eu suponho que para um romance era ruim ser publicado dessa maneira. A pessoa começa a pensar no que é bom para a revista, não no que é bom para o livro.

A pensar no que faz uma cortina resistente, interveio Mrs. Hardy em tom de brincadeira. Ela estava inclinada sobre a mesa de chá, sem comer, olhando para fora.

Então conversamos sobre manuscritos. Mrs. Smith tinha encontrado o manuscrito de *F. from the M. C.* numa gaveta durante a guerra & o vendera para a Cruz Vermelha. Agora ele tinha recuperado seu original, & o editor apagou todas as marcas de revisão. Mas ele gostaria que as tivessem deixado, pois elas provam que é genuíno.

Ele abaixa a cabeça como um pombo velho. Tem uma cabeça bastante comprida; olhos zombeteiros & cintilantes, porque quando conversa eles se põem a cintilar. Disse que quando foi ao Strand 6 anos atrás mal sabia onde estava, & que antes ele conhecia tudo aquilo de cor. Que antes comprava livros de segunda mão – nada valioso – na Wyck Street. Depois se perguntou por que a Great James Street era tão estreita & a Bedford Row tão larga. Isso sempre o intrigou. Naquele ritmo, Londres logo seria irreconhecível. Mas nunca mais devo ir lá novamente. Mrs. Hardy tentou persuadi-lo de que de carro seria tranquilo – apenas 6 horas ou algo assim. Perguntei se ela gostava de lá, & ele contou que Granville Barker lhe dissera que a época em que ela esteve na casa de repouso foi a “mais divertida de sua vida”.⁷¹ Ela conhecia todo mundo em Dorchester, mas achava que em Londres tinha mais gente interessante. Eu frequentava muito o apartamento de Siegfried [Sassoon]? Respondi que não. Então ela perguntou dele & de Morgan, & disse que ele era esquivo, como se Morgan cotumasse visitá-los. Falei que ouvi de Wells que Mr. Hardy foi a Londres ver um ataque aéreo. “As coisas que dizem por aí!” ele disse. Minha esposa que foi. Certa noite houve um ataque aéreo quando estávamos na casa de Barrie. Ouvimos

⁷¹ O ator, dramaturgo e crítico Harley Granville Barker era amigo dos Hardys. Mrs. Hardy passara dez dias internada em uma clínica de Londres em 1924 devido a uma cirurgia de tumor, e na ocasião VW foi visitá-la (cf. entrada de 17 out. 1924). (AOB)

apenas um estourinho a distância – Os holofotes eram lindos. Pensei, se uma bomba caísse agora nesse apartamento quantos escritores se perderiam. E sorriu daquele jeito esquisito dele, que é fresco & ao mesmo tempo um pouco sarcástico: seja como for, perspicaz. Realmente, em minha concepção não havia o menor traço de camponês simplório. Ele parecia ser perfeitamente consciente de tudo; sem dúvida ou hesitação; decidido; & havia posto no mundo todas as suas obras; de modo que não tinha dúvidas quanto a essas também. Não lhe interessavam muito seus romances, nem os romances de ninguém; encarava-os de modo descomplicado & natural. “Nunca demorei muito neles”, disse. O mais longo era *Dinnasts*. (pronuncia-se assim). “Mas esse na verdade são três livros”, disse Mrs. Hardy. Sim: & me tomaram 6 anos; mas não trabalhando o tempo todo. O senhor consegue escrever poesia regularmente? perguntei (tomada de desejo de ouvi-lo dizer alguma coisa sobre seus livros); porém o cachorro não parava de aparecer. Que ele mordia; que o inspetor veio; que estava doente; & que não podiam fazer nada por ele. Algum problema se eu o deixasse entrar? perguntou-nos Mrs. Hardy, & entrou então Wes[s]ex, um vira-lata marrom & branco bastante desganhado, ele precisa guardar a casa, portanto naturalmente morde as pessoas, explicou Mrs. H.; Bom, disso eu já não sei, disse Hardy, em tom perfeitamente natural, & tampouco fazia grande caso dos seus poemas, ao que pareceu. O senhor escreve poemas ao mesmo tempo em que escreve romances? perguntei. Não, ele disse. Escrevi uma enorme quantidade de poemas. Costumava enviá-los para toda parte, mas eram sempre recusados, ele deu um risinho. E naqueles tempos eu acreditava nos editores. Muitos se perderam – todas as versões boas se perderam. Mas eu encontrava os rascunhos & os reescrevia a partir daí. Estava sempre encontrando rascunhos. Outro dia encontrei um; mas acho que não devo mais encontrar nenhum.

Siegfried alugou cômodos perto dali, & disse que ia trabalhar duro, mas logo foi embora.

E. M. Forster demora muito para produzir qualquer coisa – 7 anos, ele riu. Aquilo tudo transmitia uma impressão de grande desenvoltura dele na maneira de fazer as coisas. “Eu palpito que se F. from the M.C. tivesse sido escrito de outro modo teria ficado bem

melhor”, ele disse. Mas falou como se não tivesse tido escolha, & isso não tivesse importância.

Ele costumava visitar os Lushingtons em Kensington Sqre & via minha mãe ali. Ela entrava & saía enquanto eu conversava com seu pai. Eu queria que ele dissesse uma palavra sobre suas obras antes de irmos embora & só consegui perguntar qual dos seus livros ele escolheria se, como eu, tivesse de escolher um para ler no trem. Eu trouxera *The M[ayor] of C[asterbridge]*. Este vai virar peça de teatro, observou Mrs. H., & então trouxe *L[ove's]. L[ittle] Ironies*.

E segurou seu interesse? ele quis saber.

Gaguejei que não conseguia parar de lê-lo, o que era verdade, mas saiu falso. Seja como for, ele não se deixou desviar, & seguiu falando sobre oferecer um presente de casamento para uma jovem. Nenhum dos meus livros serve como presente de casamento, ele disse. Você deveria dar a Mrs. Woolf um de seus livros, disse Mrs. Hardy, inevitavelmente. Sim, vou dar. Mas receio que apenas naquelas edições finas de papel, disse ele. Protestei que seria o bastante se ele o autografasse (depois fiquei ligeiramente envergonhada).

Teve ainda de la Mare. Seu último livro de contos [*The Connoisseur and Other Stories*] lhes pareceu uma lástima. Hardy tinha gostado muito de alguns dos seus poemas. As pessoas dizem que ele deve ser um homem sinistro para escrever contos como aqueles, mas ele é um homem muito agradável – um homem muito agradável realmente. Disse a um amigo, que implorou para que ele não desistisse da poesia: “Receio que a poesia é que está desistindo de mim”. A verdade é que ele é um homem muito gentil, & recebe quem quiser visitá-lo. Chega a receber 16 pessoas por dia às vezes.⁷²

O senhor acha que é impossível escrever poesia se recebemos visitas? eu quis saber. “Até seria possível – não vejo por que não. É uma questão de força física”, disse Hardy. Mas evidentemente ele mesmo preferia a solidão. Sempre, no entanto, ele dizia algo sensato & sincero; & dessa maneira tornava um tanto incômoda a óbvia obrigação de elogiar. Parecia estar liberto disso tudo; muito ativo mentalmente; gostava de descrever as pessoas, não de falar de modo abstrato: por

⁷² Interessante observar como VW muda de voz em um único parágrafo. A edição de AOB quebra o parágrafo em “Ele disse a um amigo”, a fim de manter a clareza da passagem, mas apaga esse treino de vozes.

exemplo o coronel Lawrence, que foi de motocicleta de Lincoln até a casa de Hardy “segurando assim” o braço quebrado, ficou escutando atrás da porta para saber se havia alguém em casa.⁷³

Tomara que ele não se suicide, disse Mrs Hardy pensativamente, ainda inclinada sobre as xícaras de chá, com um olhar desalentado. Ele sempre diz muitas coisas como essa, embora talvez nunca tenha dito isso exatamente. Mas está com olheiras. No exército ele chama a si mesmo de Shaw. Ninguém deveria saber onde ele está, mas a coisa foi parar nos jornais.

Ele me prometeu ~~desistir de voar~~ não subir mais pelos ares, disse Hardy.

Meu marido não gosta de nada relacionado com os ares, disse Mrs. Hardy.

Então começamos a olhar para o relógio de piso a um canto. Dissemos, precisamos ir – tentamos confessar que só viéramos passar o dia. Esqueci de dizer que ele ofereceu uísque com água para L., & para mim isso deixou claro que ele era um anfitrião competente, em todos os quesitos.

Portanto nos levantamos & assinamos o livro de visitas de Mrs. Hardy; enquanto Hardy foi apanhar meu exemplar de L. Little Ironies & trotou de volta com ele autografado, & Woolf foi grafado como Wolff, o q. deve ter lhe causado certa ansiedade. Então Wes[s]ex entrou mais uma vez. Perguntei se Hardy podia acarinhá-lo. Portanto, como mestre da casa ele se abaixou & afagou o cachorro. Wes[s]ex saiu resfolegando.

Em nenhum momento houve algum traço de deferência aos editores ou de apreço por classe social, uma simplicidade extrema: o que mais me impressionou foi sua liberdade, desenvoltura & vitalidade. Ele me pareceu bastante “Grande Vitoriano”, realizando aquilo tudo com um floreio (de mãos comuns, pequenas & encarquilhadas) & sem fazer grande caso da literatura; mas imensamente interessado por fatos; incidentes; & de certa maneira, pode-se imaginar, naturalmente levado a imaginar & criar sem pensar se era algo difícil ou extraordinário; obcecado; & vivendo no imaginário. Mrs. Hardy enfiou o velho chapéu cinza na mão dele & ele seguiu trotando conosco até a rua. Onde é

⁷³ O “coronel Lawrence da Arábia” era um amigo chegado dos Hardys. Em 1925 permitiram que ele se reunisse à RAF como piloto, e ele foi enviado a Lincolnshire. Em março de 1926, apesar de ter fraturado o braço direito, foi de moto visitar os Hardys. (AOB)

aquilo? perguntei, apontando para um grupo de árvores na colina em frente, pois a casa dele fica fora da cidade, no campo aberto (com colinas imensas, ondulantes, coroadas por arvorezinhas na frente & atrás, & ele disse, com interesse, “Aquilo é Weymouth. Vemos as luzes à noite – não as luzes em si, mas os reflexos delas”. E então partimos, & ele tornou a trotar para dentro da casa.

Também lhe perguntei se eu poderia ver o retrato de Tess descrito por Morgan, um quadro antigo: assim ele me conduziu até uma gravura horrorosa de Tess entrando em uma sala feita a partir de um quadro de Herkomer.⁷⁴ “Era assim que eu a imaginava”, ele disse. Mas eu disse que segundo me contaram ele usara um antigo quadro. “Isso é ficção” ele disse. “Eu costumava vez ou outra ver gente parecida com ela.”

Mrs. Hardy me perguntou ainda, você conhece Aldous Huxley? Eu disse que sim. Eles tinham lido o livro dele, que ela considerou “muito inteligente”. Mas Hardy não se lembrava. Contou que agora a mulher precisava ler para ele – seus olhos estavam muito ruins. ~~Foi esse o livro em que~~ “Hoje mudaram tudo, ele disse. Antes achávamos que precisava existir um começo um meio & um fim. Acreditávamos na teoria aristotélica. Agora um dos contos termina com uma mulher saindo da sala.”⁷⁵ Ele deu um risinho. Mas já não lê mais romances.

Todas essas coisas – a literatura, os romances &c – pareciam divertidas para ele, & distantes também, algo que mal se podia levar a sério. Ele porém sentia piedade & simpatia por quem ainda se dedicava àquilo. Mas quais seriam seus interesses & atividades secretos – para que afazeres ele saiu trotando depois que fomos embora – eu não sei. Rapazinhos lhe escrevem cartas da Nova Zelândia, que precisam ser respondidas. Um jornal japonês lançou um “especial Hardy”, que ele

⁷⁴ Hubert von Herkomer ilustrara a versão serializada de *Tess of the D'Urbervilles* publicada na *Graphic* em 1891 e presenteara Hardy com dois dos desenhos originais. “Tess’s Return from the Dance” não é uma gravura, e sim uma aquarela.

⁷⁵ O livro de Huxley mencionado é *Two or Three Graces*, de 1926, e o conto em questão, “Half-Holiday” – que porém termina com um homem e não uma mulher saindo de uma sala.

mesmo produziu. Ele também falou sobre Blunden.⁷⁶ Creio que Mrs. Hardy o mantém atualizado sobre a produção dos poetas mais jovens.

Rodmell. 1926⁷⁷

Como não vou ordenhar meu cérebro por uma semana, aqui escreverei as primeiras páginas do melhor livro do mundo. É isto o que seria um livro feito inteira & integralmente dos pensamentos de alguém. Imagine se fosse possível apanhá-los antes que eles se tornassem “obras de arte”.? Apanhá-los quentes & repentinos à medida que surgem na cabeça – subindo a colina de Asheham por exemplo. Obviamente não se pode fazer isso; pois o processo da linguagem é lento & enganador. Precisamos parar para encontrar uma palavra; depois tem a forma da frase, que nos é exigido preencher⁷⁸.

Arte & Pensamento

O que eu pensei foi o seguinte: se a arte se baseia no pensamento, o que é o processo de transmutação? Eu estava contando a mim mesma a história de nossa visita aos Hardys & passei a compô-la: isto é, a me fixar em Mrs. Hardy apoiada sobre a mesa, olhando pela janela, apática, de um jeito vago; depois logo em seguida harmonizei tudo tendo isso como tema dominante. Mas o verdadeiro acontecimento foi diferente.

Em seguida,

Obras de pessoas vivas

Raramente as leio.⁷⁹ mas, por ele ter me dado seus livros, estou agora lendo C[larence] de M[aurice] Baring. Fiquei surpresa por tê-lo achado

⁷⁶ Edmund Blunden, poeta e crítico, vencedor do prêmio Hawthorndern de poesia em 1922, era professor de inglês na Universidade de Tóquio desde 1924. (AOB)

⁷⁷ Aqui VW inicia uma das seções mais experimentais de seus diários. As entradas a seguir não são datadas e todas têm título. A primeira remete a questões que ela discute sobre a possibilidade de apanhar os pensamentos tão logo eles surgem, sem serem modificados por elaborações posteriores, que foi discutida na p. 96.

⁷⁸ Essa passagem está comentada na p. 96.

⁷⁹ Mantive como no original esse tipo de pontuação estranha, que dá a impressão de que sua intenção inicial era terminar a frase, mas depois muda de ideia e continua a escrevê-la.

tão bom. Mas o quanto é de fato bom? Fácil afirmar que não é um livro excelente. Mas quais qualidades lhe faltam? Que não acrescenta nada à visão de vida de ninguém, talvez. Contudo, é difícil encontrar uma falha grave. Meu espanto é que obras absolutamente de segunda categoria como esta, que suponho serem despejadas em profusão por no mínimo 20 pessoas ao ano, tenham tanto mérito. Como nunca as leio, eu me levo a acreditar que são inexistentes. E são mesmo, rigorosamente falando. Quer dizer, em 2026 não existirão; mas hoje têm certa existência; o que me intriga um pouco. Enfim, Clarence me entedia; mas ao mesmo tempo sinto que é importante. E por quê?

Meu próprio cérebro

Aí está um colapso nervoso completo em miniatura. Viemos na terça. Afundei numa cadeira, mal podia levantar-me; tudo era insípido; sem gosto; sem cor. Imenso desejo de descansar. Quarta – só queria ficar sozinha ao ar livre. Um ar delicioso – evitei falar; não conseguia ler. Pensei com veneração em minha própria capacidade de escrever, como se fosse algo incrível que pertencesse a outra pessoa; jamais a ser desfrutado por mim novamente. O espírito um vazio em branco. Dormi na cadeira. Quinta. Absolutamente nenhum prazer na vida; mas me senti talvez um pouco mais afinada com a existência. Identidade & idiosincrasia como Virginia Woolf completamente naufragadas. Humilde & modesta. Dificuldade em pensar no que dizer. Li automaticamente, como uma vaca ruminando um bolo alimentar. Dormi na cadeira. Sexta. Sensação de cansaço físico; porém leve atividade cerebral. Começando a ter percepção. A fazer um ou dois planos. Nenhuma capacidade de formular frases. Dificuldade de escrever para Lady Colefax. Sábado (hoje) muito mais nítida & leve. Achei que seria capaz de escrever, mas resisti, ou descobri ser impossível. Um desejo de ler poesia instalou-se na sexta. Traz de volta uma noção de minha própria individualidade. Li um pouco de Dante & Bridges, sem problemas de compreensão, mas obtendo prazer com eles. Começo agora a sentir vontade de fazer anotações, mas ainda não romances. Hoje porém os sentidos vão se reanimando. Nenhuma capacidade de “invenção” ainda; nenhuma

vontade de criar cenas no meu livro. A curiosidade literária retorna: desejo de ler Dante, Havelock Ellis & a autobiografia de Berlioz; & também de fazer um espelho com moldura de tartaruga. Esses processos algumas vezes se estenderam por várias semanas.

Proporções Modificadas

Que à tardinha, ou em dias sem cor, as proporções da paisagem mudem subitamente. Vi pessoas jogando stoolball na campina; pareciam afundadas em um tabuleiro plano; & as colinas assomando altas & montanhosas ao redor. Todo detalhe apagado. Era um efeito extremamente belo; as cores dos vestidos das mulheres se destacavam muito vívidos & puros nos arredores quase esmaecidos. Eu sabia, também, que as proporções não estavam normais – como se eu estivesse olhando por entre as minhas pernas.

Arte de Segunda Categoria

i.e., C. de Maurice Baring. Dentro de seus limites, não é de segunda categoria, ou pelo menos não existe nada que à primeira vista seja marcadamente assim. Os limites são a prova da sua não-existência. Ele consegue fazer apenas uma única coisa: ou seja, ele mesmo; encantador, educado, um cavalheiro inglês modesto, sensível: mas, fora desse raio, já não propaga ou ilumina muito, tudo é... como deve ser; leve, certo, bem proporcionado, afetado até; narrado com tanta educação que não há exageros, tudo está relacionado, bem-proporcionado. Eu seria capaz de ficar lendo isso para sempre, falei. L. disse que cairíamos mortos de tédio num segundo.

Wandervögel

da tribo dos pardais. Duas garotas decididas, queimadas de sol, empoeiradas, de malha & saia curta, com mochilas nas costas,

escriturárias, ou secretárias da City⁸⁰, andando pela rua sob o sol quente em Ripe. Meu instinto imediatamente faz subir um tabique, que as condena: eu as considero angulosas, estranhas & arrogantes em todos os sentidos. Mas tudo não passa de um grande equívoco. Tais tabiques me encerram do lado de fora. Não tenha tabiques, pois tabiques são feitos de nosso próprio tegumento; & procura alcançar coisa em si, que não tem absolutamente nada a ver com um tabique. O hábito de criar tabiques, entretanto, é tão universal, que provavelmente preserva a nossa sanidade. Sem tal recurso para bloquear as pessoas de nossas simpatias, quem sabe talvez nos dissolvêssemos inteiramente. A separação seria impossível.⁸¹ Mas o que existe em excesso são tabiques; não simpatias.

O retorno da saúde

Revela-se pela capacidade de fabricar imagens: a capacidade sugestiva de cada visão & palavra aumenta imensamente. Shakespeare deve tê-la possuído em tal extensão o meu estado normal parece o estado de uma pessoa cega, surda, muda, estúpida como pedra & de sangue frio como um peixe. E em comparação com a pobre Mrs. Bartholomew⁸² eu a possuo quase na mesma extensão da de Shre em comparação com a minha.

Feriado ⁸³

Mulher muito gorda, garota & homem passam o Feriado – um dia de absoluto sol & satisfação – visitando túmulos de família no cemitério. 23 homens & mulheres juvenzinhos o passam andando por aí levando caixas pretas horrorosas nos braços & ombros, tirando fotos. Homem diz a

⁸⁰ City of London é um bairro histórico e financeiro, onde se localiza a Bolsa de Valores e o Banco da Inglaterra.

⁸¹ Nota-se ela já bastante atenta para a dissolução do ser em comunidade. A ideia do tabique que separa um ser humano e outro poderia encontrar um paralelo na metáfora que ela desenvolveria anos mais tarde, das pessoas como embarcações seladas, em MB. Para mais sobre isso, ver p. 101.

⁸² Mrs. Rose Bartholomew cozinhava para os Woolfs em Monks House quando Nelly não estava. (AOB)

⁸³ Não há nenhuma data no original. Na edição de AOB, ela insere uma data para esta passagem – segunda, 2 de agosto.

mulher, “Alguns desses vilarejos tranquilos não parecem nem saber que hoje é feriado” em tom de superioridade & ligeiro desdém.

As Relações Maritais

Arnold Bennett diz que o horror do casamento está em sua “cotidianidade”. Ela apaga toda a intensidade do relacionamento. A verdade é mais parecida com isto. A vida – digamos 4 dias em cada 7 – entra no automático; mas no 5º dia surge uma gota de satisfação (entre marido & mulher), que é mais plena & sensível justamente por causa dos dias inconscientes automáticos & costumeiros de ambos os lados. Em outras palavras o ano é marcado por momentos de grande intensidade. Os “momentos de visão” de Hardy.⁸⁴ Como poderia um relacionamento perdurar por tanto tempo a não ser em tais condições?

3 de setembro

Mulheres num jardim de chá em Bramber – um dia quente, sufocante: treliças de rosas; mesas brancas caiadas; classes médias baixas; ônibus passando constantemente; pedacinhos de pedra cinzenta espalhados por um gramado todo salpicado de papéis são a única coisa que restou do Castelo.⁸⁵

Mulher inclinada sobre a mesa, analisando as gostosuras, acompanhada de duas mulheres mais velhas, de quem cuida, fala para jovem garçoneiro (uma garota gorducha da cor de marmelade, cujo corpo parecia a mais macia das banhas, destinada a casar-se logo, mas ainda com uns 16 anos apenas)

Mulher “Que temos para o chá?”

Garota (muito enfastiada, os braços ao longo do corpo) Bolo, pão & manteiga, chá: Geleia?

Mulher As vespas andam incomodando? Elas entram na geleia – como se desconfiasse que não seria bom pedir a geleia.

Garota concorda.

⁸⁴ *Moments of Vision, and Miscellaneous Verses*, de T. Hardy, for a publicado em 1917. VW o havia resenhado. Esse conceito parece-se muito com seus momentos de ser, que ela elabora em “A Sketch of the Past”. Ver p. 104.

⁸⁵ Bramber possuía antigamente um grande castelo com capela, mas deste so restara ruínas, que davam de frente para uma estrada movimentada. (AOB)

Mulher: Ah, sim, as vespas andam muito proeminentes este ano.

Garota É verdade.

Sendo assim ela não pede geleia.

Isso me divertiu, suponho.

No mais, Charleston, Tilton, Ao Farol, Vita, excursões: o verão dominado pela sensação de mergulhar em cálido ar fresco ilimitado – um agosto como este não surge pela minha frente há anos: passeios de bicicleta; nenhum texto concluído, mas, graças ao ar fresco, a chance de ir ao rio, ou subir as colinas. Apesar de o fim do romance estar agora facilmente à vista, este, misteriosamente, não se aproxima. Estou na parte de Lily no gramado: porém se é mesmo a reta final, eu não sei. Tampouco tenho certeza da qualidade: a única certeza parece ser a de que, depois de agitar vagamente minhas antenas no ar durante uma hora todas as manhãs, em geral escrevo com ardor & facilidade até as 12.30: & assim termino minhas duas páginas.

5 de setembro

Então estará terminado, isto é escrito, em 3 semanas, segundo minhas previsões, contando a partir de hoje. O que emerge? No momento estou à procura de um final. O problema é juntar Lily & Mr. R[amsay]. & formar uma combinação interessante no final. Estou virando & revirando diversas ideias. O último capítulo, que começo amanhã, é No Barco: minha intenção era concluir com R. subindo o rochedo. Mas então o que seria de Lily & seu quadro? Será que deveria haver uma última página com ela & Carmichael olhando para o quadro & resumindo a personalidade de R.? Neste caso perco a intensidade do momento. Se isso se intrometer entre R. & o farol, haverá interrupção & mudança demais, eu acho. Seria possível fazê-lo num parêntesis? de modo que se tivesse a sensação de estar lendo as duas coisas ao mesmo tempo?

Amanhã devo encontrar alguma maneira de resolver isso, suponho. Depois preciso entrar na questão da qualidade. Acho que talvez o livro corra rápida & livremente demais, & termine por ficar muito fino. Por outro lado, acho que é mais sutil & mais humano do que J.[acob]'s R.[oom] & Mrs. D. E me sinto estimulada pela minha própria abundância ao escrever. Está comprovado, acho, que o que eu tenho a dizer deve ser dito desta maneira. Como de costume, contos paralelos

brotam em grande variedade agora no arremate: um livro de personagens; o fio inteiro sendo puxado a partir de uma única frase, como a de Clara Pater, “Você não nota que os pinos de telha não têm pontas?”⁸⁶ Creio que consigo desfiar as entranhas de todos desta maneira; porém a dramaticidade some completamente. Está tudo em oratio obliqua. Não tudo; pois existem algumas orações diretas. As partes líricas de Ao F. estão reunidas no intervalo de dez anos, & não interferem tanto quanto de costume no texto. Sinto que desta vez o círculo se fechou de modo bastante inteiro: & não sei bem qual será o repertório da crítica. Sentimental? Vitoriano?

Depois, preciso começar a planejar meu livro sobre literatura para a Editora.⁸⁷ Seis capítulos. Por que não agrupar ideias sob um único título – por exemplo: Simbolismo. Deus. Natureza. Enredo. Diálogo? Escolher um romance & ver quais partes o compõem? Separá-las & listar exemplos de todos os livros que melhor as exibem? Provavelmente isso funcionaria do ponto de vista histórico. Seria possível criar uma teoria que desse unidade aos capítulos. Mas sinto que não consigo ler com [palavra ilegível] & exatidão para tanto. Em vez disso, quero organizar todas as ideias que se acumularam dentro de mim.

Depois quero escrever um monte de “Esboços” para ganhar dinheiro (pois de acordo um novo arranjo, tudo o que eu faturar acima de £200 será dividido)⁸⁸: isto devo deixar ao sabor da sorte, de acordo com os livros que aparecerem pelo meu caminho. Ando assustadoramente satisfeita esses últimos dias, falando nisso. Não entendo bem. Talvez a racionalidade tenha alguma coisa a ver. Charleston & Tilton me derrubaram do poleiro por um momento: Nessa & seus filhos: Maynard & seus tapetes. Meus próprios talentos & quinhões me pareceram tão moderados em comparação; & por minha própria culpa – um pouco mais de autocontrole da minha parte & talvez tivéssemos um menino de 12, uma menina de 10:⁸⁹ Isso sempre me deixa num estado deplorável de

⁸⁶ Clara Pater era a mais nova das irmãs de Walter Pater, e deu aulas de grego para VW. Sua pergunta acabou sendo o ponto de partida para o conto “Momentos de ser: pinos de telha não têm pontas”, que foi publicado em 1928. (AOB)

⁸⁷ Ver entrada de 7 dez. 1925. (AOB)

⁸⁸ Segundo um novo acordo com LW, tudo o que VW ganhasse acima desse valor seria dividido entre os dois.

⁸⁹ VW havia desejado ter filhos, mas em 1913, depois de ouvir várias opiniões médicas, LW chegou à conclusão de que a maternidade seria um risco para ela. (AOB)

madrugada. Então eu disse, estou destruindo o que eu tenho. E por isso me pus a explorar meus próprios tesouros ao máximo; posso ganhar dinheiro & comprar tapetes; posso aumentar enormemente o prazer da vida se eu a viver com cuidado. Sem dúvida, isso é racionalizar um estado que na verdade não é dessa natureza. Provavelmente tenho muita sorte. Mrs. [Elsie] Allinson disse que gostaria de ter minha aparência. Mary disse que sou a única mulher que ela ama.⁹⁰ Nelly cozinha excepcionalmente bem. E eu fico extremamente feliz caminhando pelas colinas. Não tenho vontade de ficar conversando com Eddy em Charleston. Gosto de espaço para espriar meu espírito. O que quer que eu pense posso exclamar, num rompante, para L. Somos de certa maneira muito distanciados, livres, harmoniosos. Não quero de modo algum apressar as coisas & encerrar a temporada aqui. Quero ir a Seaford & voltar pelo alto das colinas; ver uma casa em East Chilmington; respirar mais luz & ar; ver mais vales cinzentos & milhares dourados & as primeiras terras aradas cintilando brancas, com gaivotas esvoaçando. Não: não quero que ninguém venha aqui interromper. Estou imensamente ocupada. Desse modo chego à minha moral, que é simplesmente desfrutar daquilo que se desfruta, sem se importunar com ah mas Nessa tem filhos, Maynard tapetes. Talvez eu vá ver Ethel [Sands, na Normandia]. Pois meus próprios desejos sempre são definidos o bastante para mostrarem-me o caminho, de uma maneira ou outra; & a principal alegria na vida é seguir essas luzes; estou agora quase inteiramente rodeada de ovelhas. Deus sabe, bem gostaria que pudéssemos comprar o terraço & ter um jardim ao redor da edícula –⁹¹ mas isso não diminui seriamente a felicidade.

Clive & Mary vieram aqui ontem sob o sol brilhante. Sentamos nas pedras do moinho. (uma das ovelhas tem uma cauda parecida com uma corda de sino – a das outras são todas meio curtas.) Wells. Hardy. Maynard. Richardson. [palavra ilegível]. Christabel [McLaren] – que passará um mês na Grécia com Lesley Jowitt. As metáforas de

⁹⁰ Mary Hutchinson, que tinha um caso com Clive Bell desde 1914, havia recentemente se apaixonado por VW. Ao que tudo indica foi um amor unilateral. Em uma de suas cartas para VW, ela disse ansiar “for all that is you – in any mood you like or chance to be in – I must love – can you bear such hunger – for I believe it is really this that I feel and I pine for you sometimes.” Cf. LEE, Hermione: 383.

⁹¹ Os Woolfs tinham construído uma espécie de edícula (usada por VW como um estúdio) nos limites de sua propriedade em Monk’s House. LW há algum tempo vinha planejando construir esse “terraço”, e em 1928 conseguiu seu intento (ver 8 ago. 1928). (AOB)

Maupassant – O Questionário⁹². O harém de Lytton – A imbecilidade deles – Carrington uma cozinheira que não tem folga aos domingos. Se Eddy é arguto ou não. Tonks & Steer & Moore – Tonks apaixonado por Mary, insiste Clive; ela modesta. Assim conversamos. Depois fui com eles de carro até o Laye [uma chácara], subi a colina por trás de Asheham & deixei que todo aquele vento & sol soprassem pelas velas enlouquecidas do meu velho moinho, coisa que ainda me enche tanto de prazer. Esqueci o que pensei então: não pensei nada, suponho; tomada de empolgação por ser amada por Mary & ser um sucesso &tc. Na volta para casa, música, minha nova mesa de 15/, conversa com L.: uma grande sensação de felicidade & bem-estar. Saí para olhar as estrelas, mas não consegui obter a sensação exata de maravilhamento (eu a obtenho tão bem às vezes), porque L. disse

“Agora entre. Está frio demais para ficar aí fora”

Segunda, 13 de
setembro

A bendita coisa está chegando ao [fim], digo a mim mesma com um resmungo. É como um prolongado processo da natureza, doloroso & ao mesmo tempo empolgante, que se deseja inexpressivamente que termine. Ah que alívio acordar & pensar, acabou – que alívio, & que desapontamento, imagino. Falo de *Ao Farol*. Estou exacerbada por ter passado 4 dias na semana passada martelando o de Quincey, que ficou intocado desde junho; & assim recusei £30 para escrever sobre Willa Cather; agora devo terminar em uma semana, eu espero, essa ficção não rentável, & poderia ter encaixado Willa antes de voltar. Desse modo teria ganhado até outubro £70 das 200 do meu ano: (minha ganância é imensa: quero £50 só minhas no Banco para comprar tapetes persas, painéis, cadeiras &c.) Maldito seja Richmond, Maldito seja o Times, Malditas minhas procrastinações e meus nervos. Devo escrever sobre Cobden Sanderson & Mrs. Hermans & ganhar alguma coisa com eles, entretanto. Quanto ao livro [*Ao Farol*] – Morgan disse que pensou “Isso é um fracasso” ao terminar *Passagem para a Índia*. Eu me sinto – o quê? Um tanto embotada estas duas últimas semanas por ter escrito continuamente. Mas também um tanto triunfante. Se minha intuição estiver correta, é a maior distensão a que já submeti o meu método, &

⁹² Entre agosto e setembro de 1926, a *N & A* publicou um suplemento intitulado “Questionário sobre Crenças Religiosas”. O resultado, publicado em 16 de outubro daquele ano, respondia à pergunta “Você acredita em um Deus pessoal?”. (AOB)

creio que ele se sustenta. Com isso quero dizer que andei explorando mais tanto sentimentos quanto personagens, suponho. Mas Deus sabe; até eu olhar para a minha pesca.⁹³ É apenas a minha própria sensação durante o processo. Estranho como sou assombrada por aquela maldita crítica de Janet Case, “não passa de revestimento... de técnica. (Mrs Dalloway). Já o L. C. tem substância”. Mas enfim, quando estamos nesse estado de tensão qualquer mosca acha liberdade para pousar, & são sempre as mutucas que vêm. [Edwin] Muir me elogiando com inteligência é comparativamente pouco capaz de me encorajar – quando estou escrevendo, quero dizer – quando as ideias estacam. E nesta reta final, no barco, é difícil, porque o material não é tão rico quanto Lily no gramado: sou obrigada a ser mais direta & mais intensa. Estou lançando mão de um pouco de simbolismo, observo; & avanço com medo da “sentimentalidade”. Estará o tema no geral sujeito a essa crítica? Por outro lado duvido que qualquer tema seja em si mesmo bom ou ruim. Dá oportunidade de destacar as qualidades peculiares de quem escreve – apenas isso.⁹⁴ Depois, estou angustiada, sem saber se fico ou não com Ethel Sands: se compro ou não um vestido. Depois, estou surpreendentemente feliz no campo – um estado de espírito que, se eu não desgostasse dos hífen, hifenizaria, para demonstrar que é um estado em si mesmo. Levamos Angus pelas colinas até Falmer ontem. Depois de todos esses anos, descobrimos algumas das regiões mais adoráveis, remotas & surpreendentes dessas bandas: mais adoráveis presumo que nossa rival, a escarpada Seaford-Tilton, pela qual caminhamos sob o sol escorchante da quinta-feira passada. Como queimava nossas cabeças, fazia a pobre cachorrinha ofegar. Lydia & Maynard vieram para o chá.

Quarta, 15 de
setembro

Às vezes usarei o formato de Nota: por exemplo, esta

⁹³ Cumpre notar que nesse momento de sua carreira, considerado o auge de seu período mais estritamente modernista, ela enfatiza a experimentação de um método – “a maior distensão a que submeti o meu método” – e afirma com todas as letras que ele se dedica agora a explorar mais tanto os sentimentos como os personagens. Para mais sobre a metáfora de “pesca”, ver p. 36.

⁹⁴ Ela já havia enfatizado isso em “Ficção moderna”: “Nada – nenhum ‘método’, nenhuma experiência, nem mesmo a mais extravagante – é proibido, exceto a falsidade e o fingimento. ‘A matéria apropriada à ficção’ não existe; tudo serve de assunto à ficção, todos os sentimentos, todos os pensamentos; cada característica do cérebro e do espírito entra em causa; nenhuma percepção é descabida.” (WOOLF, 2011: 115-16).

Um Estado de Espírito

Acordei quem sabe às 3. Ah está começando lá vem – o horror – fisicamente parecido com uma onda que incha no coração – & me atira para o alto. Que infeliz estou que infeliz! Para baixo – meu Deus, antes estar morta. Pausa. Mas por que estou sentindo isso? Quero observar a onda se erguer. Observo. Vanessa. Filhos. Fracasso. Sim; detecto isso. Fracasso fracasso. (A onda se levanta). Ah eles riram de meu gosto por tinta verde! A onda quebra. Antes estar morta! Tenho só mais alguns anos de vida eu espero. Não consigo mais encarar este horror – (é a onda espalhando-se sobre mim.) Isso continua; diversas vezes, com variações de horror. Então, na crise, em vez de a dor permanecer intensa, torna-se um tanto vaga. Cochilo. Acordo com um sobressalto. A onda de novo! A dor irracional: a sensação de fracasso; geralmente agarrada a algum incidente específico, como por exemplo meu gosto por tinta verde, ou a compra de um vestido novo, ou convidar Dadie para o fim de semana. Por fim eu digo, observando o mais desapaixonadamente possível, Agora se recomponha. Já chega. Racionalizo. Faço um censo das pessoas felizes & infelizes. Preparo-me para afastar atirar para longe destruir. Começo a marchar cegamente para a frente. Sinto os obstáculos, caio. Digo não importa. Nada importa. Torno-me rígida & dura, & volto a dormir, & semidesperta sinto a onda vir & observo a luz branqueando & já não sei como, desta vez, o café da manhã & a luz do dia conseguirão dominá-la; & então escuto L. no corredor & finjo, para mim mesma & para ele, uma grande animação; & em geral eu me sinto animada após o café da manhã. Será que todos passam por tal estado? Por que tenho tão pouco controle? Não é digno de elogios, nem de apreço. É motivo de grande desperdício & dor na minha vida.

28 de setembro

Tencionei registrar todos os dias um estado de espírito. Ele sempre desaparecia (algo típico), porém foi recorrente o bastante para adquirir alguma importância. Está chovendo forte esta noite; entramos no período tranquilo da partida de Nelly. Sendo assim tentarei, antes que meus dedos congelem & meu espírito vague até o fogo, escrever aqui o que consigo recordar.

A intensa depressão: devo confessar que isso me dominou diversas vezes desde 6 de setembro (acho que a data foi esta, ou próxima disso). É tão estranho que eu não consiga atinar – da depressão, quero dizer, que não provém de algo definido, mas do nada. “Onde não há nada”, a frase voltou, quando sentei à mesa da sala de estar. Claro que me interessei; & descobri que, pela primeira vez em muitos anos, estive ociosa sem ter estado doente. Caminhamos, fizemos excursões, no tempo bom & quente. Eu estava escrevendo as últimas páginas de *Ao Farol* (concluído, provisoriamente, em 16 de set). De alguma maneira minhas leituras tinham ficado para trás. Eu não caçava mais lebres. Certa noite caiu em minhas mãos o livro de Geoffrey Scott sobre arquitetura [*The Architecture of Humanism: A Study in the History of Taste*], & uma pequena fagulha de motivação se acendeu em mim. É um aviso então; jamais cessar de utilizar o cérebro. Sendo assim eu usei o meu cérebro. Então, por falta de planejamento, ninguém veio para cá & recebi pouquíssimas cartas; & os dias quentes, puros, intensos foram passando & passando; & o vazio persistiu, & dei para suspeitar que meu livro padecia do mesmo problema; enquanto Nessa cantarolava & ia de vento em popa & desabrochava do outro lado da colina; & certa noite houve uma longa, longa discussão. Vita quem começou, vindo para cá com Plank⁹⁵, & L. (na minha opinião) estragou a visita fechando a cara porque comentei que ele tinha ficado bravo. Ele se fechou em copas & foi cáustico. Isso ele negou, mas admitiu que meu costume de o descrever, e aos outros, muitas vezes provocava esse efeito. Eu vi a mim mesma, meu brilhantismo, meu gênio, encanto, beleza (&c. &c. – o séquito que flutua ao meu redor há tantos anos) diminuírem & desaparecerem. A pessoa se torna então uma velha horrorosa maltrapilha vaidosa implicante, fútil & tagarela. Enxerguei isso nítida & impressivamente. Então ele disse que nos últimos tempos nossa relação não andava tão boa. Ao analisar meu estado de espírito admiti que eu andara irritada, primeiro pela prevalência dos cachorros (Grizzle além disso está no cio). Segundo por ele supor que podemos nos dar ao luxo de contratar um jardineiro em tempo integral, construir ou comprar-lhe uma casa, & comprar o terreno do terraço para fazer um jardim. Nesse

⁹⁵ George Plank, ilustrador e xilogravador, que na época fazia muitas capas para a *Vogue*. A capa do livro *The Land*, de Vita, publicado naquele mês, foi gravada por ele. (AOB)

caso, eu disse, ficaríamos amarrados ao compromisso de sempre vir para cá; nunca mais viajaríamos; & estaria decidido que Monks House é o centro do mundo. Coisa que para mim, certamente, não é, falei; tampouco quero gastar tanto dinheiro com jardins, quando não temos nem para comprar tapetes, camas ou poltronas decentes. L. ficou, eu acho, magoado com isso, & eu irritada por tê-lo dito, mas mesmo assim o disse, não com raiva, mas no interesse da liberdade. Mulheres demais cedem nesse ponto & secretamente se ressentem da sua falta de egoísmo em silêncio – um clima ruim. O clima entre nós decididamente melhorou depois disso; Tommie [Tomlin] veio passar o fim de semana, & eu estou mais uma vez cheia de trabalho, sob grande pressão, interessada, & pelo visto um tanto incapaz de esclarecer, até mesmo aos meus próprios olhos, a minha temporada de profundo abatimento.

Se quiser evitar isto no futuro, recomendo, em primeiro lugar, atividade cerebral incessante; leituras & planejamento; em segundo, um sistema metódico para convidar as pessoas a virem para cá (o que será possível, com Nelly obediente & satisfeita); em terceiro, mobilidade crescente. Porque ano que vem talvez eu combine definitivamente de ver Ethel Sands. Com meu carro terei mais mobilidade.

Mas se eu desejo evitar essas tristezas é sempre uma questão. Em parte elas resultam de se ter liberdade, & possuem um interesse psicológico que não existe no estado costumeiro de trabalho & desfrute. Essas 9 semanas obrigam a pessoa a mergulhar em águas profundas; o que é um pouco alarmante, mas de enorme interesse. O resto do ano passamos (eu diria com justiça) restringindo & controlando essa imensurável & estranha alma. Quando ela se expande, apesar de ficarmos amedrontados & entediados & melancólicos, é, como digo a mim mesma, terrivelmente estranho. Nisso há uma vantagem que sinto ter grande importância, de quando em vez. Afundamos até o poço & nada nos protege do assalto da verdade. Lá embaixo eu não consigo escrever ou ler; & contudo existo. Eu sou. Daí me pergunto o que sou eu? & recebo uma resposta menos lisonjeira do que a que receberia na superfície – onde, verdade seja dita, recebo mais elogios do que mereço. Mas os elogios passarão; & ficaremos sozinhos com este ser estranho na velhice. Ainda bem que no fim das contas acho isso tão interessante, apesar de tão agudamente desagradável. Além disso, também posso,

com esforço, ter muito mais consideração pelos sentimentos de L.; & assim manter com mais constância nosso nível costumeiro de intimidade & bem-estar: um nível que, creio eu, nenhum outro casal casado há tanto tempo alcança & mantém com tanta regularidade.

30 de setembro

Gostaria de ter acrescentado alguns comentários a isto, sobre o lado místico dessa solidão; que no fim o que nos resta não somos nós mesmos, mas algo que pertence ao universo. É isso o que me amedronta & empolga em meio à depressão, tristeza & tédio profundos, ou seja lá o que for: vemos uma barbatana passar ao longe. Que imagem buscar para expressar o que quero? Sinceramente acredito que não exista nenhuma. O mais interessante é que antes, em meio a todo o meu sentir & pensar, eu nunca tivesse topado com essa constatação. A vida é, sóbria & precisamente, o mais estranho dos assuntos; traz em si a essência da realidade. Eu costumava sentir isso quando criança – fui incapaz de saltar uma poça de água certa vez, eu me lembro, por pensar que estranho – que sou eu? &c.⁹⁶ Mas escrevendo eu não alcanço nada. A única coisa que pretendo fazer é anotar um estado de espírito singular. Arrisco dizer que isso seja o impulso por trás de um novo livro. No momento minha mente está totalmente em branco & virgem de livros*. Quero observar para ver como a ideia surge pela primeira vez. Quero rastrear o meu próprio processo.

* Talvez *As ondas*
ou *As mariposas*
(out. 1929)

Fiquei deprimida hoje mais uma vez porque Vita não veio (& ao mesmo tempo aliviada); tive de segurar a escada para L. no jardim, quando o que eu queria mesmo era escrever; ou experimentar o vestido de Nessa, apesar do ligeiro medo de que não ficasse dos melhores.

Mas engavetarei o problema do vestido sob os seguintes princípios. Terei um dia para comprar roupas baratas; & um bom vestido de Brooke; agora estou menos cheia de dedos com as restrições, uma vez que tudo o que preciso fazer é escrever & me açoitara para ganhar, digamos, umas £50 extras por ano para esbanjar com minhas próprias extravagâncias. Não me permitirei mais ficar arrasada no meio da noite por causa de um casaco de £3, nem sentirei receio de almoçar fora por “não ter o que vestir”. Segurar as coisas com firmeza & coragem é o que se deseja. Aqui entro na questão da ordem & tudo o mais, como uma criada adquirindo mantimentos. Em breve, daqui a exatamente uma

⁹⁶ Cena que será entregue a Rhoda, de *As ondas*.

semana, não terei mais tempo para tristezas e introspecções. A questão será apenas, “Quando posso visitar você?” Betty Potter⁹⁷ já começou.

Agora preciso esquematizar um pouco o meu livro de crítica.

Sábado, 30 de
outubro

Será apenas quando posso visitar você!⁹⁸ – quão verdadeira essa profecia, apesar de ter sido feita na umidade & solidão de Rodmell. Segunda-feira Ozzie Dickinson, quarta, Lady Colefax, quinta Morgan para conhecer Abel Chevalley, jantar no Wells para conhecer Arnold Bennett, de sexta a segunda Long Barn. Assim a semana desliza ou se agarra aos meus dedos; raiva tristeza alegria, uma mistura de tédio & elação: sou o costumeiro campo de batalha de emoções; penso alternadamente em comprar poltronas & roupas; continuo lentamente mas com certo método a revisão de *Ao Farol*; discuto com Nelly (que hoje apanharia o trem da tarde porque contei uma mentira sobre um telefonema), & assim vamos m frente. Maurice Baring & os Sitwells me enviam seus livros; Leonard avança resolutamente, agora está cuidando do que ele chama de “correspondência”; as dobradiças da máquina de impressão rangem de leve; Mrs C.[artwright]. fugiu com meus óculos: acho os Veados um tédio; tanto quanto o macho ordinário; & deveria agora estar trabalhando em meu livro para a Editora. Todas essas coisas se ombreiam lado a lado na tela do meu cérebro. De quando em quando, eu me ponho a pensar (anoto isso, pois ficarei de olho no advento de um novo livro) em uma mulher solitária [palavra ilegível] um livro de ideias sobre a vida. Isso se intrometeu apenas uma ou duas vezes, & de modo bastante vago: é uma dramatização de meu ânimo em Rodmell. Será uma tentativa de algo místico, espiritual; aquilo que existe quando não estamos ali. Quanto aos assuntos externos, fomos passar o fim de semana em Cambridge; aquecemo-nos no Bull – aí está um bom tema – Hotel. Muitas pessoas de Macclesfield conversando sobre carros. Mães, para mim patéticas, olhando meio timidamente para seus filhos, como se menosprezassem a idade deles. Uma vida inteira abriu-se para mim: pai, mãe, filho, filha. Só o pai toma vinho. Um homem enorme, como um anúncio do Poder: sentado na poltrona. Papai o senhor vai sofrer aí disse a garota, ela própria bovina. A mãe um mero

⁹⁷ Nome artístico de Elizabeth Meinertzhagen, atriz não muito bem-sucedida que VW tentara ajudar quando apresentara comportamentos suicidas alguns anos antes. Ver L2, 1235. (AOB)

⁹⁸ Exemplo de entrada em que ela inicia retomando a anterior.

fiapo; sentada de olhos fechados; passara horas dirigindo descrevendo personalidades de criadas.⁹⁹ Será que irei me lembrar de alguma dessas coisas? Depois, Gosse apresentando Vita na Royal _____ qualquer coisa. Nunca vi a hierarquia completa da lit. exposta tão abertamente. Gosse, um ornamento num bule de chá: abaixo dele fileira após fileira de velhas viúvas robustas cujos maridos haviam sido professores, especialistas em besouros sem dúvida nenhuma, professores universitários meritórios; & essa boa gente, que ruminava chá & refletia todas as profundezas dos subúrbios tingidos de literatura, a querida Vita chamou de “O Homem Oco”.¹⁰⁰ Leu sua palestra em tons tristes & lúgubres como os de um garotinho; seu rosto pendular de classe próspera, cintilando por baixo de um chapéu preto nos fundos de uma sala enfumaçada & sombria, parecia extremamente ancestral, como um quadro envidraçado numa galeria. Ela foi bajulada pelo quitandeirozinho garboso, Gosse, que a todo instante girava nos calcanhares para lhe lançar elogios & lacerar os bolchevistas; num tom irônico que parecia rechaçar qualquer coisa que dissessem dele & enrolar em torno de todos, com cada vez mais força, as cortinas de veludo vermelho da respeitabilidade. Lá estavam Vita, inocente demais para enxergar isto, [Philip] Guedalla & [John] Drinkwater. Não me arrependo do meu balbúcio mais insano & tolo, desde que tenha causado mesmo que o mais leve arranhão em tanta respeitabilidade. Mas, desnecessário dizer, nenhuma palavra minha exerceu o menor efeito. Gosse sobreviverá a todos nós. Agora, como consegue? A mim entretanto ele pareceu, com sua ironia & inquietação, de certa maneira incomodado. Uma espécie de capacho negro se levantou; ao que parece era Lady Gosse. Daí direto para casa, com Dotty [Dorothy Wellesley] irritadíssima por terem lhe empurrado [George] Plank goela abaixo. No fim das contas, entretanto, ela deu um jeito de chegar até aqui. Noite dessas voltei com Vita depois de uma peça. Ela estava deitada, adormecida em Mount Street, no andar de cima da casa: mal se via a mobília grande & clara em torno – com um cachorro em sua cama.

⁹⁹ Costumava-se mandar cartas para as agências de empregados domésticos, com descrição do tipo de criado que se desejava.

¹⁰⁰ Vita Sackville-West ministrou uma palestra na Royal Society of Literature em 27 out. sobre tendências da poesia inglesa moderna”, terminando com o seguinte fragmento de um poema de T. S. Eliot: “Remember us – if at all – not as lost/Violent souls, but only/ As the hollow men”. (AOB)

Acordou falante & histérica. Virginia Woolf Virginia Woolf Meu Deus! Virginia Woolf está aqui. Pelo amor de Deus Vita não acenda a luz. Nada de luz sua idiota! Mas não consigo encontrar o alella, murmurou Vita. Acabou encontrando, porém.¹⁰¹ Sentamos & bebemos. Vultos ensombrados de taças & objetos, um quarto que eu nunca tinha visto; uma mulher que eu mal conhecia; Vita ali entre nós duas, íntima de ambas; elogios, extravagância, completa compostura interior da minha parte, & depois de volta para casa.

23 de novembro Aqui devo antes de mais nada fazer a resolução de encontrar um livro longo & sólido para ler. O quê? Tristram Shandy? Memórias de franceses? Isto vem depois de uma conversa durante o chá, sobre Angus. Ele não serve, diz L.: nunca dará um bom administrador. Então o que será, mais uma tentativa ou a Cape, ou a Secker? Essas dificuldades são recorrentes. Não me agradaria muito escrever para a Cape; contudo se a Editora está pesando em nossos ombros, não faz grande sentido esperar mais. Ano que vem L. acredita que poderíamos vendê-la com vantagem. Ela nos dá uma vida repleta: mas por outro lado a vida já anda bastante repleta assim como está. Colefax complica o quadro – Colefax é a morte deste livro.¹⁰² Pois acaso não estou sempre lendo seus garranchos ou respondendo-os? Isso culminou na semana passada quando ela e eu jantamos a sós, frango frio. Percebi que conversávamos socialmente, e não intimamente, ela de pérolas (falsas segundo Vita) acendendo um cigarro no outro: como uma mesa telefônica saltando de uma chamada a outra à simples menção de nomes. Geoffrey Scott, Percy Lubbock, não importa. Perfeitamente competente, &, para seus propósitos, eficiente. Ela é, insisto, uma mulher pública: todos os seus sentidos estão sintonizados nesse discurso. O sistema não funciona no modo privado, embora ela fosse muito ansiosa, pobre mulher aspirante, ligeiramente desconfiada & inquieta, para que funcionasse. Ela me contou como até o casamento viveu atrás de velhas senhoras & seus trabalhos de tricô. Então, com o casamento, mas ela tinha apenas 19 anos, ela se liberou: decidiu viver, como a mãe de Violet, que se inclinou à janela do Palácio de Auckland &

¹⁰¹ VW e Vita Sackville-West tinham ido assistir a *As três irmãs*, de Tchekov. Dorothy Wellesley possuía um apartamento em Londres em frente ao Hyde Park. Alella é um vinho branco catalão. (AOB)

¹⁰² Do diário.

disse, a um velho que vendia arenque defumado, Isso é vida?¹⁰³ Mas agora, aos 50 anos de idade, ela pergunta novamente, Isso é vida? – correndo de um lado a outro, frequentando & oferecendo jantares; sem jamais conseguir concentrar-se num canto, & secretamente, em minha opinião, sem desejá-lo, embora finja que sim, já que ela tem o hábito do fingimento. Isso serve bem para ela, mas para mim não. Portanto não nos amalgamamos de fato; eu tenho as minhas reservas, ela as dela. Então chegou Dadie, de certa maneira para nosso alívio; depois Sir Arthur [Colefax], animado, entusiasmado, competente, dando tapinhas nas costas dela, controlando-a, sendo por ela mimado (ela regride aos seus dias de menina dissimulada, quando podia comer sopa & batatas sem a menor preocupação com a silhueta) na beirada da manta suja puída da minha poltrona da Heals.

Todas essas coisas passam-se vertiginosamente. A fama cresce. As chances de conhecer tal pessoa, de fazer tal coisa, acumulam-se. A vida, como digo desde os 10, é imensamente interessante – se tem alguma diferença, é mais rápida & aguçada aos 44 que aos 24 –, mais desesperada suponho, à medida que o rio corre para o Niágara – minha nova visão da morte; ativa, positiva, como todo o resto, excitante; & revestida de grande importância – como uma experiência.

“A única experiência que eu nunca irei descrever”, falei para Vita ontem. Ela estava sentada no chão com sua jaqueta de veludo & saia de seda listrada, enquanto eu fazia montinhos de grandes ovos lustrosos com suas pérolas. Viera a Londres para me ver– ou seja, nós duas seguimos firmes – um caso vibrante, louvável, eu acho, inocente (do ponto de vista espiritual), que tem apenas vantagens, eu acho; um tanto tedioso para Leonard, mas não o bastante para deixá-lo preocupado. A verdade é que existe espaço para uma boa dose de relacionamentos. Depois ela volta para a Pérsia, com Leigh Ashton – aquele vira-lata um tanto estropiado de voz baixa & focinho sujo, que está sempre sendo escoraçado com o rabo entre as pernas, mas que oferece, segundo dizem, jantares de ostras.

Estou refazendo seis páginas de Ao Farol por dia. Creio que a coisa não segue tão rápido quanto Mrs. D.: mas porque eu o considero

¹⁰³ A mãe de Violet Dickinson era filha do Barão de Auckland, cujo palácio ficava em Wells, não em Auckland. (AOB)

rascunhado demais, & preciso improvisar na máquina de escrever, o que considero bem mais fácil do que reescrever a mão. Minha atual opinião é que é facilmente o melhor dos meus livros, mais repleto que J.'s R & menos espasmódico, ocupado com coisas mais interessantes, do que Mrs. D, sem as complicações de todo aquele desesperado acompanhamento da loucura. É mais livre & sutil, acho. Porém ainda não tenho ideia para nenhum outro na sequência: talvez isso signifique que tornei meu método perfeito, & agora ele ficará como está, servindo a qualquer uso que eu deseje lhe dar. Antes, o desenvolvimento do método trazia à tona novos assuntos, porque eu enxergava a oportunidade de conseguir expressá-los. Contudo, agora sou assombrada de quando em vez pela vida semimística & bastante profunda de uma mulher, que deverá ser narrada quando chegar a ocasião; & o tempo será completamente obliterado; o futuro de alguma maneira irá desabrochar do passado. Um incidente – digamos a queda de uma flor – poderá abarcá-lo. Minha teoria é que o fato real praticamente inexistente – tampouco o tempo.¹⁰⁴ Mas não quero forçar isso. Preciso escrever meu livro para a Série [Hogarth Lectures on Literature].

Sábado, 11 de dezembro

Nunca pude pagar 2/ por uma boa peça de chamois, porém compro uma dúzia de caixas de fósforo por 1/6.

Já perdi as esperanças de ser bem-vestida.

Violet Dickinson acaba de passar por uma terceira cirurgia complicada & fui a uma velha loja de antiguidades em vez de visitá-la.

Leonard foi almoçar com Maynard, & um embrulho registrado volumoso acaba de chegar com a dissertação de Dadie.

Agora são quase 3.30.

Uma certa superstição me impede de ler a autobiografia de Yeats, como eu gostaria.

Estou bastante feliz neste momento: tendo organizado bem a minha semana como um todo.

Mas ando um tanto inescrupulosa. Desmarquei com os Stephens, em Thorpe: & provavelmente irei para Knoke.

Uns pensamentos para preencher o tempo até o jantar.

¹⁰⁴ VW já antevia *As ondas*. Note-se como sua abordagem sobre o tempo e a realidade ("o fato real praticamente inexistente – tampouco o tempo") aprofunda-se depois de *Ao farol*. Para mais sobre isso, ver p. 137.

Um artigo inteiro só sobre Londres:

Como o tinteiro de Vita florescia em sua mesa.

A vaidade de Logan: Escrevo tudo oito vezes...

(Então é assim que se faz, pensei: ele imaginou que esta fosse a única maneira de escrever como eu)

No entanto todos os meus pensamentos perecem no mesmo instante. Eu os crio com tanta vastidão. Como anestesiar a fisgada de um comentário desagradável: repetindo-o & repetindo-o de novo & mais uma vez. Fui a pé até a Violet; levei-lhe um cravo vermelho & outro branco. Meus sentimentos despertaram à medida que eu me aproximava. Visualizei a cirurgia enquanto esperava na soleira.

Também criei uma passagem para Ao Farol: sobre as pessoas que se vão & o efeito disso nos sentimentos dos outros.

Mas ler Yeats leva minhas frases para um lado: ler Sterne, para outro.

Sexta, 14 de janeiro

Não é o certo, mas como não tenho um livro novo, devo registrar aqui (foi aqui também que registrei o início de *Ao Farol*) devo registrar aqui o seu fim.¹ Neste momento acabo de concluir essa lida. Agora está pronto para que Leonard o leia na segunda. Assim sendo, eu o concluí alguns dias depois do início do ano, & fico agradecida por mais uma vez me ver livre dele. Desde 25 de outubro que venho revisando & redatilografando (alguns trechos 3 vezes) & sem dúvida deveria continuar em frente; mas não consigo. O que sinto é que é um livro rijo, musculoso, & nesta idade isso prova que existe algo dentro de mim. Ele não se esgotou nem se tornou frouxo, ou pelo menos foi essa a minha impressão depois de o reler.

Sábado, 23 de janeiro

Muito que bem, Leonard acabou de ler *Ao Farol* & disse que é disparado o meu melhor livro, & “uma obra-prima”. Disse isso sem que eu lhe perguntasse nada. Voltei de Knole & sentei ao seu lado sem lhe fazer perguntas. Chamou-o de absolutamente novo, “um poema psicológico”, foi assim que o chamou. Um avanço em relação a *Dalloway*: mais interessante. Depois desse imenso alívio, minha cabeça deixa de lado a coisa toda, como de costume, & eu me esqueço do livro; só vou tornar a preocupar-me quando chegarem as provas &, depois, quando ele sair.

Fomos para a Cornualha (ousarei eu descrever Will,² se o estou ouvindo falar no quarto ao lado? – hoje é domingo – ele janta conosco). É um homenzinho irritadiço & de sangue aguado, todo vaidoso, rabugento, agitado, uma pilha de nervos. Ka é matronal, mas substanciosa. Algumas imagens eu retive – uma delas do vale à luz da tardinha – mas as outras não passaram de desbotadas impressões da vida suspensa & imobilizada pelo frio, & o Mervyn uma boquinha nervosa: toda rachada, fria.³ Por esses motivos voltamos para casa um dia antes do previsto, & na manhã seguinte recebi uma carta do New York H.[erald] & T.[ribune] convidando-me a ir até lá, com passagens pagas, 120 no meu bolso & talvez despesas pagas, para escrever 4

¹ Note-se o pedido de desculpas por ter continuado escrevendo no mesmo livro de 1926. Como de praxe, mantive a repetição (aqui de “devo registrar aqui”, que denota a rapidez com que Woolf escrevia seu diário.

² Os Woolfs tinham ido passar o Natal na Cornualha com Ka e Will Arnold-Foster e voltado em 28 dez. (AOB)

³ Mervyn, irmão de Will Arnold-Foster, fora integrante da guarda de granadeiros do exército britânico e morreu em maio de 1927 em decorrência de pneumonia e das sequelas da guerra. (AOB)

artigos. Aceitamos, com algumas condições; mas nenhuma notícia ainda. Enquanto isso hesitamos, pois se Leonard for comigo, provavelmente teremos de tirar £150 do nosso bolso. É o que parece. Apesar de a aventura ser tentadora, quase nunca se deve encarar sem necessidade a labuta para ganhar dinheiro. Poderíamos ir para a Grécia, ou a Itália, com menos.

E Nessa viajou, pobre criatura. Fui até lá dois dias atrás & a encontrei lívida ao telefone; Elly do outro lado da linha dizendo que a doença de Duncan provavelmente era tifo.⁴ Creio que um casamento amigado torna esses momentos ainda mais devastadores: fica a sensação de angústia encoberta eu acho; de insegurança. Angus manda as cartas mais cautelosas & alarmantes. Enfim, ela partiu ontem em meio a uma nevasca, & nos beijamos na calçada sob a neve. Somos muito próximas – é um grande alento para mim. Vita viaja sábado.⁵ Amanhã janto com ela nos Colefaxes: uma festa luminosa: sem roupas de gala: meu cabelo solto pelas costas como de costume. E que importância tem isso? Cheguei a essa questão filosófica em Knole na outra noite, com a dadivosa, feminina Mrs. Rubens & Vossa Senhoria, a epítome do nobre inglês decadente, digno, amaciado, impotente; respeitável à sua modesta maneira, creio eu.⁶ Mas nunca gostei de festas. Os bailes do Palácio de Buckingham sim, vale a pena olhar. Ele passa o dia em comitês em Maidstone; entrevista párocos quanto a benefícios eclesiásticos; interessa-se por xadrez & romances policiais. Vita me guiou pelos 4 acres do castelo, que ela ama: muito pouca beleza consciente para o meu gosto: salas miudinhas com vistas para os edifícios: nenhuma vista: entretanto uma ou duas coisas permaneceram: Vita a passos largos em seu vestido turco andando pela galeria, acompanhada de dois garotinhos, bafejando-os para a frente como um alto veleiro – um bando típico da nobreza inglesa: cachorros desabalados, crianças amontoadas, tudo muito livre & pomposo: & uma

⁴ Duncan Grant tinha ido para Cassis com a mãe e a tia no começo de janeiro. Ao chegar caiu de febre. Angus Davidson foi visitá-lo de férias e, encontrando-o muito doente, ligou para Vanessa para alertá-la. Ela, que já planejava passar alguns meses com Duncan pintando lá, partiu para a França em 22 de jan; ao chegar o encontrou mais restabelecido. (AOB)

⁵ Vita viajou para a Pérsia, acompanhada de Leigh Ashton e Dorothy Wellesley, em 28 de jan., depois de passar a maior parte da manhã com VW. (AOB)

⁶ O pai de Vita, Lionel Sackville-West, 3º Barão de Sackville, foi abandonado pela esposa, Lady Sackville, em 1918. Ele então instalou a cantora Olive Rubens, sua amante, e o marido dela, Walter, em Knole, mas como a ex recusou-se a separar-se dele, jamais ficou livre para casar-se com Mrs. Rubens. (AOB)

carroça trazendo a madeira para ser cortada pela grande serra circular. Como você enxerga tudo isso? perguntei a Vita. Ela respondeu que enxergava aquilo como algo que acontecia da mesma maneira há centenas de anos. Eles mandavam trazer madeira do parque para abastecer suas grandes lareiras há séculos: & há séculos suas ancestrais assim caminhavam pela neve, levando seus grandes cães na coleira. Todos os séculos pareceram ficar iluminados, o passado era expressivo, articulado; não mudo & esquecido; por detrás dele havia uma multidão de pessoas, nem um pouco mortas; nenhuma delas notável; todas de belos rostos, de membros compridos; afáveis; & dessa maneira chegamos facilmente até os tempos elisabetanos. Depois do chá, enquanto procurava cartas de Dryden para me mostrar, ela encontrou por acaso uma carta de amor de Ld Dorset (século 17) com um cacho de seu cabelo loiro macio, que segurei por um instante. A sensação era de que eles geralmente submersos estavam sendo puxados para a superfície, para a luz. Fora isso nenhuma sensação particular de reverência, nem de grande diferença ou distinção. Eles não são uma raça brilhante. A amplitude & o decoro daquilo tudo me espantaram. Ao voltar para casa encontrei Marjorie Strachey, Tom Eliot, Nessa & Roger. Um pouco restringido nosso grupo: nenhuma conversa sobre o clero ou o campo; mas quão vivaz & ágil se comparado a⁷

⁷ Texto termina aí. O livro de 1926, também.

1927

Quinta, 3 de fevereiro

O destino sempre conspira para que eu inicie o novo ano em fevereiro. Eu me pergunto, por que outro volume? (mas temos uma inovação: este aqui não é um livro & sim um bloco de anotações – tanta preguiça que sinto nos últimos tempos em encadernar livros para escrever!).⁸ Qual o propósito deles? L. ao apanhar um dos volumes no outro dia disse que Deus o guarde se eu morrer primeiro & ele tiver de ler tudo aquilo. Minha caligrafia vai piorando. E eu, será que digo alguma coisa de interessante? Sempre se pode gastar uma hora ociosa lendo-os; & além do mais, ah sim, a partir deles vou escrever minhas memórias, um dia. Isso me faz lembrar dos Webbs: aquelas 36 horas extenuantes em Liphook numa pensão enfática, com livros azuis pelos corredores;⁹ & aquelas pessoas absolutamente devotadas – com isso quero dizer absolutamente integradas. Seu segredo é que por natureza não possuem divisões na alma que lhe torrem o tempo: o impacto delas é sólido & inteiriço. Quando não se tem olhos & ouvidos (mas Mrs. Webb ouviu a conversa & prefere Mozart a Hendel, eu arrisco dizer) é possível dedicar mais peso sobre o pão de cada dia, ou seja lá qual seja a substância que se tenha diante de si. Numa manhã cortante & chuvosa atravessamos rapidamente uma charneca, conversando. Na eficiência & desembaraço deles é possível identificar um maquinário perfeitamente ajustado; mas conversar com máquinas não encanta, nem sugere nada: apara a grama do espírito rente à raiz. Estou com pressa demais para escrever. E Mrs. W. anda muito menos ornamental que outrora: um fiapo desalinhado sem vida, com uma mancha na saia & uma chave na corrente do relógio de bolso; como se tivesse se preparado para um combate, arregaçado as mangas & aguardasse pelo fim, mas continuasse seguindo em frente.

⁸ Observação sobre a forma de seus diários. VW costumava ela mesma encadernar os livros que usava para escrever diários.

⁹ Os Woolfs tinham passado a noite de 29 jan. na casa de Beatrice e Sidney Webb em Surrey. (AOB)

Sábado, 12 de
fevereiro

Exatamente o que aconteceu no caso Clive Mary não sei. Então ele mesmo não admitiu encabulado outra noite na cozinha que ia adiar a coisa até março? mas então tarde dessas, como que por acaso, todo casual & garbosamente me conta, aqui, que iria de qualquer jeito. E Mary, não vai se importar? E daí se ela se importar? – foi praticamente essa a resposta dele.¹⁰

A prosa de Vita é fluente demais. Andei lendo-a, & ela faz a minha pena correr. Sempre que leio um clássico, eu me sinto refreada & – castrada não: não, o contrário; não consigo pensar na palavra certa neste momento.

Se eu estivesse escrevendo P[assenger] to T[heheran] deixaria escorrer poças inteiras dessa água colorida; & depois (acho) encontraria o meu próprio método de ataque. Acho que é minha distinção como escritora torná-lo claro & fazer da minha expressão a exata. Se estivesse escrevendo relatos de viagem esperaria até que emergisse algum ângulo: & então investiria nele. O método de escrever narrativas agradáveis não pode estar certo; as coisas não acontecem na cabeça dessa maneira. Mas ela é muito talentosa & tem uma voz de ouro. Isso me faz lembrar que preciso ler Ao F. amanhã & segunda, tão logo saia do prelo; de uma sentada só pela primeira vez, dando vazão aos meus métodos curiosos. Quero ler frouxa & livremente primeiro: & só depois me aborrecer com os detalhes.

Mas estou me esquecendo, depois de 3 dias, do acontecimento mais importante da minha vida desde o casamento – assim Clive o descreveu: Bobo [Beatrice Mayor] tosou-me. Mr. Cizec [cabeleireiro] frisou meu cabelo. A partir de agora terei cabelos curtos para a vida toda. Uma vez que já não tenho, penso eu, nenhuma pretensão de ser bonita, a simples conveniência já torna isso uma coisa desejável. Toda manhã vou apanhar a escova, enrolar a velha mecha em torno do meu dedo & prendê-la com grampos & então, com um espanto de alegria, não, já não preciso mais. Na frente não houve mudança; atrás pareço o traseiro de uma perdiz. Isso leva embora metade dos terrores dos jantares; como prova, vou “jantar fora” (a distinção é clara: Roger & Clive & Bloomsbury não saem para jantar fora) com Ethel [Sands] & os

¹⁰ Clive tinha anunciado a decisão de romper com Mary Hutchinson e ausentar-se da Inglaterra durante alguns meses para escrever um livro. Mudou de ideia, mas no início de fevereiro viajou para juntar-se a Vanessa e Duncan em Cassis. (AOB)

[Hubert] Hendersons. No mais – este foi um outono do tipo alegre & tropical, cheio de Vita, Knole & viagens: estamos quem sabe um pouco mais livres do trabalho & da Editora. Porém, agora que Nessa não está, Clive não está, Duncan não está, Vita não está, o tempo do afinco se instala: estou lendo & escrevendo num ritmo veloz; pretendo “terminar” Morgan;¹¹ atacar meu livro sobre ficção; & ganhar todo o dinheiro que desejamos para a Grécia & um carro. Devo registrar que os primeiros sintomas do Farol são desfavoráveis. Roger, está na cara, não gostou de O Tempo Passa.¹² A Harpers & a Forum recusaram a compra dos direitos exclusivos de publicação; a Brace escreveu, creio, com muito menos entusiasmo do que em relação a Mrs D. Mas essas opiniões referem-se ao original bruto, não revisado.¹³ E seja como for eu me sinto calejada: a opinião de L. me mantém firme; não sou nem uma coisa nem outra. Ontem Wells pediu para publicarmos um texto seu.¹⁴ Para nós isso significa um gigantesco avanço neste mundo; & chega em cima de uma conversa um tanto seca com Angus. L. disse que ele não “administra”. Angus recusa-se a ceder um centímetro que seja. Não consegue entender o que está em questão. Além disso, segundo diz, o que ele há de fazer se for embora? Ele não quer ir. Embora às vezes se sinta “farto”, gosta mais daqui do que da maioria dos empregos. Porém estou convencida de que precisamos, a editora precisa, de um fanático no momento; não desse cavalheirismo silencioso & amigável. Estou irritada de tanto cuidar dos cartões & envelopes; & L. trabalha duas vezes mais que eu.

Segunda, 21 de
fevereiro

Por que não inventar um novo tipo de peça – como por exemplo.
Mulher pensa: ...

¹¹ O artigo “The Novels of E. M. Forster”, que foi publicado em novembro daquele ano na *Atlantic Monthly*. (AOB)

¹² A seção intermediária de *Ao Farol*, O Tempo Passa, foi publicada em Paris na edição de inverno de 1926 da *Commerce*, com tradução de Charles Mauron, amigo de Roger Fry. A opinião de Woolf parece não ser descabida; Fry assim escreveu à mulher: “Para falar a verdade, não creio que esse texto pertence à melhor safra dela” (carta n. 590). (AOB)

¹³ As edições americana e inglesa de *Ao Farol* foram ambas publicadas em 5 de mai. 1927. Segundo AOB, ao que parece foram produzidas diversas cópias de revisão do livro e pelo menos três delas teriam sido enviadas aos EUA. Como existem discrepâncias entre o texto da edição inglesa e o da edição americana, notadamente na seção O Tempo Passa, parece provável que VW tenha feito emendas na prova que tinha em mãos, e que estas tenham sido incorporadas na edição inglesa, mas não enviadas aos EUA.

¹⁴ *Democracy Under Revision*, texto de uma palestra que H. G. Wells proferiu na Sorbonne em 15 mar. de 1927, foi publicado pela Hogarth Press naquele mesmo mês. (AOB)

Ele faz.

Órgão toca.

Ela escreve.

Eles dizem:

Ela canta:

A noite fala:

Eles sentem falta

Acho que poderia ser algo nesta linha – embora agora eu não consiga saber o quê. Distante dos fatos: livre; & no entanto concentrado; prosa, & no entanto poesia; romance & peça.

Mas hoje é Segunda, 28 de fevereiro

& entrei em outro fluxo de pensamento, se é que pensamento é a palavra certa.

Deixe-me recolher alguns troncos, que passam flutuando pela minha cabeça, para representar os últimos dias.

Clive, parado à porta.

Ela chora pelo impossível.

Era sobre Mary. Dito isso, ele partiu para Cassis por 3 meses. Mais uma vez, se Mrs. Woolf não acha que eu valho um centavo furado, eu disse – essa era Rose Bartholomew à porta de sua casa sexta à noite. As frases subitamente me parecem tão significativas, porém depois eu as esqueço. Meu cérebro está bastante estagnado. Gosto de Ao Farol? Creio que estou desapontada. Mas Deus sabe. Preciso lê-lo novamente.

Acaba de chegar uma carta de Vita & Dottie. Ela não é uma correspondente explícita. Mas devo estar afeiçoada por ela, genuinamente, para tomar o susto que tomei ao ver a letra de Dottie, pensando que ela tivesse escrito para contar que V. estava doente.

No mais acho Cowper um bom poeta. Gostaria de escrever sobre ele. Devemos ir à Grécia, à Itália ou à França? Boa coisa não ter dedicado o meu livro a Roger.¹⁵ Isso eu constatei na presença dele, na outra noite. Ele jantou aqui com Raymond. Intelectualmente falando, Raymond é de casta inferior. Roger um aristocrata puro. Philip [Ritchie] chegou, com os olhinhos verdes embaçados & congestionado pela bebida. Daí seguimos para Rodmell. E agora o vento está fazendo a tela

¹⁵ Exemplo de salto de ideias em um mesmo parágrafo.

de metal sobre a lareira a gás chacoalhar. Como nos protegemos dos elementos da natureza! Ao voltar para casa ontem à noite pensei, graças à civilização, eu, que agora estou com frio, molhada, & faminta, em 15 minutos posso me aquecer, ficar feliz & satisfeita & ouvir um 4teto de Mozart. E foi o que fiz. Esta campanha pode ser Tom. Não. Tom não sobe as escadas correndo – só as classes baixas fazem isso. E creio que não sairei para andar na chuva, embora vá passar esta semana inteira dando longas caminhadas românticas por Londres. Consegui quebrar o pescoço daquele ganso cinzento histérico – a alta sociedade. Não existe nada a temer em ir jantar com Ethel [Sands] ou Sybil [Colefax] – estou tosada agora. Giramos em falso por um instante, mas em seguida nos endireitamos sobre nossos próprios pés. Enfim, em relação à Alma: a alma naufragou até o fundo. Minha cabeça está vazia esta noite, tanta saudade que sinto de Nessa, & todo esse prelúdio da Primavera – o vago desconforto, a melancolia, a sensação de ancoragem. Porém minha intenção é trabalhar com mais & mais afincado. Se eles – os respeitáveis, os meus amigos, desaconselharem O Farol, escreverei memórias; tenho já o plano de pôr as mãos em manuscritos históricos & escrever as Vidas das Obscuras¹⁶: mas por que finjo que seguirei esses conselhos? Depois de umas férias as velhas ideias me procurarão como de costume; parecendo mais frescas, mais importantes do que nunca; & então eu zarparei uma vez mais, sentindo aquela empolgação extraordinária, o ardor & a luxúria da criação – o que não deixa de ser estranho, se o que crio é, como pode muito bem ser, absolutamente ruim. Hoje comprei um relógio de pulso novo. Ontem fui de fininho até a cama de L. fingir uma briga por pagar nossas passagens para Rodmell. Agora é terminar Passagem para a Índia.

Sábado, 5 de março

Os dois um tanto fatigados & com dor de cabeça. Esta é a reta final do ano, que é sempre a pior. Concluir um livro, ou seja, corrigir as últimas provas, sempre é um tormento. E depois ando escrevendo um tanto incessantemente, uma coisa atrás da outra. Uns dias de folga, sem precisar decidir o jantar, nem atender telefonemas, nem receber pessoas, será um milagre divino. Vamos a Cassis no dia 30; depois para

¹⁶ VW já tinha publicado duas dessas “vidas” (que acabaram sendo reimpressas em *O Leitor Comum*). Seu desejo de ser um “salvador avançando... para o resgate de um espírito encalhado”, segundo AOB, era recorrente.

a Sicília; & na volta passamos por Roma. O que poderia ser mais caro ao meu coração? Muitas vezes sento & penso nas coisas que vou ver. A avidez do meu olho é insaciável. A ideia de ver um lugar novo me enche de empolgação. Eu agora imagino paisagens da Sicília. Penso na Campagna cinzenta à tardinha. Ultimamente ando bastante assoberbada com o fundo de Eliot, & por trás da diplomacia das damas – isto é, Chrissie & Sybil:¹⁷ tanta afabilidade, tanta desconfiança mútua, & tão imenso o desejo de elogios. Molly veio aqui tomar o chá; & não conseguia parar de pensar em seus próprios problemas, primeiro rindo deles – Desmond é um bom homem &tc: depois pondo o riso de lado & tornando-se cada vez mais & mais escancaradamente preocupada. Sybil a interrogara sobre suas dívidas. A tais indignidades a pobreza expõe as pessoas. Portanto eu lhe disse a verdade, ou o que, espero, seja a verdade: que os amigos estão reunindo o bastante para que eles possam viajar para o exterior, Ah que maravilha! ela exclamou, depois de passar todos esses anos sem ver a Itália ou a Espanha. “Receio que Desmond teve uma vida um tanto infeliz”, ela disse. “Mas enfim, compare com Lytton... Claro que fui extravagante ao reformar a casa... por outro lado agora podemos alugá-la.” “Rachel faz longas caminhadas à noite & lê Coleridge – Ah esse Desmond não tem jeito – parece um cachorro que sai correndo quando esquecem a porta aberta.” Assim conspiramos por sobre a lareira; sentindo-nos muito irmãs & solidárias. Desconfio entretanto do prazer que obtemos ao ajudar os amigos.

Segunda, 14 de março

Apesar de aborrecida por não ter recebido notícias de Vita nem na correspondência de hoje nem na da semana passada, aborrecida do ponto de vista sentimental & também por vaidade – ainda assim devo registrar a concepção entre as 12 & 1 de ontem de um novo livro. Eu disse que ficaria atenta aos sintomas desse processo extremamente misterioso. Durante algumas semanas depois de concluir *Ao Farol*, julguei que eu estivesse virgem, passiva, vazia de ideias. Brincava vagamente com ideias de uma flor cujas pétalas caem; do tempo totalmente visto por um telescópio como um canal lúcido que a minha

¹⁷ O encerramento do fundo para T. S. Eliot (ver 6 mar. 1923), que VW, Lady O. Morrell e Richard Audington administravam, foi adiado até janeiro de 1928. Tinham colocado em curso outro plano, por iniciativa de Christabel McLaren e Lady Colefax: ajudar Desmond e Molly MacCarthy, que estavam sempre precisando de dinheiro, a passarem férias no exterior. VW ficou encarregada de remeter um cheque para Molly.

heroína atravessaria a seu bel-prazer. As pétalas caindo. Mas nada surgiu daí. Eu me desviei do esforço – dali parecia não vir nenhum impulso, supus que meu filão estivesse esgotado. Faith Henderson veio para o chá, & eu, desbravando valentemente as águas da conversação, esbocei as possibilidades que uma mulher pouco atraente, desvalida, sozinha, poderia concretizar. Comecei a imaginar tal posição – que ela pararia um carro na estrada de Dover, & assim chegaria a Dover: atravessaria o canal: &c. Ocorreu-me, vagamente, que eu poderia escrever uma narrativa à la Defoe por diversão. Subitamente entre as 12 & a 1 concebi toda uma fantasia a ser intitulada “As Noivas de Jessamy”¹⁸ – por que motivo, eu me pergunto? Abri ao redor dela um leque de cenas. Duas mulheres, pobres, solitárias, no andar superior de uma casa. De lá é possível avistar a Tower Bridge, nuvens, aeroplanos. E velhos escutando na sala, do outro lado do corredor. Tudo deverá se misturar aos trambolhões. Será escrito da mesma maneira como escrevo cartas, a toda velocidade: sobre as damas de Llangollen; sobre Mrs Fladgate;¹⁹ sobre as pessoas que passam. Nenhuma tentativa de caracterização realista dos personagens. Sugestão de safismo. A sátira será a tônica principal – a sátira & o absurdo. As damas terão Constantinopla em vista. Sonhos de domos dourados. Até minha própria veia lírica será satirizada. Tudo vai ser alvo de zombaria. E deve terminar com reticências... pronto. Pois a verdade é que eu preciso de uma aventura depois desses livros sérios, poéticos & experimentalistas cuja forma é sempre tão minuciosamente dissecada. Quero soltar as amarras & partir. Quero incorporar todas essas inúmeras ideiazinhas & historinhas que lampejam na minha imaginação em todas as épocas. Acho que será divertidíssimo de escrever; & um descanso à minha cabeça antes que eu me lance à obra extremamente séria, mística & poética que desejo escrever em seguida. Até lá, antes de tocar nas Noivas de Jessamy, devo terminar meu livro sobre ficção, o que só acontecerá em janeiro, suponho. Posso até rabiscar uma ou duas páginas de vez em quando como experimento. E sempre é possível que

Orlando conduzindo a
As Ondas. (8 de julho
de 1933)

¹⁸ Provavelmente referência ao livro *The Jessamy Bride*, de Frank F. Moore. (AOB)

¹⁹ Eleanor Butler e Sarah Pensonby, duas mulheres de estirpe nobre, escandalizaram as suas famílias no final do século VIII ao se recusarem a casar-se e unirem-se – ao que tudo indica em um relacionamento amoroso. Foram morar juntas em um casarão na cidade de Llangollen, de onde vem a alcunha pela qual ficaram conhecidas. Mrs. Fladgate é uma referência desconhecida. (AOB)

a ideia se evapore. Enfim, isto é para registrar a forma estranha, apressada & inesperada como essas coisas de súbito se originam – uma coisa por cima da outra em questão de uma hora. Assim idealizei Jacob's Room, fitando a lareira em Hogarth House; assim idealizei O Farol certa tarde aqui, na praça.

Segunda, 21 de março

Este é o tipo de noite em que se tem a sensação de estar fora do país: a janela aberta; os tons amarelos & cinzentos das casas parecem expostos ao verão; lá fora o rumor & o clamor que tanto lembram os da Itália. Daqui a quase uma semana iniciaremos viagem. Os dias anteriores à partida me desagradam. Fui comprar roupas hoje & minha própria feiura me pegou de surpresa. Tal como Edith Sitwell, jamais consigo ter a mesma aparência que os outros – larga, alta & reta demais, o cabelo escorrido. E o meu pescoço agora está tão feio... Mas eu nunca penso nisso quando estou em casa.

Como é perturbador o verão! Esta noite nos sentaremos para ler com as janelas abertas, entretanto meu pensamento mal tocará a página & em seguida já flutuará para longe. Algo de incômodo & melancólico vai estar no ar. E parece ser o início do amplo & ardente verão londrino, o que me alarma um pouco; Vita & Harold estarão de volta; meu livro nas ruas. Iremos nos sentar na Praça. Mas não vou deixar que essas coisas me preocupem tanto. (é o que digo – mas estamos apenas em março.) Passaremos uma semana em Cassis – uma estranha ressurreição de todos nós no exterior. Tantos anos se passaram desde que Nessa, Clive & eu viajamos juntos para lá. Não com Leonard, é claro.²⁰

Meu cérebro está ferozmente ativo. Quero investir sobre meus livros como se tivesse consciência do lapso de tempo, da velhice & da morte. Deus meu, como são bonitas algumas passagens d'O Farol! Suaves & maleáveis, & profundas eu acho, nunca mais de uma palavra equivocada por página. É essa minha impressão em relação ao jantar & às crianças no barco; porém não quanto a Lily no gramado. Essa parte já não me agrada tanto. Mas o final, sim.

Hoje em dia recebo cartas demais para responder. Edith Sitwell veio para o chá: transparente como um osso branco que se apanha numa chameca, com águas-marinhas nas mãos longas & frágeis que

²⁰ VW foi para a Itália com Vanessa e Clive Bell em 1908 e 1909. (AOB)

deslizam, muito mais estreitas do que seria de se imaginar, como um leque fechado para dentro das nossas. Seus olhos são claros como pedras preciosas; & ela traja, num dia de março de muito vento, uma saia de três camadas de algodão vermelha com bolinhas. Semicerra os olhos; arrulha uma risadinha esquisita, que me faz lembrar os Fishers [primos de VW]. É tudo muito afilado & pontiagudo, o nariz mexe-se como o de uma toupeira. Ela disse que sou uma grande escritora, o que me alegrou. Muito sensível a tudo o que existe tanto nas pessoas como nos livros, disse ela. Desatou a falar sobre sua mãe, que praguejava no quarto das crianças, histérica, terrível; mandava Edith matar moscas-varejeiras. “Mas ninguém podia tomar liberdades com ela” disse Edith, que se orgulha de seu sangue angevino. Ela é um produto curioso, para mim agradável: sensível, estiolada, afetuosa, solitária, obrigada a voltar a pé para casa (existe qualquer coisa de fantasmagórico & anguloso nela) em Bayswater para ajudar a preparar o jantar. Ela disse que adoraria incluir grandes balões de psicologia, pessoas jantando, &c, nos seus poemas, mas que não tem o menor conhecimento da natureza humana, apenas desses poemas repentinos, intensos – que aliás ela me enviou.²¹ Em outras épocas ela teria sido uma freira enclausurada; ou uma velha solteirona excêntrica & reclusa no interior. Foi a estranheza de nosso tempo que a lançou ao palco dos salões musicais. Ela exalta-se na Ribalta com todo o acanhamento & a presunção da solteirona aristocrata.

Domingo, 1 de maio

Voltamos na quinta à noite de Roma; & da outra vida privada que agora planejo ter sempre, daqui em diante. Na Itália há toda uma existência à parte: isolada desta. Na Itália não se é ninguém: não se tem nome, nem vocação, nem antecedentes. E, de mais a mais, não apenas existe a beleza como também uma relação diferente com ela. No geral creio que nunca desfrutei tanto de um mês como deste. Que tamanha capacidade de desfrute nós temos! Tudo me agradou. Gostaria de não ser tão ignorante sobre a arte italiana, a literatura &c. Contudo, não consigo escrever a respeito disso, nem adentrar a grande massa de sentimentos que isso produziu em mim. Encontramos Nelly às 11.30, horário em que retornamos, na cama, com alguma afecção misteriosa no rim. Isso foi

²¹ *Rustic Elegies*, recém-publicado. (AOB)

um baque, o café foi um baque; tudo foi um baque. E depois lembrei que meu livro logo vai sair. Dirão que sou irreverente – dirão mil coisas. Acho, honestamente, que desta vez eu me importo muito pouco – até mesmo com a opinião dos meus amigos. Não tenho certeza se isso é bom. Eu me desapontei quando o li de fio a pavio pela primeira vez. Depois gostei. Enfim, é o melhor que consigo fazer. Mas será bom ler minhas coisas depois de impressas, criticamente? O que estimula é que, apesar da obscuridade, da afetação &tc, as vendas aumentam continuamente. Já vendemos 1220 no prelo, & acho que chegaremos a 1500, o que para uma escritora como eu não é nada mau. Porém, para mostrar que sou sincera, eu me pego pensando em outras coisas com absorção & esqueço que o livro sai na quinta. Leonard nem pensa no livro dele. Vita volta na sexta. Estou brava com Clive por fofocar a respeito da minha carta para Nessa.²² O tempo está bom, frio, claro; jantamos ao ar livre, uma truta.

5 de maio

O livro saiu. Vendemos (eu acho) 1690 no prelo – o dobro de Dalloway. Escrevo entretanto à sombra da nuvem carregada da resenha do Times Lit. Sup., que é uma cópia exata das resenhas de JsR & Mrs Dalloway, cavalheiresca, gentil, tímida, enaltecendo a beleza, questionando os personagens & deixando-me ligeiramente deprimida. Estou ansiosa em relação a O Tempo Passa. Creio que a coisa toda pode ser considerada branda, rasa, insípida, sentimental. Contudo, sinceramente, pouco me importa; que me deixem em paz para ruminar. Estranho o quanto essa sensação é forte em mim. Agora acho que podemos comprar nosso carro. Daqui a quinze dias nós dois estaremos deprimidos por causa de nossos livros.

Jantamos com os Wests [Katherine e Douglas] ontem à noite, tudo sólido, cintilante, amplo & espaçoso; como se eles ainda estivessem se instalando; presentes de casamento; mantas & tapetes limpos &c., tudo bonito demais para o meu gosto. Vou retornar à imundície que é meu milieu. E afinal de contas por que ela se casou com ele? Ele é como qualquer outro jornalista que finge inteligência, comum,

²² As cartas arrebatadas de VW para Vanessa da Itália foram lidas em voz alta para Clive e Duncan em Cassis, e Clive relatou-as a amigos que encontrou em Paris, ao voltar para lá. Ver L3, n. 1748, 1750. (AOB)

superficial; estava inquieto ontem à noite, com receio de que falássemos sobre Angus. Mas falamos sobre Madge.

Eu sei por que estou deprimida: é o mau hábito de imaginar a resenha que eu gostaria de ler, antes de ler a resenha que me vem à mão. Sinto-me empolgada com meu artigo sobre Poesia & Ficção.²³ Escrever para o público sempre me atiza. Espero evitar o excesso de piadas. Depois, Vita chega amanhã. Mas não quero pessoas: quero solidão: Roma.

Nelly não está; Pinker [cadela] não está; Clive volta em breve; ópera à toda; Francis querendo falar de literatura comigo; tempo bom de primavera.

Quarta, 11 de maio

Vita voltou; tudo na mesma, embora eu presuma que a relação das pessoas mude dia a dia. Clive veio com ela. Clive parece péssimo: sua estadia em Cassis foi um fracasso, ele não escreveu nada. Daí que surge a questão: terá ele ido longe demais na comida, na bebida, no fazer amor, para parar de repente agora? Ele parece estar ao sabor do acaso & incomodado, bem como estava antes de partir, só que agora sem nenhum braço forte em que se apoiar, como imaginava que teria quando foi para Cassis. Falou (sempre se afastando de si mesmo & depois retornando, de modo ambíguo, a esse centro) sobre estar ficando louco: que às vezes tinha a impressão de estar ficando louco; que a vida tinha terminado; que estava desgastado, exaurido; que isso ficava evidente ao se olhar para Julian & Quentin. Afinal, é algo ignominioso depois de uma grande recusa voltar atrás. Mary estava na ópera, numa noite quente como esta ela pensa em ouvir Wagner, ele disse. Saxon estava no andar superior, Mary & Sybil embaixo. Tudo isso foi dito com certa inveja, & entretanto também com incerteza; como se ele não soubesse muito bem qual linha seguir.

Meu livro. Que adianta dizer-se indiferente às resenhas quando os elogios, apesar de misturados à crítica, fornecem um tal estímulo que, em vez de nos sentirmos secos, ficamos muito pelo contrário inundados de ideias? Deduzo por vagas pistas, por Margery Joad, por Clive, que algumas pessoas o consideram o meu melhor livro. Até agora elogios de

²³ O artigo "Poetry, Fiction, and the Future", que VW leria em Oxford na semana seguinte, seria publicado no *New York Herald Tribune*. (AOB)

Vita; entusiasmo de Dotty; a carta de um asno desconhecido. Ninguém o leu ainda até o final, eu arriscaria um palpite; & devo ficar ainda no ar, não ansiosa & sim preocupada, por mais 2 semanas, quando isso então terá terminado.

Segunda, 16 de maio

O livro. Agora se encontra de pé, do ponto de vista da crítica – saiu há 10 dias – quinta-feira da semana passada. Nessa entusiástica – diz que é um espetáculo sublime, quase inquietante. Que é um retrato impressionante de mamãe; que sou uma retratista suprema; que ela viveu dentro da história; achou quase dolorosa esse ressuscitar dos mortos. Daí Ottoline, daí Vita, daí Charlie [Sanger], daí Lord Oliver, daí Tommie [Stephen Tomlin], daí Clive: pobre Clive – veio aqui aparentemente para elogiar este “livro maravilhoso – de longe o melhor que você já escreveu”, mas topou com Eddie [Sackville-West], que se impôs de modo resoluto, intenso; & assim ficou sentado aqui, mas tão distraído & infeliz. Pouquíssimas vezes eu o vi nesse estado de espírito – parecendo alguém que tinha despertado de um doce sonho. Mas o que será isso? Desilusão? Choque? Ele está saindo com Mary. Terá perdido a fé? Terá a névoa dançante da rapsódia o abandonado – ele que tão solidamente baseava-se na carne & na cerveja, ou melhor dizendo no champanhe. Imagine acordar um belo dia & descobrir-se uma fraude? Parte da minha loucura era isso – esse horror. Mas enfim, como bem disse Clive, você enlouquece mas se levanta de novo – & por aí se deduz que se ele enlouquecer será de vez. Vendidos 1802 de O F.: se chegarmos a 3000 ficarei como se diz por aí mais do que contente. Mervyn [Arnold-Foster] morreu – cheguei a registrar?; & por algum tempo assombrou-me a lembrança de seu rosto puritano contraído, com aqueles belos olhos azuis, tão repentinamente, tão desarrazoadamente imobilizado. O olho desempenha um papel importante nesses assuntos.

Isso aconteceu em 13 de julho

Segunda, 6 de junho
(segunda-feira de
Pentecostes)

Passei uma semana de cama com uma dor de cabeça repentina & muito intensa, & escrevo isto para experimentar, para testar meu cérebro. É uma manhã horrenda úmida & abafada de feriado – (aqui L. entra & passamos quinze minutos discutindo anúncios publicitários. O F. vendeu 2.200 & vamos reimprimir). Nessa comenta que tempo horrível quando

telefone para oferecer meia garrafa de aguarrás para ela pintar seu armário de cozinha.

Mas eu gostaria de aprender a escrever um estilo narrativo simples & contínuo. Então talvez pudesse colocar em dia o atraso dessas últimas semanas; descrever minha ida a Oxford;²⁴ meu almoço com Clive & o jantar com Dadie & como fiquei no porão imprimindo Gottstack com uma imensa sensação de sombra & proteção. Gosto mais do anonimato obscuro da Editora do que de Voltaire escrito por Riding²⁵. E agora, com a carta morganática, evasiva & elusiva de Morgan desta manhã, O Farol ficou para trás:²⁶ minha dor de cabeça acabou; & depois de uma semana em Rodmell minha liberdade de investigação, o mergulho profundo em meu espírito, deverá recomeçar.

Que estranha, vem-me agora à cabeça, é Nessa, & a inveja que nós sentimos das roupas uma da outra! Sinto, quando visto a minha elegante capa preta franjada, que ela fica angustiada por um instante: é da Champco?, da mesma maneira que corro os olhos pelo seu vestido parisiense & o comparo ao meu, da Brooke, do ano anterior.²⁷ Então ela diz que usará brincos: digo de pronto que também vou; & ela se ressentida. Contudo, no fundo somos sensatas, & logo superamos esse melindre.

Suponho, entretanto, que agora sou praticamente uma figura estabelecida – como escritora. Ninguém me ridiculariza mais. Logo pensarão que me entendem. É possível que eu venha a ser uma escritora famosa. Seja como for, Ao Farol é muito mais próximo de um sucesso, no sentido comum da palavra, do que qualquer outro de meus livros. Um grupo grande veio para cá de surpresa na semana passada, ou há duas semanas. Tom – todo satisfeito por fofocar comigo cheio de

²⁴ VW recebera um convite para palestrar em Oxford para uma plateia de alunos universitários de ambos os sexos em 18 de maio, e convenceu Vita Sackville-West a acompanhá-la. O título da palestra foi “Poesia, Ficção e o Futuro”. Ver 5 mai. 1927. (AOB)

²⁵ Em outubro de 1926 os Woolfs haviam publicado o livro de poemas *The Close Chaplet*, de Laura Riding Gottschalk, poeta americana que se associara a Robert Graves. *Voltaire: A Biographical Fantasy*, um longo poema de 1921, foi composto a mão na Hogarth e publicado em novembro de 1927. O sobrenome Gottschalk acabou sendo parcialmente obliterado por duas réguas negras de 6 pt. (AOB)

²⁶ A carta de E. M. Forster diz: “É extremamente triste, muito bonito (...); põe em movimento muito mais questões de se & por quê do que qualquer outro livro que você já escreveu (...) Sinto-me inclinado a achar que é a sua melhor obra”. (AOB)

²⁷ Elspeth Chapcommunal, amiga de Roger Fry e pintora, fora editora da *Vogue* britânica de 1916 a 1922, quando foi sucedida por Dorothy Todd. Miss Brooke era uma modista que esta última recomendou a VW em 1926. (AOB)

espontaneidade enquanto tomava uma xícara – uma não, 6 xícaras – de chá; em seguida pôs o gramofone para tocar; enquanto Logan, rosado & bem-alinhado, fez com grande eficiência seu truque de afetar cultura, urbanidade & bom senso.²⁸ Ele evocou em Paris o espírito de Henry James com Desmond. (Por falar nisso, Sybil se arroga todo o crédito por aquele fundo,²⁹ eu já percebi. Sibyl, segundo Clive & Raymond, vendeu a alma ao diabo e agora ele veio buscá-la – Os dois usaram a mesma expressão, o que dá a medida da conversa inteligente & insincera dos almoços sociais.) Vi Lytton, também: parecia um inválido depois de um surto de amor, o mais desesperado desde Duncan. Conversamos sobre O'B. & sua biografia, enquanto a pobre Cynthia Noble, de olhinhos de gude, nos acompanhava com atenção, o máximo de que ela é capaz.³⁰ Com Lytton muitas vezes deslizo para a intimidade, quando se trata de livros. Ele é entusiasmado, desnuda sua alma quando conversa sobre esse assunto, porque quando a questão é o amor, ele é bem mais enigmático. Dadie & Douglas [Davidson, irmão de Angus] estavam ambos engomados & empoados como dois cabeças-de-vento no balé; as pernas muito retas; os cabelos com cachos; as camisas granuladas; iriam à festa de Kitchin – para se entediarem, como bem sabiam; mas estavam na estica para a ocasião, coisa que Lytton não consegue fazer muito bem. Jantamos com certa ostentação, pois fazia parte do jogo encomendar comida na Fortnum & Mason; parte do jogo exibicionista, patético, bastante jovial, um tanto atraente & ao mesmo tempo tolo, de ser exatamente igual a todas as outras pessoas.

Sábado, 18 de junho

Este diário está por algum motivo terrivelmente fino: metade do ano se passou & só deixou estas parcas páginas. Talvez eu tenha escrito com intensidade demais pela manhã para ser capaz de escrever aqui também. Três semanas foram apagadas pela dor de cabeça. Passamos uma semana em Rodmell, da qual me lembro de várias imagens, que de

²⁸ VW recebeu T. S. Eliot para o chá em 23 de maio, e no dia seguinte Logan Pearsall Smith, Faith Henderson, Vita e Eddy Sackville-West, depois de almoçar com Clive Bell, Dadie Rylands e Lady Violet Bonham Carter. (AOB)

²⁹ Provavelmente o fundo para T. S. Eliot. (AOB)

³⁰ O último caso amoroso de Lytton Strachey fora com Roger Senhouse. Cynthia Noble era uma socialite famosa que recebia em sua casa gente do mundo da diplomacia e das artes. O'B. é Oscar Browning. Uma biografia sua publicada recentemente forneceu a VW a história sobre ele e um tratador de cavalos em *A Room of One's Own* (p. 81). (AOB)

pronto se sucediam espontaneamente diante dos meus olhos (por exemplo, a cidadezinha erguendo-se sobre o mar na noite de junho, as casas parecendo barcos, o pântano uma espuma bravia), & o imenso conforto de estar ali deitada envolvida pela serenidade. Eu passava o dia inteiro no jardim novo, com terraço – que já começou a ser construído. Chapins-azuis fizeram um ninho no pescoço oco da minha Vênus.³¹ Vita veio nos visitar numa tarde muito quente & passeamos até o rio com ela. Pinker agora sai nadando se Leonard lhe atira a bengala. Li – qualquer besteira. Maurice Baring; memórias de esportistas. Aos poucos as ideias começaram a gotejar; & então de repente desatei a falar com um entusiasmo exagerado (na noite em que L. foi jantar com os apóstolos) & contei a história das Mariposas,³² que imagino irei escrever muito rapidamente, talvez entre um & outro capítulo daquele longo livro iminente sobre ficção. Ora, as mariposas, eu imagino, irão preencher o esqueleto que rascunhei aqui: a ideia do poema dramático: a ideia de uma espécie de fluxo contínuo, não exclusivamente de pensamentos humanos, mas do navio, da noite &c, tudo fluindo junto: entrecortado pela chegada das mariposas luminosas. Um homem & uma mulher estarão sentados à mesa, conversando. Ou seria melhor que ficassem em silêncio? Deverá ser uma história de amor: ela por fim deixará entrar a última grande mariposa. Os contrastes podem ser algo desta natureza: ela talvez fale, ou pense, sobre a idade da terra: a morte da humanidade: & então as mariposas virão de modo incessante. Talvez o homem pudesse ficar absolutamente obscurecido. França: beira-mar; noite; um jardim sob a janela. Mas isso ainda precisa de amadurecimento. Trabalho um pouco à noite enquanto o gramofone toca sonatas tardias de Beethoven. (As janelas chacoalham nas dobradiças como se estivéssemos no mar.)

Fomos ao Hyde Park, onde marchavam os meninos da Igreja: os oficiais a cavalo com suas capas pareciam estátuas equestres. Este tipo de cena sempre me causa a impressão de que os seres humanos estão participando de um jogo; em grande parte, suponho eu, só para seu próprio deleite.

³¹ Uma estátua que VW tinha em Rodmell. (AOB)

³² Vanessa, em uma carta de 3 de maio de Cassis, descreve como um dia eles foram assolados por mariposas durante uma noite inteira. VW ficou fascinada e imaginou uma história sobre o tema, cuja gênese viria a se tornar *As ondas*. (AOB)

Fomos assistir Vita receber o Hawthornden.³³ Um espetáculo horrendo, em minha opinião: não somente dos cavalheiros no palco – Squire, Drinkwater & Binyon – & sim de todos nós: de todos nós, escritores fofosqueiros. Valha-me! quão insignificantes parecíamos! Como podemos fingir que somos interessantes, que nossas obras têm importância? Todo o negócio literário tornou-se infinitamente detestável. Não havia ninguém ali que eu desse a mínima para o que pensava ou deixava de pensar sobre “minha literatura”. E ninguém dava a mínima para a minha crítica: a docilidade, o convencionalismo geral me chocou. Mas quem sabe haja neles um fluxo de tinta que importe mais do que sua aparência – tão bem arrumada, dócil & decorosa – demonstrava. Senti que não havia uma única mente completamente madura em nosso meio. Em realidade, quem estava ali reunida era a classe média das letras; não a aristocracia. Vita chorou à noite.

Quarta, 22 de junho

Os misóginos me deprimem, & tanto Tostói quanto Mrs. Asquith odeiam as mulheres. Suponho que minha depressão seja uma forma de vaidade – mas por outro lado todas as opiniões fortes de ambos os lados também são. Odeio o estilo vazio dogmático & duro de Mrs. A. Mas basta: vou escrever a respeito dela amanhã.³⁴ Todos os dias escrevo a respeito de alguma coisa, & reservei deliberadamente algumas semanas para ganhar dinheiro, de modo que até setembro ponha £50 em cada um dos nossos bolsos. Será o primeiro dinheiro que ganho desde que casei. Nunca senti a necessidade disso até recentemente. E posso ganhá-lo, se eu quiser, embora evite escrever por dinheiro.

O pai de Clive morreu ontem. Harold Nicolson & Duncan jantaram conosco, & Nessa veio mais tarde, muito silenciosa, inescrutável & quem sabe crítica. Como família desconfiamos de qualquer um de fora do nosso núcleo, acho. E também, decerto, decidimos que fulano & sicrano não têm as virtudes necessárias. Eu me arriscaria a dizer que Harold não as tem; por outro lado, muita coisa nele me agrada: ele é vivaz, estouvado, impulsivo; muito inteligente, embora não no nosso sentido;

³³ Em 16 de junho, Vita S.-West recebeu o Prêmio Hawthornden pelo seu longo poema *The Land*. Na comissão julgadora estavam John Drinkwater, J. C. Squire e Laurence Binyon. (AOB)

³⁴ A resenha não assinada de VW de *Lay Sermons*, de Margot Asquith (Lady Oxford), foi publicada sob o título “The Governess of Downing Street” na *N & A* de 30 jul. 1927. (AOB)

inquieto; de aparência jovial; algo entre um intelectual & um diplomata; não está à altura de Vita; mas é honesto e cordial. L. diz que ele é comum demais. Eu gostei do meu duetinho com ele. Veio de camisa verde, ou azul, & gravata; queimado de sol; gorducho, [palavra ininteligível]; vivaz. Disse que era comigo & com L. que ele se sentia completamente à vontade. Contou histórias q. pareceram um tanto vazias nas salas despidas de Bloomsbury.

Quinta, 23 de junho

Este diário deve vicejar com a escassez da minha vida social. Nunca antes passei um verão assim tão calmo em Londres. É extremamente fácil escapar da multidão sem ser notada. Como uma inválida, elevei os meus padrões, & ninguém vem me incomodar. Ninguém me convida para nada. Vaidosamente, a impressão que tenho é que foi por escolha minha, não deles; existe um certo luxo em ficar quieta no coração do caos. Assim que uso a minha astúcia em uma conversa, ganho de volta um dia sem-graça, úmido & com dor de cabeça. A quietude me fornece manhãs frescas, claras & vivazes, nas quais liquido uma bela dose de trabalho, & atiro o meu cérebro para o alto quando saio para caminhar. Sentirei certo triunfo se neste verão eu conseguir evitar uma dor de cabeça.

Fiquei na Praça com Nessa ontem. Angelica manda Pinker buscar a bola. Nessa & eu, sentadas no banco, fofocamos. Ela irá se encontrar com Mary; irá ao funeral do velho Bell. Está aprendendo a guiar. Vendeu um quadro. A questão no caso de Clive é que Mary se apaixonou por outro. Esta questão foi cuidadosamente escondida antes da Páscoa. A vaidade dele, & a discrição dela, cuidaram de escondê-la. Portanto a minha versão ficou descompassada. A verdade é bastante estranha, porém. Ele não irá desistir a menos que ela vá para a sua cama. A isso ela se nega; entretanto, com saudades dele, fica preocupada. O caso amoroso se intensifica da parte dela. Dizem que é com alguém em baixa, o que nos inclina a pensar que seja Lord Ivor. Mas é uma questão de mera curiosidade apenas.

O livro de Vita [*The Land*] verbera & reverbera na imprensa. Um poema feito para ganhar prêmios – é esse o meu ataque a ele, pois já que me restam alguns cacos de inveja, ou talvez de espírito crítico, não consigo levar a sério o falatório sobre poesia, nem sequer sobre a

grande poesia. Mas talvez sejam o tema & a forma, tão suaves, tão brandos, o que me desagrade; ou pode ser que eu esteja corrompida. Eu me pergunto qual seria minha opinião se eu pudesse analisar friamente algumas coisas que escrevo. Ah sim & Sybil me descartou: mas não me incomodo em cair das suas graças. O que então é a verdade duradoura nesta fantasmagoria?, pergunto a mim mesma, buscando como é meu costume uma minúscula pepita de ouro puro. Penso, com frequência, que levo a mais feliz das vidas, por ter descoberto a estabilidade. Pois um momento estável é capaz de derrotar o caos. Mas disso tratei n'O Farol. Agora já vendemos, imagino, 2555 exemplares.

Eu me aborreço com minha falta de habilidade para enrolar cigarros. Um homem em Francis Street me deu uma aula – mas não tenho o menor jeito com os dedos. Angelica já é craque com os dela. Nessa diz que é o mesmo com todos os pintores: trata-se de um bônus que vem junto com o talento.

E no domingo Adrian veio para o chá, praticamente resplandecente. Finalmente creio que ele saiu da casca. Até mesmo a sua análise termina este ano. Aos 43 anos de idade ele estará formado & pronto para começar a vida. Eu me lembro de Harry Stephen dizendo que estava engrenando – falava do juizado na Índia, claro – por volta da mesma idade.³⁵ Ou seja, nós Stephens amadurecemos tarde. E nossas flores são raras & esplêndidas. Basta pensar nos meus livros, nos quadros de Nessa... demoramos uma eternidade para colocar nossos talentos em movimento. Agora preciso escrever para Ethel Sands, & talvez ir ao Balé.

Quinta, 30 de junho

Agora preciso fazer um esboço do Eclipse.³⁶

Por volta das 10 da noite de terça diversos trens muito compridos, devidamente lotados (o nosso de funcionários públicos), partiram de King's Cross. No nosso vagão estavam Vita & Harold, Quentin, L. & eu. Isto aqui deve ser Hatfield, falei. Estava fumando um charuto. Daí: Isto é Petersborough, L. disse. Antes de escurecer não

³⁵ Adrian Stephen concluiu a faculdade de medicina em 1926 e estava a caminho de tornar-se um psicanalista. Seu primo, Harry Stephen, tornou-se juiz do Tribunal Superior de Calcutá em 1901, aos 41 anos. (AOB)

³⁶ Trens especiais partiram de Londres para New Yorkshire, que estava dentro do raio de visibilidade total do eclipse solar do dia 29 jun. 1927 – o primeiro visível na Inglaterra em 200 anos. Em Londres o mau tempo obscureceu o fenômeno por completo. Ver a análise a respeito na p. 44.

parávamos de olhar o céu: suave, lanoso; mas com uma estrela sobre o Alexandra Park. Olhe Vita, é o Alexandra Park, disse Harold. Os Nicolsonson ficaram com sono: H. deitou a cabeça no joelho de V. Ela parecia a Safo de Leighton, adormecida; e assim mergulhamos nas Midlands; fizemos uma longuíssima parada em York. Então às 3 sacamos nossos sanduíches, & ao voltar do banheiro encontrei Harold todo sujo de creme de leite. Depois ele quebrou a caixa de sanduíche, que era de porcelana, e L. desandou a rir, sem conseguir se conter. Depois tiramos outro cochilo, ou melhor os N. tiraram; depois veio uma passagem de nível onde havia uma longa fila de ônibus & carros, os faróis amarelos pálidos cintilando. O tempo começou a ficar cinzento – o céu ainda lanoso & sarapintado. Chegamos em Richmond por volta das 3.30: fazia frio, & os N. tiveram uma discussão, segundo Eddie por causa da bagagem de V. Seguimos de ônibus, vimos um enorme castelo (de quem será? disse Vita, que se interessa por Castelos). Aquele tinha acrescentado uma janela na fachada, & acho que havia uma luz acesa. Todos os campos estavam avermelhados com relva & plantas de borlas encarnadas, nenhuma ainda colorida, todas pálidas. Pálidas & cinzentas também eram as fazendinhas inabaláveis de Yorkshire. Ao passarmos por uma delas, o fazendeiro, a mulher & a irmã saíram, empertigados & bem vestidos, de preto, como se estivessem indo à igreja. Noutra casa de fazenda feia & quadrada, duas mulheres espiavam pelas janelas de cima. As persianas brancas estavam arriadas pela metade. Estávamos em uma fila de 3 ônibus grandes, um parava por vez para dar passagem aos outros dois; tudo muito lento & poderoso; subindo as colinas extremamente acidentadas. A certa altura o motorista desceu & colocou atrás da roda uma pedra pequena – inadequado. Seria natural um acidente. Havia também diversos carros, cuja quantidade aumentou subitamente à medida que íamos nos arrastando até o alto de Bardon Fell. Pessoas acampavam ao lado dos seus carros. Descemos & nos vimos em um local muito alto, uma charneca, alagadiça, com muitas urzes & taludes de alvo para a caça de gansos. Trilhas gramadas se espalhavam aqui & ali, & as pessoas já tinham tomado suas posições. Portanto nos juntamos a elas, caminhando até o que parecia ser o ponto mais elevado de Richmond. Lá embaixo havia uma luz acesa. Os vales & charnecas se estendiam, colina após colina, à nossa volta. Parecia a

região de Haworth. Mas, sobre Richmond, onde o sol estava nascendo, via-se uma nuvem suave, cinzenta. Graças a uma mancha dourada era possível saber onde estava o sol. Mas ainda era cedo. Tínhamos de esperar, batendo os pés para nos aquecer. Ray [Strachey] se enrolara em um cobertor de casal de listras azuis. Parecia incrivelmente vasta & dormitoriesca. Saxon parecia velhíssimo. Leonard não parava de olhar as horas. Quatro grandes perdigueiros ruivos vieram saltando pela charneca. Ovelhas pastavam às nossas costas. Vita, que tentara comprar um porquinho-da-índia – Quentin aconselhara um selvagem –, observava os animais de tempos em tempos. Na nuvem havia aberturas estreitas & um ou outro buraco completo. A questão era se o sol iria aparecer por entre uma nuvem ou por um daqueles ocos quando chegasse a hora. Começamos a ficar ansiosos. Vimos raios saindo por debaixo das nuvens. Então, por um instante vimos o sol, alastrando-se – parecia navegar muito veloz & era visível por uma abertura; sacamos nossos vidros fumê; vimos o sol em quarto crescente, vermelho fogo; no instante seguinte já tinha tornado a sumir depressa para dentro da nuvem; dela saíam apenas raios vermelhos; depois apenas uma luminosidade dourada, igual à que se costuma ver com frequência. Os momentos iam passando. Nós nos sentimos enganados; olhamos para as ovelhas; elas não demonstravam medo; os perdigueiros corriam em torno; todo mundo se organizara em longas filas, com um ar digno, atento. Parecíamos um povo muito antigo, pensei, no momento da criação do mundo – druidas em Stonehenge (porém essa ideia ficou mais vívida à primeira luz pálida). Às nossas costas viam-se grandes superfícies azuis na nuvem. Continuavam azuis. Mas agora a cor começava a desbotar. As nuvens iam empalidecendo; exibindo uma cor negra avermelhada. No fundo do vale via-se uma mistura extraordinária de vermelhos & negros; & aquela mesma luz solitária acesa; tudo eram nuvens lá embaixo, & muito bonito, tingido de um tom tão delicado. Não se via nada através da nuvem. Os 24 segundos iam passando. Então ao olhar de novo para o azul lá atrás, rapidamente, muito muito rapidamente, todas as cores desbotaram; o céu tornou-se mais & mais escuro como no início de uma violenta tempestade; a luz diminuiu mais & mais: & repetimos sem parar, esta é a sombra; pensamos, agora acabou – esta é a sombra, quando subitamente toda a luz desapareceu.

A cor foi por momentos
de uma beleza
adorável – inédita,
variada – aqui em
azuis, ali em
castanhos: tons novos,
como se alguém as
tivesse apagado e
pintado por cima.

Despencamos. Extinguira-se. Não havia nenhuma cor. A terra morrera. Este foi o instante de estupefação: & o seguinte também, quando como se uma bola tivesse quicado a nuvem tornou a ganhar cores, não mais que um tom cintilante etéreo, & em seguida a luz voltou. Tive a sensação muito forte, quando a luz desapareceu, de uma grande medida; de algo que ia se ajoelhando, & lá de baixo & de súbito levantava-se com rapidez, quando as cores voltaram. E elas voltaram com leveza & beleza surpreendentes por cima do vale & das colinas – de início com uma luminosidade milagrosa, etérea, depois quase com normalidade, mas trazendo grande alívio. Era como um restabelecimento. Estivéramos muito pior do que havíamos imaginado. Tínhamos visto o mundo morto. Aquele era um poder exclusivo da natureza. A nossa grandeza tinha sido mera aparência, também. Agora voltáramos a ser Ray de cobertor, Saxon de boné &c. Sentimos um frio amargo. Eu diria que o frio aumentou quando a luz desapareceu. Sentimo-nos muito lívidos. E depois – só em 1999. O que restou foi a sensação de conforto com a qual estamos acostumados, de abundância de luz & cor. Por algum tempo ela pareceu bem-vinda, claro. Depois que se estabeleceu pelos campos, porém, a saudade do alívio & respiro que sentimos quando ela voltou depois da escuridão foi imensa. Como expressar a escuridão? Foi um mergulho súbito quando menos se espera: estar à mercê dos céus: a nossa própria nobreza: os druidas; Stonehenge; & os cães ruivos em disparada; tudo isso estava em nosso espírito. Impressionante, também, era ser apanhado numa sala de estar em Londres & colocado nas charrancas primitivas da Inglaterra. No mais, eu me lembro de tentar ficar acordada nos jardins de York enquanto Eddy falava & adormecer. E de adormecer novamente no trem. O tempo estava quente & nós alegres. O vagão cheio de coisas. Harold muito gentil & atencioso: Eddy rabugento. Rosbife & abacaxi em cubos, disse ele. Chegamos em casa umas 8.30.

4 de julho

De volta de Long Barn. Graças aos céus, não tive de trocar de vestido nenhuma vez. Muita opulência & liberdade, flores por toda parte, mordomo, prataria, cães, biscoitos, vinhos, água quente, troncos de lenha, armários italianos, tapetes persas, livros – foi a impressão que tudo isso causou: de haver entrado em um mar animado & inquieto, com ondas de belas cristas: como se a vida ansiosa, desgastada, de repente

fosse colocada sobre molas & saísse aos pulos, saltitando até o fim de semana. Entretanto, acho que gosto mais deste cômodo em que estou: para mim, nele existe mais esforço & vida, a menos que isso seja o preconceito que se tem naturalmente contra exhibir o próprio caráter. Vita muito opulenta, em seu casaco marrom de veludo com bolsos folgados, colar de pérolas & sálvias-peludas. (Sua textura parece a de ervas-viperinas, das quais ela apanhou um grande buquê para mim). Essa é a melhor, a mais representativa forma de vida humana da sua espécie que eu conheço: quero dizer, certos dons, qualidades & boas fortunas foram aqui milagrosamente combinados – gostei de Harold também. É um homem espontâneo, infantil, desprovido de um grande poder de entediar; sua mente quica quando ele a deixa cair; ele abre os olhos ao mirar alguém; tem um bigodinho imaturo; cabelo cacheado; um ar bem-vindo de imaturidade. Eu diria que é muito generoso & de bom coração; um cavalheiro inglês revestido de cultura; de uma estirpe interiorana queimada de sol; & não exigida em excesso, nem mesmo pela diplomacia. Depois do jantar da noite passada, conversamos sobre o Império. “Prefiro Sydney a Paris. A Austrália é mais importante que a França. Afinal de contas, são os nossos filhos mais novos que estão lá. Sinto orgulho. A questão é que nosso gênio inglês foi feito para governar, Raymond.” “Os governados não parecem gostar muito disso” disse Raymond. Tolice, disse Harold. “Desempenhamos nossa função: desinteressadamente; não pensamos em nós mesmos, ao contrário dos franceses, ao contrário dos alemães. Veja por exemplo os campos de petróleo britânicos. Existe um hospital ali aonde qualquer um pode ir, funcionário ou não. Os nativos vêm de todas as partes. Não venha me dizer que isso não é uma boa coisa. E eles confiam em nós.” E assim por diante com o sistema de suborno; com o fato de a grande era da Inglaterra ser a era da expansão colonial. “Admito que Shakespeare é uma pedra no sapato.” “Mas por que não crescer, mudar?”, perguntei. Além disso, falei, lembrando os aeroplanos que tinham nos sobrevoado, enquanto o rádio portátil tocava música dançante no terraço, “não percebe que as nacionalidades acabaram? Todas as divisões estão agora apagadas, ou prestes a ser”. Raymond assentiu veementemente. Raymond é completamente a favor do triunfo da razão. De que importa a ação? As ações são o mais importante de tudo, disse Harold. Eu estava

sentada em um banquinho italiano esculpido, acima dos troncos de lenha, ele & Raymond acomodados no sofá verde macio. A injustiça de Leonard com a aristocracia entrou na pauta. Antes disso, Lord Sackville & Mrs Rubens tinham vindo de visita, em parte para proteger a própria respeitabilidade, em parte para jogar tênis. (Eles não pernoitam em Knole sozinhos se possível; & se precisam fazê-lo, santificam a operação visitando Vita.) Ele é um homem desgastado & tranquilo, que herdou nariz & queixo nobres; um homem direito, de aparência jovem, salvo o rosto, com a falta de brilho de um homem fraco cuja vida provou-se mais do que ele podia aguentar. Já não faz grande esforço pela felicidade, imagino; aceita com resignação; & vai para Maidstone quase diariamente, como parte da sua rotina de nobre. Joga golfe; joga tênis. Acha que Bernard Darwin deve ser um homem de capacidade mental superior. Nós nos sentamos lado a lado sob um amplo casaco de camurça de Vita para observá-los jogar, & eu achei-o tranquilo & esquipador, como um puro-sangue, porém desbotado, obtuso, com seus grandes olhos caídos de Sackville & o rosto nublado de tons vermelhos & castanhos. Vê-lo trazia à mente um parafuso ou outra ferramenta cujas roscas & bordas ficaram lisas com o uso, de modo que embora brilhem, prateadas, já não se prendem a nada.

Vita, muito livre & à vontade, é para mim sempre um enorme prazer de se observar, & evoca a imagem de um navio singrando os mares, com nobreza, com magnificência, com todas as velas desfraldadas batidas pelo sol dourado. Quanto à sua poesia, ou inteligência, salvo quando canalizadas para os canais tradicionais, não tenho tanta certeza. Ela nunca abre um terreno novo. Cata aquilo que a maré lhe atira aos pés. Por exemplo, segue, com um instinto simples, a mesma tradição de decoração dos seus antepassados, de modo que embora sua casa seja graciosa, cintilante, imponente, não tem nada de novo ou aventureiro. Ocorre o mesmo com sua poesia, eu diria. Raymond & eu na viagem de volta conversamos a respeito. O caráter dela é dos mais nobres disse ele; os dois são quase desafiadoramente afortunados, tanto que quando Harold reflete sobre sua própria vida bate na madeira, solta um suspiro pesado & comenta que, se ela fosse escrita às pressas amanhã, ele alcançaria seu auge. Mas ela não será escrita. Irá crescer livre & completamente ao redor dos dois; seus frutos se

tornarão maduros, suas folhas amarelas; & virá a noite azul-índigo, com uma suave lua dourada. A eles falta somente o que nós temos – certo vanguardismo; certa idiossincrasia & certa intensidade inestimáveis, pelos quais eu não trocaria nem todos os filhos & nem todas as luas desse mundo.

10 de julho³⁷

Esperando o quê não sei exatamente. O ânimo é de inquietação fortuita – Nelly “pediu as contas” pela 125ª vez esta manhã. Não seria melhor ir a Ashley Gardens [agência de serviços] & contratar Mrs. Collins & a filha? Estou farta da mentalidade tímida & rancorosa da criadagem; & Mrs. Collins talvez seja farinha do mesmo saco. Enfim. Uma grande tempestade arrancou um dos lados das minhas janelas duplas. Mas não cheguei a tocar no assunto dominante – o assunto que vem ocupando nossos pensamentos & excluindo Clive, Mary, literatura, morte & vida: carros. Toda noite damos uma volta com Pinker para uma partida na Gordon Sqre – falo como se as noites tivessem sido agradáveis –, mas não, ficamos lá sentados espremidos entre as tormentas cor de enxofre; sob o abrigo das árvores, com a chuva tamborilando por entre as folhas. Não falamos de outra coisa a não ser carros. Daí, às vezes, chega a notícia de que Mrs Bell está à porta com seu carro. Saio correndo & a encontro ali, um tanto nervosa na direção de um Renault espaçoso decrépito, com Fred a seu lado. Três vezes a acompanhei nalgum passeiozinho. E ontem contratamos Fred para encontrar & trazer imediatamente à nossa porta um Singer. Decidimo-nos por um Singer³⁸. E a razão pela qual estou distraída agora é que Fred está por telefonar para dizer se terei a minha primeira aula esta noite. O sol está brilhando; as árvores gotejando. É possível que sim.

Será uma grande abertura em nossas vidas. Pode-se ir a Bodiam, a Arundel, explorar as colinas de Chichester, expandir essa coisa curiosa que é o mapa do mundo em nossa cabeça. É algo que irá eu acho demolir a solidão, & pode obviamente pôr em perigo a completa privacidade. Os Keynes também compraram um – um baratinho. Nessa acha que logo irá quebrar. Ela tem uma visão bastante sinistra dos

³⁷ AOB corrige para 11 de julho.

³⁸ Os Woolfs adquiriram seu Singer usado em 15 de julho. Frederick Pape, marido da babá de Angelica, Louise, era um chofer profissional que ensinou Vanessa a dirigir, e até certo ponto também VW, pois logo ela entregou os pontos. (AOB)

Keynes. Prevê desgraças de toda sorte para eles, & com certo prazer. Leonard chega – Então conto a ele sobre a tempestade, os telefonemas & Pinker. E Sybil, que me cortou esses 3 meses, escreve para dizer que estive “indisposta”, & será que eu poderia ir até sua casa para o chá? Não, não poderia. Agora preciso me trocar depressa para a festa de Clive, onde devo encontrar Cory, Nessa, Duncan & Christabel: pois há uma pletora de festas esta semana, & amanhã não poderei ver Lydia & Stravinski; mas uma espécie de filosofia me protege: devo encontrar uma maneira de tornar a noite animadora; & achar algum prazer curioso em ficar afastada, imaginando. Bem preciso parar para escrever para Sybil. Com sorte O Farol alcança 3.000 esta semana.

Sábado 22 de julho

Estamos chegando quase ao fim da temporada londrina. Vou ver Ethel [Sand] em Dieppe na quarta (cruzar mais uma vez o canal me enche um tanto de orgulho), depois volto para Newhaven, onde talvez meu próprio carro esteja à minha espera. Desde a última entrada aprendi o suficiente para dirigir pelo campo sozinha. Escrevo no verso dos papéis instruções de como se dá partida em um carro. Temos um belo carro com capota no qual poderemos viajar milhares de milhas. É azul muito escuro, com uma listra mais clara ao redor. O mundo o deu para mim por ter escrito Ao Farol, reflito, um livro que agora alcançou a marca de (talvez) 3.160 cópias: & irá alcançar 3.500 antes de definhir, superando assim qualquer outro de meus livros. Na noite em que não fui ver Stravinski Desmond veio, terno, loquaz & sigiloso. Eu me lembro de me inclinar à janela com ele. Estava cheio de amor por todos. Disse adorar a maneira como Melinda [não identificada] coçava a cabeça ou punha as luvas. Disse que agora estava apaixonado pelos filhos. Quando Dermot lhe pede uma nova lente para seu microscópio ele sente o mesmo que quando se apaixonava por uma mulher. Ressente-se um pouco do próprio dom para ganhar dinheiro, pois estava faturando £ 2.000 por ano; por outro lado devia “contas atrasadas”; & ainda deve, evidentemente – £200 ao Banco, £200 ao imposto de renda & assim por diante. Falamos de amor por causa de Clive. Pois na noite que jantei com Clive & fiquei conversando besteiras com Christa[bel McLaren] (que sempre pensa em mim como Virginia; & não consegue deixar de me ver

como a lady perfeita, “Olhe só estas mãos”)³⁹, Clive me levou para dar uma volta &, parado sob a luz, expressou sua desilusão completa. “Minha cara Virginia, a vida terminou. Não há como negar. Temos 45 anos. Sinto tédio, tédio, tédio, um tédio inenarrável. Sei de cor minhas próprias reações. Sei o que vou dizer. Nada me interessa. Os quadros me encham de tédio. Apanho um livro & logo o deixo de lado. Ninguém mais dá a mínima para o que eu penso. Não me sai da cabeça o suicídio. Admiro você por ter tentado se matar.” E pensar que tive de ouvir isso de Clive à luz do luar! E com que bom senso ele falava, ainda por cima. Era quase impossível ensaiar qualquer argumento ardoroso em contrário. Parecia tudo verdadeiro, para mim. Não em relação a mim mesma, claro, mas a ele. & eu sem forças pedi que viesse me ver; eu provaria que eu dou a mínima para o que ele pensa. Ele concordou meio apático, acenou & se foi, pensando em suicídio. Então nos encontramos na noite seguinte no Raymond. Mal tinha eu entrado na sala & ele já começou a gabar-se & agir todo dono de si, de modo meio superficial, mas audacioso o suficiente. Tivera uma aventura. A vida mudara; ele conhecera a mais adorável das mulheres, ao que tudo indicava era também a mais gentil, uma aristocrata; ela o tratara bem; & será que Raymond poderia vir jantar na segunda? Tudo isso foi fanfarronado com mais de um tapinha carinhoso em mim (pois ele sempre quer, segundo diz, me machucar – até mesmo por causa de um carro) & a pessoa em questão era Valerie Taylor, uma atriz, que ele havia conhecido num almoço nos MacLagans.⁴⁰ De minha parte, volto mais uma vez a considerar Clive “de segunda categoria”. É tudo tão frívolo, raso & egoísta. Verdade que existe o charme da vitalidade dele, mas ainda assim é preferível algo mais refinado. Como eu costumava me enfurecer com essa atitude de “segunda categoria” dele, em relação a Nessa! Hoje penso nisso com muito menos frequência, mas suponho que o sentimento não tenha ido embora. Ele passou o verão inteiro vibrando tão persistentemente uma única nota que haja paciência. Amor amor amor – Clive, Clive, Clive – era essa a melodia, dedilhada com persistência um tanto cruel, e um indicador e um polegar pesados. Ora, do amor que posso eu dizer contra; mas é uma paixão frágil, quero dizer

³⁹ Referência ao passado de VW em Hyde Park Gate.

⁴⁰ Eric MacLagan, autoridade em escultura italiana e diretor do Victoria & Albert Museum. (AOB)

uma paixão bruta & estúpida, em que não fazem parte a imaginação, o intelecto, a poesia. O amor de Clive é três quartos vaidade. Agora que ele pode declarar, ou mentir, fui para a cama com Valerie, seu amor-próprio foi saciado. Ele continua sendo Clive, o intrépido amante, o Don Juan de Bloomsbury; & se isso é verdade ou não, pouco importa, desde que pensemos que é. Por outro lado admito que ele me amola com seu ciúme, ou seja lá o que for, esforça-se ao máximo para me irritar, & portanto não sou o juiz imparcial que eu deveria ser. A questão que interessa continua – por que ele sempre quer me machucar? Portanto eu & Desmond conversamos a respeito de tudo isso. E também sobre O Farol; & tive a impressão, suscetível que sou, de que ele faz isso em parte para me agradecer por ter sido generosa com ele. Mas hoje sou suficientemente senhora de mim para não permitir que esses sentimentos se espalhem & perturbem meu prazer. Todas essas imagens agora estão tingidas com a de dirigir um carro. Aqui penso em dar a partida no motor, tirando o pé da embreagem. Este tem sido, no geral, um verão fresco & dentro dos conformes. Não me sinto tão ressequida de assuntos quanto de costume. Mergulhei no convívio social com mais tranquilidade. Minha doença em maio foi algo bom, de certa maneira; pois dominei a vida social já de início, & rodeei a minha dor de cabeça, evitando uma trombada de frente com ela. Sendo assim este tem sido um verão livre & tranquilo: gostei do Eclipse; gostei de Long Barn; (que visitei duas vezes) gostei de ficar em Kew [Gardens] com Vita durante 3 ou 4 horas sob um céu cinzento & de jantar com ela no Petit Riche; ela me renova as forças & me dá consolo; tenho trabalhado bastante metodicamente & terminei minha cota de artigos, de modo que com sorte até setembro terei ganhado £120 a mais que o meu montante. Ou seja, terei ganhado £320 com jornalismo, & suponho que no mínimo £300 com meu romance este ano. Ando pensando demais, embora com objetivo, com os olhos abertos, em ganhar dinheiro; & depois que cada um de nós tiver seu pé de meia, gostaria de permitir que isso afundasse até o meu subconsciente & faturar sem esforço o que precisamos. Bruce Richmond vem tomar aqui o chá na segunda para discutir um artigo sobre Morgan; & vou transmitir-lhe o fato de que nem sempre se pode recusar £60 da América em troca dos £10 do

Times. Se eu pudesse ganhar £350 sem esforço por ano, é o que faria: se arranjasse um trabalho mais fixo.

Em Rodmell devo começar, com seriedade, o meu livro sobre ficção. Com sorte talvez o termine em janeiro. Até lá as Mariposas estará pronto em meu cérebro para ser jornado. Estou o deixando descansar por tempo demais, & sinto muito medo de que perca o frescor. Dadie nos envolveu (será esta palavra a certa?) com Peter. Dadie foi jantar com Topsy [esposa de F. L. Lucas] & ela não parava de bater na tecla dos Wolves & do livro de Peter [F. L. Lucas]. Dadie, querendo criticá-lo, jogou a culpa para cima de nós. Leonard disse que não serve; Virginia o achou “acadêmico” demais. O resultado foi uma longa carta furiosa de Peter, metade vaidade, metade indignação justificada; mas explicamos tudo & agora toda a carga volta de novo para Dadie. (& em parte para mim, pois Topsy disse que lhe escrevi uma carta grosseira sobre Jane Austen, porém isso já foi esclarecido).

A Editora segue em frente. Os grandes sanguessugas são os romances. O livro de Mary irá nos custar £100; & vamos perder com The Marionettes também.⁴¹ Assim sendo, nos últimos dois dias recusei Butts & Daglish & Littell; acredito que não estamos nos saindo tão bem quanto deveríamos com os romances. E fui exposta hoje aos beijos caídos & à vaidade clamorosa de Lucy Clifford: ela escreveu um artigo sobre George Eliot por um valor especial (é aí que vou terminar se não tomar cuidado – ficar falando sempre em “valores”) para a Nineteenth Century⁴². Gottstalk concluído.

Rodmell

Segunda, 8 de agosto Era para eu ter escrito aqui um relato brilhante sobre os meus 3 dias em Dieppe.⁴³ Para que ele tivesse brotado, de repente, de uma fonte brilhante, na mesa diante da janela em (esqueci o nome), à margem do Sena. O Sena naquele ponto é muito largo, & dobrando a curva chegam

⁴¹ *The Marionette*, de Edwin Muir, e *Fugitive Pieces*, de Mary Hutchinson. Ambos tinham sido publicados em meados de 1927.

⁴² Mrs W. Clifford, amiga dos pais de VW, que se sustentava com a escrita desde que enviuvara aos 24 anos de idade.

⁴³ Cf. ela vinha comentando nas entradas anteriores, foi passar alguns dias em Dieppe com Ethel Sands e Anna Hudson (“Nan”), pintora americana. As duas tinham um longo relacionamento que durou sua vida inteira.

vapores constantemente, noruegueses, com petróleo, ingleses franceses; Nan se punha a ler seus nomes, demonstrando em tudo o que fazia uma espécie de orgulho nervoso & trêmulo da França (ou será isso minha imaginação?) o que sugere que ela gosta mais da vida das duas ali, sozinhas em Auppegard, do que Ethel. “Sou gregária”, disse Ethel meio irritada, porque ela é instável & ácida, a mascote mimada de Nan, mais honrada & sorumbática. Acho que estávamos olhando por cima do despenhadeiro para o cemitério, as lápides se destacando contra o mar azul. Mas era para eu ter escrito isso, & agora não escreverei mais, imagino. – É uma casa bastante estreita, cheia de janelas, tons azuis & verdes, enfeitada com tapetes Samarcand de cores claras & vivas, com lindas “peças” & grandes vasos de flores cuidadosamente arranjadas por Loomas [*o mordomo*]. Um bull terrier branco nos segue de um ambiente em ambiente, com uma das orelhas dobrada ao brigar. Nan, elegantemente vestida, costura guarda-pós à noite, enquanto Ethel anseia por conversar. Nessa & Duncan dizem que a conversa se desvia, rodeia & nunca se acomoda num assunto por muito tempo ; na verdade a casa foi construída com a mais fina madeira de abeto: tão macia tão clara que de início não se percebe como ela entra pela sua garganta & deixa sua pele seca & empoeirada.

Andamos de carro a maioria dos dias. Abrimos uma janelinha quando compramos o gramofone; agora outra se abre com o carro – era isso o que eu ia dizer, mas interrompi.

Quarta, 9 de agosto⁴⁴

Sim, o carro está se tornando a alegria de nossas vidas, uma vida adicional, livre, móvel & arejada para se ter em paralelo à nossa labuta imóvel de sempre. Rodamos até Falmer, passamos pelos Downs, descemos até Rottingdean, depois partimos até Seaford, paramos sob a chuva torrencial em Charleston, fizemos sala com Clive – Nessa está em Bodiam – & voltamos para a hora do chá, isso tudo com a leveza & a facilidade de um falcão cruzando os ares. Em breve olharemos para trás, para a época pré-carros, tal como olhamos para a época das cavernas. Depois de uma semana aqui, Leonard tornou-se perfeitamente eficiente; fui prejudicada por aulas insuficientes, mas até meados de setembro devo me tornar perita. Várias pequenas melhorias

⁴⁴ AOB corrige para 10 de agosto.

na casa me deixam agitada de esperança & desespero. Devo ou não esbanjar £5 minhas numa nova cama reserva? – ai, receio que sim; & então terão terminado as grandes & detestáveis providências de mobiliar a casa, & ano que vem só acrescentarei ornamento & conforto. Talvez se eu ganhar uma quantia a mais possamos construir um quarto e sala para mim no sótão, aumentar o escritório de L., & ter assim uma casa mais espaçosa, iluminada, desejável. Pois se tivéssemos £300 a mais todo ano, é difícil pensar em outra coisa a não ser viajar & dinheiro no bolso para o que quiser. Agora aos 45 anos de idade Nessa & eu deixamos crescer as asas novamente, depois dos anos de vacas magras. Talvez ela fature outros £500; quem sabe até mais,⁴⁵ e já comprou um rolo de linóleo & um armário de cozinha. Mas o meu estado é precário. Com O Farol talvez eu tenha alcançado o ápice da minha ascensão; & uma vez mais comece a rolar para baixo; & meus artigos podem enfastiar os americanos: nenhum sogro rico vai me deixar herança; mas Deus sabe que não estou muito ansiosa. Ainda somos flexíveis & aventureiros eu espero. Um incidente estranho, psicologicamente como dizia o desaparecido Kot, foi a séria preocupação de Morgan com meu artigo a seu respeito. Por acaso eu dei a mínima para o que ele disse sobre mim? Ele foi mais laudatório? No entanto aqui está esse homem seguro de si & desinteressado interpretando cada palavra ao pé da letra, lançado, aparentemente, a um abismo, só porque não lhe dei estatuto superlativo, & escrevendo-me sem parar fazendo perguntas, ou sugestões, ansioso porque o artigo será publicado na Inglaterra & também porque darei mais ênfase a Passagem para a Índia. Se me perguntassem antes, eu diria que de todos os escritores ele era o mais indiferente. E no entanto ele se preocupa uma dúzia de vezes mais do que eu, que tenho a reputação oposta.⁴⁶

Isso me traz de volta aos últimos dias em Londres, quando fui visitar Ottoline & tivemos uma conversa íntima, fácil, medíocre, & então, inadvertidamente, como se eu tivesse apertado um botão, toda a chuva de afeto de Philip retornou. Ele veio no dia seguinte, de modo um tanto

⁴⁵ Herança do seu sogro, pai de Clive. (AOB)

⁴⁶ VW diz que não se importou com o artigo de Foster, mas em 21 dez. 1925 escreveu que ele “a alegrara muito”. Kot é S. S. Koteliensky, antigo colaborador e tradutor nos primórdios da Hogarth Press. (AOB)

inconveniente, & no dia após, quando Sybil estava lá. Mais uma vez senti a empolgação inquietante do “amor”, isto é, do desejo físico que alvoroça, alvoroça & emociona demais para permitir que a pessoa converse com simplicidade. Mas L. chegou; Pinker chegou, & o amoroso Philip, que perdeu a maior parte da sua beleza & está áspero como um carneiro velho, teve de ir embora. Mas fui recebida por uma carta em Rodmell, citando J.'s R. – “Volte para mim Querida” –, com a qual pretendo deixar Vita enciumada amanhã. Mas que providência tomar, principalmente agora que ele é nosso vizinho, já não tenho a menor ideia; nem se respondo a carta ou não.

Esta, entretanto, é a primeira noite desde que Nelly voltou, num influxo de bom humor, com Gladys [não identificada], & começo a pensar no meu jantar. Não posso dizer que propriamente jantei desde Auppegard: como presunto & ovos; queijo & framboesas; uma vez um pudim assado – assim nos alimentamos pelas mãos da pobre & emaciada Mrs. Bartholomew.

21 de agosto

Pequenas cenas que eu gostaria de anotar.

Nos baixios na direção de Ripe em certo dia escaldante. Paramos numa estrada secundária por volta das 3 da tarde, & ouvimos um hino sendo entoado. Era tudo muito solitário & desolado. Lá estavam pessoas cantando sozinhas, na tarde quente. Olhei & vi uma “lady” da classe média de saia, casaco & chapéu de fita, à porta do chalé. Ela estava fazendo as filhas dos agricultores cantarem; eram mais ou menos 3 da tarde de uma terça-feira talvez. Depois passamos pela casa da lady, que tinha um grifo pregado à porta – seu brasão, presume-se.

— —

O que eu gosto, ou uma das coisas que gosto, em andar de carro é a sensação de iluminar por acaso, como um viajante que toca outro planeta com a ponta do pé, cenas que teriam seguido, sempre seguiram, & irão seguir sem registro, a não ser por esse vislumbre inesperado. Então parece que recebo autorização para ver o coração do mundo

descoberto por um instante. Ocorre-me que o hino entoado nos baixios se passou exatamente no tempo de Cromwell.

— —

Foi nosso único dia quente, acho. Um dia a chuva caiu tão depressa que logo em seguida levantou-se da estrada, num espirro, até nossos rostos.

Domingo, 4 de
setembro

Muitas cenas ficaram por escrever, uma vez que hoje é 4 de setembro, um dia cinzento frio & de muito vento, digno de lembrança pela visão de um martim-pescador & pela sensação que tive, ao acordar cedo, de ser mais uma vez tocada pelo “espírito do deleite”. “Raras raras vezes vens, espírito do deleite.”⁴⁷ Esta era eu declamando um ano atrás, & tão pungentemente que nunca me esqueci disso, nem da visão que tive de uma barbatana erguendo-se num mar amplo & vazio. Nenhum biógrafo poderia adivinhar esse fato importante da minha vida no fim do verão de 1926:⁴⁸ porém os biógrafos fingem conhecer as pessoas.

Um verão feliz, este? Bem, um verão trabalhoso esforçado extravagante social. Muitos encontros; & uma ou duas alegrias. Eu me divirto observando a minha mente criar cenas. Sentamos num campo coberto de grama recém-cortada em Michelham Priory outro dia. Estava um forno de tão quente. Lá estava Angus com a camisa cor-de-rosa aberta; Duncan passeando com um caderno de rascunhos embaixo do braço; o som de água corrente; Nessa dirigindo seu velho carro azul de capota com Angelica ao seu lado. Pouco se diz em ocasiões como esta; mas a memória subsiste: formada de quê? De camisas coloridas; do teto rosado do portão destacado contra um céu azul cinzento; & Pinker; & minha irritação com meu livro sobre ficção; & Leonard em silêncio; & uma grande discussão naquela noite quente; & eu vindo até aqui para me sentar sozinha no escuro, & L. vindo atrás de mim; & palavras

⁴⁷ Verso de Shelley. “Rarely rarely comest thou, spirit of delight.” (AOB)

⁴⁸ Ver entrada de 30 set. 1926. (AOB)

ásperas, duras; os dois lados certos & errados; as pazes; dormir; contentamento.

Cena em um cemitério.

O filho de Mr. Malthouse, um marinheiro, morreu de tuberculose & foi enterrado no cemitério embaixo da grande árvore. Fui ao cemitério com Angelica naquela bela tarde. Avery cavava a sepultura, atirando para o alto pesadas pás de terra amarela. A Sra. Avery, imensamente gorda & corada, estava esparramada na beira da cova, enquanto os filhos pequenos brincavam por perto. Eles estavam tomando o chá, & metidos em suas roupas azuis & vermelhas, mais pareciam um quadro, de Millais ou algum outro vitoriano, de vida & morte, juventude & sepultura, do que uma cena real. Era bastante inconsciente; contudo a mais deliberada das cenas; & por conseguinte irreal, sentimental, exagerada.⁴⁹

A Princesa Aviadora, esqueci seu nome, morreu afogada com suas calças de couro púrpura.⁵⁰ Pelo menos é o que eu suponho. A gasolina deles acabou por volta da meia-noite de quinta, quando o avião deve ter descido suavemente sobre as longas & lentas ondas do Atlântico. Suponho que sua luz tenha iluminado as águas em raias durante algum tempo. Ali eles se quedaram por um ou dois instantes. Os pilotos, imagino, olharam para a princesa vulgar de olhos desesperados largas maçãs do rosto & calças púrpuras & soltaram suponho alguma declaração seca & desesperada – fim de jogo; lamentamos; a fortuna estava contra eles; mas ela apenas fechou a cara; & então uma onda se quebrou sobre a asa; & o aeroplano se inclinou de lado. E ela disse alguma coisa teatral imagino; ninguém estava sendo sincero; todos interpretavam um papel; ninguém soltou gritos; A sorte está contra nós – ou algo do tipo, disseram eles, & em seguida Até mais, & primeiro um dos homens foi carregado pelas águas & afundou; & o terceiro homem ficou sentado a salvo olhando para as ondas se quebrando, tão pacientes tão implacáveis enquanto a lua observava com ar grave; &

⁴⁹ Ver ensaio “Three Pictures”, de *The Death of the Moth* (escrito em 1929, dois anos após esta cena). (AOB)

⁵⁰ Na tentativa de realizar o primeiro voo transatlântico, o avião de F. Minchin e Leslie Hamilton, tendo a bordo como passageira a princesa Löwenstein-Wertheim, desapareceu a 800 milhas da costa da Irlanda e nunca foi localizado. (AOB)

então com um resfolego seco também ele foi derrubado & submergiu, & o aeroplano balançou & oscilou – a milhas de distância de lugar nenhum, na costa de Newfoundland, enquanto eu dormia em Rodmell, & Leonard jantava com os Craniums em Londres⁵¹.

Segunda, 5 de
setembro

Depois de solidificar em palavras a minha visão da princesa aviadora, coloquei diante dos meus olhos, por mais estranho que pareça, um fantasma bastante proeminente. Por que isso aconteceu dessa maneira? Alguma espécie de insatisfação parece ter sido aplacada. Portanto, aos poucos, a urgência de rememoração também vai definhando, tal como a vida; & em questão de 48 ou 96 horas todos os traços da morte da princesa de calças púrpuras estarão apagados. Aliás, acabamos de voltar de Brighton, & estou agitada por ter comprado uma malha, de que gostei; & por ter deixado Leonard bater a traseira do carro na coluna do portão. Daí que, para acalmar esses turbilhões, vim escrever aqui. Fomos a Brighton hoje; & portanto acrescentamos alguns quilos de prazer à vida. A monotonia foi evitada. Ah, & pensei – mas esse pensamento já me escapa – na enorme atividade da espécie humana; nessas idas & vindas febris a toda parte; que apesar de Brighton & as estradas não passarem de um enxame agitado de carne humana, não são desprezíveis. E quando volto para cá, a mesma energia vem trazendo os homens de volta da colheita pelos campos; & o velho Mr. Gray, & o pobre cavalo vagaroso. Ora, uma mente de fato totalizante, esplêndida & ilustre examinaria toda essa atividade humana, a canalizaria & fundiria em uma coisa só. Eu enxergo essa possibilidade em rompantes: enxergo os seres humanos como se estivessem no início de uma ampla empreitada, & não simplesmente com a costumeira preocupação dos escritores com a qualidade artística.⁵² Este é um ponto de vista que se impõe mais & mais em lugares como Peacehaven. Ali é destruída toda qualidade artística; resta apenas a energia em turbilhão & torvelinho. O intelecto é como um cachorro que dá voltas & voltas antes de se deitar. Que então me entreguem ideias novas & detestáveis; encontrarei uma maneira de fazer um leito com elas.

⁵¹ The Cranium era um clube exclusivo criado por David (Bunny) Garnett, Francis Birrell e Stephen Tomlin para dar a chance de os amigos manterem contato. (AOB)

⁵² VW começa a desenvolver cada vez mais a construção de identidades que se fundem em uma coletividade. Para mais a esse respeito, ver p. 97.

Terça, 18 de
setembro⁵³

Mil coisas para escrever tivesse eu o tempo: tivesse eu a vontade. Basta escrever um pouquinho para que se esgotem minhas reservas:

Laughton Place & a morte de Philip Ritchie

Estes fatos seguem como aconteceram, sincronizados. Quando Vita esteve aqui 10 dias atrás fomos até Laughton, & entrei, explorei a casa. Parecia, naquela manhã de sol, tão bonita, tão serena; como se tivesse cômodos infintos. Daí que voltei para casa fervendo de vontade de comprar o lugar; & assim aticei L. para que escrevêssemos ao fazendeiro, Mr. Russell, & aguardamos, com o coração na boca, tensos, por uma resposta. Ele veio em pessoa, depois de alguns dias; & combinamos de ir até lá ver a casa. Tendo isso arranjado, & nossas esperanças elevadas, abri o Morning Post & li sobre a morte de Philip Ritchie. “Já não pode comprar casas, o pobre Philip”, pensei. E então a costumeira procissão de imagens atravessou a minha mente. Além disso, acho que pela primeira vez, senti que essa morte me transformava em uma lesma idosa; que me deixava a sensação de não ter o direito de seguir em frente; como se minha vida custasse a dele. E eu não fora gentil; não o convidara para jantar &tc. Assim sendo os dois sentimentos – o de comprar a casa & o da morte dele – se digladiaram: & às vezes era a casa que vencia, às vezes a morte; & fomos ver a casa, que no fim das contas era indescritivelmente horrível; repleta de manchas & estragos; o carvalho granuloso, o papel de parede cinzento; um jardim empapado & uma edícula vermelha berrante nos fundos. Observo a força & a vividez dos sentimentos que de pronto irrompem & arrefecem. Agora esqueço de pensar em Philip Ritchie.⁵⁴

Um desses dias, porém, esboçarei aqui, como se fosse um grande quadro histórico, as características gerais de todos os meus amigos. Estava pensando nisso na cama noite passada, & por algum motivo pensei em começar por Gerald Brenan. Pode ser que haja algo aí. Poderia ser uma maneira de começar a escrever as memórias da

⁵³ AOB corrige para 20 de setembro.

⁵⁴ P. Ritchie morreu de pneumonia séptica em decorrência de uma operação das amídalas, aos 28 anos de idade. Apesar do desdém de LW, VW costumava ler o jornal conservador *The Morning Post* nos meses em que eles passavam em Rodmell. (AOB)

época de alguém durante o período de vida das pessoas. Poderia ser um livro bastante divertido. A questão é como fazê-lo. Vita será Orlando, um jovem nobre. Lytton deve estar lá. & o livro será fiel à verdade; mas ao mesmo tempo fantástico. Roger. Duncan. Clive. Adrian. A vida deles estaria entrelaçada. Mas idealizo muito mais livros do que jamais serei capaz de escrever. Quantas historinhas aparecem na minha cabeça! Por exemplo: Ethel Sands que não lê suas cartas. O que isso implica. Poderia escrever um livro de cenas significativas isoladas. Ela não abria suas cartas.

Fomos e voltamos de Long Barn de carro ontem, na maior parte do tempo atravessando subúrbios. Hampstead inteiro, vermelho, higiênico, sério, contemplativo, está alojado no alto da floresta de Ashdown. De vez em quando topa-se com algo conscientemente preservado, como a casa de Wren em Groombridge. Para-se o carro para olhar. Os outros motoristas fazem o mesmo. Encontramos Vita & Dotty sentadas em um tronco. Dotty irá gastar £200 por ano com poesia: para editar uma série de livros de poesia que não vendem. Estas £200 ela antes doava à Poetry Bookshop, mas desencorajada pela seriedade & bebedeira dele agora desistiu: & as dispôs aos nossos pés.⁵⁵ Vai haver muito falatório, diz ela a respeito. Vão dizer que ela está comprando sua entrada em Bloomsbury. As crianças estavam lá; Nigel um tanto maltrapilho: Vita o vestiu como um menino russo, “Não. Estou parecendo uma menininha” disse ele. Estava também o tutor de francês que nunca fala uma palavra.⁵⁶ Dotty estava byroniana em seu vestido, mas parecia uma versão bastante melhorada da Dotty londrina. Eles ainda não sabem o que será de Harold, que se recusou a ir para Budapeste. E Quentin veio aqui, & os Keynes, & Morgan. Tudo isso eu tencionava, quem sabe, descrever: mas por outro lado, com que esforço minha caneta corre de um artigo a outro – Hemingway, Morgan, Shelley; & agora Biografia.

Quentin não quer que toquemos Wagner: prefere Bach. Os filhos de Nessa são terrivelmente sofisticados: foi o que Morgan disse quando Angelica, adornada com um longo xale negro, imitou Lady Cornflax &

⁵⁵ Dorothy Wellesley tornou-se a patrocinadora, e, junto com LW, editora, da primeira série dos Hogarth Living Poets, da qual 24 títulos foram publicados entre 1928 e 1932. (AOB)

⁵⁶ Maurice Couve de Murville, que viria a se tornar primeiro-ministro da França. (AOB)

Lady Ottoline em Charleston. Eles foram criados sem oposição nenhuma: nada para se rebelar ou tolher. Dessa forma atingiram aos 16 ou 17 anos um estágio que eu só alcancei aos 26 ou 27. Mas o verão, este nunca ardeu; & agora não passa de cinzas. Às cinco e meia da tarde a luz aqui já se torna cinzenta; o vento rodopia; todas as crianças em casa; irei escrever uma carta ou duas & entrar: sentar ao lado da lareira & ler, acho, biografias.

Mas estamos muito felizes – raras vezes estivemos mais felizes, imagino. Talvez as coisas estejam indo muito bem. Há o carro; as £200 de Dotty; – & L. comentou sobre Laughton Place outro dia, “Estranho como nós dois sempre chegamos à mesma conclusão sobre as coisas” – o que me agradou.

Domingo, 25 de setembro

Na página ao lado fiz algumas anotações sobre Shelley, acho que por engano para o meu livro.⁵⁷

Agora me permitam ser a analista de Rodmell.

Trinta e cinco anos atrás, havia 160 famílias morando aqui onde hoje não há mais que 80. É uma cidadezinha em decadência, que perde seus rapazes para as grandes cidades. Nenhum desses garotos, disse o Rev. Mr. Hawkesford, está aprendendo a arar. Gente rica atrás de chalés de fim de semana compra as antigas casas dos camponeses, por quantias fabulosas. Monks House foi oferecida a Mr. H. por £400: demos £700. Ele recusou, dizendo que não queria possuir casas de campo. Agora Mr. Allinson vai pagar £1200 por duas, & disse que talvez conseguíssemos £2000 por esta aqui.

Ele é um velho em deterioração, de higiene pessoal precária. Seu cinismo, & o prazer que sente em declamar ditos populares simples & desgastados, me divertem. Está afundando para uma idade avançada, muito andrajoso, braços e pernas murchos, luvas de lã preta. Sua vida segue recuando como uma maré, devagar; ou pode-se imaginá-lo como uma vela moribunda, cujo pavio logo irá afundar no sebo morno & apagar-se. Na aparência, é uma ave envelhecida;⁵⁸ o rosto pequeno & saliente, com olhos brilhantes & cinzentos de pálpebras pesadas; a compleição ainda é corada; mas a barba mais parece um jardim tomado

⁵⁷ Exemplo de como VW escrevia de modo quase indiscriminado seus textos.

⁵⁸ Pode ser uma brincadeira com o sobrenome do pároco, Hawkesford (*hawk* significa “falcão”).

de ervas-daninhas. Pelinhos crescem fracamente por suas bochechas, & ao longo da cabeça careca correm duas listas, como se desenhadas a lápis. Ele desaba numa poltrona & reconta sua cota de histórias do vilarejo, que têm sempre um sabor ligeiramente zombeteiro, como se ele, não sendo pretensioso & nem um pouco bem-sucedido, compensasse rindo com malícia dos caprichos dos mais energéticos. Ataca Allinson pelas construções; conta secamente que o Capitão Stamper⁵⁹ não paga o dízimo; que Miss Lucas assina por ele os cheques. Os gastos que esses recém-chegados exuberantes têm com seus campos & fazendas deixa-o sardônico, mas ele não levanta um dedo para mudar nada; gosta de tomar sua xícara de chá indiano, que ele prefere ao chinês, & não dá grande importância ao que os outros pensam. Fuma cigarros intermináveis, & seus dedos não são muito limpos. A respeito de seu poço, disse “Seria outra coisa se alguém quisesse a água para tomar banho” – coisa que há uns 70 anos, pelo visto, ele passa sem. E gosta de uma conversinha pragmática sobre os lampiões Aladdin, por exemplo, & de comentar como o pároco em Iford tem um aparelho com o qual faz o globo do lampião Veritas que é mais barato dar conta do recado. Ao que parece o da Aladdin custa 10d & 2/-, mas de repente fica preto & imprestável. Inclinação nos degraus das cercas, é sobre camisas de incandescência que os dois párocos conversam.⁶⁰ Ou então ele vem com conselhos para construir uma garagem: Percy deveria abrir uma vala & depois o velho Fears cobriria as paredes com cimento. Esses são seus conselhos; & imagino que tenha gastado muitas & muitas horas de sua vida socializando com Percys & Fears, às voltas em conversas sobre valas & cimento. De sua personalidade de clérigo pouca coisa se vê. Recusa-se a comprar para Bowen uma escola de equitação disse ele; a irmã dela fez isso.⁶¹ Ele não acreditou. Ela possui uma escola em Rottingdean, que tem 12 cavalos, cavaleiros contratados, & precisa estar lá o dia inteiro, domingos inclusive. Porém depois de expressar essa opinião sobre o conclave familiar, ele deixa o assunto de lado. Mrs. H. apoiaria Bowen; ela

⁵⁹ O capitão Edwin Byng-Stamper era um dos principais proprietários de terra do distrito de Rodmell e estava de casamento marcado com Frances Lucas, bisneta do almirante George Byng. (AOB)

⁶⁰ Os lampiões “Aladdin” e “Veritas” eram comuns na época. Em Monks House havia lampiões Aladdin.

⁶¹ Os Hawkesfords tinham duas filhas, Olive e Boen (VW grafou o nome dela erradamente). Esta última administrava a Rottingdean Riding School. (AOB)

conseguirá o que quer. O pároco então segue curvado até seu escritório, onde faz Deus sabe o quê. Perguntei se ele tinha trabalho a fazer: uma pergunta que ele achou ligeiramente engraçada. Trabalho não, disse ele; uma moça para atender. Então tomou a acomodar-se na poltrona; & assim suportou aquela visita de uma hora & meia.

Quarta, 5 de outubro

Escrevo na sórdida atmosfera de estalagem antes da partida. Pinker dorme numa cadeira; Leonard está assinando cheques em uma mesinha sob o olhar carrancudo do lampião. A lareira está coberta de cinzas, pois ficou acesa o dia inteiro & Mrs. B.[artholomew] nunca a limpa. Há envelopes sobre a grelha da lareira. Escrevo com uma caneta frágil & rala; & palpito que veremos o pôr do sol nesta tardinha, que está clara, nítida.

Fomos a Amberley ontem & estamos pensando em comprar uma casa por lá. Afinal é um lugar adorável, impressionante, parado no tempo entre colinas & alagadiços. Tão impulsivos nós dois, apesar dos anos! Porém não somos tão velhos quanto Mrs. Gray, que veio nos agradecer pelas maçãs.⁶² Não manda ninguém buscá-las, pois isso parece mendicância, já que nunca aceitamos dinheiro. Seu rosto é sulcado de rugas: elas formam vergões ao longo de seu comprimento. Tem 86 anos, & não consegue se lembrar de outro verão igual a este. Quando moça era tão quente em abril que era muitas vezes insuportável dormir de lençol. A juventude dela deve ter sido mais ou menos na época da do meu pai. Ela é 9 anos mais nova, calculo: nasceu em 1841. E o que terá visto da Inglaterra vitoriana eu me pergunto?

Sei criar situações, mas não enredos. Quer dizer: se eu passo por uma garota aleijada, sem perceber sou capaz de criar uma cena instantaneamente: (agora não consigo pensar em nenhuma). Este é o germe do meu dom para a ficção. E por falar nisso recebo uma carta atrás da outra sobre os meus livros, & elas pouco me animam.

Encontramos Mary & Barbara [Hutchinson] em Brighton ontem; cinzentas, com roupas de alfaiataria, elegantes, com um toque rosado & meias de seda cor-de-rosa. Contudo notei algumas rugas nos olhos de Mary; & uma ou outra linha funda, provocadas por Clive. Fomos afáveis, como são as pessoas quando se encontram depois de um período de

1832

86

1918

⁶² Ver "Old Mrs. Grey" em *The Death of the Moth*. (AOB)

frieza; oferecemos pãezinhos. Fomos afáveis até demais, talvez; a sombra de Clive assomou sobre nós. Indo buscar o chapéu de L. em Charleston topei com uma dessas horas emotivas das tardes de outono em que as pessoas desejam ser íntimas, talvez contar vantagem. E ele me contou uma história romântica absurda – de uma garota, linda, desejável, com metade de sua idade; apaixonara-se por ele, & ele não conseguia acreditar; ela deve me achar um homem idoso & culto, disse; & portanto “eu tento tanto me controlar”, mas espantosamente, os dois saíram juntos no outro dia; tiveram 4 dias de alegria completa; & agora “começa o drama”. Na verdade, começou dois dias atrás, na segunda. Ninguém tem a mínima ideia de quem ela seja. E será algo duradouro, ou genuíno, ou apenas uma vingança contra Mary? & será que sobrevive aos ataques de Mary, & seremos nós arrastados para o meio de tudo, &c &c &c? São estes os pensamentos que nos agitam este outubro, que é o nascimento do ano.

Se minha pena permitisse, eu trataria de traçar um cronograma de trabalho, tendo concluído meu último artigo para o Tribune, & estando livre mais uma vez. Mas imediatamente os dispositivos excitantes de sempre invadem minha cabeça: uma biografia, começando no ano de 1500 & seguindo até os dias de hoje, chamada Orlando: Vita; mas com uma mudança de sexo. Acho que, por diversão, devo me permitir escrevê-lo por uma semana, enquanto⁶³

Sábado, 22 de outubro

Este é um livro, creio já ter dito antes, que escrevo depois do chá. Meu cérebro estava cheio de ideias, mas todas elas foram gastas com Mr Ashcroft & Miss Findlater, admiradores fervorosos.⁶⁴

“Devo me permitir escrevê-lo por uma semana” – não faço mais nada, absolutamente nada, há quinze dias; & me lancei um tanto furtivamente mas com mais paixão ainda sobre Orlando: Uma Biografia. Será um livro pequeno, que devo terminar até o Natal. Pensei em alterná-lo com *Ficção*, mas quando a cabeça ferve não consegue mais parar: eu caminho formando frases; sento planejando cenas; estou, em resumo, em meio ao maior arrebatamento em que já estive; & do qual

⁶³ O texto se interrompe.

⁶⁴ Mr Ashcroft, não identificado. Mary Findlater e sua irmã Jane escreveram, juntas e separadamente, um bom número de romances populares. (AOB)

venho me poupando desde fevereiro, ou antes até. E falar em planejar um livro, ou esperar por uma ideia! Este aqui veio numa onda; eu disse para pacificar a mim mesma, estando entediada & estagnada com aquela maçante intolerável Ficção, “Escreva uma página de um conto para se divertir: pare às 11.30 em ponto & depois continue com os Românticos”. Eu tinha pouquíssima ideia a respeito do que seria a história. Mas o alívio de manobrar a imaginação naquela direção era tamanho que me senti feliz como há meses não me sentia, como se tivesse me deitado ao sol, ou recostado em almofadas; & depois de dois dias desisti completamente do meu cronograma & abandonei-me ao puro deleite dessa farsa: que me dá mais prazer do que qualquer outra coisa jamais me deu; & escrevi até começar a sentir dor de cabeça & ser forçada a parar de supetão, como um cavalo cansado, & tomar um soníferozinho ontem de noite: o que tornou nosso café da manhã desafiador. Não consegui terminar o meu ovo. Estou escrevendo Orlando mais ou menos num estilo de sátira muito claro & simples, para que as pessoas entendam cada palavra. Mas o equilíbrio entre verdade e fantasia deve ser cauteloso. É baseado em Vita, Violet Trefusis, Lord Lascelles, Knole &c.⁶⁵

Muitos incidentes a registrar. Nestes dias claros de outubro, eles sempre chegam juntos em uma onda, uma vez que todos estão de volta, recém-chegados do isolamento, animados, ocupados, sociáveis. Nessa iniciou encontros informais nas noites de domingo; & lá a Velha Bloomsbury deverá se reunir, após o jantar – Helen Clive Roger &c.

Ah, uma semana atrás perguntei as horas na Editora.

“Leonard pode te responder” disse Angus bastante melindrado. “Pergunte a Angus. Eu não faço ideia”, disse Leonard bastante rabugento. E vi Mrs C. abaixar a cabeça sobre o papel que digitava & rir. Foi o rabicho de uma discussão terrível dos dois sobre as horas. Angus foi despedido; mas disse a Nessa que gostaria de ficar, caso os temperamentos pudessem se tornar compatíveis. Um ano ruim, este, para a Editora: porém as perspectivas parecem promissoras, desde que as Marys & os Braithwaites não comam todo o lucro. Dottie (que veio

⁶⁵ Violet Trefusis, com quem Vita, frequentemente vestida como um homem, teve um caso apaixonado entre 1918 e 1922. O visconde de Lascelles cortejava Vita antes de ela comprometer-se em noivado com Harold Nicolson em 1913. Sasha, a princesa russa, e a arquiduquesa Harriet em *Orlando* foram baseadas nas histórias que Vita contou a VW sobre as duas. (AOB)

para o chá com enorme simplicidade, mas alongou a visita um pouco além da conta) vai investir £200 por ano em Stella Gibbons &c. & me empresta seus próprios poemas, que prontamente atiro privada abaixo.⁶⁶ Vita aparece sem avisar na editora, toda de vermelho & preto (assim como Orlando), diz que um fazendeiro, não, um taberneiro atirou em Lizzie [*uma cadela?*] (ela respeita fazendeiros, não taberneiros): sobe até aqui comigo, & Harold vem se despedir. Sentamos muito à vontade & íntimos para ouvir o bon-vivant, junto do fogão a gás: ele acabara de voltar do Ministério das Relações Exteriores, onde “foram ótimos. Sabem como mimar alguém”, ele disse, dedicado que é ao Ministério, que agora irá mandá-lo para Berlim por 3 anos. Vita só ficará lá por um curto período de tempo, segundo disse. Ela gosta dele. Ela o afaga: pede que eu lhe prepare uma xícara de chá.

E há ainda o Clive. Forrou suas escadas do mais vívido tom de verde, com 5 polegadas de espessura: dispõe de todos os confortos & comodidades. Fui jantar lá & encontro Harold & Tom: Tom, obviamente, de colete branco, com pinta de homem vivo; dá a nota & lá vão eles contando histórias sobre “Jean” (Cocteau) sobre Ada Leverson, Gosse, Valery, &c &c. & L. & eu nos sentimos meio Bloomsbury, talvez; não, creio que esse tipo de conversa mal atinge um nível passável. Harold é o que melhor se sai. Ele estava em Petersburgo quando explodiram Stolypin, ou seus filhos; consegue descrever o bum buuum buuum da bomba caindo: & a Imperatriz cujo branco dos olhos era amarelado;⁶⁷ & o Rei George atirando Mr. Britling com violência no chão. & “pode me faltar distinção, mas que eu me dane se for alheio”, foi seu comentário sobre uma frase qualquer de Wells.⁶⁸

E isso me faz lembrar que vimos o caixão cinza-claro de Mrs Wells deslizando pelos portões m Golders Green. Tinha borlas como cordas de sino. Wells, sentado ao lado de [George Bernard] Shaw de

⁶⁶ A Hogarth publicara em fevereiro daquele ano o livro *The State of Religious Belief*, de R. B. Braithwaite, baseado no questionário da *N & A* (ver 5 set. 1926). Stella Gibbons, autora do best-seller *Cold Comfort Farm*, era também poeta, mas não foi incluída na série *Hogarth Living Poets* de Dorothy Wellesley. (AOB)

⁶⁷ Harold Nicolson recontou a história do ataque com bomba ao primeiro-ministro russo Stolypin em 1906 contada por seu pai, Lord Carnock, que na época servia como embaixador britânico em São Petersburgo. (Stolypin escapou ileso, mas dois de seus filhos foram feridos.) O pai o mandou até lá para verificar o acontecido. (AOB)

⁶⁸ Em 1917, o rei exclamou (frase que quase com certeza veio à tona por causa de Lord Carnock, que servia de secretário-assistente do monarca): “Posso ser pouco inspirador, mas que eu vá para o inferno se for alheio”. É uma referência ao livro *Mr. Britling Sees It Through*, de H.G. Wells, em que ele escreveu sobre o triste espetáculo da Inglaterra debatendo-se contra uma “corte alheia e pouco inspiradora”. (AOB)

sobretudo azul garrafa, soluçava. Dava para ver seu lenço branco entrando e saindo do bolso. Mr. [Thomas E.] Page um velho acadêmico desleixado & mal-ajambrado leu umas páginas datilografadas por Wells sobre “nossa amiga Caroline”.⁶⁹ “Pobrezinhos, pobrezinhos desses tolos” ela costumava dizer, nos tempos em que os dois tinham má reputação. Esse coloquialismo fundiu-se à liturgia do enterro; & o efeito geral foi de certa maneira um pouco desinteressante. O objetivo era enfatizar a vida; & a generosidade & como a vida generosamente continua; uma coisa me emocionou. “Uns são colocados num promontório & suas vidas servem de farol para a humanidade. Outros vivem afastados & mal são conhecidos, mas suas vidas são as mais preciosas”, o que me lembrou algo que papai escreveu, referindo-se na época a mamãe.⁷⁰ Então o caixão deslizou para “a fornalha da criação material”. Ela se tornou parte das rosas que tanto amou, & do sol sobre a neve. Pobre Jane! Foi desesperador ver que grupo desmazelado maltrapilho & imperfeito éramos; quão debilitados; quão feios em sua maioria. E no entanto nos esforçávamos ao máximo para dizer qualquer coisa sincera sobre a nossa grande aventura (como Wells quase a chamou). Justiça seja feita ele foi aventureiro & mergulhou em seu banho & espalhou as águas para todos os lados. Mais tarde nos levantamos para os cumprimentos; Lydia soluçava; Shaw disse “Não chore. Jane está bem – Jane é esplêndida” & fomos embora – eu para a Fortnum & Mason comprar sapatos.

Domingo, 20 de
novembro

Vou agora roubar um instante daquilo que Morgan chama de “vida” para escrever uma nota apressada. Minhas notas têm sido escassas; a vida uma cascata, um glissade, uma enxurrada: tudo junto. Acho que no geral este é *mesmo* o nosso outono mais feliz. Tanto trabalho; & hoje sucesso; & a vida fácil: deus sabe o que mais. Minha manhã vai-se depressa, caótica, das 10 à 1. Escrevo tão rápido que não consigo digitar tudo até a hora do almoço. Esta é suponho a espinha dorsal mais importante do meu outono – Orlando. Nunca sinto o mesmo quando

⁶⁹ A esposa de H. G. Wells se chamava “Catherine”, não “Caroline”, mas era conhecida como Jane. (AOB)

⁷⁰ Em outubro de 1895, após a morte de sua esposa, Leslie Stephen deu a palestra “Forgotten Benefactors” na Ethical Society. Sua intenção era “falar sobre Julia sem mencionar seu nome”, e o texto conclui: “(...) o bem realizado por uma vida e um caráter nobres pode perdurar muito além de qualquer horizonte que venha a ser vislumbrado pela nossa imaginação”. (AOB)

escrevo críticas, exceto numa ou noutra manhã. Hoje comecei o terceiro capítulo. Estou aprendendo alguma coisa? Talvez o livro seja zombeteiro demais para isso; no entanto me agradam essas frases simples; & a externalidade dele, para variar. Está fino demais obviamente; derramado sobre a tela; mas devo cobrir o terreno até 7 de jan. (imagino) & depois reescrevê-lo. Vita veio; Dottie veio; Clive incessante; Tom, Roger; temos nossas noites de Bloomsbury; pela primeira vez estou esbanjando dinheiro, numa cama, num casaco (d0 casaco, no momento, eu me arrependo) & tive uma deliciosa sensação de abundância outro dia quando em Long Barn dei a Loune [*o mordomo*] uma gorjeta de 5/- por passar a noite. Mas a psicologia do dinheiro é estranha; & não me dá grande prazer gastar. Duvido que eu deseje qualquer coisa com intensidade suficiente; no entanto tenho medo de gastar erroneamente; & preciso comprar um vestido de noite coisa que também me dá medo. Recusei Sybil; aceitei Ethel. A fama aumenta; creio. Rapazes jovens escrevem sobre mim em seus livros absurdos ao acaso. A vida doméstica, ou seja Nelly, de vento em popa.

Isso não passa de um resumo; pois tenho cartas demais para escrever, & não consigo alcançar aquela nuvem que estava tão pesada em meu cérebro quando eu me sentei aqui.

Fiz Vita chorar na outra noite; baixinho, despidoradamente. “Odeio me sentir entediada” falei, sobre suas Campbells & Valery Taylors; & ela interpretou isso como se eu estivesse me cansando dela.⁷¹

30 de novembro

Acabo de voltar do andar de cima & de provar um chapéu (18/11) que comprei recentemente na B&H (assim chamam a loja) [Bourne & Hollingsworth] para usar no almoço de Sybil amanhã. Com esse dinheiro eu poderia ter comprado uma camisola. Então ouvi um homem num ônibus falando sobre qualidade & o que constitui um cavalheiro; & a senhora me chamaria de Sir; & eu, de Madame. Isso a uma mulher da classe trabalhadora, desmazelada descorada aveludada com um bebê. “Tiv’ mais d’8” ela disse ao motorista; a quem chamava de meu jovem;

⁷¹ Vita fora jantar sozinha com VW em Tavistock Square em 10 nov. e lhe contou sobre as turbulências de seu caso com Mary Campbell, mulher do poeta sul-africano Roy Campbell. Os Campbells, depois de voltarem de Durban, foram morar na casinha do jardineiro em Long Barn. Quando Roy descobriu o caso da mulher com Vita, reagiu violentamente. Violet Taylor era uma atriz famosa pela beleza. (AOB)

enquanto ele a chamava de Ma. Isso é Dickens; ou Shakespeare; ou simplesmente cockney inglês: seja lá o que for eu adoro; aquece o fundo do meu coração. Um outono muito feliz, esse, repito. Aumento de £5 para Nelly, por um motivo ou outro por animação constante & gentileza. Ofereceu-se ontem à noite para tirar a mesa. Acha que é só o justo, termos lhe dado um aumento. Nenhum incômodo com as visitas. Depois do Natal se instalará o desgosto, com certeza; quando então terei de escrever críticas; a luz rareia; & Nessa Vita Clive vão embora. Mas vou me antecipar a essa depressão. Além do mais, estou ou não estou orgulhosa no momento. Ruth Draper me admira: vou encontrá-la sexta-feira na Elena Richmond. Que concatenação incrível! Assim sendo esta noite vou ao Pit ver Ruth Draper⁷². Almoço com Sybil; jantar com Ethel; & um vestido novo, feito de outro de 100 anos de idade. Estas são as pequenas ondas que a vida faz; que nos jogam de um lado para o outro & para cima e para baixo.

Uma nota rápida sobre o almoço, sendo que L. foi almoçar no Cranium.⁷³

É uma arte da conversa casual; esta sobre as pessoas. Bogey Harris; Maurice Baring. B.H. “conhece” todo mundo: ou seja ninguém. Freddy Fossle? Ah sim eu o conheço; conhece Ly Fulano de Tal; conhece todo mundo: não consegue admitir que não. Um jantar sisudo, reluzente. Católico romano. No meio M. Baring disse – Mas Lady Beaverbrook morreu esta manhã. Sybil diz Repita isso. Mas BM [*não identificado*] ia almoçar com ela ontem, disse Bogey. Bom saiu nos jornais: ela morreu disse M.B. Sybil fala Mas ela era tão jovem. Lord Ivor pediu para me apresentar o jovem com quem a filha dela vai se casar. Eu sei diz Lord Ivor, ou melhor Bogey. Bem, que estranho, Sybil diz, desistindo da tentativa de enfrentar a morte dos jovens em um almoço social. Então daí para as perucas: Antes de se levantar Lady Charlie costumava cachear os cabelos com um marinheiro no convés diz Bogey. Ah eu a conheço desse sempre. Passeava de iate com eles. Lady... sobancelhas caíram na sopa. Sir John Cook era tão gordo que tiveram de içá-lo. Certa vez ele se levantou da cama no meio da noite & caiu no

⁷² Atriz americana famosa que estava apresentando no Criterion Theatre uma temporada de monólogos. (AOB)

⁷³ Na versão de AOB, ela separa como uma nova entrada e coloca a data: quinta-feira, 1 de dezembro.

chão, onde ficou por 5 horas – sem conseguir se mexer. BM me mandou uma pera pelo garçom com uma longa carta. Conversa sobre casas & períodos. A conversa toda muito tranquila & superficial; depende de conhecer as pessoas: não de dizer qualquer coisa de interessante. As bochechas de Bogey são polidas diariamente.

Quinta, 20 de
dezembro

Este é praticamente o dia mais curto & talvez a noite mais fria do ano. Estamos no coração negro de uma nevasca terrível. Noto esse aspecto de átomos negros no ar límpido, que por algum motivo nunca consigo descrever como queria. O asfalto estava branco com grandes flocos poeirentos na outra noite, quando eu voltava a pé com Roger & Helen, do último domingo na Nessa – receio que será o último em muitos meses. Mas como sempre eu “não tenho tempo”: vou contar as coisas que deveria estar fazendo nessa noite profunda de inverno em que Leonard está dando sua última palestra, enquanto Pinker dorme na poltrona dele. Eu deveria estar lendo o conto de Bagenal; a peça de Julian; as cartas de Lord Chesterfield; & escrevendo para Hubert [Henderson] (sobre um cheque da Nation).⁷⁴ Há uma escala de valores irracional em minha cabeça que coloca essas tarefas em um nível mais elevado do que o mero escrevinhar. Angus finalmente deve sair: tivemos outra entrevista meio dolorosa no Estúdio; quando ele interrompeu a demissão de L. com seu próprio pedido de dispensa. O dinheiro é insuficiente. Estamos pensando em ter Francis Birrell como sócio; devemos fazer-lhe o convite amanhã; & tratar da Hogarth Miscellany.⁷⁵

Isso me fez lembrar a festa infantil na Nessa ontem à noite. A peça das criaturinhas deu um nó na minha garganta infinitamente sentimental. Angelica tão madura, tão dona de si; de cinza & prateado; que epítome do feminino; & que botão fechado de razão & sensibilidade; com uma peruca cinzenta & um vestido da cor do mar. E no entanto, por estranho que pareça, raramente desejo ter filhos agora. Esse desejo insaciável de escrever alguma coisa antes de morrer, esse sentido feroz da brevidade & do frenesi da vida, fazem eu me aferrar, como um

⁷⁴ LW estava dando uma série de seis palestras intitulada “Imperialism and the Problem of Civilization”. A resenha de *The Characters of Lord Chesterfield*, que VW estava escrevendo, sairia no *TLS* em março de 1928. (AOB)

⁷⁵ Birrell não se juntou à editora e não deu em nada a ideia da *Hogarth Miscellany*, ou *Annual*. (AOB)

homem a um rochedo, à minha própria âncora. Não me agrada a fisicalidade de ter filhos meus. Isso me ocorreu em Rodmell; mas não cheguei a anotar. Posso me imaginar como mãe, é verdade. E talvez eu tenha instintivamente matado esse sentimento; do mesmo modo como talvez a natureza o faça.

Ainda estou escrevendo o 3º capítulo de Orlando. Logicamente tive de abandonar a ideia de terminá-lo em fevereiro & publicá-lo na primavera. Está se arrastando mais do que eu imaginei. Andei repensando a cena em que O. encontra uma garota (Nell) no Parque & vai com ela para um belo quarto em Gerrard Street. Ali ela irá se revelar. As duas vão conversar. Isso vai levar a uma digressão ou duas sobre o amor entre mulheres. Vai trazer à cena a vida noturna de O.; & seus clientes (a palavra é essa). Então ela irá se encontrar com Dr. Johnson, & talvez escrever (quero citá-lo de alguma maneira) *To all you Ladies*.⁷⁶ Assim devo obter certo efeito dos anos passando; & então vem a descrição das luzes brilhantes do Século 18; & as nuvens do Dezenove erguendo-se. Aí direto ao 19. Mas ainda não pensei sobre isso. Quero escrever tudo isso depressa, para manter a unidade do tom, que nesse livro é muito importante. Tem de ser meio zombeteiro, meio sério: com salpicadas generosas de exagero.

Talvez eu deva reunir coragem para pedir ao Times um aumento. Mas se eu puder escrever para o meu Annual nunca mais escreverei para outro jornal. Quão extraordinariamente imprevisto para mim, mas potente, foi Orlando aliás! como se tivesse atirado todo o resto de lado para vir à luz. Contudo percebo ao ler março⁷⁷ neste momento que ele ficou quase idêntico em espírito, embora não nos fatos, ao livro que tinha planejado escrever como uma aventura: o espírito deveria ser o da sátira, a estrutura insana. Precisamente.

Sim, repito, um outono muito feliz, singularmente feliz.

Os fatos são: uma senhora de Leicestershire ama Clive: Mary ama (talvez) Lord A. Quer Clive de volta, mas com algumas condições. Ele ignora: sente uma ferroada de vez em quando, mas está livre &

⁷⁶ "To All You Ladies" foi escrito em 1665 por Charles Sackville, ancestral de Vita e conde de Dorset. VW acabou não fazendo esta citação em *Orlando*. (AOB)

⁷⁷ Ao ler os diários de março.

solto. Mary os encontrou andando pela Cavendish Square. Raymond vai se casar com Valery. (é o que achamos.)

22 de dezembro

Vou abrir isto por um instante apenas, estando eu entediada, para registrar uma reprimenda severa de mim para mim mesma. A sociedade vale por nos humilhar. Sou adúlterina, medíocre; uma fraude; estou adquirindo o hábito da conversa exibida. Espalhafatosa foi o que me pareceu a noite passada nos Keynes. Eu estava sem o menor humor & portanto pude enxergar com transparência o que eu mesma dizia. Dadie disse uma verdade também: quando V. permite que seu estilo venha para o primeiro plano, é só no que pensamos; quando ela usa clichês, achamos que entendemos o que ela quer dizer. Mas, segundo ele, eu não tenho nenhuma capacidade lógica, & vivo & escrevo como se estivesse em meio a um sonho de ópio. E o sonho é frequentemente sobre mim mesma.

Agora, com a meia idade se aproximando, & a velhice logo à frente, é importante ser severa com defeitos assim. Com que facilidade posso me tornar uma mulher egoísta & absurda, medindo elogios, arrogante, estreita, murcha. Os filhos de Nessa (sempre me comparo com ela, & descubro que ela é a maior & mais humana de nós duas, penso nela hoje com uma admiração que nada tem de inveja: com certo resquício da antiga sensação infantil de que estávamos unidas numa cruzada contra o mundo; & que orgulho sinto por ela ter vencido triunfalmente todas as nossas batalhas!: pois ela [abre] caminho tão modesta tão despreocupada, quase anonimamente até seu objetivo, com os filhos ao seu redor; & é somente por uma ligeira & nova ternura (algo tocante nela) que percebo que ela também sente espanto, surpresa, de ter escapado incólume por tantos terrores & sofrimentos —

O sonho é frequentemente sobre mim mesma. Para corrigir isso, & esquecer sua própria personalidadezinha absurda & intensa, sua reputação & todo o resto, é preciso ler; ver pessoas de fora; pensar mais; escrever mais logicamente; acima de tudo encher-se de trabalho; & praticar o anonimato. O silêncio acompanhado; ou a declaração mais silenciosa, não a mais espalhafatosa, também é algo “indicado”, como

dizem os médicos. Foi uma festa um tanto vazia, a da noite passada. Ótimo aqui, entretanto;⁷⁸ & creio que F. B. está inclinado a aceitar.

⁷⁸ Francis Birrell e Dadie Rylands jantaram com os Woolfs antes de irem todos para a festa dos Keynes. (AOB)

1928¹

17 de janeiro

Daqui a meia hora mais ou menos Nessa & Duncan passarão por aqui antes de irem se despedir de Roger. Estas são as verdadeiras férias do ano: Bloomsbury se dispersa de hoje até maio, presumo. Clive partiu para a Alemanha esta manhã.

Ontem fomos ao funeral de Hardy. No que pensei? Na carta de Max Beerbohm, que eu tinha acabado de ler; na palestra sobre literatura de mulheres para as Newnhamitas.² De quando em vez alguma emoção irrompia. Mas duvido que o animal humano seja capaz de dignidade em uma cerimônia. Vemos o franzir de cenho & o cacoete de um bispo: vemos seu nariz lustroso luzidio; desconfiamos que o olhar enlevado do noviço de óculos para a cruz que ele carrega seja uma fraude; pegamos o olhar extenuado & distraído de Robert Lynd; depois pensamos na mediocridade de Squire³; depois lá vem o caixão, excessivo; como um caixão teatral, coberto por um tecido branco de cetim: os carregadores cavalheiros idosos um tanto vermelhos & rígidos, segurando-o pelos cantos: pombos voando lá fora; luz artificial insuficiente; procissão até o Poet's Corner; o dramático "Na esperança certa & confiante da imortalidade", melodramático talvez. Depois do jantar em Clive, Lytton protestou que os romances daquele grande homem estão entre os piores dos piores & que não consegue lê-los. Lytton senta ou recosta-se inerte, de olhos fechados, ou exasperado, com eles abertos. Lady Strachey vai se apagando lentamente, mas pode ser que isso demore anos. Tudo isso faz brotar em mim a sensação de inquietude, de mudança & mortalidade, de que as despedidas são mortes; & depois a de minha própria fama – por que essa ideia me vem? – & de sua longinquidade; & depois ainda a pressão de escrever dois artigos sobre

¹ VW abre um novo livro.

² Max Beerbohm disse em sua carta que considerava *O leitor comum* "acima de qualquer livro moderno de crítica", mas que em seus romances VW costumava ser "muito dura conosco, os leitores comuns". VW concordara em dar uma palestra à Newnham Arts Society em maio, mas o evento foi adiado para outubro. Essa e outras palestras deram origem a *A Room of One's Own*. (AOB)

³ Robert Lynd, jornalista; John Squire, fundador e diretor do *London Mercury*.

Meredith & polir o de Hardy.⁴ E Leonard em casa lendo. E a carta de Max. & a sensação da futilidade de tudo.

Domingo, 11 de fevereiro

Estou com tanto frio que não consigo segurar a caneta. A futilidade de tudo – aí parei; & de fato ando tendo essa sensação de modo um tanto persistente, & talvez devesse ter escrito isso aqui. Hardy & Meredith juntos me mandam para a cama entorpecida de dor de cabeça. Agora conheço essa sensação, quando sou incapaz de cunhar uma frase & fico sentada remoendo-a & balbuciando; & nada ilumina o meu cérebro, que mais parece uma janela vazia. Portanto fecho a porta do meu estúdio, & vou para a cama, enfiando borrachas nos ouvidos; & ali fico deitada por um ou dois dias. E quantas léguas viajo no tempo! Tais “sensações” se espalham pela minha coluna & minha cabeça tão logo lhes dou a chance; que cansaço exagerado; que angústias & desesperos; & alívio & descanso celestiais; & depois de novo o sofrimento. Creio que nunca ninguém foi tão atirado de um lado para o outro pelo próprio corpo como eu sou. Mas acabou: já se esqueceu; & Lord Sackville morreu & repousa em Withyam, & passei por Knole ontem com Vita & tive de afastar os olhos da imensa casa sem senhorio, sem bandeira. Isso é o que a perturba mais. Quando ela deixou a casa, atrás das velhas carroças, foi para sempre, disse, depois de ter sido sua senhora por três dias.⁵ Por algum motivo, estou me debatendo sem energias com o último capítulo de Orlando, que era para ter sido o melhor. Sempre sempre o último capítulo me escapa das mãos. Fica-se entediado. Chicoteia-se. Ainda tenho esperanças de que sopra um novo vento, & não me importo tanto, apesar de sentir saudades da diversão, que era tão tremendamente exuberante em outubro, novembro & dezembro. Tenho lá minhas dúvidas se não será vazio; & fantástico demais para ser tão longo.

⁴ O artigo sobre Hardy, que VW vinha escrevendo desde 1921 – fora encomendado por Bruce Richmond em 1919 –, saiu no *TLS* em 19 jan. 1928. Lady Strachey, tia de Duncan e mãe de dez filhos, morreria em dezembro de 1928. (AOB)

⁵ O pai de Vita, o III Barão Sackville, morreu em Knole em 28 jan. aos 60 anos, e foi enterrado, como os Sackvilles o são desde o século XIV: na capela da família na igreja Withyam. Seu caixão foi transportado até lá por carroças. Por não ter tido filhos homens, suas posses e propriedades foram herdadas pelo seu irmão, Charles. (AOB)

De resto, hoje Bloomsbury retorna à vida. Clive está de volta: ao que Mary nos convida para almoçar: & assim voltamos a cintilar com uma certa palidez de neve do comecinho da primavera.

Minha pena protesta. Escrever assim não faz sentido, diz ela. E L. foi ver M.[argaret] LI.[ewelyn] D. [avies]. Pinker pegou pulga.

Sábado, 18 de
fevereiro

Sinto-me feliz de declarar que ainda tenho algumas libras no Banco, & meu próprio talão de cheques. Este grande avanço de dignidade foi conquistado no outono. Com minhas £60, comprei uma cama da Heal; um armário de cozinha, um casaco de pele, & agora um rolo de carpete para o saguão. Esta revisão financeira foi um enorme sucesso. E escolho bem os artigos, de modo a escrever um & ganhar £30 por mês. E sim, eu deveria estar revisando Lord Chesterfield agora, mas não estou. Minha mente sai sonhando acordada com Mulheres & Ficção, que lerei em Newnham em maio. A mente é o mais caprichoso dos insetos – esvoaçante, rodopiante. Eu tinha pensado em escrever as páginas mais ligeiras & brilhantes de Orlando ontem – mas nem uma gota veio, certamente por causa dos motivos físicos de costume, que se apresentaram hoje. É a mais estranha das sensações: como se um dedo interrompesse o fluxo de ideias do cérebro: que perde o lacre, & assim o sangue escorre para todos os lados. Novamente, em vez de escrever O. me pus a percorrer de cima a baixo todo o território da minha palestra. E amanhã, ai de mim, temos de nos apressar; pois preciso voltar ao livro – que tão satisfatoriamente alegrou esses últimos dias. Não que minhas impressões quando escrevo sejam um guia infalível.

Jantamos com Ka. Ela tirou as cúpulas de todos os abajures de Nessa & por estranho que pareça, de certa maneira emprestou uns ares de lugar-comum à casa.⁶ A casa estava, além disso, cheia daqueles maltrapilhos que ela coleciona – os sérios, os feios, os infelizes. Nunca tinha me sentado ao lado de um tal traste como Mrs. Campbell. Garnett tão ruim quanto – um pedante com educação excessiva. Estou tão exausto que nem consigo falar – três comitês esta tarde – deu informações corretas sobre como cozinhar ovos.

⁶ Vanessa Bell alugou seus cômodos no número 37 da Gordon Square para Ka e Will Arnold-Forster, durante o período de sua viagem na França. (AOB)

Antes disso, houve Todd & Clive – Clive é onipresente. Todd parecia um animal primitivo saindo do pântano, enlameada, hirsuta. É uma mulher comercial – uma exceção no meu mundo. Falava em “recuperar meu dinheiro” como Gerald Duckworth diria, com o mesmo olhar de ganância um tanto hostil & cauteloso, como se o mundo estivesse conspirando só para roubá-la. Essa mania de cavoucar por dinheiro não é atraente, mas acaba suavizada por uma faísca de estilo & quem sabe até de elegância. Ela se apoia nos dois pés ao expressá-la. Vai fundar um jornal – que tédio essas pessoas que fundam jornais em maio! Desmond é outro. Mas Todd não tem nada da efervescência & entusiasmo dele. Acha trabalhar extremamente tedioso. Gosta da vida. [Seis palavras riscadas] flertando com Osbert suponho. Ela parece uma anta, cujo nariz de criatura fareja Bloomsbury persistentemente.

Dadie entrou aqui um instante, um tanto esgotado & lívido, também de tanto “ganhar dinheiro”. Estamos meio distantes disso, Leonard & eu: L. nunca ganha um centavo; quero dizer, ele tenta: & eu quase chego a desejar que fôssemos mais extravagantes. Isso surge de vez em quando em meus pensamentos. E o que mais surge? Duvido que irei escrever outro romance depois de O. Inventarei outro nome para eles.

Almoço com Mary; almoço com Clive; jantar com Clive; chá com Jane, apoiada na cama, a velha cabeça branca apoiada sobre travesseiros, muito envelhecida & um tanto exaltada, capaz de conversar ou escutar somente por dez minutos ou algo assim.⁷ Mary & Jack tinindo de abastança & belezuras domésticas: conjuntos bonitos por toda parte; & quadros, & tapetes; mas quase nada que sustente aquilo. Jack entrou, antes das três, no clima de contar histórias: às 3.30 já tinha contado todas. De volta para casa & para o desleixo.

Domingo, 18 de
março

Perdi meu suporte para escrever; uma desculpa para o estado anêmico deste livro. Realmente só estou escrevendo agora, entre uma carta & outra, para dizer que Orlando foi concluído ontem quando o relógio bateu uma hora. Finalmente a tela está coberta. Três meses de trabalho meticuloso serão necessários, imperiosamente, antes que ele possa

⁷ Jane E. Harrison, renomada arqueóloga, classicista e antropóloga. Dela, a Hogarth Press publicara *Reminiscences of a Student's Life*, em 1925. VW fora visitá-la em sua casa, onde ela morava com Hope Mirrlees.

seguir para a gráfica; pois rascunhei & pincelei, & a tela aparece em mil lugares. Mas a sensação é de serenidade, de dever cumprido, ao escrever, ainda que provisoriamente, Fim, & partimos no domingo, eu de consciência apaziguada. Escrevi esse livro mais depressa do que qualquer outro: & não passa de uma brincadeira; contudo de leitura leve & ligeira eu acho; as férias de um escritor. Tenho mais & mais certeza de que nunca mais escreverei outro romance. Trechinhos de rimas me assolam. Bem, então partimos de carro para a França no sábado, & devemos estar de volta em 17 de abril para o verão. O tempo voa – ah sim: pensar que já será verão novamente; & que ainda me restam faculdades para me espantar com isso. O mundo dando voltas mais uma vez, trazendo seus tons de verde & azul para perto dos nossos olhos. Desde fevereiro minha cabeça está ligeiramente nublada por uma dor de cabeça, tive um início de gripe; & por isso, com o farol baixo, & destinando toda a minha energia a levar meu livro adiante, não escrevi aqui. Não gosto desses meses. Será que deveríamos ir a Roma no ano que vem? Ter controle da vida é o que se deveria aprender agora: administrá-la com economia. Sinto que estou cautelosa, como uma pessoa pobre, agora aos 46 anos. Mas até lá posso estar morta, eu acho, & portanto faço aulas de francês agora, em vez de ficar esperando.

Quinta, 22 de
março

Aqui estão as últimas páginas de Orlando, & são vinte para a uma; j& á escrevi tudo que tinha para escrever, & no domingo viajamos para o exterior.

Sim está pronto – Orlando – iniciado em 8 de outubro, como uma brincadeira; & agora meio comprido demais para o meu gosto. Talvez não seja nem alho nem bugalho, longo demais para uma brincadeira & frívolo demais para um livro sério. Devo levar em conta que o que escrevo agora vem de uma cabeça ávida apenas por campos verdejantes. Sol; vinho; ficar sentada sem fazer nada. Nas últimas 6 semanas tenho sido mais um balde que uma fonte; parada para receber os tiros de uma pessoa ou de outra. Um coelho que passa por um painel de tiro & os amigos pum-pum. Graças a Deus hoje Sybil desmarcou conosco, portanto resta apenas Dadie, & um dia inteiro de quietude, graças a Deus, amanhã. Mas pretendo tomar pé desse assunto do tiro

ao coelho quando eu voltar. E do de ganhar dinheiro. Espero me assentar & escrever todos os meses um belo artigozinho discreto por £25; & assim viver; sem estresse; & portanto ler – o que eu quiser. Aos 46 devemos ser sovinas; ter tempo apenas para o que é essencial.

Mas creio que já fiz considerações morais o bastante, & é melhor descrever as pessoas, apesar de que, quando nosso espírito vê tão insipidamente, por dever & não vontade, torna-se meio preguiçoso em fazer observações. Morgan & Desmond vieram para o chá. Morgan está mais borboleta azul que nunca. Se eu não converso, ele não diz nada. E qualquer sombra o assusta. Desmond chegou redondo como uma bola de bilhar; & pode-se dizer o mesmo de sua mente preguiçosa & borbulhante; que agora tem tanto brilho & lustro por sentir-se à vontade no mundo que estar com ele me põe de bom humor. Ele descreve, analisa, narra; não conversa exatamente. Todas as suas bajulações agora se destinam a angariar artigos para sua “Life & Letters”, que sai em maio. Mal me sinto envaidecida agora por ter sido convidada [a escrever lá]; porém obviamente um pouco fula quando recusei as £120 de Mrs. Van Doren & ela nem fez caso.⁸ E um pouco fula, também, por não ter ganhado o Femina Prize – em parte porque me exibiram como concorrente & as pessoas irão pensar que estou fula: coisa que inerentemente não estou.⁹

Roger & Helen, Ka & Will, na outra noite. Roger meio cruel, & vaidoso. “Sou o crítico mais lido da Inglaterra, entretanto não tenho onde escrever”. Analisando, isso quer dizer que The Nation lhe paga apenas £5, enquanto Konody ganha mais, & que as páginas da Burlington têm mais marcas nos artigos dele do que nos de McColl.¹⁰ Existe uma inocência em toda essa vaidade que é adorável; mas me sinto melindrada com a reputação de Bloomsbury. Pensei ter visto Ka & Will nos comparando & ficando felizes por não sermos impecáveis. Eles nos comparam com o mundo político: nós os comparamos com o nosso

⁸ Irita Van Doren era editora do suplemento literário do *New York Herald Tribune* e vinha encomendando desde 1925 uma série de artigos de VW, incluindo seis resenhas publicadas em 1927, pelas quais pagou £120. Ao que parece ela ofereceu agora a mesma quantia por uma série semelhante de resenhas, mas VW recusou. (AOB)

⁹ O desalento de VW era prematuro: em 23 de março ela leu numa reportagem do *Times* que fora agraciada com o Prix Femina de 1927-28 por *Ao Farol*. (AOB)

¹⁰ Paul Konody era o crítico de arte do *Observer* e do *Daily Mail* e autor de diversos livros sobre arte; D.S. McColl era um escritor influente que escrevia sobre o assunto. (AOB)

próprio. Will se recostou de olhos fechados & senti muita pena dele. Ele sabe o que Roger acha de seus quadros, & o que eu não acho – pois não olho para eles; mesmo assim tem a generosidade de elogiar meus livros. Nós, pessoas de meia idade, agora raramente cobiçamos a boa opinião uns dos outros com seriedade: ficamos satisfeitos em sermos diferentes.

Um tempo chuvoso & de muito vento; & na semana que vem a esta altura estaremos no meio da França.

Terça, 17 de abril Voltamos para casa, como previsto, ontem à noite, & para assentar a poeira da minha mente, escrevo aqui. Cruzamos a França & voltamos – cada polegada daquela terra fértil foi atravessada pelo admirável Singer. E agora cidades & espiras & cenas começam a se erguer na minha lembrança, enquanto o restante afunda. Vejo Chartres em particular, a espiral de caracol com a cabeça levantada atravessando a planície, a mais distinta das igrejas. A rosácea parece uma joia sobre veludo negro. O exterior é muito intrincado, porém simples; alongado; poupado de certa maneira do fantástico & do ornamental. O tempo cinzento corria sobre tudo isso; & eu me lembro de muitas vezes chegar à noite & ouvir a chuva nos hotéis. Muitas vezes vinha cambaleando por causa de minhas duas taças de vin du pays. Foi tudo uma grande correria & profusão – como atesta esta confusão de notas. Uma vez estávamos no alto de uma montanha no meio de uma tempestade de neve; & com bastante medo de um túnel comprido. Com frequência estávamos a 20 milhas de distância da civilização. Certa tarde chuvosa o pneu furou em uma vila das montanhas & eu entrei numa casa & sentei com a família – uma mulher simpática, educada & cheia de escrúpulos, uma garota bonita, tímida, que tinha uma amiga chamada Daisy em Earlsfield. Eles apanhavam trutas & caçavam javalis selvagens. Então seguimos até Florac, onde encontrei um livro – as memórias de Girardin, na velha estante que foi vendida junto com a casa. Sempre boa comida & garrafas de água quente à noite. E ainda Nessa & Duncan & Clive (que deu um tapa em público – maldito seja esse arrivistazinho inquieto). Ah & o meu prêmio – £40 dos franceses. E Julian. E um ou dois dias quentes & a Pont du Gard ao sol; & Les Beaux (onde Dante teve a ideia do Inferno, segundo Duncan), & crescente & constante o tempo todo era

o meu desejo por palavras, até eu passar a imaginar papel, caneta & tinta como coisas milagrosamente desejáveis – era capaz até mesmo de cobiçar rascunhos como se fossem uma espécie de alívio para mim – E teve ainda St. Remy & as ruínas ao sol. Esqueço agora como tudo aconteceu – como uma coisa levava a outra; mas as eminências agora emergem, & percebi como, conversando com Raymond no The Nation esta tarde, já tínhamos discorrido sobre os pontos altos. Antes disso, ao atravessar o cemitério sob a amarga chuva com vento, vimos Hope & uma mulher negra culta. Mas elas passaram reto por nós, mal nos lançando um olhar com hesitação. Logo em seguida escuto, Virginia, viro & lá vinha Hope de volta – “Jane morreu ontem” murmurou ela, meio sonolenta, de modo angustiado, “fora de si”. Nós nos beijamos à sepultura da filha de Cromwell, onde Shelley costumava caminhar, em honra da morte de Jane. Ela jazia morta longe do cemitério, naquele quartinho onde a vimos apoiada sobre os travesseiros, como uma pessoa extremamente velha que a vida atirou para o alto & abandonou; exaltada, satisfeita, exausta. Hope cor de papel pardo sujo. Dali para o escritório, depois para casa trabalhar; & agora trabalhar & trabalhar, o mais duro que eu puder.

Sábado, 21 de
abril

Dia gelado de chuva e vento. Nenhum azul, nenhum vermelho, nenhum verde nesta primavera detestável. Nas lojas há peles. Atravessei o Parque com Leonard; vim para casa; encontrei a faxineira no estúdio; agora preciso escrever aqui em vez de elaborar, como era minha intenção, umas frases cuidadosamente rematadas – pois Orlando está, verdade seja dita, horroroso de rudimentar.

A vida ou está muito vazia ou muito cheia. Por sorte, não cesso de transmitir esses curiosos choques que me abalam. Aos 46 não estou calejada; sofro consideravelmente; faço boas resoluções – ainda me sinto tão experimental & à beira de alcançar a verdade como sempre. Ah, & Vita – mudando de assunto & falando sobre o peso dos fatos – teve uma briga tremenda com a mãe – durante a qual ela foi obrigada a tirar o colar de pérolas do pescoço, parti-lo ao meio com um canivete, dar-lhe as 12 pérolas centrais & colocar os fragmentos, todos soltos, num envelope que o advogado forneceu. Ladra, mentirosa, espero que você seja atropelada por um ônibus – assim “minha honrada Lady

Sackville”¹¹ dirigiu-se a ela, tremendo de raiva diante de um secretário, um advogado & um chofer. Dizem que a mulher endoidou. Vita muito galante & rebelde, agitando a cabeça, me levou ao Zoo & disse que ela estava livre & solta & q. agora iria ganhar dinheiro sozinha, com a literatura.

E eu me vejo mais uma vez no velho turbilhão incansável de escrever contra o tempo. Já consegui alguma vez escrever com tempo? Agora porém prometo que não vou demorar mais com Orlando, que é um capricho; ele será lançado em setembro, muito embora o artista perfeito fosse recuar & reescrever & polir tudo – indefinidamente. Mas ainda restam horas para preencher com uma leitura ou outra – não sei bem do quê. Que espécie de verão eu desejo? Agora que tenho 16 libras para gastar até 1 de julho (segundo nosso novo sistema) eu me sinto mais livre: posso comprar um vestido ou um chapéu, & portanto passear um pouco, se eu quiser. E contudo a única vida estimulante é a imaginária. Quando as engrenagens começam a girar em minha cabeça, não quero mais saber de dinheiro, nem vestidos, nem sequer um armário de cozinha, uma cama em Rodmell ou um sofá. Jantamos com Lydia & Maynard: dois casais, de idade, sem filhos, distintos. Tanto ele como ela urbanos & admiráveis. O grisalho começa a chegar nas têmporas de Maynard. Ele tem uma aparência mais refinada agora: conosco não é pomposo ou grandioso: é simples, a mente sempre pensando, sobre russos, bolcheviques, glândulas, genealogias; sempre a prova de uma inteligência admirável quando ela transborda assim tão vigorosamente em muitos caminhos. Existem duas estirpes nobres na Inglaterra, diz ele, das quais descende toda a intelectualidade. Vai desenvolver essa ideia como se sua fortuna dependesse disso. Lydia está serena & controlada. Diz coisas bastante sensatas.

Fomos, ainda, ao funeral de Jane, chegando “lá” (algum lugar no fim do mundo onde os ônibus só passam a cada 15 minutos) justamente quando a cerimônia estava no fim; entramos ruidosamente na igreja; que porém mal estava cheia – das pessoas mais encardidas; primos, presumo, do Norte, muito insípidos: o único parente homem atormentado com um queixo cheio de pústulas, barba áspera & olhos saltados. As

¹¹ Lady Sackville era a filha ilegítima do 2º Barão de Sackville com uma dançarina espanhola, “Pepita” (mencionada em *Orlando*). Em 1919 ela abandonara o marido e Knole e agora vivia em Brighton. (AOB)

peessoas distintas atraem as ramificações mais estranhas da família quando morrem. Tinham alugado Daimlers também, que seguiam o caixão ao ritmo do andar. Caminhamos até a sepultura; o sacerdote, um amigo, aguardou que o grupo deplorável se reunisse; depois leu alguns dos trechos mais adoráveis & racionais da Bíblia; & recitou, de cor, *Abide with me*.¹² O coveiro tinha lhe entregado, sub-repticiamente, um punhado de terra, que ele dividiu em três partes & despejou nos momentos certos. Um pássaro cantou muito oportunamente; com alegre indiferença, & se quisermos, esperança de que Jane gostaria. Então as primas incrivelmente encardidas avançaram, cada qual com um buquê gordo de prímulas, & os atiraram lá dentro; & nós também avançamos & olhamos para o caixão no fundo de uma cova de aparência bastante íngreme & vazia – Mas embora L. estivesse a ponto de chorar, eu sentia muito pouco – apenas a beleza do *Vinde a mim todos os que estais cansados*; mas como sempre o obstáculo de não ter fé me entediou & irritou. Quem é “Deus” & qual é a Graça de Cristo? & o que significaram para Jane?

Raymond veio para o chá – duas horas de conversa animada admiravelmente leve & arejada & madura; sobre fatos basicamente: fantasmas; consciência; romances; & pouco sobre pessoas. Mas ele manda fazer suas camisas com tecidos atoalhados estampados, reluzentes, duros.

E o que tenho para ler? Pinker voltou. E Leonard foi tomar chá com sua mãe. E talvez a velha senhora já tenha passado suspirando pelo meu estúdio, & eu possa descer & me lançar à máquina de escrever, & escrever para o homenzinho que me dá tapinhas em público & apela para minha compaixão – ou seja, Clive.

Terça 24 de abril Esperando por Gumbo [Marjorie Strachey] – como odeio esperar as pessoas! Não consigo me aquietar, ler, pensar – portanto escrevo: uma homenagem estranha aos usos que faço deste diário. Eu deveria estar datilografando O. no porão. Agora preciso fazer 10 páginas diárias até 1 de junho. Bem, gosto de ser um burro num moinho a tração.

Voltei triunfante por comprar um casaco & um vestido por volta das 5.10. O que se deve fazer é encarar a moça com seu olhar franco &

¹² Hino cristão escrito em 1847 pelo anglicano Henry Francis Lyte, e faz referência a Lucas 24:29: “Fica conosco, pois é tarde, e o dia está chegando ao fim.” (AOB)

gentilmente inquisidor: falar com firmeza; pedir um espelho & analisar os efeitos. Então elas cedem, embaixo de todo o pó & o ruído. Dia adorável & inspirador de verão este: o inverno foi enxotado ululando de volta para o seu ártico. Estava lendo Otelo ontem à noite, impressionada com a salva, o volume, o tumulto de suas palavras: palavras demais eu diria, se estivesse resenhando para o Times. Ele¹³ as insere quando a tensão afrouxa. Nas grandes cenas, tudo se encaixa feito uma luva. O espírito tropeça & chapinha entre as palavras quando não é incitado para diante: quero dizer, o espírito de um mestre superior das palavras que escreve com uma mão só. Ele transborda. Os escritores menores moderam. Como sempre, fico impressionada com Shre. Mas minha cabeça está bastante despida de palavras – palavras em inglês – no momento: elas me atingem, com força, eu as vejo rebaterem & saltarem. Há 4 semanas só leio em francês. Veio-me a ideia de escrever um artigo sobre a língua francesa; aquilo que sabemos a respeito dela.

Sexta, 4 de maio

Agora tenho o prêmio Femina para registrar antes de sair neste dia brilhante de verão para tomar o chá com Miss Jenkins na Doughty Street. Vou por obrigação, para não esnobar a jovem moça. Mas dominarei a conversa, não duvido. Mas é um dia lindo.

O prêmio foi um evento de horror estúpido & tedioso: uma solenidade; nada alarmante; estupidificante. Hugh Walpole declarou o quanto desgostava dos meus livros; ou melhor, o quanto receava pelos seus próprios.¹⁴ A pequena Miss Robins, como um pintarroxo,¹⁵ saiu de fininho. Eu me lembro da sua mãe – a mais bela madona & ao mesmo tempo a mais completa mulher do mundo. Costumava vir me visitar em meu apartamento (lembro disso como uma visita num dia quente de verão). Jamais fazia confidências. Dizia de repente algo tão inesperado, com aquele seu rosto de madona, que as pessoas achavam perverso. Disso eu gostava: nada mais causava grande impressão. Depois teve o horror de parecer feia com roupas pretas baratas. Não consigo controlar este complexo. Acordo de manhãzinha assustada. Além disso a “fama”

¹³ Ele, Shakespeare.

¹⁴ O Femina-Vie Hereuse foi entregue a VW numa cerimônia presidida pelo romancista popular High Walpole, que ela havia conhecido na casa de Lady Colefax (v. 16 nov. 1923). (AOB)

¹⁵ Trocadilho com o sobrenome Robins. Robin, em inglês, é pintarroxo, e outro nome comum para ele é “redbreast”, que VW usa aqui. Esses trocadilhos fazem parte do hábito incansável de VW de comparar pessoas a animais. Robins fora atriz e agora era romancista.

está se tornando vulgar & incômoda. Não significa nada; no entanto nos rouba o tempo. Americanos a todo momento. Croly; Gaige; ofertas: Temos visto um número incontável de pessoas – Eddie, Lytton, Miss Rotchie, Francis, Vita – & agora a minúscula Jenkins.¹⁶

Quinta, 31 de maio Não, não consigo ler Proust agora –

Leonard está lendo Orlando, que vai para a gráfica amanhã. Tudo muito silencioso no momento. Pentecostes passou. Fomos a Rodmell & assistimos às corridas, onde antes costumava ficar o alagadiço. E nosso campo foi vendido para Allinson – que vai construir nele.¹⁷ E o que vai ser então? Não tenho mais cabeça para pensar nisso. E Leonard está discutindo no porão com Dadie. Sobre o quê? Pinker dorme na poltrona. Angelica volta amanhã. Sinto uma espécie de seca causada pela ausência de Nessa & me pergunto como iremos fazer se ficarmos separadas por 6 meses, & não apenas 4? Mas meu lema é bater na oposição. Tenho encontrado – ousou dizer que uma bela quantidade de pessoas; Rose Macaulay, Rebecca West, Maurois¹⁸ me vêm à lembrança em meio a um bando de gente da semana passada, & a sala de Todd; para mérito dela, bem profissional; Garland com pérolas no pescoço & sedas; Todd robusta como um texugo. Rebecca uma velha depravada endurecida eu diria, mas nada tola; & todo o clima absolutamente profissional; nenhum encanto, a não ser o encanto um tanto excessivo de Garland.

O livro de Clive saiu – bastante superficial, segundo L.¹⁹

O sol saiu novamente; já estou quase me esquecendo de Orlando, desde que L. o leu ele praticamente saiu de minhas mãos. Acho que lhe falta a martelagem que teria recebido se eu tivesse me alongado mais com ele: está por demais aberrante & desigual. É

¹⁶ Herbert Croly, um dos editores do *New Republic*, jornal nova-iorquino que já publicara cerca de 20 artigos de VW. Crosby Gaige era um americano interessado em teatro e editoração; sua edição de *Orlando* seria publicada em Nova York em outubro, uma semana antes daquela da Hogarth Press. Alice MacGregor Ritchie estava empregada como uma espécie de divulgadora dos livros da Hogarth. (AOB)

¹⁷ As corridas ocorreram em Southease no domingo de Pentecostes. “Nosso campo” era um terreno que consistia em uma faixa adjacente e nivelada com o norte do jardim de Monks House. A ameaça constante de que construíssem naquele lugar acabou quando LW finalmente comprou o terreno, naquele mesmo ano (ver 9 ago. 1928). (AOB)

¹⁸ VW conheceu André Maurois (e Arnold Bennett) em um chá na casa de Lady Colefax antes de Pentecostes. Maurois escreveria o prefácio da tradução para o francês de *Mrs. Dalloway*, em 1929. (AOB)

¹⁹ *Civilization: An Essay*. LW escreveu a respeito no N&A, em junho, que “tanto o método de Bell quanto suas hipóteses estão errados e podem levar a falsas conclusões”. (AOB)

bastante brilhante aqui & ali. Quanto ao efeito geral, isso não tenho como julgar. Não é, creio, uma de minhas obras “importantes”. L. diz que é uma sátira.

Gosse morreu, & quase me reconciliei com ele ao ler o que estava nos jornais, que ele preferiu arriscar uma cirurgia perigosa a ser um inválido pela vida inteira. Esse tipo de vitalidade sempre me engancha. No entanto... as mentiras, por outro lado, florescem em torno de seu túmulo, & o pobre velho Desmond com 3 filhos para criar tem de mentir tanto quanto qualquer um.²⁰

Nós o encontramos ontem em Kingsway, justamente quando eu estava pensando como iria descrevê-lo se escrevesse minhas Memórias, como insiste Molly. Ele apareceu como se meu pensamento o tivesse presentificado & me deu o primeiro número de seu jornal.

Rose Macaulay disse, “Sim eu ganhei o prêmio” – um tanto irritadiça.²¹ No mesmo instante achei que estava com inveja, & testei tudo o mais que ela disse com a intenção de descobrir se estava mesmo ou não. Sobre Colefax: “Sou a única dentre todos os meus amigos que não é convidada a ir lá.” Sobre o trabalho: “Tenho de trabalhar amanhã” eu disse, desculpando-me por não ir à festa de Raymond, “Todos nós temos”, disse ela de um modo um tanto cortante. & coisas do tipo. Isso aparece em uma dúzia de frasezinhas enquanto conversamos sobre a América, artigos &c: ela tem inveja de mim; fica ansiosa para nos comparar: mas pode ser só imaginação minha: & demonstra a existência da minha própria inveja sem dúvida, como as suspeitas de inveja sempre demonstram. Não seria possível saber que a temos, se não sentíssemos essas suspeitas. E agora vou ver a Angelica com uma caixa de alvos. Estou de novo recomeçando a ler.

L. levou Orlando mais a sério do que eu esperava. Acha que é em alguns aspectos melhor que Ao Farol; que versa sobre coisas mais interessantes, que tem mais conexão com a vida, & é mais amplo. Acho que a verdade é que comecei a escrevê-lo como uma brincadeira & depois segui adiante com seriedade. De modo que lhe falta certa unidade. Ele diz que é bastante original. Seja como for estou feliz por

²⁰ Desmond MacCarthy escreveu uma homenagem a Edmund Gosse para o *Sunday Times*. (AOB)

²¹ Rose Macaulay juntou a sós com VW em 24 mai. Ela havia recebido o Femina em 1922 pelo romance *Dangerous Ages*. (AOB)

não ter escrito “um romance”; & espero nunca mais ser acusada de escrever romances.²² Agora desejo escrever críticas bem argumentadas; o livro sobre ficção; um ensaio de algum tipo (mas não sobre Tosltói para o Times). Dr Burney’s evening party eu acho para Desmond.²³ E depois? Estou ansiosa para manter a porta do alçapão fechada: & não deixar projetos demais entrarem. Algo abstrato poético em seguida – não sei. Agrada-me um tanto a ideia dessas Biografias de gente viva. Ottoline sugeriu a dela – mas não. E preciso rasgar aquele manuscrito, escrever uma bela quantidade de notas & me aventurar pelo mundo – como farei amanhã, quando furarei as orelhas com Vita.

Clima de junho. Abafado, ensolarado, fresco. Graças ao Farol [carro] não me sinto mais tão enclausurada em Londres quanto antes, & posso agora imaginar passar a noite em alguma chareca, ou na França, sem a inveja que antes costumava ter, de precisar ficar em Londres em uma bela noite. Além disso, a própria Londres perpetuamente atrai, estimula, me entrega uma peça & um conto & um poema, sem esforço algum, exceto o de obrigar minhas pernas a caminharem pelas ruas. Passeei com Pinker em Grays Inn Gardens esta tarde & vi – a Red Lion Square: a casa dos Morris; pensei neles nas noites de inverno na década de 50; pensei que somos tão interessantes quanto eles; vi a rua Great Ormond Street, onde uma garota foi encontrada morta ontem; vi & ouvi o Exército da Salvação tornando o cristianismo algo alegre para as pessoas, uma bela quantidade de cutucadas & piadas da parte de jovens & moças nada atraentes; queriam tornar a coisa mais animada, suponho; & no entanto, para ser sincera, quando olho para eles não rio nem critico, só penso o quanto é estranho & interessante: fico imaginando o que eles querem dizer com “Vinde ao Senhor”. Em parte deve ser exibicionismo: os aplausos dos outros; isso incita os garotos a cantarem hinos; & atira os balconistas a anunciarem a plenos pulmões que estão salvos. É o mesmo que significa para Rose Macaulay escrever para o Evening Standard &, eu estava prestes a dizer, para mim mesma também: mas até agora não fiz isso.

²² VW já vinha flertando há algum tempo com a ideia de dar “outro nome”, como dizia, para a forma que estava buscando, mais híbrida e menos colada à representação mais tradicional. Para uma discussão a esse respeito, ver p. 132.

²³ “Dr. Burney’s Evening Party” seria publicado primeiro no *New York Herald Tribune* em julho de 1929 e depois no *Life and Letters* de Desmond MacCarthy em setembro do mesmo ano. (AOB)

Quarta, 20 de
junho

Tão cansada de Orlando que não consigo escrever nada. Corrigi as provas em uma semana; & não consigo mais tecer outra frase. Detesto minha própria volubilidade. Por que ficar sempre esguichando palavras? Além disso, quase perdi a capacidade de ler. Corrigir provas por 5, 6, 7 horas ao dia, & escrever aqui & ali meticulosamente, feriram gravemente minhas habilidades de leitura. Apanho Proust depois do jantar & o deixo de lado. É a pior fase de todas. Deixa-me suicida. Não parece restar nada a fazer. Tudo parece insípido & sem sentido. Agora vou ficar atenta para ver como ressuscito. Acho que vou ler alguma coisa – digamos uma biografia de Goethe. Depois sair para visitar os outros.

Misericordiosamente Nessa voltou. Minha terra está regada mais uma vez. Volto a palavras de uma única sílaba: sinto aproximar-se de mim a mudança emplumada: é bem verdade isso: como se meu corpo físico vestisse uma pele suave, confortável. Ela é uma necessidade para mim – assim como eu sou para ela. Corro para ela como o canguru filhote corre para a velha canguru. Ela também é muito alegre, sólida, feliz. As miudezas que irritam as outras pessoas passam batido por ela; como se sua felicidade valesse um ou dois milhões no banco. E com que perícia ela controla sua dúzia de vidas; nunca confusa, nem desesperada, nem preocupada; jamais desperdiçando uma libra ou pensamento sem necessidade; com tudo isso, porém, é sempre livre, despreocupada, imperturbada, indiferente: uma façanha notável. Julian janta hoje conosco para conhecer Miss Sylva Norman, que resgatei da absoluta insignificância ontem à noite ao telefone.²⁴ Outra maravilha da ciência. Aqui estava ela, 10 minutos depois de dizer que ADORARIA vir. Julian é um rapaz amplo, gordo, poderoso, entusiasmado & de temperamento doce, em cujos braços eu me deixo cair, meio irmã, meio mãe & meio (embora a aritmética negue isso) a amiga contemporânea zombeteira & provocadora. Ainda bem que os instintos de Julian são sadios & normais: ele tem a testa larga & considerável manejo & competência no trato com a vida. Mas meu dente está doendo. Eles virão jantar conosco;

²⁴ Sylva Norman, cujo romance *Nature Has No Tune* os Woolfs publicariam no ano seguinte, resenhava livros para a *N & A*. (AOB)

& é para isso que estou madura – para me aventurar no fluxo da vida dos outros – especulando, à deriva²⁵

Sexta, 22 de junho Tão logo comecei a escrever fui interrompida – sempre interrompida; agora vou para o Ruislip com Pinker para ela cruzar, & hoje é Sábado, 7 de julho, & uma manhã de sábado bastante quente & agradável. A noite inteira sonhei com Katherine Mansfield & me pergunto o que serão os sonhos; tantas vezes eles evocam muito mais emoção do que o pensamento – foi quase como se ela tivesse voltado em pessoa & estivesse aqui, fazendo-nos sentir ativamente;²⁶ em vez de ser esse ser fictício & essa recordação, como é hoje quando penso nela. E no entanto alguma emoção persiste no dia seguinte ao sonho; apesar de agora eu já ter quase esquecido do que acontecia, a não ser que ela estava deitada em um sofá num quarto de pé-direito alto, & rodeada por uma imensa quantidade de mulheres de rostos tristes. Entretanto eu a senti, & senti como se ela estivesse viva novamente, mais do que sinto de dia.

Long Barn ontem, uma visita boa, bastante alegre. Estou interessada em ir até o fundo dos estratos da amizade; a maneira como passamos inconscientemente a condições diferentes; relevamos mais; quase não nos importamos com roupas & coisas assim; mal sentimos algum clima empolgante, o que também tem seu lado ruim do ponto de vista do “entusiasmo”: porém é mais sadio, & talvez mais profundo. Por exemplo, deitada perto dos arbustos de amora-preta, passando um sermão em Vita por causa de suas trapalhadas com os Campbells.²⁷ Mrs. C. foi espancada pelo marido, tudo porque V. entra triunfalmente, com sua prata & seus diademas & seus lacaios, na vida de uma cozinheira de arenques. Ela cozinha arenques num fogão a gás, eu disse, sempre me lembrando das minhas próprias frases.

Mas depois de assim rabiscar ao acaso nesta página, preciso ir – embora meu desejo fosse ficar & escrever sobre Sterne.²⁸

²⁵ O texto se interrompe aí.

²⁶ Exemplo de estranheza no uso da terceira pessoa genérica, “one”, para falar de si mesma – “actively making one feel”. Ver uma discussão sobre isso na p. 101.

²⁷ Ver 20 nov. 1927. (AOB)

²⁸ VW estava escrevendo um artigo sobre Sterne, “A Sentimental Journey”, que foi publicado em setembro de 1928 no *New York Herald Tribune*. (AOB)

Monks House
Rodmell

Quarta, 9 de
agosto²⁹

Eddy acaba de ir embora, deixando-me com a sensação de sempre: por que as interações humanas não são mais definidas, tangíveis: por que depois não resta uma substanciazinha redonda, digamos do tamanho de uma ervilha, na minha mão; qualquer coisa que se pudesse guardar numa caixa & olhar? Sobra tão pouco! E contudo as pessoas que encontramos são tecidos fabricados uma única vez no mundo; esses contatos que temos são únicos; & se E . digamos, morresse esta noite, nada de definitivo aconteceria comigo; apesar disso, a substância dele jamais se repetirá. Nosso encontro sim – mas o fio dessa ideia escapa perpetuamente; constantemente, embora volte à memória, com tristeza, em meu espírito: como importam pouco os nossos relacionamentos; & ao mesmo tempo como são importantes: nele, em mim, algo para ele, para mim, infinitamente senciante, da mais alta nitidez, realidade. Mas se eu morresse esta noite, também ele iria continuar. Algo ilusório entra então em toda essa área da vida. Sou tão importante para mim mesma: no entanto tão pouco importante para os outros: como uma sombra que passa sobre as colinas. Eu me iludo pensando que sou importante para os outros: isso faz parte da extrema nitidez que eu tenho para mim mesma: quando na verdade eu não sou; & assim parte da minha nitidez é irreal; me dá uma sensação ilusória. Eddy acha que pensa a todo instante “Que impressão estou causando?” & se agita: quando na verdade provavelmente ele não está causando impressão nenhuma: sua agitação é por nada: ele está equivocado.

Mas, superficialmente falando – pois eu estava sobretudo pensando mil outros pensamentos; suponho que a presença dele não tenha passado de uma luz na superfície do meu pensamento – verde ou cor de ferro ou cinza – enquanto a água mesma corria sem parar, à sua velha maneira violenta – pensamentos sobre minha literatura; & sobre a velhice; & sobre comprar o campo (nós o compramos esta manhã); & como são barulhentas as crianças; & se eu tivesse comprado

²⁹ AOB corrige para 8 de agosto.

Southease. Tudo isso se deu subcutaneamente. Contudo, a presença dele de alguma maneira fazia com que se examinasse o fluxo da vida subcutânea. Eu era a todo instante obrigada a pensar, o que vem depois? Como vou penetrar nessa outra vida que está a 6 polegadas de distância da minha, na cadeira de lona no pomar? De modo que meus próprios pensamentos eram incapazes de fluir com profundidade ou rapidez, como fluem agora que Eddy está a caminho de Tunbridge Wells. E o que resta de Eddy é de certo modo mais vívido nesse momento, apesar de mais transparente; ele como um todo se compõe na minha consciência, tudo o que pude apreender dele torna-se um cenário apropriado para isso, compondo uma obra de arte em si.

Escrevendo agora, sempre que faço uma pausa, olho pela janela da edícula para o nosso campo; & para os menininhos com suas malditas vozes agudas que jogam críquete ali; & como de costume fico sentimental & preocupada. Crianças brincando: sim, & me interrompendo; sim, & não tenho filhos, mas Nessa tem; & contudo não os desejo mais, pois minhas ideias me tomam agora dessa maneira; & cada vez mais detesto interrupções, & o peso vagaroso da vida física, & quase começo a desgostar dos corpos das pessoas, eu acho, à medida que vou envelhecendo: & estou sempre querendo cortar logo essa parte & obter o máximo da medula, da essência.

Escrevo portanto em parte para escapar do fardo de escrever narrativas,³⁰ como por exemplo; chegamos aqui quinze dias atrás. E almoçamos em Charleston & Vita veio visitar & nos ofereceram o campo & fomos ver a fazenda em Lime Kiln. No entanto, sem dúvida daqui a 10 anos os fatos é que vão me interessar mais; & vou desejar saber, como acontece quando eu leio, os detalhes, os detalhes, de modo que possa erguer os olhos da página & organizá-los numa dessas criações que parecem muito mais verdadeiras quando acontecem assim, a partir de montes de fatos descombinados, do que eu agora, organizando-as quase que no mesmo instante diante de meus próprios olhos, seria capaz de torná-las. Fazia um belo dia, segunda passada, eu acho; & passamos por Ripe de carro, & lá estavam uma garota & seu namorado perto do portão numa estradinha estreita; & tivemos de interrompê-los

³⁰ Exemplo de um dos usos conscientes do diário – escapar de outros tipos de escrita, ou do “fardo das narrativas”.

para manobrar o carro. Pensei como a nossa interrupção tinha represado as coisas que eles estavam dizendo, como um rio; & eles ficaram ali parados, meio divertidos, meio impacientes, dizendo para virarmos à esquerda, mas a estrada estava à frente. Ficaram felizes quando partimos; porém despertamos uma fagulha de seu interesse. Quem são essas pessoas de carro; aonde estão indo? – em seguida isso afundou para baixo da consciência, & eles nos esqueceram completamente. Seguimos em frente. E então chegamos na fazenda. Os fornos para secar lúpulo tinham raios de guarda-chuva no topo: tudo estava muito arruinado & mortiço. A casa de fazenda estilo Tudor estava quase escura; as janelas eram minúsculas & arqueadas; por ali os velhos Stuarts fazendeiros devem ter espiado a terra plana, imundos, desgrehados, como favelados. Mas dignidade eles tinham: ou pelo menos paredes grossas; lareiras; & solidez, embora hoje a casa seja habitada por apenas um homem velho, mirrado & de cara rosada, que se atirou em sua poltrona. Podem ir aonde quiserem – podem ir a qualquer lugar, ele disse, de juntas soltas & de certa maneira decrepito, como os fornos de lúpulo; & úmido como os carpetes embolorados, & sórdido, como os canteiros com vasos meio enterrados. As paredes eram grudentas; os móveis semivitorianos; pouca luz entrava. Estava tudo moribundo, decrepito; & ele estava lá havia 50 anos, & a casa vai cair aos pedaços, uma vez que não existe nem beleza nem pulso suficiente para que alguém a reforme.

Devo continuar este solilóquio, ou melhor, imaginar uma plateia, o que me obrigará a descrever?³¹

Esta frase se deve ao livro sobre ficção que agora estou escrevendo – de novo, Ah de novo.³² É um livro da mão para a boca. Rabisco o que quer que me venha à cabeça sobre Romance, Dickens &c. preciso [*palavra legível*] me empanturrar de Jane Austen esta noite & servir alguma coisa amanhã. Todo esse trabalho crítico no entanto pode muito bem acabar sendo jogado de escanteio pela vontade de escrever uma história. As Mariposas pairam em algum lugar nas profundezas do

³¹ Nota-se aí uma dimensão performática do diário, quando ela imagina sua audiência para continuar escrevendo.

³² VW vinha se debatendo com esse “livro sobre ficção” havia cerca de dois anos. Originalmente deveria integrar a série “Lectures on Literature” da Hogarth, mas acabou sendo publicado em três partes como um ensaio estendido, “Fases da Ficção”, no *The Bookman*, em Nova York, em abril, maio e junho de 1929. (AOB)

12 de agosto

meu cérebro. Janie & Julian acabaram de ir embora. Julian um pouco ao estilo de Jem,³³ porém bem mais são: de sobrancelhas largas, cabelos ondulados, amplo, gordo, poderoso, bem-humorado. Ainda ri demais; mas talvez menos do que antes. Talvez esteja fincando seu forçado no chão. Janie é um cãozinho de colo; como esses cachorrinhos pug de olhos proeminentes & focinho enrugado que as mulheres carregam pelas ruas; inteligente, vivaz, abre bem a boca & em seguida a fecha de repente; de um lado a neta de um carpinteiro, do outro uma Strachey. Talvez meio comum demais, quero dizer? Mas Clive ontem em Charleston disse que não existiam distinções de classe. Tomamos chá em xícaras de azul intenso sob a luz rosada da gigantesca malva-rosa. Estávamos todos meio drogados com o campo: um tanto bucólico, pensei. Bastante adorável – senti inveja daquela paz campestre: as árvores todas firmemente de pé – por que as árvores chamaram a atenção do meu olho? A aparência das coisas exerce um grande poder sobre mim. Agora mesmo preciso assistir os corvos batendo as asas contra o vento, que está forte. & apesar disso digo a mim mesma instintivamente, “Qual é a frase para isso?” & tento tornar cada vez mais nítida a aspereza da corrente de ar & o tremor das asas dos corvos ~~afundando nela~~ cortando-a – como se o ar estivesse cheio de cumes & ondas & asperezas; eles levantam & caem, para cima & para baixo, como se aquele exercício ~~os agradasse~~ os envolvesse como nadadores em águas turbulentas. Mas quão pouco consigo obter com minha caneta daquilo que é tão vívido aos meus olhos, & não apenas aos meus olhos: mas também a certa fibra nervosa ou membrana semelhante a um leque que existe na minha coluna.

Janie Julian Leonard & eu ficamos sentados no pomar até o vento ficar forte demais, & eu os levei até o alagadiço & fiquei decepcionada porque o nível do rio estava baixo, pois de outro modo eles o teriam elogiado. E (o que é irrelevante) Miss Ritchie elogiou Orlando, & fiquei feliz, até pensar, talvez seja por gratidão pelas nossas £20. Enfim, seja como for não penso muito em Orlando. Estranho como eu me sinto seguindo ordens; sempre marchando a cada livro num

³³ James K. Stephen, “Jem”, foi o sobrinho preferido de Leslie Stephen e alguém marcante na infância de VW, segundo AOB. Belo, bem-sucedido e popular, depois de uma pancada na cabeça seu comportamento tornou-se cada vez mais irritável e errático, e ele morreu insano. “Janie” era Jane-Simone Bussy, filha única do pintor francês Simon Bussy e de Dorothy Strachey, também pintora. (AOB)

estágio definido, embora seja eu mesma que o estabeleço. E Duncan em Charleston estava um pouco arreadio & presunçoso demais.

Terça, 14 de agosto

Acabo de chegar de Long Barn & da nova casa de Dottie, Penn in the Rocks. Será realmente possível se apaixonar por uma casa? Não existe nisso qualquer coisa de estéril nessas paixões, que torna a consciência fibrosa? Ela está ansiosa demais para que as pessoas elogiem a casa. E eu não desejo posses. Acho que essa é a verdade. Não quero ser Dottie colecionando intermináveis sofás & poltronas ao meu redor. Mas ao mesmo tempo tenho agora a sensação urgente da passagem do tempo; & se vamos chegar logo, para que carregar todas essas coisas? Ou, o que é mais verdadeiro, se vamos começar logo mais, para que preparar todos esses impedimentos? Eu me sinto na borda do mundo, prestes a alçar voo. Dottie por outro lado sente que ganha “no mínimo, apesar de um ou outro rancor da parte do destino, 10 ou 15 mil por ano; & é apenas justo obter do meu dinheiro tudo o que eu puder”. Um tanto quanto raivosa ela se lança assim a fazer com que o dinheiro seja seu escravo. Vem comprando desde sempre umas estátuas de pedra; pedras que parecem elefantes ajoelhados; pedras alongadas agonizantes retorcidas, pedras com raízes grotescas que crescem dentro delas, & árvores japonesas por cima. Anda apressada, desafiadora estridente & um pouco desmazelada com suas botas de montaria & cachorros dizendo “Estou tão cansada – tão exausta”, gesticulando, exagerada. Gosto da tradição aristocrática de espaço & de poucas & boas coisas. A casa em si está agora dividida em alas. Metade de um teto ~~pende-se~~ intercepta com o que foi & será a sala de jantar & o quarto de dormir acima. Isso empresta à casa um ar provisório; não é uma casa que existe há 300 anos, que abrigou Penn & outras famílias; é um nada – o que em uma casa é angustiante.

Depois daquele lugar, porém, como adoro o vazio, a simplicidade, o ar & a cor daqui! De fato. Eu não trocaria esta vista pelas pedras de Dottie. Deve ser um resquício do que meu pai sentia pelos Alpes – esse meu êxtase com a encosta nua de Asheham. Mas enfim, lembro a mim mesma, metade da beleza de um campo ou de uma casa vem de conhecermos sua história. Lembramos de antigos encantos: sabemos que hoje está feia; esperamos para vê-la iluminada; sabemos

onde encontrar sua beleza; como ignorar as coisas ruins. Isso ninguém é capaz de fazer ao vê-la pela primeira vez. Mas em Kent se constrói com belos blocos de pedra cinzenta. A casa de fazenda de D. era a casa ideal para mim, sólida, alta, com a rocha aparente nas paredes. Isso tudo está intercalado com as pedras dela. E D. delira com elas, achando que são da mesma natureza que sua genialidade & transformando-as em parte da crença que ela tem em sua própria genialidade.

Monks House pareceu inesperadamente muito bonita, o grande lírio da janela tem agora quatro flores. Elas abriram durante a noite. Portanto minha frustração por não ter recebido cartas – nem uma única – foi apaziguada pela estética. Eu ia comentar, entretanto, que as pedras de Dottie são de tons pálidos esmaecidos de cinza & verdes intensos; cinzentas como costas de elefantes. Pendem sobre elas, além disso, cachos de frutinhas silvestres escarlates: mas tudo é verdejante, musguento, abafado & fechado demais para o meu gosto. Por outro lado, no trem me ocorreu que, mesmo de um ponto de vista particular, é uma grande vantagem as outras pessoas gostarem de árvores &c; O motivo – não consigo me lembrar no momento.

Sexta, 31 de agosto

Hoje é o último dia de agosto, & como quase todos eles, de extraordinária beleza. Todo dia é belo o bastante & quente o bastante para ficar lá fora; mas também cheio de nuvens passageiras; & do esmaecer & aumentar de luminosidade que tanto me encantam nas colinas: & que sempre comparo com a luz sob uma tigela de alabastro &c. O trigo agora está disposto em fileiras de três quatro ou cinco bolos amarelos de formato sólido – parecem cheios de ovos & especiarias: bons de se comer.³⁴ Às vezes vejo o gado galopando “como louco” como diria Dostoievski, nos córregos. As nuvens... se eu conseguisse descrevê-las eu descreveria: uma delas ontem tinha cabelos esvoaçantes como o cabelo branco fininho de um velho. Neste momento elas são brancas em um céu cor de chumbo; mas o sol, por trás da casa, tinge a grama de verde. Caminhei até a pista de corrida hoje e vi uma doninha. Morgan passou aqui o fim de semana; tímido, sensível, infinitamente charmoso. Uma noite nos embebedamos, & falamos de

³⁴ Referência a *Orlando*. Os ciganos não tinham palavra para beleza e usavam a expressão “good to eat” (bom de se comer) para se referir ao que era belo.

sodomia & de safismo com emoção – tanto que no dia seguinte ele me disse que estava bêbado. A coisa começou com Radclyffe Hall & seu livro meritório mas entediante. Eles escreveram artigos para Hubert [Henderson] o dia inteiro & conseguiram fazer abaixo-assinados; mas depois Morgan foi encontrá-la & ela começou a berrar como uma gaivota, louca de egoísmo & vaidade. Ela não quer saber de que reclamem das leis, a menos que digam que seu livro é bom.³⁵ Morgan disse que o Dr. Head consegue curar sodomitas.³⁶ “E você gostaria de ser curado?”, quis saber Leonard. “Não”, disse Morgan, com bastante certeza. Ele disse que achava o safismo repulsivo: em parte pela convenção, em parte porque não lhe agrada que as mulheres sejam independentes dos homens.³⁷

Provavelmente o motivo pelo qual ficarei extremamente entediada este fim de semana com Mrs. Woolf [mãe de Leonard] é que não poderemos dizer nem uma única palavra sincera. É como conversar com uma criança; & uma criança, diga-se de passagem, que tem “sentimentos”: uma criança que tem “direitos”, & tal propriedade & respeitabilidade que sabe o que deve ser dito & feito. Apesar de todos esses princípios, ela é, aliás todos eles são, insatisfeita por dentro; porque, naturalmente, não extraem nenhum prazer da vida; estão protegidos de qualquer contato direto [com ela] em um casulo de lã grossa; & portanto essa gente – uma classe imensa – está sempre inquieta, a não ser quando estão comendo, recebendo elogios ou executando alguma tarefa natural, como amamentar uma criança. E mais tarde essa criança, se for Leonard, cresce & sente um tédio terrível com eles.

Preciso agora começar [Thomas Love] Peacock, sem tentar descrever a extraordinária aparência primitiva das carroças de fazenda; tão carregadas do feno dos arroios que parecem um gigantesco animal desgrehado andando sobre patas curtíssimas.

³⁵ Radclyffe Hall escrevera um romance de temática lésbica intitulado *The Well of Loneliness*, publicado em julho de 1928. A editora, entretanto, retirou-o de circulação devido aos protestos ultrajados na imprensa popular e do ministro do Interior. E. M. Forster e LW uniram-se em oposição, por princípios, contra tal proibição, e organizaram protestos – que incluíram uma carta escrita por Forster e VW publicada na *N&A* em 8 set. 1928. (AOB)

³⁶ O neurologista Henry Head, que LW e VW haviam consultado depois da crise de VW em 1913, quando ela tentara se matar. (AOB)

³⁷ É interessante ver em passagens como essas o preconceito que existia dentro do próprio grupo Bloomsbury, famoso pela bissexualidade e pelo anticonvencionalismo.

Fomos ver Mr. James para conversar sobre o campo; & em breve, assim espero, assinar o contrato ou um cheque; & mandar subir uma cerca, que será minha primeira providência como proprietária, para manter as crianças dos arredores bem longe daqui. Nessa, sendo mãe, & portanto nada sentimental quando se trata de crianças, disse: “Elas logo vão encontrar outro lugar para brincar”.

Segunda, 3 de
setembro

A batalha de Dunbar, a Batalha de Worcester & a morte de Cromwell – com que frequência tenho a impressão de ter dito isso a meu pai (“meu” pai, não mais apenas “pai”) em St. Ives; toda empertigada na sala de jantar de Talland House. E hoje é um 3 de setembro perfeito.³⁸ Hoje Leonard me deu a jarra de vidro azul, porque ficou bravo quando pus as ervilhas-de-cheiro embaixo de seu nariz & porque fui gentil com sua mãe; quando eu fui almoçar eu a vi sobre a mesa. Sinceramente, quase chorei. Ele foi até Brighton comprá-la para mim. “Tive a ideia quando estava entrando no carro”, ele disse. Pode ser que eu tenha interpretado mal as motivações dele.

Raras vezes me senti tão cansada quanto na noite passada. Aquela velha senhora trêmula & decrepita de 76 anos nos exauriu. A conversa dela – escrevi tudo para Nessa, portanto não consigo repetir aqui³⁹ – não para nunca; nunca segue uma linha de raciocínio; é sempre sobre pessoas; começa do nada; a qualquer momento; interrompe um trio de Schubert: você sabia Len que Mr. Harris mora na Gordon Square? E desanda a falar sobre as filhas dele; que conheceu uma delas jogando bridge &c. O que torna tudo mais difícil é que até certo ponto ela adivinha os estados de ânimo das pessoas & diz enfaticamente, por exemplo, “Você deve estar sempre pensando em sua escrita quando não está escrevendo, Virginia”, quando por exaustão caio em silêncio. Tive um momento de incômodo agudo & peculiar esta manhã, quando ela se tornou “íntima” & disse o quanto ficou emocionada quando eu me sentei ao seu lado no carro ontem. Por que odiei tanto ouvir aquilo? Senti o horror da vida em família, & a mesma terrível ameaça à liberdade que eu

³⁸ A Batalha de Dunbar e a de Worcester, de 1650 e 1651 respectivamente, começaram ambas no 3 de setembro – e Cromwell também morreu no mesmo dia, em 1658. (AOB)

³⁹ Ver L3, carta n. 1919. (AOB)

sentia com meu pai, Tia Mary ou George.⁴⁰ É uma emoção que nunca se obtém em nenhum outro relacionamento humano. Ela se achou no direito de cobrar aquelas coisas de mim; & irracionalmente sentiu prazer & dor, & de alguma maneira cravou em mim suas garras. Essas sensações são violentíssimas. E teve ainda o discurso sentimental, porém bastante convencido & quase absurdamente egoísta, do amor que ela sente pelos filhos; como eles – esses judeus & judias tediosos simplórios & prestativos – eram todos homens & mulheres esplêndidos; a isso eu senti o meu estômago se revirar. Como é estranho que ela consiga tornar tudo lugar-comum, feio, suburbano, mas também emprestar a tudo um certo charme: qualquer coisa fresca & vital que só as velhas têm, mas creio que os velhos não. Ser filha dela teria sido um destino tão cruel que não consigo pensar em nada pior, & milhares de mulheres devem estar perecendo disso hoje na Inglaterra: dessa tirania das mães, ou dos pais, sobre as filhas; o direito deles a tal privilégio é a coisa mais poderosa que existe no mundo. E depois perguntam por que as mulheres não escrevem poesia! Salvo matar Mrs. Woolf pouco restaria a se fazer. Dia após dia a vida da pessoa se tornaria amassada como uma nota de 10 pence 3 farthings. Nada jamais foi dito sobre isso.⁴¹

Segunda, 10 de
setembro

Estou escrevendo isto, como quase sempre escrevo “isto”, para preencher um pedacinho afiado de tempo, uma vez que Kennedy,⁴² o patinho gentil, está de bico bem aberto dizendo “Quack” na sala de estar, & Leonard conversando com Mr. James sobre o campo. Desmond, que almoçou aqui com Julian, acabou de ir embora. Passamos a tarde – horas & horas, mais uma vez – sem fazer nada, ou por que não dizer de uma vez, revirando preciosidades (porque eu só deveria estar lendo Moby Dick em vez disso), conversando sobre coisas preciosas – uma conversa muito íntima, como nunca antes: uma

⁴⁰ Mary era a irmã mais velha de Julia Stephen e achou seu dever supervisionar o comportamento das sobrinhas depois da morte da irmã – tal como George Duckworth. (AOB)

⁴¹ Esse trecho final remete às ideias que VW expressaria em “Profissões para mulheres”. “Matar” Mrs. Woolf seria como matar o Anjo da Casa, a que as mulheres estão submetidas – e a violência contra a mulher começa no ambiente doméstico, com o controle de seus corpos e de seu intelecto.

⁴² Richard P. Kennedy havia abandonado Marlborough College na Páscoa e começara a trabalhar como estagiário na Hogarth Press graças à influência de seu tio, o arquiteto George L. Kennedy, membro do Cranium Club como LW. (AOB)

continuação da conversa que tivemos em Tavistock Sqre outro dia: lá ele disse que tinha agora mais 12 anos de vida; nove para ser exato: & aqui falamos do seu trabalho, dinheiro, mulheres, filhos & escrita; até eu o levar até a estrada romana & voltarmos para o chá. Achei engraçado que quando Rebecca West diz que “os homens são esnobes” isso instantaneamente faz o sangue de Desmond ferver; portanto rebati com a frase condescendente dele sobre as “limitações” das romancistas em seu *Life & Letters*.⁴³ Mas sem rancor. Conversamos com abundância; sem deixar a peteca cair em nenhum momento. Então você supõe que agora estamos voltando como os corvos migratórios para o topo de nossas árvores? & que todo esse grasnar seja o início dos preparativos para enfrentar a noite? Pareço notar em vários dos meus amigos certa cordialidade terna & comovente: & um prazer na intimidade; como se o sol estivesse se pondo. Com frequência essa imagem surge junto com a sensação de que meu estado físico está mais frio agora, como se o sol tivesse acabado de se por sobre nossas vidas; a sensação de que o velho disco do nosso ser está se resfriando – no entanto, isso é apenas o começo: nós nos tornaremos tão frios & prateados como a lua. Este está sendo um verão muito animado: um verão vivido quase que demasiadamente em público. Com frequência entrei num santuário aqui embaixo; um convento; um retiro religioso; antigamente de grande agonia; & sempre de certo terror: tanto é o medo que se sente da solidão: de enxergar o fundo da embarcação. Essa é uma das experiências que tive aqui em alguns agostos; & cheguei então à consciência do que chamo de “realidade”: algo que vejo à minha frente; algo abstrato; mas que reside nas charnecas ou no céu; diante da qual nada importa; na qual irei repousar & continuar existindo. Realidade é o nome que lhe dou. E por vezes imagino que é a coisa mais necessária para mim: que é o que busco. Mas quem sabe – quando se apanha a caneta & escreve? Como é difícil não sair por aí dizendo que a “realidade” é isso & aquilo, quando ela é uma coisa só. Ora, talvez esse seja o meu dom; talvez seja isso o que me distingue das outras pessoas;

⁴³ No número de agosto de seu *Life and Letters*, Desmond MacCarthy, ao resenhar *Another Country* de H. du Coudray, afirmou: “Se, como o repórter, você acredita que as romancistas só podem aspirar à excelência se tiverem a coragem de reconhecer as limitações de seu próprio sexo (Jane Austen e, em nossa época, Mrs. Virginia Woolf, demonstraram graciosamente como isso pode ser feito), o primeiro romance de Miss du Coudray pode provar-se um tanto desapontador, pois aqui temos uma escritora definitivamente decidida a equiparar-se aos padrões masculinos.” (AOB)

creio que deve ser raro ter uma consciência tão intensa de algo assim – mas, afinal, quem sabe? Eu gostaria de expressá-lo.

Pinker teve 4 filhotinhos no dia (sexta) em que fomos nos Bagenals & na Dotty. Dotty estava vermelha como um pimentão, desgrenhada, um pouco exagerada; mostrou-nos suas rochas. Leonard “atacou-a”, como as enfermeiras dizem, violentamente.⁴⁴ Voltamos para casa bem depressa. Eu por outro lado me senti muito à vontade com Barbara – pena não ter saído para passear com ela a sós nas colinas. Eu – talvez aqui Leonard tenha interrompido.

Segunda, 17 de setembro

Tenho exatamente 5 minutos antes do jantar. Quentin engoliu as duas preciosas horas em que eu deveria ter lido Dorothy Osborne: Quentin está agora elegante & tímido, dado a usar expressões em francês; muito sofisticado, demonstrando em cada gesto a sombra dos nossos defeitos como grupo; inquieto, não duvido; rápido, sensível; mas falta-lhe algo da força & da simplicidade de Julian. Assim eles trocam de papéis, crescendo, mudando, passando de gordos para magros. A sala de estar está cheirando a tinta – o gramofone, como Moby Dick, agora é branco.⁴⁵ Rachel veio com Angelica. Seus olhos são impetuosos, suas meias-calças remendadas, & ela tem o encanto & a perspicácia típicos da filha de um homem pobre & inteligente; cujo intelecto é constantemente polido, que remenda as próprias meias, que vive as aventuras dela.

Desmond veio aqui outro dia, conversar: de novo íntimo & ao mesmo tempo urbano em demasia, quem sabe; ou será que penso isso por causa da carta que tanto me irritou? – a que falava da “leveza de borboleta” do meu artigo – como fiquei brava, como aquilo me deprimiu!⁴⁶ Leonard concorda que ele tem um complexo, que portanto o faz menosprezar & depois afagar.

Sábado 22 de setembro

Escrevo isso às vésperas de minhas férias alarmantes na Borgonha. Fico alarmada de passar 7 dias sozinha com Vita: & interessada;

⁴⁴ Os Bagenals eram Nicholas e Barbara, que trabalhara antes de casar como assistente na Hogarth Press em Richmond (cf. D1). Os Woolfs passaram na casa de Dorothy Wellesley na volta de lá. Cf. L3, carta n. 1922. (AOB)

⁴⁵ Quentin Bell tinha ido pintar a sala do gramofone. (AOB)

⁴⁶ A carta de Desmond provavelmente se referia ao artigo “The Niece of an Earl”, de VW, que seria publicado na edição de outubro de *Life & Letters*. (AOB)

empolgada, mas com medo – ela pode me desmascarar, & eu a ela. Pode ser que eu (aí vem Mabel a Noiva, de vestido branco, perto da bomba. O noivo, um carroceiro sem trabalho, veste meias brancas. Será que os dois são puros? Duvido. Vão passar a lua-de-mel perto de Pevensey. Ele chegou 15 minutos atrasado & vimos ela entrar de grinalda. E pensei, isso é o coração da Inglaterra – esse casamento no campo: senti a história; Cromwell; Os Osbornes; as pastoras de Dorothy cantando: todas essas coisas das quais Mr. & Mrs. Jarrad parecem descender mais do que eu: como se eles representassem a respiração inconsciente da Inglaterra, & L. e eu, encostados ao muro, estivéssemos à parte, separados de tudo.⁴⁷ Acho que a culpa disso é o fato de sermos pensadores. Não pertencemos a nenhuma “classe”; nós pensadores: podíamos muito bem ser franceses ou alemães. E no entanto, de certa maneira somos ingleses –)⁴⁸

Mas eu ia dizendo que no geral deveria me sentir confiante em relação a essa viagem à França – de que vai dar tudo certo. O que mais tenho medo é das manhãs; & das 3 da tarde; & de desejar algo que Vita não queira. E vou gastar o mesmo valor de uma mesa ou um espelho. O que se compra numa viagem ao exterior é uma série de cenas; que aos poucos se reduzem tão somente a uma ou duas, como as que ainda guardo da Grécia & de Veneza na época em que as vi aos 24 ou 5 anos. E vou adorar a liberdade das horas de trabalho; & passear; & a ideia de retornar; & ficar sentada conversando, & algumas coisas que vou ler; & uma ou duas paisagens, & — Este foi o melhor, não apenas o melhor, mas o mais adorável verão do mundo. Apesar do vento, que limpo & luminoso está o tempo; & as nuvens opalescentes; os celeiros compridos, cinzentos, em meu horizonte; os montes de feno dourado claro. Ser dona do campo deu uma orientação diferente aos meus sentimentos sobre Rodmell. Começo a me afundar aqui & fazer parte do lugar. E vou construir outro andar para a casa, caso ganhe dinheiro. Porém as notícias de Orlando são negras. Talvez vendamos um terço do que vendemos de Ao Farol antes do lançamento – Nenhuma livraria quer comprá-lo a não ser em edições de 10 xelins e meio ou 12 xelins e meio.

⁴⁷ Casamento de Mabel Mockford e Percy W. Jarrett, de Rodmell. (AOB)

⁴⁸ Esse tipo de pensamento se reflete em *Three Guineas*, quando VW se diz estrangeira (*outsider*) dentro de seu próprio país (no caso desse texto, por ser mulher).

Dizem que é inevitável. Ninguém quer saber de biografias. Mas é um romance!, argumenta Miss Ritchie. Mas está escrito biografia na folha de rosto, dizem eles. Vai ter de ficar na seção de Biografias. Portanto eu duvido que venda mais do que o suficiente para cobrir as despesas – um preço alto a pagar pela brincadeira de chamar esse livro de biografia.⁴⁹ E eu que tinha tanta certeza de que seria o meu livro mais popular! E deveria ser 10/6 ou 12/6, não 9/ – Deus do céu! Portanto, se quisermos ter um pé de meia no Banco preciso escrever alguns artigos este inverno. Aqui embaixo eu me atirei de unhas & dentes ao meu livro de ficção, & deveria ter terminado a primeira versão de Dorothy Osborne, na qual estou trabalhando a todo vapor. Será necessário reescrever completamente, mas a estrutura está pronta – eu corro de livro em livro; & agora o que vou ler? Esses romances vêm me consumindo há tanto tempo. É uma bênção ver-se livre deles; & vou ler poesia inglesa, memórias francesas – será que devo fazer leituras agora para um livro chamado “The Lives of the Obscures?” E quando, eu me pergunto, começarei a escrever As Mariposas? Só quando os próprios insetos me pressionarem a isso. Tampouco tenho ideia do que será esse livro – acho que a tentativa de algo completamente novo. É o que eu sempre acho.

Um verão muito feliz & ativo. Jantei com os Keynes para conhecer Lord Gage quarta passada – deparei-me com seu rosto achatado & sangue circassiano, mais próximo de um personagem do que eu esperava. Clive com esnobismo às avessas o havia menosprezado. Conversamos sobre o rei, & ele me repreendeu fazendo um comentário curioso – todos vêm falar com ele sobre o rei. Todas as classes, todo tipo de pessoa, quer saber o que o Rei come no jantar. E ali estava eu, a intelectual, a mulher do partido trabalhista, fazendo exatamente a mesma coisa. Estavam lá também os Russell Cookes; dela eu gostei; ele eu odiei.⁵⁰ Uma mulher é de certa maneira muito melhor que um homem – mais natural, sumarenta, desinibida. Mas enfim, ele é um salafrário, um alpinista social, inescrupuloso, que posa de esperto, culto, ambicioso & tudo o mais. Tenho de usar esse clichê

⁴⁹ VW lamenta as consequências práticas de haver misturado gêneros em seu “não-romance”.

⁵⁰ Henry Rainald, 6º Visconde de Gage, era um dos lordes assistentes do rei George V. Sidney R. Cooke, corretor da bolsa e um dos consultores da seção de finanças da *N & A*. (AOB)

porque preciso escrever meu artigo sobre Osborne. & está esfriando lá fora.

Sábado, 27 de outubro

Que escândalo, que escândalo, deixar tanto tempo em branco, & eu na Ponte debruçada vendo-o passar! Só que me debruçar não foi bem o que fiz: corri para cima & para baixo, irritada, excitada & inquieta. E o fluxo redemoinhando violentamente. Por que escrevo essas metáforas? Porque há séculos não escrevo nada. Orlando saiu. Viajei para a Borgonha com Vita. Não desmascaramos uma à outra. O tempo passou num estalo. Mas fiquei feliz de rever Leonard. Que desconexo está isso! Minha ambição é, neste exato momento, às 8 para as 6 da noite de sábado, alcançar novamente um estado de completa concentração. Depois de escrever aqui, vou abrir os diários de Fanny Burney & trabalhar com afinco naquele artigo sobre o qual a pobre Miss McKay⁵¹ telegrafou. Vou ler; pensar. Desisti de ler & pensar no dia 24 de setembro quando fui para a França. Voltei, & mergulhamos em Londres & publicações. Estou um pouco farta de Orlando. Acho que agora sou um pouco indiferente ao que os outros pensam. A alegria da vida está no fazer – como sempre, assassino uma citação⁵²: quero dizer é escrever & não ser lida o que me empolga. E como não consigo escrever quando estou sendo lida, sinto-me sempre um pouco insincera; animada; mas não tão feliz quanto na solidão. A recepção, como se diz, superou as expectativas. Vendas recorde na primeira semana. Eu estava flutuando preguiçosamente nos elogios quando Squire vociferou no *Observer*, mas mesmo enquanto eu o lia no domingo passado sob a chuva de folhas vermelhas & sua luz, sentia intocada dentro de mim a rocha da autoestima. “Isso não chega de fato a magoar” disse a mim mesma, nem mesmo agora; dito & feito, antes da noitinha [*cair*] eu me sentia calma, intocada. E agora vem Hugh [*Walpole*] no *Morning Post* voltando a atirar confetes, & Rebecca West – um tal grito de louvor – esse é o jeito dela – que fiquei até meio envergonhada & boba. Agora espero que isso já tenha chegado ao fim.⁵³

⁵¹ Helen MacAfee, não McKay, editora e crítica literária da *Yale Review*. (AOB)

⁵² “As mulheres são anjos, namoradas; o que for conquistado logo acaba; a alma só se alegra na conquista. A amada nada sabe se isto não souber: dão mais valor aos homens que não possuem.” Troilo e Cressida, ato I, cena II. (AOB)

⁵³ J. C. Squire escreveu no *Observer* em 21 out. que *Orlando* não passava de “uma trivialidade muito agradável” que seria capaz de “divertir as salas de estar por uma hora”. Hugh Walpole elogiou *Orlando* no

Graças a Deus, minha longa labuta na palestra sobre mulheres já terminou a esta altura. Voltei de Girton sob um pé d'água. Jovens famintas, mas valentes – foi essa a minha impressão. Inteligentes, ansiosas, pobres & destinadas a se tornarem um cardume de professoras primárias. Eu lhes disse impassível para tomarem vinho & terem um quarto só seu. Por que todo o esplendor, todo o luxo da vida deveria ser desperdiçado nos Julians & Francisces, & nada nas Phares & Thomases?⁵⁴ Se bem que Julian não parece estar desfrutando muito disso. Imagino que o mundo mude às vezes. Creio que vejo a razão se espalhando. Mas me agradaria um conhecimento de vida mais próximo & espesso. Tratar das coisas reais, às vezes. Palestras à noite como essa me dão um tal formigamento & vitalidade; nossas angulosidades & obscuridades acabam sendo suavizadas & iluminadas. Quão pouco contamos, eu acho: quão pouco qualquer um de nós conta; quão rápida & furiosa & dominadora é a vida; & como todos esses milhares de pessoas estão nadando para salvar a própria pele. Eu me sinto idosa & madura. E ninguém me respeitou. Eram ansiosos ou egoístas demais, ou quem sabe pouco impressionados com idade ou reputação. Os corredores de Girton são como as câmaras de uma horrenda catedral – seguem infinitamente, frios & brilhantes – com uma luz acesa. Cômodos góticos de teto alto; acres de madeira castanha reluzente; aqui & ali uma fotografia.

E visitamos o Trinity & o King's esta manhã. Agora é me concentrar na literatura inglesa – esquecer Mary & Tom & como tivemos de escutar uma leitura em voz alta, & Lady Cunard, & a volta de Clive, a volta de Nessa, & o Well of Loneliness.⁵⁵

Mas, Graças a Deus, poder voltar a escrever novamente.

Quarta, 7 de
novembro

E isso será escrito para o meu próprio prazer, –

Mas essa frase me inibe: porque se escrevemos para o nosso próprio prazer, não sei o que acontece. Suponho que a convenção de

Morning Post em 25 out. sem mencionar o título nem o nome da autora, e Rebecca West o chamou no *New York Herald Tribune* em 21 out. de “obra-prima poética de primeira categoria”. (AOB)

⁵⁴ Elsie Phare, aluna do Newnham College, era a atual secretária da Newnham Arts Society; Margaret Thomas foi uma das responsáveis por convidar VW a palestrar em Girton, onde era aluna. (AOB) Essa palestra para as mulheres foi o germe de *A Room of One's Own*.

⁵⁵ Os Woolfs tinham jantado com Mary Hutchinson em 17 out. e depois ido à casa de T. S. Eliot, que lhes lera seu poema inédito *Ash Wednesday*. (AOB)

escrever acabe sendo destruída; & que portanto não se escreva nada.⁵⁶ Estou com muita dor de cabeça, & mais ou menos amortecida pelo tônico sonífero. É esse o rescaldo (o que isso quer dizer? – Trench,⁵⁷ que abro ao acaso, aparentemente não diz nada) de Orlando. Sim, sim, desde a última vez que escrevi aqui ganhei seis centímetros de altura na opinião pública. Creio que agora posso dizer que sou um dos escritores mais reconhecidos. Tomei chá com Lady Cunard⁵⁸ – mas poderia ter almoçado ou jantado com ela quando quisesse. Encontrei-a com uma capinha, telefonando. Aquela não era a sua esfera ideal – a da conversa solitária. Ela é astuta demais para expandir-se, & precisa da alta sociedade para tornar-se impetuosa & casual, o que é seu objetivo. Uma mulherzinha ridícula com cara de periquito; mas não ridícula demais. Fiquei a todo momento buscando superlativos: mas não consegui fazer a ilusão bater suas asas. Lacaios, sim; porém meio insossos & simpáticos. Pisos de mármore, sim; mas nenhum glamour; nenhuma música ao vivo, ao menos não para mim. E nós duas ali sentadas quase éramos obrigadas a ser convencionais & monótonas – o que me faz lembrar Sir Thomas Browne – o maior livro de nossos tempos –, comentou uma mulher de negócios para mim, eu que não acredito nesse tipo de coisa a menos que dita acompanhada de champanhe & guirlandas. Então chegou Lord Donegall, um rapazinho irlandês desinibido, moreno, descorado, engomado, da Imprensa.⁵⁹ Não o tratam como um cachorro? perguntei. “Não, absolutamente”, ele respondeu, espantadíssimo com a ideia de que alguma pessoa pudesse tratar um marquês como um cachorro. Então subimos & subimos para ver fotos em escadas, em salões de baile, & por fim fomos ao quarto de dormir de Lady C., todo decorado com motivos florais. A cama tinha um dossel triangular de seda rosa avermelhada; as janelas, que dão vista para a praça, cortinas de brocado verde. Sua poudreuse – tal como a minha, pintada de modo simples & laminada a ouro, estava aberta, com escovas douradas &

⁵⁶ Esta posição de VW contra a arte pela arte, o escrever por escrever, põe em xeque que fizesse uma escrita a esmo do próprio diário.

⁵⁷ *A Select Glossary of English Words Used Formerly in Senses Different from their Present* (1859), de Richard C. Trench. (AOB)

⁵⁸ Maud Cunard, viúva de Sir Bache Cunard, era uma famosa patrona das artes cujos convites denotavam um reconhecimento de importância intelectual, artística ou social. Ela morava na Grosvenor Square. (AOB)

⁵⁹ Edward Chichester, 6º Marquês de Donegall, que iniciava uma bem-sucedida carreira como jornalista social. (AOB)

espelhos, & ali sobre seus chinelos dourados estavam meias compridas douradas dispostas de modo organizado. Toda aquela parafernália para uma velha Polegarzinha cheia de nervos. Colocou as duas grandes vitrolas para tocar, & acaso se deitou na cama para ouvir? Não. Ela não tem nada de tão fantástico assim. O dinheiro é importante. Ela me contou histórias um tanto sórdidas sobre Lady Sackville, que nunca vinha visitar sem lhe aplicar algum golpe – uma hora um busto que valia £5 e era vendido por £100; outra uma aldrava de metal. “E a conversa dela – nada agradável para mim...” De alguma forma enxerguei por trás desse papo sórdido, trivial, & não consegui salpicar facilmente o ar com pozinho dourado. Mas sem dúvida ela tem lá sua agudeza mental, sua visão afiada da vida; mas que adorável, pensei, enquanto voltava na ponta dos pés para casa com meus sapatos apertados, na neblina, no frio, poder abrir uma dessas portas que eu ainda abro tão venturosamente & encontrar uma pessoa real & interessante, uma Nessa, um Duncan, um Roger. Alguém novo, cujo espírito vibre. Como são grosseiras, comuns & tediosas essas Cunards & Colefaxes – apesar de toda a sua extraordinária competência no mercado da vida.

E não consigo pensar no que “escrever em seguida”. Quero dizer, o caso é que esse Orlando é naturalmente um livro muito ágil & brilhante. Claro, mas não procurei explorar. Mas será preciso sempre explorar? Sim, ainda acho que sim. Porque minha reação não é a usual. E tampouco consigo, mesmo depois de todos esses anos, esquivar-me disso levianamente. Orlando ensinou-me a escrever uma frase direta; ensinou-me continuidade & narrativa, & como desviar das realidades. Mas evitei deliberadamente, é claro, qualquer outra dificuldade. Em nenhum momento mergulhei nas minhas profundezas & fiz as imagens precisas, como em *Ao Farol*.

Bem, mas Orlando foi resultado de um impulso perfeitamente definido; a bem da verdade, dominador. Quero diversão. Quero fantasia. Quero (& isso era sério) emprestar às coisas seu valor caricatural. E esse espírito ainda me ronda. Quero escrever uma história, digamos sobre Newnham ou o movimento feminista, na mesma linha. Essa linha cavou fundo dentro de mim – ou no mínimo segue faiscando, urgente. Mas será que estimulada pelos aplausos? hiperestimulada? Segundo vejo existem misteres que precisam ser executados pelo talento para

que o gênio tenha alívio: ou seja, temos o lado da brincadeira; o dom enquanto mero dom, o dom não aplicado; & o dom levado a sério, colocado em prática. E um alivia outro.

Sim, mas e As Mariposas? Deverá ser um livro abstrato místico desprovido de olhos: um poema dramático. E talvez haja afetação por ser tão místico, tão abstrato; tendo em vista que Nessa & Roger & Duncan & Ethel Sands admiram isso: é o meu lado inflexível; portanto melhor conquistar a aprovação deles...

Mais uma vez, outro resenhista diz que cheguei a uma crise em termos de estilo: que ele é agora tão fluente & fluido que corre pela consciência como água.

Esse mal começou em Ao Farol. A primeira parte veio fluida – como eu escrevia & escrevia sem parar!

Devo agora conter & consolidar, mais ao estilo de Dalloway Jacob's Room?

Eu acredito realmente que no fim isso resultará em livros que aliviam outros livros: uma variedade de estilos & assuntos: pois, afinal de contas, esse é o meu temperamento, acho; pouco ser persuadida da verdade de qualquer coisa – do que eu digo, do que os outros dizem –, seguir sempre, cegamente, instintivamente, com a sensação de saltar precipícios –, o chamado de – o chamado de – enfim, se eu escrever As Mariposas, preciso me haver com esses sentimentos místicos.

Desmond destruiu nossa caminhada de sábado; está agora bolorento &, para mim, deprimente. É perfeitamente sensato & encantador. Nada o surpreende, nada o espanta. Já passou por tudo, é essa a sensação que se tem. Chegou complacente, um tanto entorpecido um tanto amassado & descomposto, como um homem que passou a noite inteira sentado num vagão de terceira classe. Seus dedos estão amarelados pelos cigarros. Falta-lhe um dos dentes de baixo. O cabelo pegajoso. O olho mais que nunca dúbio. Sua meia azul está furada. Ao mesmo tempo ele é resoluto & determinado – isso que eu acho tão deprimente. Parece ter certeza de que a sua visão é que é a certa; a nossa simples caprichos, desvios. E se a visão dele é a certa, Deus sabe que não existe motivo para viver: nem uma. E até hoje o egoísmo dos homens me surpreende & espanta. Existe alguma mulher que eu conheço que seria capaz de sentar na minha poltrona das 3 às

6.30 sem a mais remota suspeita de que eu poderia estar ocupada, ou cansada, ou entediada; & sentada assim seguiria falando, resmunguenta & rancorosa, de suas dificuldades, preocupações; daí comeria chocolates, leria um livro, & por fim iria embora, aparentemente autocomplacente & envolta numa espécie de bolha enevoadada de satisfação pessoal? Não as garotas de Newnham ou Girton. Elas são alertas demais; disciplinadas demais. Essa autoconfiança toda não é seu quinhão.

Pagamos nosso jantar no Lion. Miss Thomas & Miss ——? ficaram aliviadas por não precisarem se desfazer de tantas meias-coroas. E nos mostraram os corredores cor de chocolate de Girton, parecidos com celas de convento; ——

E houve ainda a reunião no estúdio de Mr Williams Ellises – um amplo salão em Ebury Street, com capas de cadeiras ostentosamente esfarrapadas⁶⁰. Nosso esfarrapamento, enquanto profissão, ai de nós, não era nada ostentoso; faz parte de nossa alma; um desalinho que não chega porém a ser esfarrapado; uma respeitabilidade meticulosa que não é como geralmente opero; pois sou, creio, quase pitoresca. Enquanto grupo temos no rosto apenas encardimento & um quê de egoísmo & plenitude; quanto ao velho Garnett, tive a sensação de que sem dúvida alguém deveria mandar aquela monstruosidade velha rabugenta rota & desgrenhada (suas unhas certamente precisam de um corte & seu casaco está cheio de lama & carrapichos) para a câmara de gás. Idem em relação à sua amante: em cima metade esquimó, embaixo maio em Hampstead – vestido de musseline estampado, sandálias.⁶¹ Vita como sempre uma lamparina ou tocha no meio de toda aquela burguesia patética; um tributo à estirpe dos Sackvilles, pois mesmo sem fazer grande caso com roupas, no meio deles ela parece (com toda a saúde & a força de um corpo bem-feito) um poste de luz, reta, reluzente. Nenhum de nós tem isso; ou sabe como agir assim. A pobre Rose Macaulay – uma simples moçoila; um fiapo –, & daí para os Hendersons⁶² em Hampstead, onde meu mau humor & o de Frankie

⁶⁰ A reunião do dia 1 de novembro, realizada na casa do arquiteto Clough Williams-Ellis, casado com a escritora Amabel Strachey, foi feita para discutir o apoio à defesa de *The Well of Loneliness*, cujo julgamento seria no dia 9 de novembro. (AOB)

⁶¹ Edward Garnett, escritor influente e pai de David (Bunny) Garnett. Sua amante era a pintora E.M. Heath. (AOB)

⁶² Hubert Henderson, economista e político do Partido Liberal, e sua esposa Faith. (AOB)

foram maus humores gêmeos: o pobre Frankie contudo não parava de matraquear & tagarelar, hora após hora, sozinho, enquanto eu afundei numa poltrona tolerável & não conseguia dizer coisa alguma; apesar de Mrs. Enfield, que leu tudo de Balzac, ter avançado no Proust.⁶³ Faith, eu acho, enxergou nisso languidez, falta de educação & prepotência. Ela nos viu menosprezando sua casa & seu marido. Ela mesma os menospreza. E foi se deitar dizendo qualquer coisa azeda para Hubert, & olhou para a sala de estar, sem saber por que as cores não estavam bem. Mas então na manhã seguinte as crianças vão tomar o café da manhã & ela recompõe-se um pouco, mas precisa falar seriamente com Mrs. Maypole, a ajudante (10/- por noite) que deixou cair os pratos, & deixa Mr. Birrell segurando a concha, & o gelo se quebra. Então ela apanha Orlando & diz, para Hubert, “Este livro é extremamente supervalorizado – é muito mas muito pior que O Farol...” ao mesmo tempo, “Que vida empolgante essa gente leva! Bloomsbury...”

8 de novembro

Apenas para me consolar antes de corrigir Hardy & Gissing⁶⁴, vou observar que fomos à festa de Karin ontem à noite. A verdade é que o estímulo é intenso demais; fica-se agitado; & só se ouvem gritos; & precisamos levantar; & somos interrompidos, como um espinheiro por um galho num rio; & içados do turbilhão. Uma russa verde-esmeralda conversou comigo sobre focas & em seguida me entregou seu cartão; eu daria 4 palestras por semana durante 8 semanas na América – ah sim – & ela providenciaria as mais vantajosas condições. Mas não se deve falar de dinheiro numa sala de estar: & assim mais uma vez voltamos às focas, ou ao coelho de Ann [Stephen] – uma chinchila languidamente deitada estendida no meio de toda a comoção, primorosa, alheia. Ethel Sands assorou minha vaidade até que ela cintilasse: porém, na outra noite ela foi categórica dizendo que Orlando

⁶³ Doris E. Enfield. Assim Woolf comentou sobre o “atletismo” literário da escritora em 19 jul. 1922: “Enfim, não conversei com Hussey (que agora é Mrs. Enfield) sobre seu livro, embora ela tenha me abordado no Clube com esse propósito, por esse motivo. Ela não tem apreço pelo que escrevo. Imita Lytton. E não sabe nada da arte de ler. Jamais, pelo amor de Deus, leia tudo de Balzac & queira conversar a respeito. Se quer se dedicar a esse atletismo, então faça isso no banheiro. De alguma maneira as mulheres precisam fazer a relação entre a vida & a literatura: mas raramente o fazem direito.” O livro a que Woolf aí se refere é a biografia que Enfield escreveu de Louise Colet, amante de Gustave Flaubert. A Hogarth Press acabou publicando outro livro seu, a biografia de Letitia Elizabeth Landon, em março de 1928 – *LEL, a Mystery of the Thirties*. (AOB)

⁶⁴ VW estava resenhando *The Early Life of Thomas Hardy*, de Florence E. Hardy. Também estava revisando sua própria resenha de 1927 das cartas de George Gissing, para que servissem de introdução a uma seleção de textos dele que estava no prelo. (AOB)

não chega aos pés do Farol, falou de almoços onde não se fala de nada a não ser de &c. &c. Janet & Angus para o jantar.⁶⁵ O rapaz que quer um emprego não é amável; o pobre Angus se encrespa um pouco & lança-se a explicações preocupadas sobre sua peça. Agora ele nunca mais vai romper aquela crisálida cavalheiresca essencial da reserva, da cautela & das boas maneiras que o envolve. Creio que vai meditar cada vez mais sobre as glórias de ser um Davidson. Contudo ele tem o seu lado malandro, o pobre coitado, sai para dançar & jantar, o que não deixa de ser um mérito. Janet, em comparação, estava rápida, decidida & reluzente, toda vestida de dourado para a festa de Karin, com o colar de ouro de Madge, & qualquer coisa de muito parecida com Madge de vez em quando, porém temperada com a decisão dos Vaughan. É uma mulher atraente; competente; desinteressada, que faz exames de sangue o dia inteiro para resolver um problema abstrato qualquer.

... acho que
Sábado, 10 de
novembro

Esta fluência sem precedentes aqui se deve ao fato de que eu deveria estar lendo Miss [Geraldine] Jewsbury, respondendo cartas (Lady Cunard virá jantar com George Moore) ou corrigindo Hardy & Gissing. Todas essas tarefas são indignas das sagradas horas da manhã. Só então se pode lançar frases no papel; portanto eu as lanço reservadamente aqui, aliviada por não estar ganhando dinheiro, para variar. Devo dizer que Bennett no Ev[ening] Standard me feriu menos que Squire no Observer⁶⁶? De modo nenhum, eu acho; – estranho, porém, como sou elogiada & criticada: & que pedra eu sou no sapato dos Squires & dos Bennetts. O que mais interessa – & Deus sabe como é verdade – estou falando fria & sinceramente – é o julgamento de ontem na Bow Street⁶⁷. Estávamos todos lá reunidos às 10.30: a porta do alto do tribunal se abre; entra o distinto & cortês magistrado; todos

⁶⁵ Janet Vaughan e Angus Davidson foram jantar na casa dos Woolfs antes da festa dos Stephens. Angus ainda não tinha conseguido outro emprego depois de sair da Hogarth, quase um ano atrás. (AOB)

⁶⁶ Em sua resenha de *Orlando*, Arnold Bennett afirmou que “o melhor romance” de VW, *Ao Farol*, havia aumentado as expectativas, que *Orlando* agora reduzia a “fragmentos iridescentes” (“A Woman’s High-Brow Lark”, *Evening Standard*, 8 nov. 1928). Para Squire, ver entrada do dia 27 out. 1928. (AOB)

⁶⁷ Jonathan Cape foi convocado ao tribunal para justificar por que *The Well of Loneliness*, de Radclyffe Hall, não era obsceno. Virginia Woolf foi uma das cerca de 40 testemunhas de defesa presentes, além de E.M. Forster. O juiz, Charles Biron, alegou que somente ele poderia determinar se o livro era obsceno ou não, sem necessidade de ouvir nenhum testemunho, graças ao Obscene Publications Act de 1857. Sua sentença foi dada na semana seguinte, em 16 de novembro, e determinava que o livro fosse apreendido e destruído. Houve uma apelação, julgada em 14 de dezembro, mas a corte defendeu a sentença original, concluindo que o livro era abjeto, obsceno e prejudicial à moral. (AOB)

nos levantamos; ele faz uma reverência; senta-se sob o leão & o unicórnio, & então começa. Algo parecido com um especialista da Harley St. investigando um caso. Todo de preto & branco, pino de lapela, barba feita, cor de cera, & de talhe, àquela luz, como o mármore. Foi irônico de início: levantou as sobrancelhas & deu de ombros. Mais tarde fiquei impressionada com a racionalidade da lei, sua astúcia, sua formalidade. Aqui levantamos uma cerca bastante notável entre nós & a barbárie; algo de reconhecimento comum; sendo portanto metade charlatanice & cerimônia – quando eles sacaram livros encadernados em couro & leram velhas frases pensei nisso; & as reverências & enrascadas me levaram a pensar nisso; mas corre um rio vigoroso nessas margens. O que é a obscenidade? O que é a literatura? Qual a diferença entre tema & tratamento? Em que casos se permite a evidência? Essa última questão, para meu alívio, já estava decidida contra nós: não podíamos ser considerados especialistas em obscenidade, apenas em arte. A Desmond, que tinha ido para baixo do palanquim, onde parecia indiferente demais, calmo demais, à vontade demais para ser natural, perguntaram apenas suas qualificações & em seguida, como não lhe era permitido responder à pergunta da obscenidade, o dispensaram. No saguão conversei com Lady Troubridge (que antes era escultora & que vi pela última vez num chá, quando éramos crianças, em Montpelier Sqre) & John – John amarelo como um limão, duro, fibroso, exacerbado.⁶⁸ Os custos chegam a 4 dígitos, disse ela. E Leonard acha que isso prenuncia uma subscrição. Depois do almoço assistimos mais uma hora, & então o magistrado, cada vez mais deliberado & cortês, disse que leria o livro novamente & anunciaria sua sentença na próxima sexta-feira às duas em relação àquele livro pálido, tépido & insípido que andava pela sua corte, viscoso e úmido. E perdi meu brochezinho romano, & aí está o fim desse grande dia, até agora. Uma curiosa cena castanha iluminada do alto; muito pomposa; policiais nas portas; matronas passando em frente. Uma atmosfera bastante decente & formal, de pessoas adultas.

⁶⁸ Una Elena Troubridge, viúva do almirante Ernest Troubridge, que dela se divorciara em 1918 devido à sua decisão de ir morar com Radclyffe Hall – conhecida como “John”. Era neta de Sir Henry Taylor, amigo de Julia Margaret Cameron, tia-avó de VW. (AOB)

Domingo, 25 de
novembro

Aniversário de 48 anos de Leonard. Passamos em Rodmell, onde tudo caiu em nossas mãos, rápida, inesperadamente: no alto do campo temos um chalé, & Percy [Bartholomew] é “nosso homem”. Mrs Percy herdou daquela estranha relação dela – desconfio que seja a filha ilegítima de um gerente de circo – eles viajavam – ela nunca fala da família – sua Tia lhe deixou joias e roupas – ela herdou £330 & alguns xelins. Comprou uma grande dentadura branca; & agora está pensando num gramofone ou num rádio.

Levei Essex & Eth⁶⁹ (de Lytton) para ler, & Deus me perdoe! – achei o livro ruim. Ainda não o terminei; & o estou guardando para ver se meu⁷⁰

Quarta, 28 de
novembro

1928

Aniversário do meu pai. Ele faria 1832 96 anos hoje, sim;

96

e bem poderia fazer 96 anos, como outras pessoas que conhecemos; mas misericordiosamente não fez. O que teria acontecido? Nada de escrita, nem de livros – inconcebível. Antes costumava pensar nele & em minha mãe todos os dias, mas quando escrevi Ao Farol fiz com que repousassem em minha mente. Agora ele às vezes volta, mas diferente. (Creio que esta é a verdade – eu estava tão obcecada com os dois, de um modo doentio, que escrever sobre eles foi um ato necessário.) Agora ele volta mais como um contemporâneo. Preciso lê-lo qualquer dia. Será que vou sentir de novo, ouvir sua voz, saber de cor?

Ontem tivemos uma das nossas noites – aparentemente um sucesso; Adrian, Hope, Christa, Clive, Raymond, Bunny, Lytton, Vita & Valery⁷¹ quase no final: & Elizabeth Ponsonby⁷². As pessoas gostaram. Eu talvez não; talvez sim. No meio da noite Lytton desapareceu da sala (ele se hospeda no primeiro andar) assustado com os zurros

⁶⁹ *Elizabeth e Essex* seria publicado em dezembro. (AOB)

⁷⁰ Texto termina abruptamente aqui.

⁷¹ Valery não identificada. (AOB)

⁷² Ver carta de Vanessa Bell a Roger Fry, 19 nov. de 1929: “Virginia e eu iniciamos uma extraordinaríssima série de entretenimentos na mesma linha das velhas noites de quinta-feira. Reunimos aqui em casa as mais diversas pessoas. Na semana passada ela trouxe Rose Macaulay (...) e Charlie Sanger, Clive trouxe Christabel, Raymond e Vita, eu trouxe Alan Clutton Brocks e um Davidson. Acabou sendo bastante divertido, todos se fartando e ouvindo enquanto Virginia ia ficando cada vez mais insana (...) amanhã à noite (...) ela trará Hugh Walpole! Este experimento poderá ser abandonado a qualquer momento (...)”. A série de encontros pós-jantar continuou até o Natal daquele ano. Elizabeth Ponsonby (1900-40) foi uma das líderes da sofisticada geração de “jovens intelectuais” do pós-guerra. (AOB).

vociferantes de Clive, segundo L. Com Clive tudo fica estridente, iluminado, reverberante. Notei uma estranha mudança de humor em mim quando Lytton saiu. Em outras ocasiões eu sentia a desaprovação do seu silêncio; moderava minhas tolices por causa disso, tentava impedir que ele saísse. Mas agora o homem escreve *Elizabeth and Essex*; & não paro de pensar: ora, se ele é capaz de nos entregar isso depois de anos de esforço – esse livrinho animado, superficial, vulgar –, pois que vá embora se quiser. Não sinto a menor ferroadada em sua desaprovação. E apesar de um de meus vis defeitos ser a inveja, da fama de outros escritores, & apesar de estar (creio que todos nós estamos) secretamente feliz por ter achado o livro de Lytton ruim, isso também me deprime. Se eu fosse analisar, a verdade é que considero este um prazer ruim, porque não é profundo nem satisfatório; sentiríamos, lá no fundo, um prazer verdadeiro, apesar da dor superficial, se *E & E* fosse uma obra-prima. Ah, sim, eu sentiria – pois minha mente se alimenta da literatura de modo perfeitamente desapegado & alheio às minhas vaidades & invejas, & reconheceria uma obra-prima. Misturada à minha sensação da noite passada tinha uma estranha insatisfação pessoal: de que Lytton, que amei & que amo, escreva assim. Eis aí uma reflexão sobre o meu gosto pessoal. O livro é tão fraco, tão raso; & no entanto Lytton não é nem um nem outro. Então acusa-se o público; & em seguida as Carringtons⁷³ & os rapazes. Depois inventa-se um Lytton inválido, solitário, enclausurado, que chicoteia os flancos da linguagem e a obriga a galopar, quando o pobre animal é só úlceras e esparavões. E Dadie [*Rylands*], Pernel [*Strachey*], Janie Bussy & Dorothy [*Bussy*] ainda declararam emocionados que aquele era o seu melhor livro!

Assim os dias passam, & eu me pergunto às vezes se não estamos hipnotizados, como uma criança por um globo prateado, pela vida; se isso é viver. É muito rápido, intenso, excitante. Mas superficial, talvez. Gostaria de segurar esse globo nas mãos & senti-lo em silêncio, redondo, macio, pesado, segurá-lo dia após dia. Vou ler Proust, acho. Ir para frente e para trás.

Quanto ao meu próximo livro, vou me refrear de escrevê-lo até que esteja iminente em mim: pesado na minha cabeça como uma pera

⁷³ A referência aos “rapazes” deste trecho é um comentário irônico quanto à predileção de Strachey por belos jovens rapazes, muitas vezes cabeças-de-vento.

madura; pendente, grávido, pedindo o corte antes que caia. *The Moths*⁷⁴ ainda me perseguem, vêm, como sempre vêm, sem serem chamadas, entre o chá & o jantar, enquanto L. toca o gramofone. Delineio uma ou duas páginas; depois me obrigo a parar. Sim, estou enfrentando algumas dificuldades. A fama, para começar. Orlando vai muito bem. Eu bem que poderia continuar a escrever assim – os lambe-botas estão no meu pé para isso. As pessoas dizem que é tão espontâneo, tão natural. E eu gostaria de conservar essas qualidades se pudesse, sem perder as outras. Elas vêm de escrever exteriormente; mas se eu escavar, será que não as perco? E afinal qual é a minha própria posição em relação ao interior & o exterior? Penso que um pouco de desenvoltura & agilidade é algo bom – sim: acho que até mesmo a externalidade é algo bom; alguma combinação dessas coisas poderia ser possível. Veio-me a ideia de que o que desejo fazer agora é saturar cada átomo. Isto é, eliminar tudo o que é desperdício, morto, supérfluo: entregar o momento inteiro; inclua o que incluir. Digamos que o momento seja uma combinação de pensamento; sensação; a voz do mar. O desperdício, a morte, vêm de incluir coisas que não pertencem ao momento; aquele negócio terrível do realista: passar do almoço ao jantar: isso é falso, irreal, mera convenção. Por que admitir qualquer coisa na literatura que não seja poesia – ou seja, saturação? Não é esse o meu rancor com os romancistas? o fato de não selecionarem nada? Os poetas têm êxito porque simplificam: praticamente tudo fica de fora. Eu quero incluir praticamente tudo; & no entanto saturar. Eis aí o que desejo fazer em *The Moths*. Deve incluir disparate, fato, sordidez: mas transparentes. Acho que devo ler Ibsen & Shakespeare & Racine. E escrever sobre eles; pois é este meu melhor estímulo, sendo minha mente o que é; então leio com fúria & exatidão; de outro modo salto & deslizo: sou uma leitora preguiçosa. Por outro lado não: fico surpresa & um pouco inquieta com a rigidez implacável da minha mente: que ela jamais pare de ler & escrever; que me faça escrever sobre Geraldine Jewsbury⁷⁵, sobre Hardy, sobre as mulheres – é profissional demais, quase nada lhe sobra da sonhadora diletante.

⁷⁴ *The Moths* (*As Mariposas*) era o título de trabalho do livro que viria a se chamar *As ondas* e seria publicado em 1931. (AOB)

⁷⁵ Geraldine Jewsbury (1812-1880) foi uma romancista inglesa, de temática feminina, que colocava em questão o papel da mulher na sociedade vitoriana. VW estava lendo seus romances para escrever o artigo “Geraldine and Jane”, que seria publicado no *TLS* em 28 fev. 1929. (AOB)

Sábado, 8 de
dezembro

Aqui vai uma anotação escrita praticamente às pressas (10 pra uma—acabo de terminar, um tanto improvisadamente, “Fases da Ficção”) sobre Christabel McLaren; & sua festa “do pintinho”, como a apelidei, na outra noite. Quero dizer, ela ficou me pressionando para falar — sobre Lesbianismo, & Dotty — (ela não é uma). Minha observação era sobre a atitude dela em relação aos homens; a atitude feminina de adoração, de lisonja, que tão raramente enxergo com tamanha clareza. Como uma chama que salta. Clive “o mais honrado dos homens” — sim mas dito com tal devoção, tal radiância, que me fez rir. Será esta a atitude “natural” entre os sexos? Qual é a que Clive tem, por sua vez, em relação às mulheres? Tão cordial, tão apreciativo; pude ouvir aquilo se atizando na voz dela quando disse “Os homens estão tomando banho ou escrevendo cartas ou conversando” — isso foi em Sheffield⁷⁶. Os homens, criaturas boas & encantadoras, estavam muito entretidos enquanto aquela miserável & furtiva criatura, D., me perseguia. E posso ver homem após homem, Desmond, Clive &c, Wells, Shaw, aquecendo suas mãos nesse calor natural, & expandindo-se. Isso me divertiu. Outro pensamento que me ocorreu foi sobre os limites do luxo: até que ponto o espírito humano pode se expandir em tapetes & cômodos; até que ponto eles sufocam sua força. Tenho visto várias pessoas ricas este outono; & achei que elas, talvez, tenham se embotado, abrutalhado com isso: Lady Cunard; dois dias atrás Mrs Bowen & Mrs Grenfell na Lydia⁷⁷.

Domingo 9 de
dezembro

Essas reflexões estão sendo escritas numa noite gelada só para eu sentir o gosto de uma frase na boca novamente. Angelica veio esta manhã, & sempre que eu levantava a caneta ela — criaturinha divina que é, recatada, perspicaz, fantástica, com todo o cuidado virava a xícara; como uma tola eu seguia tentando escrever, & só desisti quando fiquei num estado total de exasperação, não com ela, mas com meu livro: estava começando um novo início para Ficção. Agora já passa da hora do chá; Angus virá aqui ver Leonard sobre um personagem; & a concentração se foi & não consigo recuperá-la; vou ler Troilo & Cressida (Chaucer) até o jantar. Mais uma

⁷⁶ Sheffield Court, em Hampshire, fora a casa de campo anterior de Dorothy Wellesley, onde ela recebia com liberal hospitalidade. (AOB)

⁷⁷ Vera Bowden era uma amiga de Lydia Maynard do mundo do balé e da música; seu marido era um comerciante abastado. Florence Grenfell, esposa do banqueiro E. C. Grenfell. (AOB)

vez vi gente demais, sem grande intensidade. O chá besta de Lydia; & o almoço dos Bagenals, & Christa; & depois Long Barn, & carona na volta com Dotty; “não posso dizer que entendo Harold – realmente é algo que não posso dizer” – Então Vita, sacrificando sua noite tranquila, veio de carro até Londres & ouviu a transmissão de Dotty & voltou com ela, para me poupar da viagem solitária. Isso me preocupou, um tanto: por quem eu abriria mão desta noite? & depois Dotty, com seu jeito impicante metuculoso, “Por favor querida abra a janela – feche a janela” faz Vita parecer pateticamente gentil & amável. Mas nada disso importa muito, concordo, & se Deus ajudar irei trabalhar a semana inteira – exceto à noite. Está tão frio que minhas costas estão frias agora, enquanto o fogo tosta meus pés; há um incêndio & muitos carros de bombeiro desceram à toda a Southampton Row. O Rei segue a duras penas, & os vendedores nas lojas têm medo de perder o bônus de Natal.⁷⁸ O Natal é iminente. E devemos passá-lo sozinhos aqui, eu acho, & depois ir para Rodmell & planejar um novo cômodo com Kennedy. E daí para Berlim, é o que dizemos. Enquanto isso Nessa & eu oferecemos nossas noites de quinta-feira, & pessoas demais nos pressionam para vir. Mas para que, eu pergunto, “ver” pessoas? Qual o sentido? Dessas ocasiões isoladas que ocorrem com tanta frequência. Posso visitar você? E o que elas lucram, ou eu, a não ser a sensação de uma projeção passando numa tela, eu não saberia dizer.

Terça ,18 de dezembro

Eu deveria estar dando duro em Ficção; um livrinho bastante interessante eu acho; mas não consigo me concentrar nele, como uma ave de rapina firmemente presa. Eu me desliguei para escrever uma eulogia a Lady Strachey, que foi cremada ontem coberta com nossos cravos vermelhos & brancos. Estranho o quão pouco sua morte significa para mim – pelo seguinte motivo. Cerca de um ano atrás dizia-se que ela estava morrendo; & imediatamente (Adrian me contou) tive minha costumeira visualização; senti toda a emoção do falecimento de Lady Strachey – suas lembranças & tudo o mais – naquela noite; mas ela não morreu; & agora, que ela de fato morre, não me vem nenhuma visão, nenhuma emoção. Acho divertidos esses truquezinhos psicológicos.

⁷⁸ George V estava sofrendo de septicemia e toxemia, e temia-se pela sua vida. Em 12 de dezembro sofreu uma cirurgia para drenar os fluidos de seu pulmão direito, e depois disso começou a se recuperar lentamente. (AOB)

L. acaba de entrar para me consultar a respeito de uma 3ª edição de Orlando. Já foi encomendada; vendemos mais de 6000 cópias; & surpreendentemente as vendas continuam a todo vapor – 150 livros hoje por exemplo; na maioria dos dias, algo entre 50 & 60; sempre para minha surpresa. Será que isso vai parar ou continuar? Enfim, meu quarto está garantido.⁷⁹ Pela primeira vez desde que eu me casei – 1912 – 1928 – 16 anos – estou esbanjando. O músculo gastador ainda não trabalha com naturalidade. Sinto culpa; adio comprar, quando sei que deveria fazer isso; mas ao mesmo tempo tenho a agradável & suntuosa sensação de ter mais moedas no bolso que os meus 13/- semanais, que sempre acabavam antes do tempo ou quase. Ontem gastei 15/- em um broche de aço. Gastei £3 em um colar de madrepérolas – & há 20 anos que não compro uma joia, talvez! Acarpetei a sala de jantar – &tc. Acredito que a alma melhore com essa lubrificação; & vou gastar livremente, & depois escrever, & assim manter o cérebro na fervura. Todo esse enriquecimento começou com um espasmo de negro desespero certa noite em Rodmell 2 anos atrás.⁸⁰ Estava sendo atirada para cima & para baixo por aquelas ondas terríveis: quando então disse que encontraria uma saída. (Pois parte da minha infelicidade se devia à perpétua limitação de tudo; nada de cadeiras, nem de camas, nem de conforto, nem de beleza; nenhuma liberdade de movimento: tudo isso resolvi ali & naquele momento superar). E assim cheguei, depois de discussões, & certa noite até mesmo de lágrimas (& como é raro eu chorar!), a um acordo com Leonard sobre dividirmos o dinheiro somente depois de certa quantia; & depois eu abri uma conta bancária; & agora, na pior das hipóteses, terei depositado £200 ali até o dia 1 jan. O importante é gastar livremente, sem crise ou ansiedade; & confiar na sua própria capacidade de ganhar mais – Com efeito, neste exato momento não consigo duvidar de que ganharei mais, nos próximos 5 anos, do que jamais ganhei na vida.

Mas voltando a Max Beerbohm. Eu o conheci na Ethel noite dessas. Quando entrei, um velho roliço & determinado (foi essa a minha impressão) levantou-se, & fomos apresentados. Não havia nele nenhuma esquisitice, nem afetação. O rosto era solidificado; o bigode

⁷⁹ Referência ao quarto de *A Room of One's Own*.

⁸⁰ Ver entrada de 15 set. 1926.

espesso; pele corada cheia de vasos, rugas fundas; porém os olhos são perfeitamente redondos, muito grandes, azuis-celestes. Seus olhos adquirem um ar sonhador & feliz enquanto o resto dele é educado & decoroso ao extremo. Ele é elegante, alinhado, urbano. No meio do jantar virou-se para mim & entabulamos uma espécie de conversa “simpática”, interessante, lisonjeira, encantadora; ele me contou que lera um artigo sobre Addison em Bognor durante a guerra; quando a literatura parecia extinta; & ali estava mencionado seu próprio nome. Ouso dizer que V.W. chama sua atenção assim como M.B. chama a minha. E nada me encorajou mais que isso. Então eu disse, acho, que ele é imortal. De certa pequena forma sim, ele disse; mas com complacência. Como uma joia que é dura & sem máculas, & contudo está sempre mudando. Uma imagem fascinante ele disse, muito gentil, aprovativo, & o que meio me entristeceu meio me lisonjeou, *de igual para igual*. Estarei eu nesse nível? Virginia Woolf diz – V.W. pensa – como você escreve? & assim por diante: eu era uma de suas colegas & parceiras na arte da escrita; mas, esperava, não tão velha quanto. Enfim, ele me perguntou como eu escrevia. Pois ele abre caminho com dificuldade com a pena, & portanto nunca altera nada. Ele achava que eu escrevia assim. Eu lhe disse que precisava cortar enormes trechos. Eu ficaria feliz se os mandasse para mim, ele disse; com simplicidade; Com efeito, ele não era outra coisa senão gentil; mas seu olhar era comprido & firme. Olhava para Lord David [Cecil] – com aquele olhar esquisito dos pintores, tão análogo, tão alheio à intenção humana; mas com ele não de todo. Depois do jantar, ele se apoiou sobre o peitoril da lareira & Maurice Baring & eu esvoaçamos ao seu redor como duas borboletas, lisonjeando, rindo, extravagantes. E ele se disse muito satisfeito com os elogios de pessoas inteligentes como nós. Mas a todo instante precisava pedir licença para ir conversar educadamente com esse ou aquele; & por fim sumiu, muito digno, muito discreto em seu colete branco, apertando minha mão na dele, comprida firme carnuda; & dizendo foi um prazer &c. Admito que não vejo tanta diferença entre nós & os grandes – a bem da verdade eles são parecidos conosco: quero dizer não têm os babados & rufos dos pequenos; aceitam as coisas com rapidez & simplicidade. Mas, obviamente, não avançamos muito. Ele falou sobre Hardy, & disse que não suportava Judas o Obscuro: achava

que falsificava a vida, pois na verdade há mais felicidade que amargura na vida, & Hardy busca provar o contrário. Além do mais escreve tão mal. Então me pus a criticar – mas ele lê meus ensaios & sabe disso – Belloc.⁸¹ M.B. disse que Belloc, devemos lembrar, derramava dez livros por ano sobre história poesia &c. Era uma daquelas pessoas absolutamente incompetentes que jamais eram perfeitas em nada, como ele, M.B., poderia de certa pequena maneira ser chamado de perfeito. Mas ficava feliz por eu não gostar dele. Charles Lamb tinha talentos lindíssimos & os estragou. Nunca lera um livro a não ser Pendennis & Tess de d’Ubervilles até formar-se em Oxford. E agora finalmente, em Rapallo, lê. Está levando consigo Elizabeth & Orlando (pronunciado à maneira francesa) como leitura; deleites pelos quais está ansioso.

Entre outros estavam presentes... Mrs [Violet] Hammersley, Lord David [Cecil], os Hutchinsons &c.

E ontem jantamos com os Hutchinsons & encontramos George Moore – está como uma velha moeda de prata agora, tão branco tão liso; com mãozinhas de barbatana, como as de uma morsa; & suas bochechas gorduchas, & seus joelinhos – porém sempre dizendo aquilo que lhe vem à cabeça; fresco, juvenil quase que exatamente por isso; & bastante arguto. Fez uma descrição de Riceyman Steps⁸² – as samambaias cobertas de pó, o homem com câncer casando-se com a mulher que tem ataques – Não é o que se poderia chamar de mente distinta – & que tema para escolher! Pelo visto ele dá muita importância ao tema. Estava sempre elogiando ou alterando o tratamento das histórias. Agora está escrevendo um romance grego,⁸³ ditando-o a uma charmosa senhora que possui todas as virtudes, exceto que não está disponível & se recusa a casar. Ele dita, & isso dá a ele algo em que enfiar os dentes: depois ele volta a ditar. Nunca escreve. Não existem manuscritos seus. Talvez esse estilo ditado seja uma explicação fiel de seu estilo & do de H[enry]. J[ames]. & daí venha a fluidez, a verbosidade de ambos. E, no fim, os grandes são bastante simples; rápidos em aceitar as coisas; reservados; & não dão a mínima aos livros dos outros (Moore desdenha de todos – Shaw – um guincho de vulgaridade –

⁸¹ Ver “The Modern Essay” em *O leitor comum*, onde VW elogia Beerbohm, o “príncipe de sua profissão”, e deprecia Belloc. (AOB)

⁸² *Riceyman Steps*, romance de 1923 de Arnold Bennett. (AOB)

⁸³ Tratava-se de *Afrodite em Áulis*. (AOB)

contaminado de vulgaridade – jamais escreveu uma frase decente na vida – Wells – vou me dar ao direito de não falar de Wells – & Galsworthy –) & vivem em uma atmosfera muito serena, luminosa, & protegida: apesar disso vão mais direto ao ponto do que as pessoas comuns; vão exatamente ao coração das coisas. Moore foi embora & entrou depressa em um táxi, Jack disse, apesar de sua aparência de velha moeda de prata.

Sexta, 4 de janeiro

Como é estranho pensar que dei ao mundo algo que agrada ao mundo – estou me referindo ao Manchester Guardian – Orlando foi reconhecido como a obra-prima que é. O Times nem menciona os quadros de Nessa.¹ Pois é, ela disse ontem à noite, quanto tempo dediquei a um deles. Daí que penso comigo mesma, Então eu tenho alguma coisa, em lugar de filhos, & paro de comparar nossas vidas. Observo minha própria desistência desses desejos; minha absorção no que chamo, imprecisamente, de ideias: essa visão.

Visitamos Koteliansky no dia de Natal. Está bem mais seco & amarelado nas faces; como uma laranja que ficou velha. Estava de mangas de camisa. Estivera bebendo para ajudar a digestão da sua ceia de Natal, que “Não, não estava nada boa... Entrem Entrem”. Esse era o quarto de Katherine [Mansfield]² disse ele. É marcado pela pobreza, arrumado, limpo – uma cama, uma mesa. Dá vista para os jardins dos fundos & as árvores do Regent’s Park. Partimos direto para as velhas críticas a Murry; voltamos dez anos no tempo, para Richmond; & aquelas longas visitas; aquelas maneiras empáticas difíceis. Ele continua, por assim dizer, o mesmo. Paupérrimo, tão categórico quanto sempre. Ainda falando de Lawrence; um escritor muito muito bom porém seu último livro é REPUGNANTE. Vocês precisam ler Contraponto³. Por quê? Porque ele é um homem sério, um homem culto. E este é um livro típico da época. Um livro doloroso um livro horrendo mas é isso mesmo. Ainda a mesma seriedade & concentração sobre digamos 5 objetos que ele observou continuamente ao longo desses 40 anos. No entanto ele não larga o osso de Katherine & Murry. E todo o tempo estava dominado por alguma emoção. Ficou feliz de termos ido até lá. O que poderia nos oferecer? Ele me deu uma caixa de madeira vermelha, um brinquedo

¹ A terceira principal matéria do *Manchester Guardian* de 4 jan. 1929, intitulada “Os romances do ano”, afirmava que “o romance é a forma de arte dominante desta época” e dizia: “(...) uma biografia que ao ser melhor examinada prova ser uma obra de ficção certamente encontra público, ao passo que um romance como *Orlando*, de Virginia Woolf, que debochadamente se disfarça de biografia, hoje é reconhecido como a obra-prima que é”. Vanessa Bell e Duncan Grant eram um dos participantes da 26ª mostra do London Group, nas New Burlington Galleries; o grande quadro de Vanessa era *The Red Sofa*. (AOB)

² Koteliansky morou de 1915 até sua morte, 1955, na casa que fora de Katherine Mansfield. Ela morou ali até a morte de seu irmão, em 1915; então Kot alugou parte da casa dos russos que a assumiram e, quando estes se mudaram, assumiu-a. (AOB)

³ *O amante de Lady Chatterley* fora publicado no verão de 1928; *Contraponto*, de Aldous Huxley, em outubro do mesmo ano. (AOB)

russo, & a encheu com seus cigarros russos. A voz falhava de quando em quando. Ele me olhava cheio de emoção. Todo o linóleo brilhava, nos pontos onde ele o havia limpado, & ele tinha pintado o madeirame com dois tons de azul de Reckitt⁴: de modo que cintilava. Tinha passado várias demãos. Lá vive ele; como, só Deus sabe. As pessoas não compram mais suas traduções. Seu cachorro (um puro cachorro judeu) morreu.

Enfim, será a vida muito sólida ou muito inconstante? Sou perseguida pelas duas contradições. Isto vem durando para sempre: durará para sempre; mergulha até o fundo do mundo – este momento em que estou. Ao mesmo tempo é transitório, fugidio, diáfano. Eu passarei como uma nuvem sobre as ondas. Talvez seja que apesar das mudanças; uma voando sobre a outra, tão rápido tão rápido, sejamos de certa maneira sucessivos & contínuos – nós seres humanos; & refletimos a luz. Mas o que é a luz? Eu me impressiono a tal ponto com a transitoriedade da vida humana que amiúde estou murmurando uma despedida – depois de jantar com Roger, por exemplo; ou estimar quantas vezes mais ainda verei Nessa.

Terça, 28 de março

Uma desgraça realmente; nenhum diário jamais foi iniciado tão tarde num ano. A verdade é que fomos a Berlim no dia 16 de janeiro, & depois disso fiquei de cama por três semanas, & não consegui escrever nada; por outras três semanas quem sabe; & desde então gastei as energias num dos meus acessos entusiasmados de composição – escrevendo na cama o que ia criando, uma versão final de *Mulheres & Ficção*.⁵ E como sempre, estou entediada com narrativas. Quero apenas dizer que encontrei Nessa em Tottenham Court Road esta tarde, ambas afundadas braças de profundidade naquele alagadiço de reflexão onde nós duas nadamos. Ela parte na quarta para uma viagem de 4 meses. É estranho como em vez de nos afastar, a vida nos une. Mas eu estava pensando mil coisas enquanto carregava meu bule, meus discos de

⁴ O sabão Crown Blue, da Reckitt Benckiser, era (e ainda é) muito popular, usado para branquear roupas brancas. Seu tom azul profundo é muito característico.

⁵ VW havia enviado a Nova York uma versão provisória de “Mulheres e Ficção”, baseada nas palestras que deu em Cambridge em outubro de 1928, que acabou sendo publicada na *Forum* em março de 1929. O que ela chama de “versão final” é o que se tornaria *A Room of One's Own*. (AOB)

gramofone & minhas meias embaixo do braço. É um desses dias que quando morávamos em Richmond eu chamava de “potente”.

Talvez seja melhor não ficar repetindo o que sempre digo sobre a primavera. Talvez seja melhor estar continuamente tentando encontrar novas coisas a se dizer, já que a vida segue adiante. Inventar um estilo narrativo apurado. Certamente muitas ideias novas estão continuamente se formando em minha cabeça. Uma é que nos próximos meses vou entrar num convento; & deixar-me afundar no meu espírito; já chega de Bloomsbury. Irei encarar certas coisas. Será um tempo de aventura & ataque, um tanto solitário & dolorido, imagino. Mas a solidão fará bem para o livro novo. Claro, farei novas amizades. Por fora serei externa. Comprarei boas roupas & visitarei novas casas. E o tempo inteiro atacarei essa forma angulosa em minha cabeça. Acho que as Mariposas (se é que o irei chamar assim) terá arestas muito afiadas. Não estou satisfeita entretanto com a estrutura. Existe essa fertilidade repentina que pode ser mera fluência. Antes os livros eram várias frases absolutamente arrancadas a machadadas de um cristal: & agora minha imaginação é tão impaciente, tão veloz, de certa maneira tão desesperada.

A idade está nos ressequindo; Clive, Sybil, Francis – todos enrugados & poeirentos; saltando obstáculos com esforço, ainda na pista. Só dentro de mim, acredito, é que borbulha sempre essa torrente impetuosa. De modo que, mesmo vendo a feiura no espelho, eu penso, muito que bem, por dentro abrigo mais formas & cores do que nunca. Creio que estou mais ousada como escritora. Fico alarmada com minha própria crueldade em relação aos meus amigos. Clive, para mim, é intoleravelmente enfadonho. Francis um caminhão de leite desembestado. Sinto-me à beira de uma aventura extenuante: sim; como se este dia de primavera fosse a incubação; o portal; a abertura pela qual embarcarei nessa experiência. Portanto, quando acordo cedo, eu me protejo dos meus terrores dizendo que vou precisar de grande coragem: afinal, digo, faturei £1000 simplesmente por assim tê-lo desejado certa manhã bem cedo. Chega de pobreza, disse eu; & a pobreza acabou. Semana que vem vou chamar Philcox para planejar um cômodo novo – tenho dinheiro para construí-lo, dinheiro para mobiliá-lo.

E temos o carro novo, & podemos viajar para Edimburgo em junho se quisermos, & ir a Cassis.

O ano novo viu-se ameaçado por uma máquina de bombear concreto, o que fez deste estúdio uma provação; pois ela bombeava a cada 25 minutos. Agora há quinze dias não bombeia nada. Estarei salva? Agora está tão quieto que escuto apenas os pardais; & uma voz cantando no hotel. Um quarto perfeito para mim. Nessa arrumou um apartamento-estúdio & vai alugar o número 37, encerrando assim, para sempre eu suponho, a sua vida na Gordon Square.⁶ Como admiro esse seu modo de lidar com a vida, como se fosse algo de que fosse possível simplesmente se dispor; esse modo de lidar com as circunstâncias. Angelica vai para a escola. Tenho agora várias cartas de admiradores para responder. Simpkins disse hoje que muitas grandes editoras se orgulhariam de ter o nosso catálogo. Enfim, sem nenhuma dificuldade para escrever bem, como é de praxe, mais uma vez inicio este diário.

13 de abril

Os hábitos aos poucos vão mudando o semblante da nossa vida, assim como o tempo muda nosso rosto; & não percebemos. Aqui estou eu neste estúdio, vindo escrever meu diário; quase sempre depois do chá eu me retiro aqui. Por outro lado, agora não componho mais tipos nem endereço envelopes.⁷ Assim, pode ser que o hábito um dia acabe aniquilando este diário.

Estou debatendo sordidamente comigo mesma a questão de Nelly; a eterna questão. É um absurdo, a quantidade de tempo que L. & eu gastamos conversando sobre os criados. E não se chega nunca a nenhum resultado porque a culpa é do sistema. Como pode uma mulher sem instrução imiscuir-se, sozinha, em nossas vidas? – o que acontece é que ela se torna um vira-lata; não tem quaisquer raízes em parte alguma. Eu poderia colocar minha teoria em prática arrumando uma diarista de espécie civilizada, que tivesse seu filho em Kentish Town; &

⁶ Na área dos fundos do número 52 da Tavistock Square estava sendo construído um enorme hotel (o Royal, de 789 quartos). Vanessa comprara um grande apartamento-estúdio na Fitzroy Street, ao lado do de Duncan. (AOB)

⁷ VW costumava passar as tardes, principalmente no início da Hogarth Press, ajudando a compor as páginas dos livros e endereçando correspondências e entregas da editora.

me tratasse como empregadora, não como amiga. Aí está uma bela pilha de lixo que nossos pais deixaram para varrermos.

Está muito silencioso & muito frio. Passei com Pinka pelas ruas de sábado esta tarde & dei-me conta num susto que era abril ao ver uma primula no asfalto. Ia pensando que era uma das minhas caminhadas de janeiro, em que as luzes dos quartos são acesas às 3.30. Rodmell seria impraticável por causa do frio; até eu ter meu quarto, não posso ir para lá com intenção de trabalhar.

Sempre temos intenção de trabalhar.

Acabo de concordar em produzir outros 4 artigos para Mrs. Van Doren, porque ela aumentou o preço para £50 por artigo – de modo que, seja lá o que me custe, poderei ter meu novo quarto. E todo esse dinheiro está mudando meus hábitos. Não sei se não é este o fato mais memorável desta primavera – pela primeira vez desde 1912 – ou seja em 16 anos – posso olhar digamos umas xícaras de porcelana azuis numa loja & decidir, ora por que não as comprar? Mas elas custam £6... Porém estou ganhando mais de £1000 por ano. Posso ganhar o quanto eu quiser. Esse soliloquozinho acontece antes que eu possa destruir meus antigos músculos da penúria. Mas acho que é sempre melhor comprar do que não comprar.

Hugh Walpole esteve aqui no outro dia, das 4.30 às 7.15, sozinho, junto à lareira. A mesma conversa pouco à vontade de costume; acelerada & animada, contra a guerra; & ao mesmo tempo aquele mórbido egoísmo & desejo de coçar sem parar a mesma ferida – seus próprios defeitos como escritor & como remediá-los, de onde eles brotam; tudo isso misturado à sua percepção usual de ser próspero & admirado – algo que, como ele admite quando lhe pergunto, lhe dá um imenso prazer. Ele chega até a protestar dizendo que ele também fornece prazer, faz o bem, mas não consegue demonstrar isso na minha presença; & é por isso que ele busca a minha presença – uma pedra para se coçar & ajudá-lo a se livrar da lama do mundo. Ele protesta demais. Por outro lado, gosto dessas personalidades efervescentes enérgicas: gosto de conversar sobre a Rússia, & a guerra & os grandes feitos & as pessoas famosas – se não as vejo gosto de romantizá-las.

Leonard está lá em cima terminando de fechar as contas da Hogarth Press. Ontem ele deu aos ajudantes do estábulo um bônus:

1928
1912

16

Mrs. C. £25; Belcher £20; Kennedy £20.⁸ Eles nos mandaram um buquê de rosas no fim do dia. Pela primeira vez lucrámos mais de £400. E 7 pessoas agora dependem de nós; & penso com orgulho que 7 pessoas dependem, largamente, da minha mão escrevendo numa folha de papel. Isso é obviamente um grande consolo & um grande orgulho para mim. Não são rabiscos; estão alimentando & abrigando 7 pessoas: um grande homem como Percy; uma mulher com cara de cenoura como Cartwright; todos eles vivem das minhas palavras. Estarão se alimentando graças a Mulheres & Ficção no ano que vem pois para este prevejo venda razoável. Tem convicção considerável. Acredito que a forma, meio diálogo meio solilóquio, permite que eu ponha mais coisas na página do que qualquer outra. Ela criou-se sozinha & forçou caminho sobre mim (essa forma – o conceito estava pronto & a escrita já tinha sido refeita insatisfatória & rigidamente 4 vezes) quando fiquei de cama depois de Berlim. Eu a criava com tal velocidade que quando punha as mãos em caneta & papel era como uma garrafa emborcada. Escrevia tão depressa quanto permitia a minha mão; depressa até demais, pois agora peno para revisar; mas esse modo dá liberdade & permite que os pensamentos saltem carniça uns nos outros.

Por sorte, para a saúde da minha alma, agora sou muito pouco notada, & assim posso esquecer meu ser ficcional, pois é isso em parte o que a fama cria: posso ver meu ser famoso diminuindo no mundo. Sinto-me mais à vontade quando encerrada, contida em mim mesma, como agora.

O grande prazer do dinheiro é gastar uma libra – digamos em um jantar em Richmond – sem contabilizá-la – jantei lá com Vita. Estava frio. Demos a volta pelo Parque de carro. Vi um homem passeando um gato grande numa corrente. Vi diversos grupos estranhos no hotel. Como eles podem estar aqui esta noite, falei? Ali estava uma velha empanzinada como um abutre. A mulher com o pé inclinado sob a mesa neste √ ângulo, durante todo o jantar: o rapaz aprumado de cinza com o cravo cor-de-rosa; as duas filhas de veludo e olhos saltados; & toda espécie de emoção, de ridículo & interesse atravessavam o amplo salão continuamente de uma mesa para a outra. Os garçons, pensei, só estão

⁸ Miss Belcher começou a trabalhar na Hogarth Press cerca de dois meses antes de Richard Kennedy. (AOB)

aqui para esta única noite; tudo é irreal & desaparecerá. Mas exatamente a mesma coisa está acontecendo neste momento. Teve um dia cansativo Miss —? Pergunta Mrs. — debruçando-se para falar com ela. Oh horrivelmente cansativo responde Miss — sentando-se à mesa com a garrafa de água com gás reservada para ela. E em completa desolação aguarda que sejam servidos os pratos.

Segunda, 29 de abril

E cai um aguaceiro. Ah esta primavera gelada! Seca como um osso, até hoje, mas nunca com um céu azul. Assim sendo o meu casaco vermelho, da cor da baga de um pilriteiro no inverno, combina com ela. Ouvi o rouxinol na casa de Vita uma ou duas semanas atrás – a única noite quente. E passamos frio em Rodmell na semana passada, quando fomos até lá ver Philcox, que construirá dois quartos por £320, & só levará dois meses. Passei frio; mas que silêncio, que alívio das conversas & vozes! Como me senti na nossa volta; mas rapidamente vesti a esfera social da minha alma; & saí para almoçar com Sybil; & tive ali, para minha dor, exatos seis minutos de conversa tolerável com Max Beerbohm. Mas, Deus meu, quão pouco me perturba hoje conversar com os grandes homens. Não estamos todos congelando, & olhando os rostos velhos uns dos outros como se para as crateras da lua? (Estas eu vi, branco-prateadas & parecidas com as marcas que a água faz ao pingar no estuque, pelo telescópio de Vita outro dia). Começo a pensar que a única coisa tolerável para se olhar é a juventude; & vou levar Judy ao Coliseum na quarta.⁹

Esqueci de dizer que a máquina de bombear começou de novo & está a todo vapor neste momento. Mas digo a mim mesma vou me acostumar com isso – certamente que vou.

Esta manhã comecei a revisar Fases da Ficção, & terminado isso, consigo ver claramente o caminho para um livro completamente imaginativo. Até lá, rodopio mais & mais depressa para o interior da corrente, de Londres: amanhã Christabel; depois a palestra de [Charles] Maureon & Mary & os Keynes & os Eliots.

Pobre Tom – é um verdadeiro poeta, eu acho; o que chamarão daqui a cem anos de gênio: & esta é a vida dele. Passo meia hora escutando-o contar que Vivian não consegue andar. Suas pernas não

⁹ Judith, sobrinha de VW, era a filha caçula de Adrian e Karin. (AOB)

respondem. Mas o que aconteceu? Ninguém sabe. Portanto ela fica na cama – não consegue nem calçar um sapato. E eles passam dificuldades, humilhações, com os criados. E depois de inúmeros rodeios quanto a fazerem uma visita – ele não pode nas próximas 8 semanas, pois está mudando de casa & 15 primos de primeiro grau virão visita-lo na Inglaterra –, ele parece de repente vencido, emocionado, trágico, infeliz, alquebrado, porque me ofereço para ir à sua casa tomar o chá na quinta. Ah mas nem ousamos mais convidar os amigos, ele diz. Fomos desertados. Ninguém vem nos ver há semanas. Você realmente viria – de tão longe? para nos ver? Sim eu disse. Porém que quadro de miséria, imaginado, & ao mesmo tempo real. Vivien com o pé num banquinho, de cama o dia inteiro; Tom correndo de volta para casa para não ser criticado por ela: este é o nosso gênio. – Foi isso que consegui assimilar ontem de manhã ao telefone.

Domingo, 12 de maio

Aqui, tendo acabado de terminar o que chamo de revisão final de *Mulheres & Ficção* para que L. possa lê-lo depois do chá, eu paro: abarrotada. E a máquina de bombear, que fui tão otimista pensando que pudesse ter cessado, começa de novo. Quanto a M. & F. Não sei ao certo – um ensaio brilhante? – arrisco dizer; muito bem trabalhado, com várias opiniões aferventadas até se transformarem numa espécie de geleia, que deixei avermelhar o máximo que pude. Mas estou ansiosa por me ver livre, escrever sem qualquer limite escorregando diante dos olhos: aqui meu público esteve perto demais: fatos; torná-los maleáveis, facilmente mesclados uns nos outros.

Um dia chuvoso, de outro modo teríamos ido a Hampton Court com Roger & Mauron.¹⁰ E fiquei feliz com a chuva, pois tenho falado demais. Temos visto pessoas demais – talvez a mais notável seja Sidney Waterlow, como uma ressurreição. Um homem idoso pomposo triste respeitável de ar desesperado; cosmopolita; mas como sempre estremecendo em sua casca. Qualquer alfinetada o atinge na pele desprotegida. Gostei dele. Nós nos encontramos no corredor escuro, felizes pela escuridão. Conversamos com facilidade quase excessiva, sobre Lucy Clifford que foi enterrada com uma missa; & em seguida

¹⁰ Charles Mauron foi “descoberto” por Roger Fry por volta de 1920 e introduzido em Bloomsbury. Cientista de formação, por iniciativa de Fry voltou-se à literatura e crítica, bem como à tradução. (Ele traduziria *Orlando* e *Flush* de VW). (AOB)

sobre os lanceiros & a propriedade dele em Bangcoc – para seu agrado. Sua própria importância lhe é muito clara. Em Oare ele não é ninguém. E portanto gostaria de voltar a Bangcoc & ser importante no Oriente para sempre¹¹. Já não consegue mais buscar a verdade – em realidade desmascarou a busca da verdade, que nele era a busca pelo poder. Não acredita em mais nada, ele disse, & está convencido agora de que nada jamais irá muda-lo – De modo que, enquanto falava de algum outro assunto por um instante, subitamente irrompeu numa terrível peroração sobre [Oswald] Spengler; que mudou o mundo para ele – fez infinitamente mais diferença do que qualquer outra pessoa – tão fixo & estável & independente.

Além disso, demos uma festa: Roger um pouco velho – para mim, ele precisa de Nessa para fertilizá-lo & adoçá-lo. Um certo rancor esquisito amiúde parece exacerbá-lo. Quando se cura do estômago as pernas começam a doer. E Plomer veio – um tanto rígido, receio; & cavalheiresco em demasia; & o pequeno Blunden, a própria imagem de um pardal londrino, que bica & pia & é esfomeado & sujo¹². E Julian, para mim no momento um rapaz bastante satisfatório; cheio de ardor, mas ao mesmo tempo claro, preciso; & genial também – apesar de todo seu fervor apostólico & do gosto pela abstração, um bom rapaz, simpático, muito mais inclinado a ver o bom do que o ruim. Por exemplo, ele achou a pobre ratinha Jenkins muito simpática & muito inteligente & sentou-se no chão aos pés dela. Passara a tarde inteira consolando Topsy. Pois Topsy & Peter se separaram. Sim eles se separaram para sempre, graças aos flertes dela.

Segunda, 13 de maio

Como isso é estranho – aqui estou eu sentada às 3.10 sem muito o que fazer – nada que precise fazer. Preciso voltar a compor em tipos. Mas fomos ver os Singers de carro – a embreagem está com problemas; & quando demos partida, lá veio Saxon, de folga – Estava indo ao Ring, claro, pois tinha um dia de folga. Há quantos anos ele faz isso – que personagem estranho metódico ele é. Não nos vemos há meses, & toca

¹¹ Sidney Waterlow, velho amigo e antigo pretendente de VW. Serviu como embaixador em Bangcoc de 1926 a 1928, e na Inglaterra sua casa localizava-se em Oare, Wiltshire. (AOB)

¹² William Plomer, poeta e romancista. Dele, a Hogarth publicou *Turbott Wolfe* e outros livros. Edmund Blunden, poeta e crítico, fora professor em Tóquio e, como seu amigo Siegfried Sassoon, escreveu sobre suas experiências na Primeira Guerra. (AOB)

no assunto novamente. Sacou o talão de cheques & disse que acreditava que o padrão havia mudado, com o mesmo interesse em minúcias que tinha 30 anos atrás. O mesmo guarda-chuva pendurado na dobra do braço; o mesmo relógio com corrente dourada; os rodopios; os modos de pássaro animado. Que então lhe deu a vida, perguntei (para mim mesma) olhando para a Igreja no alto da Portland Street. Ora, ele é livre para ir à Ópera, ler Platão jogar xadrez. E vai seguir fazendo essas coisas, como se fossem escolhas próprias, até morrer. Existe certa dignidade nesse fazer contínuo de coisas que parecem escolhas próprias. E contudo – assim sempre se conclui quando se comparam vidas – nem pelo mundo inteiro eu viveria a sua.

E às 4 preciso me trocar & me lavar & ir para a palestra de Mauron em Argyll House; & depois para a Molly & depois jantar com Sybil – o que vai, espero, ser o fim dessa volta da minha corrida. Já disse que ainda penso na vida como uma série de voltas – & ainda salto meus obstáculos obedientemente & depois desfruto do nada? De modo que se janto com Sybil não janto com Christabel. Jamais acolhi um modo de pensar que considere esses obstáculos insignificantes. Depois iremos para Rodmell por 6 dias; & depois para casa; & depois para Cassis; & depois para casa. & depois Rodmell; & depois o outono; & depois o inverno – Ah essa máquina! Gostaria de poder dizer que ela me passa despercebida. Além disso, ocorreu-me a ideia de que eu agora deveria reler meus próprios livros, para nossa “Edição Completa”. L. & Kennedy estão trabalhando em uma sobrecapa neste momento. Será que abandono meu dever & a máquina de bombear & vou até lá ver?¹³ A eleição se aproxima, & também o Derby.¹⁴ Vou subir & ler Proust eu acho, já que estou escrevendo alguns comentários sobre ele para aquele livro maldito – aquela pedra que me puxa mais & mais fundo para dentro das águas. O motivo de eu desgostar de jantar com Sybil é que ela o exige: sou obrigada a lhe fazer uma demonstração de intimidade, coisa que ela não é capaz de conseguir, pobre coitada, por si mesma.

¹³ A coleção “Uniform Edition of the Works of Virginia Woolf” foi iniciada com quatro volumes – *The Voyage Out*, *Jacob’s Room*, *O leitor comum* e *Mrs. Dalloway* – em 26 set. 1929. O projeto da sobrecapa foi assinado por Vanessa Bell. (AOB)

¹⁴ Os conservadores, que estavam no poder desde outubro de 1924, convocaram eleições gerais para 30 de mai. 1929. O Derby Day seria em junho. (AOB)

Quarta, 15 de maio

Escrevo isso, como costumava escrever muitas outras páginas no passado, para testar uma caneta nova; pois estou hesitante – não consigo me decidir se continuo com a caneta velha ou não. Por outro lado, toda caneta de ouro tem sua desvantagem. Nunca encontrei uma que não tivesse. Por outro lado, antes de escrever uma longa arenga nunca há como saber. E então sentimos vergonha de voltar atrás – & então voltamos – & então tudo recomeça, como o rio, ou mar, de Mathew Arnold (que traz tudo de volta &c &c¹⁵).

Anoto aqui que um desses dias vou ler a obra completa de Mathew Arnold.”

Fui ao jantar de Sybil; mas minha nossa, quão pouco sentido têm esses encontros – exceto claro que a comida é boa; & há vinho, & um certo clima de luxo & hospitalidade. Isso, por outro lado, tende a viciar; a pessoa recebe algo, pelo qual precisa pagar. E não gosto dessa sensação. Lá estava o bebê velho de cabelo branco [*George Moore*] sentado no cadeirão; o cabelo agora parece linho branco, parece seda; as faces do tom rosado de uma criança; os olhos com sua dureza de bola de gude; as mãos ineficientes & sem ossos. Por algum motivo, ele me fez elogios; chegou mesmo a referir-se a mim como uma autoridade em língua inglesa; & inclusive ofereceu, o que arrisco ter sido com boas intenções, apesar de nada ter saído daí, mandar-me um de seus livros. Sobre o que conversamos? Basicamente sobre ele mesmo & seus livros, acho; & como ele havia conhecido várias antigas personalidades obscuras, num passado distante. Eu lhes contei sobre a ameaça de Lord Alfred, & isso fez com que ele desembestasse a contar histórias sobre Robbie Ross & os processos judiciais que ele mesmo enfrentou.¹⁶ Mas ele é um velho astuto & desapegado; não tem lá grandes ilusões, & nem depende muito de ninguém, devo dizer. Queria voltar a pé para a Ebury Street, mas estava chovendo & o obrigaram a pegar um táxi. Falou sobre Henry James & uma página de prova tipográfica que ninguém conseguia ler; & disse que uma frase deveria se formar como uma nuvem na ponta da caneta – não acha?, perguntou para mim. Esses

¹⁵ “Listen! you hear the grating roar/ Of pebbles which the waves suck back, and fling./ At their return, up the high strand,/ Begin, and cease, and then again begin,/ With tremulous cadence slow, and bring/ The eternal note of sadness in.” (*Dover Beach*, 1867). (AOB)

¹⁶ Lord Alfred Douglas ameaçara processar a *N & A* e LW por calúnia, a menos que a revista se retratasse publicamente pela resenha depreciativa escrita por LW em 6 abr. 1929 sobre sua *Autobiografia*. Um dos alvos de Lord Alfred fora Robert Ross, o executor literário de Oscar Wilde, que, segundo seu entendimento, LW defendia. A *N & A* acabou publicando em 27 abr. 1929 uma carta de Lord Alfred, e nenhum processo aconteceu. George Moore vencera uma ação por calúnia em 1917 movida por Louis N. Seymour a respeito de seu romance *Lewis Seymour and Some Women*. (AOB)

“& referências

pequenos elogios deviam-se ao meu Geraldine & Jane que, segundo ele, era um conto admirável & deveria ser publicado como tal;¹⁷ não tinha nada a ver com fatos. E realmente acho que ele vai morrer em breve – disse que precisa fazer mais uma operação; mas do seu jeito desapegado¹⁸. Acho que os processos corporais aborrecem ligeiramente esses artistas. O meu corpo que morra, posso imaginá-lo dizendo, desde que eu possa continuar formando frases na ponta da minha caneta¹⁹ – & por que não? Embora ele é claro diga apreciar os prazeres do corpo.

Mas disso eu duvido muito.

E duvido também que Clive aprecie. Clive segundo vejo caiu das boas graças de todos no momento, graças a seu comportamento tolo & egoísta – escreve-me para se gabar de um “mistério”, que claro que eu deveria divulgar; mas não vou. Ele é como Lottie *au fond*; & por falar nisso Lottie foi dispensada; ao que parece deve £8 a Karin, que não tem como pagar, & armam-se grandes cenas, pobre Adrian, que deve estar se lastimando & lamuriando constrangido, sozinho; enquanto Karin espasmodicamente selvagem & violenta & competente, sai para pagar as contas & colocar a casa em ordem em dez minutos, coisa que negligenciou em todos esses anos: infame & ignóbil a situação toda; & pouco me dão prazer, sinceramente, esses sofrimentos dos meus amigos.

Estou deprimida. Brace conseguiu. Aquele homem amarelo de rosto oval. Querem guardar M. & F., que eu gosto, até a primavera, & publicar F. da F. neste outono – um livro que odeio; & que, segundo vejo, fui pressionada a levar adiante.²⁰ E depois Roger quer vir a Rodmell, & não me agrada, depois de meus protestos, dizer que não; porém terei de falar & falar – & Philcox não consegue terminar meus cômodos, por

¹⁷ Trata-se, em realidade, de um ensaio. Ou seja, até George Moore percebe o trânsito livre de gêneros na escrita de Woolf, ainda naquela época.

¹⁸ George Moore passou por uma cirurgia em abril de 1928 e teria de passar por outra, maior; mas como o risco foi considerado grande demais, esta acabou não sendo feita. Ele viveu até 21 jan. de 1933, um mês antes de seu 81º aniversário. (AOB)

¹⁹ Isso ecoa *Sobre estar doente*.

²⁰ A Harcourt Brace acabou publicando *A Room of One's Own* (M.[mulheres] & F.[ficção]) no mesmo dia em que a Hogarth Press, 24 out. 1929. VW vinha se debatendo com *Fases da Ficção* havia cerca de dois anos. Originalmente ele deveria integrar a série “Lectures on Literature” da Hogarth, mas acabou sendo publicado em três partes como um ensaio estendido no *The Bookman*, em Nova York, em abril, maio e junho de 1929. (AOB)

causa da longa espera da Durrant²¹. Ou seja, minha roda está girando devagar. & afinal de contas gosto ou não gosto desta caneta? Estas são minhas penas Mr Wesley, como disse o homem quando o servo pôs carvão demais.

Clive diz que tem um mistério; algo que não pode contar; & isso também me irrita; querer causar sensação, como Dotty; desejar que falem de si. Ah, eu digo, se pelo menos eu conseguisse mergulhar a cabeça nos deleites da pura imaginação & assim me retirasse um pouco desse mundo horrendo da realidade!

Mas preciso de alguma maneira terminar esse relato de borrões & subir para jantar & tentar pensar em alguma coisa prazerosa com Leonard. Algo animado. Oh mas depois preciso quebrar a cabeça com Proust, imagino; & depois copiar uns trechos. Não importa, vou testar minha caneta nova & ver se isso não me anima. Porque obviamente esses mistérios são mistérios minúsculos & triviais, & no fundo sou a mulher mais feliz em todo W.C.1. A esposa mais feliz, a escritora mais feliz, a moradora mais apreciada, é o que eu digo, da Tavistock Square. Se eu contar minhas bênçãos, com certeza elas ultrapassam as minhas penas; mesmo quando só consigo ver esses borrões na minha frente. Bem, o qual será meu jantar? E vou testar apressada minha caneta nova nessa última página, fazendo com que ela descreva rapidamente a minha completa reforma da vida doméstica – estranho eu não ter feito isso antes: já não peço mais o jantar; escrevo o que vai ser em um caderno & assim coloco um vidro entre Nelly & eu.

Ah & George [Duckworth] ligou de manhã. Um casal francês que me admira: poderíamos sair para almoçar?: mas meus dentes, diz ele, caem, enquanto eu falo, enquanto eu como; & eles preferiram Brighton a Penshurst.

28 de maio

Um verão estranho, este, talvez sem precedentes em nossa história. Vamos para Cassis na terça, passar uma semana. É uma revolução. Nunca estivemos fora do país com o ano tão adiantado eu acho. A Eleição já terá acabado. Seremos governados por um Tory ou pelo partido Trabalhista – um Tory, eu diria. Para benefício da posteridade

²¹ Em dez. 1928, G. L. Kennedy fora convidado a gerir a ampliação em Monks House; a Durrants era a empresa que estava orçando a obra. Como o orçamento de Phicox foi mais em conta, foi a ele que decidiram confiar o trabalho, em abril. (AOB)

devo dizer que ninguém finge que sabe, à exceção dos candidatos. Estão todos – até mesmo Hubert²² – confiantes. E sinto, o que é bastante estranho, que esta é uma eleição importante. Estava caminhando pela King's Road com Sidney Waterlow na outra noite – depois de jantar no clube dele em uma mesa de mogno rodeada de retratos de políticos – tomei um coquetel, mas não vinho – & era um dia de trovoadas – Leonard estava com dor de cabeça – & sentamos na sala de recepção feminina – uma sala azul-acinzentada da cor do ovo de um pato, com globos de luz lançando luz para o alto, em vez de para baixo – muito fria, suave, sólida, algo parecido com sentar-se dentro da forma de um manjar branco – & então Sidney disse, sentindo que alguma coisa devia ser feita, que tal visitarmos os Sangers? Deveríamos fazer isso. Eles ficariam tão satisfeitos. E comprou para mim 3 ramos de violetas na casa de uma mulher que contou que aquele era o dia de seu 40º aniversário de casamento: uma homenagem a eu ter sido um dia pedida em casamento por Sidney, será? – eu as segurei na mão a noite inteira, & descobrimos que os Sangers não estavam em casa; apenas um criado apareceu vindo do porão. Sendo assim dissemos vamos visitar os MacCarthys. E foi dessa maneira que caminhamos pela King's Road, conversando sobre a Eleição. Sidney disse que a natureza humana melhorou. Estamos nos tornando mais gentis & sábios. Até os cachorros estão. Não se vê mais brigas de cachorros, disse ele, & dito & feito, um grande vira-lata atravessou a rua trotando muito tranquilamente & foi farejar a porta de um bar. A história para aí. Pois não creio que tenha acontecido grande coisa nos MacCarthys. Conversar era imperativo. Acho que não observei nada. As coisas memoráveis acontecem quando existe um amplo espaço de silêncio ao seu redor, talvez. Não sei.

Agora, sobre esse livro, *As Mariposas*. Como começá-lo? E o que ele será? Não sinto nenhum grande impulso; nenhuma febre; apenas uma grande pressão de dificuldade. Por que escrevê-lo então? Por que escrever qualquer coisa? Toda manhã escrevo um pequeno rascunho, para me entreter.²³

²² Hubert Henderson era candidato liberal pela Universidade de Cambridge, mas não foi eleito. (AOB)

²³ Segundo AOB, esses rascunhos não foram identificados.

Não estou falando, devo dizer, que esses rascunhos têm qualquer relevância. Não estou tentando contar uma história. No entanto talvez ela acabe sendo contada dessa maneira. Uma consciência pensando. Podem ser ilhas de luz – ilhas no fluxo que estou tentando expressar: a vida mesma em seu curso. A corrente das mariposas voando energicamente nessa direção. Uma lâmpada & um vaso de flor no centro. A flor pode estar em contínua mudança. Mas deve existir mais unidade entre as cenas do que consigo encontrar no momento. Talvez possa ser chamado de autobiografia. Como vou construir uma seção, ou ato, entre a vinda das mariposas, mais intensa que a outra; se houver apenas cenas? É preciso transmitir a ideia de que aqui é o início: aqui é o meio; aquele o clímax – quando ela abre a janela & a mariposa entra. Terei duas correntes diferentes – as mariposas voando; a flor ereta no centro; um perpétuo esfacelamento & renovação da planta. Em suas folhas ela pode ver as coisas acontecendo. Mas quem é ela? Estou muito apreensiva se seria melhor ela não ter nome. Não quero uma Lavínia ou Penélope: quero “Ela”. Mas isso se torna pernóstico, intrépido, bucólico fantástico de alguma maneira: simbólico em roupas frouxas. Claro que consigo fazê-la pensar para trás & para frente; consigo contar histórias. Mas a questão não é essa. E vou dispensar lugar & tempo exatos. Qualquer coisa poderá aparecer pela janela – um navio – um deserto – Londres.

Sexta, 31 de maio

O oculista me disse esta tarde “Talvez a senhora não seja mais tão jovem quanto antes”. É a primeira vez que alguém me diz isso; & me pareceu uma declaração surpreendente. Significa que para um estranho parecemos agora não uma mulher, & sim uma mulher idosa. Ainda assim, muito embora durante uma hora eu tenha me sentido enrugada & envelhecida, & afetado uma pose de grande sabedoria & tolerância, comprando um casaco, ainda assim esqueci do assunto depressa; & agora novamente sou “uma mulher”. Outra luz sobre meu caráter ou aparência – caminhando pela Southampton Row, um homem me segura & diz espere; & me faz dar 6 pence por uma folhinha úmida que eu não queria para nada; nem tampouco queria ficar conversando sobre política com um trapaceirozinho com cara de furão, depois de ter almoçado tão mal. Mas meu rosto marcou-me como uma vítima.

“Estamos ganhando” disse Nelly na hora do chá. Fiquei chocada ao pensar que nós duas desejamos que os trabalhistas ganhem – por quê? em parte porque não quero ser governada por Nelly. Acho que ser governado por Nelly & Lottie seria um desastre. Disso escapei. Ontem à noite em Charleston ouvimos os resultados da eleição com muita clareza na sala de estar. No caminho de volta para casa, passando por Lewes, não vimos uma única luz nos andares de baixo. Ninguém estava ouvindo as notícias. As ruas estavam perfeitamente vazias. Um homem mijava na parede do posto. Eu tinha imaginado uma multidão, exaltações, gritos, panos brancos – só havia três gatos pretos entretidos em seus assuntos com os ratos. Então seremos governados pelos trabalhistas.

Fomos a Worthing visitar a mãe de Leonard, deitada como uma velha rosa – um tanto bela desta vez – num quarto estreito; com vista para o mar. Observei os golfinhos, & alguns reflexos das pessoas caminhando pela praia. E ela chorou; & ficou muito deprimida; & então começou a matraquear sobre Caterham 50 anos atrás; & os Stannards, & como Herbert tinha rolado a escada inteira, & tomava tanto leite que as pessoas ficavam espantadas. Nada da vida, do nosso ponto de vista, resta nela – apenas essa curiosa página iluminada do passado, que ela vira & revira deitada na cama; & não consegue ler ou dormir, porém exige saber ansiosamente, Leonard acha que ela irá melhorar? A caminho de lá conversávamos: antes tomar veneno. Ela tem todos os motivos para isso; & no entanto exige mais vida, mais vida, aos 78. Briga; não consegue andar; está sozinha; é cuidada por enfermeiras; mora num hotel, mas exige mais vida, mais vida. Uma coisa estranha que ela disse foi que quando criança dormia com uma governanta que lhe transmitiu uma doença terrível, & foi expulsa da Holanda por isso. Imagino que ela nunca tenha contado essa história a ninguém; foi sua oferta de intimidade para nós; um agradecimento quem sabe por termos ido até lá. Ela emocionou-me; eu mal conseguia falar. Suponho que a natureza humana, tão emocional, tão irracional, tão instintiva, como é nela, mas não em mim, tenha essa beleza; essa qualidade que chamam de “elementar”. Talvez nós a tenhamos também, aos 76. Podemos soluçar na cama & gritar, o médico acha que irei melhorar? Talvez não sentemos à mesa para escrever aquele texto simples & profundo sobre suicídio que eu me vejo deixando para meus amigos. Que dia aquele – o

mar indo & vindo da baía, completamente, como o Adriático ou o Pacífico; & a areia amarela; & os barcos vapejando; & por detrás as colinas como longas ondas estendendo-se gentilmente, para depois quebrar muito depressa; suaves & inclinadas como as ondas. Até as casas cintilavam & faziam parte dessa beleza; feita de vapor, não zinco. Votamos em Rodmell. Vi uma senhora de luvas brancas ajudando um velho casal de fazendeiros a sair de seu Daimler. Compramos um cortador de grama. Gostei de Francis [Birrell] ontem à noite. Ele é tão abundante & fértil, tão generoso & de bom coração Um homem quase divino – um homem que adoro – essas frases são recorrentes. E depois ele me divertiu com sua imitação de Esther falando como Macaulay [referência inexplicada]. Quando divulgaram os resultados ele estava sempre falando tão alto: & tinha de se interromper. Passamos em Long Barn & deixamos Pinker, & aqui estamos novamente depois de uma dessas viagens que parecem durar 600 anos. Tudo parece meio estranho & simbólico quando se volta. Meu humor era esquisito, achava-me muito velha: mas agora sou novamente uma mulher – como sempre sou quando escrevo. É dispersivo & alentador, sair de carro por aí.

Sábado, 15 de junho

Voltamos ontem à noite de Cassis; ou melhor de Arles. As férias mais abafadas que já tive. E de certa maneira diferente das outras; em parte por estar tão quente; depois por estarmos apenas com Nessa & Duncan; & depois porque me tornei, quase, uma proprietária de terras. Uma proprietária de janela, ao menos. Sim, quase comprei La Boudard (não tenho certeza de como se escreve) & tenho um contrato, para irmos para lá a £2.10 por mês.²⁴ E isso significa um número infinito de coisas – talvez uma mudança completa; como comprar uma casa sempre provoca. Esta manhã já sinto um apego – digamos uma ilha que flutua para longe, mas é minha. E essa ilha significa calor, silêncio, completo alheamento de Londres; o mar; comer bolo no novo hotel em La Ciotat; ir de carro até Aix; jantar no porto; ver os barcos de sardinha chegando; conversar com gente que nunca ouviu falar de mim & que me acha mais velha & feia que Nessa, & inferior a ela de todas as maneiras; aquela relação com ela & Duncan estranhamente íntima mas ao mesmo tempo

²⁴ Os Woolfs não chegaram a concluir a compra. LW viu as desvantagens de ter três residências e o sonho caiu por terra em 1930. (AOB)

provocativa, feliz, livre & ao mesmo tempo de certo modo contida. Também significa comprar livros franceses em Toulon & guardá-los em meu maravilhoso quarto frio no mato; Leonard em mangas de camisa; uma vida privada oriental para nós dois; um veranico que entra & sai da luz do dia comum; uma boa dose de vinho barato & charutos; novas alianças, com os Currys, os Cruthers & outras anomalias esquisitas – tudo isso meu compromisso de fazer três janelas em Boudard significa para mim. Esqueço quais foram os fatos de nossa estadia. Passamos uma semana por lá, chegando um dia antes do esperado, estranhamente como no ano anterior. Lá estavam Duncan com sua camisa azul; Angelica & Judith fazendo lições no terraço. Nessa levava Miss Campbell de carro até a cidade & trazia a comida toda manhã. Escrevi um pequeno artigo sobre Cowper, mas erguendo as palavras com grande dificuldade no calor, rodeada de borboletas pretas & brancas²⁵. E L. & eu fomos bastante extravagantes, pela primeira vez na vida, comprando mesas, escrivaninhas, aparadores & louças para Rodmell. Isso me dava prazer; & incomodava a supremacia quase total de Nessa. Meu filho mais velho chega amanhã; sim, & ele é o rapaz mais promissor do King's; & fez um discurso no jantar dos Apóstolos. A única coisa que tenho para contrapor a isso é, E eu ganhei £2.000 com Orlando & posso trazer Leonard para cá & comprar uma casa se eu quiser. Ao que ela responde (da mesma maneira inaudível) sou um fracasso como pintora em comparação com você, mal consigo pagar meus modelos. E assim nós duas prosseguimos; sobre as profundezas da nossa infância. Você se lembra de ir até a cidade apanhar – lembranças antigas que Duncan não tem como compartilhar. Ele foi divinamente encantador; & elogiou Nessa também. Coloquei pedaço por pedaço de sentimento, de modo que se possa compor a salada, & agora vou correr para apanhar meus livros com Riley se puder.²⁶

²⁵ Judith era filha de Barbara e Nick Bagenal e nasceu pouco antes de Angelica, em 1918; e mais de uma vez foi a Cassis com ela. O artigo que VW estava escrevendo era um dos que ela escreveria para o *New York Herald Tribune* (ver 13 abr. 1929). Jean Campbell era esposa do coronel Teed, dono da casa que Vanessa e Duncan sublocavam em Cassis (ver 17 jan. 1928). (AOB)

²⁶ R. E. Riley, encadernador, também situado na Tavistock Square. (AOB)

Sábado, 15 de junho

Contra todas as regras, vou transformar isto no primeiro volume de um diário, embora por azar não seja nem o primeiro dia do mês. Mas isso é culpa da vida prática. Não consigo mais escrever em livros cujas folhas perecem. Não sei como guardá-los. Aqui, num volume encadernado, o ano tem a chance de sobreviver. Pode ficar de pé numa estante.

Pinker acabou de voltar para casa, bastante gorda. E uma sensação de vazio espalha-se pela casa; o que eu chamo de sensação de “Onde não há nada”. Isso se deve ao fato de termos voltado da França ontem à noite & ainda não estarmos no meio da roda-viva. O tempo se agita no mastro – uma frase minha, acho. Há coisas que preciso fazer. Preciso corrigir *A Room of One's Own*: preciso ler & corrigir o *Leitor Comum*. Preciso escrever várias cartas tolas & tediosas; a cavalheiros em Maidstone & Kingston que me contam fatos sobre dalias; a Sir Philip Sassoon que muito inesperadamente me envia, por carro, seu livro de viagens. Mas não posso – nem por cinco minutos ou coisa do tipo. O tempo se agita no mastro. E depois vejo através de tudo. Talvez a imagem tenha de transmitir a ideia de um rio se afinando: de enxergar o fundo. Lytton disse certa vez – eu conecto isso a uma visita a Kew Gardens – que só podemos viver se enxergarmos através das ilusões. & isso me lembra (é estranho aliás, como é pequeno um pensamento que não se consegue expressar pictoricamente, tal como nos acostumamos a pensá-lo: essa frase de Lytton sempre vem pictoricamente, com calor, flores, grama, verão, & eu andando por Kews) isso me lembra que o dia antes de partirmos Lytton veio de visita, & conversamos sobre Elizabeth & Essex. Pela primeira vez. E foi doloroso, porque ele estava magoado pelo que não havíamos dito; & precisávamos, até certo ponto, dizê-lo; mas foi também um alívio, de ambos os lados, porque ficamos felizes em dizê-lo, & dar fim a tanta reserva; & felizes, ousar dizer, que Lytton estivesse magoado; diria mesmo que havia um elemento depreciativo, ao menos na minha felicidade; mas não muito. Diria mesmo que entre meus lados

²⁷ Aqui começa um novo livro.

desagradáveis está este, de sentir inveja suficiente de outros escritores para me sentir feliz quando fracassam por sua culpa; mas foi trivial. Muito mais importante foi o alívio de poder dizer abertamente que não gostou de E & E por tais & tais razões; & nos pusemos a analisar cada uma. Sua supressão da ironia; amarrar-se à história; a dificuldade de usar a realidade de modo imaginativo; um assunto inadequado para ele; que só podia ser abordado com exatidão. Ele disse que ele mesmo sentira muitas dúvidas; & foi isso o que me agradou – que embora os que o rodeiam – Carrington Dadie & o resto – tenham todos o elogiado, ele sentia que não poderia dar-se por satisfeito, a menos que nós Bloomsbury também o elogiássemos. O que nós dizemos importa. E eu diria mesmo que, graças ao sucesso, ele se importa muito mais com essas reservas do que eu; pois não me saía da cabeça todas as críticas que já recebi. Ficamos satisfeitos quando “após longos anos” tais sentimentos têm influência²⁸. E senti, em meio aos sentimentos depreciativos, que já não tinha motivos para invejá-lo; & que escrevendo Orlando a toda velocidade tinha me saído melhor do que ele; & que pela primeira vez, eu acho, ele me enxergava, como escritora, com certa inveja. Porém fez graça quando protestou que escrever dessa maneira seria escrever como Virginia – uma fatalidade, pelo visto. Agora o tempo não precisa mais agitar-se no mastro. Agora preciso de alguma maneira preparar outra decocção de ilusão. Bem, se o interesse humano se agita – se é isso o que me preocupa, o melhor é não ficar aqui sentada pensando nisso. Preciso criar outra ilusão humana – convidar alguém para visitar depois do jantar; & partir naquela extraordinária aventura com as almas dos outros mais uma vez – sobre a qual conheço tão pouco. Será o afeto que instiga?

Domingo, 16 de junho

Quando terminei de escrever essas palavras, Leonard entrou para dizer que Desmond chegaria dali a dois minutos – & dito & feito; de modo que as velas se enfunaram mais uma vez & o navio seguiu caminho. (Estou escrevendo isto porque não consigo continuar corrigindo *A Room of One's Own*. Eu o li até minhas próprias frases retinirem em meus ouvidos – & eu começar a formar outras mais.) Desmond de cinza, folgado & andrajoso. Borbulhava & fervilhava, estava

²⁸ Cf. Byron, “after long years”, de *When we Two Parted*. (AOB)

indo jantar com Crompton Davies no Kettner's;²⁹ & determinado a ser pontual. Há nele um foco de determinação; é o mais bem-passado & saturado de todos nós. Nem um só átomo seu continua cru; todos foram succulentamente assados no fogo baixo – um homem adorável, um homem divino, como diria Francis, apesar de seu poder de me arrancar fora a medula. Por sorte não tocamos aí – na escrita eu quero dizer. Julian bambeou ao discursar para os Apóstolos; foi vestido como para um baile; embaralhou-se com suas anotações & sentou-se; mas graças à sua admirável solidez de Stephen, não fez grande caso. E Desmond perdeu £5 para Lord Rothermere, & outro homem perdeu £2.000 ao longo da Eleição. Em que círculos você anda, perguntou Leonard; & ele disse que isso aconteceu somente por causa da *Empire Review*. Maynard segundo ele parecia consciente da discórdia no jantar dos Apóstolos³⁰. Conversamos sobre os livros de Lytton. Mas uma conversa levou a outra; sem nenhum encadeamento; ele não podia se atrasar com Compton. Ele (C.) mora em Gledhow Terrace, tem duas cadeiras de couro na sala de jantar; atrás dela fica seu quarto; guarda o Virgílio & o Milton que Desmond lhe deu. Meu Milton, disse Leonard; & eu ofereci uma nova caixa de expedição para Desmond. E lá se foi ele, conversando o tempo inteiro. Pinker voltou & –

Domingo, 23 de junho

Estava muito quente aquele dia, em que fomos de carro até Worthing ver a mãe de Leonard; minha garganta doía. Na manhã seguinte tive uma dor de cabeça. Portanto ficamos em Rodmell até hoje. Em Rodmell li o *Leitor Comum*; & isso é muito importante – preciso aprender a escrever de modo mais sucinto. Especialmente na ideia geral, em ensaios como o último, Como impressionar um contemporâneo, fico horrorizada com minha frouxidão. Em parte é porque não penso nas coisas antes; & em parte porque expando meu estilo para abarcar migalhas de significados. Só que o resultado é uma vacilação & uma dispersidade³¹ & uma falta de fôlego que detesto. É preciso corrigir A

²⁹ Crompton Llewelyn Davies era um dos seis irmãos de Margaret Llewelyn Davies e um Apóstolo. O Kettner's era um restaurante tradicional no Soho, que fechou as portas em 2016. (AOB)

³⁰ Esse jantar ocorreu enquanto os Woolfs estavam na França. As edições de abril e maio da *Empire Review* haviam previsto a vitória dos Conservadores na Eleição Geral de 30 mai. 1929. (AOB)

³¹ No original ela usa uma palavra que não existe, "diffusity". O que existe é "diffusivity". Então optei por uma palavra próxima de uma existente (existe "dispersividade", mas não "dispersidade").

31 de agosto Esta
promessa eu cumpri

Room of ones own com muita atenção antes de mandá-lo para a gráfica.³² E foi assim que me atirei no meu grande lago de melancolia. Deus como é fundo! Que melancólica nata eu sou! A única maneira de não afundar é trabalhando. Uma anotação para o verão. Preciso levar mais trabalho do que eu seria capaz de dar conta. ~~Eu sou~~ não, não sei de onde isso vem. Tão logo paro de trabalhar sinto-me afundando, afundando. E, como sempre, sinto que se eu afundasse um pouco mais tocaria a verdade. Essa é a única mitigação; uma espécie de nobreza. De solenidade. Devo obrigar-me a enfrentar o fato de que não existe nada – nada para nenhum de nós³³. Trabalhar, ler, escrever não passam de disfarces; & as relações com as pessoas. Sim, até mesmo ter tido filhos seria inútil.³⁴

Fomos ao bosque de faias perto da Pista de Corrida. Gosto desse bosque; & das águas da mata nos envolvendo; tão rasas, iluminadas pelo sol; & ao mesmo tempo de sombras tão profundas. E gosto das copas das faias, todas entrelaçadas, de modo tão intrincado; como uma multidão de braços; & dos troncos, como colunas de pedra numa igreja. Mas se eu fosse Mrs Bartholomew eu certamente faria algo violento. Essa ideia me ocorria volta & meia. O que porém se pode fazer, sob todo aquele [*palavra ilegível*]; com aquele íncubo de injustiça em cima de si? Annie Thompsett & seu bebê vivem com 15/ por semana. Eu desperdiço 13/ com cigarros, chocolates & passagens de ônibus. Ela estava comendo pudim de arroz ao lado do berço do bebê quando eu entrei.³⁵ Entretanto, agora começo a enxergar As Mariposas com clareza demais, ou pelo menos arduamente demais, para meu sossego. Acho que vai começar assim: aurora; conchas numa praia; não sei – os cantos de um galo & de um rouxinol; & depois todas as crianças em uma mesa comprida – lições. O início. Bem, deverá ter todo tipo de personagens. Então a pessoa que está à mesa pode chamar qualquer uma delas a qualquer momento; & a partir dessa pessoa se poderá construir o clima, contar a história; por exemplo sobre cachorros ou enfermeiras; ou

³² Outro exemplo estranho de uso de pronome impessoal para se referir a si mesma.

³³ A quem ela se refere ao falar no plural? Aceitar o fato de que “não existe nada para nenhum de nós” – quem é esse nós?

³⁴ Exemplo de seu conflito com a ideia de redenção pela escrita – escrever, ler, e até as relações pessoais, que ela tanto preza, não passam de disfarces, algo que a impede de alcançar a verdade.

³⁵ Annie, que viria a se tornar a cozinheira e faxineira de Monks House, era filha de Mrs. Thomsett, que antigamente às vezes trabalhava para os Woolfs. (AOB)

alguma aventura de criança; tudo muito As Mil e Uma Noites; & assim por diante: isso será a Infância; mas não pode ser a minha infância; & botes num lago; a sensação de crianças; de irreabilidade; de coisas com proporções estranhas. Então outra pessoa ou vulto será selecionado. O mundo irreal deverá rodear tudo isso – as ondas espectrais. A Mariposa deve entrar: a linda & solitária Mariposa. Uma flor estará crescendo. Será possível não ouvir as ondas todo o tempo? Ou os barulhos da fazenda? Alguns sons esquisitos, irrelevantes. Ela pode ter um livro – um livro para ler – outro para escrever – velhas cartas.

Luz da manhãzinha – mas sem insistir muito nisso; porque deve haver bastante independência da “realidade”. Porém tudo deve ser relevante. Bem, isso tudo claro é a vida “real”; & o nada só chega em sua ausência. Provei isso com toda certeza nessa última meia hora. Tudo se torna verde & vívido em mim quando começo a pensar nas Mariposas. Além disso, acho, existe muito mais capacidade de entrar no outro –

Domingo, 30 de junho

Parei a frase no meio; alguém deve ter me interrompido. Minha melancolia foi rompida, como um lago por remos, desde que escrevi [da última vez]. Estive tão ativa. Temos visto tantas pessoas. Ontem à noite jantamos com Roger, hoje com Clive; Lytton veio; Vitta veio; fizemos uma festa. Comprei um vestido na Shaftesbury Avenue. Estava muito quente, acho; & agora está muito frio, a bem da verdade pela primeira vez em semanas está, ou esteve, chovendo. Estou escrevendo à toa, depois de duas horas de intensa correção – aquele livro tão exaustivamente corrigido, Mulheres & Ficção. Vai para a gráfica amanhã eu juro. E depois poderei banhar-me totalmente com a luz de um pouco de ficção. Mas graças à escrita superei aquele humor, & acho difícil que volte a ele. Em meio ano ganhei mais de £1800; um ritmo de quase £4000 por ano; quase o salário de um ministro; & houve um tempo, dois anos atrás, em que eu batalhava para ganhar £200. Agora que ganho até demais, penso em meus artiguinhos – E ainda acho que o maior prazer da prosperidade é entrar numa loja & poder comprar um canivete. Bem, depois de amanhã vou encerrar a produção de artigos & abrir espaço para a ficção durante seis ou sete meses – até março que vem, quem sabe. E aqui registro minha intenção de cuidar com muito mais atenção da escrita desse novo livro; eliminar as redundâncias. Agora

que, penso eu, conquistei o livre uso da minha caneta, preciso começar a refreá-la. Até então minha liberdade teve de ser batalhada.

Helen Anrep estava distraída & preocupada ontem à noite, como uma rosa molhada e açoitada pelo vento. Baba saiu de fininho da sua cama, subiu até o telhado & adormeceu ali. Miss Cox propôs rebaixá-la de turma por um ano. E Roger ficou sabendo que a casa dela em Hampstead estava caindo aos pedaços; precisaria de £500 de reforma. Como ela poderia viver com sua renda de £3000 se a vendesse para o Hampstead Hospital?³⁶ Outro dia em Paris ela pensou que fosse ter um filho de Roger. “Eu, que fracassei completamente com os que já tenho – E sinto muitíssimo.” Assim ela se lamuriou em sussurros suaves, sentada ao lado de Roger, com a mão apoiada no braço da cadeira dele. Às vezes ele pousava a mão na dela. Os dois eram carinhosos & reservados; esta é a vida privada de Roger. Que o mantém feliz, enquanto na superfície ele roda de médico em médico; dá pulos & piruetas, & olha lugares no mapa com atenção – incapaz de não verificar & rastrear qualquer afirmação, por mais inútil que ela seja. Ele contou que em uma grande caverna francesa existe uma área de vegetação onde quer que se lance a lanterna. E Mauron correu a mão pela borda & pensou que fosse musgo. Mas era cocô de morcego. Os morcegos saíram voando pelos ares.

Desmond foi mais que brilhante em relação às cartas de Byron & aos documentos de Boswell. Imagine! Agora existem 18 volumes de diários de Boswell a serem publicados. Com sorte irei viver o bastante para lê-los. Sinto como se tivessem me dito que um morto na verdade continua vivo – um estranho efeito, essa exumação de outro monte de textos de Boswell, quando se achava que tudo já era conhecido, que tudo estava resolvido. E meu pai não veio a saber disso; & Sir Edmund Gosse está morto. Esses documentos estavam guardados num armário na Irlanda.³⁷ E agora está quase na hora do almoço; & depois do almoço

³⁶ Anastasia (Baba) Anrep era a filha mais velha de Boris e Helen Anrep; estudava num internato onde a diretora era Miss Catherine Cox. Helen havia deixado o marido e a família, que moravam ao lado do Hampstead Hospital, para morar com Roger Fry. (AOB)

³⁷ Desmond MacCarthy resenhara a nova edição de *The Hypochondriak* de James Boswell no *Sunday Times* em 30 de junho. Os documentos particulares de Boswell foram descobertos no castelo Malahide, perto de Dublin, entre 1925 e 16, e publicados em 18 volumes, numa edição cara e luxuosa, entre os anos de 1928 e 34. (AOB)

vou ler novamente meu livro; com vistas a, se possível, enxugar & condensar as últimas páginas.

Segunda, 5 de agosto

Sim é essa mesmo a data, sendo que a última foi 30 de junho – um tributo ao verão caótico aleatório & estridente que passei. De longe as lembranças mais agradáveis, que se destacam como mato verde num lago cor de civeta, foram os fins de semana passados aqui: os divinos & frescos fins de semana, com o corte de feno & as luzes bruxuleantes; o novo quarto de Leonard, Hedgehog Hall,³⁸ em vias de construção, & meu chalé sendo transformado no palácio do conforto que é agora. Pois bem, estou aqui sentada, oprimida pelo clima de feriado bancário que se impregna nos campos, nos pântanos solitários, & faz a cidadezinha parecer sobranceira & suburbana. As garotas & os rapazes estão jogando stoolball; Leonard & Percy construindo um cano para levar água até o Lago, marrom-chocolate & habitado por peixinhos. Sim foi um verão disperso; parecia que um telefone estava preso no meu braço & qualquer pessoa poderia me puxar para onde quisesse. A sensação de interrupção me incomodou. E essas pessoas que “vemos” – como a imagem se torna borrada! Que mata-borrão era a minha cabeça quando deixei a casa de Ottoline na tarde de quinta-feira, determinada a não conversar com mais nenhum vivente. Existe uma certa irreverência em tratar dessa maneira a venerável alma do homem: nós a amaldiçoamos, a roemos & ficamos amargurados com ela. Obtém-se mais prazer numa noite conversando com a cabeça-oca da Ka do que com todo esse rebuliço & deslumbrância. Em Londres eu simplesmente teria debochado dela. Aqui, esparramada de seu jeito lento & arrastado, a impressão que se tem dela é descontraída, meio crítica, meio apreciativa – & o que salta aos olhos é o aspecto risível das suas declarações. Quando o caso não lhe era favorável enquanto centro da vida social, era para ele como palestrante, político, jardineiro, artista, marido, pensador – tudo. Ora, eu a cortei esta manhã enquanto exaltava a inteligência dele, dizendo que todos nós vivemos em ilusão; a inteligência de Will inclusive. Assim interrompida ela se quedou paralisada por um instante & em seguida recobrou-se, & viu que fazia sentido; não muito, talvez;

³⁸ Era uma das piadas particulares dos Woolf. Virginia apelidou o quarto de Leonard de “Hedgehog Hall”, ou “Salão do Porco-Espinho”. Outra eram os apelidos de um para o outro – Leonard era o “Mangusto”, Virginia o “Mandrill”.

mas à sua maneira devagar, lambuzada com todos esses fingimentos & afetações & política & aparências, ela também é honesta. E conversamos sobre Rupert. Mas minha reflexão – toda visita nos traz uma reflexão – foi essa, sobre conversar com veemência, para impressionar, & sua futilidade, sua universalidade: a diferença é que ela é mais aberta & insistente, por algum motivo, do que nós – ou assim espero. Retirando-se essa motivação da fala de alguém, quanto restaria? Com que frequência não me sinto vagamente abençoando minhas frases com a minha própria vaidade, que exige que eu lhe pague esse tributo.

E depois estou brava com Vita: ela não me contou que iria passar uma semana no exterior – não teve coragem; senão no último momento, quando disse que tinha sido um plano de última hora.³⁹ Deus meu! Isso meio que me faz rir; por outro lado, por que dou tanta importância? a que dou tanta importância? quanta importância eu dou? Vou atacá-la & acusá-la para ver até o fundo de seu disfarce. O fato é que essas Hildas são um caso crônico; & como esta aí não vai sumir & não é comprometida, pode muito bem tornar-se permanente. E, sendo a maldita esnobe intelectual que eu sou, odeio me ver relacionada, mesmo que por um único braço sequer, a Hilda. Sua cara de madeira competente ambiciosa & séria aparece à minha frente, buscando conselho para a grave questão de quem entrevistar. Uma característica estranha de Vita, essa – sua paixão pelas intelectuais sérias de classe média, por mais sem-graças & insossas que sejam. E por que estou escrevendo isso? Não contei nem mesmo a Leonard; & a quem falo quando falo a uma página em branco? A verdade é que chego mais perto dos sentimentos escrevendo do que caminhando⁴⁰ – eu acho: mastigo o osso; desfruto das expressões; arranco-as de mim; torno-as um pouquinho mais críveis para mim mesma; diria mesmo que suprimo qualquer coisa, de modo que no fim das contas acabo fazendo algo parecido com uma confidência. Por que outro motivo Pepys escrevia um diário?

³⁹ Em 16 jul. Vita foi para Val d'Isère com Hilda Matheson, da BBC, que havia se tornado um de seus casos. (AOB)

⁴⁰ Faz referência a seu hábito diário de longas caminhadas, que ela usava para compor seus textos.

Eu deveria estar me debatendo com Mary Wollstonecraft. Estou no meio dos meus quatro artigos para a Herald [*New York Herald Tribune*], & portanto interrompi minhas Mariposas (mas eu tinha provas de A Room para corrigir) & torço para me ver livre disso tudo até 14 de agosto & então descer degrau por degrau até aquela estranha região. Preciso me esforçar ao máximo por ele – por esse livro difícil – & depois? Sempre uma aventura: com essa sensação a me guiar, não me estagnarei agora.

Escolha entre nós, digo, parando de escrever; & obtenho certa satisfação em criar frases cáusticas. Muito embora eu não seja muito cáustica, só de vez em quando.

Quinta, 8 de agosto

Escrevo isso para fazer passar um daqueles momentos estupendos – um daqueles momentos dolorosos, ridículos, agitados que nos deixam meio nauseados & ao mesmo tempo não sei – também estou empolgada; & me sinto livre & em seguida sórdida; & inquieta; & assim por diante – mandei Nelly embora; depois de uma série de cenas que nem vou me dar ao trabalho de descrever. E no meio da raiva costumeira, olhei no fundo de seus olhinhos ambiciosos & matreiros & não vi nada ali além de maldade & ódio, & senti que agora aquela havia se tornado a realidade: ela não dá a mínima para mim, ou para coisa alguma: foi consumida pelos seus pobres & tímidos medos & receios & respeitabilidades de criada. E assim na hora do almoço L. & eu encerramos a questão; & eu disse duas palavras, que ela praticamente arrancou da minha boca na sua ânsia de mostrar-se satisfeita & ávida & dura & inabalada – uma cena sórdida, dolorosa, depois de 15 anos; mas enfim, quantas não vivi, & como são degradantes. & se não nos separarmos agora iremos nos arrastar à deriva para sempre – ah mas essas velhas discussões que conheço de cor. O que é novo & estranho é dar fim a isso, pois apesar de só termos conversado sobre o afastamento dela até outubro, acho que não iremos mais retomar coisa nenhuma. É uma ocasião para as pequenas virtudes da vida – alegria, & decisão, & a determinação de um recomeço novo & melhor. A bem da verdade jamais teríamos continuado juntas, eu diria, se não fosse pela guerra; não sei: estou firme na decisão de nunca mais ter empregadas

morando em casa. Esse é o mal que corrompe a relação. Mas agora preciso ver Annie Thomsett de novo.

Sábado, 9 de agosto⁴¹

Bem, que o céu seja louvado – está tudo resolvido & calmo & acabado. Nelly – parece que foi há tanto tempo! – vai ficar – Sim, descobrimos q n podemos ficar com Mrs. Thomsett; & tive dois minutos de coragem enérgica; & portanto, com Nelly ficando, ela pensou que – mas estou entediada demais. E deliciosamente aliviada demais por ter visto Vita agora há pouco & descobrir que a história dela era a mais exata verdade – ela trouxe documentos para provar – & ficou muito chateada – & como uma mula telefonou para Hilda – que também ficou muito chateada, & no geral foi muito simples & sincera & entendeu que minha postura era razoável – ah sim, ela não conseguiu contestá-la nem um só instante – mas por que, eu me pergunto, entedia-me agora de modo tão insuportável escrever o que naquele momento foi extremamente empolgante? Minha própria falta de poder narrativo. A verdade é que eu estava mais preocupada & irritada & magoada & cáustica sobre esse caso do que deixei transparecer, até mesmo para a página em branco; porém ao mesmo tempo tinha medo do exagero. Claro, tem-se razão quanto a Nelly ⁴²– de que ela é, quando de mau humor, quase insuportavelmente má, egoísta & odiosa; mas – & essa é uma observação psicológica interessante, ela se encontra em estado natural; não treinado; não educado; para mim quase inacreditavelmente desprovido de qualquer capacidade de análise ou lógica; de modo que o que se vê é uma mente humana contorcendo-se a nu – o que é interessante; & então, em meio ao horror que se sente diante de tão repulsivo espetáculo, nós nos surpreendemos com a bondade da natureza humana, nua; ainda mais impressionante porque nua. Por exemplo, apesar de pensar que eu tivesse lhe dado o aviso prévio definitivamente, em vez de ceder à raiva ou ao ódio ela – que não tinha para onde ir –, foi de bicicleta até Lewes para trazer creme para o jantar: com uma motivação genuína eu acho; não pode nos deixar sofrer; como ela poderia nos deixar sem cozinheira? É essa mistura que é difícil de entender; & que sempre faz a pessoa afundar tanto quando lida com ela. Ela disse também que acharia muito difícil arrumar outro lugar; já que

⁴¹ AOB corrigiu para 10 de agosto.

⁴² Outro exemplo esquisito do uso do impessoal para tratar de si.

está na moda agora só contratar cozinheiras que morem fora (& essa frase é outro exemplo da minha incapacidade narrativa). E vai acontecer de novo, seu acesso de ódio & maldade; mas por ora não nos separaremos, eu acho. E em parte fico feliz ao descobrir como é mais difícil do que eu pensava separar-se depois de 15 anos. E feliz – ah muito feliz – por causa de Vita.

Quinta, 15 agosto

Depois desses tumultos resolvidos, tive uma dor de cabeça. E duas ideias me vêm – quebrar minha regra & escrever sobre a alma, para variar; & escrever diálogos precisos: acabo de anotar isso, pois é hora do jantar.

Voltamos de Brighton, onde comprei um armário de cozinha de canto. E tivesse eu tempo, dissecaria aqui uma curiosa frutinha passada: essa melancolia. Ela chega com uma dor de cabeça, claro. E eu cheguei a um beco sem saída. Escrever aquele artigo compacto, em que cada palavra é como um degrau esculpido em pedra – trabalho árduo, como sempre foi; & feito em grande medida por dinheiro; mas o que é o dinheiro, comparado aos filhos de Nessa; & depois o –

Segunda 19 de agosto

Imagino que o jantar tenha me interrompido. E abri este livro com outra intenção – para registrar o bendito fato de que para o bem ou para o mal acabei de compor a última correção de *Mulheres & Ficção*, ou *A Room of One's Own*. Imagino que nunca mais irei lê-lo. Bom ou ruim? Possui um espírito inquieto eu acho: sente-se a criatura arquear as costas & disparar a galope, embora como de costume boa parte seja fluida & frágil & argumentada em um tom exagerado demais. William Plomer veio passar o fim de semana & se foi. Um rapaz compacto & inarticulado, com uma couraça de comportamento universal adequado para todo tipo de clima & pessoa: conta uma bela história seca & pudica; mas tem o mesmo olhar intenso que percebi um dia em Tom, & que interpreto como o verdadeiro índice do que se passa dentro dele. Uma vez ou outra quase deixou cair a casca – quando estava sentado sobre as pedras esta manhã, por exemplo.

Acho que você não sabe como eu me sinto apartada de todos os meus contemporâneos. Receio que eu tenha me comportado de maneira muito inadequada ontem à noite (em Charleston). Pedi desculpas pela família. Não, foi encantador; tirando que Clive Bell parecia em

desarmonia. O que você acha de Wyndham Lewis, de Joyce?⁴³ (V.) Não gosto de reprimendas. Isso estraga a voz. Gosto de velhos de 80 anos como Moore & Yeats que conseguiram manter a cabeça funcionando. “Exato. Essa é exatamente a questão” (palavras de William). E os pais são difíceis. O meu não se interessa por nada. Mas não moro em Pinner por escolha própria. Não gosto da prosa de Roy Campbell.⁴⁴ Ele costumava empinar pipa com uma vara de pescar. William (segundo ele o Mr. era esquisito) claramente está tentando ser como as outras pessoas: quer justificar sua vida entre os nativos & coronéis, & foi o que lhe conferiu sua compostura. Ao seu lado, Julian parecia uma simples criança, & Duncan um contemporâneo. Ele poderia trazer Butts para nos conhecer?⁴⁵ É um rapaz bastante contido & independente, decidido a não se deixar apressar por nada, & mesmo não tendo dinheiro nenhum, deu 5/ de gorjeta para Nelly. Acho que ele se destaca bem contra os Raymonds & os Frankies – de certa maneira é sólido; em comparação ao brilho de ouropel deles. De tanto escrever agora perdi a vontade de escrever; & não consigo atacar a melancolia, exceto apenas para observar que ela diminuiu muitíssimo quando Nessa disse que se sentia melancólica com frequência & que com frequência me invejava – afirmação para mim inacreditável. Eu me dividi entre coisas demais, disse ela (estávamos sentadas em seu quarto, antes do jantar). A melancolia alheia com certeza nos anima. E agora, tendo terminado de escrever meus quatro artiguinhos breves & difíceis, preciso pensar naquele livro novamente, & descer degrau por degrau até o poço. Esses são os grandes acontecimentos & revoluções da vida de alguém – mas as pessoas falam de guerra & política. Vou me esforçar ao máximo; todos os meus freios serão rígidos; minhas molas enferrujadas. Mas conquistei agora o direito a alguns meses de ficção. & minha melancolia será varrida para longe, assim que eu conseguir pôr minha mente para criar, & parar de girar em falso.

⁴³ Os Woolfs levaram Plomer para jantar em Charleston no domingo. A família pediu desculpas a ele por VW: ao declarar que aquele poeta modesto e tímido descendia tanto de Shakespeare quanto de William Blake, ela deixou todos constrangidos. Tanto Wyndham Lewis quanto Joyce nasceram no mesmo ano que VW. (AOB)

⁴⁴ Plomer conheceu o poeta Roy Campbell na África do Sul. Eles colaboraram na produção da revista *Voorslag*, que deveria servir de “chicote” nos “flancos mentais” dos “cidadãos bovinos” sul-africanos (segundo sua autobiografia). (AOB)

⁴⁵ Anthony Butts, um pintor de quem Plomer era muito amigo. (AOB)

Quarta, 21 de agosto

Geoffrey Scott morreu na semana passada de pneumonia em Nova York. Deixe-me ver o que consigo lembrar dele. Eu o conheci em 1909 em Florença, na casa de Mrs. Berenson. Fomos almoçar, & ele estava lá; & eles discutiram Francis Thompson. Então fomos a uma festa na Mrs Ross: Mary trouxe um irmão, os dois disfarçados de Barnes, mas tiveram de revelar que eram Stracheys para que Mrs. Ross demonstrasse algum interesse. Depois ela enfatizou que era amante de Meredith, enquanto nos conduzia por um gramado; – um terraço eu acho, com vista para Fiesole. Eu estava infeliz naquele verão, & meus julgamentos eram amargos; & não consigo me lembrar de coisa alguma sobre Geoffrey Scott salvo que ele fazia parte daquela artificial sociedade florentina; & portanto, para mim, era um tanto desprezível – longo & familiar & estético & à vontade, enquanto eu era rústica, provinciana & malvestida. Essa impressão então aguarda sem um segundo de pausa até a noite de verão em 1925, acho, em Long Barn.⁴⁶ Fui até lá com Dotty & Vita pela primeira vez & estava sentada, tímida, no carro, observando os gestos de carinho entre as duas com bastante estranhamento, & como elas pararam o Rolls Royce para comprar grandes cestos de morangos; & novamente eu me senti, não provinciana, mas malvestida, mal equipada; & assim pisei no terraço de Long Barn; & então veio Geoffrey, sorrindo de modo meio presunçoso, como antigamente; & apertou minha mão. Harold [Nicolson] vinha atrás dele, um tanto convencido & robusto demais para o meu gosto. Naquela noite ficamos na sala comprida, & depois que Harold ficou com sono sentado nos assentos em frente à grade de proteção do fogo, cabeceando contra a beirada do batente italiano da lareira, Geoffrey veio sentar-se conosco, & Dotty o convenceu a contar histórias, para meu divertimento. Ele fazia isso muito bem; eu lembro, embora não lembre sobre o que eram as histórias. Era um homem muito inteligente, eu achava; & tentei entender o que se passava dentro dele, & concluí que ele tinha algum ressentimento contra mim por ser membro de um círculo que de alguma maneira ele respeitava mas do qual não fazia parte; chegou a me dizer, eu lembro, que não conseguia diferenciar um artigo meu na Nation de outro de Morgan ou de Lytton – todos nós

⁴⁶ O ano na verdade foi 1924. Ver 5 jul. 1924. (AOB)

escrevíamos com o mesmo estilo irônico – & isso eu senti que ele disse para me mostrar – nós que éramos os dois malandros daquela festa específica – que sabia muito bem de nossos truquezinhos & não tinha o menor respeito por eles. No dia seguinte fomos até Knole, onde mais uma vez, como em Florença, ele ficou bastante à vontade; conhecia cada móvel ou prataria & chamava Lord Sackville de Lionel, como se conhecesse tanto ele quanto Vita intimamente há anos, do mesmo modo como conhecera os Rosses & os Berensons. E era alto & moreno & tinha o rosto característico de um fracassado; lembrava-me um pouco Bernard Holland⁴⁷ & outros rapazes “brilhantes”, que continuam sendo “brilhantes” & jovens até bem depois dos 40 & nunca fazem nada para provar seu brilhantismo. Harold caminhou de volta até o Parque para pensar em alguma palestra sobre Byron, de modo simples & direto, para graça minha & acho que de Geoffrey também. Os outros – Dotty Vita & Geoffrey – levaram-me até a estação; & eu me despedi dele ali, & nunca mais conversei com ele. Eu tinha a sensação de que ele, Dotty, Vita & Harold eram um grupinho; muito íntimo & próximo, & cheguei a dizer isso, quando eles me desafiaram, como sempre, falando de Bloomsbury & seus muros fechados. “Mas vocês são iguais – dão a impressão de serem todos muito chegados” eu disse, & eles mais ou menos o negaram; mas só mais ou menos. Pois, como vim a saber depois, eu entrei em cena no auge do caso dele com Vita. Que estava bastante ardente naquele mês específico, ou semana; foi quando ela retribuiu a paixão dele, por um momento; quando ele jurava que ela deveria abandonar Harold & ir morar com ele. Depois disso, minhas relações com ele foram apenas por meio de rumores – via recados – Karin disse que sua mãe desejava que ela arranjasse um encontro entre Geoffrey & eu – & depois por meio das explicações de Vita, mais tarde, quando ela me contou que ele estava à sua espera, que tinha largado Villa Medici & Lady Sybill por causa dela;⁴⁸ & que agora estava bufando de raiva em um estábulo convertido perto de Regent’s Park, esperando-a, enquanto ela estava em Tavistock Square conversando comigo. Certa noite, ela

⁴⁷ Bernard Holland, formado em Direito em Cambridge, foi secretário do duque de Devonshire e do secretário colonial. Era casado com Florence Duckworth, prima da meia-irmã de VW, Stella. (AOB)

⁴⁸ Geoffrey Scott era casado desde 1918 com a viúva Lady Sybil Cutting, dona da Villa Medici, em Fiesole. Seu caso amoroso com Vita começou no outono de 1923 e durou pouco menos de um ano. (AOB)

Me ofereceram £2000
para escrevê-la

disse, ele quase a estrangulou – segurou-a pela garganta; & ela ficou preta & ele se apavorou. E também como ele ficou furioso nas colinas de Rodmell naquele verão, tarde da noite, quando os dois vinham voltando de carro para casa, vindo de Lady Sackville imagino. Vita avistou luzes no vale & disse que eu estava lá embaixo dormindo. Ao que ele se atirou em cima dela num novo acesso de raiva – estavam chamando os cachorros que tinham saído numa caçada, & o vento soprou para longe o seu chapéu. Ele me chamou de “aquela mulher”. E eu o vi, em traje completo de noite, no balé com Sybil [Colefax]. E depois nunca mais. Ele está morto em Nova York, & todos esses documentos de Boswell – o que será deles?; & a biografia que o teria tornado imortal jamais será escrita; ele será o eterno rapaz brilhante.⁴⁹

E eu deixei duas páginas em branco sem querer. Quem sabe eu consiga pensar em alguma outra pessoa sobre quem escrever nelas, antes de entrar em casa: está uma noite linda; quero ficar aqui fora escrevendo & experimentando minha caneta nova.

Ninguém de grande interesse, até onde sei, morreu. E se a questão for registrar diálogos, a verdade é que, salvo nos romances, as pessoas não conversam.

Bem, Bernard Holland, como já mencionei. Mas não consigo lembrar de um primeiro encontro ou sequer de um segundo. Acho que ouvi falar dele pela primeira vez quando eu tinha uns dez anos; ele acabara de ficar noivo de Helen Duckworth. Stella disse a mamãe, “Mas existe como saber o que ele pensa então?” – ou algo nessa linha, que me fez desconfiar de que havia qualquer coisa de sombrio & estranho naquele rapaz; algo que para Stella parecia incongruente com a rusticidade & o convencionalismo de sua tia & seu tio Duckworth. Então aquela luzinha, por mais reveladora que fosse, morreu; & há apenas rumores sobre Bernard, até que, em 1902 ou talvez 1903, Dorothea [*Stephen, prima de VW*] me levou sem ser convidada para a casa de Canon Holland em Canterbury; & lá estava Bernard; soturno, com aquelas grandes sobranceiras quase se tocando; & suas faces encovadas; & sua taciturnidade; & sua altura; & ao seu redor pairava, agora de forma mais autêntica, a mesma fama de brilhantismo &

⁴⁹ Quando morreu, aos 46 anos de idade, Geoffrey Scott estava editando os documentos recém-descobertos de Boswell. Quanto à observação lateral de Woolf, ver entrada de 1 mar. 1930.

estranheza de anos atrás, em Cambridge. Pobre Bernard – é um gênio, ouvi Harry Stephen dizer certa feita. Ele me interessava porque eu lhe atribuí “imaginação” – a qualidade que eu mais admirava & mais sentia falta em meu pai & seus amigos agnósticos. Bernard havia editado as cartas de sua mãe⁵⁰, & elas me agradavam de maneira sentimental, pois via nelas algo imaginativo também; algo colorido, reflexivo, íntimo, diferente de qualquer coisa que a família Stephen produzia. De modo que eu olhava para Bernard da sala baixa na Catedral com interesse; chegando a esperar que ele me achasse inteligente ou imaginativa ou algo assim. Mas duvido que ele tenha me destacado da sombra de Dorothea. Era ocupado & misterioso, tinha contato com política & ministros; era alguém tido pelos Lytteltons em alta consideração, que o consideravam vagamente muito mais competente & capaz do que eles; mas era muito genial, muito esquisito & individualista, assim diziam as pessoas, para fazer qualquer coisa por si mesmo. E Helen fazia jus a essa versão de Bernard de maneira bastante feminina; rodeando-o com olhar vago, faces vermelhas, extasiada, religiosa; como alguma mulher, assim eu achava, saída de um romance de Charlotte Yonge⁵¹. Fomos levadas para conhecer a irmã de Mary Sibylla, & ela disse, segurando sua xícara de chá, que quando ouvia trovoadas imaginava que alguém havia sido morto por elas. Todo esse tipo de imaginação pairava no ar. Bernard movia-se silenciosamente por ela, alheio, intelectual, silencioso; apreciativo talvez, porém nunca o confessava. Helen tocou pequenos trechos melancólicos de Beethoven; que me emocionaram; mas Bernard vociferou, “O que é isso? Gilbert & Sullivan?” para zombar do sentimentalismo dela imagino. E então, quando estávamos conversando sobre voltar de trem juntos, ele nos interrompeu. Disse que precisava ficar sozinho & trabalhar. Portanto suponho que não causei nenhuma impressão; & recebi uma que não foi de todo favorável. A dele era uma espécie de falsa melancolia, foi o que pensei; a menos que de fato ele fosse tremendamente imaginativo. Li um livro que ele escreveu anonimamente sobre tornar-se católico romano, & tive um sopro fraco & sedutor de um mundo onde as pessoas eram muito brilhantes &

⁵⁰ *Letters of Mary Sibylla*, 1898. (AOB)

⁵¹ Os Lytteltons eram uma família aristocrática com grande influência sobre a Igreja e o Estado. Charlotte Yonge era uma escritora popular cujos romances transmitiam uma concepção bastante religiosa da vida. (AOB)

pensavam sobre suas almas; um mundo semi-mundano, parece; bastante fluente; claro, plausível & reflexivo demais, mas ainda assim atraente & desconhecido. E depois o encontrei novamente na Ottoline; eu já estava mais velha, & ele mais pronunciado. Quero dizer, continuava sardônico; cavernoso; mas não mais tão esguio, nem tão silencioso. Flertava, até mesmo eu pude perceber, com Ottoline; & havia se tornado um desses rapazes distintos que são muito brilhantes nos jantares – como Herbert Paul quem sabe⁵²; aparecem sem as esposas, que ou são surdas ou loucas; influenciam políticos, escrevem artigos sem assinar; & flertam com as damas da nobreza. Ottoline me contou que Bernard Ihe compusera um soneto, depois de outro jantar. E depois ele se tornou católico romano. Escreveu uma longa biografia do duque de Devonshire; escreveu uma longa biografia da família Holland; mas isso foi tudo o que saiu de sua taciturnidade, de sua imaginação & de seu gênio, & quando ele morreu, um ou dois anos atrás, nem mesmo seus amigos escreveram para o Times a seu respeito.

22 de agosto

E assim talvez eu preencha essa meia hora antes do jantar escrevendo. Pensei, na minha caminhada, em começar do começo: acordo às oito & meia & atravesso o jardim. Hoje estava nublado & sonhei com Edith Sitwell. Eu me lavo & tomo o café da manhã, que fica disposto sobre a toalha xadrez. Com sorte talvez receba alguma carta interessante; hoje não havia nenhuma. Depois tomo banho & me visto; & saio para cá & escrevo ou corrijo durante três horas, interrompidas às 11 quando Leonard me traz leite, & às vezes os jornais. À uma almoço – hoje rissoles & creme de chocolate. Leio um pouco & fumo depois do almoço; & por volta das duas ponho sapatos pesados, pego a correia de Pinker & saio – esta tarde subi o morro Asheham, onde fiquei sentada por um ou dois minutos, depois voltei para casa, caminhando ao longo do rio. Chá às quatro, mais ou menos; & depois saio para cá & escrevo várias cartas, interrompidas pelos Correios, que trazem mais um convite para uma palestra; então leio um dos livros do Prelúdio. E em breve o sino irá tocar, & jantaremos & depois ouviremos música, & vou fumar um charuto, & então vamos ler – La Fontaine eu acho esta noite, & os

⁵² Ex-membro do Parlamento, era escritor e se casara com uma cunhada de Lady Ritchie, a “Tia Annie” de VW. (AOB)

jornais – & depois cama. Aqui copiarei alguns versos que quero recordar,

The matter that detains us now may seem
To many, neither dignified enough
Nor arduous, yet will not be scorned by them,
Who, looking inward, have observed the ties
That bind the perishable hours of life
Each to the other, & the curious props
By which the world of memory & thought
Exists & is sustained.

São do 7º livro do Prelúdio.⁵³ Uma citação excelente na minha opinião. Mas meu dia típico precisa ser revivido com toda espécie de cores diferentes. Hoje o tempo estava cinzento & ventava muito durante a caminhada; ontem generoso & aberto; um sol dourado sobre o milho; & calor no vale. Os dois dias diferem imensamente; mas ambos estão entre os mais felizes da minha vida – quero dizer entre os mais felizes & indistintos; maduros, doces & sadios; o pão de todo dia; pois nada de estranho ou de exaltado aconteceu; simplesmente o dia seguiu seu curso de modo certo & harmonioso; típico do melhor da vida no interior, como aqui; & me faz desejar mais – meses deles. Agora que minha cabeça está livre do meu exigente & angustiante livrinho & dos artigos meu cérebro parece se encher & expandir & tornar-se fisicamente leve & tranquilo. Começo a sentir que ele se enche silenciosamente depois de ter sido tão espremido & torcido desde que chegamos aqui. E assim sua parte inconsciente agora se expande; & nas caminhadas noto o milho vermelho, & o azul da planície & um infinito número de coisas que não nomeio; porque não estou pensando em nada em especial. De quando em quando sinto minha consciência tomar forma, como uma nuvem iluminada pelo sol, à medida que alguma ideia, plano ou imagem irrompe, mas eles seguem adiante, por cima do horizonte, como nuvens, enquanto eu espero pacientemente que outro, ou nada, se forme – não importa qual.

⁵³ De Wordsworth, edição de 1850. (AOB)

Uma imagem eu vi – Phil Burne Jones sentado na praça de São Marco, com traje de noite, sozinho numa noite de agosto de 1912 – pois estávamos em nossa lua-de-mel. Parecia libertino & solitário, como um pierrô que se tornou velho & um tanto rabugento. Usava um sobretudo leve & estava sentado, o rosto branco nervoso & tolo com ar envelhecido, infeliz, ansioso & desiludido, sozinho a uma mesinha de mármore, enquanto todo mundo passeava ou conversava & a banda tocava – ele não tinha companhia – nenhuma de suas damas elegantes – ninguém com quem conversar, com aquela voz afetada exagerada; & quem fazer elogios assombrosos, usando prezadas & queridas, & disparando aquele riso relinchado que antes era moda & que, acredito, deve ter sido criada pelo próprio Burne Jones – & Phil era uma espécie de degenerado libertino, que gastava todos os milhares pagos por aquelas mulheres pálidas em escadarias, em casos amorosos, em luxos, em bancar o solteiro glamoroso & o silfo padrinho das Trees & Taylors & de outras moças glamorosas⁵⁴ – um homem bastante tímido & convencional no fundo, com um gosto horroroso para quadros, presume-se, mas com jeito para crianças. Lowell⁵⁵ percebeu isso em St Ives. E ainda me sinto grata pelos desenhos que ele fez para nós. Ele pertence à galeria dos rapazes brilhantes de 50 anos, pois morreu um ou dois anos atrás.

A melhor parte da minha caminhada nesta tarde foi com certeza o alto da colina que leva a Juggs Corner.⁵⁶

Sim, sim, sim, mas isso foi dias antes. Vi uma mulher de branco sentada com as costas apoiadas em suaves bancos de neve de céu azul & branco; & uma criança de azul: vi todas as colinas cintilando & iluminando-se.

⁵⁴ Philip Burne-Jones era filho de Edward Burne-Jones, pintor pré-raphaelita. O “mulheres pálidas em escadarias” refere-se ao quadro de seu pai, “The Golden Stairs”, que está no acervo da Tate Gallery. Philip era um pintor dileitante com talento para a caricatura e levava uma vida de bon vivant. As Trees eram as três filhas de Sir Herbert Beerbohm Tree; as Taylors, as netas de Sir Henry Taylor. (AOB)

⁵⁵ James Russell Lowell, poeta, embaixador americano em Londres e padrinho de VW. (AOB)

⁵⁶ Aqui existe um enorme espaço em branco; tentei reproduzi-lo.

Mas hoje é Segunda 2 de setembro & estou escrevendo isso porque Lyn (sim, ela se chama Lyn)⁵⁷ está lendo no jardim, & minhas palavras secaram, & não consigo começar as Mariposas como deveria, nem emendar aqueles artigos velhos. Um longo dia, o de ontem – um tanto exaustivo – é árduo conversar no pomar com alguém que mal se conhece. Uma ótima moça, dona daquela nudez essencial – não consigo pensar em outra palavra – que as moças tão frequentemente têm – sem ilusões a respeito de si mesma; uma honestidade vinda da pobreza. Toca a vida com £200 por ano em Londres, ganhas por ela. Paga as despesas semana a semana com artigos; & seu pai ganha £600 como pastor presbiteriano em Aberdeen; ganhará £400 quando se aposentar, & tem 5 filhos. De modo que ela jamais terá um centavo só para si. Tudo isso dá origem a uma espécie de veracidade & visão límpida & austeridade que eu prefiro, quem sabe, ao matagal luxuriante que rodeia Dotty. Um jardineiro a mais ou a menos, um vaso persa a mais ou a menos, que diferença isso faz – a vida dela é atulhada & supérflua; ao passo que Lyn conhece cada objeto de seu quarto, comprou-os com suas economias, de modo que cada um deles é exato & polido. Bem, mas & quanto a ela? Ah estou tão farta de falar, & analisar, : Esse livro se formaria dentro de mim se apenas eu deixasse minha mente adormecer, calma como um mar sem ondas; porém o tempo inteiro estou quebrando minha consciência; destruindo o desenvolvimento que há por baixo. Não importa, depois de amanhã, quando for até Vita, a solidão começa*. Ruminarei por um mês. Lyn tem austeridade. É direta & sensata; vai ao W.C. abertamente; mas não é sexualmente avançada eu diria; não se deixa levar por rapazes ou vinho; há nela algo de sensatez & cabeça no lugar, vindo de seu pai teológico, de seu berço escocês fazendeiro sem dúvida. Ela estudou literatura inglesa & é, coisa que as moças raramente são, ou eram, uma crítica de formação. Dá sua opinião de modo preciso & metódico, muito à maneira como Janet Vaughan daria. (Janet esteve aqui na semana passada, aliás.) Essa mente treinada é nova & um tanto estranha. Parece eliminar o entusiasmo, talvez drasticamente. É estranho ver tudo pesado & analisado. & palavras sóbrias & profundas sendo ditas por aquele

* Foi um palpite otimista – não se cumpriu

⁵⁷ Lady Lloyd Irvine deve ter conhecido os Woolfs por ter submetido poesias à *Nation* & *Athenaeum* e um romance à Hogarth Press. Apesar de LW não ter publicado o romance, ele a convidou para contribuir com resenhas para a *N* & *A*. (AOB)

inocente rosto redondo & rosado; aqueles cândidos olhos azuis. Ia gastar dinheiro com pó facial – saiu para comprar uma marca específica & comprou um cacto em vez disso. Ah & contou uma história sobre um homem morto na praia. Ela & Enid Welsford estavam passeando de carro. Certa noite chegaram a uma baía & Enid quis caminhar até um longo trecho de praia. Portanto, lá foram elas; & então Lyn viu um casaco & um par de botas na areia; & descobriu que era um homem morto. Parou & deu meia-volta, evitando falar com Enid, sem pensar que crianças poderiam encontrá-lo; absolutamente horrorizada; a primeira vez que via um morto. Consegui visualizar tudo isso de modo muito vívido. Enid voltou. Você viu alguma coisa? Sim eu vi. Portanto as duas contaram às pessoas da cidadezinha. O homem estava num casamento infeliz & parecia deprimido & por isso se matou, para ser encontrado naquela triste noite cinzenta – as botas apontando para fora da areia, o rosto eu imagino muito pálido. Acabei de ler uma ou duas páginas dos cadernos de Samuel Butler para tirar o gosto da biografia de Alice Meynell da minha boca⁵⁸. Sente-se vontade de um pouco de brilhantismo & descortesia. Contudo fiquei interessada; um pouco instigada com o estilo rígido & abafado de Meynell; & depois, fico pensando no que eles tinham que não temos – certa suavidade & graça, com certeza. Eles acreditavam nas coisas & nós não; & ela teve 7 filhos & escrevia cerca de 5 parágrafos por dia para colunas sociais &c – o tempo inteiro parecendo uma santa crucificada; mas também era bastante alegre & espirituosa talvez – seja como for, mergulhada em diversos tipos de aventura & vida – ia para a América para palestrar & ganhava £15 por palestra, que ela enviava para ajudar Wilfrid. Mas não é exatamente isso o que eu quero dizer. Quando lemos sobre a vida de alguém frequentemente a comparamos com a nossa própria. E ao fazer isso percebi que havia uma certa doçura & dignidade naquelas vidas em comparação com as nossas – até mesmo com as nossas nesse momento. E no entanto suas vidas seriam intoleráveis – tão insinceras, tão elaboradas; é o que eu acho – toda aquela contenção de palavras & doçura & caridade. Viola não consegue deixar de acrescentar colherada atrás de colherada de açúcar – apenas duas coisas duras & por

⁵⁸ *The Notebooks of Samuel Butler*, editados por Henry F. Jones, e *Alice Meynell*, *Memórias*, biografia escrita pela sua filha, Viola Meynell. Alice Meynell foi poeta e ensaísta, casada com Wilfrid, jornalista e editor. Os dois tiveram sete filhos e moraram em Greatham, Sussex.

consequente memoráveis restaram – sua mãe fracassou como amiga. Ela jamais dava o suficiente. O velho Coventry Patmore⁵⁹, que para ela estava em pé de igualdade com Shre [*Shakespeare*], reclamou que perdera a primazia entre seus amigos & afastou-se; ao que ela foi sozinha até a sala de estar, pois odiava expressar seus sentimentos, assim como odiava longos relatos de doenças & morte nas biografias; ela virou o rosto para o seu filho na última doença que teve & só o deixou beijar sua mão. Além disso, tinha a estranha admiração que ela sentia por Chesterton. Se eu fosse homem & grandalhão poderia ter sido Chesterton. Ou seja, suas visões são todas peculiares & angulosas, expressas de modo pedante. Ela seguia uma linha própria. Mas teria sido um alívio & tanto se Viola desistisse de ser direta & precisa & nos contasse algo casual & familiar – porém ela não consegue: sua mente está presa. Katherine Mansfield descreveu uma visita à casa em Sussex – todos os Meynells em celeiros & chalés; & as filhas cantando longas baladas monótonas, & então, para efeito de contraste & surpreender um malandro, eu diria, com sua vivacidade, começaram a cantar canções de vaudeville que seus cunhados lhe ensinaram. Katherine descreveu-as como um punhado de sereias B.[*urne*] J.[*ones*] com longos cabelos luxuriantes, tocando instrumentos medievais de corda & entoando aqueles versos. Mrs M. estava sentada ali perto. E eu a vi em 1910 na casa de Mrs Ross, & a ouvi falar aquele ditado sobre o clima & depois lá estava ela, extasiada no ônibus. – Registre o arrependimento que senti quando se vê poetisas em carne & osso⁶⁰. Sim, pois ela também foi poetisa – acaba de me ocorrer que um ou dois de seus poeminhas sobreviverão mais do que tudo o que meu pai escreveu na vida. Mas é estranho – essa comparação que fazemos ao ler uma biografia – eu não parava de pensar como poucas coisas boas poderiam ser ditas a meu respeito.

Quarta, acho que 4 de setembro

Acabo de voltar de Long Barn, quer dizer da floresta Ashdown, onde L. foi me buscar; & de comer uma pera quente do sol com o sumo escorrendo, & pensei nesse recurso: inserir

⁵⁹ Poeta e crítico, mais conhecido pelo seu poema “O Anjo do Lar”, do qual VW trata em “Profissões para mulheres”.

⁶⁰ VW descreveu o chá com Mrs. Ross em Poggio Gherardi durante sua visita a Florença em 1909, bem como suas impressões sobre Alice Meynell, em seu *Caderno da Grécia/Itália, 1906-09*. (AOB)

A Consciência Solitária

separadamente em As Mariposas, como se fosse uma pessoa. Não sei – parece possível. E essas anotações mostram que estou muito feliz.

Eu diria que hoje é o dia mais quente do ano – o dia mais quente de setembro nos últimos vinte anos. É o que os jornais talvez digam amanhã. Sério estava demasiado quente no jardim em Long Barn. As crianças irritadiças – Nigel dando voltas de bicicleta entre os canteiros de flores enquanto Ben, esticado na cadeira, dizia com voz triste & sensata, Nigel você não está bem – você não parece bem. Boski diz que não. Mami ele precisa lavar os pés. Vita (da janela) mas ele já lavou os pés. Ben. Ah mas eles estão sujos de novo. Boski entra com a tabela de horários. Os horários dos ônibus não batem. Eles não conseguiriam voltar de Fairlawn antes das 8. Vita. Então ela telefona para Mrs Cazalet & avisa que não poderão ir. Preciso dizer a eles para adiar os planos. Ela foi até o quarto de Harold onde eles estavam estudando com Mr O'Connor & contou-lhes. Nigel começou a discutir. Ela foi firme, & saiu a passos largos. Tudo isso aconteceu sob um calor escorchante.⁶¹ O carro estava muito quente. George trouxe uma garrafa de água com gás. Almoçamos entre os pinheiros na floresta Ashdown, & nos deitamos depois, eu com meu chapéu de palha sobre o rosto. Então L. veio nos encontrar, pontualmente às 4, em Duddimans (não – não é esse o nome) & sentamos sobre umas folhas pinquentas de azevinho no urzal & conversamos com Vita sobre a carta de Harold. Segundo ele os poemas dela não servem para publicação. Ela foi muito tranquila & modesta, & pareceu não se incomodar muito – poeta menos melindrada nunca existiu. Mas pode um verdadeiro poeta ser um poeta não melindrado?⁶² Ela se comportava como sempre; caminhava a passos largos; de camisa & saia; opulenta; de trato fácil; distraída; falando generosa & serenamente com o tutor de Eton, um rapaz admirável, de nariz reto & dentes brancos que ia se deitar, ou pelo menos se recolhia, cedo,

⁶¹ Boski – Audrey le Bosquet – era secretária de Vita há um ano. Fairlane, onde moravam os Cazalets, ficava em Tonbridge. Vincent O'Connor, aluno do Eton College, era o atual tutor dos dois garotos Nicolson durante aquelas férias de verão. (AOB)

⁶² George Thomsett era o mordomo dos Nicolson. Harold Nicolson escreveu a Vita para aconselhá-la a não publicar *King's Daughter*, coletânea de poemas que incluía alguns que tratavam de lesbianismo. O livro, que seria publicado na série "Hogarth Living Poets", acabou de fato saindo no mês seguinte. (AOB)

deixando-nos a sós. Eu comentei que os meninos o chamavam de Senhor & faziam reverências com salamaleques sobre a mão dele & em seguida beijavam Vita – quão inglês – quão típico do verão & da alta classe – que agradável – que ausência de sotaque. Isso acontece da mesma maneira há mil anos foi a impressão que tive; ao menos eu consigo me lembrar de verões como esse – camisas de flanela branca & jogos de tênis, mães, tutores, casas inglesas & jantares com mariposas sobre as velas & conversas sobre torneios de tênis & senhoras convidando para o chá – que agradável, que ausência de sotaque. E o tutor era o eterno tutor dos rapazinhos – brincalhão, afetuoso, severo: observando Nigel com uma espécie de ar divertido & temura “Agora sim falou o verdadeiro Nigel” quando N. disse que já tinha conseguido derramar o molho de carne nas calças: – como um rio fluindo, profundo, correto & inabalado, entre margens estreitas. Esse tipo de coisa fazemos hoje com perfeição. Não é interessante, mas graças à sua completude & repetição admiráveis, entenece.

Nelly saiu esta tarde & apanhou, eu acho, 3 kg de amoras para fazer geleia. Por favor lembre-se disso como sua maneira de me agradecer por ter contratado Lottie – ela, afinal, não tem outra. Pois tendemos a nos esquecer.

Segunda, 16 de
setembro

Leonard foi a um piquenique em Charleston & eu estou aqui – “cansada”. Mas por que estou cansada? Bem eu nunca estou sozinha. Esse é o início da minha reclamação. Estou mais cansada psicologicamente que fisicamente. Eu me espremi & me retorci com os artigos & as correções de prova; enquanto por baixo formava-se meu livro das Mariposas. Sim, mas forma-se muito devagar; & o que eu desejo não é escrevê-lo, mas pensar sobre ele durante digamos duas ou três semanas – entrar na mesma corrente de pensamento & deixar que ela submerja tudo, escrevendo quem sabe umas poucas frases aqui, junto à minha janela, pela manhã. (E eles iam a algum lugar maravilhoso – Hurstmonceaux talvez, nesse estranho fim de tarde nebuloso, – porém na hora de ir, a única coisa que eu desejava fazer era caminhar até os morros sozinha. Agora estou me sentindo um pouco solitária & abandonada & lesada, é inevitável.) E sempre que entro em minha corrente de pensamento sou puxada para fora dela. Tivemos os Keynes:

depois Vita veio; depois Angelica & Eve; depois fomos a Worthing, depois minha cabeça começou a latejar – de modo que aqui estou eu, não escrevendo – isso não importa; mas não pensar, não sentir ou ver – & ansiando por uma tarde sozinha como se fosse um tesouro – Leonard apareceu agora mesmo à porta de vidro; eles não foram a H[urston] nem a parte alguma; & [Walter] Sprott estava lá & também um minerador, de modo que não perdi nada – o primeiro prazer egoísta que se sente.

De fato essas premonições dos livros – os estados da alma na criação – são muito estranhos & pouco compreendidos.

Outra reflexão – nada é tão cansativo quanto uma mudança de ambiente. Eu me sinto mais despedaçada & dissolvida depois de uma hora com a mãe de Leonard do que depois de 6 horas – não, 6 dias, com Vita. (Nessa não conta.) O tremendo esforço necessário para trocar as marchas deixa as nossas engrenagens em frangalhos. E venho fazendo isso constantemente – & mais do que fazendo, venho pressentindo fazer isso – contei os dias & senti Worthing pairar ameaçador sobre mim. & depois, novamente do ponto de vista psicológico, ter Nelly no carro é uma tensão para mim – impõe outro clima forçado. Nada disso importaria grande coisa se nossas engrenagens estivessem funcionando a toda velocidade – como eu descartava toda interrupção quando estava escrevendo Orlando! – mas é como se elas tivessem se metido no meio dos raios das rodas – entupido-as – sempre me impedindo de fazer o motor girar. E depois estou com 47 anos: sim: & minhas debilidades é claro irão aumentar. Começando pela minha vista. Ano passado, acho, eu conseguia ler sem usar óculos; apanhava o jornal & lia-o no metrô; aos poucos descobri que precisava de óculos para ler na cama; & agora não consigo ler nem uma linha (a menos que segure o texto num ângulo estranhíssimo) sem eles. Meus óculos novos são muito mais fortes que os antigos, & quando eu os tiro, fico cega por um instante. Que outras debilidades? Consigo ouvir, acho, perfeitamente: acho que consigo caminhar tão bem quanto sempre. Mas então não vai haver a mudança de vida?⁶³ E não é possível que essa época seja difícil & até mesmo perigosa? Obviamente pode-se

⁶³ Provavelmente estava se referindo à menopausa, que dali a algum tempo ela chamaria de “Time of Life” ou TL.

superá-la enfrentando-a com bom senso – é um processo natural; é possível deitar-se aqui & ler; nossas faculdades continuarão as mesmas depois; não há nada com que se preocupar em certo sentido – escrevi alguns livros interessantes, consigo ganhar dinheiro, posso pagar por umas férias – Ah não; não há motivo de preocupação; & esses curiosos intervalos na vida – já tive tantos – artisticamente são os mais frutíferos – tornamo-nos fertilizados – basta pensar na minha loucura⁶⁴ em Hogarth – & todas as doenzinhas – de antes de eu escrever *Ao Farol* por exemplo. Seis semanas de cama tornariam *As Mariposas* uma obra-prima. Mas não será esse o título. As mariposas, acabei de lembrar, não voam de dia. E não poderia haver uma vela acesa. No geral, a forma do livro requer considerações – & com tempo eu conseguiria fazê-las. Aqui eu interrompi.

Sábado, 21 de
setembro

Primeiro dia de Angelica na escola, eu acho⁶⁵; imagino que Nessa esteja chorando sozinha – uma das emoções que jamais virei a conhecer – uma filha, sua caçula – vai para a escola, encerrando os 21 anos da infância dos filhos de Nessa – um longo intervalo de vida; muito mais pleno do que eu consigo conceber – imagine todas as cenas íntimas, as brigas, a felicidade, os momentos de empolgação & mudança, à medida que eles iam crescendo. E agora, de modo um tanto sublime, ela encerra os anos da infância sozinha num estúdio, voltando, talvez bastante tristemente, à vida que ela mais gostaria de ter tido, de pintora dedicada apenas ao trabalho. Assim construímos nossas vidas, ela & eu, impulsionadas por alguma estranha força; no meu caso, sempre penso naqueles longos & curiosos passeios de outono que encerravam as férias de verão, conversando sobre o que iríamos fazer – nossos “planos de outono”, como os chamávamos. Eles sempre diziam respeito à pintura & à escrita & como organizar melhor a vida social & a doméstica. Sempre pensávamos em fazer mudanças em algum dos quartos, para ter um lugar onde receber nossos próprios amigos. Estavam sempre relacionados ao outono, às folhas que caem, ao campo que se tornava mais branco & invernal, nossos ânimos empolgados ante

⁶⁴ Ela chama de “loucura” (*madness*) os surtos que tinha.

⁶⁵ Até então, Angelica tivera aulas com Miss Rose Paul durante as temporadas que Vanessa passava em Londres. Agora estava indo estudar num pequeno internato particular para meninas, Langford Grove, perto de Chelmsford, onde a diretora era Miss Curtis. (AOB)

a perspectiva das luzes & das ruas & do início de uma nova temporada de atividades – outubro, o crepúsculo do ano. Mas aqui estou divagando como uma velha sobre o passado, sendo que quando sentei, esperando o chá, disse a mim mesma tenho tantas coisas para escrever em meu diário.

Outra dessas dádivas curiosas, que aparecem inesperadamente no meio do nosso caminho, acabou de acontecer. Annie a moça triste de olhos grandes veio aqui para pedir que lhe comprássemos uma casinha, & em troca ela trabalharia para sempre aqui, sendo nossa criada. Ela & seu bebê, de dois anos, foram despejados com um aviso prévio de quinze dias para ceder o lugar a duas solteironas criadoras de cachorro. A humanidade nos diz para comprar-lhe a casinha, & não cobrar aluguel – deixar que ela o pague com seu trabalho. Seriam outros £350, mais a reforma – mais artigos. Ela daria uma criada ideal, acredito; daria uma ótima substituta; poderíamos ficar aqui o tempo que quiséssemos – & a pobre Nelly poderia ficar em Londres, – pois ela pediu demissão de novo esta manhã, desta vez para Leonard, por causa do balde de carvão. Parecemos cada vez mais estar nos assentando & fincando raízes, quase que diariamente. Eu teria de demitir o coitado do varapau do Bartholomew. O caso precisa de reflexão – enquanto isso Annie se vê pressionada contra a terrível muralha negra da prisão da pobreza – precisa dar conta de sustentar a si & a uma criança com 15/ por semana.

Essas reflexões, que se ramificam em tantos caminhos, fazem com que eu protele dois outros registros – o de Peter & o do meu futuro –, que pensei que iria escrever; mas já está na hora do chá, & depois quero subir nas colinas ou caminhar ao longo do rio, colocando minhas ideias no lugar.

Por favor Deus que não apareça ninguém para o chá. Porém Lytton, Antony Blunt & Peter estão em Charleston⁶⁶. Por favor Deus faça com que essas pessoas tão divinas & agradáveis não apareçam por aqui & que eu me concentre novamente de corpo & alma. Quero nadar nas profundezas verde-escuras. Por falar nisso ontem à noite no Evening Standard James Laver disse que sou uma excelente escritora, “ninguém

⁶⁶ Peter Lucas ficara em 18 e 19 de setembro em Monks House, antes de ir a Charleston. Anthony Blunt, que mais tarde viria a se tornar um importante crítico de arte, era um Apóstolo e amigo de Julian Bell. (AOB)

precisa dar-se ao trabalho de qualificar a grandeza de Miss Virginia Woolf” – ha! Tomara que Arnold Bennett veja isso⁶⁷

Domingo, 22 de
setembro

E são dez & dez da manhã, & não vou escrever nenhuma palavra. Decidi fechar as portas da ficção por enquanto. Minha cabeça começa a doer com muita facilidade no momento; sinto que As Mariposas são um peso prodigioso que ainda não sou capaz de erguer. E no entanto, que coisa estranha é a mente, nunca fico à vontade, assim tão cedo, meramente escrevendo cartas ou lendo. Essas ocupações parecem leves & difusas demais. Sendo assim, embora eu precise & tenha de escrever cartas – para Dotty, para Gerald Brenan, para o rabugento do Eddy, vou andar a meio galope por um instante. É uma bela manhã de setembro; as gralhas grasnham, as sombras muito compridas & rasas no terraço. O ar perdeu o corpo. Está se afinando para o inverno. Tornando-se pálido & puro como os olhos de um velho. Que verão mais exigente & um tanto exaustivo foi esse. Ora, entre ir a Londres, ir a Worthing & receber gente aqui, não sosseguei nenhuma vez; minha sensação é que gostaria de continuar aqui & evitar Londres por algum tempo. O carro nos dá quase que mobilidade em demasia. Por outro lado, este foi eleito o melhor verão que já tivemos. Nunca o jardim esteve tão lindo – todo resplandecente, mesmo agora; maravilhando os olhos com vermelhos & rosas & roxos & lilases: os cravos em grandes ramadas, as rosas iluminadas como lâmpadas. Com frequência saímos depois do jantar para admirar essa vista. E finalmente me agrada olhar para a sala de estar. Gosto do meu tapete; do meu carpete; das minhas vigas pintadas. E por alguma estranha razão este ano achei trilhas mais bonitas do que nunca – pelo alto das colinas atrás de Telscombe. Em parte é por causa do clima, talvez; tivemos dias & dias de sol quente & céu limpo, azul por dias & dias; o sol se põe claro, límpido, no oeste. E aqui deitada vi o sol nascer, & a lua brilhar certa noite como um caco espelhado, com todas as estrelas ondulando, brilhantes; & outra noite

⁶⁷ Bennett escrevia semanalmente no *Evening Standard*. O artigo de Laver, intitulado “Supreme Gift Denied to Women”, dizia que embora as mulheres tivessem fracassado em geral em atingir o primeiro escalão nas artes, ninguém poderia negar que o romance era então domínio quase feminino. (AOB)

VW deve ter pensado em Bennet por causa da querela que teve com Desmond McCarthy em 1920 acerca do livro *Nossas mulheres*, em que Bennett sustentava que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens. Isso rendeu o texto de Woolf “A posição intelectual das mulheres” (ver *Profissões para Mulheres e Outros Artigos Feministas*, trad. Denise Bottman, p. 33-51).

tive aquela curiosa sensação de ser muito jovem, estar viajando pelo exterior, & ver folhas pela janela de um trem, na Itália – não consigo trazer a sensação agora. Tudo era aventura & empolgação.

Quanto a Peter, como ele é correto encantador & bom!– mas, diabo, que cabeça mais desinteressante, intelectualmente. Não consigo identificar o que é, apenas que nada resta no nosso espírito depois de vê-lo, nada de interessante, nenhuma sugestão. Símbolos incessantes, citações perpétuas; ele enxerga a vida com grande ardor através dos livros. E depois agora anda todo ansioso para copular, o que faz suas histórias inevitavelmente se centrarem em torno desse fascinante assunto – cópulas & o King's College em Cambridge. Ele foi para a guerra; passou 4 anos de batalhas & sangue & ferimentos, & no entanto sua mente conserva a simplicidade virginal da de uma moça; ele tem a mesma rigidez, aos 36 anos, de um universitário de antigamente. Suponho que nele a mistura não seja muito fértil – o pai professor de escola, a mãe dona de casa, a vida nos subúrbios, bolsas escolares &c: essa foi sua formação; & depois ao quebrar a casca ele deliberadamente jurou ser pagão, ser um indivíduo, desfrutar a vida, explorar suas próprias sensações quando não havia muito material para isso. Daí a repetição, o egoísmo, a ausência de profundidade e personalidade; mas sinto muito mais tudo isso quando ele escreve do que quando fala. Numa conversa seu charme & gentileza, sua integridade, sua inteligência, fazem dele um ser humano bastante agradável, querido, simpático, memorável (sim, mas não interessante). Ele irá se casar; & tornar-se Prof. de Lit. Ingl. em Camb.

25 de setembro

Mas o que me interessa obviamente é meu fogão a óleo.⁶⁸ Chegamos de Worthing & o encontramos aqui ontem à noite. Neste exato momento ele está cozinhando meu jantar em travessas de vidro com perfeição eu espero, sem cheiro, desperdício ou confusão: basta girar botões; & há um termômetro. Portanto me vejo muito mais livre, independente – & a vida inteira é uma luta por liberdade –, podendo vir para cá com uma costeleta numa sacola & arranjar-me sozinha. Repasso os pratos que irei cozinhar – os ensopados, os molhos. Estranhos pratos ousados que levam vinho. Claro que Leonard corta as minhas asas, & devo tomar

⁶⁸ Antes o fogão em Monks House era a lenha. (AOB)

muito cuidado, como uma criança, para não fazer barulho demais brincando. Nelly vai embora na sexta & assim terei uma semana inteira para fazer experimentos – ser livre para isso.

Ontem de manhã arrisquei outro começo em As Mariposas, mas o título não vai ser esse. & vários problemas clamam ao mesmo tempo por uma solução. Quem está pensando ali? Serei eu o pensador externo? O que se deseja é um recurso que não seja um truque. A construção da estufa começou ontem. Estamos regando o chão com dinheiro. Semana que vem meu quarto começa a ser levantado. Ocorre-me agora que é absurdo esperar bom humor ou magnanimidade dos empregados, considerando-se os quatinhos atulhadas em que vivem & todo o trabalho que têm a fazer.

Bem, a velha Mrs. Woolf – (quero dizer, estou fazendo algumas anotações, sabe lá Deus por quê, mas sempre pensamos que existe um motivo). Ela passou a exibir certo charme & dignidade para mim, antes desconhecidos, agora que a sua idade avançada começa a dismantelar toda a conversa mole alegre & sentimental – ela se tornou curiosamente mais humana & sábia, como as velhas são; tão maleáveis, tão entranhadas na vida que parecem tornar-se mais filosóficas & mais senhoras da arte de viver do que pessoas bem mais inteligentes. Tantas mas tantas coisas já aconteceram diante de seus olhos; doenças, nascimentos, disputas, problemas – que nada mais a surpreende, ou a incomoda. Verdade que é rabugenta & entediada como uma criança; mas alcançou certa atitude despreocupada em relação ao exibicionismo, à pompa, à respeitabilidade, como se tivesse lavado as mãos da maioria das coisas & estivesse brincando numa praia; uma velhice bastante invejável em certo sentido, mas por outro lado intolerável. Aproveite sempre as oportunidades eu a ouvi murmurando para Pinka, que comeu toda a nossa sopa. E depois as longas histórias sobre suas cozinheiras, & como ela as ensinou a cozinhar quando era rica. “Agora a senhora é pobre & simples” uma delas escreveu “para minha grande tristeza” aqui ela suspira, & talvez chorasse, mas distrai-se facilmente & enfia uma lata de caramelos entre minhas mãos. Preciso ir até a cozinha ver meu fogão cozinhando o presunto agora

Quarta, 2 de outubro

Acabamos de ir à casinha de Annie – ou suponho que seja. & portanto somos donos de outra casa de bom tamanho; mas o arranjo feito com ela parece outra dessas dádivas que desde essa época, ou agosto, do ano passado, caíram em nossas mãos aqui. Ela irá cozinhar; meu fogão a óleo faz com que seja viável ter refeições quentes a todo momento; mas fiquei aturdida na conferência em Brighton; ouvindo a fala de Henderson & vê-lo aos poucos ficar vermelho como uma lagosta; fomos na segunda também (como meus dias de reflexão minguiaram! é preciso desistir disso tudo agora) & ouvimos um debate bom, interessante⁶⁹. O público soltava uns balidos extraordinários; não era ruído de conversas, nem de passos – & eu pensei que a política deixou de ser um assunto de grandes nobres & mistério & diplomacia para tornar-se algo de senso comum, vindo de homens & mulheres de negócios comuns – não muito exaltados, mas diretos, como fariam em qualquer outro negócio. A luz está morrendo: ouço os meninos da cidade chutando bolas de futebol; & todas as reflexões, os comentários, que me ocorreram enquanto eu caminhava, definharam – a atmosfera, o inverno, a mudança, a iminência de Londres, dispersam, ao fim & ao cabo, meus pobres esforços de sólida concentração. No entanto reavivei, nesses últimos dias, o meu livro eu acho – eu o pus em movimento: mas num ritmo parecido como o da época de o Quarto de Jacob & Mrs Dalloway – uma página no máximo, & grandes períodos de espera chupando a caneta. E todos os americanos me escrevem & mandam telegramas querendo artigos. E vou entrar & ler Phedra, depois de ter apanhado algumas maçãs. Leonard está lavando o carro no meio do vento na estrada gelada.

Sexta, 11 de outubro

E me agarro à ideia de escrever aqui para não escrever as Ondas ou as Mariposas ou seja lá como irá se chamar. Pensa-se que já se aprendeu a escrever depressa; mas não. E o que é estranho; não estou escrevendo com gosto ou prazer: culpa da concentração. Não estou desfiando a coisa; estou prendendo-a. Além disso, nunca, na minha vida, enfrentei uma forma tão vaga & ao mesmo tempo tão elaborada; sempre que escrevo uma coisa tenho de pensar em sua relação com

⁶⁹ A conferência anual do Partido Trabalhista começou na segunda, 30 de set., em Dome, Brighton. Na quarta, 2 out., Arthur Henderson, ministro das relações exteriores, falou sobre a política externa do governo.

outras dúzias delas. E embora fosse possível seguir adiante com razoável facilidade, paro a todo momento para analisar o efeito geral. Especificamente, se existe algum defeito radical na estrutura que criei. Não estou totalmente satisfeita com esse método de apanhar coisas num lugar & elas me lembrarem de outras. Mas por enquanto não consigo conceber nada que se mantenha tão próximo do projeto original & ao mesmo tempo admita movimento. Portanto, talvez esses dias de outubro sejam um pouco tensos & rodeados de silêncio para mim. O que quero dizer com isso eu não tenho ideia, pois não parei de “ver” as pessoas – Nessa & Roger, os Jeffers, Charles Buxton, & deveria ter visto Lord David, & vou ver os Eliots – ah, teve Vita também. Não; não é um silêncio físico; é alguma espécie de solidão interior – interessante de analisar caso isso fosse possível. Um exemplo – ia eu caminhando por Bedford Place, é isso? – aquela rua reta com todas as casas de pensão hoje à tarde, & disse a mim mesma espontaneamente algo da seguinte natureza. Como eu sofro, & ninguém sabe como sofro, caminhando por essa rua, enfrentando minha angústia, como fazia logo depois que Thoby morreu – sozinha; lutando sozinha contra algo. Mas naquela época eu lutava contra um demônio, & agora nada. E quando entro, é tudo tão silencioso – não trago na cabeça uma grande aceleração de rodas & engrenagens – No entanto continuo escrevendo – ah & somos muito bem-sucedidos – & existe – aquilo que mais amo – mudança à frente. Sim, na última noite em Rodmell quando Leonard veio de Londres me apanhar contrariado, os Keynes vieram nos visitar⁷⁰. E Maynard vai sair da Nation, assim como Hubert, & portanto nós também, sem dúvida. E é outono; & as luzes começam a se acender; & Nessa está em Fitzroy Street – num grande cômodo enfumaçado, com gás de botijão & pratos descombinados & frascos de vidro pelo chão – & a Editora vai de vento em popa – & esse negócio de celebridade é bastante crônico – & sou mais rica do que nunca – & hoje comprei um par de brincos – & apesar de tudo, há vacuidade & silêncio em alguma parte das engrenagens. No geral, não me incomodo muito; porque o que gosto é de ir & vir de um lado a outro, açulada pelo que eu chamo de realidade. Se eu nunca sentisse essas tensões pungentes

⁷⁰ LW voltou para Londres em 3 out., enquanto VW ficou em Monks House. Voltou dois dias depois, quando então Maynard & Lydia Leynes foram tomar o chá com eles. (AOB)

extraordinárias – de inquietude, ou calma, ou felicidade, ou desconforto – eu desceria até o fundo da aquiescência. Aqui existe algo com que lutar: & quando acordo cedo digo a mim mesma, Lute, lute. Se eu pudesse agarrar essa sensação, eu o faria: o cantar do verdadeiro mundo, à medida que somos conduzidos pela solidão & pelo silêncio para longe do mundo habitável; a sensação de estar presa a uma aventura; de ser estranhamente livre agora, graças ao dinheiro & tudo o mais, para fazer qualquer coisa. Vou comprar ingressos para o teatro (A Matriarca) & vejo uma lista de excursões baratas afixadas ali, & no mesmo instante penso em ir à feira de Stratford on Avon amanhã – por que não? – ou à Irlanda, ou a Edimburgo para passar o fim de semana. Ouso dizer que não deveria. Mas qualquer coisa é possível. E esse estranho corcel, a vida; é genuíno – Alguma coisa disso tudo transmite o que quero dizer? – Mas não coloquei as mãos de fato na vacuidade, afinal. É esquisito, agora que penso no assunto – sinto falta de Clive. Acaba de me ocorrer que Arthur Studd foi outro rapaz brilhante⁷¹. Mas nele havia qualquer coisa de inocente, em comparação com Bernard & Geoffrey: ele falava anasalado, tinha uma voz macia & gutural, & a testa careca, & olhos castanhos bastante bonitos, como os de um cachorro: ele era canino, em certo sentido; viajado, distinto, rico; com uma mãe robusta de quem desgostava, & portanto conquistou a simpatia da minha mãe. Tinha grossas mãos vermelhas, mas pintava à maneira de Whistler – gesticulando sobre a tela & então produzindo alguma naturezazinha-morta agradável & melodiosa, com a qual, de modo um tanto místico, ficava bastante satisfeito. “Ser artista” era o que o agradava. Tinha belos cômodos em Cheyne Walk; & sobre eles pairavam as garotas brancas & as nuvens rosadas & os rios & os fogos de artifício de Whistler. Foi a Samoa, para pintar Whistlers talvez, & voltou depois que Stella morreu & deve ter chorado por ela. Ele a amou, à sua maneira ineficiente & desajeitada. Depois escreveu uns poeminhas, sobre Eton, que ele adorava, & onde esperava ser enterrado – Mas por que haveria ele de pensar em ser enterrado, com todas as vantagens que tinha? Havia qualquer coisa de ineficiente nele – não era capaz de fazer nada; mas, para nós crianças, ele tinha um ar romântico; de alguém capaz de

⁷¹ Arthur Studd, pintor, formado em Eton e no King's College, Cambridge, e obcecado por Whistler. VW retoma sua discussão do diário dos “rapazes brilhantes”. (AOB)

realizar coisas extravagantes, impossíveis – como contratar um táxi & nos levar de repente para jogar críquete no Lords – disso eu me lembro. Ele deve ter sido a flor de Eton & dos anos 90, revestida do verniz da arte, de Paris & da vida em estúdios, & do Chelsea. Certa vez ele me enviou um cartão-postal de St Ives & um poema sobre Eton – & então – para azar veio a guerra; & sendo ele infinitamente gentil & generoso & ineficiente, sem dúvida fez grandes coisas pelos refugiados, & morreu, sem alarde, que eu saiba – um solteiro rico; com não mais que 50 anos imagino. Outro “rapaz” – não exatamente brilhante, mas congenial em minha lembrança, modesto, fresco, inesperado, & sempre tão anasalado.

Domingo, 13 outubro

Ocorre-me perguntar, até onde eu poderia viver neste momento dentro do ser de Nessa, com Angelica na escola? Pode alguém suplementar a vida de outro alguém? Acho que um pouco. Julian a trouxe de carro de Cambridge, nesta manhã quieta suave & cinzenta. Está ensolarado & nebuloso no campo. Ela entrou no carro em King's Parade, onde ficam os jornalheiros & os rapazes caminham apressados para tomar o café da manhã eu suponho. Então eles seguem de carro, com um mapa sobre os joelhos; Julian bastante tenso, olhando através de seus óculos. Sinto a sugestão de coisas bastante íntimas – das quais n. sei nada – ou melhor ele resmunga & diz coisas pela metade, que ela entende. Ela muito animada, & ao mesmo tempo prática. Julian também está animado. Os dois muito ansiosos para ver Angelica. Qual será a primeira imagem dela? Virá descendo as escadas correndo até a sala particular, à esquerda; com a lareira Adams. E depois? Vai “voar para os braços de Nessa”. Nessa a abraçará com força para sentir o corpo da filha novamente. Julian a chamará de “querida”. Eles irão até o parque. Angelica vai querer demonstrar seu conhecimento sobre as regras & modos & os melhores lugares onde sentar; as outras garotas irão sorrir, & ela dirá “Esta é a Claudia” ou a Annie. Esta é Miss Colly – Esta é Miss Curtis. E o tempo todo eles sentirão o bem-estar & a empolgação & a animação de estarem juntos – porque o tempo que passarão juntos terá apenas começado. Nessa vai abordar como sempre muitos assuntos: perguntas sobre felicidade, ensino, gostos, solidão – mudança. Eles ficarão muito orgulhosos uns dos outros & distantes. E Julian vai espiar

em torno, por trás dos óculos, gostando de Nessa & Angelica mais do que de qualquer um eu diria; o rapaz simples, rústico – que agora provavelmente jamais vou conhecer. Pois – como direi a Nessa na quarta-feira – você é uma mulher ciumenta, não quer que eu conheça seus filhos; não quer tirar, mas sempre dar; tem medo dos doadores. O que ela vai dizer? Mas Leonard ainda está movendo as maçãs, & portanto não posso escrever nada a não ser meu – o que me dá prazer de chamar de – meu diário. Gostaria de conseguir escrever de forma mais sucinta, falando nisso, usando menos o particípio passado. Meu descuido me impressiona. A natureza se vinga, & agora me faz escrever uma palavra por hora.

Quarta, 23 de outubro

*Ele escreveu ontem 3 dez. & disse que gostou muito do livro.

Como é mesmo verdade – escrevo apenas por uma hora – depois me afundo na cadeira, com a sensação de que não consigo mais manter meu cérebro naquela rotação – depois datilografo, & termino às 12 – vou resumir aqui minhas impressões antes de publicar *A Room of One's Own*⁷². É meio agourento que Morgan não o queira resenhar*. Isso me leva a suspeitar de que haja no livro um tom feminino estridente que não deverá agradar meus amigos íntimos. Prevejo, então, que não receberei nenhuma crítica, exceto as do tipo jocoso & evasivo, de Lytton, Roger & Morgan; que a imprensa será gentil & falará de seu charme & vivacidade; que além disso serei alvo de ataques por ser feminista & de insinuações de ser safista; que Sybil vai me convidar para almoçar; & que devo receber uma bela quantidade de cartas de moças. Receio que ele não será levado a sério. Mrs Woolf é tão talentosa como escritora que tudo o que escreve é de fácil leitura... essa lógica bastante feminina... um livro para ser lido por garotas. Duvido que eu me importe muito. As Mariposas, mas acho que será as ondas, segue arrastando-se; & eu o tenho para me apoiar, caso receba um balde de água fria pelo outro. Não passa de uma trivialidade, direi eu; & é verdade, mas eu o escrevi com ardor & convicção.

Jantamos ontem à noite com os Webbs, & recebemos Eddy & Dottie para o chá. Quanto a esses jantares maduros, houve uma conversa amigável & fácil com um homem – Hugh Macmillan – sobre os

⁷² O livro foi publicado em 24 out. tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, embora uma pequena tiragem tenha sido lançada três dias antes nos EUA. (AOB)

Buchan & sua própria carreira; – os Webbs são simpáticos, mas não se deixam influenciar a respeito do Quênia⁷³: sentamos em duas salas de uma vivenda (a sala de jantar tem uma cabeceira de cama atrás de um biombo), comemos enormes nacos de carne vermelha, & nos ofereceram uísque. É a mesma atmosfera ilustrada, impessoal, de perfeito autodomínio de sempre. “Meu filho vai ganhar seu brinquedo” – mas a coisa não segue adiante “– é o que minha mulher diz sobre eu participar do gabinete”. Não eles não têm ilusão nenhuma. E eu os comparei com L. & eu, & senti (eu diria que por esse mesmo motivo) o pathos, o simbolismo do casal sem filhos; que se posiciona por uma causa, unidos.

Quanto a “ver” Eddy & Dotty, não há muito o que dizer; uma ou outra frase a se lembrar – Eddy está apaixonado por duas pessoas: o relato racional de Dotty sobre um chato a quem ela ajuda: Eddy queria que eu lesse seu diário, mas um amigo, sem nome, faz objeções; porém ele concordou, sem demora: é uma gratificação para ele. E assim 1 ½ se passaram. Dotty deplorou a fama repentina de Vita. No entanto suponho que a ame; é dedicada; coisas estranhas se alojam na alma das pessoas; estou muito cuidadosa & cautelosamente tornando-me de novo uma leitora & pensadora. Desde que voltei li *Virginia Water* (uma uva branca doce): *God*; – tudo fundamentado, organizado & tecido em cima de uma experiência psicológica bastante simples & comum; mas o homem não é nenhum poeta & não consegue abrir os olhos de ninguém; todas as suas frases são como linhas de aço numa gravura⁷⁴; estou lendo Racine, comprei *La Fontaine*, & assim tenciono fazer minha abordagem oblíqua à literatura francesa, dando voltas & matutando – São necessários exatamente dez dias para que alguma coisa aconteça com um livro – hoje é sábado 2 nov.: & *A R. of O. Own* vendeu, acho, cem cópias esta manhã; & nenhuma, ou quase nenhuma, até então; & isso grande parte graças à fala exuberante de Vita no rádio. E não consigo me lembrar de todas as coisas que eu tencionava dizer, – tipo Renard – o homem que escrevia um diário sobre as coisas que

⁷³ LW estava tentando convencer Sidney Webb, agora secretário de estado dos assuntos coloniais, a implementar as promessas do Partido Trabalhista para patrocinar a educação e a construção de estradas para a população nativa do Quênia. Hugh Macmillan, político do Trabalhista, participava de comitês e comissões diversos. John Buchan era autor. (AOB)

⁷⁴ *Virginia Water* (1929), primeiro romance de Elizabeth Jenkins. *God: An Introduction to the Science of Metabiology* (1929), de John M. Murry. (AOB)

acontecem com uma pessoa⁷⁵. Sonhei ontem à noite que eu tinha uma doença do coração que me mataria em 6 meses. Leonard, depois de certa persuasão, me contava tudo. Os instintos que tive foram exatamente iguais aos que eu teria [*quando acordada*], ordenados, & alguns bastante fortes: um tanto inesperados, quero dizer voluntários, como costumam ser nos sonhos, & portanto de tal autenticidade que provocam uma imensa, & dominante, impressão. Primeiro, alívio – bem, minha vida já acabou, mesmo (eu estava deitada na cama), depois horror; depois vontade de viver; depois medo da insanidade, depois (não este veio antes) arrependimento em relação ao que escrevo, & de deixar este livro inconcluso; depois uma reflexão suntuosa sobre o sofrimento dos meus amigos; depois a sensação de morte & de minha vida já estar terminada nesta idade; depois de contar a Leonard que ele deveria se casar novamente; enxergar a nossa vida juntos; & enfrentar a certeza de partir, enquanto as outras pessoas seguem vivendo. Então acordei, subi à tona com tudo isso pairando ao meu redor; & descobri que havia vendido várias cópias do meu livro; & fui convidada para almoçar por Madame Kallas⁷⁶ – a estranha sensação desses dois estados, morte & vida, misturando-se enquanto eu tomava o meu café da manhã, sonolenta & pesada.

Ah,⁷⁷ tenho me saído muito bem com R. of O. até o momento: & ele segue vendendo, acho; & recebo cartas inesperadas. Mas estou mais preocupada com minhas Ondas. Acabo de datilografar dois dias de trabalho; mas não estou muito segura. Existe *alguma coisa* ali (do mesmo modo como senti com Mrs Dalloway), mas não consigo tocá-la, diretamente; não é nem de longe parecido com a velocidade & a certeza de Ao Farol: Orlando mera brincadeira de criança. Existirá alguma falsidade, ou método, nalgum lugar? Algo dissimulado? – de modo que as coisas interessantes não estejam estabelecidas com firmeza? Estou

⁷⁵ Vita Sackville-West falou sobre *A Room of One's Own* em 31 out. no seu programa bimestral sobre livros na BBC; a transmissão foi publicada em forma de artigo no *The Listener* em 6 nov. 1929. Jules Renard, autor de *Poil de carotte*; seu diário foi publicado em 17 volumes entre 1925 e 1927. (AOB)

⁷⁶ Madame Kallas era a mulher do Dr Oskar Kallas, embaixador estoniano em Londres. (AOB)

⁷⁷ Aqui tem separação entre as entradas, mas não data. AOB inseriu a data: "terça, 5 de novembro".

O negócio desagradável era que ela tinha perdido seu pé de meia – estima-se que £50.000, na América. Agora só oferece chás da tarde

num estado estranho; sinto uma fragmentação; aqui está minha coisa interessante; mas não existe nenhuma mesa sólida onde eu possa colocá-la. Pode vir de repente, numa releitura – algum tipo de solvente. Estou convencida que o caminho certo é buscar uma estação onde eu possa colocar minhas pessoas recortadas contra o tempo & o mar – mas Deus, que dificuldade para escavar ali, com convicção. Ontem eu tinha convicção; hoje ela se foi. Apesar disso escrevi 66 páginas no mês passado. Ontem Sybil veio aqui; & eu lhe disse que ela era como uma ave segurando nas garras um camundongo fedorento – & que o camundongo era a vida. Ela concordou. Disse que precisava resolver um negócio desagradável; que iria a Paris esta manhã; & me contaria tudo depois. Então soltou sua cota de queixas, cheia de reservas; como tinha amadurecido tarde demais, & só agora começava a enxergar o que de fato desejava. Entendo que é intimidade, simplicidade & amizade o que ela deseja; mas é um pouco tarde na vida para exigí-los; & como ela poderia obtê-los agora, quando além disso precisa de £20.000 por ano? De modo que Arthur não tem como se aposentar; eles precisam ficar aqui durante todo o inverno; ela não pode, no momento, dominar sua vida; & não se trata de nenhum camundongo morto, no fim das contas; & sim de esquivas. Ela tinha círculos em torno dos olhos, os lábios contraídos – eu a vi, de repente, muito velha. Seus olhos eram muito trágicos.

E hoje Stephen Tennant vem para o chá. & Arthur Waley. No domingo fomos a Rodmell; & as paredes do meu quarto agora já têm um metro de altura, & esquadrias nas janelas; uma coisa horrorosa, porque tapa o teto da garagem & as colinas – duas visões mais agradáveis do que eu havia imaginado. Abriram um pequeno buraco no quatinho, para servir de passagem; de forma que a esta altura, sem dúvida, isso está em andamento. & as coisas caem & sobem & desaparecem & reaparecem. E agora a maior parte da minha alegria transformou-se em raiva porque deixei passar batido a liquidação de móveis da Southease, & poderia ter decorado perfeitamente meu quarto com £20, eu diria. Assim é a vida de uma pessoa – sim, tal: (uma frase conveniente); E sou convidada diariamente para palestrar; & a liberdade de L. está cada vez mais próxima. Wright herdará [a revista], & está tomando suas

providências⁷⁸. Digo a todo momento, “Vamos poder fazer tal & tal quando você deixar a Nation”. Contudo, veja bem, com fogões a óleo & Annie, batalho pela minha liberdade. 1 de jan. é o dia. Tivemos a Nation por quase sete anos, porém sem transformá-la em nossa carne & osso, como um dia achei que seria possível. Um jornal tépido; que não é nem isso nem aquilo; com o entrave eterno de Hubert & Harold, Hubert gentil & incompetente, Harold competente, mas para mim pura madeira, maçã vermelha, serragem, plausibilidade, respeitabilidade, hesitação & concessões.

Domingo, 17 de
novembro

Uma data horrível. Sim, estou me sentindo um pouco mal, um pouco trêmula; não consigo me concentrar em nada, estou falando coisas desconexas; tento ler Mauron – escrever – & meus lábios começam a formar palavras; começo a murmurar longas conversas entre eu & Vita a respeito de Dotty ao telefone; a respeito de Miss Matheson: enceno trechos: pego-me falando em voz alta; repito coisas sem parar como esta “Quero saber se depois do que aconteceu outro dia de manhã você quer pedir demissão?... Bem, então, já que você não responde, receio que eu é que tenha de lhe dar a demissão... Mas quero explicar exatamente por quê. Depois que você me disse para sair do seu quarto conversei com Mr Woolf & disse que eu não poderia mais continuar tendo você como criada. Mas não foi uma decisão apressada. Estou pensando sobre o assunto desde junho. Tentei evitar pedir o jantar para que não tivéssemos mais cenas. Mas as cenas em Rodmell foram piores que nunca. E agora esta é a derradeira. Receio que não seja mais possível continuar assim. Hoje é 17 de nov. Espero sua partida em 17 dez.” Sim, é isso o que eu preciso dizer a Nelly às 9.30 amanhã, & depois ir até Mrs Hunt [*agência de empregadas domésticas*]. E quase treme de expectativa & nervosismo enquanto escrevo. Mas é o que deve ser feito.

Segunda, 18 de
novembro

Bem, resolvido, & muito melhor do que eu esperava –pelo menos por enquanto. À minha pergunta “Você quer pedir demissão?” ela respondeu

⁷⁸ As tentativas anteriores de LW de livrar-se do cargo de editor literário da N & A haviam sido reprimidas por Maynard Keynes. Agora, com a mudança iminente de editor-chefe (ver 11 out. 1929), ele determinou-se a pedir demissão em 31 dez. Henderson seria substituído por seu editor-assistente, Harold Wright, & LW por Edmund Blunder – porém, como este só podia assumir o cargo em fevereiro, LW teve de continuar trabalhando até lá. (AOB)

“Já pedi demissão à senhora –..” Houve uma tentativa de discussão que eu cortei. “Então você quer ir embora no fim do seu mês – 12 dez.”

“Como recusamos [contratar] uma diarista para ajudá-la quando ela estava doente, sim”. Porém isso não foi dito com convicção. Encerrei a questão olhando o calendário (que eu não conseguia enxergar, cega que estou) & depois saí, da maneira mais calma & categórica possível – isso significa, receio, que ela não tem mais intenção de ir embora em 12 dez. do que eu de tomar um navio para a Sibéria. Que seja. Minha cabeça parece uma gengiva depois que se arranca um dente. Estou tirando uma folga – lendo o velho Birrell, & espero que a poeira se assente agora por uma ou duas semanas. Estão colocando os azulejos de Horsham no meu teto, Percy escreveu para contar esta manhã; ou seja, meus quartos devem estar quase prontos. E agora tenho um quarto extra lá – o de Nelly – sim; & nenhuma criada naquela casa – graças a Deus – dois amigos de visita, um cedo o outro tarde; nada mais de fofoca de Bloomsbury – nem de Lottie entrando & saindo; nem de receio de chamar pessoas para o almoço & o chá & o jantar; nem de dores nas costas, tornozelos inchados, & rompantes emocionais & efusivos. E portanto, com o fogão a óleo, Annie, a saída da Nation, novos quartos novos criados, o ano novo promete ser bastante interessante – um grande avanço rumo à liberdade, que é o estado ideal da alma. Porém que não se pense que sofri ao extremo de servidão. Se tenho algo a agradecer a mim mesma é que, tão logo sinto uma corrente, eu a atiro longe: pensei em deixar Fitzroy; deixar Hogarth – deixar Hyde Park eu estava prestes a dizer para concluir a frase & realmente acho que lutei para viver ao meu modo – não tão valentemente eu diria quanto Nessa, mas com tenacidade também & ousadia.

Segunda, 25 de
novembro

Eu me limito a acrescentar preguiçosamente (não deveria estar corrigindo *Ao Farol*?)⁷⁹ que a dificuldade com Nelly é evitar um pedido de desculpas. Ela fraquejou, & agora está em cima de nós atrás de um momento de fraqueza. Desejou a L. muitos anos de vida esta manhã. Procurou-me na sexta & perguntou por que eu não estava falando com

⁷⁹ *Ao farol* era o quinto volume da “The Uniform Edition of the Works of Virginia Woolf” (ver 13 mai. 1929), que seria publicado em fev. 1930. (AOB)

ela. Tive certa dificuldade em ser rígida, fechar a cara & dizer que depois do seu comportamento & de suas acusações isso era impossível. Mrs Hunt promete uma abundância de faxineiras permanentes, & portanto creio que os dados estão lançados. Não tenho dúvidas de que as dificuldades vão começar, de novo; mas não as velhas dificuldades intoleráveis, não, não, nunca mais. Falei no rádio; & despejei minha raiva quente como lava sobre Vita. Ela se fingiu de inocente – quer dizer, de não ter dito a H.[ilda] M.[attheson] que eu podia picotar meu Brummell⁸⁰. Depois conversei sobre suas amigas, as amigas de Vita, & disse que ali, na mediocridade delas, estava o início da minha alienação. Não suporto quando dizem “As grandes amigas de Vita – Dottie, Hilda & Virginia”. Detesto esse clima colegial de segunda categoria. Ela ficou em silêncio a maior parte do tempo, & disse simplesmente que eu estava certa. Harold tinha dito o mesmo. A única coisa a fazer é refrear a coisa. Ela não pode interromper o que já começou. Então, depressa para Rodmell, onde o telhado foi instalado & o assoalho de madeira instalado no piso. O quarto será o quarto maravilhoso & adorável que eu sempre desejei.

Sábado, 30 de
novembro

Preencho esta página, de modo execrável, ao final de uma manhã de trabalho. Comecei a segunda parte das Ondas – não sei, não sei. Tenho a sensação de estar simplesmente acumulando anotações para um livro – se um dia enfrentarei a tarefa de escrevê-lo, Deus sabe. De uma posição superior, talvez eu seja capaz de amarrar tudo – em Rodmell, no meu novo quarto. Ler *Ao Farol* não torna mais fácil escrever; tampouco essas últimas entrevistas iminentes com Nelly & as novas criadas. Tivemos uma festa – jantamos no Red Lion – ontem à noite; Julian & Rachel; Lyn, Hope, Plomer, Brian Howard, Nessa mais tarde. Gente demais, segundo Leonard. Não sei. B. Howard não me agrada; não me agrada sua decadência, seus olhos saltados, seu colete desabotoado & sua gravata atirada para o alto.⁸¹ Quer subir degraus, disse Leonard. Plomer, por outro lado, estava bastante rechonchudo &

⁸⁰ VW transmitiu pelo rádio um texto sobre Beau Brummell na BBC em 20 nov.; Hilda Matheson, a diretora, insistiu em fazer alterações no roteiro de VW – “obrigou-me a castrar Brummell” (ver carta n. 2100 para T.S. Eliot; e também a n. 2099). (AOB)

⁸¹ Brian Howard, educado em Eton e Oxford, era famoso como dândi e esteta. Ao que parece foi levado por William Plomer depois do jantar para a reunião do grupo na casa dos Woolfs. (AOB)

vigoroso, ainda com o assassinato de Bayswater fresco na cabeça; cujos detalhes – como ele tinha limpado pedacinhos de miolos do carpete, ao que parece – não poderia contar.⁸² A jovem judia foi atacada na cama às 4 da manhã de domingo passado pelo marido enlouquecido com uma navalha. Primeiro ele trancou a porta, de modo que ela a chutou & bateu em vão, recebendo golpes da navalha o tempo inteiro: por fim ela conseguiu escapar, com a cabeça pendurada por um naco de pele, & morreu no patamar da escada. Se William não estivesse fora naquele fim de semana, o chinês teria ido atrás dele; &, ele acha, o matado também. Mas ele não vai seguir essa linha, diz, como romancista; & as médiuns que apinham a casa, como o tipo mais vulgar de inseto & besouro, o enojam com seus parasitas. Elas invertem a situação, & ouvem a voz de Mrs. Frip – (não era esse seu nome) falando do outro lado; uma delas, muito gorda & de cabelo cacheado, disse, “E tudo isso aconteceu um milhão de anos atrás”. É repulsivo, disse William. Os olhos dele – sua parte mais representativa – brilhavam & empanturravam-se. Dizem que Hope tornou-se católica romana às escondidas. Com certeza engordou demais – demais para uma mulher na meia idade que tem cérebro, portanto desconfio que o boato seja verdade. Ela se colocou à sombra. É estranho ver a beleza – ela tinha algo de elegante & único – apagar-se, como a chama de uma vela. Julian, por exemplo, não era capaz de ver, acredito, que Hope um dia foi uma mulher jovem & atraente. Mas ela conservava o mesmo vigor metal. Já Lyn tem menos do que eu gostaria. Quando escreve suas resenhas, não há muito ali. E a “bondade” dela – cuida da casa & da irmã doente – tira-lhes qualquer agudeza. Se ela ganhasse £100, ela se resguardaria da doença, disse; porque estar doente significa não poder trabalhar; esta semana, nem ela nem a irmã ganharam um centavo. Com essas bases fica difícil construir um caráter muito robusto; ela é aflita & ansiosa. Com certeza é verdade que se escrevemos alguma coisa encerramos seu assunto.

⁸² A dona da pensão onde Plomer morava, conhecida como Sybil Starr, foi brutalmente assassinada por seu suposto marido, James Achew (“Starr”), em nov. daquele ano, em Pembridge Villas, Bayswater. Achew, americano, era conhecido como violento, bebedor e neurótico, intimidando os pensionistas, e suspeitava que Plomer estivesse tendo um caso com sua mulher – motivo de tê-la matado. Plomer não estava na casa na noite do crime e escapou por pouco. Achew foi condenado à morte em janeiro de 1930, mas a pena foi amenizada por alegações de insanidade mental e ele foi internado em prisão perpétua no hospital psiquiátrico penitenciário de Broadmoor. O romance de Plomer *The Case is Altered* (1932), publicado pela Hogarth, baseou-se nessa história.

Sábado, 30 de
novembro

Ainda é sábado 30 de novembro, & fomos a Greenwich, depois de deixar Nessa & Duncan pintando as mesas de Dottie no barracão de Mr. James. Mr. James é um dos artesãos da Morris;⁸³ & tem uma oficina de azulejos perto do rio. Usa calças listradas & polainas & fica acordado a noite inteira, regalando-se com xícaras de chá, enquanto queima os azulejos. De vez em quando tira um azulejo para testá-lo. Ele tem três fornos, o mais caro custa £300: & o túnel de Rotherhithe fica ali ao lado.⁸⁴ Leonard & eu caminhamos por baixo do rio (eu pensando na pressão das águas cinzentas ao redor do túnel; & na sublimidade absurda dos meninos de recados & babás caminhando em terra firme por baixo do rio) & chegamos em Greenwich; & andamos no calçadão onde há um ou dois anos caminhei irritadíssima. Um homem de malha estava sentado sob uma cobertura de vidro. Que estranho – ficar ali sentado, sem fazer nada! E vimos o hospital, amarelo & rosado; depois choveu, & voltamos, conversamos com Mr James sobre seus azulejos & depois voltamos de carro pelo East End até a garagem. Comprei duas brevidades por um centavo; & voltamos para casa. Duncan começou a me contar a história dos artistas de Londres; & como Roger é tão odiado pelos críticos que estes não querem nem saber dos artistas de Londres. Isso foi dito para explicar por que Keith Baynes não vende. Portanto Nessa vai oferecer um chá amanhã para discutir a questão com Porter & Keith Baynes. E por isso, comprou alguns bolos. E Angus irá até lá para o jantar. Ou seja, eu não vou, graças a Deus⁸⁵.

Domingo, 8 de
dezembro

Deus meu; segunda passada, como L. aconselhou, perguntei a Nelly se ela gostaria de ir: ao que (como eu previa) ela disse sensatamente que não; & propôs soluções; chegamos, não emocionalmente, & sim um tanto exauridos & da minha parte desiludidos, com um acordo: tentar Mansfield por um mês – (aqui entra L. para perguntar sobre mudanças

⁸³ De William Morris, do movimento Arts & Crafts.

⁸⁴ Vanessa e Duncan estavam decorando azulejos para a sala de jantar de Dorothy Wellesley. O túnel para pedestres que se encontra ali perto não era o Rotherhithe, e sim o Millwall-Greenwich. (AOB)

⁸⁵ A London Artists Association foi criada com o apoio de Maynard Keynes em 1925 como uma cooperativa, a fim de permitir que um pequeno grupo de artistas trabalhasse com relativa liberdade das aflições financeiras. Eram sete membros originais, incluindo Vanessa, Duncan, Roger Fry, Keith Baynes e Frederick J. Porter. Naquele verão, Angus Davidson se tornou o secretário da LAA. (AOB)

– isto é uma 2a privada & uma nova pia, que foi instalada – mas que ventania) – ~~nós então~~ se a experiência for insatisfatória, vamos nos separar sem mais discussões para sempre.⁸⁶

Acabamos de voltar de Rodmell. O telhado está instalado; os pisos prontos; as janelas colocadas; oferecendo, ao que parece, vastas vistas panorâmicas dos campos inundados; mas só havia uma piscadela de luz mesmo ao meio-dia; fomos engolfados pela chuva em turbilhão; que aumentou até uma tal tempestade na sexta-feira como eu nunca, acho, vi igual. Rodopiava & rodopiava; & os trovões estouravam na ventania; & havia grandes raios em ziguezague; & granizo tamborilando o teto de ferro em frente ao meu quarto; & tal barulho enfurecido que era impossível dormir. Então à uma fui até o quarto de L. & olhei pelas janelas iluminadas para a cidade; & pensei, com um pouco de medo na verdade, em como seria estar lá fora sozinha naquele momento. E se a árvore caísse, ou as telhas fossem arrancadas? Não estávamos abrigados com grande segurança, ali sob nosso teto de ardósia; mas era melhor do que estar no mar. Os sonhos foram soprados para todos os lados, alongados, distorcidos, naquela noite. Uma árvore caiu no cemitério da igreja. Árvores caídas ao longo de todo o caminho hoje. Uma sensação estranha de comunidade foi trazida pela tempestade. Um homem morreu em Chaley dormindo em um barracão; uma mulher em Eastbourne; um garoto em Worthing. Apesar disso, a cabeça estava muito quieta & feliz. Li, li & li, & terminei, ousou dizer, uma pilha de um metro de espessura de manuscritos, lidos com atenção; boa parte limítrofe, precisando portanto de considerações. Agora, com essa carga despachada, estou livre para ler os elisabetanos – os escritores pouco conhecidos, de quem, ignorante que sou, nunca ouvi falar, [George] Puttenham, [William] Webb[e], [Gabriel] Harvey.⁸⁷ Essa ideia me enche de alegria – sem exageros. Começar a ler com uma caneta na mão, descobrindo, tomando posse, pensando em teorias, quando o terreno é novo, continua sendo uma das minhas grandes emoções. Ah mas L. vai escolher as maçãs, & esse barulhinho me incomoda; não consigo lembrar do que eu ia dizer.

⁸⁶ O plano era empregar Mrs. Mansfield, que morava nos porões do n. 37 da Gordon Square, para aliviar parte do peso das tarefas da descontente Nelly em Tavistock Square. (AOB)

⁸⁷ Ver “The Strange Elizabethans”, em *O leitor comum*, parte 2, 1932. (AOB)

Então parei de escrever, mas isso não causou grande mal; & fiz uma lista de poetas elisabetanos.

E, com grande felicidade, recusei escrever sobre Rhoda Broughton & Ouida para de la Mare. Essa linha, tão popular, basta ver Jane & Geraldine, logo se esgota em mim. Quero escrever crítica. Sim, & talvez se possa discernir uma ou outra figura obscura. Foi pelos prosistas elisabetanos que me apaixonei primeiro & mais intensamente, instigada por Hakluyt, que papai trouxe para mim – penso nisso com certo sentimento – papai indo até a Biblioteca com sua filhinha em HPG [*Hyde Park Gate*] na cabeça. Ele devia ter 65 anos; eu 15 ou 16 na época; & o motivo eu não sei, mas fiquei enlevada, apesar de não exatamente interessada; a visão das grandes páginas amarelas me enfeitiçou. Eu costumava ler o livro & sonhar com aqueles aventureiros obscuros, & sem dúvida praticava seu estilo em meus cadernos de anotações. Estava então escrevendo um longo ensaio pitoresco sobre a religião cristã, acho; chamado *Religio Laici*, acredito, provando que o homem precisa de um Deus; mas descrevia o Deus como em processo de mudança; & também escrevi uma história das Mulheres; & a história da minha própria família – tudo de estilo muito prolixo & elisabetano.⁸⁸

Terça, 10 de dezembro Um péssimo dia ontem, porque Vita veio almoçar aqui, o que odeio, & perdi uma das minhas luvas verdes de couro. Tomamos chá com a mãe de Leonard, que, num quarto novo, deixou-nos boquiabertos com seu acidente. O hotel foi atingido por um raio na sexta-feira; uma chaminé caiu; o quarto dela se encheu de fuligem & faíscas – & ali estava ela, dramatizando tudo, tremendo, chocada, porém animada & no fundo satisfeita de ser novamente o centro de uma catástrofe. Como sempre ela se comportou com a mais perfeita calma – “mas depois eu sinto tanto essas coisas”, & quis dar quilos de tabaco para os operários encarregados de consertar o teto. “Que direito, pensei comigo mesma, nós temos de ficar aqui sentados assistindo aqueles coitados carregando tijolos? Ah a vida que eles levam – carregar tijolos até o teto no meio desse vendaval – enquanto eu fico aqui sentada” (num quarto

⁸⁸ Não existe registro desses textos. (AOB)

cor-de-rosa de hotel). Essa é a sua imaginação fluida – quilos de tabaco, como disse Harold, não vão ajudar mto a dar jeito no sistema social.⁸⁹ É, eu acho, prova da pressão da nossa vida o fato de eu não ter falado nada sobre nosso processo – ou falei? contra o hotel, contra a banda de jazz. Nós, Rachel & William Plomer vamos ao tribunal na sexta. Por que os fatos são tão insuportavelmente tediosos? Não sinto vontade de escrevê-los. Gostei muito do escritório da Scadding & Bodkin;⁹⁰ & de jurar por Deus todo-poderoso; mas Rachel & Wm. gostaram ainda mais do que eu. É muito inesperado. Rachel irá contar a seus amigos a respeito – como eu mesma devia ter feito. Mas ter dias inteiros riscados da minha semana é algo que me entedia. Sinto que meu grande triunfo é conquistar uma noite em silêncio – para ler os elisabetanos. E Charlie Sanger está muito doente – eu o imagino deitado, exaurido; exaurido & sem mostrar grande felicidade por isso; como uma velha abotoadura de ouro – tão bom, tão genuíno; afetuoso; honrado; mas um homem frustrado & exaurido eu acho: sem nenhuma felicidade natural: uma consciência; & então Dora.

Quinta, 12 de
dezembro

Bem, acabamos de voltar de Rodmell, & de uma conversa um tanto forçada com Mr Philcox (minha mulher & eu fomos para a América – não gosto da América – você tem de pagar o café da manhã à parte – quarto duplo, 24 dólares). Vou anotar rapidamente minhas provas para amanhã à noite embora Pritchard diga que agora será adiado – porque o hotel não conseguiu nenhuma testemunha. O que vou dizer – (tem a máquina de bombear, claro) é o seguinte sobre o outono.

Voltamos no começo de outubro & a música estava muito alta. Meu marido escreveu para o secretário que escreveu de volta garantindo que todas as providências seriam tomadas. Na noite seguinte a música estava tão alta que meu marido telefonou para o hotel; mas eles disseram que não havia nada que pudessem fazer. A música melhorou ligeiramente, & esperamos até o final de nov., quando ficou tão alta que

⁸⁹ A mãe de LW morava em hotéis e ia de Londres para Worthing nos meses de verão. Naquela época ela estava residindo em Earls Court. Harold era seu terceiro filho.

⁹⁰ Desde a inauguração do Royal Hotel (ver 28 mar. 1929), os Woolfs vinham sofrendo com o barulho de música de seus bailes. Como as reclamações de LW não surtiram efeito, ele processou o hotel, e no fim venceu o processo. Scadding & Bodkin eram advogados, cujo escritório ficava em Tavistock Square.

não conseguíamos ficar na sala. A festa foi no dia 29: no 30 estava intolerável.

Com que facilidade me escapam os fatos!

Sábado, 14 de
dezembro

Não, estou cansada demais para escrever; estive sob pressão, com toda a história do processo &c; tive uma dor de dente: & assim aqui fico passiva, esperando que algumas gotas se formem em meu pensamento. Falando nisso, as vendas de A Room são sem precedentes – bateram as de Orlando; parecem uma linha correndo depressa entre os dedos; pedidos de 100 exemplares são recebidos com a mesma tranquilidade com que antes recebíamos os de 12. Vendemos, acho, 5500; & nossa renda para os próximos anos está garantida.

Tivesse eu me casado com Lytton nunca teria escrito nada. Foi o que pensei na outra noite durante o jantar. Ele controla & inibe de maneira muito estranha. L. pode ser severo; mas estimula. Qualquer coisa é possível com ele. Lytton estava ameno & úmido, como uma folha de outono molhada. Solitário; & envelhecido, portanto aparentemente troca opiniões com Clive. Nosso caso foi adiado para a próxima quinta-feira, & provavelmente será decidido no meio tempo – algum acerto deve ser feito. Ontem chumbaram algumas janelas – a lei teve esse efeito instantâneo. A lei tinha cores tristes, imponentes. Vimos Mr. Preston às 10; ele estava vestindo uma beca preta com franjas brancas sujas; um homem confiante de cabelo louro-escuro, educado. Que camarada belicoso o senhor é! Ouvi outro K.C.⁹¹ lhe dizer na corte. Uma atmosfera máscula admirável – menininhos que adquiriram responsabilidade, pareciam todos; tão aquilinos & definidos embaixo de suas perucas grisalhas encrespadas. Então entrou o Juiz (Farewell). Levantamos. Ele fez uma reverência. Parecia sobrenaturalmente sábio, digno, triste; a peruca mais uma vez cortava sua testa & acentuava os olhos profundos & reflexivos – um rosto encovado, inexpressivo, exausto; tão intenso que era monossilábico – não podia se dar ao luxo de abrir a boca desnecessariamente; apenas assentia. Tudo terminou em 10 minutos eu calculo. Senti a tensão no ar; aquele homem sentado ali, intenso, sob

⁹¹ Knight Commander.

seu dossel no pequeno tribunal apinhado, sem dizer palavra, até as 4 da tarde.⁹²

Domingo, 15 de
dezembro

Dente melhor, mas minha cabeça não está o que chamo de vigorosa; & sim ociosa, desconcentrada – muita coisa acontecendo em Tavistock Square nos últimos dias. Ontem à noite fomos assistir *The Calendar* (de Edgar Wallace) com Ann; ouvimos vivas, & vimos uma grandiosa Rainha dourada fazendo uma mesura num pequenino camarote com janela saliente. E, quando as luzes se acenderam, o Rei, vermelho, rabugento, sem saber o que fazer com as mãos; bem arrumado, fingido; de aparência corpulenta, com uma flor branca na lapela, ressentido da necessidade, talvez, de se deixar olhar por todos entre um dos atos – seu dever; mas ao mesmo tempo nada feliz com os comentariózinhos lançados a ele, para minimizar seu trabalho, pela Rainha. Certa vez a Duquesa de York foi sentar-se com a Rainha; uma moça simples, falante, doce, de rosto pequeno & redondo⁹³ vestida de cor-de-rosa: mas seu pulso cintilava com o brilho de diamantes, seu vestido estava preso ao ombro com diamantes. A Rainha também parecia uma rua acesa cheia de diamantes. Uma sensação estranha me veio, de uma vitrine de loja decorada para o público: essas são nossos objetos em exposição, nossas peças. Não eram lá muito impressionantes – nada de romance nem de mistério –, os nossos melhores bens. E no entanto ele descende, eu diria, de Hengist; vem diretamente, aquele homem de aparência rabugenta corpulenta fingida, de Elizabeth & dos outros;⁹⁴ seu rosto ficará para sempre marcado na nossa história. Ele tirou óculos de um estojo vermelho vivo. Pensei (como é meu costume) em diversos comentários para anotar. Um deles permanece. Se eu estivesse lendo este diário, se este fosse um livro que caísse em minhas mãos, acho que eu me lançaria cheia de voracidade sobre o retrato de Nelly, & escreveria um conto – faria talvez um conto inteiro girar em torno disso –

⁹² O caso de LW contra a Imperial Hotel Company foi ouvido pelo juiz Christopher Farwell; Herbert Preston foi advogado dos Woolfs. Depois de várias audiências, foi decidido fora do tribunal a favor de LW em 31 jan. 1930. (AOB)

⁹³ Ann, filha mais velha de Adrian Stephen. A duquesa de York, nora do rei George V e da rainha Mary, hoje é mais conhecida como Elizabeth, a Rainha Mãe. (AOB)

⁹⁴ Para AOB, isso demonstra que VW não fez uma leitura atenta de *Elizabeth and Essex*, de Lytton Strachey.

seria divertido. Sua personalidade – nossos esforços de nos livrarmos dela – nossas reconciliações.

Rodmell. Dia seguinte
ao Natal

E eu estou sentada em meu novo quarto – no quarto de dormir, não na saleta; com cortinas lareira mesa; & duas vistas grandiosas; às vezes sol sobre os riachos & tempestade sobre a igreja. Um Natal violento; um dia 26 brilhante, sereno; & ambos muito felizes – completamente, não fosse pelo maldito Byng-Stamper & seu poder de vender a colina para ser explorada por um consórcio. Que a intenção dele é essa, foi Percy quem disse; estou agitada para protestar; de fato, preciso escrever para Ottoline & perguntar o nome do homenzinho que protege as colinas. Este lugar está sempre sendo colocado em risco & salvo; portanto talvez isso aconteça de novo. Cortar árvores & destruir colinas são minhas duas injustiças – o que os armênios eram para Mrs Cole.⁹⁵ Considero isso quase inacreditavelmente tranquilizador – quinze dias a sós – algo quase impossível de se permitir a alguém. Temos esmagado as visitas de modo implacável – Morgan, Roger, Adrian. Desta única vez ficaremos sozinhos, dizemos; & realmente, parece possível. Depois Annie me parece bastante simpática; meu pão assa bem. Tudo é muito arrebatador, simples, rápido, eficiente – salvo a minha falta de jeito com As Ondas. Escrevo duas páginas de flagrantes absurdos, depois de muitos esforços; escrevo variações de cada frase; meio-termos; tiros ruins; possibilidades; até que meu caderno de rascunho mais pareça o sonho de um lunático. Então apelo para uma inspiração na releitura; & com o lápis dou algum sentido a tudo. Ainda assim não estou satisfeita. Acho que falta alguma coisa. Nada sacrifico pelo bom gosto. Pressiono meu centro. Pouco me importa se acabar tudo riscado. E existe algo ali. Estou inclinada agora a tentar lances violentos – em Londres – nos diálogos – abrindo caminho inclemente – & então, se nada vier daí – não importa terei examiado as possibilidades. Mas gostaria de sentir mais prazer. Minha cabeça não fica o dia inteiro pensando nele como com Ao Farol ou Orlando.

⁹⁵ Segundo Percy, o capitão e proprietário de terras Byng-Stamper estava para vender um terreno de 162.000 m² em Rodmell Hill para a construção. LW tomou várias providências para evitar isso, inclusive escrever ao primeiro-ministro, mas não conseguiu impedir a construção de diversas casas nos anos seguintes. Mrs. Cole era a diretora da escola em Kensington onde LW frequentou o jardim-de-infância. Ela fora obcecada com a barbárie do massacre armênio. (AOB)

Antes de eu sair Clive apareceu para o chá; ficou aqui sozinho por uma ou duas horas. Perguntou se eu sabia que ele havia resenhado A Room? Respondi que não. Ele foi meio áspero; disse que as piadas eram de palestrante. “Garotas se acerquem” – esse tipo de coisa em excesso – ideiazinhas – nada em comparação com Orlando. E então, inconsistentemente, elogiou O. acima de F.[aro], indo contra tudo o que ele disse na época. Mas sua crítica está fundamentada na teoria de que eu sou incapaz de sentir o sexo: a luz púrpura está apagada em mim; & *portanto* precisei escrever Orlandos, não Faróis. Eu diria que existe certa verdade nisso – principalmente quando ele diz que meus solilóquios, minhas linhas de pensamento, são melhores que meus perfis. Mas, como de costume, seu machado precisa de afiação: que o Amor é o bastante – ou que, se o amor fracassa, afundamos para sempre. Pois falamos de Mary, claro; & mais uma vez ele protestou que ninguém poderia ter agido diferente dele – & depois vagamente ameaçou uma aliança, na França, com sua amada – ou com a mulher que ama. Mas ama mesmo? Irá levá-lo ao Egito? Tudo estremece agora sobre certo ar de irrerealidade. Tudo foi deslocado por Mary; não restou nenhum fundamento. E sempre sinto, quanta alegria, quanta procura, conversa & farra existe em você! Há quanto tempo nos conhecemos – mas o vulto de Thoby assoma por detrás – esse estranho fantasma. Penso na morte às vezes como o fim de uma excursão em que embarquei quando ele morreu. Como se eu fosse entrar & dizer, aí está você. E, no entanto, ele não me é familiar agora, talvez. Aquelas cartas que Clive leu fizeram com que ele parecesse estranho & exterior⁹⁶.

Mas um cão está latindo, & minha lamparina falha – mesmo no meu quarto perfeito. Então agora é ir até Leonard, ler os elisabetanos & colocar nossa travessa de vidro no fogo.

28 de dezembro

Bernard Shaw disse na outra noite nos Keynes – & aliás os Keynes acabaram de arruinar minha quinzena de perfeito silêncio, chegando aqui no seu Rolls Royce – & L. os fez ficar, & está meio que inclinado a achar que sou absurda por não querer isso – mas enfim no momento a pedra no sapato dele é Clive – Bernard Shaw me disse, nunca escrevi

⁹⁶ Existia no ar a proposta de editarem pela Hogarth Press uma coleção de cartas de Thoby Stephen, mas não foi para a frente. (AOB)

nada a não ser poesia. Um homem escreveu um livro mostrando como ao se alterar uma ou duas palavras um ato inteiro de D[octors] Dilemma fica rítmico. A verdade é que meu ritmo é tão marcante que quando tive de copiar uma página de Wells outro dia, no meio da minha própria escrita, minha caneta não conseguia fazê-lo. Eu queria escrever em meu próprio ritmo – mas não sabia até aquele momento que eu era dono de um ritmo tão marcante. Heartbreak House é minha melhor peça. Eu a escrevi depois de passar alguns dias com a senhora nos Webbs em Sussex – talvez a senhora a tenha inspirado. E Lydia está transformando a Lady na Rainha Vitória. Não nunca vi Stevenson – Mrs. Stevenson achou que eu estivesse resfriado⁹⁷.

O senhor escreve irlandês Mr Shaw. Como o Mr. Moore. Moore é um homem estranho – um talento minúsculo cultivado com a máxima paciência. Costumávamos rir dele nos velhos tempos. Ele era nossa piada. Estava sempre nos contando coisas sobre si mesmo & uma dama – uma grande dama – que vivia atirando coisas na sua cabeça & errando por pouco – & ele dizia “Espere, espere, aí vem uma boa passagem”. Ninguém tinha um temperamento melhor. Mas ele era nosso pateta. Então um belo dia Zola me disse Descobri quem é o seu grande romancista inglês! E quem é eu perguntei. Ele se chama George Moore. E eu caí na gargalhada, não o nosso Georgezinho Moore, com suas histórias sobre si? Mas era ele mesmo. Uma lição, a senhora veja, para não ser rápido demais ao julgar seus amigos.

Mas todas as histórias dele são autobiográficas, eu disse.

Sim, são todas sobre George Moore & a dama que vivia atirando coisas na sua cabeça. ----- está escrevendo a biografia de Moore & me pediu para contar a história da sua juventude. Estou reunindo meus escritos. Descobri que escrevi um milhão de palavras sobre teatro. Sei lá o que fazer com isso. Minha mulher quer que eu deixe tudo de fora. Mas eu acho que oferece um curioso retrato de época. Sinto vergonha quando penso como podia escrever tão mal. A coletânea se limitará a 21 volumes, que serão vendidos em diferentes tipos de edição na América – algumas de couro bastante caras – outras bastante baratas –

⁹⁷ Os Woolfs passaram o fim de semana de 17-19 jun. de 1916 na casa dos Webbs em Sussex; os Bernard Shaws estavam lá como convidados. Shaw repetiria seu elogio, associando VW a *Heartbreak House*, numa carta de 10 mai. 1940 para ela. Porém ele, na verdade, já vinha trabalhando na peça vários anos antes de conhecer VW. (AOB)

distribuídas por todo o país por ambulantes. Não sou um homem modesto, mas até mesmo eu corei ante as coisas que tive de escrever para meus editores. Essencial para qualquer lar & blá blá blá. Eu diria que de doze pessoas sempre haverá 3 mulheres tão inteligentes quanto os homens. O que eu sempre lhes digo é para irem atrás dos órgãos de governo – não liguem para voto. Insistam na representação. Agora as mulheres são muito mais entusiasmadas com negócios do que os homens. Elas fazem o que tem de ser feito. Os homens ficam fofocando pelos clubes. Ah mas o senhor fez por nós muito mais que qualquer outro, Mr. Shaw. Minha geração, & a de Francis Birrell (que estava sentado ali atrás) pode ser ótima, mas somos diferentes graças ao senhor.

Mais felizes disse Francis.

Então Lydia chegou & interrompeu, com Mrs. Shaw.

1930

Sábado, 4 de janeiro

É o ano novo, mas vou continuar escrevendo neste livro – por economia. Estou de folga; o tempo está bom; & sou tão presa da rotina que descubro ser mais fácil do que nunca sair para caminhar depois do almoço. Longe de não fazer nada, minha intenção é escrever algumas cartas, & estive analisando os primeiros escritos de Miss Easedale¹. Ocorreu-me a ideia de que poderíamos viver aqui de abril em diante. E simplesmente por causa dessa ideia, a paisagem da minha janela já parece diferente. Torna-se [palavra ininteligível], algo de um longo tempo sem ênfase; até então eu sempre a vira como um interlúdio; um espaço de respiro. Noto, para aquele Retrato de Nelly que eu deveria escrever, se estivesse editando essas páginas, que sua carta para mim começou com Cara Madame – o que suponho, como dizia Carlyle, ser “bastante significativo”.

Mas isso são meras anotações; que por algum motivo sinto tédio de ampliar. Vita veio aqui ontem com um tanque de vidro verde com flores japonesas que se expandem na água. Aqui a minha mente se expandiria assim – a chegada dos Keynes a fez se retrair.² E desperdiçamos nosso belo dia, que devíamos ter passado em Rye, conversando no quarto horroroso deles. Mas não estou dizendo que *eles* são horrorosos: isso seria uma blasfêmia. Essa perpétua difamação da natureza humana & adoração da solidão é suspeita. Apenas que aqui estou presa a uma placa, como um inseto, por mais três meses; & passo meu único dia bonito ressentida com a vida social. Hoje jantamos em Charleston & amanhã volto para casa, para a máquina de bombear, para a música de baile; para Braithewaite, Goldie, Ottoline, Sprott &c – para “ver” & “ser vista”. Um pouco de música no entanto eu vou gostar – a ópera – disso eu vou gostar. E agora preciso responder cartas & começar Londres de alguma maneira livre delas.

¹ Joan Adeney Easedale, uma garota de 16 anos de Kent, havia lhe enviado seus poemas, em que VW viu mérito. Sua *A Collection of Poems (written between the ages of 14 and 17)* foi publicada como o n. 19 da coleção Hogarth Living Poets em 1931, e outro volume, *Clemence and Clare*, como o n. 23 em 1932. (AOB)

² Os Keynes tinham aparecido em Monks House no dia 28 e convenceram os Woolfs a almoçar com eles em 31 dez. (AOB)

9 de janeiro

Anoto simplesmente que tentarei passar a semana que vem absolutamente sem “ver pessoas”, suspendendo o jantar nos Bogy Harrises para encontrar o Primeiro-Ministro, & ir à festa de Angelica. Verei se consigo manter 7 dias longe das garras das visitas. Tomei providências para liquidar todas elas esta semana, & arrastei-me fiel & diligentemente: Braithewait & Miss Matthews, Dottie, Ottoline, Goldie, Sprot, Quentin, Miss Matheson & Plomer ontem à noite & Eddy no chá hoje, Vita amanhã, Quentin no sábado; & ninguém eu juro no domingo.

12 de janeiro

Domingo chegou. E acabei de exclamar, Agora não consigo pensar em mais nada. Graças à minha pertinácia & diligência, mal consigo agora parar de escrever *As Ondas*. Essa constatação me veio intensamente mais ou menos uma semana atrás quando eu começava a escrever a festa: agora sinto que vou conseguir seguir a passos largos, depois de 6 meses abrindo caminho a facção, & terminar: mas sem a menor certeza de como alcançar alguma espécie de forma. Boa parte terá de ser descartada: o essencial é escrever rápido & não quebrar o clima – sem folgas, sem intervalos se possível, até que esteja pronto. Depois descansar. E então reescrever.

Quanto a ter uma semana livre – agora vou visitar a mãe de L.: depois ir aos Frys após o jantar. Marjorie Strachey para o chá amanhã: Duncan, acho, na terça; Vita na sexta; Angelica no sábado; Bogey Harris quarta: resta um dia inteiro – quinta-feira – & é o final da minha semana.

16 de janeiro

Uma página da vida real. Ontem à noite nos Bogey Harrises. Entrei voando pela sala com meu casaco vermelho. Uma mulher muito pintada, desgastada, alta, cor-de-rosa (Mrs Graham Murray [*não identificada*]); & os demais, num salão oval, com teto pintado & livros – “Horne me deu com o autógrafo de Ben Johnson – a primeira edição de Dante – Lady Londonderry irá se atrasar; mas não iremos esperar”.³ Eu me esqueci do primeiro-ministro – um homem desinteressante; olhos desapontadores; um tanto corpulento; classe média; nada de filho do

³ “Bogey” Harris fora largamente influenciado pelo acadêmico e colecionador Herbert Horne, que passou seus últimos anos em Florença, cidade à qual doou seu *palazzo* e sua coleção de arte. Lady Londonderry costumava promover encontros de políticos conservadores em sua residência e havia encantado o primeiro-ministro Ramsay MacDonald. (AOB)

povo; encovado; rabugento; presunçoso; de colete preto; certa mediocridade de caráter. Chegou Lady L. bastante atrasada; num vestido de veludo cor de rubi, com decote até o meio das costas, baixinha, agitada, rápida, atual, energizada. Todos seguiram para o jantar, & como eu estava cega demais para ler Sir Robert Vansittart no cartão, tive de sair atabalhoadamente à procura do meu vizinho. Não importa. Eles chamavam-se uns aos outros de Van, Bogey, Ramsay, Eddie, à mesa; todos ocupados em governar a Inglaterra: uma antiga tigela de madeira, selecionada por Roger, atraiu Ramsay por dois minutos, um tanto intensamente à vista de todos; apanhou-a; olhou-a, pousando seu estojo de óculos pardo puído sobre a mesa; disse que nunca havia assinado nenhuma autorização para a venda daquela tigela para a América⁴; depois se lançou num tete à tete com as damas – murmurando, silenciosamente. Então ao primeiro andar, com L[ad]y L. seguindo à frente, abrindo portas, conduzindo-nos a saletas para olharmos Majólicas, altares. Depois, ao redor da lareira, ela começou a falar, fluente, agradável, precisa, como um cavaleiro ou um capitão, sem um grama de carne a mais, contando histórias – de velhos que sofreram cirurgias & depois perderam o juízo – deixaram seu dinheiro uma bagunça – o próprio pai dela ficou maluco por dois anos – Farquhar confundiu os assentamentos de Fife com os fundos do Partido Liberal⁵ – todos eles indiscretos, abertos, aparentemente; a fala de uma mulher perfeitamente equipada, lógica, bem alimentada & atlética, que salta cada obstáculo com seu cavalo. Conversamos sobre Controle de Natalidade. “Caro Eddie, você não me deixará convencê-lo. Mas quando vir seus mineiros, com todos aqueles terríveis filhos ilegítimos...”

Oito num quarto. Uma cama. O que se pode esperar? Vêm falar diretamente comigo, os antiquados. Não há mais nada que possam fazer. O que você faria? O que deveríamos fazer, se vivêssemos assim? Mas não somos animais. Podemos nos controlar. Detesto a Lei Seca por este motivo.”

⁴ A tigela de madeira Saffron Walden, uma relíquia de 1507, foi vendida na Christie's em 1929 e, por meio de Bogey Harris, comprada por J.P. Morgan. Na época a exportação de obras de arte não era alvo de restrições. (AOB)

⁵ O primeiro conde de Farquhar fora tesoureiro do partido Tory; depois da guerra recusou-se a entregar-lhes os fundos coletados na época em que o partido fez uma coalisão com os liberais. Quando de sua morte, fez generosas doações, especialmente à sobrinha do rei Edward, a duquesa de Fife, que era tanto a executora de seu testamento quanto sua principal beneficiária. (AOB)

Virou-se, energeticamente, confiante, para os Webbs (a mulher pulou ao meu lado como uma cobra), “Nossa classe & a sua nunca poderão se encontrar. Que diferença faz? Mas essas pessoas inteligentes! Yeats & Lady Gregory num comitê são inúteis – mas ambos pessoas muito inteligentes. Não podem fazer nada.”⁶

L]ad]y L. pode fazer o que ela quiser. Parecia um quadro do primeiro período vitoriano – um Lawrence, achei; um rosto pequeninho bem talhado magro & pálido; saudável; sem maquiagem; muito rosada, com pérolas enroladas nos pulsos. As outras mulheres espalhafatosas, como uma amendoeira arruinadas. As saletas arrumadas com estojos, baús, quadros objetos. “Jamais dou mais de £10: vou à caça em brechós.”

Bogy tem o olhar empanzinado & vidrado de um solteiro bem alimentado. É evidentemente um desses homens idosos em situação confortável de bom gosto & tempo livre que faz da alta sociedade sua profissão; um esnobe perfeitamente instintivo. Conhece todo mundo; almoça com Lord Lascelles; tirou a medida exata de tudo; não tem nada a dizer; proficiente; intratável; hábil; um tipo desinteressante, com toda a sua conversa de Lords & ladies, sua crença em mansões antigas; uma aparência meio empanurrada, que os connoisseurs têm; como se sempre tivesse acabado de abocanhar uma barganha. Há algo de sufocante & organizado demais naquela casa; uma plethora de altares. Ele caminha devagar por aí, empanurrado, sem nada a buscar, a não ser em brechós; na crista (suponho) de seu mundo. Suponho que para a cabeça de alguém esse centro – um altar – não seja bom; demasiado imóvel & passível de aquisição. Ele jamais deseja algo inalcançável, eu diria; assim ajeitou seu ninho. Para Roger ele tem “estilo”; Roger que parece um catador acabado & convive com latas de sardinha & linóleo; sim, mas a casa de Roger parece viva, existe uma mão viva ali, manipulada, esticada. Por que as pessoas interessantes jamais se instalam entre (belos) objetos & (desejáveis) Duquesas? Tentei, sentando num sofá de valor inestimável, comprado em Whitechapel por £10 (nunca dou mais), analisar minhas sensações. Ramsay era atirado entre eles como um peixe entre cormorões. Tive a impressão de que não consideravam aquela aquisição grande coisa, mas a encararam como

⁶ Lady Gregory fundou em 1902 com o poeta W.B. Yeats o Irish National Theatre.

outra tarefa do dia. Ly L. ficou com ele a sós em uma sala escurecida por uma hora. Quando isso falhou, entregou suas requisições por escrito para ele.

Angelica disse durante a pantomima, enquanto assistíamos a mulher coberta de lantejoulas dançar, “nunca vou conseguir dançar assim mas talvez eu consiga pintar como ela dança”.⁷

Domingo, 26 de janeiro

Fiz 48 anos: estávamos em Rodmell – de novo um dia chuvoso, com vento; mas no meu aniversário andamos entre as colinas, como as asas dobradas de pássaros cinzentos; & vimos primeiro uma raposa, muito comprida com a cauda peluda esticada; depois uma segunda, que estivera latindo, porque o sol estava quente sobre nós; ela saltou ligeira sobre uma cerca & entrou no tojo – uma visão bastante rara. Quantas raposas existem na Inglaterra? À noite li a biografia de Lord Chaplin. Ainda não consigo escrever naturalmente no meu novo quarto, porque a mesa não tem a altura certa, & preciso me inclinar para aquecer as mãos. Tudo precisa ser absolutamente idêntico ao que estou acostumada.

Vendeu cerca de 6.500
até hoje, 31 out 1931 –
depois de 3 semanas.
Mas agora deve parar
imagino

Esqueci de dizer que quando fizemos a contabilidade de nosso semestre, descobrimos que ganhei £3.020 no ano passado – o salário de um funcionário público: uma surpresa para mim, que por tantos anos me satisfiz com £200. Mas isso vai cair drasticamente eu acho. As Ondas não devem vender mais que 2.000 exemplares. Estou presa naquele livro – quer dizer, colada a ele, como uma mosca num papel gomado. Às vezes me desconecto; mas sigo em frente; depois de novo sinto que finalmente, graças a medidas violentas – parecidas com invadir o tojo – pus as mãos em algo essencial. Talvez agora eu consiga dizer algo de forma direta; & extensa; & não precise estar constantemente moldando uma frase para dar ao meu livro a forma exata. Mas como juntar tudo, como adubá-lo – pressioná-lo numa coisa só – eu não sei; tampouco consigo adivinhar o final – talvez seja um gigantesco diálogo. Os interlúdios são difíceis, mas creio que essenciais; para que sirvam de ponte & também de pano de fundo – o sol; a natureza insensível –

⁷ Como os Woolfs levaram Angelica para o espetáculo de pantomima (*Puss in Boots*) em 20 jan., a entrada acima não pode ter sido completamente escrita em 16 de janeiro. (AOB)

não sei. Mas eu acho, quando sinto essa clareza repentina, que é a direção certa: enfim, nenhuma outra forma de ficção sugere a si mesma a não ser como repetição no instante. Lord Buckmaster sentou-se ao meu lado. Eu estava conversando com Desmond sobre Irene. De repente Ethel disse, debruçando-se:

Mas o senhor chegou a conhecer Lord Tennyson? & minha noite se arruinou. Típico dessas festas.⁸

Segunda, 10 de
fevereiro

Charlie Sanger morreu ontem, aquele dia lindo & frio, em que voltamos para cá.⁹ Minha tristeza vem em rajadas. Eu me arrependo de não termos jantado lá. Vou sentir saudades de algo peculiar – leal, desgastado, romântico; inundado de afeição. Ele nos conhecia na época em que Thoby morreu; sempre apertava minha mão com simpatia, estimulante, cintilante, élfico; muito compreensivo, muito sério, da maneira certa. Tinha uma visão severa, eu acho; achava a vida difícil; & previa a mesma dificuldade para os outros. Sim; tenho um sentimento peculiar por ele – é possível dizer algo mais? E é esta a tristeza que sinto por ele – saber que nunca mais terei isso. (Não consigo analisar – estou com uma ligeira febre, & dividida entre matutar se é uma gripe & se devo contar a Leonard, que acabou de ter uma – adiar Ethel Smyth, & Nessa – ir para a cama – o que será o mais sensato a fazer?¹⁰

Domingo, 16 de
fevereiro

Ficar deitada no sofá por uma semana. Hoje consegui sentar, no estado costumeiro de animação desigual. Abaixo do normal, com o desejo espasmódico de escrever & depois cochilar. É um dia bonito & frio & se minha energia & senso de dever persistirem, irei até Hampstead. Mas duvido que consiga escrever algo que sirva a alguma coisa. Uma nuvem nada em minha cabeça. Fica-se consciente demais do corpo & longe da rotina da vida para conseguir retornar à ficção. Uma ou duas vezes senti o zumbido de asas na cabeça, que tantas vezes

⁸ Stanley Buckmaster, 1º visconde de Buckmaster, juiz, fora membro do Parlamento pelo Partido Liberal. A pergunta criticada de Ethel foi mais tarde atribuída por VW a Lord Buckmaster (ver L4, n. 2128, 2133). (AOB)

⁹ Quando os Woolfs estavam voltando de Rodmell para Londres, de carro.

¹⁰ Ethel Smyth, compositora, autora e feminista célebre. Filha de um general, teve de lutar pelo direito de investir em uma carreira musical e tornou-se militante ferrenha pela causa das mulheres. Estudou música em Leipzig, escreveu diversas óperas, foi presa como sufragista e publicou diversos livros de memórias. VW a admirava e a citou em alguns textos antes de conhece-la pessoalmente. Ethel escrevera elogiando AROO e propôs um encontro, que foi adiado muitas vezes por causa da saúde de VW, e que acabou ocorrendo em 20 fev. (AOB)

chega quando estou doente – nesta época no ano passado por exemplo, eu estava de cama planejando *A Room of One's Own* (que dois dias atrás vendeu 10.000). Se eu pudesse ficar de cama por mais quinze dias (mas não existe a menor chance disso) creio que conseguiria enxergar o todo de *As Ondas*. Ou, claro, partiria para algo completamente diferente. Por ora estou meio inclinada a insistir numa visita rápida a Cassis; mas talvez isso precise de mais determinação do que possuo; & acabaremos definindo por aqui mesmo. Pinker está andando pelo quarto procurando um trecho iluminado – um sinal da primavera. Acredito que no meu caso essas doenças – como explicar? – são em parte místicas. Algo acontece na minha consciência. Ela se recusa a continuar registrando impressões. Fecha-se em si mesma. Torna-se uma crisálida. Fico prostrada um tanto entorpecida, frequentemente com dores físicas intensas – como no ano passado; neste só desconforto. Então subitamente alguma coisa emerge. Duas noites atrás, Vita esteve aqui; & depois que ela se foi, comecei a sentir a qualidade da noite – que a primavera estava próxima: uma luz prateada; misturada à das primeiras lâmpadas acesas; os táxis disparando pelas ruas; tive uma tremenda sensação de que a vida começava, misturada com a emoção que é a essência do meu sentimento, mas escapa às descrições – (não paro de criar a cena de Hampton Court em *As Ondas* – Deus como estou em dúvida se deixo este livro de lado! Por enquanto é um entulho de fragmentos). Bem, como eu ia dizendo, no meio dessas longas pausas (pois minha cabeça está zonzinha, & escrevo mais para me estabilizar do que para fazer alguma afirmação correta), senti a primavera começando, & a vida de Vita tão fértil & farta, & todas as portas se abrindo; & isso eu acredito é a mariposa batendo as asas sobre mim. Então começo a criar minha história, seja lá qual for; as ideias me inundam; com frequência antes que eu possa controlar minha mente ou a caneta. Não adianta tentar escrever nesse estágio. E duvido que consiga preencher esse monstro branco. Gostaria de deitar & dormir, mas sinto vergonha. Leonard se recuperou da gripe em um dia & foi cuidar da vida apesar de sentir-se doente. E aqui estou eu vagabundeando, ainda sem me vestir, sendo que Elly vem amanhã. Mas como eu ia dizendo minha consciência trabalha na ociosidade. Não fazer nada é muitas vezes o caminho mais vantajoso para mim. Estou lendo Byron: *Maurois*: o que me remete a

Childe Harold; me faz especular¹¹. Que mistura estranha: o mais fraco & sentimental de Mrs Hemans combinado com um vigor cru & incisivo. Como se combinaram? E às vezes as descrições em C.H. são “lindas”; como as de um grande poeta.

Aqui estão os três elementos de Byron:

1 A romântica dama Morena cantando & tocando canções ao violão.

“Tambourgi! Tambourgi! thy ‘larum afar
Giver hope to the valiant, & promise of war;
Oh! who is more brave than a dark Suliote,
In his snowy camese & his shaggy Capote”
– algo fabricado: uma pose; tolice.

2 Então vem essa retórica vigorosa, como sua prosa, & tão bom quanto prosa.

Hereditary Bondsmen! Know ye not
Who would be free *themselves* must strike the blow?
By their right arms the conquest must be wrought?
Will Gaul or Muscovite redress ye? No!...

(tudo do Canto II de
CH.)

3 Então o que me soa como mais verdadeiro, & é quase poesia.

Dear Nature is the kindest mother still!
Though always changing, in her aspect mild;
From her bare bosom let me take my fill,
Her never-weaned, though not her favoured child.

...

To me by day or night she never smiled,
Though I have marked her when none other hath,
And sought her more & more, & loved her best in wrath.

4 E então há também é claro a pura sátira, como na descrição de um domingo

¹¹ Byron, de André Maurois. As citações que se seguem são de *Childe Harold's Pilgrimage*.

5 em Londres, & por fim (mas aí seriam mais de três) o tom inevitavelmente meio trágico meio genuíno, que vem na forma de refrão, sobre a morte & a perda dos amigos.

All though could have of mine, Stern Death! thou hast;
The parent, Friend, & now the more than Friend:
Ne'er yet for one thine arrows flew so fast,
And grief with grief continuing still to blend,
Hath snatched the little joy that life had yet to lend.

Esses trechos eu acredito que o condensam; & condensam boa parte do que é espúrio, vápido & ao mesmo tempo tão mutável, & que é por outro lado intenso & com maior amplitude do que outros poetas, tivesse ele conseguido ordenar o todo.¹² Um romancista, ele poderia ter sido. É estranho contudo ler em suas cartas sua prosa um sentimento aparentemente genuíno em relação a Atenas: & compará-lo com a convenção que ele adotou no verso. (Existe certo desprezo em relação à Acrópole). Mas esse desprezo pode ter sido mera pose também. Talvez a verdade seja que quando se está carregado de uma voltagem tão alta não se consiga inserir nenhum sentimento humano ordinário; deve-se posar; fazer rapsódias; não incluir a si mesmo. Ele escreveu em Inn Album que tinha 100 anos de idade. E é verdade, se medirmos a vida pelo sentimento.

17 de fevereiro E essa febre aumentou; mas agora abaixou; & agora é 20 de fevereiro,¹³ preciso fazer minha racionalidade andar a meio galope se eu puder. Talvez alguns esboços de personagem.¹⁴

Snow:¹⁵

Ela veio num casaco de pele escuro; que ao ser retirado revelou que ela estava usando malha cinza comum com listras azuis claras. Seus olhos são do mesmo tom, mas ela tem uma aparência angustiada, faminta,

¹² Ver considerações sobre a preocupação de VW com a unidade em meio a fragmentos na p. 63.

¹³ AOB quebrou essa entrada em duas, quando é uma só.

¹⁴ E é o que ela fará nas entradas posteriores. Primeiro de Snowden.

¹⁵ Margaret Snowden, filha de um pároco de Yorkshire, fora colega de Vanessa na Royal Academy Schools e continuou sua amiga e correspondente. Morava em Cheltenham com a irmã, perto da mãe, e foi tomar o chá com VW em 18 fev. (AOB)

como um gato que subiu numa chaminé & de lá olha para um cachorro. O rosto é pálido, & muito pequeno; ela preserva uma curiosa inocência que torna difícil acreditar que tenha 50 anos. Porém seu pescoço tem a pele bastante solta, & papadas que delatam a meia idade. O olhar preservado parece indicar inexperiência; como se a vida a houvesse colocado num refrigerador. E conversamos – ela me trouxe um embrulho; era um livro de Ethel Smyth, com uma carta, que para encobrir o constrangimento que, supus, ela estaria sentindo, li em voz alta. Seu comentário foi, “A quantas milhas de distância isso tudo é de Cheltenham!” Então conversamos – mas o que ficou foi seu olhar faminto & angustiado & sua atitude mental. Ela parecia dizer por dentro, “Tudo me escapou. Aí estão Vanessa & Virginia, com as vidas repletas de livros & maridos & exposições. Tenho cinquenta anos, & tudo me escapou pelos dedos.” Isso eu deduzi pela pertinácia brincalhona com que ela a todo instante se referia a si mesma. Disse que o clima de Cheltenham é tão sonolento que muitas vezes ela não consegue pintar; & que depois do almoço elas tocam o gramofone; & na maioria dos dias ela vai até a casa da mãe em Bockhampton, onde gosta de se encontrar com o povo do vilarejo. As mulheres dos fazendeiros se cumprimentam com apertos de mão. Depois que a mãe morrer – mas ela só tem 80 anos & é firme como uma pedra – ela & Lily, que é politizada, mas claro, não compreende sua época de forma exata, vão morar em Harrogate, onde o clima não é tão sonolento & elas conhecem mais gente. Nada a distraía por muito tempo da sua preocupação essencial – não tive vida, & agora a vida está no fim. Até suas roupas sugeriam o mesmo velho tema. Uma modista lhe disse que se desfrutava mais da vida quando se está bem-vestido. De modo que ela estava testando esse conselho específico, na ordem de £8.8, na Pomeroy da Old Burlington Street. Porém isso também a preocupava & afligia. A bem da verdade poucas vezes tive uma percepção tão deprimente de sofrimento – ignóbil & insignificante demais para sequer ser chamada de sofrimento; melhor chamar de frustração, de não entidade; ser levantado de uma estante & ver as coisas passarem, “mas, enfim, sou preguiçosa demais – essa é a questão – caio no conforto”. Eu diria que caio no desespero. “O que podem três mulheres fazer sozinhas no interior?” Minha nossa, graças a Deus fui teimosa o suficiente para impor cada minuto da minha vida

desde que nasci! Esse desperdício com ninharias, esse estar à deriva & não se impressionar com nada – essa eterna restrição, esse tatear & talhar tudo em piadinhas & gracejos – isso é que é tão aniquilador. Mas com pouco dinheiro, pouca beleza, nenhum talento especial, somente o suficiente para que ela seja devastadoramente consciente de que os outros são mais talentosos, de modo que ela compare suas naturezas-mortas com as naturezas-mortas superiores de Margaret Gere & da escola de Costwold¹⁶ – o que se pode fazer? De que maneira se pode lutar? Como se pode saltar no lombo da vida & agarrar seu cangote? O que resta é apenas fazer troça, com amargura; & tornar-se egoísta & ansioso para dar explicações & justificativas; para lamuriar-se. O que achei mais patético foi que por volta das 5.30 ela se pôs a remexer suas luvas (ela nunca faz nada com ousadia & determinação) & dizer que precisava ir. Mas para onde? perguntei. Para a Politécnica ouvir uma palestra sobre literatura francesa. Mas por quê? “Ah, em Cheltenham nunca se ouve ninguém falar francês”. Minha querida minha querida, mas eu poderia lhe contar tudo sobre a literatura francesa, falei. Ela no entanto ficou naquele vai não vai; & se desejava mesmo ir ou ficar, não sei. E quando lhe perguntei o que iria fazer naquela noite, Bem, isso depende de quanto durar a palestra, ela disse, com uma risada fraca. Não vai a uma peça? Não, acho que vou fazer o que se chama de um lanchinho no hotel Temperance; – Deus do céu, repito mais uma vez. E não é que ela seja inconsciente & alheia: não, ela sabe que o cachorro está ali, & arqueia as costas & mostra a pata, mas com fraqueza & melindre demais.

Sexta, 21 de fevereiro

Não existem duas mulheres de contraste mais extravagante do que Marjorie Snowden & Ethel Smyth. Eu estava aqui deitada às quatro ontem quando ouvi a campainha tocar, depois passos pesados subindo as escadas; & pronto, vi uma velha militar de rosto largo (mais velha do que eu imaginava), que saltou para dentro da sala, de olhar meio vidrado, desalinhada & abrupta; com um chapéu de três pontas & um terno de alfaiataria.

“Deixe-me dar uma olhada em você.”

¹⁶ Margaret Gere estudou pintura em Birmingham e Slade, morava em Gloucestershire e era, tal como Snowden, membro do grupo de artistas Cheltenham Group. Era basicamente figurativista.

Isso terminado, Bem trouxe caderno & lápis. Quero perguntar.

Então a campainha tocou. Fui olhar. Depois sentamos para o chá. Primeiro quero entender a genealogia da família da sua mãe. O Velho Pattle – você tem uma foto? Não. Muito bem então – o nome das filhas dele. Isso durou todo o chá. Depois, no sofá, Ethel com as pernas esticadas no cesto de Pinker, conversamos incessantemente até as 7 – quando L. chegou. Conversamos – ela conversou consideravelmente mais do que eu. (Nas escadas, subindo para tomar o chá, pedi que ela me chamasse de Virginia; uns dez minutos depois do chá ela pediu que a chamasse de Ethel: estava tudo acertado; as bases de uma imperecível amizade travada em 15 minutos: – quanta praticidade; quanta rapidez;) & ela seguiu falando; ah sobre música – “Dizem que sou egoísta. Sou uma combatente. Eu sinto pelos desfavorecidos. Telefonei para Hugh Allen & sugeri um almoço¹⁷. Meu caro Sir Hugh – minha cara Ethel – aqui estão fatos que o senhor desconhece sobre seu próprio sexo. Acredite em mim ao vir a Londres preciso importunar, assediar – no fim, me prometeram 14 mulheres na orquestra. Quando cheguei vi apenas 2. Então comecei a dar meus telefonemas.” Ela tem uma veia, parecida com uma grande minhoca, na têmpora, que incha. Suas bochechas coram. Seus olhos desbotados cintilam. Sua testa é larga, redonda. Ela opta por cobri-la. Preciso ir a Bath ouvir as pecinhas do querido Maurice Baring; & depois vamos a (aqui Elly interrompeu) Rottingdean¹⁸. E preciso levar um terno para a noite. Isso é o que me preocupa. Só me sinto bem neste aqui – tenho outro que uso para orquestrar. E ainda preciso fazer as malas (aqui chega um abacaxi da mãe de Leonard que espera lá fora). “Minha criada? Mas ela é apenas um general – uma irlandesa. “Dra. (ela me chama de Dra.) Mrs. Woolf não quer vê-la. Aqui está outra carta dela – adiando o encontro.” Mas eu vim assim mesmo. E acaso isso não mostra que meu apetite pela vida ainda é grande? Não penso em nada há 10 dias senão em ver você. E agora essa amizade veio até mim.” Tão sincera & abrupta ela é, & todavia discriminativa – é perspicaz ao criticar Vita & suas amigas de segunda categoria –, que talvez daí saia alguma coisa atrevida em vez

Enid Bagnold

¹⁷ Sir Hugh Allen, professor de música na Universidade de Oxford e diretor do Royal College of Music.

¹⁸ Maurice Baring, um dos amigos mais próximos de Ethel Smyth, tinha uma casa em Rottingdean, perto de Brighton.

das banalidades expansivas. Gosto de ouvi-la falar sobre música. Ela escreveu uma peça – sobre o Prisoner de Brewster;¹⁹ & terá a alegria maravilhosa de orquestrá-la no verão. Diz que compor música é como escrever romances. Pensa-se no mar – naturalmente cria-se uma frase para isso. Orquestrar é colorir. E é preciso ter muito cuidado com a própria “técnica”. Faz rapsódias sobre A Room; sobre Miss Williamson²⁰; sobre o final de um livro de Maurice Baring. “Estou nas ruas. Pertencço às multidões. Existe algo de refinado & testado & experiente nela, para além do discurso inflamado & da rebeldia & do egoísmo – não tenho certeza se ela é a egoísta que as pessoas pintam. Ela disse que nunca quis a admiração dos outros & portanto poderá escrever música de qualidade até o fim. Tem de morar no interior por causa de sua paixão pelos esportes. Joga golfe, anda de bicicleta; deu para caçar dois anos atrás. Então caiu em cima do braço & ficou em desespero, porque para ela a vida estaria terminada se não pudesse praticar esportes. “Sou muito forte”, coisa que ela provou conversando até as 7.30 & depois comendo um pãozinho, tomando um cálice de vermute & indo embora para jantar macarrão quando chegasse em Worthing às 9.

“Vou lhe contar tudo a respeito” ela disse sorrindo para a criada, que lhe perguntou se sou uma mulher agradável. Uma ótima velha criatura, certamente, Ethel. Pronuncia “méringues” com excelente sotaque francês.

22 de fevereiro

Minha intenção era fazer um esboço de George – Sir George Duckworth²¹, como ele anunciou-se para Nelly – & de Lytton, que vieram inesperadamente de visita ontem – pois não vou até o estúdio antes de segunda; & portanto preciso fazer minha caneta andar amadoramente a meio-galope por aqui; mas dez minutos atrás me veio a ideia de um possível jornal; ideia que eu gostaria de adumbrar, antes de discuti-la com L. Penso em uma única página, com digamos 2.000 ou, se

¹⁹ Henry Brewster, um filósofo e escritor anglo-americano que Ethel conheceu em Florença aos 25 anos. Foi o único homem por quem se apaixonou; ele era casado, o que complicou aquele relacionamento já intenso. A última obra de grande escala dela, *The Prison*, era inspirada na obra *The Prison: A Dialogue*, de Brewster, que foi reeditada com um texto memorialista de Ethel Smyth em 1930. (AOB)

²⁰ Elizabeth Williamson, sobrinha-neta de Ethel Smyth e astrônoma e matemática, era professora do University College em Londres. (AOB)

²¹ George Duckworth recebeu o título de Sir em 1927. (AOB) VW faz uma piada com seu sobrenome, Duck sendo “pato” e Worth “equivalente”.

E em junho, Mr. Bott & Mr. Turner do Book Club ofereceram-me o cargo de editora de um periódico 3mestral: L. o está recusando neste exato momento (30 junho)

impressa frente & verso, 4.000 palavras. Arte, política, lit., música: um ensaio de um único escritor, a ser publicado em intervalos irregulares; enviado a assinantes; ao custo de 6d. De vez em quando apenas uma reprodução. Deverá ser uma declaração sobre a vida: algo que se queira dizer; & não um comentário qualquer. Pouquíssimo custo estaria envolvido. Teria uma elasticidade & uma urgência que faltam aos jornais comuns. Às vezes apenas uma imagem. Ficará sob mão de ferro minha & de L., para que tenha personalidade & uniformidade. Pode não sair um mês ou outro se necessário. Nenhum pesadelo de aparência regular. Uma circular assinada por mim & L. seria enviada. Jovens escritores convocados. Artigos assinados. Tudo o mais humilde possível, o menos ostensivo. The Hogarth News. O Jornal. – nome a se decidir. Veja bem eu gostaria de escrever sobre Scott esta semana, mas não posso, pq Richmond já enviou o livro para alguém. L. escreveria sobre política. Roger arte. Os jovens teriam sua chance. Se mantivéssemos os custos baixos, possivelmente eles poderiam ganhar £5 ou algo assim, & assinar os textos. Mas não podem ser ensaios – sempre –, deve ser de alguma maneira temático. Isso sendo suficiente para conversar depois do almoço – & hoje está um dia bonito & calmo & talvez vamos a Richmond experimentar minhas pernas numa caminhada –, vou obedientemente, como uma aluna de belas artes, fazer um esboço de Sir George. Primeiro sua papada: feita da mais fina carne semitransparente, de modo que temos vontade de fatiá-la quando se apoia, infinitamente tenra, sobre seu colarinho. À parte isso, ele é tão rígido quanto um tambor. Tem-se medo de que suas calças rasguem quando ele se senta, o que ele faz devagar, & levanta-se com dificuldade. Apesar disso algum sentimento enevado começa a formar-se entre nós. Ele fala de “Mamãe”. Eu diria que isso ecoa em mim alguma aparência sombria – bem – & depois ele não está mais em posição de me causar mal.²² As convenções dele me divertem. Imagino que essas afeições familiares sejam de certa maneira uma autoproteção. Ele preserva uma ou duas partículas do que há em mim – meu passado desconhecido; meu ser; de modo que se George morresse, eu teria a sensação de que parte de mim mesma estaria sendo enterrada. Suas histórias, quando começam,

²² Há indícios de que VW e Vanessa Bell foram abusadas pelos seus dois meio-irmãos. VW o relata em MB.

Ver o texto “Porcos” de Sir George Duckworth no Times de hoje. Os porcos são os mais inteligentes dos animais. Possui uma pequena vara de porcos de raça brancos.”

desenrolam-se à vontade – ele se sente imensamente à vontade – & caem dentro do bolso de sua sólida autoestima. Pergunto, E os porcos (os porcos de Chesterfield), & ele responde que a mulher do vaqueiro teve um parto muito longo. Margaret ficou bastante preocupada, Dalingridge ficou acesa a noite inteira. Tiveram de usar o telefone – mandar chamar o dr. A mãe da mulher dormiu na casa – & a história continua, cantando calidamente & com satisfação as qualidades de bons padrões – que, não tenho dúvida, eles são. E atira elogiozinhos a si mesmo – pediram que seja xerife. E quer saber se estou ganhando um dinheiro fabuloso – & dá risinhos com covinhas & me respeita por ter sido convidada a uma festa pelo prefeito. E ridiculariza Eddy Marsh por gostar da companhia dos importantes. E deplora a nudez nos quadros de Nessa – & então tagarela & gargalha & me dá sopa de tartaruga & conselhos sobre o preparo & então vai embora, para encontrar Henry & retornar a Dalingridge & o vaqueiro & os porcos – uma raça bastante incestuosa – & sua cozinheira Janet & seu Bronnie, que está em casa de licença da Marinha – bem, de fato parece que a vida humana é perfeitamente tolerável; a voltagem dele está absolutamente normal. O mundo foi feito para ele²³. Lytton veio depois do jantar, bastante maroto, lustroso, à vontade & sempre simpático. Leonard fez cigarros. Deitei nas almofadas do sofá ao crepúsculo. Lytton havia recebido um livro sobre Colombo [*Lives of Columbus*, de A. Hevesy e J. Wasserman] & nos contou a história, transformando-a em uma fantástica & divertida narrativa à la Lytton – Colombo era um fanático religioso maluco que navegou sempre para o oeste porque lera isso em uma profecia de Isaías; sua tripulação, condenados que tinham sido liberados da prisão; eles chegaram em Cuba & ele os fez assinar uma declaração de que ali era a Índia, pois aquilo era grande demais para ser uma ilha; & eles apanharam ouro & pedras preciosas & retornaram à Espanha; o Rei & a Rainha levantaram-se quando ele entrou. Aí estão todos os alimentos de um preparado de Lytton, narrado com gosto; ironia; certo senso do incongruente & do dramático. Então trinamos melodiosamente sobre Dadie & Cambridge; & Charlie; & assim por diante. Ele tem um novo gramofone agora. Está editando Greville²⁴. Está todo satisfeito também –

²³ George Duckworth tinha três filhos; Auberon e Henry eram os dois mais velhos. (AOB)

²⁴ Lytton estava envolvido numa longa campanha pela edição da edição sem cortes das memórias de Charles Greville (em 1888 havia sido lançada uma edição incompleta). Vinha trabalhando há seis meses

não pelos mesmos motivos que George; & muito bem preparado; & compra livros; & gosta de nós; & vai a Cambridge neste fim de semana. Estranho como nos lembramos tão pouco do que é dito de fato. Estou pensando no novo jornal.

1 de março

Para Hampstead
Garden [em 22 de
fevereiro]

E então saí para uma caminhada & trouxe comigo uma dor de cabeça, & portanto novamente fiquei de cama até hoje, sábado – um belo dia – quando nos propusemos ir – ah mil vezes Graças a Deus – para Rodmell, & lá descansar. Esse pequeno assunto levou 3 semanas, que para mim chegarão a 4, de inexpressividade não escrita. Porém não estou certa de que isso não seja exatamente o melhor para As Ondas. Estava exigindo muito da minha cabeça – Se há um livro que me drenou, foi este. Se tivesse juízo, eu ficaria em Rodmell por uma quinzena, sem escrever. Uma manhã dessas vou olhá-lo em meu quarto ensolarado.

Tive a estranha experiência, certa noite aqui, de perfeito descanso & satisfação. Todas as baionetas que me espetavam caíram por terra. Ali fiquei deitada (eu diria que por uma hora) feliz. E havia uma qualidade estranha. Nem uma ansiedade, nem uma agitação, em parte alguma. Ninguém viria. Nada para fazer. Toda a tensão cessou. Um navegar supremo com [*palavra ilegível*] através do domínio (é uma citação – acho que de Shelley – mas não faz sentido). Foi o mais raro dos meus humores. Não consigo me lembrar de outro. Talvez em Rodmell às vezes. Tudo se desliga. Depende se estive por algum tempo na agitação de Londres. Nenhuma necessidade de levantar & ver Sybil nem Ethel nem ninguém – que alívio supremo! E agora tenho a chance de matutar uma ideiazinha silenciosa. Ontem Doran Heinemann me ofereceu £2.000 para escrever a biografia de Boswell. L. está escrevendo minha recusa educada neste momento. Comprei a minha liberdade. A estranha ideia de que na verdade paguei para poder ir a Rodmell & pensar apenas nAs Ondas, ao recusar essa proposta. Se a aceitasse compraria casas, mesas & iria à Itália; não vale a pena. Ontem fomos ao n. 57 da Russell Sqre q. talvez compremos. Mas eu tenho bastante receio do barulho & do tamanho – não sei. Uma linda vista.

no British Museum com os originais, auxiliado por Ralph Partridge e Frances Marshall. A edição completa acabou sendo publicada em oito volumes em 1938, concluída por Roger Fulford após a morte de Lytton. (AOB)

3 de março

Rodmell novamente. Meu quarto novo novamente. Crianças brincando na escola. Um dia espesso azul cinzento cor de pérola; gotículas de água na janela. Se a saúde pudesse ser exibida num termômetro a minha teria aumentado 10 graus desde ontem, que passei deitada, roendo os ossos de Dodo: se ele tivesse ossos;²⁵ agora estou sentada na cama, mas não consigo me obrigar a ir até lá embaixo trazer um manuscrito para ler. Apesar disso a curiosidade começa a se atigar. Tal é o efeito de 24 horas por aqui, & uma caminhada de 30 minutos nos baixios. O sol irrompe, num impulso, de trás das nuvens. Tremendos bandos de pássaros estão voando – & os trens como sempre com a fumaça inclinada para trás como as orelhas caídas de um coelho encontrando-se sob o monte Caburn.²⁶

Molly Hamilton escreveu um romance horroroso de m—a.²⁷ Teve a pachorra de construir um método de contar uma história; & depois o atulhar com os mais medonhos, os mais confusos molambos. Quando paro de ler uma página com atenção fico chocada com os trapos de seu inglês. É como ouvir uma conversa de cozinheiros & assistentes de cozinha; ela mal articula as coisas, escreve tudo rapidamente, imagino, em blocos de papel, apoiados nos joelhos; na Câmara dos Comuns quem sabe, ou no Metrô. E a qualidade da emoção é muito espessa & imatura; emoções de pintoras de segunda categoria, de rapazes com espinhas cheios de marcas: não sei como ela consegue transmitir tal imagem da ralé sem ter talento: & tem ainda a nota pedal suave; a nota pedal nobre; & nenhuma sagacidade; nem precisão; nenhuma palavra que se sustente sozinha; mas, em vez disso, uma se pendura no ombro da outra – meu Deus que estilo! Que mente. Tem energia & certa habilidade – demonstrada principalmente pelo método; mas ele se quebra; & também ele é laboriosamente posto de pé. Agora, estando ainda com o ritmo mental frouxo, preciso ler *Sea Air* – um bom original.²⁸

²⁵ *Dodo* foi um romance famoso de E.F. Benson em que a heroína homônima é baseada em Margot Tennant (Mrs Asquith) e sua amiga Edith Staines em Ethel Smyth. (AOB)

²⁶ Essa mesma imagem dos trens aparece na entrada de 7 jan. 1920 e também em *As ondas*. (AOB)

²⁷ Mary Agnes (Molly) Hamilton, escritora e jornalista, que VW encontrara frequentemente nos anos logo após a guerra. Fora eleita membro do Parlamento pelo Partido Liberal em 1929, e seu último romance se chamava *Providence*. (AOB)

²⁸ Autor não identificado. *Sea Air* era o título de um livro escrito pela escritora popular Isobel C. Clarke, publicado em 1932, mas segundo AOB seria improvável que este tivesse sido submetido à análise da Hogarth Press. (AOB)

²⁹só porque preciso comprar um vestido para mim esta tarde & não consigo pensar em qual quero, não consigo escrever. Escrevi, razoavelmente bem – mas que livro difícil – As Ondas; mas não consigo continuar depois das 12; & agora devo escrever aqui, por 20 minutos. Minhas impressões de Margaret [Llewelyn Davies] & Lilian [Harris] em Monks House foram grandes bolos de casacos cinzentos; mechas de cabelo desmazeladas; chapéus moles & caseiros; meias de lã grossas; sapatos pretos, muitos xales, bolsas molambentas, & disformidade, insipidez & descoloração indescritíveis. Uma tragédia anunciada. Enfim, Margaret merecia mais da vida do que esse final desalinhado & indistinto. As duas estão numa pensão – como sempre, que tem, como sempre, uma maravilhosa cientista cristã como proprietária; foram, de certa maneira rejeitadas pela vida ativa; ficam sentadas, talvez tricotando & fumando cigarros, na sala onde fazem as refeições, onde sempre existe um prato de laranjas & bananas. Duvido que tenham o suficiente para comer. Elas me pareceram flácidas & sem sangue, dispersas em nacos de carne um tanto sem cor; tendo abandonado qualquer relacionamento com os espelhos. Assim, mostramos-lhes o jardim, servimos-lhes chá (acho que há seis semanas um bolo com cobertura não aparecia na frente de Lilian) & depois – ah a impressão desoladora das pessoas encalhadas, que esperam ser energizadas; à deriva – lanosas & peludas. (É estranho como a impressão visual domina.) Surge uma centelha azul clara intensa nos olhos de Margaret, vez ou outra, Mas ela não saía da pensão há 5 semanas por causa do vento leste. Seu intelecto amoleceu & enrugou-se, de tanto ficar sentada dentro de casa com laranjas & cigarros. Lilian está praticamente surda como uma pedra, sua fala se embola & esfarela, & só emerge com clareza uma única vez, para discutir política. Algo cegou o fio de Margaret, enferrujou-o, desgastou-o, muito antes do tempo. Será que a velhice precisa ser tão disforme? A única escapatória é exercitar a mente. Vou escrever uma história da literatura inglesa, acho, nessa época. E vou caminhar. E comprar roupas, & arrumar o cabelo, & obrigar-me a jantar fora. Mas talvez a vida se torne repetitiva, & deixemos de nos dar ao trabalho; fiquemos satisfeitos de ser

²⁹ Aqui AOB quebrou numa nova entrada intitulada Terça, 11 de março.

empurrados para dentro dos carros. M. tem seu passado trágico. Para mim está agora patética – conciliatória & nervosa, quando antes era mordaz & severa. Janet [Case] diz ela faz anotações sem parar; as irmãs ficam ao seu lado eternamente para que convalesça; & Emphie outro dia salvou o cachorrinho branco das duas de um bando enlouquecido de galgos de corrida, & o apanhou, morto a mordidas, nos braços. Esse é o tipo de aventura que só acontece com mulheres idosas solteiras, nas quais isso causa uma impressão tremenda & dolorosíssima – tão indefesas elas são, tão incapazes de atirar para longe a manta úmida que as rodeia. O que sinto falta é da cor, da energia, de alguma reflexão clara sobre o momento. Vejo essas meias grossas & essas mechas de cabelo grisalho por toda parte.

17 de março

O teste de um livro (para um escritor) é [ver] se ele abre um espaço no qual, com grande naturalidade, seja possível dizer o que se deseja dizer. Pois bem, esta manhã pude dizer o que Rhoda disse. Isso prova que o livro está vivo: pois não esmagou aquilo que eu desejava dizer, mas permitiu que eu o inserisse nele, sem nenhuma compressão nem alteração.

28 de março

Sim, mas esse livro é um negócio muito esquisito. Tive um dia de euforia quando disse Filhos não são nada comparado com isso: quando parei para imaginar o livro completo, & briguei com L. (sobre Ethel Smyth) & saí para caminhar & espairecer, & senti a pressão da forma – o esplendor & a grandeza – como talvez nunca os senti antes. Mas não vou me apressar com ele graças à euforia. Continuo labutando; & acho que é o mais complexo, o mais difícil de todos os meus livros. Como terminá-lo, senão com uma tremenda discussão, em que cada vida tenha a sua voz – um mosaico – um ----- . Não sei. A dificuldade é que está tudo em alta pressão. Ainda não dominei a voz que fala. Porém existe alguma coisa ali; & minha proposta é continuar labutando no livro, arduamente, & depois reescrevê-lo, lendo boa parte em voz alta, como se fosse poesia. Ele suportará expansão. Está compactado, acho. É – não importa no que eu o transforme – um tema grande & cheio de potencialidades – que Orlando não foi, talvez. Seja como for, saltei meu obstáculo.³⁰

³⁰ Referência ao seu “princípio” na vida, ver 14 set 1925.

Cheguei agora de um chá com Nessa & Angelica. Um belo dia de primavera. Caminhei pela Oxford St. Os ônibus estão presos com uma corrente. Pessoas brigam & se enfrentam. Derrubam umas às outras da calçada. Velhos sem chapéu; um acidente de carro; &c. Andar sozinha em Londres é o melhor descanso.

1 de abril

E agora temos de ir jantar com Raymond, nesta noite bastante potente, surpreendentemente empolgante & quente. Sento com a janela aberta & ouço um zumbido, vejo uma janela amarelada abrir-se no hotel: voltei a pé da Leicester Square. Que estranhas memórias estarão misturadas a esta noite, eu perguntei. Alguma coisa de uma noite muito suave, um tanto mística, nada febril nem difícil; não; à beira mar; azul, gentil. E dei uma passadinha na modista. Ela é desdentada. Estava dando pontos. Disse como uma amiga, Mrs Woolf estamos de mudança. E imaginei se a senhora não se importaria se eu deixasse os pontos por fazer pois meus olhos estão doendo. Tudo que é dito esta noite é gentil & feliz, & parece nos lançar em uma espécie de maré suave. Não consigo exprimir isso direito, naturalmente. Nessa está em Charleston. Eles vão abrir as janelas; talvez até se sentem à beira do lago. Ela irá pensar, Isso é o que criei em anos de trabalho ignorado – meus filhos, minha filha. E se sentirá perfeitamente satisfeita (do modo como imagino) Quentin indo buscar bebidas; Clive num excelente humor. Pensarão em Londres com desgosto. E contudo é uma cidade muito empolgante; vou beber meu vinho no Raymond; & tentar extrair qualquer coisa de Lytton. Portanto preciso me trocar.

4 de abril

Estou tentando esboçar meu último capítulo – sem sucesso; de modo que vou usar 10 minutos para anotar minhas observações da casa de Raymond. Especialmente sobre o ambiente de sodomitas. O rosto de Lytton se iluminou de amor & enlevo quando troquei as mulheres encantadoras, com todas as suas qualidades, por Mr Williamson, brilhante & belo, mas desconhecido, de Oxford. Raymond sentou-se no braço da poltrona de Lytton. Morgan chegou de Meleager: E fui ver Ronnie nos bastidores. Ele estava muito bonito de shorts.³¹ Eddy

³¹ Esta frase é de E. M. Forster, não de VW. Exemplo de como usa o mesmo recurso de saltar de sua frase para a dos outros que usa em seus livros de ficção. Ver também como em seguida ela alterna, entre parênteses, seus pensamentos sobre a criação de *As ondas*.

chegou da última sessão de Cochran.³² Teve de ficar de pé & estava (mas agora estou criando *As Ondas*) irritado. (o que falta ao livro é humor). Enfim, disse ele, Ensor (esqueci o resto) estava lindo de terno branco –, os outros eram um horror. Diante disso os outros sodomitas eriçaram as orelhas & ficaram com ar bobo. Quero dizer, dando risinhos, recatados. Um ambiente completamente secreto, íntimo, que girava em torno de um único objeto; todos gostavam das mesmas coisas. Raymond uma ou duas vezes me recriminou irritado, de modo mal-educado (ele é malcriado, ao menos no tom de voz), por achar que eu estava observando, caçoando. Contou-me que Gerbault odiava as mulheres; em seguida disse que eu não devia acreditar em todas as histórias de D'Annunzio & Duse: existia outro lado; *e/á* é que o tinha maltratado.³³ Um protesto áspero & inoportuno. Uma foto de Stephen Tennant (Siegfried Sassoon vai ao mesmo alfaiate) de túnica, de pose, passou de mão em mão; & outra de garotinhos num colégio interno. Morgan me parecia um estranho, discutindo as belezas do enteado de Hilton Young.³⁴ “Ele patina magnificamente” (depois, em voz baixa, criticou o comportamento de uma mulher qualquer). Tudo isso me deixou uma impressão de mexericos, em segredo, em risadinhas. Como se eu tivesse entrado num urinol.

Quarta, 9 de abril

O que acho agora (de *As Ondas*) é que consigo em pouquíssimas pinceladas esboçar o essencial do caráter de uma pessoa. Isso tem de ser feito com ousadia, quase como uma caricatura. Ontem comecei o que pode ser a reta final. Como todas as demais partes do livro, está indo aos solavancos. Nunca arranco demais com ele; acabo sempre puxada para trás. Espero que isso resulte em solidez; & preciso ficar atenta às frases que escrevo. O abandono que senti em *Orlando & Farol* é muito prejudicado pela extrema dificuldade da forma – como aconteceu em *Jacob's Room*. Penso que essa é a maior evolução até

³² Mr. Williamson, não identificado. *Meleager* era uma tragédia escrita em versos por R.C. Trevelyan que estava sendo encenada pela Players Company. *Cochran's 1930* era a mais recente das montagens de C.B. Cochran. (AOB)

³³ Alain Gerbault, navegador francês e ex-tenista profissional, havia circunavegado o mundo sozinho entre 1925-9. Gabriele D'Annunzio, poeta italiano, romancista e dramaturgo cuja relação com atriz italiana Eleonora Duse era completamente teatral. (AOB)

³⁴ Edward Hilton Young, membro do Parlamento pelo Partido Conservador, que um dia VW considerara como um possível marido. Em 1922 se casara com a viúva do capitão Scott, e seu enteado era Peter Scott, artista e naturalista. (AOB)

agora; mas é claro que pode fracassar em algum ponto. Acho que me ative estoicamente à concepção original. Meu medo é que, ao reescrever, eu tenha de ser tão drástica que acabe deixando tudo um caos. Provavelmente será bastante imperfeito. Mas acho possível que eu tenha conseguido erguer minhas estátuas contra o céu.

Sexta, 11 de abril

Ontem passeamos pelas estufas de Waddesdon com Mr Johnson.³⁵ Linhas vermelhas solitárias criavam raízes na areia. Ciclamens às muitas centenas. Azaleias reunidas aos montes como bandas militares. Cravos em diferentes estágios. Vinhas colhidas por trabalhadores dedicados. Nada tinha mais que 40 anos, mas agora estava pronto, à perfeição. Uma figueira com mil galhos finos. As estátuas cobertas, como cavalos mortos, com lençóis. Tudo morto. Produzido, plantado, colocado no lugar no ano de 1880 ou próximo disso. Uma única flor teria me dado mais prazer do que aquelas dúzias & mais dúzias. E ainda tinha o calor, a ordem, a precisão & a organização. Mr Johnson como uma nectarina, firme, vermelho, maduro. Aprendeu tudo com Miss Alice, & aceitou como salário a admiração. Sir é como ele nos chamava.

Sábado, 13 de abril

Leio Shakespeare *tão logo* termino de escrever, quando minha cabeça ainda está embasbacada, vermelha & quente. Então é surpreendente. Nunca soube de fato como eram impressionantes seu alcance, seu ritmo & seu poder de cunhar palavras até senti-los suplantarem & ultrapassarem os meus completamente; parece que começamos em pé de igualdade & então eu o vejo abrir distância & fazer coisas que nem no mais insano tumulto & com a máxima pressão mentais eu seria capaz de imaginar. Até as peças piores & menos conhecidas foram escritas com uma velocidade mais veloz do que a mais veloz de qualquer outra pessoa; & as palavras caem tão rápido que é impossível apanhá-las. Olhe isso, Upon a gather'd lily almost wither'd (essa foi puro acidente: dei com ela por acaso).³⁶ É evidente que a maleabilidade de seu intelecto era tão completa que ele era capaz de lustrar qualquer linha de

³⁵ Os Woolfs foram visitar o irmão Philip de LW em Upper Winchendon, e à tarde foram levados para ver as estufas de Waddesdon pelo jardineiro, Mr Johnson. James de Rothschild, que herdara Waddesdon da sua mãe, Miss Alice, havia indicado Philip Woolf (seu parente via casamento) como administrador da propriedade. (AOB)

³⁶ "When I did name her Brothers, then fresh tears/ Stood on her cheeks, as doth the honey-dew/Upon a gather'd lily almost wither'd." (Tito Andrônico, III, i.) (AOB)

raciocínio; &, tranquilamente, derramar tais flores despercebidas. Por que então alguém deveria tentar escrever. Isso não é, de maneira nenhuma, “escrever”. De fato, eu diria que Shre ultrapassa toda a literatura, se eu soubesse o que quero dizer com isso. O que eu queria era fazer uma observação sobre as estufas de Waddesdon. Havia canteiros de hidrângeas, a maioria de um tom profundo de azul. Sim, disse Mr Johnson, Lord Kitchener veio até aqui & perguntou com as tingíamos de azul... Eu disse que se põem coisas na terra. Ele disse que também fazia isso. Mas às vezes, apesar de todo o cuidado, elas saem com um borriço de cor-de-rosa. Miss Alice não tolerava isso. Se houvesse algum resquício cor-de-rosa, já não servia. E nos mostrou uma hidrângea com pétalas metalizadas. Não, não servia para Miss Alice. Pensei, quanta loucura, & como é fácil aferrar a cabeça de alguém à azulzice das hidrângeas & fazer com que Mr. Johnson pense apenas na azulzice das hidrângeas. Ele costumava procurá-la todas as noites, uma vez que ela mal recebia visitas, & os dois conversavam durante duas horas sobre plantas & política. Como é fácil enlouquecer com a azulzice das hidrângeas & não pensar em mais nada.

Quarta, 23 de abril

Esta é uma manhã importantíssima na história dAs Ondas, pois creio que dobrei a esquina & avistei a reta final à minha frente. Acho que Bernard está no trecho final. Daqui ele segue direto, & depois ficará à porta; & então virá a última imagem das ondas. Estamos em Rodmell, & eu diria que vou ficar mais um ou dois dias (se tiver coragem) para não quebrar o ritmo & terminar o livro. Ah meu Deus & depois descanso; depois um artigo; & depois de volta para o odioso trabalho de moldar & modelar. Apesar de que pode haver alegrias nisso também.

Sábado 26 de abril

Por não receber cartas há 3 dias sinto meu balão murchar. Todo o globo semitransparente a q. minha fama me prende se furou; sou um mero bastão. Essa sensação é muito sadia; & cinzenta; & não de todo desagradável, embora monótona.

Domingo, 27 de abril

Uma aventura estranha, voltar & encontrar Lottie na casa (sua grande caixa sob a mesa da cozinha), depois de ter sido mandada embora por Karin por roubo. Ela foi enviada com um policial até a delegacia. Vai dormir aqui esta noite. E vou ver Karin.

Terça, 29 de abril

E eu acabo de terminar, com essa mesma ponta de caneta cheia de tinta, a última frase de *As Ondas*. Creio que preciso registrar isso para a minha própria informação. Sim, foi o maior esforço mental que já experimentei; essas últimas páginas certamente – acho que não são um fracasso tão grande quanto o de costume. E acho que me mantive total & asceticamente ao plano. Isso é o que digo a mim mesma para me parabenizar. Porém jamais escrevi um livro tão cheio de buracos & remendos; vai exigir uma reconstrução, isso sim, não uma simples remodelação. Desconfio que a estrutura não funcione. Não importa. Podia ter produzido algo fácil & fluente; & esse é um avanço depois da visão que tive, no verão infeliz – ou naquelas três semanas – em Rodmell, após concluir *O Farol*. (Falando nisso – preciso logo providenciar alguma outra coisa para meu espírito, senão ele novamente ficará todo perfurado & destruído – algo criativo, se possível, & leve; pois irei me cansar de Hazlitt & de críticas passado o primeiro & divino alívio –. & tenho a agradável consciência de várias elucubrações em algum lugar da minha mente; uma biografia de Duncan; não, alguma coisa sobre telas brilhando num ateliê: mas isso pode esperar.)

À tarde.

Preciso correr até lá em cima, enfiar a cara pela porta & contar a Leonard, & perguntar sobre Lottie, que está procurando onde ficar; & aliás prejudicou o trabalho de ontem, receio eu, com as vicissitudes dela. E penso comigo mesma enquanto caminho por Southampton Row, “Eu lhe dei um novo livro.”

Quinta, 1 de maio

E arruinei minha manhã completamente. Sim isso é literalmente verdade. O Times me enviou um livro, como se tivessem sido avisados pelos céus da minha liberdade, &, sentindo que minha liberdade corria solta dentro de mim, fui correndo ao telégrafo & disse a Van Doren que escreveria sobre Scott. Mas agora, tendo terminado de ler Scott, ou o editor animado & impertinente que Hugh indicou para dar um trato nos fragmentos saborosos, não posso & não vou³⁷: fiquei aflita tentando lê-lo & escrevi a Richmond para avisar que não posso; & assim desperdicei esse brilhante primeiro de maio, que pinta a minha claraboia de azul &

³⁷ Irita van Doren estava ansiosa para publicar novos artigos de VW no *New York Herald Tribune*. O livro *The Private Letter-Books of Sir Walter Scott*, editado por Wilfred Partington, acabou não sendo resenhado por VW, e trazia uma introdução de Hugh Walpole. (AOB)

dourado; & tenho apenas uma pilha de lixo na cabeça; não consigo ler, nem escrever, nem pensar. A verdade, claro, é que desejo voltar para As Ondas. Sim, a verdade é essa. Completamente ao contrário de todos os meus outros livros, diferente deles, tão logo começo a reescrevê-lo já o concebo de novo com ardor, logo depois de terminá-lo. Começo a enxergar o que eu tinha em mente; & desejo começar a cortar as massas de irrelevância, & desbastar, afiar, fazer as frases boas brilharem. Uma onda após a outra. Nada de espaço, &tc. Mas vamos para a Cornualha & Devon no domingo, o que significa uma semana de folga; & então talvez eu obrigue meu cérebro crítico a fazer o trabalho de um mês, para exercitá-lo. O que eu poderia lhe dar? Um conto? – não, outro conto não, agora. Talvez o conto sobre a meia-irmã de Miss Burney,³⁸

Domingo, 18 de maio

O negócio agora é viver com energia & domínio, desesperadamente. Despachar cada dia com autoridade. Encurtar o trabalho diário muito mais do que de costume. De modo a não devanear & definhar, contemplando isso ou aquilo. Fazer o que aparecer pela frente com decisão; ir à entrega do prêmio Hawthornden com rapidez & leveza; comprar um casaco; ir a Long Barn; à escola de Angelica; liquidar o trabalho da manhã (Hazlitt agora) & depois me aventurar. E então, quando liquidar as providências, ir direto a uma loja & comprar uma escrivaninha, uma estante de livros. Chega de arrependimentos & indecisões. Esse é o jeito certo de lidar com a vida, agora que tenho 48: torná-la mais & mais importante & vívida à medida que chega a idade. Tudo isso está ótimo; mas & se Nelly então cair doente dos rins & tiver de ser operada? Grave & seriamente, uma quinzena inteira foi arrancada de minha vida; pois tive de ir ver Elly, comprar comida, fazer arranjos com Tauplin, com o hospital, ir até lá de ambulância. Minha cabeça, para trabalhar, precisa estar bastante distendida & sem ondulações. Mas foi estilhaçada em pedacinhos. Graças a um grande esforço consegui escrever sobre a Women's Guild. E estou considerando começar a trabalhar em As Ondas. Tive uma pausa de 6 semanas do livro. O problema é que mais uma vez esta manhã foi arruinada porque fiquei

³⁸ "Fanny Burney's Half-sister" foi publicado pelo *TLS* em 28 ago. 1930, e depois em duas partes, com o título "Evelina's Half-Sister", no *New York Herald Tribune* em 14 e 21 set. 1930. (AOB)

esperando por uma faxineira, que não apareceu. E Lyn & Sir R. virão aqui tomar o chá³⁹.

15 de junho

Quantos furos! Nada foi dito de nossa viagem pelo Oeste; nada sobre a cirurgia de N.; nada de Taupin, que perdeu minha chave quebrou copos & cozinha com a inspiração desanimada de quem um dia na vida já cozinhou bem; & nada sobre o alívio divino das minhas noites tranquilas, sem criadas; de como vamos jantar no Cock & dizemos um ao outro, isso não podia durar para sempre? & ainda de como telefonei para Mrs. Walters;⁴⁰ & que esse experimento, árduo, começa amanhã. Leonard não sabe lidar bem com uma crise. Quero dizer, a cautela faz com que ele puxe as rédeas. Ele prevê obstáculos. E tem um lado filantrópico também, de que desconfio. Precisa ser bom com quem depende dele. Estou apressada demais para ampliar essas observações. Seja como for, Mrs W., uma americana com vontade de trabalhar, foi jornalista, é uma intelectual, & começa a trabalhar aqui amanhã; assim como já vieram Miss Ritchie, or Lyn Eirven. Eu tenho de lhe dar ordens; ela de preparar a gororoba. Será que vai dar certo? que vai durar? Enfim – todas as minhas frases começam com enfim – uma experiência interessante.

16 de junho

Mrs. Walters está aqui agora. E pergunta, “O que a senhora deseja de uma faxineira?” Mas aí vassouras novas &tc. De certa maneira ela não é jovem; é um tanto velha & enrugada; não, mais nova que eu; mas com um rosto duro, acho; porém me contenho para não quebrar sua casca. O interesse será ter uma nova perspectiva em relação às tarefas domésticas. Minha experiência é agora meu ídolo. Conseguirei me satisfazer com menos? Quantos litros? Quantos gramas de manteiga? Ah livrar-se de criadas!; – pois todas as emoções que elas geram – confiança, suspeita, benevolência, gratidão, filantropia – são necessariamente ruins. E agora vieram depositar Nellie aqui para passar

³⁹ Esse parágrafo parece ter sido acrescentado no final de maio – uma vez que a caneta está diferente e Nelly Boxall foi hospitalizada em 28 mai. Mrs Tauplin era uma faxineira idosa recomendada por Vanessa e Helen Anrep. Margaret Llewelyn Davis convencerá VW a escrever uma introdução à coletânea de cartas de mulheres da cooperativa que ela estava editando; *Life as We Have Known It* saiu pela HP em março de 1931. Sir Ronald H. Storrs, diplomata, era amigo de Ethel Smyth e, nessa época, governador de Chipre. Em 29 mai. a HP instalou uma nova tipografia; a antiga foi doada a Vita, e até hoje se encontra em Sissinghurst. (AOB, modificado por mim)

⁴⁰ Mrs. Walter trabalhou como faxineira e cozinheira para os Woolfs por seis semanas, até que eles fossem a Rodmell passar o verão. (AOB)

o dia conosco; ela recebeu alta do hospital praticamente sem aviso. É engraçado testemunhar o conflito entre L. & eu. Eu defendo (por dentro) Walters; ele (secretamente) Nelly. Se os livros estão muito altos, ele se regozija em segredo. Se a comida está boa, eu rebaixo em segredo a de Nelly. Estranho como as antigas cenas azedam o meu humor – como me sinto pouco disposta em tê-la de volta. Em parte porque o silêncio é uma benção; & em parte por ficar livre da presença das classes baixas. É com um verdadeiro calafrio que penso na ideia dela assumindo o controle de novo. E no entanto ela está prestativa agradável afetuosa; & não consigo me obrigar a ter uma conversa séria com ela como deveria. A todo momento eu a vejo me pedindo “saia do meu quarto”.

Mas basta – uma frase útil.

Não sei por quê, mas deixei de lado este livro. O verão está a todo vapor. Este ano seus elementos são Nessa & Duncan, Ethel Smyth, Vita & reescrever *As Ondas*. Estamos muito prósperos. Ao fazer a contabilidade do semestre, descobrimos que cada um ganhou £425: & o ano que vem está garantido, graças às vendas colossais de *The Edwardians* – que batem na casa dos 20.000. E nem é um bom livro.⁴¹ Ethel Smyth chega de visita; veio ontem por exemplo, quando eu dedicava tão metodicamente a manhã a terminar a composição em tipos da última página de *Sobre Estar Doente*; ouvi a campainha, subi, & vi uma faxineira velha com casaco de alpaca branco; pedi que sentasse, liberei-a de suas caixas de papelão, repletas de cravos brancos, & olhei para seu monumental rosto de coronel velho (enfeitado com um colar inadequado, pois ela estava indo almoçar com Beecham)⁴². Em geral recebo duas cartas por dia. Eu diria que os antigos fogos do safismo estão ardendo pela última vez. Em seu apogeu ela deve ter sido formidável – implacável, tenaz, precisa, rápida como um raio, confiante; com algo da objetividade & [palavra ilegível] do gênio, embora digam que ela componha como um mestre pedante da música alemão. Seu estilo ao escrever memórias, entretanto, é admirável – ela passou pela vida a todo galope, acumulando uma quantidade surpreendente de

⁴¹ As vendas de *The Edwardians*, de Vita Sackville-West, publicado em 29 mai. 1930, superaram todas as expectativas. A tiragem inicial de 3.030 exemplares logo teve de ser reimpressa, a 19 jun. o livro já havia vendido 18 mil cópias. (AOB)

⁴² Uma edição limitada especial de 250 exemplares assinados de *Sobre Estar Doente* seria publicada em novembro. Sir Thomas Beecham, maestro e empresário, idolatrava a música de Ethel Smyth e fez grandes esforços de divulgá-la. (AOB)

observações com as quais preenche suas conversas, a ponto de quase deixar L. à beira de um ataque de nervos. Uma das falas dela durou 20 minutos ininterruptos, ele disse, na outra noite. Estávamos de saída para um piquenique com Nessa & Duncan em Ken Wood. A inaptidão sublime dos dois me fez rir & fez Ethel rir & Eddy fechar a cara. Ficamos lá na garagem, sem fôlego, tontos, fedendo. Daí fomos a Gower Street. A noite se aproximava & o vento aumentou. Caiu um chuvisco. Nós nos arrastamos de volta até Hampstead. A casa estava cadavérica; os rododendros descorados. Onde jantaríamos? Melhor voltar a Fitzroy St. – foi o que fizemos, & jantamos sanduíches & morangos por volta das 10 com a maior das alegrias. Ela é uma velha ave topa-tudo – uma velhice completamente superior à de Margaret em termos de vitalidade.

E para falar a verdade⁴³, nos 15 minutos que me restam antes de eu subir para comer o almoço frio & delicioso mas um tanto caro de Mrs. Walters – para falar a verdade estou um pouco chateada, tanto com Margaret quanto com Mr Birrell. Foram dois gestos de bondade da minha parte: o artigo sobre a Women's Guild & o artigo sobre B.⁴⁴ Nenhum dos dois me agradeceu. M. mandou um cartão-postal. E eu que passei duas ou quem sabe até 3 semanas escrevendo aquela introdução; trabalhando sem parar. Jamais – a moral da história é essa – escreva um texto por bondade. Jamais se disponha a usar sua própria arte como um gesto de amizade. E portanto se recuse a escrever sobre Maurice Baring, caso ele peça.

Encontramos uma fila de pessoas junto à janela quando entramos na sala de estar de Ethel quinta-feira passada – a Duquesa de Sermoneta, M. Baring, & Joyce Wethered.⁴⁵ Posso contar a história?, falei para Maurice enquanto nos arrastávamos atrás de Joyce – & Ethel corria como uma louca atrás de seu grande cachorro peludo –; eu disse, “Esta festa parece a festa de um livro – como aquela em Box Hill de Jane Austen [*em Emma*].” Tinha um ambiente, uma formalidade & uma definição que a transformavam em um verdadeiro entretenimento – com

⁴³ Não tem data, apenas um espaço, no original. AOB inseriu “Domingo, 6 de julho”.

⁴⁴ Devido à insistência de Miss MacAfee, VW ofereceu escrever um artigo sobre *Collected Essays*, de Augustine Birrell, que foi publicado na *Yale Review* em jun. 1930. (AOB)

⁴⁵ Campeã do Aberto Britânico Feminino de Golfe em 1922, 1924, 1925 e 1929, estimulava a paixão de Ethel Smyth por esse esporte. O evento foi uma festa oferecida por Ethel em sua casa, em Woking. (AOB)

trechos lentos, crises, lapsos, ápices. Todos tivemos de ir nos lavar. Todos tínhamos de fazer isso ou aquilo. A casa de Ethel é melhor do que eu esperava. Tem mais beleza & mais conforto do que eu poderia supor, a julgar pelo seu casaco de alpaca. Rosas vermelhas & brancas cobriam as paredes. Havia flores exuberantes nos canteiros. Tudo era cintilante, iluminado. As paredes são de chapisco, brancas; & não há um móvel que tenha custado mais do que uma ou duas libras – a maioria é mobília antiga de escola, que ela adora graças à sua intensa imaginação egoísta. “Era ali que eu sentava, quando Mary tocava piano... E eu dizia, Mary⁴⁶, poderia tocar Sol sustenido em vez de Sol... Esta é a cama – Virginia você pode ficar neste quarto quando dormir aqui – onde Sargent costumava dormir, deitado atravessado (pois é uma velha cama de ferro). E estes são meu pai & minha mãe – a artista era *e/a*...” Mas a impressão que eu tive foi de um espírito muito genuíno, arejado; uma personalidade livre, completamente energizada – sem impedimentos nem inibições –, a mais solta das conversas com Maurice. “Conheci um sobrinho seu, Ethel, com dois nomes.” “Ora, capaz de ter conhecido mesmo – com dois nomes”. Não, não consigo transmitir a amplitude, a abertura, a naturalidade, a boa educação & o caráter dela. Estranhamente, ela é muito mais desenvolta como anfitriã do que como convidada; não fala tanto; é arguta & rápida, & tem uma facilidade deliciosa de convidar & atrair as pessoas, como Lady Balfour & Mrs Lyttelton, da vizinhança. Enquanto eles ficavam no sofá eu, bebericando champanhe, conversava furiosamente com Maurice B., que estava da cor de uma lagosta & tremia, sobre livros. Existiam 5 pessoas que costumavam me ajudar: estão todas mortas agora. Ele teve sua cota de tristezas: não sei quais: amou mulheres, eu diria.

E fui mais uma vez a Woking⁴⁷ na terça-feira (escrevo isto esperando Vita, numa tarde bastante fria & úmida. Ela vai nos levar para olhar um guarda-roupas. Vou comprar um dourado, acho. Bem, está muito chuvoso, & estou um tanto desalinhada, depois de transformar 2 artigos em um &tc⁴⁸. E não vou jantar (aqui)

⁴⁶ Mary, irmã de Ethel, casou-se com Charles Hunter e torrou sua fortuna em festas e em ser patrona de artistas, músicos, escritores. Foi muito amiga do pintor americano John Singer Sargent, que alcançou uma posição de destaque na alta sociedade inglesa graças a seus retratos dos abastados. (AOB)

⁴⁷ Não há quebra, mas AOB deu e inseriu data: “Segunda, 21 de julho”.

⁴⁸ VW estava transformando as duas partes de “Evelina’s Step Sister” em um único artigo para o TLS. (AOB)

23 de julho

Edith Sitwell engordou muito, usa uma grossa camada de pó facial, pinta as unhas de prateado, usa turbante & mais parece um elefante de mármore, como o Imperador Heliogábalo.⁴⁹ Nunca vi tamanha mudança. Está madura, majestosa. Os dedos cobertos de coral branco. No geral parece serena. Muitas pessoas estavam presentes – & ela no controle. Mas apesar de tão serena, olha de soslaio, humorada. A velha Imperatriz relembra seus dias de vadiagem. Todos nos sentamos aos seus pés – calçados com sapatilhas finas pretas, únicos remanescentes dos dias em que era esguia & escorregadia. Com que se parecia? Com o papa de touca de dormir? Não; a majestade imperial precisa ser incluída. Mal conversamos; & eu teria a impressão de haver entrado ali por engano, se ela não tivesse me perguntado com grande carinho se podia vir me visitar sozinha. Sua sala estava lotada de uma miscelânea de estrangeiros: o Rei de Barcelona não coroado; o sócio de Gerald; Osbert; Lady Lavery &c⁵⁰. Lady L. conversou sobre o acidente de avião. Disse que le Bon Dieu os levara todos na hora certa. A vida deles havia chegado ao fim. Certa vez ela também se sentiria feliz por morrer... Referia-se às mortes de Lord Dufferin Lady Ednam &c.⁵¹ Eu estava indo até Temple com Vita, & compramos um Standard na entrada. “Só vítimas com títulos”, disse ela. Bem, não pode ser Harold falei. Então li, Lady Ednam, o Marquês Dusserre (pois haviam dito que ele também estava lá) & depois, na edição de última hora, Lord Dufferin – O quê, Lady Ednam? Dufferin? ela gritou. Harold estava na calçada diante da casa deles⁵². “Sim, ele disse, É Lady Ednam” “Mas o Freddy também”, gritou Vita (não, ela falou com tranquilidade). Meu Deus disse Harold, & leu a edição de última hora. Agora o que nós vamos fazer? Não posso apresentar meu programa disse Vita. Preciso contar à minha mãe disse Harold. Primeiro vou comprar o jornal. Bom Deus – Sim é Dufferin &

⁴⁹ VW foi a um dos chás oferecidos por Sitwell em sua mansão em 22 jul. (AOB)

⁵⁰ O “rei de Barcelona não coroado” provavelmente era Antonio de Ganderillas, um homem rico e amigo de artistas, ligado à embaixada chilena em Londres. O sócio de Gerald Duckworth na editora Duckworth & Co. era Thomas Balston. Hazel Lavery, segunda mulher do pintor John Lavery e figura proeminente na alta sociedade londrina. (AOB)

⁵¹ Em 21 jul. um monoplano particular que ia de Le Trouquet a Croydon caiu em Kent, matando a tripulação e os quatro passageiros – a marquesa de Dufferin, a viscondessa Ednam, Sir Edward Ward e Mrs Hennik Loeffler. (AOB)

⁵² Depois que deixou o serviço diplomático no final de 1929 para trabalhar no *Evening Standard*, Harold Nicolson alugou uma casa em Inner Temple. Lady Carnock era sua mãe. (AOB)

Lady Ednam. “É Lady Carnock? Querida más notícias para lhe dar. Já leu o jornal? Freddy esteve num acidente. Morreu, ao que parece. Poderia contar a Tia Lal?” O que sua mãe disse, Harold? Só “Oh”. Agora não podemos jantar com Lady Cunard. Oh não meu querido precisamos ir. Talvez seja melhor eu ir até lá para vê-los – Parecia, como se diz, a cena de uma peça. O jornal; os telefonemas. A extrema simplicidade & compostura da coisa toda: Boski datilografando; o homem limpando sapatos; Harold dando telefonemas, como um homem em uma peça. E assim eles saíram de carro naquela noite cinzenta & chuvosa para a casa de Lady Cunard: jantar às 9.30; mas eu não fui. (& me disseram que a festa inteira esperou por mim por meia hora)

26 de julho

Acabo de voltar de uma noite em Long Barn, onde soube desse fato sobre a festa de Emerald, de que esperaram meia hora, todos deprimidos pelo acidente com seus grandes amigos. E Lady E. & Mrs S. [VW escreveu S. em vez de L.] cobriram Kent com £62.000 em joias. Joias nos chapéus, em volta dos pescoços: de certa maneira isso faz com que eu sinta menos pena deles; por mais antidemocrática que eu seja. Adoro imaginar pérolas pendendo de carvalhos. Tenho 15 – não, 12 – minutos até o almoço; & estou toda trêmula por voltar para casa & ver L., duas salamandras no banheiro; Cartas (de Ethel, & flores) livros &c. Uma ótima recepção; & eu diria que uma amostra da minha vida, extraída do monte (como quando se volta para casa) me deixa um pouco impressionada com minha própria felicidade. Ouso dizer que poucas mulheres são mais felizes – não que eu seja qualquer coisa com constância, mas sinto que tive um belo gole da vida humana & que nele encontrei bastante champanhe. Não tem sido tedioso – meu casamento; nem um pouco. Gostei de perambular pelos novos campos de Vita & de conversar com Mrs Page sobre a plantação de feno; & do champanhe no jantar – uma extravagância de Harold; de dormir na sala; do fogo na lareira; cachorros; aeroplanos à noite; novamente os cachorros; & café da manhã na cama – cogumelos & pêssegos; & banho quente de banheira, & então voltar para casa, como eu disse, para as salamandras & Leonard. Clive virá para o chá. Talvez iremos ao teatro. E talvez eu decida ter como criada outra mulher educada. Isso vem depois de um

dia com Nelly Lottie & Mrs Mansfield. Suas piadas sua presença sua familiaridade fazem emergir as reflexões de sempre.

Ao passar pelo bar nesta tarde de domingo, o burburinho das vozes pela porta era exatamente igual ao de uma festa à noite. Meu primeiro pensamento foi de censura: gente que frequenta bares. Mas logo isso se corrigiu. Não vejo grande diferença entre Marchmont Arms & Argyle House [*Argyll House, mansão de Lady Colefax*], ou o número 3 da Albert Road [*casa de Mary Hutchinson*], se quer saber; a não ser que bebemos champanhe & vestimos cetim, & eu me sento entre Lord Gage & Bernstorff.

Segunda, 28 de julho

Uma conversa estranha mas possivelmente frutífera com Mrs Walter esta manhã. Acho que ela gostaria de ficar, se oferecermos um aumento de salário. A verdade é que seu marido tem amantes; ou flertes. E que ela gostaria de se dedicar inteiramente a nós – fazer tudo, de modo que eu jamais tivesse de pedir café. Mas ela vai pensar no assunto em agosto na Itália, com Karl. Desconfio (em segredo) que vamos encerrar as coisas aqui com Nelly & contratá-la – um grande risco; bastante divertido: instantaneamente eu me sinto 10 anos mais jovem só de pensar em uma mudança. Enfim, meu constante alívio com a ausência de Nelly parece prova de que o sistema é tão errado quanto eu sempre disse que era. Os cômodos sem criados; sentar-se tranquilamente; não ter nenhum [palavra ilegível], nenhuma conversa condescendente. Outras desvantagens estão no ar – mas mesmo assim dou qualquer coisa por uma tentativa – qualquer coisa.

Quarta, 6 de agosto

Estou escrevendo isso em Rodmell; ah sim, & é o melhor, o mais livre, o mais relaxado verão que já tivemos. Imagine você pés inchados por causa de botas, e tirá-las – assim me sinto sem a coitada da Nelly; com a animada Annie. Um chuveiro cai – olhe (como as pessoas de As Ondas estão sempre dizendo) agora. Meu jantar está no fogo. Tenho tantos cômodos em que ficar, que mal sei qual escolher. E cadeiras novas. E conforto em toda parte, & alguns primórdios de beleza. Mas a liberdade dos criados é a base & a fundação de tanta expansão. Depois do almoço ficamos a sós até o café da manhã. Digo, enquanto caminho pelas colinas, nunca mais nunca mais. Custe o que custar, nunca mais colocarei minha cabeça naquele laço novamente.

Caminho; leio; escrevo, sem terrores & constrições. Faço pão. Cozinho cogumelos. Entro & saio da cozinha. Tenho algo em que me apoiar além da leitura. Por que sofremos por tanto tempo daquele incômodo, daquela presença sempre rabugenta, sempre pelo menos (pois é injusto) numa perspectiva diferente da nossa, precisando de gramo⁵³

Quarta, 20 de agosto

Ontem à noite foi o aniversário de Quentin. “Mais um aniversário de Quentin que fica para trás”, disse Maynard ao portão, depois da queima de fogos, talvez contando os anos remanescentes. Os foguetes subiam depressa, rugindo, espalhando sua poeira dourada. Esta é uma frase antiga; mas sempre penso em poeira quando os vejo. Nunca consigo pensar em outra. Os salgueiros se iluminavam de prateado sobre o lago. A fogueira bifurcou-se, como os galhos de uma árvore ao vento. Nessa, de vermelho, montou um tabique. Angelica, girando & rodopiando como uma velha bruxa histérica, dançou ao redor dele. “Infância – infância de verdade”, disse Lydia. Por alguns minutos tudo que se dizia tinha a qualidade das falas de uma peça de Tchekhov.

Estou escrevendo enquanto as batatas fervem. Foi um dia quente pesado feio [*palavra ilegível*]; parado, sulfuroso; & os cachorros latiram por toda a cidadezinha, um atizando o outro. E os homens martelaram a espira. E fui e voltei de carro. Dormi aqui, em cima de um texto de Vernon Lee, que Ethel me enviou em sua carta diária. As cartas de Ethel são diárias: pois temos tanto a compensar. O tempo é curto. “Gostaria de conhecer a Itália antes de morrer” diz ela na carta de hoje. Devo restringi-la & refrear as cartas? Acho que não. Se é para se aventurar, que seja completamente. E ela é tão corajosa, notável, perspicaz, que seria mera poltronice da minha parte reprimi-la por medo do ridículo (continuam martelando, às 6.45). Então deixo aquela velha fogueira arder, vermelha, & talvez a proteja com um tabique. É um verão muito feliz, livre, & para mim de fato às vezes sublime. Sim, acho que me decidi contra Nelly, mas não me permito cutucar essa ferida. Acho que estou em cima de As Ondas agora. E depois, tem minhas caminhadas. Como foi agradável explorar ontem até o Hump! Estranho como em quase 20 anos nunca fui naquela direção – nunca caminhei ao longo da

⁵³ Texto se encerra aqui abruptamente.

estrada que margeia o alagadiço mais além de Sutton House. Vi uma trilha que posso fazer até Lewes. Caí & torci o tornozelo. Vi uma variedade incrível de cones & ângulos de tons de cinza & dourado abaixo, uns contra os outros. Estava muito feliz, a felicidade calma, profunda, vagarosa é a de que mais gosto. Um dia caminhei até Firle, sob a chuva, & encontrei um canivete de 4 lâminas.

As Ondas, acho, está se resolvendo (estou na página 100) em uma série de solilóquios dramáticos. O negócio é fazer com que se desenrolem homogeneamente indo & vindo, ao ritmo das ondas. Poderão ser lidos consecutivamente? Quanto a isso eu não sei. Creio que é a maior oportunidade que já pude dar a mim mesma: portanto suponho que será o mais completo fracasso. No entanto eu me respeito por ter escrito esse livro. Sim – apesar de ele expor todos os meus defeitos congênitos.

Janet Vaughan ficou noiva, & Gerald Brenan se casou.

Barbara [*Bagenal*] parecia envelhecida ontem à noite, fora de seu elemento, irritadiça, & muito vermelha & bicuda.

Julian quieto; Clive sem dúvida numa nova direção que não permite intimidade comigo.

Escrevo essas anotações aguardando em vão que venha o exato comentário q. estava na ponta da língua; & agora não quer vir à tona, embora eu tenha atirado a isca & espere. Escrevendo anotaçãoezinhas, de repente se topa com algo profundo.⁵⁴ Estou lendo Dante, & digo, sim, isso torna toda a escrita desnecessária. Isso ultrapassa “escrever”, como eu disse a respeito de Shre. Leio Inferno por meia hora ao final da minha própria página: & esse é o lugar de honra; ou seja, colocar a página na fôrnalha – se eu tivesse fôrnalha. Agora, fazer o purê. & L. colocou meu carpete.

Ethel veio passar a noite na sexta, & para abafar o barulho de Percy com o cortador de grama escrevo aqui; pois a fricção da escrita é uma proteção, & hoje os cachorros & a espira foram difíceis. Mas foram difíceis porque estou reescrevendo Hazlitt; depois de parar As Ondas no meu intervalo; & me sinto feliz; & é um dia muito quente; & fomos a Lewes, & fiz boa parte do caminho de volta a pé. É o único dia realmente quente que tivemos. Mas gostaria, se conseguir, de descrever Ethel. Ao

⁵⁴ Ver discussão sobre a metáfora da escritora-pescadora na p. 36.

menos deixe-me atirar umas poucas anotações sobre essa amizade curiosa & anormal. Digo anormal por ela ser tão velha, & tudo ser incongruente. Sua cabeça tem um tamanho enorme ao redor das têmporas. A música está aqui, ela disse, dando um tapinha nas têmporas. Ali está a insanidade. O que Walter disse; o que Wach (ou sei lá quem) disse – ela não consegue parar de repetir o que, imagino, são elogios bastante desgastados, frequentemente repetidos a si mesma na calada da noite.⁵⁵ Pois infelizmente ela não consegue superar não ser bem tratada. Ocorre um bloqueio; que só ganha mais destaque quando comparado com a generosidade, o bom senso, o equilíbrio & a perspicácia em tudo o mais. Salvo o assunto da sua música, & da conspiração contra ela – pois a Imprensa está determinada a sufocá-la, apesar de ela lotar todas as salas de concerto – esse é o tom –, ela é uma hóspede admirável. Ah sim, & tem mais. Conte algumas vicissitudes, à guisa de emoção. Recostada em minha poltrona à luz do fogo, ela parecia ter 18 anos; parecia uma mulher jovem vigorosa & bonita. De repente isso some: lá está o velho penhasco que foi desgastado pelas ondas: o rosto humano devastado que nos faz respeitar a natureza humana; ou sentir que é algo indomável & persistente. Ela é mundana, & me refiro com isso a algo de que eu gosto; desavergonhada, arejada, bronzeada, à vontade com este ou aquele estilo de vida; morou em diversas sociedades; abriu seu próprio caminho de camisa & gravata, sem impedimentos; & além disso tenho consciência, suponho, do elogio que ela me faz. Mas ela tem mais de 70 anos. E (ah esses cachorros! – ah esse Percy! – & eu que tinha planejado uma noite tão agradável – que vou fazer?) ela é impressionantemente rápida às vezes. Sua percepção é veloz como um relâmpago, semelhante à minha. Mas ela é mais robusta; mais enraizada nos fatos do que eu. Eu lhe contei sobre Morgan & minhas dificuldades com o jornal. Nenhuma mulher de 30 poderia ter enxergado as coisas tão depressa ou resumido a questão de modo mais sucinto. (seu defeito é a difusão.) Tivemos alguns momentos interessantes. Sobre o ciúme, por exemplo. “Sabe, Virginia, não gosto que outras mulheres gostem de você.” “Então você deve estar apaixonada por mim, Ethel.” “Nunca ameí

⁵⁵ O maestro Bruno Walter era um admirador da música de Ethel Smyth; o prussiano Adolf Wach, professor de jurisprudência na Universidade de Leipzig, e sua mulher Lili, filha de Mendelssohn, eram amigos próximos de Ethel desde a época em que ela era estudante de música na Alemanha. (AOB)

tanto uma pessoa” (existirá algo de senil nisso? Não sei). “Desde que a vi não pensei em mais nada &c. Não era minha intenção lhe dizer.” Mas eu quero afeto. “Você poderia se aproveitar disso.” Não. Bem, este, até onde consigo compreender, é o estado de Ethel. Mas o que me agrada nela não é, creio, seu amor, pois como é difícil tornar isso inteligível – é compacto em tantas coisas – ela exagera – sou sensível aos exageros – o que me agrada é o velho penhasco indômito; & um certo sorriso, muito largo & benigno. Mas minha nossa não estou apaixonada por Ethel. E ah é – sua experiência.

28 de agosto

O dia mais quente do ano: & também o foi no ano passado, quase nesse mesmo & exato dia, & eu estava em Long Barn, & lá estava o tutor de Eton, um rapaz simpático de olhos azuis dentes brancos & nariz retilíneo – & agora ele jaz no fundo de um precipício na Suíça – nesta noite tão quente – jaz esmagado ao lado de sua Mary Irving: lá estão os dois corpos para sempre. Imagino alguns pingos de gelo, ou lufadas de neve: a luz é azul, verde; ou inteiramente negra; nada gira em torno deles. Congelados, próximos, juntos, em seus tweeds & botas de alpinismo, lá jazem os dois.⁵⁶ Enquanto eu estou aqui; escrevendo em minha edícula, de frente para os campos de colheita.

Imagino que tenham se sentido num turbilhão, como aros; espancados; insensíveis, depois do primeiro choque ao se verem sem controle.

Um verão extremamente violento.

Foi o que disse a Janie Bussy Julian & Quentin no terraço domingo passado.

A igreja foi concluída hoje & os andaimes retirados. Estou lendo R. Lehmann [*A Note in Music*, de Rosamunde Lehmann], com certo interesse & admiração – ela tem um raciocínio claro & firme, que hora ou outra resvala na poesia; mas como sempre fico chocada com a maquinaria da ficção: tanto esforço para tão pouco resultado. E esses livros não têm importância nenhuma – acendem uma luz intensa aqui & ali, mas suponho que nada mais. No entanto ela tem todos os talentos

⁵⁶ Vincent O'Connor, o estudante de classicismo de Eton College que tinha sido tutor dos filhos dos Nicolson no verão anterior, e sua noiva Mary Irving morreram num acidente de alpinismo nos Alpes Suíços em 21 de agosto. (AOB)

(imagino) que me faltam; entende de enredo & desenvolvimento & personagens &c.

Annie me ofereceu hoje um peso de papel de [palavra ilegível] da Escócia em agradecimento por eu ter pagado seu oculista.

2 de setembro

Estava caminhando pela trilha com Lydia. Se isso não parar, eu disse, referindo-me ao gosto amargo em minha boca & à pressão como a de uma jaula de som sobre minha cabeça, é porque estou doente: sim, provavelmente estou acabada, doente, morta. Droga! Então caí – dizendo “Que estranho – flores”. Em frangalhos eu me sentia, & sentia que era carregada até a sala de estar por Maynard, vi L. muito assustado; disse vou lá para cima; o martelar do meu coração, a dor, o esforço tornaram-se violentos diante da porta; dominaram-me; como gás; perdi a consciência; depois a parede & o quadro retornaram aos meus olhos; vi a vida mais uma vez. Estranho, falei, & ali fiquei deitada, gradualmente me recobrando até as 11, quando me arrastei até a cama. Hoje, terça-feira, estou na edícula & Ethel vem me ver – velha valente! Mas esse raspão com a morte foi instrutivo & estranho. Tivesse eu despertado diante da presença divina, seria com punhos cerrados & fúria nos lábios. “Não quero estar aqui de maneira nenhuma!” É o que eu exclamaria. Eu me pergunto se esse é o estado comum das pessoas que morrem violentamente. Se é, imagino como será o Paraíso depois de uma batalha.

Alguém poderia escrever uma fantasia chamada Reflexões ao ver uma aranha pernas-longas. Havia uma agora mesmo (eu me mudei da edícula, o que perturbou tanto L. quanto Annie) rastejando sobre o papel feito a mão onde tive de assinar meu nome 600 vezes.⁵⁷ Aquele trecho iluminado era o seu único prazer. Sim, & as pessoas não gostam das pernas-longas porque elas comem as plantas. Sente-se certa simpatia pelos pouquíssimos prazeres dessas aranhas. Qual a nossa relação com os insetos? De repente me vem à lembrança como eu costumava apanhar um papel longe da vista das enfermeiras, em outras doenças – que tremendo desejo de escrever eu tinha.

⁵⁷ A Hogarth Press publicou uma edição especial de *Sobre estar doente* em novembro, com uma tiragem de 250 cópias numeradas e assinadas por VW. (AOB)

Vou usar essas últimas páginas para resumir nossa situação. Um mapa do mundo.

Deixando de lado o assunto Nelly, que me entedia, somos agora muito mais livres & ricos do que jamais fomos. Durante anos nunca tive uma libra extra; uma cama confortável, ou uma cadeira que não precisasse de estofamento. Esta manhã a Hammond [*loja de móveis de Lewes*] entregou 4 poltronas perfeitamente confortáveis – & demos tão pouca importância a isso.

Raramente vejo Lytton; isso é verdade. A razão, imagino, é porque nós não nos encaixamos nas festas dele & nem ele nas nossas; mas se conseguimos nos encontrar a sós, as coisas correm normalmente. Porém o que significam nossos amigos, quando só os vemos 8 vezes por ano? Morgan eu ainda vejo, à nossa maneira cronicamente espasmódica. Somos todos tão conscientes da vida que raramente fazemos alguma coisa que não queremos. Meus relacionamentos com a família Bell são jovens, férteis & íntimas. Julian & Quentin mudam tanto. Este ano Q. está desleixado tranquilo natural & talentoso; ano passado era janota, meticuloso & afetado. Julian vai publicar pela Chatto & Windus⁵⁸. Quanto a Nessa & Duncan, estou convencida de que agora nada pode ser destrutivo para esse relacionamento fácil, pois ele se baseia no estilo de vida boêmio. Minha queda para essa direção aumenta – apesar da fama prodigiosa (que diminuiu desde 15 de julho: estou atravessando uma fase de obscuridade; não sou escritora: não sou nada: mas estou bastante satisfeita) eu me sinto atraída mais & mais pelo relaxamento, pela liberdade & por jantar numa mesa qualquer a comida que eu mesma preparei. Esse ritmo (digo que estou escrevendo *As Ondas* com base no ritmo, não no enredo)⁵⁹ está em harmonia com o dos pintores. O relaxamento, o desalinho & a satisfação, portanto, estão todos garantidos. Adrian nunca vejo. Com Maynard estabeleci uma constância. Nunca vejo Saxon. A falta de generosidade dele me repele ligeiramente, mas gostaria de lhe escrever. Talvez faça isso. George Duckworth, sentindo estar com o pé na cova, quer almoçar com Nessa; quer sentir novamente as velhas emoções sentimentais. Afinal, Nessa & eu somos

⁵⁸ *Winter Movement* foi publicado em outubro de 1930. (AOB)

⁵⁹ Cf. L4, carta n. 2224, de 28 ago. para Ethel Smyth. (AOB)

suas únicas parentes mulheres. É um estranho grasnar de gralhas que voltam a seu lugar de origem, esse. Eu diria que os deleites da arrogância de certa maneira diminuem na velhice – & nós duas fizemos – nós duas “nos saímos bem”, esta é a expressão dele.

Falta plenitude ao meu mapa do mundo. Tem a Vita. Sim – ela esteve aqui outro dia, depois da viagem à Itália, com os 2 filhos; um carro empoeirado, sandálias & candelabros florentinos, romances &tc caindo pelos assentos. Uso meus amigos como os faróis de uma charrete: avisto outro campo: graças à sua luz. Mais além um morro. Amplio meus horizontes.

8 de setembro de 1930

Monks House

Rodmell⁶⁰

⁶⁰ VW inicia um novo livro e faz essa página de rosto.

Segunda, 8 de
setembro

Vou sinalizar meu retorno à vida – quer dizer, à escrita – iniciando um novo livro, & por acaso hoje é aniversário de Thoby, reparo. Hoje ele faria, creio, 50 anos.

Depois de vir para cá tive a minha habitual – ah tão habitual – dor de cabeça; & fiquei de cama, como uma fibra de músculo cansada, na minha saleta, até ontem. Agora estou de pé & a todo vapor novamente; com uma nova imagem na cabeça; meu desafio à morte no jardim. Mas a frase que iria abrir este livro era “Ninguém jamais deu tão duro quanto eu” – exclamada agorinha, enquanto eu enfiava um prendedor de papel nas 14 páginas de meu Hazlitt. Houve um tempo em que eu despachava todas essas coisas durante o próprio horário de trabalho. Agora, em parte porque preciso fazê-las para a América & organizar tudo com antecedência, gasto, eu diria, uma quantidade de tempo ridícula com elas, muito mais que o necessário. Comecei a ler Hazlitt em janeiro, acho. E não tenho certeza se lancetei aquela enguiazinha que existe no meio – aquela medula – que é o objetivo de quem escreve críticas. Um negócio difícilíssimo encontrá-la, sem dúvida, em todos esses ensaios; são tantos, tão curtos, & sobre tantos assuntos. Não importa; ele segue hoje; & isso, estranhamente, aguçou meu apetite para críticas. Tenho certo talento nessa área, não fosse o trabalho árduo, a tensão & a tortura –

Vita vem para cá amanhã; vamos a Sissinghurst na quarta; devo atacar As Ondas na quinta. Ou seja, essa doença significou uma pausa de duas semanas – mas, como sempre penso, as temporadas de silêncio, de ruminação, de criar muito mais do que se poderá usar, fertilizam. Eu estava espremendo meu cérebro com força demais. Enfim, este é o verão mais feliz desde que compramos Monks House; o mais satisfatório. Esperamos, segundo o que disse Percy – P. estava arrumando o velho túmulo de Hawkesworth – que a fazenda Byng Stamper tenha sido comprada por um criador de cavalos, & que toda aquela terra seja grama – não casas. E Annie nos surpreende diariamente com sua suavidade, destreza & simpatia – o argumento mais convincente que eu conheço a favor de que os criados não morem em casa. Ontem enviei um anúncio para o Time & Tide – mas shhh! Segredo absoluto é essencial.

Faz um típico clima de setembro, claro, ensolarado, frio. Temos planos de transformar a saleta em meu quarto – por causa da vista. Desperdiçá-la, dia após dia, parece um crime: que olhos idosos não toleram. Não, eu gostaria de ter outra vida, & vivê-la ativamente. Foi o que pensei, olhando para o Caburn & imaginando o que sentiria um rapaz forte, subindo-o, com mulher & filhos, & uma carreira na City... Eu acho. Não, seria um político; & acho que também um funcionário público na Índia. Não seria escritor: Estas são as histórias que se inventam. E esta: “Aos 50 anos, Priestley dirá, ‘Por que os intelectuais não me admiram? Não é verdade que eu só escrevo pelo dinheiro.’” Ele será absurdamente rico, mas haverá essa pedra em seu sapato – ou assim espero. Porém ainda não li, & arrisco que nunca vou ler, nenhum livro de Priestley⁶¹.

E (para me consolar) recebo a carta de um tal de Mr. Spender⁶² dizendo que dá mais importância a meus elogios do que aos de qualquer crítico – & me envia seus poemas. E invento essa frase para Bennett & Priestley, “os comerciantes das letras”

280⁶³

120

(tamanho de As Ondas até o momento –

116

1/3 concluído, acho)

280

29.160

Quarta, 24 de
setembro

Peguei meu cajado novamente; gostaria de poder dizer que meu livro é meu cajado; mas ai ai, quantas pessoas tenho visto – atirando para longe das minhas mãos esse apoio! Deve ter sido na tarde em que escrevi isso – sim, porque L. & Percy estavam mudando a mobília para a saleta – que Mary & Barbara [*Hutchinson*] enfiaram pela janela suas cabecinhas de frasco de remédio. Como fechei a cara! Depois teve Alice

⁶¹ J. B. Priestley era um autor de best-sellers. (AOB)

⁶² Stephen Spender era um recém-formado de Oxford que ambicionava ser poeta. (AOB)

⁶³ Essas contas estão anotadas na página ao lado.

Ritchie, depois os Wolves, depois Morgan, depois uma festa em Charleston, depois Londres, & depois aquelas mulheres esquisitas, Miss Ibbotson & Mrs. Starr⁶⁴.

“Sou prima de Florence Nightingale”, disse Mrs Starr. Quando comentei que também sou parente, os olhos matreiros dela se tornaram ainda mais matreiros. “Não sei fazer omelete”, disse Miss Ibbotson, dirigindo-se com ar lamentoso & ao mesmo tempo rabugento para Mrs Starr. “Seria um verdadeiro desastre, claro, servir todos os pratos queimados”, disse Mrs Starr. “A senhora me despediria, suponho”, disse Miss Ibbotson.

Miss Ibbotson estava falida; “Onde há fome não há pão duro”, disse ela, “portanto estou voltando a fazer *isso*.” Miss Ibbotson um dia foi dona de dois carros & os dirigia como chofer em Londres, mas a competição com os homens foi demais. Além disso, ela ficou doente. Era magricela, enrugada; vestia uma pequena jaqueta de veludo cotelê & uma saia branca um tanto encardida; usava um lenço de bolso vermelho; meias grossas remendadas & sapatos pesados. Mrs Starr vestia uma saia de seda azul rodada & um chapéu de palha. Reprovou Miss I. por ser acanhada demais. “Se me dessem um período de experiência”, repetia Miss I. “Mas você logo vai pegar o jeito de novo” disse Mrs S. “Não sei preparar pratos chiques” disse Miss I. “E gostaria de cuidar de parte da faxina.” “Deixe a faxina comigo” disse Mrs S., “você fica com a cozinha”. Esses comentários eram lançados uma para a outra, & basicamente eram sinal de grande discussão prévia sobre o assunto, muito embora por que Mrs S., tão compacta, embora dissimulada, tinha entrado em contato com Miss I., tão descontrolada, com seus olhos azuis fixos & seu chapéu wideawake, eu não saberia dizer. Um aroma indefinível de sordidez, instabilidade, suspeita & matreirice impregnava as duas. Tinham certeza, pensei quase no mesmo instante, que as tínhamos desmascarado & que aquele lugar não era para elas. “Vivemos à base de saladas” disse Mrs S., “apesar de eu não ser vegetariana”. Dito & feito, o saco pardo que deixaram para trás continha várias alfaces embrulhadas em papel.

⁶⁴ Miss Ibbotson, Mrs. Starr e Mrs. Rivett-Carnac foram as mulheres que responderam ao anúncio de VW no *Time and Tide* – VW e LW viajaram a Londres por um dia apenas para entrevistá-las. (AOB)

Miss Rivett-Carnac descende de uma grande família indiana que sustentava tanto ela quanto a mãe em Wimbledon com uma libra por semana. Já se envolveu em várias coisas: trabalho social; albergues; clubes de corrida. Tem cerca de 35 anos; & é uma dama perfeita, tanto que não dá importância a isso; só está ansiosa por um teto & um salário & um pouco de tempo para si mesma. Talvez ela sirva – poderá vir a ser uma Walter melhorada. E, Deus meu, sofreu demais. E, talvez, seja vingativa, ácida, desgastada, leal, faminta por felicidade⁶⁵.

Existe alguma coisa que possamos fazer para nos tornar menos populares?, perguntamos. Por exemplo, se eu pintasse o cabelo de Leonard de várias cores – isso faria com que sua mãe, Bella, Tom [Southorn], Harold [Woolf], Dorothy Bussy, Ellie Rendell & Ka Cox deixassem de se convidar a vir para cá? Quando ofereci £50 a Miss Rivett-Carnac ontem tive a sensação de que não era nada, pois pensei que poderia ganhar isso escrevendo 2.000 palavras. Porém, 5 anos atrás £50 era uma quantia polpuda. Como o dinheiro encolheu meu espírito! Essa é uma das coisas mais curiosas da minha existência – o encolhimento do dinheiro.

Um dia perfeito de setembro, depois de vários dias imperfeitos de novembro; as andorinhas voam rente ao terraço; Percy pergunta se o tempo estará bom amanhã; se estiver, ele irá cortar a grama. Desconfiamos que as abelhas andaram ocupadas. Se foi o caso, esta noite teremos mel. L. & P. passaram a tarde – Trim & Tio Toby – consertando a cerca; eu, caminhando pelas colinas. Ainda tenho, apesar das construções, um trecho perfeito, & com um pouco de esforço da imaginação consigo converter as casas distantes em montes de feno. Estou lendo Dante; & atualmente minha abordagem à leitura é demorar-se imensamente. Levo uma semana ou mais por canto. Sem pressa. Nossos amigos nos demandam muitíssimo. Tom Eliot: quando vocês voltam? Mis Bartlett [*não identificada*], podemos ir para o chá? E – & meus dois meses de respiro aos pouquinhos vão sendo comidos por todos que nos escolhem. Acho que vou passar o mês de agosto do ano que vem em Northumberland.

⁶⁵ VW acabou contratando Miss Rivett-Carnac como substituta temporária de Nelly, que ainda convalescia. Ela começou a trabalhar em 13 de out. e ficou até o Natal. (AOB)

Segunda, 29 de
setembro

Então todos aqueles dias foram completamente arruinados pela assiduidade dos nossos amigos. Quando se tem de arrumar a mesa, apanhar flores frescas, reunir as cadeiras & estar pronta, às 4, ou à uma, para receber, todas as outras partes circunjacentes do dia veem-se arruinadas. No geral é a família de L. que consegue fazer isso mais completamente. Tudo é de um tal esforço; tão irreal; o que eu digo é tão distante do que eu sinto; os padrões deles, tão diferentes do meu; que me desdobro continuamente, tentando providenciar os bolos certos, as piadas certas, o carinho & as perguntas certas. Naturalmente, com frequência tudo dá errado, como na sexta-feira. Harold, que para mim é o mais compreensivo deles todos, contou uma história sobre o mau humor dos Woolfs; de como Philip certa vez destruiu o quarto inteiro dos criados num acesso de fúria porque eles tinham colocado uma garrafa, aberta, na cama de Bab, & se recusaram a fazer a cama. Mrs. W., que é a mais vaidosa das mulheres (pobre velha senhora – sim, o sentimento de que ela é uma pobre velha senhora se [palavra ilegível] & se confunde com o de seu egoísmo, de sua vaidade), interpretou isso como um insulto pessoal; & se pôs rabugenta & ranzinza a defender seus métodos educacionais, & a fazer os elogios de sempre a si mesma por ter criado tão maravilhosamente bem tantos filhos sem pai & sem dinheiro. E depois, claro, ela exige que esses elogios sejam corroborados, & não se satisfaz até que eu também fique impressionada & exalte seu desprendimento & sua coragem impressionantes & concorde que o mau humor dos Woolfs é simplesmente uma prova da sua inteligência. Então claro eu começo a ver com toda clareza o quão feios, quão enxeridos, quão irremediavelmente classe média são todos eles, & meu senso estético é o que protesta com mais obstinação – como eles avacalham a casa & o jardim – como trazem um clima de Earls Court & de hotéis, como parecem impossivelmente deslocados, conservadores, grosseiros, afetados & deselegantes todos eles parecem no terraço, entre as macieiras, os legumes & as flores!

Mas fico presa ali, tão firme quanto Prometeu em seu rochedo, enquanto meu dia, sexta-feira, 26 de setembro de 1930, é feito em pedacinhos, avacalhado, enfeiado & trivializado; pois o que dói é que não existe nenhuma escapatória – nenhuma escapatória que não faça a velha Mrs Woolf começar a enxugar os olhos com o lenço, sentindo que

não está sendo bem recebida – ela que é tão “dolorosamente sensível” – que gosta tanto de bolos, que é tão incapaz de entreter a si mesma, tão desprovida de interesses pelos meus sentimentos & amigos; tão vampiresca & abrangente em sua exigência por toda a minha atenção & compreensão, enquanto ela fica sentada diante da lareira, com suas peles horrendas, seu chapéu feioso & suas botas grandes, suas bochechas pendulares, seu nariz vermelho & seus brincos baratos, conversando sobre Worthing & os encantos do Dr Watson & a simpatia de todos ali, dizendo que irá a Worthing todos os anos & que espera tomar o chá conosco.

Deus meu! quantas filhas já foram assassinadas por mulheres assim! Que trama de falsidade elas espalham pela vida, que apodrece embaixo da doçura delas – torna-se marrom & macia, como uma pera estragada! Ao mesmo tempo não consigo me ver como uma pessoa maltratada. Não, porque tenho interesses além do meu próprio nariz. Mas preciso observar que a velhice só é tolerável quando se tem uma firme âncora além da fofoca, dos bolos & da simpatia alheia. Imagine impor uma única tarde que seja de tal fardo em cima de Quentin Julian & Angelica! Eu passarei o dia no Museu Britânico. (Essa é uma daquelas imagens visuais, sem sentido quando transposta para palavras, que transmite todo um estado mental para mim)

Rodmell anda repleta de acontecimentos, dramas & às vezes, penso, quando volto para casa de um passeio pelas planícies, de beleza & solenidade. Mr Fears o epilético morreu na quinta-feira. Ficou trancado durante semanas em seu quarto; mas fugiu, foi até Southease & visitou os Thomases para apresentar suas queixas ao pároco.⁶⁶ Uma delas era que Mrs Dedman havia roubado parte do seu jardim – & dizem – & eu acredito – que isso não era coisa da imaginação dele. Ela fica parada na rua, ameaçadora, sombria, predatória, cobiçosa, reclamando. Então um médico bate à janela: alguém passou mal na rua & foi levado para uma casa. Era a mãe de Miss Emery, a criadora de cachorros. Ela agora jaz moribunda, quem sabe, & seu marido precisa ser levado embora durante o enterro de Mr Fears, para que não pense na morte. Este é o mais horrível dos dias, frio & garoento, com folhas caindo; maçãs caídas; flores encharcadas; névoa cobrindo o Caburn. No entanto

⁶⁶ O reverendo Walter W. Thomas, pároco de Southease.

escrevi bem, & não consigo pensar em mim mesma como alguém maltratada. O grande jogo diplomático com Nelly começou. contei ao Dr. McGlashan que vamos pagar os salários dela, mas que só a receberemos de volta depois que ela se recuperar.⁶⁷

Sábado, 11 de
outubro

Os cinquenta caixões acabaram de passar por aqui, rodando em carretas, cobertos um tanto sumariamente com Union Jacks – uma mortalha inadequada – & cravejados aqui & ali de coroas de flores vermelhas & amarelas. A única visão grandiosa era a marcha lenta, rítmica, dos Guardas, inclinados para trás: no mais, o rosto humano era quase sempre inóbil, com marcas de varíola; os pobres artilheiros parecem entediados & retorcem o nariz, a multidão fede; o sol empresta a tudo um clima de bolo de aniversário & estalinhos comemorativos; & os caixões escondem em demasia. Um osso, uma mão carbonizada, teriam feito o q. nenhuma cerimônia é capaz de fazer: & é incômodo o peso de uma cerimônia sobre nossa pequena brasa de sentimentos. Eu me refiro ao enterro dos 48 “heróis” do R101 esta manhã.⁶⁸ Mas que “heróis”? Lord Thomson, um homem matreiro & desagradável, segundo o que todos diziam, sai para uma viagem a lazer com outros notáveis & tem o azar de morrer incinerado em Beauvais. Sendo assim, temos todo o motivo do mundo para dizer: Deus do céu que coisa dolorosa – que tremenda infelicidade –; agora, por que todas as lojas em Oxford St & Southampton Row precisam exibir somente vestidos negros & faixas pretas; por que se solicita que a Nação não pense em mais nada; por que as pessoas lotam as ruas & fazem procissão até Westminster Hall, por que todos os jornais precisam se encher de lamentações & nobreza & louvor, por que as linhas de telégrafo dos alemães ficam engarrafadas & os franceses declaram dia de luto & os jogadores de futebol fazem

⁶⁷ Nelly estava ficando na casa de parentes em Peaslake, em Surrey, enquanto se recuperava de sua cirurgia. Seu médico ali era o Dr. Alan MacGlashan. (AOB)

⁶⁸ O voo experimental do R101 da Grã-Bretanha à Índia terminou em desastre quando a aeronave caiu perto de Beauvais em 5 de out. Quarenta e oito dos 54 passageiros morreram, dentre eles o secretário de estado da Força Aérea, Lord Thomson of Cardington. No dia do enterro no cemitério de Cardington, multidões se enfileiraram ao longo do trajeto fúnebre que saiu de Westminster Hall, onde os caixões haviam sido dispostos, e seguiu até Euston. (AOB)

dois minutos de silêncio – é algo que me espanta, & a Leonard & Miss Strachan [funcionária da Hogarth Press].⁶⁹

Quarta, 15 de
outubro

Digo a mim mesma, “Mas não consigo escrever mais nenhuma palavra”. Digo “Vou debandar – ver o Roger na França – sentar nas mesas das calçadas & tomar café – ver os morros do sul; vou sonhar; libertar meu espírito dessa jaula de ferro & deixar que ele nade – nesse belo mês de outubro”. Digo isso tudo; com energia; mas devo mesmo fazê-lo? Não seria melhor esvaziar-me aqui, até que a fonte se encha novamente? Ai ai, ai ai – a lassidão do espírito! Raramente raramente tu vens agora, espírito do leite. Escondes-te lá em cima, atrás das janelas do hotel & das nuvens cinzentas. (Estou escrevendo isso com uma caneta de aço que mergulho na tinta, prevendo o dia em que minhas canetas alemãs serão extintas.) É deprimente abordar o mês de outubro com tanta preguiça. Acho que no ano passado foi a mesma coisa. Preciso de solidão. Preciso de espaço. Preciso de ar. Preciso dos campos vazios ao meu redor; & das minhas pernas percorrendo estradas; & dormir; & da existência animal. Meu cérebro é energético demais; trabalha sem parar; prepara um artigo sobre Christina Rossetti & prende-se a isso ou aquilo.

Rivett está instalada. E cozinha como uma mulher generosa. Pratos leves, modestos, chegam à mesa. É apenas o segundo dia, & Annie está infinitamente feliz tagarela & ansiosa para ficar aqui – como vou conseguir suportar Rodmell agora, diz ela. Vou me sentir fechada por dentro de certa maneira – Annie vai embora hoje. Um estranho interludiozinho, esse. Ora, semana passada Nelly um dia não apareceu em casa – claro que com seu melhor comportamento – muito parecida com a velha criada de confiança &, eu acho, com uma pitada de desconfiança? Por que eu não a quis receber de volta & ajudá-la, visto que ela está conosco há 15 anos? – era isso que, imagino, passava pela sua cabeça. Mas não se tocou no assunto; & ela se foi para Colchester por 10 dias, & depois – ai ai, repito, ai ai. Nessa & Duncan estão em Cassis, o que traz a imagem deliciosa da França para perto demais de mim – Ah, como eu queria caminhar entre os vinhedos novamente, grito

⁶⁹ A página seguinte a esta, entre as entradas de 11 e 15 de outubro, foi usada para escrever parte do rascunho de “Eu sou Christina Rossetti”, e mais tarde VW riscou-a, anotando na margem: “Escrevi aqui por engano”.

mais uma vez. E um monte de gente está elétrica: ontem à noite jantei com Raymond, um Raymond desleixado & diminuído, que me agrada mais que o elegante. Nada de muito vinho &c & tal. Desistiu de frequentar festas & leva Wyndham Lewis muito a sério. “Um homem de meia-idade supérfluo” disse Lewis naquele seu livreto, que mais parece a fofoca, o despeito & a implicância de uma criada suburbana que depois de ser despedida quer se vingar⁷⁰.

18 de outubro

Mas pasme!, creio que o espírito do deleite está pairando sobre mim; depois de 2 dias em Rodmell, apesar de Ethel Smyth, apesar de Emmie Fisher. Duas cartas provocativas & tormentosas delas foram, obviamente, encaminhadas para cá⁷¹. Mas andamos até Lewes pelos campos – sim, atingimos nosso objetivo, saímos por baixo daquele túnel; veja, há quase 20 anos planejo fazer essa trilha & nunca a tinha feito. Agora de volta à casa, encontro outra carta, trêmula & arrependida, de Ethel, & a nova edição de Johnson de Tom⁷², & mais flores que nunca.

22 de outubro

Acabo de voltar da minha sessão de enganar a dor de cabeça – devia existir um nome para essas peregrinações – em Hampton Court. Minha tristeza ante as folhas secas & amarelas, & os navios chegando & eu não estou lá, eu não estou lá – levou-me a tirar um dia de folga; na verdade a planejar 2 dias de folga; porém não: agora está chovendo; & quero a lareira.

Minha tristeza é Leonard. Rivett não sabe cozinhar. Pobre coitada! Curvada pela sensação de ter fracassado na vida, rastejante, de asas quebradas, árida, suplicante, tímida, ela serve pratos insossos & miseráveis, arrisca combinações nervosas de tapioca com laranja. Não, não: ela precisa ir embora. E depois, penso eu, Annie – para sempre. Mas a tristeza que essas trivialidades trazem pode ser devastadora. Linguado, molho, & mais nada. E quando faço uma piada ela ri, como um dia ri para algum subalterno numa quadra de tênis, imagino, cheia

⁷⁰ A sátira *The Apes of God* de Wyndham Lewis fora lançada numa edição particular limitada em junho de 1930; Mortimer a resenhou com o título “Mr. Gossip” [“Senhor Fofoca”] na *N&A* em 12 jul. Como uma resenha favorável de Ray Campbell havia sido rejeitada pelo novo editor da *New Statesman*, em setembro Lewis publicou um livreto intitulado *Satire & Fiction*, incorporando a resenha e as cartas laudatórias de Campbell e confrontando comentários que ele mesmo havia escrito. (AOB)

⁷¹ Emmie era prima de VW, casada com o músico R.O. Morris. Como VW não guardou sua carta, do que essa provocação tratava não se sabe. (AOB)

⁷² T.S. Eliot escrevera uma introdução para a reedição de *London: A Poem /and/ The Vanity of Human Wishes/ by Samuel Johnson LL.D.*, produzida em edição limitada. (AOB)

de si. Ela é invertebrada, esmagada; & o que, eu me pergunto, será dela? E como vou desgrudar todo o jeito de alga que ela impregnou na minha cozinha? Pois obviamente para ela esta era uma chance de recomeçar; de fazer algo novo. E quando eu disser, Não, você não sabe cozinhar, ela verá suas esperanças fulminadas como um coelho numa galeria de tiros. E eu detesto pôr alguém no olho da rua. Nelly de novo ontem; apreensiva & desconfiada; apesar de não parecer abalada na ideia de que voltará para cá. Graças a Deus, está chovendo, & agora posso me controlar com facilidade. O inverno chegou; feche as cortinas; acenda a lareira & vá trabalhar.

Quinta, 23 de
outubro

Pasme!, o teste familiar de sempre – nova caneta, nova tinta. “Temo, madame”, disse o juvenzinho da Partridge & Cooper’s, “que as Penkalas estão extintas”. Uma voz ao telefone já havia declarado sua morte. Caminhei pelo mercado de Faringdon esta tarde procurando o homem do carrinho de mão. Vi as torres cinzentas de, suponho, Smithfield. Quase entrei na St Paul para ver o Dr Donne, que agora está de novo em exposição⁷³; mas por estar, como digo a mim mesma, com o tempo curto, continuei caminho pela Strand.

Ethel veio ontem à noite; bastante abatida em um velho casaco de pele de toupeira; com o mesmo chapéu triangular que o proprietário do hotel em Bath modelou com alguns poucos alfinetes. Bem, começo a fazer anotações sobre ela porque, entre outras coisas – e quantas outras! –, ela perguntou se eu gostaria que ela me deixasse em testamento algumas de suas cartas – de Maggie Benson, Mrs Benson, Lady Posonby?⁷⁴ Você gostaria que eu escrevesse sobre você?, perguntei. Ah, sim, seria muito divertido! Mas eu faria alguns experimentos. Ah, que divertido! Eu adoraria! Mas eu entenderia tudo errado. Sim, claro; ou se preferir simplesmente rasgue-as todas. Faça como quiser. As cartas de H.B. vou deixar para Maurice Baring; mas ele não fará nada com elas. Irá rasgá-las.

Então, em certo sentido, tornei-me executora literária de Ethel, cargo que vagamente eu sempre desejei; & agora faço algumas

⁷³ A extensa reforma da Catedral de St Paul fora recém-concluída. O monumento que representa Donne, feito por Nicholas Stone em 1631, estava à vista mais uma vez.

⁷⁴ Mary Benson, mulher do arcebispo de Canterbury; sua filha mais velha, Margaret; e Lady Posonby foram três mulheres profundamente envolvidas na vida emocional tempestuosa de Ethel Smyth.

Isso ela copiou de
Mrs Pankhurst

anotações enquanto ela fala, para escrever um perfil. Será necessário colocar a enorme ansiedade dela em destaque. Ela estava me contando que adora ler livros de viagem; & seus olhos – seus olhos azuis, um tanto proeminentes, chegaram a cintilar. E nem era um assunto sobre si mesma, ou sua música – era simplesmente sobre alpinistas – as aventuras deles. E as faces dela ficaram coradas da mesma maneira. Mas de vez em quando ela parece envelhecida: disse que era uma mulher muito corajosa. É uma qualidade que eu adoro. E que tenho. Uma das coisas mais corajosas que já fiz foi revelar minha idade às pessoas. Graças à minha vivacidade &c – Todos acham que sou 20 ou 30 anos mais nova. *Ora* – (uma palavra típica, que indica o que de fato se torna necessário – uma quebra – um novo parágrafo – um calço inserido no fluxo) *Ora* – quando eu quis que as pessoas se dessem conta de quanto tempo esperei pelo reconhecimento – & nunca o tive de fato – eu fiz isso – mesmo odiando: eu lhes contei minha idade, para que não saíssem por aí dizendo Ah mas no fim tudo deu certo para ela – foi reconhecida. Isso deve ser uma referência, acho, mas é difícil inserir nossos próprios calços, ao Concerto de Jubileu em Berlim, quando Lady Jones agiu daquele modo horroroso.⁷⁵ Ela estava a caminho – agora mesmo deve estar num trem ou navio, neste dia frio & cinzento – de Belfast, para reger suas *Sea Songs*⁷⁶ (uma das minhas melhores obras), & então, terminando isso, ela volta, atravessa o Canal da Irlanda & retorna a Woking para continuar escrevendo sobre H.B.: aquela figura imponderável, pairante: que tem uma existência estranhíssima; pois se pergunto sobre ele, Logan, Ottoline &c dizem Oh um petit maitre; um filósofo de sala de estar; ao que Logan acrescenta, o filho de um dentista, & Ottoline, ele fez amor comigo & eu o achei intolerável. Foi este o homem que dominou a vida de Ethel, esta aparição que assombra as vidas de Logan & Ethel. Que estranho então escrever, como um dia talvez eu faça, a biografia dessa mulher, cujo passado é tão nebuloso. E eu cheguei a tempo de apenas ouvir as histórias do passado. Tudo é passado. Ela não espera viver mais sete anos; leva-me a entender que, agora que seus últimos anos improdutivos foram fertilizados ao me conhecer, ela pode cantar seu nunc dimittis. Tendo em vista que todos

⁷⁵ Ocasão não identificada por AOB.

⁷⁶ VW deve estar se referindo a “Three Moods of the Sea”, de 1913. (AOB)

os anos de desejo feroz já terminaram. No entanto, eu duvido que tenham realmente terminado. No entanto, é um belo espetáculo, & curioso também, ver essa mulher idosa relembrar suas experiências & compor um hino de amor para H.B., como a canção de um cisne (& as pessoas dizem que é uma canção horrível, pois segundo elas o gênio musical de Ethel é outra ilusão – sua vida inteira baseou-se em ilusões; isso, porém, quando converso com ela, percebo que é uma inverdade absoluta). Preciso agora escrever para a Ethel viva – já que a nossa perspectiva muda.

Segunda, 27 de
outubro

Que desconfortável & incômodo é o meu quarto – uma mesa sufocada de papéis &c. Agora estou novamente quebrando a cabeça com As Ondas, & tenho quem sabe uma hora & meia à disposição: um tempinho para Dante; um tempinho para os originais: um tempinho para isto aqui – com outra caneta. Ontem fui a Warlingham & sentei em uma mina de cascalho, como um Cezanne. Faço essa comparação para me consolar por não estar na França. E caminhamos por uma trilha de cavalos; & vi fazendas antigas, silenciosas, & coelhos, & colinas, tudo preservado de Croydon como se pelos poderes de um anel mágico. Nunca a diferença entre Londres & o interior foi tão gritante. Volto para casa, faço o jantar; & leio manuscritos: Mas, de um modo bastante casual & unânime, decidimos na semana passada parar com a Editora. Sim; ela precisa ser encerrada. Quer dizer, deverá continuar apenas com meus livros & os de L. & os de Dotty talvez; & mais o que nós mesmos conseguirmos editar. Em resumo, em outubro do ano que vem devemos voltar ao que éramos na época da Hogarth House – uma estranha reversão, tendo em vista o quanto somos financeiramente bem-sucedidos hoje. Mas que é o dinheiro quando se vende a liberdade?, indagamos. E qual o sentido de editar esses romances & livretos inócuos, que não são nem ruins nem bons? Portanto tomamos essa decisão, casualmente, enquanto caminhávamos pela Praça depois do almoço, & dessa maneira retiramos mais um grilhão de nossos ombros. É isso o que eu chamo de viver com um piloto no navio – em vez de simplesmente se deixar levar pela correnteza.

Domingo, 2 de
novembro

E esta noite devemos enviar a última carta a Nelly; ali está ela em minha bolsa vermelha, mas sinto grande relutância em relê-la – pois eu que a escrevi. Embora eu ache que ela não vai se incomodar tanto. Primeiro porque já sabe, creio, de nossa predisposição a não a ter mais aqui; & depois porque desde aquela cena famosa em novembro passado acho que ela já estava ciente de que houve uma mudança. Seja como for, esses últimos 5 meses provaram que sem ela somos muito mais livres & tranquilos, & que não temos menos conforto – na verdade temos mais conforto, apesar do bom humor, do bom senso & da gentileza dela; que agora, depois de escrever aquela carta, consigo enxergar melhor em suas verdadeiras proporções. Mas me sinto vaga, no ar, porque tenho minhas dúvidas de que Annie viria para cá – dúvidas de que isso seja o melhor – meu desejo na verdade é não ter mais criados morando na casa. Ah, não ter mais cenas com os criados! – a minha ambição é essa. Como costumávamos caminhar pela Praça pensando nos ultimatoss de Nelly; quantas horas gastamos com isso, & gastaríamos ainda. Não: esse é um rompimento sadio, que tira 10 anos das minhas costas. Ah, mas ainda terei de vê-la –

Mais anotações sobre Nelly⁷⁷, pois é um pedaço estranho da vida que se encerra; psicologia dos criados &c. À minha longa, explícita & carinhosa carta ela respondeu apenas: Caros Mr & Mrs Woolf. Obrigada pelo cheque. Meus cumprimentos.

Porém ontem à noite uma voz amargurada, assustada & raivosa, foi esta a descrição de Rivett, que pelo som identificou como sendo de Nelly, telefonou. Pediu para falar comigo; mas por sorte eu não estava em casa, ou estava aqui embaixo. Conjecturamos que, depois de dar vazão ao seu desprezo, ela foi consultar Lottie, quem sabe também ver Mrs Hunt, & por algum motivo decidiram que era melhor vir falar comigo. Imagino que a essa altura ela já tenha voltado atrás. E a sensação de liberdade espalha-se mais & mais. A carta foi enviada; o choque passou. E quando volto encontro a casa vazia & silenciosa.

Essa é uma ligeira imprecisão, pensando nos últimos dias. Ethel Lyn & Hugh Walpole vieram tomar o chá na segunda; Vita Clive & Hilda

⁷⁷ Essa passagem simplesmente continua. Não há alteração de caneta. No entanto, AOB a quebrou e colocou [Quarta, 5 de novembro], sem muita certeza de que a data era essa mesmo.

Matheson, jantar; Hugh novamente, mais tarde, com sua história lamentável, retorcida, esquiva, ridícula & dolorosa sobre o retrato que Willie Maugham fez dele⁷⁸. Realmente aquela foi uma tortura inventiva; Hugh foi visivelmente exposto como o romancista popular, hipócrita, florescente, insensível às críticas, que dá palestras a jovens escritores para alavancar as vendas de seus próprios livros: alguém que é canhestro & insensível em todos os departamentos. Mas, disse Hugh, revirando-se sem parar em seu leito de espinhos, enfiando cada vez mais fundo a carne neles, Não é isso o que mais me magoa. O que me magoa são pequenas coisas – pequenas coisas que existiam entre Willie & eu – que só eu & ele sabemos – & que ele colocou no livro. É isso que eu não consigo superar. Por exemplo, é impossível exprimir todos os significados que existem para mim quando ele disse que eu parecia um homem apaixonado por uma duquesa – (o significado escondido é que Hugh está apaixonado por um cantor de ópera)⁷⁹. Você não ficaria magoada, Virginia? (essa pergunta foi feita depois da meia-noite, quando só estávamos eu & Vita) E eu disse que sim. “E ele ainda me escreve dizendo que não podia acreditar que eu estivesse magoado. Disse que escreveu o livro sem um só pensamento a meu respeito em sua cabeça. Mas aquela carta consegue ser quase pior que o livro.”

Clive voltou, cego de um olho & precisando muitíssimo de companhia. Eu o achei, sabe Deus por quê, todo admirável & tocante; decidido a não ser um peso para os amigos, mas ao mesmo tempo extremamente grato pela nossa bondade (& preciso convidá-lo a vir aqui esta noite). Parece de certa maneira muito instruído nas pequenas delicadezas & também na inevitável solidão, sem sua Mary – mas por outro lado acho que tem sua Joan. E como não consegue ler nem escrever, contratou um leitor. As noites é que serão o pior, ele disse. Nessa escreveu de Cassis dizendo, tipicamente, que acha que não é grande coisa & imagina que uns óculos, “que todos nós usamos”, devem resolver a questão. E os poemas de Julian foram publicados, & me sinto

⁷⁸ O personagem Alroy Kear do romance *Cakes and Ale* (1930), de W. Somerset Maugham, foi intensamente baseado em seu velho amigo Hugh Walpole. Ele negou em uma carta ao amigo em 1931 que isso tenha sido verdade, embora tenha admitido, em 1950, que foi. Alguns críticos, como Myrick Land, afirmam que o livro foi uma pá de cal na reputação de Walpole como escritor (in: *The Fine Art of Literary Mayhem, a lively account of famous writers and their feuds*).

⁷⁹ Lauritz Melchior, o *Heldentenor* dinamarquês, que há anos Walpole chamava de seu “amigo perfeito”. (AOB)

aliviada – mas por quê; vaidade das minhas próprias habilidades como crítica? inveja da sua fama? – quando Vita diz que, apesar de todo o seu admirável bom senso, poder de observação & amor pela vida no campo, ele não é nenhum poeta. As pessoas que usam as palavras como ele me afligem – digo isso para aliviar parte do peso da minha vaidade & inveja. Bom senso & Cambridge não são o bastante, não importa o que Bunny diga.

8 de novembro

Apertei sua mão quando nos despedimos, com certa emoção: pensei, Então isso é apertar uma mão famosa: era Yeats, na casa de Ottoline noite passada. Ele nasceu em 1865, portanto agora é um homem de 65 anos – enquanto eu tenho 48: & logo ele tem direito de ser muito mais relevante, maleável, intenso & no geral experiente & generoso. Fiquei impressionadíssima em ver tudo isso em ação. Ele engordou bastante (A última vez que o vi – & devo comentar que ele nunca tinha ouvido falar de mim & que ficou ligeiramente constrangido com os esforços extremados de O. de apresentar-me a ele, foi em 1907, ou 8, suponho, num jantar no número 46 [da Gordon Square, então casa de Clive e Vanessa]. Está bastante largo; roliço; como um pedaço sólido de carvalho. Seu rosto é muito gordo; mas com uma testa em forma de machadinha quando de perfil, sob um amontoado de cabelo grisalho & castanho; os olhos são luminosos, diretos, embora obscurecidos pelos óculos; já observaram tudo de perto, porém; o mesmo olhar vigilante & a um só tempo intrigado dos seus retratos antigos. Quando cheguei interrompi a longa história de um sonho que de la Mare contava: sobre ver Napoleão com olhos de rubi &c. Yeats disparou a falar, com veemência, inflamado & um tanto hesitante, sobre sonhos; os que têm cor são raros & significam – esqueci o que era. De la Mare contou outro sonho bastante enigmático sobre um livro com círculos; o mais externo era preto, o interno azul & por aí vai. Yeats imediatamente identificou que este sonho era o sonho da alma em algum estado específico – esqueci qual. [*Rabindranath*] Tagore lhe dissera, disse ele, que quando jovem tinha um sonho; & que se conseguisse encontrá-lo de novo, o sonho se tornaria permanente. Daí desataram a falar de estados do sonho & da alma; como outras pessoas conversam sobre Beaverbrook & o livre comércio – como se fossem assuntos de conhecimento geral. Tão

familiarizado era ele com aquilo que percebi que desenvolvera uma teoria psicológica completa, que só consegui entender momentaneamente, dada a minha ignorância assustadora. De la M. tinha acabado de visitar a National Gallery & não sentira nenhum prazer com os quadros. Comentei que o ir & vir da consciência deixava qualquer espírito crítico instável. Ele disse que sempre devíamos procurar os grandes. Yeats falou que Rembrandt não lhe causava nada, El Greco não lhe causava nada. Então explicou o prazer que sentimos com quadros, ou outras obras de arte, com uma metáfora elaborada, baseada em sua teoria psicológica; as arestas duras das coisas entram em contato conosco, & então essa mesma ordem é trazida à nossa consciência: & conseqüentemente nosso contato mais íntimo com a obra de arte resulta de uma união repentina das arestas, que – esqueci completamente a metáfora agora. Depois, discutimos quais poemas relíamos sempre, insatisfeitos; eu disse Lycidas, De la M. disse que não. Nada de Milton para ele: jamais conseguia reconhecer suas próprias emoções ali. A madressilva de Milton não era a sua madressilva, tampouco a Eva de M. a sua E. Yeats disse que não conseguia obter nenhuma satisfação com Milton; que era poesia latinizada (& como disse alguém, Milton havia, de certo modo irreparável, danificado a língua inglesa). Isso estava ligado evidentemente a alguma cosmologia, em que latinos & romanos cumprem algum papel. Daí passou-se para a poesia moderna, & a questão da pá. Yeats disse que “nós”, de la M. & ele, escreviam “minipoemas” somente porque estamos no fim de uma era. Ali estava outra linha de pensamento, da qual só consegui compreender fragmentos. Segundo ele, a pá fora embalsamada por 30 séculos de associações; o cilindro a vapor nem tanto. A grande era da poesia, a era de Shakespeare, foi subjetiva; a nossa é objetiva, & as civilizações chegam ao fim quando se tornam objetificadas. Os poetas só conseguem escrever quando têm símbolos. E os cilindros a vapor não estão cobertos de simbolismo – talvez venham a ficar, depois de 30 gerações. Ele & de la M. só conseguem escrever poeminhas da vida doméstica. A maior parte das emoções encontra-se fora do escopo deles. Isso ficou para os romancistas, falei – mas como eram cruas & ligeiras minhas teorias ao lado das dele: tive uma tremenda noção da real complexidade da arte; & também de seus significados, sua

seriedade, sua importância, que englobavam completamente aquele homem largo, de mente ativa & imensamente vital. Sempre que alguém o interrompia com alguma pergunta diminuta, fontes de ideias se derramavam, jorravam dele. E impressionei-me com sua franqueza, sua concisão. Não há banalidades, nem devaneios. As cartas, disse ele, devem ser respondidas. Ele parecia habitar no centro de um arbusto de roseira-brava extremamente intrincado; do qual podia sair a qualquer momento, para depois recolher-se mais uma vez. E cada ramo era real para ele. Também falou sobre a necessidade da tragédia. É necessário tentar o impossível; mas isso deve ser possível. Toda criação é resultado de um conflito. James Stephens, de quem ele admira alguns poemas, & que eu nunca li, era tão pobre quando criança que costumava catar & comer o pão que atiravam aos patos. Deve existir tragédia para que se traga à tona o avesso da alma. (Isso pertence a outra teoria sobre a alma & seu antítipo, coisa de que me lembro vagamente de seus poemas). Disse que Tom usava as mitologias de modo muito inteligente, por exemplo o Rei Pescador em Terra Devastada; & que as mitologias são necessárias. Ezra Pound escreve lindamente quando as utiliza. Então de repente ele se vê obrigado a falar sobre – algum assunto trivial qualquer – & no mesmo instante seu ritmo se quebra. Eu disse que não conversamos o suficiente, não de modo despreocupado & uniforme. Ele nos contou de homens que havia conhecido nos trens. Gostei das transições que ele fazia para o dialeto & o humor. Com os homens talvez ele seja áspero. Disse que estava hospedado com Masfield, que, para comemorar os 30 anos de amizade dos dois, organizara um recital de poesias de Yeats, declamadas por moças, em Boars Hill⁸⁰. As vozes tinham se perdido no teatro tão grande, mas Yeats ficou muito comovido. Judith M. é simpática & bondosa, mas não bonita; portanto terá de se casar com um homem que já conheça, & não alguém à primeira vista. Sim, ele pareceu bastante cordial, bastante generoso; atizado pelos seus 65 anos de vida & no domínio de todos os seus sistemas, filosofias, poéticas & humanidades; sua hesitação ficou para trás. Daí, sem dúvida, sua urbanidade & generosidade. Compare-o com Tom, por exemplo, que veio aqui tomar o

⁸⁰ John Masfield, poeta laureado, construiu um pequeno teatro ao lado de Hill Crest, sua casa em Boars Hill, e foi ali que se deu o recital, em 5 nov.

chá no dia anterior, & talvez seja, até onde eu sei, um poeta tão bom quanto ele. O pobre Tom é todo desconfiança, hesitação & reserva. Seu rosto está mais pesado mais gordo & mais pálido. Tem um certo ar sinistro, plúmbeo. Mas, ah! – Vivienne! Existiu jamais uma tortura tão grande desde o início dos tempos? – suportá-la nas costas, vingativa, retorcida, delirante, doentia, empoada, insana, & ao mesmo tempo sã ao ponto da insanidade, lendo as cartas dele, atirando-se sobre nós, vindo aqui trêmula, vacilante – Seu cachorro faz isso para me assustar? Vocês têm visitas? Sim, nós nos mudamos de novo. Diga, Mrs Woolf, por que nos mudamos tanto? Será por acaso? É o que eu queria saber (tudo isso dito de modo desconfiado, enigmático, com segundas intenções). Experimente um pouco de mel, é produzido por nossas abelhas, falei. Vocês têm abelhas? (& ao dizer isso, percebo que estou despertando suspeitas). Abelhas não, vespas. Mas onde? Embaixo da cama. E assim por diante, até que, exaustos com meia hora daquela conversa, aliviados nos despedimos deles. Vivienne comentou que eu fiz um gesto para indicar que eles deveriam ir embora. É nessa maluquice que Tom está enfiado até o pescoço. Pensando melhor agora, Yeats & de la Mare falam demais sobre sonhos para ser plenamente satisfatório. É isso o que torna bambos os contos do de la Mare (que Ottoline me emprestou).

Bem, o que virá depois,⁸¹ quando eu terminar *As Ondas*? Creio que algum livro de crítica; (Mrs Stiles veio apanhar o papel usado) Mas não estou satisfeita com minhas próprias conclusões inteligentes. Preciso inspecionar a questão do alto. É nesse estágio que estamos. Pensei, como uma maneira de dar continuidade a este livro, em anotar as manchetes do jornal todos os dias. Mas não consigo me lembrar delas.

Mr Scullin & o Partido Trabalhista. As comemorações do dia do armistício. O assassinato do Carro em Chamas. A próxima Expedição do Príncipe de Gales. – arrisco.⁸²

⁸¹ Isso está sem data, e separado por um espaço menor que uma entrada. AOB quebrou a entrada e inseriu uma data provável, Terça 11 de novembro.

⁸² James Scullin, primeiro-ministro da Austrália, estava visitando a Grã-Bretanha e a Europa; em sua ausência uma crise irrompera no Partido Trabalhista australiano sobre como lidar com a crise econômica. Alfred A. Rouse seria executado em 10 mar. 1931 pelo assassinato de um desconhecido cujos restos

William Plomer está de volta [de sua viagem à Europa]. Nessa voltou, como uma esposa pronta para ler ou ficar ao lado de Clive, na quinta. Roger também. E eu grito, O Solitude⁸³ – & olho na direção de Rodmell. E o tempo continua azul & ameno. E vou ao dentista, Leonard também. E Rivett é uma cozinheira nervosa, mas organizada. E Nelly apelou ao Dr McGlashan. E aguardamos o desenrolar dos acontecimentos.

Outra noite, sentada no chão ao meu lado, Vita sofreu consideravelmente por ciúmes de Ethel. Ela a elogiou, estoica mas amargamente. Tem todo o abandono que eu, habitando essa era de sutileza & reservas, já não tenho mais. Ela reivindica o que quer; irrompe com força onde eu me obrigo a conter-me. Quando Hugh estava aqui, disse casualmente que encontrara Ethel tomando o chá. Uma tal agonia atravessou Vita que ela se viu incapaz de falar qualquer coisa. E eu não percebi nada; & com minha cegueira, fiz piada como sempre, coisa que V. levou a sério, & trouxe minha carta para que eu a lesse.

Ai de mim, ⁸⁴meu cérebro está dormente demais para continuar o solilóquio de Bernard esta manhã. Qualquer peso mínimo me deprime. E Clive foi esse peso mínimo, que se somou aos costumeiros – dentista, lojas, visitas &c., de modo que não consigo escrever nada. E ontem à noite passamos uma noite constrangedora & corajosa na Hope. Hope libertou-se de todas as repressões graças a [ilegível]; será? Pela primeira vez desde a morte de Jane eu a vi como uma garotinha, volúvel, animada. Mrs Plunket Greene⁸⁵ estava lá (com 20 anos a mais desde que nos encontramos no jantar de Savage);⁸⁶ agora grisalha, as carnes pendentes; com a técnica avícola mais estranha que eu já vi de mexer a cabeça & os olhos – sempre torcendo o pescoço, a espiar, a avançar, exatamente igual um passarinho animado. É católica apostólica romana

foram encontrados num carro queimado perto de Northampton em 6 nov. O Príncipe de Gales partiria de navio numa viagem para a América do Sul em março de 1931. (AOB)

⁸³ Provavelmente referência ao poema de Keats, “Sonnet VII (O Solitude! if I must with thee dwell)”, mas também poderia ser à famosa música de Henry Purcell. (AOB)

⁸⁴ A entrada continua, mas AOB a quebrou e colocou uma data, Quarta, 12 de novembro.

⁸⁵ Mrs. Plunkett Greene era uma das duas filhas de Sir Hubert Parry, compositor e diretor do Royal College of Music de 1894 a 1918; a família era vizinha dos Stephens. (AOB)

⁸⁶ George Savage, médico e especialista em doenças mentais, que fora tanto amigo quanto consultor dos Stephens, principalmente devido aos problemas de VW. (AOB)

– uma mulher não muito simpática ou inteligente, a menos que você se lembre de como era 20 anos atrás –, um tanto insinuante demais.

12 de novembro

E tive a tal conversa com Nelly ontem à noite. Depois de subir para ficar quieta por uma hora & talvez ler o poema de Dotty, tive a impressão de ouvir a campainha tocar; olhei pelas escadas & vi Nelly. Conversamos por duas horas. Uma das suas preocupações era proclamar sua dura sina & sua inocência de todas as ofensas dos criados do grupinho.⁸⁷ Tínhamos maltratado-a, dispensando-a por causa de seus problemas de saúde. Ao ser confrontada, disse isso mais como uma desculpa, quase como uma piada. “Ainda não consigo entender por que os senhores não me querem de volta...” “Mas Nelly, você me pediu demissão 10 vezes nos últimos 6 anos – ou mais...” Mas sempre voltei atrás. Sim, mas esse tipo de coisa dá nos nervos. Senhora, jamais tive a intenção de cansar ninguém – não precisa continuar conversando se isso é cansativo – mas a senhora nunca queria me dar uma ajudante. Já a Grace tem toda a ajuda que ela quer – Bem, eu disse, é um longo tempo de serviço. O problema, Nelly, é que você se esqueceu disso quando estava conosco. Mas por 3 anos eu estive doente. E nunca vou gostar de nenhuma patroa como da senhora... &c, &c, &c – todas as velhas histórias, algumas tão comoventes; outras tão patéticas, algumas tão (fico feliz em dizer) irracionais, histéricas, cheias daquela curiosa reiteração absurda de queixas que antes me punha doida. A verdade é que – mas eu jamais poderia lhe dizer isso – essa dependência & intimidade, com seu rigor, sua inveja & suas minúcias infinitas, cansa; é uma tensão psicológica. E depois tem a fofoca. Ah não vou dizer como fiquei sabendo, mas fiquei sabendo que –. A senhora diz –. & por fim, depois de toda uma variedade de sentimentos, fiquei com uma sensação apenas, Não eu não suportaria que você voltasse a dormir aqui. Quero me livrar de toda essa inspeção, dessa lenha na fogueira, a todo custo. Nada disso pode ser dito, & a situação, muito menos tempestuosa do que eu tema, tem lá suas arestas. A pobre Nelly, pensamos, procurando um emprego – fazendo as malas – indo às agências – depois de 15 anos.

⁸⁷ Os criados de Bloomsbury se referiam a si mesmos como um grupinho.

E acabei deixando que ela voltasse, por 3 meses, a partir do dia 1 jan. Como vou me perdoar?⁸⁸

Domingo, 23 de novembro

Ethel ontem, num estado de espanto ante de sua própria genialidade. “Não sei como eu dei certo”, disse, colocando o meu chapéu & me chamando para ver que casca de noz existe em cima de sua testa gigantesca.

Outra observação, baseada nas festas de Rhondda & no almoço com Harold⁸⁹: com as roupas certas eu logo poderia jantar & almoçar fora todos os dias & acostumar-me tão facilmente que isso nem importaria mais. E conseqüentemente também não faria mais nenhum sentido.

Domingo, 30 de novembro

“Ah, como tive infelicidades nessa vida”, disse Mary, soluçando. “Como ela foi perigosa, difícil! Como eu invejo você!”

Terça, 2 de dezembro

Não, não consegui escrever aquela passagem difícil de *As Ondas* esta manhã (como a vida deles paira iluminada contra o Palácio), tudo por causa da festa de Arnold Bennett & Ethel [*Sands*]. Mal consigo escrever uma palavra após a outra. Passei 2 horas por lá, assim me pareceu, a sós com B. na salinha dos fundos de Ethel. E esse encontro, estou convencida, foi tramado por B. para “acertar os ponteiros com Mrs Woolf” – quando bem sabem os céus que não dou a mínima se acerto os ponteiros com B. ou não. B., eu digo, pois ele não consegue dizer B. Ele para – fecha os olhos – apoia as costas no assento. Há uma espera. “Comece”, ele pronuncia baixinho, sem se alterar. Mas o método se alonga intoleravelmente, num discurso pouquíssimo inspirado. É verdade; eu gosto dessa velha criatura: eu me esforço ao máximo, como escritora, para detectar sinais de genialidade em seus olhos castanhos enevoados: vejo certa sensualidade, certo poder, suponho: mas Ah, quando ele rouquejou “que tolo desajeitado eu sou – que criancinha – em comparação com Desmond McCarthy – que desastrado – como pude atacar professores universitários?” Essa inocência é envolvente; mas seria ainda mais se eu o considerasse, como ele pressupõe ser, um “artista criativo”. Ele disse que George Moore em *The Mummer’s Wife*

Pouco tempo depois disso, A.B. foi à França, bebeu um copo d’água & morreu de tifo. (30 de março, seu funeral foi hoje)

⁸⁸ Escrito com outra caneta, provavelmente mais tarde.

⁸⁹ Margaret H. Thomas, viscondessa Rhondda, feminista, fundadora e editora de *Time and Tide*. Os Woolfs também foram ao almoço de aniversário de Harold Nicolson no Garrick Club antes de passarem a noite em Long Barn. (AOB)

mostrou-lhe as Cinco Cidades;⁹⁰ ensinou-lhe o que enxergar ali: sente uma profunda admiração por G.M.: mas o despreza por gabar-se de suas conquistas sexuais. “Ele me contou que uma moça foi vê-lo. E ele lhe pediu, quando ela se sentou no sofá, que tirasse a roupa. E disse que ela tirou toda a roupa & deixou que ele a olhasse – Ora, nisso eu não acredito... Mas ele é um escritor prodigioso – vive para as palavras. Agora está doente. Está um chato terrível agora– conta as mesmas histórias, sem parar. E em breve as pessoas dirão sobre mim, ‘Ele morreu’. Falei, apressadamente, ‘Falando de seus livros?’ ‘Não, de mim mesmo’, ele respondeu, prevendo, imagino, uma vida mais longa para seus livros do que eu.

“É a única vida que eu quero”, disse ele (esse escrevinhar incessante, um romance atrás do outro, mil palavras por dia), não quero mais nada. Não penso em nada mais além de escrever. Algumas pessoas se entediam. “Você pode comprar todas as roupas que quiser, eu imagino”, falei. “E banheiras – e camas. E um iate”. “Ah, sim, minhas roupas não poderiam ter um corte melhor.”

E finalmente eu trouxe Lord David [Cecil] para a conversa. E provocamos a velha criatura, fingindo que somos refinados. Ele disse que os portões de Hatfield estavam fechados, “fechados para vida”. “Mas abrem às quintas” disse Lord D. “Não quero ir às quintas” disse B. “E você não pronuncia os agás de propósito” falei, “porque acha que tem mais ‘vida’ do que nós”. “Eu às vezes gosto de brincar”, disse B. “Mas não acho que tenho mais vida que vocês. Agora tenho de voltar para casa, amanhã de manhã preciso escrever mil palavras”. E com isso restou apenas a carcaça da noite: & fiquei num tal estado que mal consigo correr a caneta pela página.

Pergunta: Por que Desmond gosta de conversar com Lord Esher?⁹¹

Reflexão: Provavelmente é algo ruim procurar o próprio nome em artigos, resenhas &c. Mas sempre faço isso.

Resolução: Dizer a Ethel um dia – Como você pode dar tanta importância a tudo o que você faz, se chama a si mesma de cristã?

⁹⁰ Região litorânea dos condados de Sussex e Kent. (AOB)

⁹¹ Oliver Brett, que dava apoio financeiro e editorial ao *Life and Letters* de Desmond, havia assumido o título de 3º visconde de Esher após a morte de seu pai, em janeiro de 1930. (AOB)

(inspirada pela carta desta manhã & sua ênfase na partitura de The Prison)

4 de dezembro

Uma palavra de ligeiro desdém no Lit. Sup. de hoje me fez resolver, em primeiro lugar, alterar As Ondas inteiro; & em segundo, virar as costas para o público – uma palavra de ligeiro desdém.

Sexta, 12 de dezembro

Manchetes do jornal. Revolução espanhola. Escândalo na serraria russa. Vazamento de cano de água em Cambridge Circus.⁹²

Estes são, eu acho, os últimos dias de respiro que me permito antes de enfrentar a reta final de As Ondas. Tirei uma semana de folga – ou seja, escrevi três pequenos rascunhos & fiz corpo mole, passei uma manhã fazendo compras, & uma manhã, esta, arrumando minha nova mesa & fazendo isso & aquilo – mas acho que recuperei o fôlego novamente & agora devo embalar por mais 3 ou quem sabe 4 semanas. Então, eu acho, escreverei as ondas de forma seguida &c – os interlúdios – de modo a transformá-los em um só – & então – ai ai, parte dele terá de ser reescrita mais uma vez; depois, as correções; depois, enviar tudo a Mabel; depois corrigir a datilografia; & então entregar a Leonard. Leonard só deve recebê-lo lá para março. Depois deixar de lado; depois mandar para a gráfica, quem sabe em junho.

Enquanto isso jantamos com Mary no domingo para conhecer Mr Hart Davis que talvez venha trabalhar na editora – mas em que cargo?⁹³ E dois dias atrás fomos ver o número 25 da T.[avistock] S.[quare], para onde talvez nos mudemos, se decidimos sair daqui & conseguirmos alugá-lo. Mas existem obstáculos também; a construção de um hotel ao lado, menos cômodos & mais despesas.

16 de dezembro

Nunca mais irei jantar fora. Vou queimar meu vestido de noite. Já atravessei aquela porta. Nada existe depois dela. Saltei meu obstáculo: & agora nunca mais preciso me chicotear para ir jantar com Colefax, Ethel & Mary.

⁹² Provas das condições de trabalho das serrarias soviéticas que serviam como campos de presidiários foram publicadas nos jornais após a fuga de três prisioneiros russos. (AOB)

⁹³ Rupert Hart Davis, formado em Eton e Oxford, mais tarde viria a fundar sua própria editora. Na época, trabalhava como contínuo na William Heinemann Ltd. (AOB)

Martelei indelevelmente essas reflexões ontem à noite em Argyll House. A mesma festa de sempre: os mesmos vestidos; a mesma comida. Para conversar com Sir Arthur sobre as cartas da R.[*ainha*] V.[*itória*], a lei de corantes, & sei lá o que mais⁹⁴, sacrifiquei uma noite a sós com Vita, uma noite sozinha comigo mesma – uma noite de prazer. E assim a coisa segue, eternamente. Lord & Lady Esher, Arnold Bennett – o velho Birrell. Conversas forçadas, áridas, estéreis, infantis. E nem me sinto animada por comparecer. De modo que o obstáculo não só foi saltado, como derrubado de vez. Saltar para quê?

18 de dezembro

Greves na Espanha. Doença de M. Poincaré. Suicídio de Peter Warlock. Lei dos Corantes.

Lord David [*Cecil*], Lytton & Clive ontem à noite. Conteí que tinha queimado no fogão meu vestido de noite – concordância generalizada de que festas são uma tolice. Clive foi especialmente solidário. Conversa sobre o enigma do universo (livro de Jean), se um dia ele será desvendado; não por nós; descobrimos subitamente: conversa sobre o ritmo na prosa; Lytton vai publicar um novo livro de ensaios; como se chamará; morar no exterior; Clive disse que nós (L. & eu) somos provincianos. Digo que no exterior não existe lama nem vaga-lumes nos cabelos; discutimos Blenheim; Lytton é contra; Clive a favor; digo que ali não há a menor noção do caráter humano; a tia de Lord David rasga eternamente sua biografia de Ld Salisbury; sente pela causa dos lunáticos; nenhum Cecil gosta de cachorros; discute-se a R.V.; Bitter Tea; A Lion Rages; os olhos de Clive; Ld D. cochilou na mesa; minha bolsa chegou; neblina o dia inteiro⁹⁵.

⁹⁴ *The Letters of Queen Victoria*, ed. G.E. Buckle. O Dyestuffs Act (Lei dos Corantes), de 1920, seria extinto em 1931, mas a maioria na Câmara dos Lordes votou pela prorrogação da lei por mais doze meses. Em “Am I a Snob?” (*Moments of Being*), VW afirma que certa vez foi “a segunda maior autoridade na questão dos corantes na Inglaterra”. (AOB)

⁹⁵ *The Mysterious Universe*, de James Jean, fora publicado em novembro. *Portraits in Miniature and other Essays*, de Strachey, em março de 1931. *Blenheim* (1930), de G.M. Trevelyan. Lady Gwendolen Cecil publicou três volumes da biografia do seu pai, o marquês de Salisbury, mas nunca a terminou. *Bitter Tea*, de Grace Zaring Stone. “A Lion Rages”, não identificado. (AOB)

Levante na Espanha. Gripe do Príncipe de Gales. Carnera derrota M⁹⁶.

“Violet me deixou tão feliz”, disse Ethel, “dizendo exatamente o que eu queria que ela dissesse. Fiquei impressionadíssima com a força & a gentileza maravilhosas de V., & pelo seu nariz.” Ora, não gosto disso: não gosto que Ethel saiba que gosto de elogios; não gosto de gostar deles; não gosto de Mrs Woodhouse inventando-os ao telefone.⁹⁷

20 de dezembro

W.H. D. Douglas morre afogado: seis ingleses mortos: novas regulações para automóveis. Lord Willington nomeado vice-rei da Índia⁹⁸.

E Kingsley Martin almoçou conosco (varrendo peru para dentro como uma faxineira varre penas) & disse que a Nation & o N.S. vão se juntar; & que ele será o editor (o que é altamente secreto, como todo absurdo), & L. teria interesse em ser o editor literário? Não; L. não teria⁹⁹.

22 de dezembro

Morte horrível de Douglas: Conferência indiana. Neblina. Intermitente. Tempo vai esfriar ainda mais.¹⁰⁰

Ocorreu-me ontem à noite, enquanto ouvia um quarteto de Beethoven, juntar todas as passagens isoladas na fala final de Bernard & terminar com as palavras O solitude: fazendo assim com que ele absorva todas essas cenas, sem que haja mais interrupções. Isso também serviria para mostrar que o tema esforço, o esforço, predomina: não as ondas: & caráter: & desafio: mas não tenho certeza de como esse efeito se daria

⁹⁶ O levante na Espanha tinha sido declarado um “fracasso republicano” pelos jornais. O peso-pesado Primo Carnera derrotou Reggie Meen, da Grã-Bretanha, em 18 dez. (AOB) Não há data. AOB colocou Sexta, 19 dez. (AOB)

⁹⁷ Violet K. Gordon-Woodhouse, cravista e clavecinista amadora, mas brilhante, e pioneira do movimento renascentista da música antiga, que Ethel considerava a mais musical de seus amigos musicais. (AOB)

⁹⁸ O jogador de críquete J. W. H. T. Douglas estava entre os 42 passageiros que morreram no naufrágio do navio a vapor *Oberon* em 19 dez. O ministro dos Transportes banira os automóveis de algumas ruas do centro de Londres a fim de aliviar os congestionamentos. (AOB)

⁹⁹ Basil Kinglsey Martin assumiu o posto de editor da *New Statesman and Nation* em 1931 e o conservou até 1960. (AOB)

¹⁰⁰ Na margem oposta, VW anotou os seguintes versos do *Inferno* de Dante.

Nè dolcezza di figlio, nè la piéta/ del vecchio padre, nè il debito amore/ Lo qual dovea Penelope far lieta/ Vincer poter dentro da me l'ardore/ Ch'i' ebbi a divenir del mondo esperto,/ E degli vizii umani e del valore;/ Ma misi me per l'alto mare aperto/ Sol con un legno e con quella compagna/ Picciola, dalla qual non fui deserto.

do ponto de vista artístico; porque as proporções podem necessitar da intervenção das ondas no final, para criar uma conclusão.

23 de dezembro

Farei uma anotação apressada sobre ser roubada.

Coloquei a bolsa embaixo de meu casaco na Marshall & Snelgrove's. Virei as costas & senti, antes mesmo de olhar: "Não está mais aqui". Dito & feito. Então começaram as perguntas & as mensagens fúteis. E chegou o detetive. Ele parou uma mulher idosa respeitável que aparentemente estava fazendo compras. Os dois trocaram comentários sobre "a de sempre – não, ela não veio hoje. É uma moça de casaco de pele marrom". Enquanto isso eu estava arrasada, óbvio, com meus próprios desejos fúteis – lembrando como eu tinha pensado, quando pousei a bolsa, isso é uma tolice. Fui admitida no submundo. Imaginei a moça de marrom espiando, lançando-se sobre a bolsa. E minhas 6 libras – meus dois broches – se foram – tudo por causa de um instante. Elas jogam as bolsas fora, disse o detetive. Essas mulheres terríveis vêm aqui – mas não tanto quanto a algumas lojas da Oxford St. Vergonha, arrependimento, humilhação, curiosidade, certa frustração, tolice, certo choque, tudo por conta desse submundo – uma noite com neblina – voltar para casa, sem um tostão – lembrando da minha bolsa verde – imaginando a mulher revirando-a – sua casa – seu marido – Agora, é ir para Rodmell na neblina.

Sábado, 27 de dezembro

Rodmell.

Mas de que adianta falar sobre a fala final de Bernard? Viemos para cá na terça, & no dia seguinte meu resfriado virou a gripe de sempre & estou de cama com a febre de sempre, & não consigo usar meu intelecto ou, como se vê, formar letras como se deve. Em 2 dias devo estar de volta ao normal; mas então a esponja que existe atrás da minha testa terá secado & empalidecido – & minha preciosa quinzena de exaltação & concentração me terá sido arrancada; vou voltar para a correria & para Nelly sem ter feito absolutamente nada. Eu me animo pensando que pelo menos talvez consiga pensar sobre algumas coisas. Enquanto isso, chove; o filho de Annie está doente; os cachorros do vizinho ganem & ganem; todas as cores estão um tanto desbotadas & o

Diary of a Somerset
Rector

pulso da vida, enfraquecido. Devaneio letargicamente de livro em livro: o Tour de Defoe; a autobiografia de Rowan; as memórias de Benson; Jeans; à maneira de costume.¹⁰¹ O pároco – Skinner – que se matou com um tiro emerge como um sol sangrento entre a névoa, um livro que talvez valha a pena analisar de novo com o humor mais desanuviado. Ele se matou na floresta de faias localizada mais acima de sua casa; passou a vida cavando rochas & reduzindo todos os lugares a Camelodunum; brigando; discutindo; porém amava os filhos; porém os pôs para fora de casa – uma imagem clara & dura de certo tipo de vida humana – os exasperados, infelizes, conflituosos, intoleravelmente atormentados. Ah & li as cartas da R.[ainha] V.[itória]; & imagino o q. teria acontecido tivesse Ellen Terry nascido Rainha. Um completo desastre para o Império? A R.V., inteiramente antiestética; uma certa competência prussiana & crença em si mesma suas únicas proeminências; material; brutal com Gladstone; tal como uma amante com um laçao desonesto. Conhecia a própria mente. Mas sua mente era radicalmente banal; somente sua força & sua noção acumulada de poder faziam dela notável.

Segunda, 29 de
dezembro

Um dos meus treinos para exercitar as mãos. (Ainda de cama.) Skinner foi criado para ser um advogado, mas infelizmente tornou-se um clérigo. Infelizmente também sua mulher morreu, de tuberculose, deixando-o com 3 filhos. Desses a única satisfatória era Laura, que herdou o amor do pai por colecionar & tabular; mas também a tuberculose da mãe, de modo que antes que colecionasse, de modo bastante ordenado, diversos armários de conchas, morreu; & os outros filhos eram insatisfatórios.

Skinner era pároco de Camerton em Somerset, & lá ficou, ano após ano, sem qualquer aptidão para lidar com as almas dos vivos. Homem inteligente, honesto, consciencioso, cumpria seu dever perante o rebanho repreendendo-os eternamente. Parece estranho que eles fossem sempre maus, mas para ele era a verdade. Uma mina de carvão estava sendo criada na cidadezinha, & a moral dos carvoeiros talvez

¹⁰¹ Aparentemente *Tour Through the Whole Island of Great Britain*, de Defoe; *The Autobiography of Archibald Hamilton Rowan*; *As We Were: A Victorian Peep-Show*, de E. F. Benson; o popular *The Mysterious Universe*, ou seu livro anterior, *The Universe Around*, de James Jeans, e o *Journal of a Somerset Rector*, ed. H. Coombs e A. Bax (no qual VW baseou-se para escrever “The Rev. John Skinner”, em *The Common Reader – Second Series*, 1935). (AOB)

seja mais relaxada. Seja como for, nenhuma cidade na Inglaterra parece ter abrigado tantos cidadãos insolentes, perversos & ingratos. E Skinner estava sempre os comparando com os romanos. Seu único consolo era sonhar que estava de volta em Camelodunum & esquecer que estava em 1828. Mas, sendo ele um disciplinador, via-se atormentado pela necessidade de reprovar os viventes. Sua consciência recusava-se a deixar que ele fechasse os olhos para os sofrimentos da retardada Mrs Goold, ou para as iniquidades praticadas com os mendigos imbecis do abrigo, & ele era constantemente obrigado a fazer rondas entre os doentes & moribundos, pois os acidentes entre os mineradores eram comuns. Ele estava sempre do lado dos aflitos; nunca do lado dos felizes. Considerava-se um dos mais maltratados dos homens, & imaginava malignidades & insolências de todos os lados. Mrs Jarrett, a mulher do proprietário de terras, era uma arqui-hipócrita. Toda a sua bondade era uma enganação. E ele às vezes era convidado para algum baile – para algum jantar com pratos franceses. Preferia mil vezes a solidão à companhia cintilante da alta sociedade. Eternamente censório, achava defeito nos pratos franceses, nas roupas de gala, em todo o desfrute – a não ser o que vinha de escrever & escrever, longos relatos sobre lugares, catálogos de antiguidades &, especialmente, sua grande obra de Etimologia. Nisso também ele só encontrou ridicularização. Num jantar de párocos, pediram que explicasse, em seu sistema, o nome de Bumstead, coisa que ele fez – mas em seguida desconfiou que aquilo não passara de uma gozação. Sempre vinha desconfiança depois de um momento de prazer. Talvez o único prazer genuíno fossem suas visitas a Stourhead, lugar de [*em branco no original*], onde um grupo de antiquários se reunia por um ou dois dias e discutia questões sobre romanos & bretões, sítios arqueológicos & cidades enterradas. Ali, sentado sozinho na luxuosa biblioteca, ele desfrutava o requintado prazer de copiar trechos de – devemos dizer? – Ptolomeu, Teofrasto, & o bom Bispo de Bath & o de Wells também o deixavam feliz apesar de algumas suspeitas – convidando-o para passar o fim de semana em Wells. Esses, entretanto, eram seus únicos respiros. A vida familiar em Camerton tornou-se cada vez mais sórdida, humilhante, incômoda & de certa maneira violenta. Ridicularizado & insultado pelos camponeses & fazendeiros brutos, que diziam na sua cara que ele era louco, ele não

recebia melhor tratamento em sua própria casa paroquial, da carne de sua carne & do sangue de seu sangue. Cenas terríveis se desenrolavam com os filhos. Uma vez Joseph lhe disse que ele estava se exibindo ao ridículo com seus textos, & que era insano. As tentativas de impedir o pai de beber cidra terminavam – tão irritante era seu comportamento – em xingamentos violentos. Os filhos estavam sempre sendo mandados para ficar com a avó em Bath. Seu temperamento tinha culpa, dizia ele; mas os filhos eram culpados por irritarem seu temperamento. Os criados foram embora, pq. ele não os deixava dar uma volta depois do jantar. Os fazendeiros o xingavam porque ele suspeitava que lhe roubavam os dízimos; ele nervosa, irritante & incompetentemente tentava compensar aquilo com carneiros & montes de feno. Não entendia nada da vida em fazenda, nada da vida do campo. A única coisa que sabia era que Camerton fora Camelodunum, & sua obsessão nesse ponto fez com que até mesmo o tolerante Baronete reclamasse que ele estava levando a história de Camelodunum longe demais. De modo que no fim... a única coisa que ele podia fazer era escrever & escrever. As páginas em branco de seu diário jamais zombavam nem cuspiam em sua cara, nem o ridicularizavam pelas costas, nem tramavam sua derrocada, nem o chamavam de louco. Oitenta e quatro volumes de tralhas de antiquário, reclamações diárias & diários foram escritos & guardados nuns grandes baús de ferro que foram legados ao Museu Britânico. No fim seu confidente foi o futuro – 50 anos depois de sua morte, ele dizia, aqueles 84 volumes seriam oferecidos ao mundo – um mundo que compreenderia sua grande contribuição à etimologia & ficaria ao lado dele contra o representante da Igreja Anglicana, Mrs Jarrett, Owen, a criada & todo o resto da sua tribo ingrata & eternamente martirizante. A fama & o consolo seriam dele, então. Sem dúvida essa confiança secreta o fazia seguir em frente, atravessando as misérias acumuladas da vida. Pois esse homem infeliz não era cego a seus defeitos. Sua principal tristeza devia surgir do conflito entre o amor & a irritação. Ele amava os filhos – mas os afastou. Eles caíram doentes, & ele se tornou todo bondade & consideração – mas como o infeliz do Owen poderia suportar ter o pai consigo? – seu pai egoísta, rígido, moroso, & ao mesmo tempo dedicado? Ele causava sofrimento até mesmo com seu afeto. E de repente o diário, escrito em garranchos ilegíveis, deixa de ser

copiado. O irmão incumbido de fazer isso morre. Skinner continuou a escrever, apesar de ninguém conseguir ler sua letra. Talvez saber que até mesmo esse confidente falhara com ele finalmente o fez decidir. Seja como for, 7 anos depois, ele saiu numa manhã de dezembro até a floresta de faias & disparou um tiro. Encontraram seu cadáver & o enterraram – exacerbado, marcado, coberto de irritações infernais – na sepultura da sua mulher & de Laura.

Agora que essa pequena narrativa foi feita – & Deus meu, como é difícil escrever na cama – registro que a máquina não foi seriamente prejudicada; & se eu conseguir sair, movimentar-me um pouco, sem ficar com dor de cabeça, em uns 3 dias devo começar a tocar gentilmente as ondas. Não tenho aqui as tentações de Londres. Não estarei de volta ao normal, mas eu diria que estar normal é um fetiche. Mrs Dalloway foi toda escrita com uma febre de 37 eu acho. Que difícil no entanto voltar ao estado de espírito certo: que estranho equilíbrio é necessário. Esse rascunhozinho sobre Skinner está na ordem errada; mas não me atrapalhei com as palavras. Consegui deixar a mente voar, & não estou, como provo agora, exausta por uma hora de exercício. Chove. Nessa volta de Seend hoje. Vita apresenta o programa de rádio. Aquela voz, cantando Bach, falando sobre o tempo, veio a calhar.

Terça, 30 de
dezembro

Ele precisa, presume-se, de unidade; mas acho que está bastante bom (estou conversando sozinha junto à lareira sobre As Ondas). E se eu conseguisse unir ainda mais as cenas? – usando o ritmo, basicamente. Para evitar os cortes; para fazer o sangue correr como uma correnteza do princípio ao fim – não quero o desperdício das quebras; quero evitar capítulos; essa foi na verdade a minha conquista, se existiu alguma: uma completude saturada, não picoteada; as mudanças de cena, de humor, de pessoa, foram feitas sem deixar cair uma só gota. Ora, se puder ser retrabalhado com intensidade & fluxo, é tudo de que ele precisa. E meu sangue está subindo (febre de 37).

Mesmo assim fui a Lewes, & os Keynes vieram tomar o chá; & tendo montado em minha sela, o mundo inteiro toma forma; escrever é o que me dá minhas proporções

1931

A maré virou. Os dias estão se encompridando. Hoje¹ o tempo foi bom do começo ao fim – o primeiro dia assim que tivemos, creio eu, desde que chegamos. E pela primeira vez em minha caminhada até Northease eu vi a lua nascer às 3, pálida, muito tênue, num céu de puro azul acima das planícies cobertas de neblina, como se fosse uma manhãzinha de junho.

Aqui vão minhas resoluções para os próximos 3 meses; o próximo trecho do ano.

Primeiro, não fazer nenhuma. Não me amarrar a nada

Segundo, ser livre & gentil comigo mesma, sem me espicaçar para ir a festas: sentar-me na privacidade do meu estúdio para ler. Fazer um bom trabalho em As Ondas.

Não m importar em ganhar dinheiro.

Quanto a Nelly, parar de me irritar, sabendo que de nada vale irritar-me: se a situação se repetir, Nelly deve ir embora. E dessa vez não me deixar seduzir pela facilidade de deixá-la ficar.²

Depois – bem, a principal resolução é a mais importante – não fazer resoluções. Às vezes ler, às vezes não ler. Sair sim – mas ficar em casa apesar dos convites. Quanto às roupas, acho que comprar as de qualidade.

Esta manhã Sandles trouxe Miranda, que agora está em sua alcova.³ Fomos a Charleston ontem, & lutei, sem sucesso, contra a depressão de sempre. Será pela leviandade deles? – pelo desdém? Mas nada tão ruim quanto de costume. Duncan estava lá. Entramos, & a cena teve o efeito cavernoso de sempre – uma caverna vermelha no oco profundo do inverno.

¹ No original não há data. AOB inseriu entre colchetes: “Sexta, 2 de janeiro”.

² Depois da cirurgia de Nelly em maio de 1930, VW passou a contratar funcionários domésticos que não residiam em sua casa, sistema que considerava melhor, e decidiu demitir Nelly depois que ela se restabelecesse. Após uma longa conversa, porém (ver entrada de 12 nov. 1930), ela concordou em aceitar Nelly de volta por um período de teste de três meses, a partir de janeiro de 1931. (AOB)

³ Sandles era um courier de Lewes que fazia entregas em Rodmell às terças e sextas. “Miranda” – uma estátua de mulher seminua em tamanho real – primeiro foi colocada diante da fachada de Monks House, depois transferida para o pomar. (AOB)

Tavistock

7 de janeiro

Bem, acabamos de voltar, tomamos o chá, Francis Birrell veio de visita & já foi dispensado, & agora tenho duas horas até o jantar. Que é que vou fazer com duas horas? Não quero passá-las irritada com meu novo & respeitável esquema doméstico – Nelly na cozinha & Lottie tentando esconder-se no quarto. E não consigo me acalmar para ler *The Enormous Room*, nem *Madame du Deffand*. L. está ocupado com Miss Belsher & a correspondência.⁴ Minha cabeça não está lá em seu máximo de energia: esses quinze dias não me trouxeram vistas das colinas ondulantes – dos campos & sebes – tantas eram as casas de lareira acesa & as páginas iluminadas, & tanta caneta & tinta – maldita gripe. Está muito silencioso aqui – nem um som a não ser o assovio do gás. Ah como o frio estava terrível em Rodmell. Fiquei congelada como um pardal. E escrevi umas poucas frases surpreendentes. Poucos livros me interessaram mais em escrever que *As Ondas*. Ora, até mesmo agora, na reta final, estou dando duro; não existe fluência nenhuma, garantia nenhuma; olhe, talvez eu consiga escrever o solilóquio de B[ernard] de modo a romper, cavar fundo, fazer a prosa andar – sim, eu juro – de um modo como ela nunca andou antes: indo do riso & do balbucio à rapsódia. Algo novo aparece em meu tinteiro todas as manhãs – algo que nunca foi feito antes. Os ventos velozes não têm como soprar, vez que estou cortando & emendando o tempo inteiro. E guardei umas ideias para uns artigos: um sobre Gosse – o crítico como palestrante; o crítico de poltrona; um sobre Cartas – um sobre a Rainha –

Pois é verdade: *As Ondas* foi escrito sob tal pressão que não consigo lê-lo entre o chá & o jantar; & só consigo escrevê-lo por mais ou menos uma hora, das 10 às 11.30. E datilografá-lo é quase que a parte mais difícil. Deus me ajude se no futuro todos os meus livrinhos de 80.000 palavras me tomarem dois anos! Mas depois devo partir, como um barco tombado de lado, rumo a uma aventura mais ligeira, mais leve – outro Orlando, quem sabe.

⁴ Depois de ter sido dispensada pelos Adrian Stephens em 1930, Lottie estava desempregada. Peggy Belsher era a secretária da Hogarth Press desde março de 1928. VW estava lendo *The Enormous Room*, de e e cummings, e *Lettres de la Marquise du Deffand à Horace Walpole*. (AOB)

Olhei o dia nascer uma ou duas vezes – uma vermelhidão, como brasas de lareira, no céu de geada; gelo espesso nos campos; velas acesas em algumas casas, & depois voltei para a cama, envolvendo as roupas em meu corpo. E toda manhã eu apanhava o fole & atiçava a lenha, & fazia disso um jogo, & quase sempre conseguia um fogo ardente antes de L. chegar.

Como detesto as vozes & risadas das empregadas. Basta – basta.

Vamos tocar Grosse Fugue [*Beethoven*] esta noite – aposto que Ethel vai telefonar. Vou descer & apanhar a correspondência. Cartas de Tom, Lyn⁵ & Ethel: fui convidada a participar de um simpósio sobre o Amor – isso é tudo, basicamente. Mas já nos comprometemos a “ver” 6 pessoas antes de segunda-feira – a única importante é John Lehmann. E agora, escrevo para Arthur Symons sobre seu romance? Ai, ai. Existe alguma máquina para queimar 1 hora & 35 minutos?⁶

Bastante agitada⁷ por ler meu ensaio sobre Poesia na Ficção, escrevo aqui em vez de quebrar a cabeça com Dante.⁸ (É verdade, sinto mais empolgação com Dante depois de uma hora das Ondas do que com qualquer outra leitura – daí o esforço.) E Clive fez uma visita de 5 minutos para se despedir. “E ver como anda você”, disse ele. “E você, como anda?”, pergunto. “Cego”, diz ele, com um tanto de pesar. É neste pé que se encontra nosso relacionamento às 10 para as 6 no sábado, 10 de janeiro de 1931. Deus meu, que coisa mais estranha é a vida!⁹ Caminhamos pelas ruazinhas imundas de Seven Dials esta tarde, Leonard & eu, até Charing Cross Road. Eu ia num tal estado de lágrimas – pelo pathos, por Leonard, por mim mesma; & disse a ele, Quer meia coroa para comprar um esquilo? Subitamente nos vemos tomados de tristeza pelos outros.

⁵ Lyn Lloyd Irvine havia contribuído com a *N&A* quando LW era o editor literário e iria editar *Ten Letter-Writers* para a Hogarth Press. Arthur W. Symons era poeta, tradutor e crítico. AOB acredita que tenha enviado à HP a tradução de um romance francês, e que era a isso que VW se referia aqui. (AOB)

⁶ John Lehmann, amigo de Julian Bell e poeta, viria a integrar a Hogarth Press como sócio em janeiro daquele ano. (AOB)

⁷ No original, não há separação de uma nova entrada. Na edição de AOB, há um corte e a inserção entre colchetes da data “domingo, 10 de janeiro”.

⁸ O ensaio “Poesia, Ficção e o Futuro” fora publicado no *New York Herald Tribune* em agosto de 1927; algumas de suas ideias foram ampliadas no livro sobre ficção que VW começou a escrever em 1925 para a HP, mas não terminou. Alguns dos capítulos, contudo, foram publicados como “Fases da Ficção” em 1929. (AOB)

⁹ Clive Bell iria passar seis semanas em uma clínica de Zurique para tratar a doença ocular degenerativa que o assolava desde o outono. (AOB)

Mas bem, quanto às conexões – Lehmann talvez seja o ideal: um rapaz rígido, aquilino, com os cachos adoráveis da juventude; sim, mas ao mesmo tempo pertinaz, arguto. Vou receber um salário se trabalhar como aprendiz? Posso ganhar os livros da Hogarth Press? Não tem nada de excepcional; exceto talvez os olhos imaginativos: sabe Deus. E pedimos 4 ou 5 mil pela sua parte.

Bem, esses números levaram para longe a minha agitação & o espírito do prazer, cujas asas me roçavam, apesar do nosso lar de classe média (novamente, as criadas) & da carne passada do ponto.

Acho que um pouco de Dante seria indicado – Canto XXVI

Terça, 20 de janeiro

(Esse livro era *Here & Now*¹⁰, acho. Maio de 34.)

Neste momento, enquanto estava na banheira, concebi todo um novo livro – uma sequência para *A Room of One's Own* – sobre a vida sexual das mulheres: a ser chamado talvez de *Profissões para Mulheres* – meu Deus, que empolgante! Isso nasceu do texto que vou ler na quarta para a sociedade de Pippa. Agora, as Ondas. Graças a Deus – mas estou empolgadíssima.¹¹

Sexta, 23 de janeiro

Empolgada demais, ai ai, para continuar com *As Ondas*. Começa-se a criar *The Open Door*,¹² ou seja lá como será seu nome. O estilo didático, demonstrativo, entra em conflito com o dramático: para mim fica difícil entrar em Bernard novamente.

A palestra já aconteceu; L., acho, ficou um pouco exacerbado: observação interessante, se for mesmo verdadeira. Duzentas pessoas; jovens bem vestidas, interessadas & muitas vezes bonitas. Ethel de peruca & quimono azul. Eu ao seu lado. A fala dela jovial & direta: a minha,

¹⁰ Um dos títulos de trabalho de *Three Guineas*.

¹¹ Aqui pode-se rastrear a criação de dois livros, *The Years* e *Three Guineas*. *Here and Now* foi o segundo dos dez títulos que VW considerou para o primeiro – *The Pargiters*, *Here and Now*, *Music*, *Dawn*, *Sons and Daughters*, *Daughters and Sons*, *Ordinary People*, *The Caravan*, *Other People's Houses*, *The Years*. Antes de decidir-se pelo título *Three Guineas*, VW pensou nos seguintes: *Profissões para Mulheres*, *The Open Door*, *Opening the Door*, *A Tap at the Door*, *"Men are like that"*, *On Being Despised*, *P. & P.*, *The Next War*, *What Are We to Do?*, *Answers to Correspondents*, *Letter to an Englishman*, *Two Guineas*. Philippa (Pippa) Strachey, irmã de Lytton, era secretária do National Society for Women's Service; ela havia convidado VW a dar uma palestra na filial de Londres em 21 jan. Para mais sobre essa palestra, ver *The Pargiters* (ed. e comentários de Michael Leaska).

¹² Aqui um exemplo da impessoalidade com que VW por vezes trata a si mesma no diário. No original: "One goes on (...)".

condensada & alusiva demais. Que importa. Quatro pessoas desejam que a palestra seja publicada. Naturalmente estou exausta – esta manhã não consegui me obrigar a seguir com As Ondas. E com 37 de febre: & presa fácil das dores de cabeça – Deus meu, a frequência com que isso drena a força dos meus últimos capítulos! E agora Open Door também está sugando meu cérebro. Não existe como evitar tais incidentes.

Vita ontem à noite: “Se eu, que sou a mais afortunada das mulheres, pergunto De que serve a vida?, como é que as outras pessoas conseguem viver?”, vagamente deprimida. Diz que sente mais dor que prazer com os elogios a seus livros, & acredito ser verdade. Nunca houve escritor mais modesto. E no entanto ela ganhou £74 em uma única manhã – quero dizer, caiu um cheque pelo seu conto.

Segunda, 26 de janeiro

Valham-me os céus, posso sinceramente dizer desse primeiro dia dos meus 49 anos que superei a obsessão com Opening the Door & voltei para As Ondas: & nesse momento visualizei o livro inteiro, & como poderei terminá-lo – digamos, em 3 semanas. Seria então 16 de fev.; daí proponho, depois de escrever Gosse, ou talvez um artigo, lançar-me a uma primeira versão de Open Door, que deverá estar concluída em 1 de abril. (A Páscoa [Sexta-feira Santa] é 3 de abril). Então, espero, viajaremos à Itália: voltaremos digamos em 1 de maio, & eu terminarei As Ondas, de modo que o original entre em gráfica em junho & seja lançado em setembro. Enfim, são datas possíveis. Ontem em Rodmell vimos uma pega-rabuda & ouvimos o canto dos primeiros pássaros da primavera: agudos, egoístas, como [palavra ilegível]. O sol estava quente; subi o Caburn; voltei por Horley & vi 3 homens saírem em disparada de um carro azul & atravessarem um campo correndo, sem chapéus. Vimos um aeroplano prateado & azul no meio de um campo, aparentemente intocado, entre as árvores & as vacas. Esta manhã o jornal disse que três homens morreram – o aeroplano despencou dos céus: Mas nós seguimos em frente, o que me fez lembrar daquele epitáfio da antologia grega: enquanto eu afundava, os outros navios seguiam em frente.

O que me lembro das manchetes de hoje: *Gandhi libertado*. *Pavlova será enterrada em Golders Green*. *Assassinato do estripador em*

Blackheath. Morre Lady St. Helier – que foi uma condescendente de m–a comigo, 30 anos atrás.¹³

Segunda, 2 de fevereiro Acho que estou prestes a terminar *As Ondas*. Que talvez eu termine no sábado.

Esta não passa de uma mera anotação de escritor: nunca espremi tanto o meu cérebro por causa de um livro. Prova disso é que depois fico praticamente incapaz de ler ou escrever qualquer outra coisa. Só consigo relaxar completamente quando a manhã acaba. Ah meu Deus o alívio que vai ser quando essa semana terminar; em todo caso sinto que encerrei essa longa labuta: que encerrei aquela visão.¹⁴ Acho que fiz exatamente o que planejava: claro, alterei o esquema consideravelmente; mas a sensação que eu tenho é de ter insistido em dizer, bem ou mal, certas coisas que queria dizer. Imagino que mais mal que bem, de modo que para o leitor seja um fracasso. Bem, não importa: é uma tentativa corajosa, eu acho, & ~~demarca~~ algo que foi um esforço realizar.¹⁵ Ah, & sem falar no prazer de ver-me livre mais uma vez – o prazer do ócio, sem me preocupar demais com o que irá acontecer; depois conseguirei lê-lo de novo, com todo o espírito – coisa que não pude nesses últimos 4 meses. Ao todo terá me levado 18 meses para escrever: & só conseguiremos publicá-lo no outono, imagino.

Na outra noite William P.[*lomer*] falou mais sobre seu novo romance, o *Autobiography ou Experiences? of an Emigrant*, do que L. já falou sobre seus livros durante a sua vida inteira.¹⁶

Quarta, 4 de fevereiro Um dia arruinado, para nós dois. L. tem de comparecer todas as manhãs às 10.15 no tribunal, onde o júri ainda se reúne, mas tem um respiro até as 10.15 do dia seguinte; & esta manhã, q. devia ter sido um deslanche formidável n'As Ondas – B[ernard]. está a 2 dias creio eu de declarar Oh

¹³ O monte Caburn dominava o vale do rio Ouse perto de Rodmell. A citação é do livro VII de *The Greek Anthology*, edição de Loeb. Gandhi, que estava preso por desobediência civil desde maio de 1930, foi libertado em 25 de jan. A bailarina russa Anna Pavlova morreu em 22 jan. O assassinato de Louise Maud Steel, cujo corpo foi encontrado em Blackheath, deu origem a boatos sensacionalistas sobre outras garotas desaparecidas naquele bairro. Lady St. Helier, filantropa, socialite e escritora. (AOB)

¹⁴ Ecoa Lily, "I've had my vision", no final de *Ao Farol*.

¹⁵ Para um comentário mais alentado sobre a importância que VW dava aos trabalhos literários que lhe demandavam esforço, ver a primeira parte desta tese.

¹⁶ O novo romance de William Plomer, *Sado*, que se passava no Japão, seria publicado pela HP em setembro de 1931. (AOB)

Morte – acabou arrasada por Elly [*médica de Woolf*], que deveria ter chegado às 9.30 em ponto mas só veio às 11. E agora são 12.30, & ficamos conversando sobre menstruação & mulheres profissionais depois dos rituais costumeiros do estetoscópio, procurando em vão a causa da minha febre. Se quisermos gastar 7 guinéus talvez encontremos um vírus – mas não queremos. Assim, preciso tomar Bemax [*um tônico*], &... a rotina de sempre.

Que estranhas & melancólicas são essas últimas exacerbações das Ondas! Era para ele ter sido terminado no Natal.

Hoje vem Ethel. Na segunda fui ouvir seu ensaio na Lady Lewis. Um casarão na Portland Place com frio gesso estilo Adams, que mais parece bolo de casamento; tapetes vermelhos puídos; superfícies planas cobertas de tons enfadonhos de verde. O ensaio foi em uma sala comprida com uma janela projetada para fora, ou melhor, para dentro, das casas vizinhas – escadas de ferro, chaminés, tetos – uma estéril paisagem de tijolos. Na lareira estilo Adams rugia um fogo. Lady L., agora uma linguíça disforme, & Mrs Hunter, uma linguíça vestida de cetim, estavam sentadas lado a lado num sofá. Ethel, ao piano junto à janela, de malha & saia curta, com seu chapéu de feltro surrado, regeia com um lápis. Uma gota pendia da ponta do seu nariz. Miss Suddaby cantava Soul, & notei que fazia exatamente os mesmos gestos de êxtase & inspiração naquela sala que faria no concerto.¹⁷ Estavam ainda dois rapazes ou rapazinhos. O pincenez de Ethel girava cada vez mais para perto da ponta de seu nariz. Ela cantava de quando em quando; & certa feita apanhou o baixo & produziu com ele um som de guincho de gato – mas ela faz tudo de forma tão sem rodeios, tão direta, que nada é ridículo. Perde completamente a vergonha. Parece toda vitalizada; toda energizada: seu chapéu pende de um lado para o outro. Ela caminhou a passos largos, ritmicamente, pela sala, para mostrar a Elizabeth que aquilo era a melodia grega;¹⁸ voltou; Agora vem a parte em que começam a mudar a mobília de lugar, disse, referindo-se a umas cabriolas relacionadas com a fuga do prisioneiro, ou

¹⁷ A casa de Lady Lewis servia como ponto de encontro da alta sociedade e dos artistas, escritores e músicos destacados de sua época. Mary Hunter, irmã de Ethel Smyth e viúva de um abastado dono de carvoaria, torrou de tal maneira a fortuna do marido financiando as artes em geral que acabou falindo (ver entrada de 13 mai. 1931). Ethel Smyth estava ensaiando voz e orquestra para o poema *The Prison*, de seu amigo Henry Brewster. Elsie Suddaby estava no primeiro escalão das sopranos do entreguerras; ela e o baixo-barítono Stuart Robinson eram os dois solistas de *The Prison*. (AOB)

¹⁸ Elizabeth Williamson, neta de Mrs Hunter e sobrinha-neta favorita de Ethel Smyth, que estava sempre ao seu lado, ensinava matemática e astronomia no Universe College em Londres. (AOB)

seu desafio à morte. Suspeito que a música seja literária demais – forte demais – didática demais para o meu gosto. Mas sempre me impressiona o fato de ser música – quer dizer, que ela tenha tirado aqueles acordes harmonias melodias coerentes de sua cabeça vigorosa & estridente. E se ela for uma grande compositora? Esta ideia fantástica é para ela um mero lugar-comum: é a trama mesma que forma seu ser. Quando rege, ela ouve música como a de Beethoven. Andando de um lado a outro, virando-se, girando na nossa direção, sentados mudos em nossas cadeiras, ela acredita que aquele é basicamente o evento mais importante que está acontecendo em Londres. E talvez seja mesmo. Bem – observei o rosto judeu curiosamente sensível, perceptivo, da velha Lady L. tremendo como a antena de uma borboleta àquele som. Como são sensíveis à música essas velhas judias – como são flexíveis, maleáveis. Mrs Hunter ficou sentada como uma estátua de cera, composta, [*palavra ilegível*], maravilhada, com sua bolsa de corrente dourada.

Sábado, 7 de fevereiro

Aqui, nos poucos minutos que restam, preciso registrar, que o céu seja louvado, o fim de As Ondas. Escrevi as palavras Oh Morte quinze minutos atrás, depois de ter desfiado as últimas dez páginas com alguns momentos de tanta intensidade & enlevo que eu mais parecia estar simplesmente tropeçando atrás da minha própria voz, ou quase isso, atrás de alguma espécie de narrador (como quando eu ficava louca). Quase senti medo, lembrando as vozes que costumavam pairar acima de mim. Seja como for, está terminado; & fiquei sentada aqui nesses últimos 15 minutos em estado de glória, & calma, com algumas lágrimas, pensando em Thoby & se eu poderia escrever Julian Thoby Stephen 1881-1906 na primeira página. Imagino que não. Como é física a sensação de triunfo & alívio! Bom ou ruim, está terminado; &, como certamente senti no final, não apenas terminado, mas redondo, completo; as coisas foram ditas – muito apressadamente, muito fragmentariamente, eu sei; mas também sei que apanhei aquela barbatana nas águas inabitadas, que vi nos alagadiços pela janela do meu quarto em Rodmell quando eu estava terminando Ao Farol.¹⁹

¹⁹ Ver entrada de 20 set. 1926.

O que me interessou na última etapa foi a liberdade & a audácia com que minha imaginação apanhou, usou & atirou de lado todas as imagens & símbolos que eu tinha preparado. Tenho certeza de que esta é a forma correta de usá-los – não como peças fixas, como tentei fazer de início, coerentemente, mas apenas como imagens; sem jamais querer que atinjam um resultado, mas que sirvam apenas de sugestão. Assim, espero ter conseguido manter o som do mar & dos pássaros, a aurora & o jardim inconscientemente presentes, agindo de forma subterrânea.

Sexta, 14 de fevereiro

E fiz permanente nos cabelos dois dias atrás. Com certa dificuldade controlei meu desespero sem fim quando Nessa não gostou. Vou enfrentar o mundo cacheada, disse a mim mesma às 6 da manhã: com grande valentia; gosto do meu temperamento experimental.

Janet Case ontem, enrugada, limitada, embotada, envelhecida & bastante devastada pela pobreza. Notei seus sapatos baratos & o chapéu de veludo velho & sujo. Suponho que esteja com mais de 70 anos; porém sempre a vejo com 45. Ela se aferra à juventude. “Mas nunca vemos gente jovem”, & por isso lê Tom Eliot &c: ainda conserva a perspicácia: mas aí, o pathos quando nossos professores se tornam nossos alunos. Ela teve, imagino, uma vida muito mais dura do que eu supunha – doenças, pobreza & todas as limitações da vida; sozinha com Emphie; sem luxo nenhum, & sempre com a ideia no ar – disso não tenho certeza – de que um dia vai abandonar ou ser abandonada por E. Estava ficando na casa de um velho de 91. Que impressão potente, estranha & ansiosa traz a velhice: seu rosto tornou-se pontudo, pálido; encolhido; os olhos sobrevivem. Como eu esperava pela sua aula; & depois as discussões, a empolgação. Eu tinha 17 anos disse ela, quando começamos. Sentia-se fracassada.²⁰

Terça, 17 de fevereiro

E sinto que nós, em comparação com Aldous & Maria, somos fracassados.²¹ Eles saíram hoje para ir a minas, fábricas... o black country;²² foram às docas quando estiveram aqui; precisam conhecer a

²⁰ Janet Case, formada em Filologia Clássica, ensinara grego a VW no início do século. Ela morava com sua irmã, Emphie (Euphemia), em Minstead, New Forest. (AOB)

²¹ Exemplo de como VW conecta entradas diferentes. A ideia de fracasso conectou a entrada de 14 de fevereiro com a do dia 17 do mesmo mês, mas para falar de assuntos diversos.

²² Região nas West Midlands que, durante a Revolução Industrial, tornou-se uma das mais industrializadas e poluídas na Inglaterra, com minas de carvão, fundições, fábricas e siderúrgicas.

Inglaterra. Vão ao Congresso de Sexo em Moscou, já estiveram na Índia, irão à América, falam francês, visitam celebridades, – enquanto eu vivo aqui como um gorgulho num pãozinho. A névoa está espessando. Meu abajur elétrico quebrou; (estamos instalando lareiras). Meu Deus, quão pouco eu já vi, fiz, vivi, senti, pensei em comparação com os Huxleys²³ – em comparação com qualquer um. Aqui labutamos, lendo & escrevendo, sai ano entra ano. Nenhuma aventura, nenhuma viagem; & cada vez mais escura se torna a névoa. Aqui, por uma corda invisível, estamos presos. Acrescente a isso minha ínfima percepção das relações filamentosas. Com Nessa por exemplo. Acho que ela se empluma & orgulha-se de si mesma: acho que vive de modo autossuficiente: acho que sua beleza é elogiada; acho que ela não me quer; acho um milhão de coisas num minuto. Gabar-me me faz mal. Minha realidade é desconhecida. Assim sigo adiante – este é o truque de As Ondas. Meu navio zarpou. Eu me debato entre garrafas vazias & pedacinhos de papel higiênico.²⁴ Ah & as criadas: Lottie. Mrs M. [faxineira] Nelly instalada confortavelmente como se para a vida inteira.

E preciso escrever 6 artigos de uma tacada, sobre o quê? E um conto. Sobre o quê?²⁵ A única coisa de que gosto é da minha capacidade de sentir. Se eu não fosse tão triste não poderia ser feliz. E os Huxleys agora estão quase em Chesterfield, onde irão entrevistar gerentes. Aldous agarra a vida com as mãos. Se isso prejudica sua escrita eu não sei. Ele é “moderno”. É infinitamente atlético & aventureiro. Vai ser capaz de dizer que não desperdiçou sua juventude. O que o atíça é certa amargura. A morte chega; que importa; ao menos deixe-me ver o que há para ser visto, ler tudo o que há para ser lido. Imagino que nada lhe dê a imensa satisfação que as coisas me dão. Esse é o único consolo que eu encontro.

²³ Aldous Huxley e sua esposa belga Maria moravam na França e eram ávidos viajantes. Na época, estavam passando alguns dias na Inglaterra, em parte para reunir material para escrever artigos sobre a Inglaterra industrial. Os Huxleys jantaram com os Woolfs no dia 16 fev. (AOB)

²⁴ VW parece aludir ao seguinte verso de *Terra devastada*, de Eliot: “The river bears no empty bottles, sandwich papers/ Silk handkerchiefs, cardboard boxes, cigarette ends/Or other testimony of summer nights. The nymphs are departed.”

²⁵ VW havia se comprometido a escrever seis artigos para a revista *Good Housekeeping*, que seriam publicados ao longo de doze meses a partir de dezembro de 1931. Cinco deles foram reunidos em um livro sob o título *The London Scene*. O conto aqui mencionado não foi identificado. (AOB)

Segunda, 9 de março

E fui, mais de uma semana atrás, à casa de Lady Roseberry – sala simples iluminada pelo mar, bufê, mordomos & colegas idosos. Lady R. jovem & tosquiada. Lord Revelstroke exemplar. Caviar. Lady Oxford. Uma curiosa verruga, virulenta, em seu olho: pendente; imobilizada. Conheci seu pai: sua mãe... &c. Vai vir para o chá. Quer que escreva sobre o livro dela. Sensação de rufo & clangor: das presas implacáveis de Ethel: de sua vaidade irresistível, & também de certa angústia pela ânsia do filho por festas – que vergonhoso que irrisório: ela encarando o fracasso de *The Prison*; sua empolgação desesperada; seu único buquê; sua cabeça velha, surrada, repreendida. Como meus sentimentos eram confusos – meus ouvidos zuniam, não havia calor profundidade bem-estar tranquilidade em parte alguma: tudo era esforço & tensão: & a sensação da futilidade de tudo aquilo²⁶.

16 de março

Essas entradas escassas & um tanto exacerbadas demonstram, eu acho, a repercussão de *As Ondas*. Estou escrevendo uns artigozinhos pela manhã, & hoje deveria ter rascunhado *The Houses of the Great*, mas não tenho o material. Esta tarde vou tentar ver a casa de Carlyle & a de Keats. Amanhã almoço com George & Margaret para encontrar os Rothensteins. Miss Holtby está escrevendo um livro sobre mim.²⁷ Assim seguimos, até que, com a chegada do sol & o canto dos pássaros, espero, terminemos esse trecho do ano com 3 semanas de férias. Este ano estou precisando de férias. Acho sinceramente que poucas vezes trabalhei tão duro, de uma maneira ou de outra. Emocionalmente houve aquele ligeiro & eterno entrave com Nelly; & um belo arroubo, na festa de Lady Rosebery, com Ethel – aquela velha salteadora valente & truculenta. Ela é durona demais para se irmanar. E respeito sua capacidade de ignorar-me. Deu para ler Dean Inge, disse, quando supôs pela minha voz – exaurida, fria & rouca – que “estava tudo acabado”. O poder que ela exerce sobre as pessoas está na força de seu sentimento. Isso faz com que ela se lance às coisas

²⁶ Em 24 fev. os Woolfs haviam ido assistir à primeira apresentação de *The Prison* de Ethel Smyth no Queen's Hall, e em seguida VW foi a uma festa oferecida para Ethel pela condessa de Rosenery. A condessa de Oxford, mais conhecida como Margot Asquith, era uma figura influente na elite político-intelectual da época; publicara diversos livros, dois dos quais VW resenhara (sem assinar). Seu próximo livro era *More Memories* (1933). (AOB)

²⁷ “Great Men's Houses” foi o terceiro artigo publicado de VW na série para a *Good Housekeeping*. George Duckworth e sua esposa Margaret tinham uma casa em Londres, em Mayfair. Sir William Rothenstein, pintor e desde 1920 diretor do Royal College of Art, conhecia George de longa data. O livro de Winnifred Holtby sobre VW foi publicado em 1932. (AOB)

sempre impetuosamente. A imprensa a andou vaiando. Não importa. Ela imediatamente põe outros planos em curso. Uma questão curiosa – o que a chateia, o que ela pensa, em relação à sua música. Ela se rebaixa a explicações na *Time & Tide* de modo deploravelmente baixo. Não, não consigo escrever esta manhã.²⁸ Barbara, Julian & Betty Jenkins na outra noite – Julian num perrengue por causa de seus poemas. E assim meu fim de semana tranquilo em Rodmell na semana que vem será passado discutindo Pope &c. Como me ressinto – porém não consigo dizer não aos jovens. Ann Toby Henderson & eu vamos a Tantivy Towers.²⁹ Mas chega de tanto reclamar & hesitar.

Não há dúvida de que estar por baixo, sinalizando desânimo, é mais aletador para nossos amigos do que estar tomado de triunfo & sucesso.³⁰ –.

Devo dizer que valorizo mais o privilégio de ver coisas grandiosas em solidão do que a fama de um Profeta

Quinta, 19 de março

Ethel ontem, bastante intranquila em relação à sua própria personalidade & possíveis deturpações. Acho que está se iludindo quanto aos verdadeiros motivos porque rebate os críticos: (unicamente pelo bem dos outros músicos, das mulheres em especial: não tenho nada a perder: fui negligenciada &c & tal durante toda a minha vida). Acho que se sentia intranquila com a ideia de sua própria grandeza, precisava de reafirmações & as obtinha um tanto apressadamente dos comentários vagos que eu conseguia fazer, “Era isso mesmo que eu queria que você dissesse” – jogava com galhardia uma partida perdida. “Mas detesto a

²⁸ Para o arroubo de VW na festa, ver *IW WV Letters*, no. 2335. A resposta de Ethel Smyth às críticas desfavoráveis da imprensa sobre *The Prison* foi publicada em forma de artigos na *Time and Tide* em 21 de mar. e 4 abr., e na *NS&N* em 9 mai.: “Composers and Critics”. (AOB)

²⁹ Babara, única filha de Mary e St. John Hutchinson. Julian Bell tinha recebido uma bolsa do King’s College para escrever uma dissertação sobre Pope. Seu primeiro livro de poemas, *Winter Movement*, fora publicado no outono de 1930. Elizabeth Jenkins ensinava língua e literatura inglesa na King’s Alfred School e publicara um romance em 1929, *Virginia Water*. Os Woolfs levaram sua sobrinha Ann e Joan (“Toby”), filha de Hubert Henderson, ex-editor da *N&A*, para assistir a uma ópera leve de sucesso. (AOB)

³⁰ Segundo AOB isso parece ser uma anotação sobre outro escritor (Keats?) em vez de uma ideia da própria VW. No verso dessa página VW copiou um trecho de uma carta de Keats para Benjamin Robert Haydon, de 22 dez. 1818: “Devo dizer que valorizo mais o privilégio de ver coisas grandiosas em solidão do que a fama de um Profeta”. Keats, *Letters*, 212. (AOB)

boemia. Quero ar fresco, acima de tudo. Portanto cuidei de me divulgar. Fui amiga da Imperatriz. O Embaixador era um velho amigo meu. Não podia me dar ao luxo de ser declassée. Isso eu não poderia suportar (sobre sua posição na sociedade romana).³¹

A mim parece possível que a natureza tenha lhe dado tudo, menos o poder da expressão musical: daí a urgência, a violência & a inquietação da natureza dela: justamente esta válvula de escape está bloqueada. E ela espanca a porta eternamente; que permanece trancada; ela vem até mim, até Lady Cunard – quem quer que seja – com a veemência de um espírito torturado & desconcertado. Mas preferiria morrer a admitir isso. Daí o seu egoísmo terrível: seu desejo insaciável de lisonjas, pois sua única verdadeira satisfação lhe é negada. É uma companhia exaustiva, portanto.

Christabel ontem à noite.

Coloco Leonard acima de qualquer um aqui – até de você, que está acima do resto.

Meu quarto filho não é do meu marido.

Por que essas canduras & confissões?

Ela não gostava de mim, nem confiava em mim, ontem à noite

Desmond, ~~Velinda~~, Benita?, Vanessa, Raymond, Vita, Lord David Duncan Julian

E aqui estou,³² esperando para ir aos Richmonds, tendo almoçado com Clive, & prestes a jantar com os Wolves. Vinho no almoço me deixa corada & alta. O mesmo se passa com Tom. Não é bom. Meu cabelo se soltou. Ontem nas docas com Harold. Amanhã, festa de Ethel na Nessa. Sexta Tantivy Towers – o q. me faz lembrar de escrever mais cartas antes de me trocar. Ai meu Deus.

Sábado, 28 de março

Arnold Bennett morreu ontem à noite; o que me entristece mais do que eu poderia imaginar. Um homem adorável, genuíno; frustrado, de certa maneira deslocado na vida; bem-intencionado; ponderoso; gentil; áspero, & consciente de ser áspero; alguém que vagamente se debatia & ansiava por alguma outra coisa. Farto do sucesso: magoado em seus sentimentos;

³¹ A família de Ethel Smyth fora vizinha em Surrey da imperatriz Eugénie, que se tornou, mais tarde, um dos pivôs da vida de Ethel. (AOB)

³² AOB dividiu esta entrada e pôs uma data – Quarta, 25 de março.

ávido; de lábios grossos; insuportavelmente prosaico; um tanto digno; dedicado à literatura; porém sempre ludibriado; iludido pelo esplendor & pelo sucesso; mas ingênuo; uma velhusca pedra no sapato; um egoísta; bastante à mercê da vida apesar de toda sua competência; com uma visão comercial da literatura; mas apesar disso dotado dos rudimentos da sensibilidade, cobertos de gordura, prosperidade & uma adoração por móveis horrorosos estilo Império. Uma certa compreensão do poder, bem como um poder de absorção gigantesco. – Esse é o tipo de coisa que volta & meia fiquei pensando esta manhã, quando sentei para escrever meu diário; eu me lembro da sua determinação de escrever 1000 palavras por dia; & como ele saiu apressado naquela noite para fazer isso: & sinto certa tristeza porque agora ele nunca mais sentará & começará a dar conta metodicamente de seu número regulamentar de páginas com sua bela, mas monótona, caligrafia caprichada. Estranho como registramos a dispersão de qualquer um que nos tenha parecido – como eu já disse – genuíno; que tenha tido contato direto com a vida – pois ele me criticava; & no entanto eu preferiria muito mais que ele continuasse me criticando; & eu a ele. Um elemento da vida – mesmo da minha, em que ele era tão remoto – foi arrancado. É disso que nos ressentimos.

11 de abril

Ah como estou cansada de corrigir o que eu mesma escrevo – esses 8 artigos – aprendi contudo, eu acho, a deixar correr: & deixar de ser meticulosa. Quero dizer a escrita já está solta o bastante: é a repulsa de corrigir que me nauseia. E de condensar & cortar. E me pedem artigos & mais artigos. Eu poderia escrever artigos para sempre.

Mas não tenho caneta – bem, esta vai deixar apenas marcas. Nem muito o que dizer. ou melhor, tenho, mas não estou no humor para isso.

Voltamos [*de Rodmell*] na quinta. O sol imediatamente nasceu; todas as folhas abriram caminho; a grama na Praça era literalmente verde-esmeralda. E assim por diante. Imagine como me lamentei por Monks House: & como acordo assustada à noite – as manhãzinhas são batalhas terríveis – Lute lute – porém mais tarde não consigo me lembrar do motivo dessas lutas – dizendo Maldito seja, Deus, maldito: quando me lembro daquela casa nova horrenda no alto da minha colina; cujo muro vejo com

tanta frequência em minha caminhada de fim de tarde. Agora eles estão construindo a garagem; de modo que estamos num buraco.³³

E vi Pernel, & claro, depois de Pernel, Peter [*Lucas*]; ela portanto ficou brava & ele insistente, & tive de me desviar dos dois com uma conversa sobre a biografia de E. Siddal escrita por Mrs Hunt: não era disso que eu queria falar. Mas esses amantes têm a mesma pertinácia dos mosquitos ao redor de uma chama: precisam falar, ainda que não seja sobre Sheila.³⁴

Na quinta partimos para nossos quinze dias na França. Quero manter um diário, para fazer cada dia durar mais. Acho que La Rochelle é do que mais irei gostar: sentirei vontade de morar lá. De comprar uma casa: sonhar em fazer caminhadas ali quando eu for velha & sonolenta. Vou colar aqui – apesar de mal valerem a pena, essas anotações apressadas & ao acaso que fiz,³⁵ quase sempre morrendo de frio, um tanto úmida, com um cobertor grosso sobre os joelhos, porque o clima... todos estão falando do clima. O pior abril dos últimos 50 anos. O fato de termos aproveitado tanta coisa adorável, arrebatadora, divertida, & de que tivemos tantos bons momentos, derrapando pelas estradas molhadas sob um céu completamente cinzento, diz muito sobre nosso espírito. Estando casados desde 1912, por

1931

1912

19 dezenove anos; como entenece

encontrar esse carinho, essa curiosidade, esse vínculo quando estou a sós com L. Se me atrevesse, eu poderia esquadrihar minhas sensações em relação a ele, mas por preguiça, humildade, orgulho & não sei que reticência, eu me contenho. Eu, que nunca sou reticente.

³³ Bleak House, ou como VW a chamava, “Hancock’s Horror”, foi construída no topo de Mil Hill, em Rodmell, para F. R. Hancock, o candidato do Trabalhista por Lewes nas eleições gerais de 1931 e 1935. (AOB)

³⁴ Frank “Peter” Lucas, membro do King’s College e professor-palestrante de literatura inglesa, havia se separado dois anos antes e agora estava apaixonado por Sheelah, aluna da pós-graduação em Newnham (onde Pernel era reitora) e esposa do pintor Alan Clutton-Brock. O livro em questão é *The Wife of Rossetti*, de Violet Hunt, a biografia sensacionalista e inverídica de Elizabeth Siddal que a HP considerara para publicação, mas desistira. (AOB)

³⁵ Exemplo de VW criticando a si mesma; para ela, as “anotações” no diário “mal valiam a pena”.

1931

Diário da Viagem
a La Rochelle,
Brantome
&c.
16 de abril de 1931

Quinta, 16 de abril

Newhaven: jantar. hotel reformado recentemente em estilo moderno. Hóspedes surpreendentes. 2 jovens rapazes de calças eram mulheres. Uma é Mrs Pilkington [*não identificada*]. Conversa ao telefone. “Ah minha querida Judy... como eu quero te ver – Ethel também maravilhosa. Hoje fui dormir às 2.30 da manhã. Agora estou em Newhaven”. Porém seu caminhar & seus gestos são masculinos: camisa xadrez. A outra tinha um rosto feminino: era a mulher das duas: só que de calças. Ninguém reparava. Pediram coquetéis. Outros hóspedes, homem estilo Tartarin [*de Tarascon*]: barba negra cerrada nascendo do queixo: tornozelos à mostra: boné de capitão de navio: só que inglês. Outros, um casal recém-casado; a noiva de vestido de gala. Telefonaram. Talvez fosse a família – dela, presume-se. Os casais idosos que atravessavam a cena, como nós, pareciam respeitáveis naquele clima de comédia de cinema – justamente em Newhaven, imagine. E um jantar bastante bom.

17 de abril

Muito úmido: muito frio: um clima litorâneo marinho horroroso: tudo encharcado & os arbustos como sempre castigados pelo vento em Dieppe. Café da manhã no hotel de sempre [*du Rhin et de Newhaven*]. Começamos viagem. Vento & chuva: o ar quase preto. A chuva parou. No ferry em Quillebouef L. viu céu azul. Grande alegria. Almoço na pousada perto do ferry – peixe barato, duro; queimado. Um velho & uma velha do interior almoçando. Ele pôs um dedo de conhaque no café. De volta à estrada. Frio mas tempo bom de quando em quando. Pelas estradas do campo. Nenhuma casa. Chegamos a Alençon. Uma cidade antiga, branca & elegante, com uma enorme árvore de magnólia coberta de flores. Música de uma caixa de som numa casa velha, onde tinha uma garota sentada sob fileiras de potes escrevendo. Ceninha mais estranha. Praça ampla vazia para soldados. Jantamos mal – a não ser pelo vinho; uma garrafa inteira. Hóspedes: 5 homens de negócios, 4 franceses e u chinês: uma garota parecida com Fredegond [*Shove, prima de VW*] & um homem muito velho. Conversa sobre trens para Paris. Água fria na banheira; pela qual pagamos uma fortuna. Frio de rachar: mas ar quente sufocante no início da manhã. Partimos para Saumur. Fomos mais devagar. Clima de abril. frio de rachar. Não estava bem agasalhada. Almoço em Sablé-sur-Sarthe: ainda nada de comida boa. Cidadezinha antiga à beira do rio. Vimos um velho castelo em Durthal: transformado em asilo ou hotel; poeirento com torres pontiagudas cobertas de oleado.

Sábado, 18 de abril

Saumur, frio & chuvoso, mas com vislumbres de esperança. O Loire – vasto, sem um único barco. A França bastante vazia. Hotel melhor. água mais quente. Algumas mulheres disseram que andaram usando vestidos de algodão – clima imprevisível. Vimos a grande igreja redonda perto do rio. Uma feira. Partimos; esquecemos a mudança de fuso. Manhã ruim. Fomos a Fontevrault. Vi uma bela igreja antiga de convento, vazia. Não tire o chapéu, disse o homem. Não está consagrada. Túmulos dos Plantagenetas: como Edith Sitwell: retos, estreitos, lado a lado; repintados, azuis & vermelhos. Agora todo aquele enorme convento onde filles de France se educaram é uma prisão. Sinos da prisão chamando para o jantar. Fonte onde as garotas lavavam as mãos antes do jantar. O frio devia ser pior naquela época. As Abadessas mandaram retratar a si mesma nos afrescos – rostos gordos, sensuais, de nariz empinado.³⁶ Seguimos sob a chuva atravessando o interior do país: estradas estreitas amarelas: velhas sentadas nos campos embaixo de guarda-chuvas, perto das ovelhas. Bíblicas. Paradas no tempo. Almoço em Thouars: a comida ainda nada melhor que a das pousadas inglesas segundo L.

Segunda, 20 de abril

Aos poucos uma sensação sulina – homens jogando bocha. Velhos saem dos carros para apanhar flores no bosque. Estradas retas como varas; algumas completamente ladeadas de árvores; as copas se tocando. Mas o pior clima até agora. O carro fechado o dia inteiro. Chegamos em Niort às 6: determinados a emendar mais 65 quilômetros até La Rochelle. Chegamos às 7.30 – como se dirige rápido; esqueci de nossos 2 pneus furados. Um em Thouars nos atrasou, porque o homem não o consertou enquanto almoçávamos. Li Filhos & Amantes [*de D. H. Lawrence*], cada palavra: um carrossel. Como desejei um casaco de pele. Outro furo uns 15 quilômetros depois. Tivemos de trocar o pneu embaixo de chuva. Abrimos um buraco na estrada. Partimos de novo. Fomos ao hotel da praça. Estavam num baile: por isso viemos para este aqui (de France et Anglaterrre) Tudo perfeito – assoalhos bastante ciré: silêncio: um jardim:

³⁶ A Abadia de Fontevrault, datada do século XI e convertida em prisão por Napoleão em 1804, tinha sido ocupada por religiosos, homens e mulheres, presididos por uma abadessa. Na igreja românica existem oito túmulos reais de Plantagenetas, incluindo os de Henrique II e Ricardo I. Os afrescos encontram-se na sala do capítulo, que dá para o claustro. A poeta Edith Sitwell orgulhava-se de seu sangue argevino. (AOB)

ruínas; lilases; tetos com vasos de flores; mas ainda cinzento esta manhã. Abrimos a janela mesmo assim; & não está propriamente chovendo.

Terça, 21 de abril

Para Marennes: frio & escuro de início: aos poucos o tempo abriu. Melhor dia que tivemos. As pessoas logo começam a vadiar: abrem as venezianas. Fomos a Marennes, cruzando um alagadiço verde-esmeralda: deserto, uma ou duas vacas: uma mulher alta simplória vestida de preto como um padre. Em Bourgeant? [*Brouage*] – uma cidade dentro de uma antiga muralha; com tufo de grama. Lindo campo. um ferry. Aeroplanos fazendo acrobacias. Igreja em Marennes; velho navio pendurado no teto. O hotel de ostras a 2 km. Sentamos a uma mesa verde ao sol & tomamos café: L. comeu 12 ostras: vivas: retorceram-se em sua boca disse ele; verdes; com conchas deformadas. Bosque de pinheiros; tudo silencioso; nenhuma casinha. maré baixa. barcos ao mar nos bancos de ostras. Passeio de volta pelo alagadiço, muito bonito. A grama alta amarela & fina como o cabelo de um bebê: rio largo & marrom. Homens simpáticos no ferry. Voltamos. Agora mais frio. O carro engripou. Primeiro dia de tempo bom do início ao fim. Almoço patê & croissants na beira do alagadiço. Comida de hotel logo cansa.

Sábado, 25 de abril

Angouleme. Feira, zурros de concourse agricole: outra caixa de som embaixo de uma grande torre de papelão azul & amarela, mais alta que este hotel, onde estava escrito Huiles et Tourbeaux: vendiam sorvetes por um burquinho. Fomos ao concours: vimos os cães: os coelhos-bravos; serras elétricas, abelhas em colmeias. Depois demos uma volta, embaixo de ventania & nuvens negras, ao redor das muralhas. Lembrou-me vagamente Clifton – terraços altos elevados, com vista para amplidões de campos sombreados pelas nuvens. Garotas tomando porto & comendo bolos em Thé Salon.

Antes, fomos a Castillon: uma aventura, dirigindo por estradas estreitas mais ao sul de Brantome. Chegamos tarde. Pedimos o jantar em Boule d'Or. Caminhamos pelo Dordogne – de vastidão majestosa, vazio como toda a França, salvo uma única lancha. Aí dormimos muito bem em camas macias & quentinhas, apesar de não haver água quente & o frio ser tão grande que tivemos de ir nos deitar. O dia seguinte foi bonito & quente. Fui à Igreja; depois que as crianças saíram. Sempre me

impressiona a imensa piedade dos antigos, que arrastaram aqueles blocos para meras aldeias. Lindo dia de primavera. Dirigimos 11 ou 12 quilômetros até Montaigne. Tocamos a campainha do Castelo. Ninguém atendeu. Mulheres cuidando de vacas em estábulos antigos. Uma torre numa das extremidades. Jardim com árvores floridas. O Chateau usual, reformado, pontiagudo, azulejos pretos: na porta Que Scais-je – Uma mulher apareceu. Levou-nos por um lance de degraus estreitos de pedra, desgastados; abriu a porta pesada cravejada de pregos. Aqui era o quarto dele; aqui onde se vestia. Aqui ele morreu. Por aqui ele descia – ele era muito baixinho – até a Capela. Subimos de novo as escadas até sua biblioteca. Os livros & os móveis estão em Bordeaux. Aqui estão sua cadeira & sua mesa. Ele que fez essas inscrições nas vigas. Com certeza era seu quarto; um pedaço de uma velha cadeira de madeira que poderia ter sido dele. Uma torre redonda, muito espessa; 3 janelinhas com vista para outra torre mais além da muralha. Isso foi o que restou do incêndio q. arrasou o velho Chateau em 1889 – ou por volta disso. Caminhamos pelo terraço. Vimos os vinhedos abaixo; os morros avermelhados & os terraços: uma ou duas fazendas pensativas, de tom castanho – basicamente a mesma vista que ele tinha – o curioso homem reflexivo devia parar para olhar o que estávamos vendo. Tão bonito hoje, como antigamente. Americanos &c. Todos os dias do ano disse a mulher. Um cachorro foi nos seguindo, apanhou uma castanha & a colocou sobre o parapeito para que a atirássemos. Então pegamos a estrada, atravessando campos de belos formatos, parecidos com os do sul, só que mais sutis, até Bergerac, onde tivemos nossa melhor – nossa única boa refeição segundo L. Realmente, passado o efeito da novidade, a comida é mais desagradável, comum & pouco interessante do que eu me recordava; exceto esse almoço; com vinho Monbazillac, patê, ovos &c.

A Perigueux: antigas lojas de móveis: cadeiras caras: uma igreja com domos verdes; deteriorada; reformada. Os fiéis são as velhas; todas de preto; todas de lã; decrépitas. Um padre aleatório vaga por ali fazendo diferentes gestos. A religião de Tom. (Preciso ler seu Lambeth esta noite, já li quase todos os livros que trouxe.) Daí para Brantome – sob o sol da tardinha. Homens derrubando álamos numa campina: garoto pescando: lago sob velhas pontes; moradias em cavernas de paredes queimadas habitadas desde os tempos de Carlos Magno. Pousada barata, limpa,

simples – não. Cartas. Kauffer. Ethel. Vita – sobre minha bibliografia: documentos: Nessa em Okehampton embaixo de dilúvios; decidiu que a Inglaterra é intolerável – as crianças tão animadas que ela não pode cancelar a viagem.³⁷ Caminhada ontem. Esquecemos o tamanho dos mapas. Champagnac estava mais à nossa frente. Viramos errado em Les Roches. Chegamos a uma antiga casa num campo verdejante, com árvores & jardim murado. Ah, viver aqui, dissemos. Tão mais sutil, tranquilo, bonito que em Cassis. O terreno é plano & verde como um gramado; com álamos alongados, tremulantes, com folhas recentes; depois os morros de topo achatado que eu tanto amo; & o rio, ao longo do qual caminhamos – o rio tão profundo, tão romântico, refletindo as nuvens azuis da tempestade, os salgueiros, distorcendo-os cheio de indiferença, seguindo sempre adiante. Tufos de genciana roxa nos juncos. Uma campina elisabetana – prímulas, campainhas. Mas veio um estrondo de trovão. Saímos correndo & nos abrigamos embaixo de uma espécie de caverna em ruínas. Depois corremos de volta por 4 quilômetros ou mais de estrada; as coxas doendo; raios & trovões no Cemitério. Todos os festões de metal & coroas de latão cintilavam. Garotas, enlutados, deram-se a mão & saíram correndo. Chegamos antes da grande chuva, que veio pesada.

Feira. Todas as mulheres de preto, com filhos & carneiros. Chiqueiros. Homem disse que sua cunhada falou que o peixe era mais barato em Paris. Funcionários da Société Generale almoçando. Um literato negro. O outro bastante sulino; volúvel; conversava sobre carros.

Domingo, 26 de abril

Para Poitiers. Fomos ao cinema ontem à noite depois de um belo jantar no hotel onde deveríamos ter ficado. Rimos violentamente dos animais no hotel. Um método leve, risível – o francês – de contar a história de uma corrida de bicicletas – por meio de desenhos num papel. Saímos pela cidade gelada – toda espalhada para receber o sol, que não aparece. Um passeio de carro com muito vento & frio esta manhã. O campo podia muito bem ser Hampshire, não fosse o vazio. Nenhum carro. Almoço em Poitiers. Um restaurante. Policiais com suas jovens namoradas almoçando – bastante provinciano. Uma refeição gigantesca preparada

³⁷ Edward Kauffer, artista que desenhou o colofon de lobo usado em alguns livros da HP a partir de 1930. Sobre a bibliografia de VW, não se sabe a que ela se referia. Vanessa levara a filha e uma amiga para passar as férias de primavera na Cornualha. (AOB)

por um grandalhão – que dor ver o suflê desaparecer. Visitamos igrejas, ouvimos mulheres balindo respostas como ovelhas. Pancadas de chuva & de frio; por isso voltamos para ler & escrever até a hora do jantar. Um hotel quieto & rústico; quarto com vista para o pátio. mas ainda frio. [*Escrito em 27 de abril:*] Nada de aquecimento central naquela noite; portanto tivemos de nos deitar para nos aquecer, como da outra vez.

27 de abril

A nuvem de domingo passou; porém os céus estão carregados. Viajamos por terrenos elevados até Chinon; chuvas; uma cidade cinza & branca charmosa & discreta. Pegamos a correspondência. Feliz por me pedirem para enviar um telegrama respondendo a um convite para dar uma palestra; & saber que é impossível responder. Almoço de primeira linha – um de nossos maiores sucessos. Nem comparação com o White Hart em Lewes. Subimos a trilha acidentada até o castelo. Batemos à porta. Saímos aliviados. Nenhuma mulher apareceu. Exploramos o castelo sozinhos como de costume. Nem um só turista, & somente 3 ingleses em todo o passeio. Vimos o salão sem teto em q. Jeanne [*Joana d’Arc*] se apresentou diante do Rei. A chaminé continua a mesma talvez. Paredes recortadas por finas janelas. De repente olha-se para baixo, para telhados. Como a idade média conseguia tolerar as noites? Uma cripta de pedra onde J. morava: as pessoas entalham seus nomes em toda parte. O rio uma serpentina sedosa lá embaixo. Gostei das salas de pedra sem teto; das janelas angulares. Sentei nos degraus para ouvir as badaladas das 2 tocadadas pelo mesmo relógio que bate desde o século 13: o q. Jeanne ouvia. Um tom ferruginoso. O que ela pensava? Seria louca? uma visionária que chegou por acaso no momento certo. Seguimos caminho; pancadas de chuva; frio; estradas ruins; que importa – alegres até chegarmos em Chateau-le-noir [*Château-du-Loir*], torcendo para encontrar uma pousadinha. Mulheres segurando as pontas de lençóis no corredor. Um eterno lavar & passar nos hotéis. Criancinhas em Bureau brincando com papel. Um bom jantar de seu gênero. Então começou o cinema no pátio – conversa & risadas até as 12.30 ou coisa que o valha. Essa cidadezinha úmida fazia o máximo para se alegrar – valentemente, & infelizmente para nós. E um café da manhã ruim no salão, fedendo a vinho. De modo que partimos: um dia frio, mas bem mais aberto. Eles

chamam isso de *La lune Rousse*. Dizem que acontece todos os anos. Se é russa ou vermelha eu já não sei.³⁸ Daí para Le Mans. Outra cidade antiga cinzenta & branca, em arcos, digna, plana, de janelas. Cartas. A Catedral. Compramos guarda-chuvas; uma bandejinha para caneta; almoçamos. Os *tourneados* malpassados & caros. Pouquíssima carne de qualidade nos restaurantes das cidades, na minha opinião; em Chinon, porém, seja lá o que era aquilo – pato eu acho – excelente. Aqui não há muito o que contrapor ao *White Hart* de Lewes – nossa comparação usual. Nessa grande discussão eu sempre voto pela França; L. pela Inglaterra. As despesas parecem mais altas que 3 anos atrás. Votei por Dreux; portanto fomos para lá – ao Hotel de Paradis; & ao entrar ouvimos os violinos, & vimos garotas de roupas leves; baratas; compradas nas lojas de roupas prêt-à-porter. Um casamento. As danças começaram já às 5.30. Esta é a pousada que tem armários antigos.³⁹ Tivemos de jantar do outro lado do jardim, uma vez que a sala de jantar tinha virado pista de dança. Morangos no jantar. Um sorvete; mas lembrando de A. Bennett, recusamos. Tudo muito lento & frio. Gente chegando de carro o tempo inteiro. Garotinhos correndo de um lado para o outro de veludo preto. Uma garotinha perfeitamente arrumada & muito empertigada. Famílias inteiras convidadas: pequenos comerciantes eu imagino. A dança seguiu até as 11. Então vimos os garçons acabados carregando as mesas do salão – como devem ser cínicos os garçons & as camareiras – que terrível consciência da transitoriedade da vida devem ter – & então a música parou. Eles jantaram. Daí às 12 ou à 1 (eu estava acordada) os carros começaram a aquecer os motores: pessoas gritavam, riam, despedindo-se. Eu tinha visto a noiva dançando – uma garota pálida de óculos – & pensei, nasceu para cumprir seus deveres nalguma casinha suburbana nos arredores de Dreux, pois deve ter se casado com um atendente, eu diria: & neste momento eles começam a dar continuidade à sua raça.

Esta manhã foi a melhor que tivemos. Pus meu chapéu de abas longas & saí sem a malha. L. também. E fui convencida a pensar seriamente em comprar uma escrivaninha, £10: depois paramos em Nonancourt: encontramos uma loja enorme de móveis – homens cultos de

³⁸ *Lune rousse*: mês lunar que acontece depois da Páscoa, quase sempre acompanhado de geadas e ventanias frias, que queimam os jovens brotos. (AOB)

³⁹ Os Woolfs haviam se hospedado ali em abril de 1928, ao voltarem de Cassis. (AOB)

calções bem cortados – esportivos – um connoisseur – bem informado demais – talvez seja melhor comprar uma cama. Então almoçamos no Bois Joli de Clara – minha nossa!⁴⁰ Um chateau com cada cômodo mobiliado de acordo com o estilo da época; frango rodando num espeto sobre a lareira; um costume tradicional; criadas bonitas de vestidos bonitos; a artificialidade habitual; divertida; uma americana; das primulas ela falou “Olhe só essas primaveras bebês – não são uma fofura?” Como odeio o francês ruim dos estrangeiros. O almoço foi admirável: mas custou £1.10. É esta a ideia de paraíso de Clara. Não a minha. Uma casa de chá, a Drusilla, glorificada. Cansei da mobília francesa. Por mais adoráveis que sejam, as coisas perdem infinitamente quando são preservadas, em vez de usadas. A hipocrisia, & o esforço de adularem nossa vaidade & se alimentarem do nosso dinheiro, são desagradáveis. Muitas casas de veraneio antigas & boliches. Uma velha caleche a coisa mais agradável do mundo – passou rodando com lixo diante da porta – século 18. Depois para cá: Caudebec: & o tempo agora (nosso último dia) está bonito. Fazer o quê.

Domingo, 3 de maio
52 Tavistock Square

Sim, muito que bem; mas como começar, & por quê? Quero dizer, para que esses diários? Ah, simplesmente material para um livro, eu acho: & para ler quando estou com dor de cabeça. No fim, Percy poderia queimar todos em uma fogueira. Podíamos queimá-los nos limites do campo onde, assim achamos, seremos enterrados. Foi essa nossa conclusão depois de ir ao funeral de Arnold Bennett.

Mas, agora, digamos que eu tenha um trecho de 3 meses à minha frente: os 3 meses de verão. Que farei? Vamos regular esse “ver pessoas”. Vai haver um buraco negro semanal, uma massa em ebulição de pessoas tomando o chá juntas. Assim teremos mais noites livres. Nessas noites tenciono sair para caminhar; ler os elisabetanos; ser senhora da minha alma. Sim. E é minha intenção perscrutar Edimburgo & Stratford on Avon. E também terminar *As Ondas* de maneira rápida & magistral. DH Lawrence me deu muito em que pensar – sobre escrever por escrever. Vou reservar dois dias para ler manuscritos: & eles não vão mais vazar para outros compartimentos. Essas duas decisões – o Buraco Negro & os

⁴⁰ Restaurante supostamente recomendado pela irmã mais nova de LW, Clara, em Tillières-sur-Avre. (AOB)

manuscritos da Hogarth Press – vão, creio eu, fazer com que o verão seja organizado & satisfatório. Depois, é claro, estando agora tão bem de vida, com 2 geladeiras & tudo lindo, não preciso mais desbaratar & desperdiçar com roupas; & como pouco me resta do sentimento de obrigação para com a vida social, espero me aventurar sem pressa sem descanso. Quero ver campos & flores, um ou dois lugares novos; escrever alguns bons artigos. No momento, parece que consigo escrever críticas sem medo. Tudo por causa de A R. Own, foi o que falei de repente para mim mesma ontem à noite.

Quarta, 13 de maio

A menos que eu escreva aqui algumas frases de tempos em tempos esquecerei, como dizem, para que serve minha caneta. Agora estou datilografando do começo ao fim as 323 páginas daquele condensadíssimo livro, *As Ondas*. Faço 7 ou 8 por dia; de modo que espero completar tudo até 16 de junho ou coisa do tipo. Isso requer certa determinação, mas não vejo outra maneira de fazer todas as correções & ao mesmo tempo manter o ritmo, unir uns trechos, expandir outros & dar conta de todos os demais processos finais. É como passar um pincel molhado por cima de toda uma tela.

Mas é uma vida feliz.⁴¹ Essas regras que estabeleci até agora organizaram minha semana. Ontem fui à liquidação de Mrs Hunter, & menos de 5 minutos depois de chegar já tinha comprado por meio de Mr Marchmont de Shepherds Bush uma escrivaninha com cortina grande & antiga, de pau-rosa, por £6.16. Céus! Só a madeira já valia isso.⁴² Foi um espetáculo sórdido, enganador, empolgante, deprimente. Os comerciantes estavam ali em peso. Judeus, fumando cachimbos. Trocavam-se muitas piscadelas & acenos de cabeça. As bugigangas da coitada da Mrs Hunter eram examinadas & levadas embora por uma ninharia; todos pareciam encontrar defeito & oferecer o menor valor possível. Marchmont não parava de me dizer, “Compre – compre – vai ser um bom investimento”. Assim instigada comprei um xale por 35/ – & um armariozinho por £3.15. Disso me arrependi; & deixei passar... ah não importa. É preciso encarar essas pechinchas & chances desperdiçadas filosoficamente, para atingir um estado de vida perfeitamente dinâmico &

⁴¹ Não tem separação nenhuma, mas AOB colocou uma data em parênteses – Sexta, 15 de maio.

⁴² A irmã de Ethel Smyth, Mrs Hunter, falira depois de esbanjar patrocinando artistas e músicos e foi obrigada a vender seus quadros e móveis. (AOB)

energizado que hoje é meu objetivo. Ah sim, não desperdiço um instante: estou sempre ocupada, mas me permito também amplo espaço para a frivolidade absoluta. A maioria dos planos de vida são por demais rígidos. Eu me permito uma margem generosa para os prazeres.

O rosto dos amigos ricos de Mrs H. me enojaram. Nada é tão áspero, cruel, sem sentido & sensual quanto o rosto de uma mulher elegante de seus 50 anos: que não faz mais nada a não ser revirar Londres de um lado a outro em carros; comer & beber; casar; cobiçar, fofocar. O círculo dos Smyth-Hunter concentra-se eu acho em torno dos condados; dos campos de golfe; dos arredores do Bath Club & Whites. São loucos por cavalos, bem-vestidos; mas não aristocratas, não distintos. São bem de vida, mas perdem dinheiro a torto & a direito – ou pelo menos é o que eu diagnostico no caso deles. Mas sua filosofia requer que levem tombos com coragem. Quando fomos na sexta-feira olhar as coisas, Mrs H. estava sentada à escrivaninha que eu desejava comprar, tão indiferente & autocontrolada como se estivesse oferecendo uma recepção, em vez de assistindo a todos os seus bens, camas & cobertores, abridores de carta & bandejinhas para caneta evaporarem-se por dois ou três xelins. “Eu vejo você tão raramente. Sente um pouco para conversar!” E o que eu poderia dizer a uma mulher que tinha idade para ser minha mãe, naquela situação?

19 de maio

Quinze minutos: – sim, & o que dizer em quinze minutos?

O livro de Lytton [*Portraits in Miniature and Other Essays*]: ótimo. Esta é a linha dele. Relatos condensados mas ao mesmo tempo brilhantes que exigem lógica, raciocínio, cultura, gosto, inteligência, ordenação & talento infinito – isso lhe cai muito melhor, eu acho, do que a grande escala, que necessita de ousadia, originalidade, abrangência. Estou felicíssima também por ter um argumento a favor de escrever vs. não escrever. Compare com Lawrence. Essas coisas não perdem brilho, nem tombam & perdem as pétalas. Indicam firmeza – na contenção; na firmeza de deixar as coisas por dizer; na firmeza necessária para não pregar; não improvisar. Mas, como Max, um pequeno talento cultivado com diligência. E respeito isso. Mas não respeito Logan. Abomino a vulgaridade, o estilo decorativo desnecessário & a frivolidade de Logan (Afterthoughts).⁴³

⁴³ Em *Max: A Biography*, David Cecil cita uma carta de Max Beerbohm: “Meus talentos são pequenos. Eu os usei muito bem e com grande discrição, jamais extenuando-os, e (...) construí uma reputaçãozinha

Lytton & Raymond virão jantar aqui. Desmond na outra noite. Ele precisa de £300. Não está conseguindo editor para seu livro – pede desculpas para deixá-lo conosco. Bastante ofuscado pela labuta da vida.⁴⁴

Mrs Hunt Hueffer: “Não me lembro dos nomes depois da minha doença. Mas ouvi minha mãe conversando com o velho Mr Black depois que subi as escadas. Eu não sabia – na época – o que aquilo queria dizer; relações íntimas. Depois descobri”, segundo ela, de Hugh, com diversas pessoas: talvez Hugh; que estremecia ao ouvir o nome dela. E também William (nosso primeiro buraco negro) a respeito de seu próprio livro: um desapontamento & tanto – um Episódio.⁴⁵

Logo depois disso começou uma dor de cabeça – lampejos de luz se irradiavam ao redor dos meus olhos, com uma dor aguda; a dor me atravessava pela voz de Ethel, que me dizia sentada à minha frente – “Você precisa ouvir isso” – sobre Adrian Boulton, & como ele ordenara que ela se retirasse.⁴⁶ E depois fomos a Rodmell, onde aconteceu a mesma coisa – luz em volta dos meus olhos, mas como eu conseguia ficar deitada imóvel na cama em meu amplo quarto arejado, a dor foi muito menor. Não fosse pela bondade divina de L., quantas vezes eu não teria pensado em morrer; sempre derrubada como estou; mas agora as recuperações são um grande alívio. Além disso, na segunda-feira do Pentecostes o sol foi tão intenso, que tornava a grama semitransparente. E a amplidão & o ócio pareciam espalhar-se por toda parte; & eu disse, não uma única vez em êxtase, mas muitas & solenemente, Isso sim é felicidade. Por que agora me sinto mais calma, mais tranquila, do que antes? Em parte é a minha disposição para a vida; em parte é porque Nessa Roger & Clive estão viajando, de modo que não estou sendo amolada & arrastada por aí. Em parte é porque As Ondas chegou ao fim – em parte – eu realmente não sei.

28 de maio

encantadora”. *Afterthoughts* de Logan P. Smith fora publicado em maio como sequência de *Trivia* (1918) e de *More Trivia* (1922). (AOB)

⁴⁴ O livro de Desmond MacCarthy era *Portraits*, o primeiro de uma série com seus artigos e ensaios. Acabou sendo publicado pela Putnam em novembro de 1931. (AOB)

⁴⁵ Violet Hunt Hueffer, escritora prolífica, cuja biografia de Elizabeth Siddal foi considerada sensacionalista e não confiável (ver 11 abr. 1931). Hugh Seymour Walpole, romancista de grande sucesso, cuja amizade VW enxergava de forma dúbia – misturando afeto e uma visão sardônica das obras dele. O livro de William Plomer era *Sado*. (AOB)

⁴⁶ Adrian Boulton, diretor musical da BBC, havia regido a primeira apresentação em Londres de *The Prison*, de Smyth, no Queen’s Hall em fevereiro. Ela exigiu que ele fizesse uma nova apresentação para ser transmitida pelo rádio, e despejou sobre VW seu ressentimento com sua recusa. (AOB)

Fomos a Firle ontem à noite & roçamos os ranúnculos com os sapatos, caminhando pelo Parque. Um interior adorável, mesmo com as casas de campo. Em Monks House tinha energia elétrica, & a geladeira está – hoje é claro – funcionando. Quando um dos fusíveis queimou, mal conseguimos tolerar os lampiões; não demora nada para a alma ser corrompida pelo conforto. Ontem ficamos em casa o dia inteiro cavando buracos para as lareiras elétricas. Que outros confortos podemos adquirir? Apesar de os moralistas dizerem que tão logo se consegue uma coisa ela perde a graça, eu não concordo totalmente. Desfruto dos meus luxos a todo instante & os considero ótimos para aquilo que tenho o prazer de chamar de alma. Quatro jovens esmagados nos portões da passagem de nível de Beddington & estraçalhados pelo trem das 9.40. Um homem foi encontrado sem roupas, a não ser pela barra de uma das pernas da sua calça. Desapontada com O homem que morreu, o último de D.H.L., mas também estou lendo de modo superficial. Depois de primeiro ler Filhos & Amantes, este último parece mostrar os limites das capacidades dele & sinalizar sua decadência. A impressão é que uma espécie de Guy Fawkes cresceu dentro dele, apesar do texto brilhante & encantador aqui & ali: há algo de falso. Está se transformando num Deus, suponho. Mais uma vez minha vontade de escrever A Knock on the door [*Three Guineas*] se vê bastante interrompida. Durante semanas não pensei nisso, & de repente o livro se lança sobre mim & começo a formar frases, argumentos, piadas &c. E depois várias pessoas andam me escrevendo ultimamente para falar de A Room.

30 de maio

p.162 portanto estou na metade. em 26 dias. com sorte devo terminar até 1 jul.

Não, eu disse agora mesmo, pois eram 12.45. Não consigo mais escrever, & de fato não consigo: estou copiando o capítulo da morte: depois de reescrevê-lo duas vezes. Vou enfrentá-lo uma vez mais & terminar, assim espero, esta tarde. Mas como ele transforma numa bola rija os músculos do meu cérebro! Essa é a obra mais concentrada que eu já escrevi – ah, que alívio quando estiver terminada! Por outro lado também é a mais interessante p.137. Uma carta de Desmond esta manhã avisando que irá enviar seu livro à Putnam porque, coitado, ele representa todo o trabalho de uma vida; & embora um dia ele tenha acreditado que poderia fazer mais, agora percebe que isto é tudo, & portanto precisa encontrar uma editora mais duradoura do que a Hogarth Press.

Para me irritar, Mary H[utchinson] telefona & diz que estão pensando em alugar Southease este verão. Rodeada de elegância & casas térreas, eu me sinto como um peixe numa frigideira. Mas sem dúvida vou me abster dessa. Não gosto da ideia de topar com Mary & Barbara vestidas a caráter nas colinas. Por sorte algum funcionário da Pritchards⁴⁷ está martelando agora, & tenho uma desculpa para subir para almoçar.

2 de junho

Sim, é muito importante escrever algumas frases, senão esquecerei como é que se faz. Todas essas correções – essa martelação martelação martelação na estrada real!⁴⁸

Ethel novamente – Todos os meus males, enfim, vêm do fígado: sou uma mulher muito forte, que precisa de calomelano. Depois de engolir esse insulto terrível à famosa sensibilidade do meu sistema nervoso, tento descobrir que motivação existe por trás de Ethel e seu calomelano. Acho (mas não sou psicóloga) que ela quer que eu seja perpétua: que não me afete com conversas demoradas sobre o Prison: que ela quer ter tudo – à sua maneira: que não lhe agradam doenças alheias que interferem com sua vitalidade; que ela gosta de racionalizar tudo: que desconfia, por princípio, de todo recolhimento, sutileza & sensibilidade.

E também que sente remorso por ter me mandado a foto do macaco doente, mas acredita que se puder provar que o macaco não estava doente, & sim fingindo, estará absolvida. Não sei. É muito típico, & semelhante aos métodos que ela adota na sua música. Aí também, para explicar sua falta de sucesso, ela inventa uma teoria (sobre sua afinidade com o homem comum & por conseguinte sua incapacidade de atrair as pessoas sofisticadas, que controlam o Círculo, de forma que Bax Vaughan Williams &c⁴⁹ – já eram; mas ela não).

Segunda, 8 de junho

Sonhos.

⁴⁷ A empresa Dollman and Pritchard alugava o piso térreo e o primeiro andar do número 52 da Tavistock Square. (AOB)

⁴⁸ "It ain't the 'unting as 'urts 'un, it's the 'ammer, 'ammer, 'ammer along the 'ard 'igh road". Revista *Punch*, v. xxx, p. 141 (1856). (AOB)

⁴⁹ Arnold Bax e Ralph Vaughan Williams, compositores ingleses. (AOB)

Tive três nos últimos tempos: um com Katherine Mansfield: que nos encontrávamos, no além, & apertávamos as mãos; dizendo qualquer coisa à guisa de explicação & amizade: porém eu sabia que ela estava morta. Uma curiosa recapitulação, parecia, do que aconteceu desde sua morte.

Depois o sonho com Daphne Sanger, & como ela provava que era herdeira do trono da Inglaterra. E Charlie estava lá. E outro sonho que L., que entrou para dizer que Jean Stewart quer vir para o chá, me fez esquecer⁵⁰. Diagnostico, falando nisso, certa frieza da parte de Ethel. Nenhum contato desde quinta-feira a não ser um cartão bastante formal. Vou ficar quieta & não fazer nada.

Ah não de jeito nenhum – nada de brigas.

Duas observações: a mulher de branco pisoteando pão em Kensington Gardens: a mulher com aparência de indiana revirando a lata de lixo – ambas bárbaras, bizarras, metidas em farrapos refinados, a um passo de distância. Isso foi na semana passada.

Quarta, 17 de junho

L. terminou o primeiro volume de seu livro no domingo: que ele começou mais de dez anos atrás. Vamos lançá-lo no outono, além de uma reedição de *The Village*. Ele foi convidado a dar 6 palestras sobre política, pelo rádio, no outono.⁵¹

E ontem, 22 de junho⁵² – quando, suponho, os dias começaram a encurtar – terminei de redatilografar *As Ondas*. Não que esteja terminado – ai deus, não. Porque depois preciso corrigir o que foi redatilografado. Esse trabalho começou em 5 de maio, & ninguém pode dizer que desta vez estou sendo apressada ou descuidada, embora eu não duvide que os lapsos & os desleixos sejam inumeráveis.

Um verão escuro. A nuvem que pairava sobre La Rochelle em abril ainda paira sobre Londres. Apesar disso, graças às boas resoluções, minha vidinha anda aventureira & mais estável que de costume. Teve a exposição de Duncan; & alegria considerável, na verdade uma espécie de

⁵⁰ Daphne Sanger, assistente social, era a filha única de Charlie Sanger, a quem VW fora bastante ligada. Jean Stewart, autora de *Poetry in France and England*, que a HP publicou em maio de 1931. (AOB)

⁵¹ O primeiro volume do ambicioso estudo da psicologia do homem como animal social escrito por LW, *After the Deluge*, foi publicado em outubro de 1931. Ele havia recuperado com a editora Edward Arnold os direitos de seu romance *A Village in the Jungle*, de 1913, e a reimpressão se deu em setembro de 1931 pela HP. Suas seis palestras, agrupadas sob o título genérico “The Modern State”, foram transmitidas semanalmente pela BBC de 1 out. a 5 nov. (AOB)

⁵² Não há data, mas AOB quebrou aqui e colocou quinta, 23 de junho.

arrebatamento efervescente eu acho, em Fitzroy Street⁵³. Preciso perguntar a Nessa por que estamos tão felizes. Clive está em Cassis. Julian cultivou uma comprida barba hirsuta parecida com a de um chipanzé & partiu com volumes do manuscrito de Pope para a França. Hoje iremos à noite de gala na ópera com Christabel. Primeiras fileiras a 25/- cada.

Quero registrar algumas conversas literais um dia desses. Goldie escreveu uma habilidosa carta de elogios sobre o livro de L.: ideias novas & importantes, estilo repetitivo & tedioso. Não concordo, especialmente porque o estilo mecânico do próprio Goldie [*Goldsworthy L. Dickinson*], moldado na Grécia, & por isso consideravelmente achatado, nunca me agrada: eu na verdade não estaria exagerando se dissesse que o detesto: & sua aceitação, plausibilidade & aspecto de primeira classe em geral. Na quarta-feira – amanhã – Ethel vem aqui, & teremos uma festa. Assim é a vida – segue deslizando. São 12.30.

Ontem à noite⁵⁴ fomos à noite de gala na ópera; sentamos na terceira fileira, com Christabel & uma mulher, que chegou atrasada, chamada Lady Abingdon. Sua fortuna foi gasta em seu rosto. Perfeitamente ágil, direta, magra. Sua inteligência não passa de um filete rígido de inteligência, sem qualquer humor, amplitude ou mais que dois centímetros de profundidade. Mas é perfeitamente energizada: sabia o que queria. Christabel, para unir essas incompatibilidades (L.[*eonard*] &c) contou histórias da Princesa Mary na festa de Mrs Marshall: de como ela se interrompia, balbuciava; era baixinha, desajeitada, & vestia-se como uma governanta, de azul pavão. No intervalo, o velho beerrão do Maurice Baring, vermelho como um peru, um sobrevivente do Regency me parecia, veio atrás de nós, para justificar o caráter de Gosse; coisa que ele fez – mas Evan Charteris já o tinha feito antes – com cordialidade suficiente. Está com um começo de conjuntivite, & tem longos dentes equinos. Depois vem Mrs Grenfell, cujo queixo, como disse C. (C. é perspicaz à sua maneira superficial, & se encaixa perfeitamente nesse tipo de coisa), devia ter uma ou duas polegadas a menos⁵⁵. Gente passava. Velhas parecendo

⁵³ A exposição “Recent Paintings by Duncan Grant” foi inaugurada por Lady Ottoline Morrell em 10 de junho; VW tinha almoçado em família, antes da abertura, no ateliê de Vanessa, em Fitzroy St. (AOB)

⁵⁴ Não há separação. AOB quebrou e inseriu a data: Quarta, 24 de junho.

⁵⁵ Maurice Baring, escritor, era amigo íntimo de Ethel Smyth. Evan Charteris escrevera uma biografia sobre Edmund Gosse, que VW resenhara sendo “cândida e cáustica”, em suas próprias palavras. Florence Grenfell, esposa do banqueiro E.C. Grenfell, era amiga de Lydia Keynes. (AOB)

amplas matronas romanas, de cinturas apertadas; garotas parecendo gravetos: muitos colares de pedras claras & avantajadas & vestidos longos. Tive a impressão de estar assistindo a vida inglesa tradicional; com seu caráter jardinesco; flores em todos os canteiros & fileiras; & o cerimonial que acontece da mesma maneira há tantos anos. Entre os atos fomos todos para a rua; uma noite seca, brilhante, & as mulheres abrindo os mantos: então fomos cortados por uma imunda procissão de mulheres miseráveis empurrando carrinhos de bebê & carregando criancinhas atordoadas de cabelo branco, que atravessava a ponte de Waterloo. Observei a expressão de Lady A. para ver se ela tinha filhos; mas só pude enxergar uma momentânea compunção infantil. As mulheres daquele grupo espalhafatoso & apressado empurravam os carrinhos, imperturbáveis. Lá estava Tom Bridges; um general galante, irresistível, pernetas, a cabeça de lado, parecia estar encenando fora do palco, tão típico dos galãs idosos & distintos. Ele já quebrou vários corações disse C., mas não gosto dele. C. disse que talvez fosse convocada para sair antes do fim de Príncipe Igor. E assim se foi ela, gostando daquele misteriozinho amoroso. Lady A. retirou-se sem dar boa noite nem lançar um olhar na nossa direção. Cada uma de suas unhas era vermelha & fora cortada como uma pequena pétala de rosa. L. que estivera lendo *The Lady* disse que aquilo era considerado de mau gosto & que os homens, segundo *The Lady*, não gostavam. Então de volta para casa, de táxi. Ah & meu cabelo suportou muito bem o estresse. Acredito que agora consigo dominar meu cabelo com cuidado.

A mulher que ficava na praça umas 6 horas por dia veio ontem aqui com uma espada, sobre a qual se inclinou enquanto fingia ler o jornal. Isso por fim atingiu os nervos do lar, & Miss Talbot a convidou para entrar. Então ela falou (disse Nelly) de modo bastante educado, dizendo-se arrependida de haver irritado alguém, & que estava esperando pelo Dr. Rowe, da Clínica, portanto deduzimos que seja uma ex-paciente com alguma queixa⁵⁶. Além disso Mr Lowe me fez gastar meia hora olhando meias de seda & perdi a paciência, ao ser solicitada a depositar 3/ – algo que adoro, porque me faz parecer bastante vigorosa. Agora, à continuação da fala de Rhoda. Ah esse livro! –

⁵⁶ A Tavistock Square Clinic, para doenças nervosas, ficava no número 51 da praça, vizinha à casa dos Woolfs e dos inquilinos do primeiro andar, onde trabalhava Miss Talbot. O Dr. Rowe era médico assistente na clínica. (AOB)

- Segunda, 29 de junho Tive uma ideia para um livro ontem à noite – uma viagem ao redor do mundo, imaginária; pessoas aventureiras, caçando, escalando, atirando em tigres, submarinos, voando & coisas do tipo. Fantástico. Com algum personagem: em parte resultado de L. ter dito que se fôssemos à América não deveríamos comer só um pedaço & sim o bolo inteiro, dar a volta ao mundo. Daí W. A. Forster [*William Arnold Foster, marido de Ka Cox*] disse, Depois escreva um Orlando com a sua viagem.
- Ontem Nessa me deu um quadro de Angelica.
- Ontem a indignidade de Ethel atingiu seu ápice sórdido & ridículo.⁵⁷
- 30 de junho Hoje⁵⁸ Mary [*Hutchinson*] & Tommy [*Stephen Tomlin*] jantam conosco & Ottoline chega depois.
- Vamos ao concerto dos Easdales às 3 &c.
- Como presente de casamento para Miss Mary Ashton, Jack parou de dar não só minha mesada como também a de Nessa & Adrian.⁵⁹
- Nossos rendimentos, com a editora & meu trabalho, renderam-me um bônus de £860.
- E agora preciso subir, encontrar a carta sentimental & histérica de Ethel & sublinhar as partes mais sentimentais & históricas para o bem dela. Pah – como dizem as pessoas em Shakespeare. E John Bailey morreu, aos 67. (o que me faz pensar – não, isso se refere a Jack – em ler *De l'Amour de Stendhal*.)
- 7 de julho Ah para buscar alívio dessas correções incessantes (estou agora nos interlúdios) escrevo algumas palavras despreocupadamente. Melhor ainda; não escrever nada; caminhar pelas colinas, batida pelo vento como

⁵⁷ O paradeiro do quadro que Vanessa Bell pintou da filha costurando é hoje desconhecido. Ethel Smyth pedira que VW criticasse seu artigo "Composers and Critics" (publicado na *NS&N* em maio), que ela estava revisando para incluir em uma coletânea, *Female Pipings and Eden*. VW respondeu com uma carta "escrita às pressas (...), com todos os defeitos à vista", e Ethel respondeu de modo histérico. VW sublinhou trechos da carta e a reenviou para ela. (AOB)

⁵⁸ Não tem data. AOB inseriu quebra e a data: Quarta, 1 de julho.

⁵⁹ John ("Jack") Waller Hills, membro do Parlamento, viúvo da meia-irmã de VW, Stella, casou-se em 1931 com Mary Grace Ashton. Stella morreu sem testamento, e a renda de seu acordo substancial de casamento foi transferida por Hills ao seu padrasto, Leslie Stephen. Depois da morte deste, fora transferida a seus filhos. (AOB)

cardos, irresponsável. E assim escapar do duro nó no qual meu cérebro foi comprimido com tanta força – estou falando de *As Ondas*.

Esses são meus sentimentos às doze & meia na quinta-feira dia 7 de julho – um belo dia eu acho, & tudo o mais, de modo que me vem a frase à cabeça, tudo é belo ao redor.⁶⁰ L. está agora flutuando na maré da fama: estranho como todos os fios começam a ser puxados ao mesmo tempo: foi convidado a falar no rádio, a ir para a América, a escrever o *Weekly Wayfarer* na *Statesman*. E não sinto inveja.

Mas sinto medo do que chamo (embora isso muito intrigue Fraulein Gulde) Vida. (Fr. G. está estudando minhas obras no Museu Brit. & não tem certeza do que seja a vida, por isso me escreveu perguntando.)⁶¹ Clive voltou, & como observei assim que lhe abri a porta, com uma atitude favorável em relação a mim. Por exemplo, diz Que lindas flores! Ethel está de certa maneira penitente depois da sua carta. Quer dizer, veio aqui ontem, depois de um intervalo de quase quinze dias, & defendeu-se & justificou-se com um discurso que durou 20 minutos contados no meu relógio. Levou a xícara de chá 6 vezes aos lábios, mas sempre pensava em algum parêntesis ou observação & por isso logo a pousava de novo intocada. Seu zelo, sinceridade & vitalidade obviamente são convincentes; mas fico feliz de ter me posicionado com tanta firmeza & assim evitado um desastre completo. Gritei-lhe impropérios como se fossem tiros. Ela os recebeu em seu corpo sólido com um baque como o que recebe o couro de um elefante. Bambeia, recupera-se & põe-se pendente & proeminente – pois tem uma pança – sobre mim. Eu domino pelo silêncio – fenômeno para ela formidável. E lá se vai ela às 6.45 deprimida – como Pinka, diz L., depois de revirar a pilha de lixo. Nós nos beijamos – ela apaixonadamente – no corredor, enquanto Miss Pritchard se esconde atrás da porta, ligeiramente alarmada eu acho. Mas que importa talvez eu seja a canção de Ethel: & por isso gosto dela. Estou lendo *Don Juan*; & despacho uma biografia a cada dois dias.

Então basta.

Longa discussão na outra noite entre nós, Ott., Tommie & Mary sobre ficar enjaulado: Mary desenfreada, como um cavalo quando um

⁶⁰ Frase de *Muito barulho por nada*, ato IV, cena ii. Dogberry: “[a fellow] that hath two gowns, and everything handsome about him”.

⁶¹ Provavelmente Ruth Gruber, que publicaria uma análise das obras de Woolf em 1935 (ver passagem de 31 mai. 1935).

trem atravessa um campo. Precisa escapar. Precisa encontrar um homem sem-vergonha & ir para a Espanha. Por que não fazemos alguma coisa? Mudamos de vida? Ela vai morar com L. & eu com Jack? Por que essa cerca-viva de telefonemas todos os dias? Por que não expor um eu diferente?

14 de julho

Agora é meio-dia de 14 de julho – &

(Bob entrou para me pedir que assine um documento para conseguir uma pensão para Palmer. Bob fala... basicamente sobre a casa nova, lavar bacias, ainda é possível usar velas para ir para a cama?, Bessy está se mudando para lá hoje, ele vai passar um mês na Itália, eu poderia enviar um exemplar de meu livro novo para o conde Morra?, todos os italianos são condes, certa vez ele levou quatro condes para conhecer Cambridge, Palmer... & assim por diante: arrasta um pé depois o outro, tira o chapéu & torna a colocá-lo, vai até a porta & volta. Ah & a respeito do livro de Desmond. Desmond roubou alguns dos artigos – a Putnam lhe escreveu uma carta bastante dura –)⁶²

& eu tencionava dizer que acabei de corrigir a cena de Hampton Court (Esta é a última correção, queira Deus.)

Meu histórico de As Ondas, acho, é o seguinte:

10 set a abr Comecei a escrevê-lo, seriamente, por volta de 10 de setembro 1929:

7 meses Terminei a primeira versão em 10 de abril

1930

9 Comecei a 2ª versão 1 de maio 1930.

3 Terminei a 2ª versão 7 de fev. 1931

--- Comecei a corrigir a 2ª versão 1 de maio 1931

19 meses terminei 22 de junho. 1931

Devo terminar (espero) ~~28 de junho~~ 18 de julho. —

Daí que restarão apenas as provas.

⁶² Herbert E. Palmer, poeta e crítico, de quem a Hogarth Press publicara três livros. Bob Trevelyan, poeta e velho amigo de VW, e sua mulher Bessy estavam reformando sua casa. O conde Umberto Morra di Lavriano, adido cultural da embaixada italiana em Londres, publicou diversos artigos sobre VW entre 1927 e 1946. (AOB)

Sexta, 17 de julho

Sim. Esta manhã acho que posso dizer que terminei. Ou seja, novamente, pela 18ª vez, copiei as frases de abertura. L. o lerá amanhã; & devo abrir este livro para registrar seu veredito. Minha própria opinião – ai meu Deus –: é um livro difícil. Acho que nunca me senti tão exigida. E estou nervosa, confesso, por causa de L. Pois para começo de conversa ele será sincero, mais do que de costume. E pode ser que seja um fracasso. E já não consigo fazer mais nada. E tendo a pensar que seja bom mas incoerente, condensado: que um solavanco sucede-se a outro. Seja como for é trabalhado, compacto. Seja como for apostei na minha visão, & se não deu certo, ao menos foi um lance na direção certa. Mas estou nervosa. No geral talvez seja pequeno & detalhista. Deus sabe. Como digo, & repito para reprimir a sensaçãozinha um tanto incômoda em meu coração, ficarei nervosa ao ouvir a opinião de L. quando ele vier me procurar, digamos amanhã à noite ou domingo de manhã, em minha edícula no jardim, trazendo o manuscrito, & sentar-se & dizer, “Bem!”

Domingo, 19 de julho

“É uma obra-prima” disse L., vindo à minha edícula esta manhã. “E o melhor de seus livros.” Esse é o registro que faço, acrescentando que ele também considera as 100 primeiras páginas extremamente difíceis, & que sem dúvida é assim que qualquer leitor comum as verá. Mas Deus! que alívio! Saí em disparada no meio da chuva para dar uma voltinha até Rat Farm em júbilo, & quase me sinto resignada com o fato de que estão agora montando uma fazenda de criação de cabras, com direito à construção de uma casa, na encosta perto de Northease.

Monks House | Rodmell

Agosto de 1931

Sexta, 7 de agosto

Acabo de escrever estas augustas palavras, Rodmell. Agosto de 1931. E é tão bom quanto o que pensei; não, melhor. Quem mais em toda Sussex pode dizer isso? O tempo uma miscelânea; o rio fluindo; barcos flutuando; gramofone, câmara, luz elétrica, geladeira – assim relembro essas bênçãos materiais que as pessoas dizem que não fazem a menor diferença. No entanto fazem – as camas da Heal [& Son] também: ter meu amplo quarto vazio onde despertar; ir para a cama depois de cruzar o jardim por entre as flores pálidas – o jardim iluminado por nossas luzes claras. Fomos a Oare, & gosto ainda mais desta região, em comparação. E não faço nenhuma anotação sobre Sydney⁶³, a não ser que ele seguiu um palpite de Deus – uma sensação estranha; espalha-se ao redor dele uma superfície oleosa de calma aparente. Depois posei para Tommie. Ai ai!, que terrível fonte obstinada de furiosa individualidade, forte como raiz de urze, forte como cânhamo, irrompe em mim – & eles a adulteraram, Nessa & Tommy – mantendo-me imóvel ali das 2 às 4 durante 6 tardes para ser observada, enquanto eu me sentia como uma barbatana vergada de espartilho. Isso me divertiu, me intrigou, apesar de eu espumar de raiva: T. está atrasado. T. não pôde mudar seus planos &tc &tc. Enquanto eu era obrigada a me arrastar pelas ruas poeirentas daquele lugar⁶⁴. E Rosamond Lehmann jantou aqui com Lord David; & gostei dela; & finalmente, finalmente, finalmente, na quinta-feira dia 30 entramos no carro, batemos a porta & demos o fora. E como foi, aliás como está sendo, satisfatório! Eu escrevendo Flush a manhã inteira, sem grande seriedade, para serenar meu cérebro, virado do avesso depois daquela tortura d'As Ondas: L. fazendo sua transmissão pelo rádio & corrigindo provas; & ninguém de visita, exceto os Bells: ninguém telefonando; ninguém vindo dizer que o jantar está na mesa, ou pisoteando de um lado para o outro na cozinha. Annie, tranquila, organizada, ligeira, termina tudo às 3 – isso me lembra que preciso colocar a torta no forno, acho. E luzes & sombras

⁶³ S. Waterlow, diplomata, velho amigo de Woolf. (AOB)

⁶⁴ O escultor Stephen Tomlin desejava esculpir a cabeça de VW e terminou por convencê-la a posar para ele. Para tornar as sessões menos desgastantes, Vanessa esteve presente, fazendo um retrato da irmã. Woolf desistiu do projeto irritada depois de seis sessões, e a escultura incompleta de Tomlin encontra-se na National Portrait Gallery. (AOB)

& caminhadas – hoje até Northease & de volta pelo manguezal; quase perdendo o aborto de ardósia cor-de-rosa no horizonte de Telscombe. A Fazenda do Bode não é a monstruosidade que seria de se esperar. Verdade, certa vez [4 de agosto] fiquei enfurecida por causa de Worthing & de Mrs W. & o estranho & repentino ressurgimento nela das dissimulações que encantavam os comerciantes de diamantes nos anos 70. Como é estranho esse rompante sexual repentino numa mulher de 80! Como me repugna esse saracoteio de atração alvoroçada tão ordinária – essa valorização da opinião de Mr Legge – ele a levava ao Pavilion & alugara um carro especial para isso. “Bacana hein?” riu ela, como se estivesse numa praia com outras judias 50 anos atrás. Era o que parecia. Mas o que estava à minha frente era ela, velha, rosada, cheia de barbelas & vestida com exagero, exigindo diversão & prazer & bolos & passeios de carro – mas basta (como se diz por aí): escrevi essas mesmas palavras no verão passado, & neste verão tudo isso vai acabar, com um estrondoso chá de família, no dia 25. Belas são as curvas das nuvens cinzentas a passar depressa; & os celeiros alongando-se: Vita escreveu esta manhã sobre as cartas de K M [*Katherine Mansfield*] dizendo que adoraria reunir todos os poetas num jardim; só isso; enquanto Harold irá se tornar, dizem, editor de um matutino & pediu demissão do Standard. E você, gosta de mim? pergunta ela.⁶⁵

⁶⁵ Referência a “Lovely are the curves of the white owl sweeping”, de *Love in the Valley*, de George Meredith. No original de VW: “Lovely are the curves of the grey clouds sweeping”. Harold Nicolson, marido de Vita, abandonara a carreira diplomática e assumira um cargo no *Evening Standard* em 1930, que abandonara a fim de tornar-se editor do *Action*, jornal do “Novo Partido” de Oswald Mosley. (AOB)

As cartas de Mansfield foram publicadas em dois volumes editados e selecionados por Murry em 1928. Na carta de 8 ago. 1931 (ver L4, no. 2418), VW descreve para Vita seu relacionamento com Mansfield. “Quanto a Katherine, creio que você entendeu mais ou menos bem. Nunca fomos unidas de fato; mas eu sentia fascínio, e ela respeito; embora eu a achasse ordinária, e ela me achasse pretensiosa; no entanto as duas sentiam-se compelidas a encontrar-se simplesmente para conversar sobre escrita. Isso nós fazíamos a torto e a direito. Só que então ela apareceu com um enxame de continhos e eu senti inveja, sem dúvida; porque foram elogiadíssimos; mas não foi por isso que eu desisti de lê-los, e sim por causa de seu intenso sentimentalismo barato, o que era ainda pior, na minha opinião, porque ela possuía, como você mesma disse, entusiasmo e ressonância – quero dizer, como ela era capaz de permeiar alguém com suas qualidades, aquele fedor forte e vagabundo ardia nas narinas. Mas dia desses preciso lê-la. Fora que ela estava sempre assombrada pela morte; e precisou passar apressada por etapas que deveriam ter levado anos em dez minutos – de modo que o nosso relacionamento também se tornou irreal. E Murry sempre estava por perto remexendo-se e exalando ao fundo uma espécie de espesso óleo de motor – os jantares com eles estão entre as demonstrações mais desagradáveis, humanamente falando, que já presenciei. Mas o fato é inegável – quero dizer, que ela possuía uma qualidade que eu adorava, e da qual necessitava; creio que sua agudeza e realidade – o fato de ela ter convivido com prostitutas e tudo o mais, enquanto eu sempre fora respeitável – eram o que eu desejava na época. Sonho com ela com frequência – ora, aí está uma estranha reflexão – o modo como a relação com alguém parece continuar após a morte através dos sonhos, e com uma estranha realidade.”

Segunda, 10 de agosto Não; não permitirei que este dia seja ruim, embora todos os sinais indiquem isso. Primeiro uma discussão com L. no café da manhã sobre visitar sua família: a discussão de sempre, um tanto azeda: que me priva de minha [*palavra ilegível*]; & depois uma dor de cabeça incipiente; provocada, em parte, por Charleston; onde nos divertimos muitíssimo; & eu distribuí pérolas; depois me envolvi num dos meus terríveis diálogos sobressaltados & tremendamente inquietantes com Raymond: devo convidá-lo a ficar – ou não? Nessa o fez: Nessa que já está hospedando Roger & em breve Jean.⁶⁶ E íamos agora convidar R. a vir para cá; & agora estou na edícula nesta pálida manhã cinzenta & não vou continuar Flush, por causa da minha cabeça; & passaremos o dia em Londres amanhã; & deveria começar a corrigir as primeiras provas; & talvez o faça depois de terminar isto [*escrever o diário*]. Não, eu insisto, não deixarei que este seja um dia ruim: mas de que maneira? Com calma & controle. Comendo maçãs – dormindo esta tarde. Só isso. E agora, As Ondas. Neste momento, 10.45, terminei de ler o primeiro capítulo de As Ondas, & não fiz nenhuma alteração, exceto 2 palavras & 3 vírgulas. Sim, enfim, está exato & preciso. Gosto dele. E estou vendo que pela primeira vez minhas provas seguirão com umas poucas marcações a lápis. Agora minha prole cresce: penso “estou me aventurando... convidamos Raymond. Estou singrando os mares, apesar da dor de cabeça apesar do azedume – também talvez receba um [*palavra ilegível*]”. Agora vou escrever um pouquinho de Flush.

15 de agosto Estou num alvoroço – revisando provas. Só consigo revisar umas poucas páginas por vez. Ocorreu o mesmo quando escrevi esse extático livro [*palavra ilegível*]. Tudo o que observo aqui entretanto é que me sinto vibracional; recebo impressões violentas de Roger, Raymond, Sybil, Vita. Sybil veio por convite próprio ontem; & eu me perguntei depois de 2 horas balbuciando fofocas estéreis que satisfação ela obtinha disso. Olhou uma vez para as colinas. O ruim de Sybil é que suspeitamos que por trás de qualquer ato existem intenções. “Estou provando que sou uma mulher que ama o campo”. Nunca sentimos, É disso que ela gosta, como sinto quando

⁶⁶ Os Woolfs foram tomar o chá em Charleston no dia anterior. Jean Campbell morava com o coronel Teed, dono da casa que Nessa alugava em Cassis. (AOB)

Vita sai tropicando pelas charnecas & mal consegue dizer palavra. S. olha cadeiras & mesas; olha alguém de alto a baixo: tem olho de colecionador, toda uma despesa de fatos que entregará no encontro seguinte. É raro alguém permitir-se ser quem é: eu mesma sou uma pecadora às vezes. Então, quando estávamos à porta, ela tentou nos fazer convidá-la a passar a noite. Mas eu resisti; por que ela desejaria que a convidássemos para ficar? perguntei. Estivera nos Gages⁶⁷ de novo, suponho que por convite próprio. Como você vê, a companhia de S. não leva a altas reflexões; não nos desafia a mostrar nosso melhor, exceto para nos exhibir. A velha Vita, desalinhada & dura, está escrevendo outro romance, de modo indiferente como sempre. Eddy escreveu para falar mal de A.P.S [*All Passion Spent*]. Ela se chateou; depois rasgou a carta dele. Harold vai começar num novo jornal, *Action*, em 1 out.: que vai custar 2d. Frio, úmido, luzes são acesas no almoço; a gata deu à luz na despensa de carvão; a cachorra spaniel valiosa morreu na cama da criança vizinha. Um mês de agosto úmido & tempestuoso, o mais gelado em 14 anos; & os fazendeiros daqui estão queimando feno. Enquanto isso o país está à beira de uma crise. Grandes eventos andam na fervura. Maynard foi a Downing Street & espalhou rumores sensacionalistas. Estaremos então vivendo uma crise, & estarei eu bestando? & irão as gerações vindouras, como se diz por aí, olhar nossos apuros (financeiros) horrorizadas? Às vezes sinto que o mundo está em desespero; depois saio para caminhar pelas colinas. Ontem à noite, depois de Sybil, depois dos trovões & tempestade, especialmente vários [*palavra ilegível*], ternos, fugazes, evanescentes, fiquei ao portão observando o morro de Asheham nublar-se e acender-se como a esmeralda que é. E ao redor espraíam-se os morros, saturados de nuvens.

Domingo, 16 de agosto

Eu devia mesmo era pedir desculpas a este livro por usá-lo desta maneira, derramando meu desnorteio; isto é, estou corrigindo provas – o último capítulo esta manhã – & preciso parar de meia em meia hora para deixar meu espírito alongar-se, depois desses momentos de concentração. Não consigo escrever a biografia de Flush porque o ritmo está errado. Enfim, acho que As Ondas está muito tenso & conciso; pois me atormenta dessa

⁶⁷ Henry Rainald, 6º Visconde de Gage, um dos grandes proprietários de Sussex, e sua mulher, Imogen Grenfell. (AOB)

maneira o cérebro. E o que vão dizer os críticos? E meus amigos? Claro que não vão encontrar nada de muito novo para dizer.

L. está em casa preparando seu índice & imprimindo as fotos que revelamos ontem à noite. A razão por que Colefax é tão enfadonha é que nunca sente nem pensa por si mesma. É por isso que eu sufocaria na poeira caso ela passasse a noite aqui. Além disso ela está sempre colecionando fatos sobre as pessoas, não por interesse, mas por curiosidade. Um aviso para não pisar mais em lugares como Argyll House, porque depois ela espera ganhar alguma retribuição*.

* A pobre mulher hoje, quarta-feira, escreve uma carta patética sobre outros verões e amarguras, dizendo que apesar de tudo eles (ela & A. [Arthur Colefax]) beberam os prazeres até a última gota; & que nos ver, apesar de trazer à tona essas tristezas, trazia-lhe conforto.

É uma boa ideia eu acho escrever biografias; fazer com que usem meus poderes de representar a realidade com precisão; & usar meus romances simplesmente para expressar o geral, o poético. Flush está servindo a esse propósito.

Ontem foi um dia perfeitamente feliz. Compus alguns poemas de Dadie na sala nova; passeei pelos mangues. L. podou as macieiras; estava um lindo dia – aliás este tempo incerto tem como vantagem uma beleza extraordinária & caprichosa. Duvido alguma vez ter visto as colinas tão lindas. Mas estou num dilema por causa de Ethel, que com brutalidade considerável pergunta se pode vir para cá. Quando as pessoas – G.L.D.[*Goldsworthy Lewis Dickinson*] por exemplo – nos escrevem para desmarcar uma visita ficamos quase chocados; depois sentimos surpreendente alívio. Será possível existir alguém que não queira nos ver? Tal realeza nos tornamos – em nosso círculo, como diz Ethel. Ela me irritou dizendo a Lady Craik que pertenço a um círculo & que sou uma reclusa.⁶⁸ Agora, pobre de mim, preciso voltar para Bernard (sobre a morte de P.[*ercival*]). Uma das frases de Sybil, de suas insinuações: “Ah, se eu e Arthur pudéssemos comprar uma casa no campo” – ela, com seu Rolls Royce com chofer à porta.

Segunda, 17 de agosto

Muito que bem, passa pouco das 12.30 e fiz as últimas correções n'As Ondas; terminei as provas, que devem seguir amanhã – para nunca, jamais voltarem a ser vistas por mim, imagino eu.

⁶⁸ Mary, Lady Craik, viúva de Sir George. Ethel Smyth descrevera V.W. numa carta a Lady Craik e enviara a carta para V.W. para que ela a lesse e depois a enviasse pelo correio (ver L4, n. 2420). (AOB).

Quarta, 19 de agosto Minhas provas de fato seguiram pelo correio: ontem; & não devo mais vê-las novamente.

1 de setembro E depois alguns dias de cama, dor de cabeça & sono atroz, sono descendo inexoravelmente quando eu tentava ler Judith Paris, & em seguida Ivanhoé. Nota sobre Judith Paris: é um livro-museu sobre Londres. Hugh [Walpole] saltitando com entusiasmo espúrio – uma reunião de contas brilhantes de estimação – desconstruídas. Por quê? Não há sentimento central em parte alguma – só “sou tão vital – tão grandioso – tão criativo”. Verdade que é competente o bastante, econômico nas palavras – mas são palavras sem raízes. Sim é isso. Tudo não passa de uma lixeira trivial de objetos reluzentes a serem recolhidos. Scott: uma nota. Uma peça de teatro. E sei que o homem (esqueci seu nome) vai atingir seu alvo. Daí que não me sinto entusiasmada. Chega quase a ser incrível que meu pai tenha levado essa cena a sério.⁶⁹ Mas creio haver algumas raízes; com certeza um desejo perfeitamente sincero de divertir, aqui & ali agitado (mas ah quão raramente!) por algum assalto do subconsciente – só que do humor. Rowena, Rebecca, enfeites de penteadeira – joias falsas de Madame Tussaud. O interessante é a estrutura – toda chapada, borrada. Porém creio que confio mais nele & gosto mais dele do que de Hugh. Questão da moralidade. Que somos todos moralistas; com um padrão temporário. Minha raiva por Scott não ser mais intenso em parte é resultado da crise da Inglaterra neste verão. (se é que se pode chamá-lo de verão).

*Hoje de manhã quando eu estava de camisola os homens vieram instalar os azulejos de Nessa no quarto de cima. L. em Londres. Aniversário de Joyce [*Wethered, campeã de golfe e amiga de Ethel Smyth*]. Manhã de setembro quente abafada. Gralhas reunindo-se, grasnando

⁶⁹ O personagem em questão é Locksley [Robin Hood]; ver *Ivanhoé*, capítulo 13. Ver tb. Leslie Stephen: “Sir Walter Scott”, *Hours in a Library* (1892), v.1, p. 158. (AOB)

3 de setembro

Tirarei minha semana de descanso, este é o último dia, com ótimos resultados. Meu cérebro está brando, cálido & fértil novamente, sinto-me renovada & livre, cheia de energia para conversar. Sim, posso até mesmo imaginar “ver” gente sem sentir um aperto & um estremecimento. Estranho como bebo descansos – como me torno seca & esturricada como grama ressequida – como em seguida torno-me verde & succulenta. Aliás a prosa elisabetana é magnífica: & tudo o que mais amo no momento. Banhei-me em Dekker noite passada como se estivesse em meu elemento natural. Com toda certeza é um instrumento mais nobre do que Scott ou o século 18. Ouvimos um concerto de Bach com as nuvens reunidas espessas sobre o Caburn, as luzes saltitando, & o brilho pálido & cadavérico na mina de giz. Em determinado momento os cavalos castanhos saíram em estampido – lançando loucamente suas grandes patas para diante. O pior de tudo é que meu cérebro se enche rápido demais – transborda. Hoje enquanto aguardava o café da manhã eu li Montaigne & encontrei uma passagem sobre as paixões das mulheres – sua voracidade – que imediatamente contrapus aos comentários de Squire &, assim, compus todo um capítulo do meu Batida na Porta [*Tap at the Door*] ou seja lá como será seu nome, justamente quando eu esperava deixar minha mente deslizar para um segundo Leitor Comum & aos elisabetanos. Nenhuma carta de Vita, a quem escrevi na cama; & nenhuma de Nessa, a quem enviei £50. Algumas cartas dos americanos lunáticos que preciso responder, preciso mesmo? – & parar de escrever. Escreverei eu um artigo O que acredito para a Nation americana? Não. Mas no que acredito? Os outros fazem esse tipo de coisa. Por que não eu?⁷⁰ Mas o que eu estava dizendo? Ah sim, estava chateada com o desdém costumeiro de Desmond por Mrs Dalloway – devaneios.⁷¹ Eu me senti inspirada a criar diversas frases sobre os processos do próprio Desmond – mas nenhuma das quais, imagino eu, será um dia disparada numa publicação. Sua sofisticação, urbanidade & decoro como escritor; suas maneiras gentis,

⁷⁰ A revista *The Nation* estava publicando uma série de artigos com o título *What I Believe*. Entre os autores estavam Rose Macaulay e Beatrice Webb. (AOB)

⁷¹ O “desdém” de Desmond MacCarthy a que VW se refere está no artigo “The Bubble Reputation”, publicado em set. 1931 na *Life & Letters*. Discorrendo sobre o desenvolvimento do romance, ele escreve que “na sua forma mais recente – no romance de Virginia Woolf, por exemplo – os eventos tornam-se meras interrupções em um longo processo de devaneios, um processo utilizado principalmente para que se possa escrever poematos em prosa (...), como quando os pequenos pontos na seda verde que Mrs. Dalloway está costurando em seu cinto a fazem lembrar-se das ondas de verão (...), descritas em uma passagem de prosa delicada e rítmica.” (AOB)

maleáveis. Seu público de damas & cavalheiros de salão de chá. Sua timidez. Como ele embrulha tudo em flanela. (Browning fala disso em relação a uma fria manhã em Paris). E existe verdade no que digo sobre Desmond, não apenas despeito. Tem ainda as hesitações & nervosismos ridículos dele em relação a publicar o que escreve. Sua perpétua condescendência. Sua agora permanente corcunda. Seu alheamento – no mau sentido. Quer dizer, ele jamais apanha uma urtiga pelas folhas: sempre usa luvas. Sua garrulice. Bem, torço apenas para que seus 8 volumes sejam um fracasso, que ele não consiga pagar seu imposto de renda & que Michael seja devorado pelos leopardos.⁷² Então irei encontrá-lo & meus olhos vão se encher de lágrimas. Mas é uma verdade – o desprezo – e mesmo um elogio – de Desmond me deprime mais do que a raiva pura & simples de Arnold Bennett – suga a minha vitalidade.

Abro este livro novamente para registrar o fato de que hoje é 3 de setembro. A batalha de Dunbar: a batalha de Worcester & a morte de Cromwell. Um dia pesado & combalido de muito vento & nuvens com réstias de sol: não está chovendo exatamente. Estranho como sempre me lembro de meu pai dizendo isso em St. Ives nesse dia & como estou sempre escrevendo alguma coisa num diário nesse dia & como em geral é sempre um dia claro & frio.⁷³

Terça, 15 de setembro

Subi até aqui trêmula com a sensação de fracasso absoluto – ou seja As Ondas – ou seja Hugh Walpole não gostou do livro – ou seja John L. está prestes a escrever dizendo que o achou ruim – ou seja L. me acusa de uma sensibilidade que beira a insanidade – ou seja estou intensamente deprimida & já sentindo erguer-se o duro & cornudo lombo da minha velha amiga. Lute lute. Não importa. Aqui não preciso disfarçar o tumulto dos meus sentimentos. Deus como odeio pensar que Hugh deve estar espalhando por Londres que o novo V.W. é desapontador – um livro sobre nada – maravilhosamente bem escrito, é claro. Devo então dizer o que

⁷² Em uma carta a Vanessa, (L4, carta n. 2373), VW conta sobre as atividades de Michael, filho mais velho de Desmond MacCarthy, como fazendeiro, primeiro na África e depois na América do Sul. (AOB)

⁷³ Ver entrada de 3 set. 1928: “A batalha de Dunbar, a Batalha de Worcester & a morte de Cromwell – com que frequência tenho a impressão de ter dito isso a meu pai (“meu” pai, não mais apenas “pai”) em St. Ives; toda empertigada na sala de jantar de Talland House”.

Brace acha?⁷⁴ – ah muito que bem, preciso tentar parar de sopesar opiniões conflitantes. Seja como for, minha mente está abarrotada de livros & Deus meu, tentei dizer a verdade, por mais bombástico que isto possa parecer, espremê-la gota a gota do meu cérebro. Portanto essencialmente não me sinto abatida. Mas, prevejo, As Ondas marcam o declínio da minha reputação.

Ah mas esta manhã⁷⁵ mais pareço uma abelha na flor de hera – nem consigo escrever de tanto prazer. John disse, “Mas eu adorei, realmente adorei, fiquei profundamente impressionado & pasmo com o que você alcançou neste método inteiramente inédito... Parece-me haver apenas uma finíssima parede separando a poesia & um romance como esse... Você consegue sustentar o ritmo da prosa & a intensidade da poesia...” E isso é difícilimo, acrescenta ele, &tc. & tal. Mas meu cérebro está agora ruborizado & inundado, & me senti logo inspirada a escrever Carta a um Jovem Poeta⁷⁶.

Deus meu que catavento – não, que onda de emoção há em mim.

19 de setembro

E os últimos dias foram divinos – Finalmente um calorzinho; & depois, com esse livro terminado – pois não sinto mais tanta ansiedade agora – acho que John alfinetou com precisão o ponto de vista culto – sinto-me calma; ah & faço caminhadas; ah & preciso registrar o horror das 2 casas no alto do morro. Sim. Essa iniquidade está sendo perpetrada nas colinas para todo o sempre pelo nosso “provável candidato trabalhista” [*Hancock*]. Meu voto ele não terá. Desandei a devanear sobre uma casa longe, em Dorsetshire.

Mas Ah – repito – que feliz estou: que calma, neste momento que doce é a vida com L. aqui, com sua ordem & regularidade, & o jardim & a sala à noite & música & minhas caminhadas & escrever sobre Donne⁷⁷ com facilidade & interesse pela manhã & poemas sobre mim. Dei para ler

⁷⁴ Donald C. Brace, editor americano de VW. Sua opinião sobre *As Ondas* não foi preservada, porém a Harcourt Brace & Co publicou o livro em 22 out., quinze dias após a edição inglesa da Hogarth. Para a reação de Hugh Walpole sobre *As Ondas*, ver 16 nov. 1931. (AOB)

⁷⁵ Aqui existe uma quebra na edição de AOB e a inserção de nova entrada (entre colchetes): quarta, 16 de setembro.

⁷⁶ *A Letter to a Young Poet* foi publicado em julho de 1932 e incluído em *The Death of the Moth*.

⁷⁷ O ensaio “Donne After Three Centuries” foi publicado no segundo volume de *O Leitor Comum*, em 1932. VW comentou sobre a visita dos Woolfs aos Easdales numa carta a Vita (L4, carta n. 2436). (AOB)

poesia com intensidade – comprei [John] Skelton em Tunbridge Wells. Pois fomos a Easedales num belo dia quente & vimos o lobo empalhado; & agora preciso vestir-me para a festa de aniversario de Angelica. George & Margaret [Duckworth, para o chá] ontem.

21 de setembro

Aqui estou eu, escrevendo sobre Donne, & “abandonamos o padrão ouro” esta manhã. Maynard & Kahn como gente em guerra. Conversamos sobre economia & política. Guardas nas ruas: a Torre foi defendida (piada de M.). Telefonemas: edição noturna do jornal. Partimos, & escrevo sobre Donne. Sim; & o que eu poderia fazer de melhor, se estamos arruinados, & se todos tivessem passado o tempo escrevendo sobre Donne não teríamos abandonado o padrão ouro – esta é a minha versão da grande crise &c &c &c – grasnam grasnam os gansos, que não podem por ovos de ouro.⁷⁸

22 de setembro

E Miss Holtby diz, “É um poema, mais completamente do que qualquer outro de seus livros, claro. De uma sutileza raríssima. Tem uma visão mais profunda do coração humano, talvez, do que até mesmo o próprio Ao Farol...” & embora eu copie a frase, porque faz parte do gráfico da minha temperatura, Deus meu, como costume dizer, essa temperatura, que estava mortalmente baixa na semana passada, & em seguida alta como uma febre, não aumenta mais: está normal. Imagino que eu esteja a salvo; acho que as pessoas só podem mesmo se repetir. E quanta coisa eu esqueci. O que quero é que me digam que é sólido, que significa algo. O que ele significa eu mesma só saberei quando tiver escrito outro livro. E sou a lebre, muito à frente dos cães de caça, meus críticos.

Domingo, 27 de setembro

Lyn [Irvine] & os Kingsley Martins⁷⁹ estão em casa, & eu me escondi aqui, como digo, para escrever cartas. Mas conversar agita os nervos da parte de trás da minha cabeça. E recebemos os Easedales também. “Mr. E. era um desses cavalheiros ciumentos, & por isso me deixou”. Silêncio de

⁷⁸ Em 21 set. 1931 a Grã-Bretanha suspendeu o padrão ouro, o qual havia retomado pouco mais de seis anos antes. Maynard Keynes se manifestara contra a medida no panfleto *As Consequências Econômicas do Sr. Churchill*, publicado pela Hogarth em 1925. O economista Richard F. Kahn era um de seus colaboradores mais próximos. (AOB)

⁷⁹ Basil Kinglsey Martin, editor do *New Statement & Nation* desde a fusão de ambos até 1960. (AOB)

minha parte. “Eu era muito jovem, & devia ter sido mais linha dura.” “Que pena que uma amizade como essas tenha se acabado!”, disse Joan. E demos a volta no jardim.

Ethel deve estar toda prosa. Louvores gerais, & acho eu sinceros, a *The Wreckers*. Enviei um telegrama – não estava com vontade de escrever. A mãe de Dotty morreu. Vita viaja para o exterior com ela. E vamos lançar no dia 8, apesar das eleições gerais: mas não espero grandes vendas.⁸⁰

Quarta, 30 de setembro Vim aqui hoje, nesta que é a última noite, para organizar a papelada. Tudo está suavemente cinzento: as dalias amarelas de L. ardem na beirada do terraço. Estive em Asheham numa tarde de outono luminosa & pálida, & andei pelo Caminho do Mandril, que percorremos na noite de nosso casamento. Como eu estava orgulhosa de minha nova caixa de documentos, eu bem me lembro! Lá se vai mais este verão também; & sinto tristeza, quero continuar aqui, acalmar meu espírito com (neste momento chegou uma correspondenciazinha rala) com os poetas elisabetanos. Mas partimos amanhã, & acaso o meu coração suspenso não me diz que a tensão com *As Ondas*, com os amigos, com os críticos, as vendas &c, vai começar a retesar uma corda de violino no meu flanco, com toda a força, que montes de gente farão vibrar descuidadamente neste inverno? Não há outro jeito – é sempre assim quando lanço um livro.

E este vai ser publicado daqui a uma semana. Mas estou um pouco menos nua do que o usual, pois tive 3 opiniões de pessoas de fora & não receberei imagino eu nenhuma grande variedade de elogios ou ataques. Preciso decidir o que vou fazer neste outono, como lidar com isso. E produzir tranquilamente: & “ver” gente sem me desgastar demais. Mas aqui estou eu, dizendo que o verão terminou – um verão úmido, entusiasmado, de uma boa dose de dores de cabeça – assim foi agosto. Setembro foi melhor. Que felicidade senti escrevendo sobre Donne, aqui, que felicidade senti uma dúzia de vezes nas caminhadas solitárias, & que raiva no dia que descobri a construção horrenda de Hancock no morro, &

⁸⁰ *The Wreckers*, ópera de Ethel Smyth. O “governo nacional” formado pelo primeiro-ministro trabalhista Ramsay MacDonald em agosto, como um expediente temporário para superar a crise econômica, se consolidaria nas eleições gerais em 27 de out. A data de lançamento de *As Ondas* estava marcada para 8 de out. (AOB)

depois tivemos montes & montes de partidas de bocha, & a grande crise financeira, & depois a visita a Dotty & aos Easedales, & o tremendo desfile de palestras – ao qual compareci de boca fechada – ou seja sem buscar ali nenhum prazer – no fim de semana passado. E agora as cestas de maçã estão lotando a sala de estar & preciso seriamente começar a destruir & compilar dois meses de papelada.

52 Tavistock Square

5 outubro⁸¹

Uma nota, para dizer que estou tremendo de prazer – não consigo continuar minha Carta [*a um Jovem Poeta*] – porque Harold Nicolson acabou de telefonar dizendo que *As Ondas* é uma obra-prima. Ah hah – não foi tudo perda de tempo então. Isto é, a visão que tive aqui exerce algum impacto sobre outros espíritos. Agora um cigarro, & depois voltar a compor sobriamente.

Bem,⁸³ continuando este diário egoísta: não estou lá muito empolgada: não: toda essa falação parece distante, mais do que de costume, pois se *As O.* é alguma coisa, é uma aventura a que me lanço sozinha: & o querido Lit. Sup., que se arma de brilhos & lampejos & condescendência – uma resenha longa &, para o Times, amável & sincera⁸⁴ – não me anima muito. Nem Harold no Action tampouco. Sim; em certa medida, eu provavelmente ficaria desolada caso eles tivessem criticado, mas Deus meu, como estou distante de tudo isso; & também estamos saturados, das pessoas, de fazer pacotes. Não tenho certeza se é bom sentir tamanho alheamento – ou seja, que *As O.* não é aquilo que dizem. Estranho que eles (The Times) elogiem meus personagens quando minha intenção era não haver nenhum. Mas estou saturada: quero meu pântano, minha colina, & despertar na quietude do meu quarto arejado. [LW] Fala no rádio esta noite; rumo a Rodmell amanhã. Na semana que vem provavelmente terei de suportar a algazarra.

⁸¹ A data não consta na edição de AOB.

⁸³ Na edição de AOB há uma data entre colchetes: quinta, 8 de out.

⁸⁴ Da resenha do *The Times*, 9 out. 1931: “Como um antigo artista do vidro veneziano, a sra. Woolf tece fios coloridos e, com sensibilidade extrema e intuitiva, cria fragilidades etéreas de qualidade duradoura.” (AOB)

Sexta⁸²

Realmente, esse livro ininteligível está sendo mais bem “recebido” do que qualquer outro. Uma resenha decente no Times – a primeira vez que me concedem isso. E está vendendo – que inesperado, que estranho que as pessoas consigam ler aquele troço difícil, de quebrar a cabeça!

14 de outubro

Uma anotação. Pois desde *As Ondas* meu cérebro não tolera a escrita difícil – a escrita que necessita de bússola. Estou muscularmente cansada. Daí que interrompo minha Carta para John [*Carta a um jovem poeta*] & anoto que *As O.* superou todos os meus livros: vendeu perto de 5.000; vamos reimprimir; até o momento, exceto as de [*John Davy*] Hayward & Ethel, nenhuma carta. Nenhum dos meus jurados escreveu. Este silêncio sempre dura uma semana ou duas. As resenhas acho que as mais calorosas de todas. E por aí vai. Porém Vita o achou desesperadamente tedioso – pelo menos por 100 páginas. O que devo dizer a Virginia? Não consigo continuar a leitura. Telefona então para Dotty. Não consigo continuar a leitura. Duas horas depois, “Está indo melhor agora”. Ainda assim, V. o considera absolutamente intelectual: a fala de uma única pessoa apenas: a profunda solidão da alma; jamais gostará deste livro como dos outros... Ai de mim, que passei 20 minutos rabiscando a fala de uma cozinheira – tamanha é a minha necessidade de humor alegre, arbitrário.⁸⁵ Ah que tortura foi aquilo! A sensação me vem agora. Literalmente sinto uma dor na cabeça – mas minha cabeça tem muitas dores – quando tento expandir-me em outro livro – E no entanto é claro que vislumbro *A Árvore*. Mas socorro socorro, pare pare, grito para o meu cérebro. Não me torture novamente. Wreckers esta noite & depois jantar com Vita, L. & Ethel no Eiffel Tower.

Conversas da noite passada.⁸⁶ Stulik do Eiffel Tower.⁸⁷ Estou falando de Schnitzler: Digo a vocês que ele trouxe seis batatas aqui & um saco de farinha. Disse, “Entregue isso ao meu povo. Não os quero.” Seis

⁸² Na edição de AOB há uma data, 9 de out.

⁸⁵ Existem duas versões de “The Cook” – retrato baseado em Sophia Farrell, a leal cozinheira dos Stephens em Hyde Park Gate, que mais tarde acompanhou os irmãos órfãos até Bloomsbury e trabalhou para VW até que esta se casasse. (AOB)

⁸⁶ Na edição de AOB, há quebra em outra entrada, com a data entre colchetes: quinta, 15 de out.

⁸⁷ O proprietário do restaurante Eiffel Tower então era o vienense Rudolf Stulik. Arthur Schnitzler, dramaturgo e romancista austríaco, morreu uma semana depois. (AOB)

batatas & um saco de farinha. Disse, “Meu povo está morrendo de fome. Não quero suas esmolas.”

E[*the*] S[*myth*]: Mas eles nunca ouviram falar de Schnitzler. Não somos musicais... os ingleses não são artistas. Você pertence à única raça em que todo homem com quem se topa na rua é um artista...

Claro que eles já ouviram falar de Schnitzler... E ele disse Tome – não os quero. Entregue isso às pessoas que estão morrendo de fome. Seis batatas & um saco de farinha...

Stulik tivera um chilique & estava ligeiramente bêbado.

Meu coração bateu com força ao ver você – (fazendo uma reverência para mim com a mão no coração) entrar... Faz muitos anos que você não vem aqui – você morava em Bedford Square – num estúdio – & havia a Lady Utto – ela costumava vir – E o meu coração deu um pulo, senhor, quando o vi depois de todos esses anos. Quando você entrou, senti...

Contorcendo-se como se nadando com os braços cruzados Lá estavam Rex Whistler & Malcolm Bullock num canto. E. falou longamente sobre Parsifal; & nossa discussão – vestida de azul claro com sapatos brancos com alfinetes de segurança. E parte do W[*reckers*] tinha vigor & até mesmo beleza; & ação & absurdo & extremos; & jovialidade: como se alguma canção dentro dela tivesse tentado escapar & sido [*palavra ilegível*]

Sábado, 17 de outubro

Mais observações sobre As Ondas. As vendas, nesses últimos 3 dias, caíram para 50 ou algo assim: depois da grande chama quando vendemos 500 num dia, o matagal se apagou, como eu previa. (Não que eu achasse que iríamos vender mais do que 3.000). Acontece que os leitores das bibliotecas não conseguem lê-lo & estão devolvendo seus exemplares. Daí que, profetizo, teremos agora um pinga-pinga até vendermos 6000 & depois será praticamente seu fim, mas não exatamente. Pois ele anda sendo recebido, eu diria, citando o repertório de teatro sem nenhuma vaidade, com aplauso. Todas as províncias o estão lendo com entusiasmo. De certa maneira eu me sinto um tanto tocada, como diriam os M. Os resenhistas provincianos desconhecidos declaram quase que em comum acordo, aí está Mrs. Woolf em sua melhor obra; impossível ser

popular; mas nós a respeitamos por escrevê-lo; & consideramos *The Waves* empolgante. Corro o risco, é fato, de tornar-me o nosso principal romancista, & não apenas para os intelectuais. Para mostrar quão lento é o livro, não só Vita & Dotty acharam as 100 primeiras páginas um tédio extremo, como até então só recebi (10 dias após o lançamento) 3 cartas a respeito. O ponto alto é o entusiasmo de Nessa.⁸⁸ E, indo ainda mais longe em minhas observações, a ausência de vendas teve o efeito providencial de me por nos prumos & me acalmar, de forma que agora consigo voltar ao trabalho; já perdi todo o arroubo & o alvoroço daquilo que parecia ser um absoluto sucesso. Pois então, que devo escrever agora? Quantas obras pairam sobre mim.

20 de outubro

Trotei ontem & reuni um bom tanto dos elisabetanos. Gostaria de escrever um capítulo intitulado Alguns Elisabetanos para servir de prelúdio ao 2º Leitor Comum. Recebi a visita de Peter Lucas na outra noite. Não, ele não leu *As O*. Mas escreveu um épico. Como de costume anda trabalhando como um mineiro – todo vermelho – egoísta – simpático, encantador, jovial, rígido, tapado, ou seja, muito distante de um escritor, mas determinado a escrever; & de fato uma de suas peças vai ser encenada.⁸⁹ Tanto o meu livro quanto o dele seguem devagar; mas o de L. desconfio que com passos de gigante, como um elefante atravessando o matagal. Laski disse, da maneira como os resenhistas dizem essas coisas, que é uma obra-prima.⁹⁰ Nós autores de obras-primas continuamos muito calmos, muito satisfeitos. Fomos à exposição de carros, por exemplo, sábado passado (o outono se aprofunda) & gostamos do *The Star*, que a bem da verdade poderíamos comprar se quiséssemos. Que estranha mudança. Aqui está Lottie sem emprego & Mrs. Hunt [*dona de uma agência de empregos domésticos*] não quer aceitar pagamento pois não há vagas. Como as coisas mudaram nesses 2 ou 3 anos!

⁸⁸ Vanessa escreveu de Charleston: “Passei os últimos 3 dias completamente imersa n’*As Ondas* – & como seria de se esperar estou um tanto surpresa, sem fôlego, engasgada, meio afogada. Preciso lê-lo de novo assim que tiver esperanças de conseguir boiar com mais tranquilidade – enquanto isso estou completamente tomada por sua beleza...” (AOB)

⁸⁹ O poema *Ariadne* de F. L. Lucas foi publicado pela Cambridge University Press em 1932; ele provavelmente contou a VW que sua primeira peça, *The Bear Dances*, seria encenada – a peça estreou em 1932. (AOB)

⁹⁰ Harold J. Laski, professor de Ciência Política da London School of Economics. Sua resenha de *After the Deluge*, de LW, foi publicada no NS&N em 17 out. 1931. (AOB)

Ah mas está novamente azul sobre minha claraboia – por favor Deus permita que continue azul no fim de semana, no bendito fim de semana em Rodmell. Vagamente à procura de casas mais uma vez, & fazendo planos para a mudança. Todas as casas empalidecem diante desta. Fui convidada a ser madrinha da filha de Noel Richards, mas ela não quer jantar aqui. Eleições a todo galope. Plomer & DoBree jantaram aqui na outra noite. Ele, um homem esperto de segunda categoria: seu avô foi o agiota de *Vanity Fair*.⁹¹

Ah⁹² mas fiquei tristíssima – desanimada, desalentada – não é nenhum exagero – porque o Lit. Sup. deu apenas meia coluna de destaque a *After the Deluge*.⁹³ Não que eu devesse me irritar nem por um instante com eles, pois seus métodos são sempre assim, insignificantes & rancorosos – despejam como uma bomba suas ideias políticas nos livros com que não concordam. Mas L. diz – & acredita sinceramente – que isso põe um fim no livro – Sim, diz ele, nada menos do que isso. Diz que seus dez anos de trabalho foram em vão, & que não vê sentido em prosseguir. Argumenta que escreveu esse livro para o grande público; que esse público está à mercê dos bibliotecários; que os bibliotecários fazem seus pedidos baseando-se no que diz o Lit Sup.; que julgam o livro pelo tamanho da resenha; que bibliotecário nenhum aconselhará que se gastem 15/- depois desta crítica; de modo que, por mais que Laski & os especialistas possam aplaudi-lo, como aplaudiram, nos semanários sérios, seu livro está morto; seu trabalho, desperdiçado. Continua apenas entre um público especializado que não tem dinheiro; as vendas não chegarão nem a 500 em 6 meses, &tc &tc. Da minha parte, acho que isso é uma ilustração bastante curiosa da sua psicologia. No domingo ele me disse que era muito provável que isso acontecesse; mas que poucas vezes fomos tão felizes – Verdade, disse ele, esperava uma coluna ou uma coluna e ½ de críticas em vez de ½ – Ah mas as discussões que tivemos eu me arriscaria a dizer por umas 6 horas, caminhando pela

⁹¹ Noel Richards, antes Olivier, por quem Rupert Brooke, James Strachey e Adrian Stephen foram apaixonados, casou-se com um colega médico. Sua terceira filha recebeu o nome de Virginia em homenagem a VW. William Plomer e Bonamy Dobrée jantaram em Tavistock no dia 15 out. Há um agiota chamado Dobrée em *Pendennis*, mas não em *Vanity Fair*; há um Bonamy mencionado em *Vanity Fair*, mas é um funcionário público da Companhia das Índias Orientais. (AOB)

⁹² Na edição de AOB há quebra e uma data entre colchetes, sexta, 23 out.

⁹³ “The Social Animal”, uma resenha de meia coluna no *TLS* de 22 out. 1931, elogia a habilidade de análise de LW, mas o acusa de “trivialidade” ao tratar da Greve Geral e o adverte a não ter uma “lógica tão rígida”. (AOB)

praça, sentados diante da lareira – nublaram meu juízo completamente. É o seu estranho temperamento pessimista: algo mais profundo que a razão, sufocante, retorcido, com que é impossível lidar. A gripe tem exatamente o mesmo efeito, liberta o desânimo irracional que eu enxergo em todos os Woolves & que relaciono a séculos de opressão. O mundo contra nós &c. Como é possível rir dessa ½ coluna então? E quando eu disse esta manhã, descuidada, “Recebi uma resenha no M[anchester] Guardian”, L. quis saber: “Grande?”, e eu, sentindo-me como a mãe de um menininho magoado & infeliz, “Sim”. Deus, como são os seres humanos! Agora desaba um aguaceiro; será que iremos para Rodmell?

30 de outubro

Por sorte aquela morbidez de L. já passou. Outras coisas aconteceram, elogios, algumas vendas. E as Eleições Gerais, que recolocaram acho eu 26 membros trabalhistas no Parlamento. Mas como fui à casa de James para ouvir os resultados & estava no meio de uma multidão barulhenta (Nina Hamnet bêbada), estou com dor de cabeça. Que só piorou indo jantar com a família Woolf ontem à noite.⁹⁴ Não consigo escrever, não consigo ler. Ah – ontem fizemos uma oferta pelo número 47 da Gordon Sqre – uma casa onde poderemos morrer, pois o [contrato de] aluguel é de 24 anos. Estranho voltar a ancorar-se ali. Para que estas anotações permaneçam sólidas eu as escrevo; mas não sou capaz de comentá-las.

Segunda,
novembro

16

de

Mas não iremos viver & morrer no número 47. A imobiliária Bedford não quer abrigar uma editora; não quer criar um precedente; haveria furgões estacionando à porta. Inesperadamente complacente, entretanto, Mr Upton nos disse que podemos ficar aqui depois do nosso prazo: este lado da pça será demolido; mas é uma época ruim para se construir; & vão nos tratar com consideração. Assim que ficamos, pelo menos por mais um ano. Com John duvido (murmuro isto em segredo) que seja o mais sábio a se fazer: & Deus meu, como adoro a oportunidade de qualquer tipo de escape – do quê? para o quê?

Estou desorientada; fui à City & vi a St. Bartholomew. Voltei para esperar por Vita. Vita precisa levar Dotty a um asilo, portanto não poderá

⁹⁴ Aniversário de 81 anos da mãe de LW. (AOB)

vir; minha noite está arruinada – meu espírito não consegue sossegar. O que vai ser de Lottie, ainda desempregada? Nessa telefona. Clive irá querê-la? Estou lendo o livro de Clive.⁹⁵

Agora vou me dar o prazer – devo? – de copiar uma ou duas frases da carta inesperada de Morgan sobre *As Ondas*:

“Vou escrever-lhe de novo quando terminar de reler *As Ondas*. Estou estudando & conversando sobre o livro em Cambridge. É difícil expressar algo sobre uma obra que sentimos ser tão importante, mas a minha empolgação é do tipo que se tem quando estamos convencidos de estar diante de um clássico.”⁹⁶

Eu me arriscaria a dizer que esta carta me deu mais prazer substancial do que qualquer outra carta que já recebi sobre qualquer outro livro. Sim, acho que sim, por vir de Morgan. Primeiro porque me dá motivos para pensar que estou certa de seguir por este caminho tão solitário. Quero dizer hoje na City eu estava pensando em outro livro – sobre lojistas, & taberneiros, com cenas da vida da gente de classe baixa; & ratifiquei esse esboço com a opinião de Morgan. Dadie também concorda. Ah sim, entre os 50 & 60 anos creio que irei escrever uns livros bastante singulares, se estiver viva. Quero dizer acho que estou prestes, finalmente, a dar corpo às formas exatas que meu cérebro encerra. Que longa labuta para alcançar este início – se *As Ondas* for o primeiro livro que escrevo em meu próprio estilo! A registrar, como curiosidades da minha história literária: estou propositadamente evitando encontrar Roger & Lytton que, desconfio, não gostaram de *As Ondas*. Desconfio que seja um fracasso também para Ottoline, Colefax, Mary & Christabel. Lord David não gostou, nem Hugh Walpole. Fico aqui, firme, só que propositadamente evitando qualquer encontro com Roger & Lytton. Por que imagino que os dois são hostis em relação a mim por causa d'*As Ondas*? É pouco provável – Não; eu não gostei de Lytton quando escreveu sobre a rainha Elizabeth. Eu bem me lembro.⁹⁷

⁹⁵ *An Account of French Painting*, de Clive Bell, foi publicado naquele mês. Lottie Hope se tornaria sua cozinheira e empregada doméstica no ano seguinte. (AOB)

⁹⁶ A carta, que se encontra na Berg, assim continua: “Veremos – ou melhor, daqui a cinquenta anos os outros verão, pois nem eu nem você iremos ver mais nada”. (AOB)

⁹⁷ Para a reação de VW sobre o livro *Elizabeth and Essex*, de L. Strachey, ver entrada de 28 nov. 1928. Porém ele, já gravemente doente de um câncer que se provaria fatal no ano seguinte, não chegou a ler

Mas, ah a felicidade desta vida...

Estava pensando hoje que poucas pessoas em Cheapside podem dizer, “É bom demais para ser verdade – eu e L. vamos jantar a sós esta noite.”

Mas enfim, sem nenhum motivo, L. ficou muito calado & triste durante o chá; Vita não vem; não consigo continuar a ler Philip Sidney; daí que uma sombra atravessa o meu perfeito globo de cristal.⁹⁸ L. agora está imprimindo; & talvez o jantar seja tudo o que idealizei. Mas se não for, minha felicidade é substancial demais para se ver maculada. [*Com outra caneta*] E o jantar foi muito bom.

Estou trabalhando muito – à minha maneira, polindo dois longos ensaios sobre os elisabetanos para o Leitor Comum: depois preciso me lançar à sua longa lista de ensaios. Sinto também, no meu cérebro, que posso criar um novo método de crítica; algo que seja menos rígido & formal do que esses artigos para o Times. Mas preciso conservar o antigo estilo neste volume. E como, eu me pergunto, como posso fazer isso? Deve existir alguma maneira mais simples, mais sutil, mais próxima de escrever sobre livros, ou as pessoas, basta eu conseguir encontrá-la.

[*Com outra caneta*] (As Ondas vendeu mais de 7.000. The Deluge está vendendo muito bem)

Tem sempre alguém tocando acordeom quando a janela de trás está aberta – uma espécie de acordeom misturado com gaita de foles. Isso me lembra que toda manhã escrevo uma página do que se chama, acho, diário ou agenda, antes de me lançar a Harvey, de onde obtenho tantas reflexões – um dia irei publicá-las em um volume encapado, quadrado, de papel cinzento, bastante fino: uma espécie de caderno, com um calendário do mês impresso.

Terça, 17 de novembro É mesmo, esqueci, por que queria escrever aqui, o que eu queria dizer? tendo meia hora antes do almoço. Uma manhã enevoadá; & Vita telefona; & eu digo (basicamente porque sonhei que ela ia embora com alguém, um tanto bombasticamente, numa festa, numa casa pequena cuja sala eu iria

As Ondas. Hugh Walpole escrevera a VW para parabenizá-la pela segunda reimpressão de *As Ondas*, mas admitiu que o considerara “irreal”. Não há registro da opinião das outras pessoas aqui mencionadas por VW. (AOB)

⁹⁸ Para uma imagem sobre o globo de cristal como a vida, ver entrada de 28 nov. 1928.

transformar em meu escritório derrubando uma parede – ainda vejo: ouço Nessa dizer Ela se cansou de você: depois meus dentes se quebraram; depois como eu ia dizendo Vita partiu triunfalmente com alguém, por estar farta de mim; & então acordei, por volta das 4.30, & decidi que seria firme caso ela me telefonasse & me convidasse para almoçar com ela & Gerald Heard.⁹⁹ E foi o que ela fez, de fato: mas eu fui firme; & ela encantadora, simpática, fiel, amiga; disse que viria para cá hoje à noite porque queria muito me ver. Mas na verdade minha firmeza foi apenas resultado do meu sonho.) É ou não é estranho que eu esteja, acho, sendo ostracizada por alguns de meus amigos por causa de As Ondas, & içada até as alturas por outros justamente pelo mesmo motivo? Dadie, por exemplo, e Goldie: mas a opinião de Morgan é a única, tanto de um quanto do outro lado, que importa.

Monks House, Rodmell

Sexta-feira, manhã de
Natal

Lytton ainda está vivo esta manhã. Pensamos que não sobreviveria a esta noite. Foi uma noite de luar. Nessa telefonou às 10 para dizer que ele tinha tomado leite & chá depois de uma injeção. Quando ela foi até Hungerford ontem, eles estavam todos em grande desespero ali. Fazia 24 horas que ele não comia nem bebia nada, & estava semiconsciente. Pode ser o ponto da virada, ou pode não significar nada.¹⁰⁰ Vamos almoçar com os Keynes. Enfim, uma vez mais todas as minhas impressões sobre ele disparam para todos os lados, expandem-se, & começo a pensar nas coisas que hei de lhe dizer, tão intenso é o desejo de viver – o triunfo da vida.

Uma manhã suave de neblina.

Depois de ter escrito a última página, em 16 de nov., não consegui mais escrever sem ficar com uma perpétua dor de cabeça; & passei um mês de cama; não escrevi nem uma linha sequer; li Fausto, Coningsby &c.

⁹⁹ Filósofo e cientista, descrito por E.M. Forster como “um dos espíritos mais penetrantes da Inglaterra”, era amigo de Harold Nicolson. (AOB)

¹⁰⁰ Clive e Vanessa, que estavam passando o Natal com os filhos em Seend na casa da mãe de Clive, agora viúva, foram a Ham Spray na véspera de Natal para ter notícias de Lytton Strachey. (AOB)

& vi Clive, Christabel, Nessa, Miss Bowen, Alice Ritchie: isso até 14 dias atrás, quando fiquei sabendo de Lytton. Faz um mês que ele está doente. Passei novamente por todas as gradações de sentimento: depois o telefonema; depois a vinda de Angelica; depois a visita a James; depois a volta de carro para cá na terça passada, um trajeto escuro, uma árvore me fez lembrar de Lytton. Brighton ontem. Tudo muito quieto, enevoado; um céu azul & nuvens brancas ontem à noite. Conversei com L. ontem à noite sobre a morte: a estupidez da morte; o que ele sentiria se eu morresse. Ele talvez desistisse da Editora; mas disse que se deve agir com naturalidade. E a sensação da idade que chega sobre nós: & o sofrimento de perder os amigos; & minha antipatia pela geração mais nova; & então reflito que é preciso entender. E estamos mais felizes agora.

Domingo, 27 de dezembro de Noite passada – fui na Miss Dixey [*vizinha de Woolf*] para telefonar: “a melhora continua”. Imagino que isso significa que a constituição robusta dos Stracheys triunfou. Faz 48 horas que L. está melhor, & agora, diz Nessa, percebe que melhorou & passou a comer, o que quer que lhe deixam comer. Portanto agora imagino livremente um futuro com a minha velha serpente,¹⁰¹ em que posso conversar com ele, zombá-lo, criticá-lo: vou ler seu livro sobre Sh[akespe]re; passar uns dias em Ham Spray; dizer o quanto L. & eu soluçamos na véspera de Natal.

Mas esta página é uma das provas que faço para testar meu cérebro. Se ele for bem-sucedido, vou ao chalé amanhã, ligo o aquecedor elétrico & fico por lá fazendo qualquer coisa. Estou brava com Desmond por ele ter dito que *As Ondas* tem uma subjetividade sonhadora; andei formando frases sobre sua maldita tepidez – ele que nunca gosta nem desgosta de nada – em resumo, meu estado de saúde é bom.¹⁰² E, espantoso!, é primeiro de abril. L. não pode entrar. Estive andando de um lado para o outro no terraço. O sol inunda as colinas. As folhas da planta

¹⁰¹ VW costumava dar apelidos às pessoas, ao menos na intimidade. Muitas vezes eles estavam relacionados a bichos. A “velha serpente”, ou “serpente barbuda”, era como chamava Lytton Strachey. (Outros exemplos: Vanessa era “golfinho”, Vita, “sheepdog”.) Lytton era um dos grandes amigos de sua juventude, apesar de em 1931 eles já não se verem mais como antes. Nele, ela baseou o personagem Neville, de *As Ondas*.

¹⁰² A coluna de Desmond MacCarthy no *Sunday Times*, “The World of Books”, de 27 dez. 1931, foi dedicada a uma análise sobre os lançamentos do ano. “Nas mãos de romancistas poéticos e imaginativos, o monólogo interior e a ‘fantasia’ provaram-se frutíferos (...). Em *As Ondas*, Virginia Woolf levou seu método da subjetividade sonhadora ao limite”. (AOB)

na janela estão transparentes de luz. A maré de meu cérebro logo irá se encher. Vamos a Lewes amanhã. Tudo começa a se liberar de novo, embora eu ainda sinta certa inquietação com o telefone. No almoço com os Keynes, eles encararam Lytton filosoficamente. “Ele está vivo?”, quis saber Lydia. Ela repetiu três vezes o peru. Maynard comentou que os últimos relacionamentos de Lytton foram muito superficiais. Não tinha certeza de quando o vira pela última vez. Ele não tinha mudado muito; nada de importante tinha acontecido. Não tinham ido a Ham Spray porque Lydia não aprova a imoralidade de Carrington. Ela é uma cadela na manjedoura. Seus relacionamentos são hipócritas.¹⁰³

E o que você pensa da imortalidade, Maynard? perguntei. “Eu sou um idealista”, disse Maynard, “& portanto no geral acho que acredito que existe algo de nós que continua. Claro, o intelecto é a única coisa que empolga, a matéria não existe. A isso se segue que... mas isto é vago demais.” Foi isso, mais ou menos, o que ele disse. E L. disse que a morte era tão estúpida quanto um acidente de carro. E M. disse que Mrs. Courtald estava morrendo, que poderia até já estar morta. E que desejava que fosse possível morrer num instante: deveria existir uma morte simultânea para casais, como ele & Lydia, eu & Leonard. Mas ele sempre pensou que iria morrer antes de Lydia, & eu, eu disse, antes de Leonard. Então Lydia & Leonard podem se casar & cruzar todos esses cães – (os cães estavam andando por ali). E então voltamos para casa. E dei um beijo em Maynard. E eles virão aqui para o chá.

Por enquanto ainda consigo escrever, se é que se pode chamar isto de escrita, uma efusão desta velha caneta,¹⁰⁴ sem correria nem sofrimento. Mas se é uma tortura – tortura a que eu mesma me entrego, & Desmond não –

Terça, 29 de dezembro Lytton está decididamente melhor. Hoje não preciso telefonar para Nessa, o que é uma fonte de extraordinário alívio. Agora, parece, deve continuar

¹⁰³ Dora Carrington, pintora, tinha se casado com Ralph Partridge em 1921, quando ele trabalhava na Hogarth Press. Era profundamente dedicada a Lytton Strachey, e este a Ralph, e esse *ménage* triangular, embora não fosse baseado na fidelidade sexual, era bastante interdependente. (AOB)

¹⁰⁴ Na versão de AOB, há uma palavra inexistente no original que modifica profundamente o significado da frase. No original se lê: “an effusion of this old pen”. No texto de AOB, está “not an effusion of this old pen”. Essa alteração vira de ponta-cabeça uma ideia relevante para VW: a de que escrever “com uma efusão da caneta, sem correria nem sofrimento” era ao mesmo tempo o ideal e o criticável, conforme foi analisado nesta tese.

gravemente doente, com altos & baixos, por algum tempo. Dizem que com toda certeza não é febre tifoide, & sim cólon ulcerado. Bem, já passamos por todas as gradações de sentimento – & com que força, & quão profundamente –, mais do que eu poderia imaginar, muito embora essa caverna de horrores seja minha velha conhecida. Em breve já não será mais possível sofrer: não consigo mais sentir nada, eu digo ao erguer o fone, sentada na cama de Miss Dixey, olhando com intensidade sua mesa brilhante & as duas taças de vinho azuis-claras; a latinha de chá; & o quadro com moldura dourada de uma dama vitoriana. Havia também uma pequena pilha de livros, algumas cartas, & a [revista] *The Dog World*. Nesses estados extremos as emoções tornam-se bastante simplificadas – não existe nada da complexidade que sinto esta manhã em relação a Lytton, esperando que ele se recupere. Sinto irritação, humor, vontade de rir com ele.

É uma manhã gelada de muito vento, & o Caburn, quando entrei, estava branco de neve. Agora está negro. Será que um dia irei “escrever” de novo? Mas o que é escrever? Esta é a perpétua conversa que mantenho. Parei durante as últimas 5 ou 6 semanas. Aquela empolgação, que se torna um hábito, desapareceu. Por que retomar a escrita? Não sinto a menor paixão. Os livros ondulam suavemente à minha volta, como icebergs. Eu poderia escrever um livro de caricaturas. A história de Christabel sobre Hall Caines sugere uma caricatura da vida doméstica no campo, com os faisões arruivados.¹⁰⁵ E há também *Flush*: há Batida na porta; há aquele romance horroroso; há o Leitor Comum... há minha pequena Carta a um Poeta. Mas minha empolgação é deficiente; não sinto mais, como senti depois de tantas doenças como esta, que se não escrever irei me extinguir com um zunido, como uma lâmpada elétrica queimada.

Isso me faz lembrar que nossos 3 cisnes negros chegaram ontem à noite. Vou terminar este livro & iniciar outro para 1932. E agora tenho uma vasta escolha de material de leitura, & não sinto a menor inclinação para responder ao pedido lisonjeiro da Chatto de reimprimirem meus livros. A Faber também deseja fazer o mesmo. E L. vendeu seus 450; e eu, 9400 – que cifras!

¹⁰⁵ Hall Caine era um romancista popular, que morrera em agosto daquele ano. (AOB)